



ACIX

ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ

50
ANOS

HISTÓRIA EXPERIÊNCIA EXPRESSÃO

EMPREENDENDO E TRANSFORMANDO

Pesquisa e Texto

NERI GONÇALVES DE PAULA

RENAN OTOVICZ BEBBER

Patrocínio e Apoio Cultural

Este livro é dedicado a todos os veneráveis homens, mulheres e seus familiares, que ao longo de 50 anos voluntariosamente dedicaram seu tempo em prol de uma entidade cooperativa e associativista, que nos tempos de hoje, transformou-se em uma sólida referência para todos aqueles que acreditam que a união sempre fez e sempre fará a diferença no campo das conquistas para o bem estar do desenvolvimento e da qualidade de vida de todos os cidadãos que labutam e sonham com uma cidade, um estado e um país melhor.

FICHA TÉCNICA:

Entrevistas, Pesquisa e Textualização:

**NERI GONÇALVES DE PAULA
RENAN OTOVICZ BEBBER**

Fotografias Primeira Parte:

**ACERVO FOTOGRÁFICO DA ACIX
(adquirido do acervo do fotógrafo IVO JOÃO ZOLET).**

Fotografias Segunda Parte, e Ensaio Fotográfico com Biografados:

**FOTÓGRAFA ALINE POMPERMAYER
Fotografias cedidas pelos EMPRESÁRIOS BIOGRAFADOS**

Projeto Gráfico, Diagramação e Arte de Capa:

RENAN OTOVICZ BEBBER

Revisão de Texto:

**RAQUEL CRISTINNE CANTO JAQUES DA SILVA
JULIANE CAROLINA LIVRAMENTO**

Revisão Pós-Gráfica:

**NERI GONÇALVES DE PAULA
RENAN OTOVICZ BEBBER**

Argumento:

OSCAR MARTARELLO

Equipe de Supervisão:

**IRENE APARECIDA E SÁ AFFOLTER
REALDO TAVARES
OSCAR MARTARELLO
MARISETE DREON FONTANIVE
NEIMAR ANTONIO COLPANI
ANA PAULA DAL MAGRO FOLLE**

Coordenação de Produção:

MARISETE DREON FONTANIVE

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) - (Ficha Catalográfica elaborada por ... - CRB)

P...

Paula, Neri Gonçalves de; Bebber, Renan Otovicz

ACIX - Associação Empresarial de Xanxerê - 50 Anos - História, Experiência, Expressão - Empreendendo e Transformando / Neri Gonçalves de Paula, Renan Otovicz Bebber. 1. Ed. - Xanxerê, SC : (Gráfica.....), 2020.

600 p. ; il. color ; 27 cm.

ISBN:

1. ACIX

CDD -

ESTE LIVRO RELATA A HISTÓRIA DOS 50 ANOS DA ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ (ACIX), E A BIOGRAFIA DOS 11 EMPRESÁRIOS QUE NO PERÍODO DE 2009 - 2019, FORAM CONTEMPLADOS COM O PRÊMIO EMPRESÁRIO DO ANO. FICA EXPRESSAMENTE PROIBIDO O USO DE TEXTOS OU FOTOS SEM A DEVIDA AUTORIZAÇÃO DA ACIX - ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ, DOS BIOGRAFADOS OU AUTORES DOS MESMOS. QUALQUER DÚVIDA, CONTATAR COM A ENTIDADE, NA AVENIDA BRASIL, N° 260 - SALAS 502/503 - 5° ANDAR - CENTRO COMERCIAL TIRADENTES. FONE: (049) 3433-0420 - XANXERÊ, SC.



ACIXO

ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ

50
ANOS

HISTÓRIA EXPERIÊNCIA EXPRESSÃO

EMPREENDENDO E TRANSFORMANDO

Pesquisa e Texto

NERI GONÇALVES DE PAULA

RENAN OTOVICZ BEBBER

*1ª Edição
Xanxerê/SC
Gráfica e Editora ...
2020*

*Prefácio 1 - <i>Neimar Colpani</i> - Presidente.....	7
*Prefácio 2 - <i>Realdo Tavares</i> - Vice-Presidente.....	8
*Prefácio 3 - <i>Marisete Fontanive</i> - Gerente Administrativa.....	9
* <i>Irene Aparecida e Sá Affolter</i> - Apresentação dos Autores.....	10

PARTE I - ACIX 50 ANOS

* <i>Introdução</i>	11
* <i>Exaltação aos Fundadores da ACIX</i>	13
* <i>1970 - A fundação da ACIX</i>	15
* <i>Alguns Tópicos do Primeiro Estatuto</i>	16
*Perfil de <i>Nadir Domingos Berto</i> - Primeiro Presidente e Articulador da Fundação da ACIX.....	17
* <i>História da Economia e Povoamento</i>	22
* <i>Primeiro jornal impresso em Xanxerê no ano de 1892</i>	26
* <i>Produção Econômica de Xanxerê durante o período imperial, e mapa das edificações</i>	27
* <i>Memorial Fotográfico dos Ex-Presidentes</i>	30
* <i>Nominata das 41 diretorias da ACIX em 50 anos</i>	31
* <i>Alteração do Estatuto Social</i>	49
* <i>Principais ações, fatos e atos na trajetória da ACIX ao longo de 50 anos</i>	51

Núcleos Empresariais da ACIX

* <i>Núcleo de Automecânicas</i>	93
* <i>Núcleo da Mecânica Pesada</i>	94
* <i>Núcleo de Jovens Empreendedores</i>	96
* <i>Núcleo de Postos de Combustíveis</i>	98
* <i>Núcleo de Concessionárias e Implementos</i>	99
* <i>Núcleo de Empreendedores Master</i>	100
* <i>Núcleo de Imobiliárias e Corretores</i>	101
* <i>Núcleo da Mulher Empresária</i>	102
* <i>Núcleo de Tecnologia</i>	104
* <i>Núcleo de Academias</i>	105
* <i>Núcleo de Inovação</i>	106

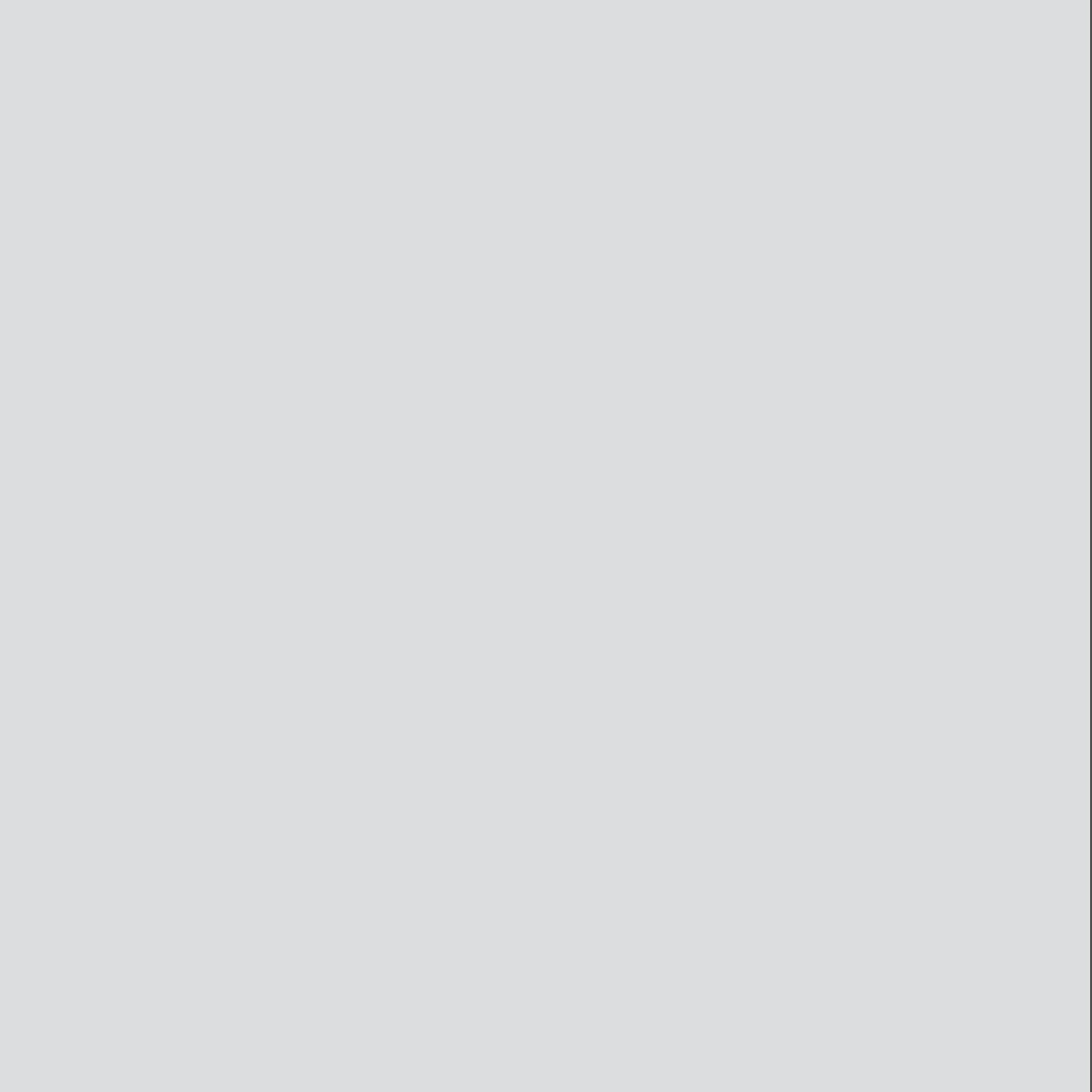
Depoimentos da Atual Diretoria da ACIX

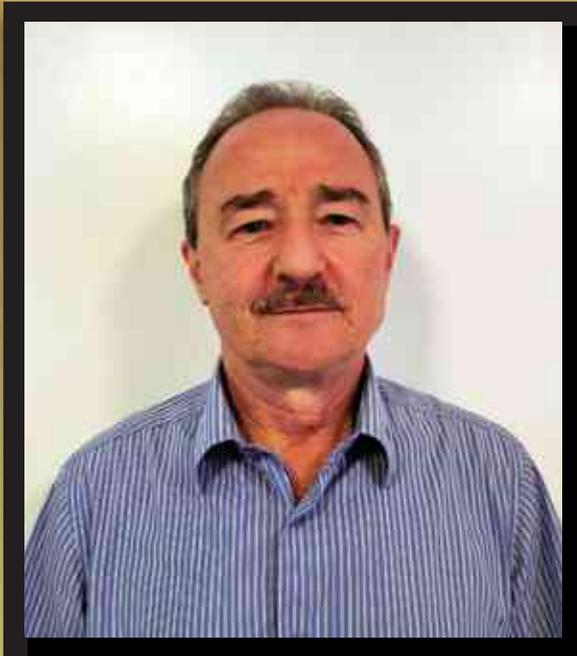
* <i>Neimar Colpani</i> - Presidente.....	107
* <i>Realdo Tavares</i> - Vice-Presidente.....	109
* <i>Genésio Téo</i> - Conselho Superior.....	113
* <i>Volmir Detoni</i> - Conselho Fiscal.....	116
* <i>Adriana Fonini</i> - Conselho Fiscal.....	118
* <i>Ana Paula Dal Magro Folle</i> - Conselho Fiscal.....	121
* <i>Elísio Bonan</i> - Diretor Administrativo-Financeiro.....	123
* <i>Adriano Carlos Piasseski</i> - Diretor Industrial.....	125

* <i>Irene Aparecida e Sá Affolter</i> - Diretora Político-Social.....	127
* <i>Vilson Piccoli</i> - Diretor de Desenvolvimento Empresarial.....	130
* <i>Madelaine Rostirolla</i> - Diretora Jurídica.....	132
* <i>Cristiano Toffolo</i> - Diretor Jurídico.....	135
* <i>Carlos Stähelin</i> - Diretor Ambiental.....	137
* <i>Charles Rabaiolli</i> - Diretor Tecnológico.....	139
* <i>Espetáculos Culturais Promovidos Pela ACIX ao Longo de 50 Anos</i>	141
* <i>Importantes Realizações da ACIX</i>	143
* <i>ACIX Ontem e Hoje</i>	146
* <i>ACIX Atualidade</i>	147
* <i>Atuais Colaboradoras da ACIX</i>	151

PARTE II - BIOGRAFIAS DOS 11 EMPRESÁRIOS DO ANO

* <i>Biografias dos 11 Empresários do Ano</i>	153
*Biografia do Empresário do Ano 2009 - <i>Belino Dal Magro - Industrial Dal Magro</i>	157
*Biografia do Empresário do Ano 2010 - <i>Oscar Martarello - Perfimax Aços Planos</i>	183
*Biografia do Empresário do Ano 2011 - <i>Armando Hacker - Hacker Industrial Ltda</i>	207
*Biografia do Empresário do Ano 2012 - <i>Ademir Barcella - Continental Obras e Serviços Ltda</i>	233
*Biografia do Empresário do Ano 2013 - <i>Avelino Menegolla - TRUKAM Implementos Rodoviários Ltda</i>	257
*Biografia da Empresária do Ano 2014 - <i>Renata Carvalho Seraglio - Seraglio Implementos Rodoviários Ltda</i> ..	281
*Biografia do Empresário do Ano 2015 - <i>Irineu Altíssimo - Moinho Xanxerê Industria e Comércio Ltda</i>	301
*Biografia do Empresário do Ano 2016 - <i>Ary Marció - Supermercado Gentil</i>	329
*Biografia do Empresário do Ano 2017 - <i>Romeu Roque Meneguzzi - Frigorífico Arvoredo</i>	351
*Biografia do Empresário do Ano 2018 - <i>Bruno Linhares Bortoluzzi - Bortoluzzi Sementes e Cereais</i>	375
*Biografia do Empresário do Ano 2019 - <i>Fabiano Somensi - Casa do Chef</i>	399
* <i>Considerações Finais dos Autores</i>	424
* <i>Bibliografia de Pesquisa</i>	425
* <i>Breve Curriculum dos Autores</i>	425





Neimar Colpani

*Presidente da ACIX
Gestão 2019-2020*

Prefácio I

“A **Associação Empresarial de Xanxerê (ACIX)**, é reconhecida regionalmente como uma entidade atuante e que assume um papel importante em nosso meio empresarial e social, onde encontram-se empresários de todos os segmentos: **Indústria, Comércio e Prestadores de Serviços**, oferecendo oportunidade perfeita para sanar muitas dúvidas, e formar novas ideias.

Em **30 de Agosto de 2020**, a **ACIX** comemora **50 anos** de existência, e para marcar esta data especial, optamos pela produção e edição de um livro que registra essa longa caminhada, além de resgatar a biografia de onze empresários, que no período de **2009 - 2019**, foram contemplados com o prêmio "**EMPRESÁRIO DO ANO**".

Este livro nos permitirá conhecer um pouco do passado da **Associação Empresarial**, rememorando sua participação em vários episódios importantes na nossa história, prestando desta forma, uma importante homenagem aos fundadores e abnegados homens, que ao longo do tempo, vieram fortalecendo e solidificando passo a passo, o que a **ACIX** é hoje.

Uma outra parte deste livro descreverá a biografia dos esmerados e polivalentes empresários, que no decorrer dos últimos onze anos, foram eleitos **Empresários do Ano**.

Estas biografias, certamente servirão de inspiração para muitos, mas, principalmente, aos jovens empreendedores que começam a desbravar, e que certamente encontrarão muitas dificuldades em um universo onde se faz necessário uma tamanha coragem para enfrentar as algúrias dos tempos de agora, sem perder o foco de seus objetivos e sonhos.

É com orgulho e alegria que nossa querida **ACIX** comemora suas bodas de ouro. E este livro é um presente a todos os seus associados. Desejo que todos tenham uma agradável leitura, e encontrem nas tantas histórias relatadas neste livro, uma inspiração para a vida e para o trabalho.”



Realdo Tavares

*Vice-Presidente da ACIX
Gestão 2019-2020*

Prefácio II

“**50 anos** de vida e história, e uma longa estrada percorrida, não é pouca coisa. Ao imaginarmos a quantidade de reuniões que foram realizadas durante esse tempo, isso contando os tantos encontros para se chegar à fundação, e depois, as tantas discussões e tratativas, ponderadas ou não, para tomar decisões acerca de tantos problemas e temas peculiares e importantes para a economia local e regional, se torna impossível somar todo o tempo e energia que as pessoas que compuseram as antigas diretorias, doaram em prol de uma causa maior: o desenvolvimento de uma cidade e uma região.

Muitos desses homens já não estão mais conosco, mas deixaram sua contribuição e suas marcas indelévels para a construção de uma associação que já nasceu forte, sabendo claramente a que veio.

Desde **1970**, os valorosos homens e mulheres que plantaram a primeira semente do associativismo, já sabiam que juntos, somavam forças para enfrentar as dificuldades, que desde então, impetravam e impediam o crescimento de nossa economia.

Foram muitas as ações e interpelações realizadas nas esferas municipal, estadual e federal, em que a **ACIX** participou ativamente, e muitas vezes, o bônus da conquista acabou sendo abocanhado por outros, ou simplesmente foram esquecidos no decorrer da história.

Então, este livro vem, com certeza, honrar e homenagear o trabalho imensurável de tantos pioneiros. Nós, que aqui estamos, somos gratos a todos os batalhadores que apaixonadamente defenderam ideias e ideais, que juntos, construíram uma teia que no presente está tecendo conquistas buscando alicerçar um futuro que se vislumbra ainda mais promissor, arraigado com a tecnologia, que se coloca cada vez mais a serviço do empreendedorismo e da qualidade de vida.”



Marisete Dreon Fontanive

Gerente Executiva da ACIX

Prefácio III

“A ACIX teve sua fundação em 30 de agosto de 1970, e desde o princípio, o sistema associativo teve seu reconhecimento e fortaleza. Com suporte da **Federação das Associações Empresariais do Estado de Santa Catarina - FACISC**, contribuiu para a necessidade que corria nas veias do empresariado de nosso município. A garra e determinação dos empresários já era sentida e teve total apoio do meio, onde destaco nestes cinquenta anos, a cooperação atuante dos 28 presidentes e diretores, enalteço aqui a dedicação e doação do compromisso de cada um, como apoio para toda cadeia produtiva que origina o desenvolvimento econômico e social de **Xanxerê**.”

Uma associação empresarial é uma organização que valoriza o coletivo, oportunizando aos empresários melhores condições para empreender e fortalecer a gestão de sua empresa, e como consequência, toda a sociedade é beneficiada. Há uma preocupação com o desenvolvimento econômico e a representação dos empresários, onde, comércio, indústria, prestadores de serviços e profissionais liberais, pessoas jurídicas e físicas, podem fomentar o *networking* através do estímulo da troca de experiências e buscar conhecimento oportunizado através da promoção de eventos.

Com a missão de estimular o empreendedorismo e o profissionalismo visando o desenvolvimento sócio - econômico do município e região através do suporte aos associados, a **ACIX** fornece ferramentas para que o empreendedor possa aprimorar a gestão do seu negócio e capacitar os seus funcionários em assuntos que sejam pertinentes para o desenvolvimento dos seus trabalhos. Convenientemente, o desenvolvimento empresarial faz surgir novas oportunidades para a sociedade, empresas fortalecidas movimentam o mercado, geram empregos, convênios, benefícios, parcerias e fortalecimento dos grupos, através de ótimos produtos e serviços.

Fundamental para a entidade, o **Programa Empreender**, modelo de gestão trazido da **Alemanha** pela **FACISC**, tem papel atuante e exemplar. Por muito tempo as empresas buscaram ser melhores que as suas concorrentes a qualquer custo, pois julgavam ser a única forma de obter sucesso no mercado. Esta visão ultrapassada, é desmistificada pelos núcleos que fazem parte da **ACIX**, sendo fundamental para a sobrevivência empresarial a conexão de pessoas, ideias, resultados, oportunidades e propósitos em comum.

Atualmente, a inovação fez com que a **ACIX**, através de sua diretoria, buscasse formas de fomento para a entidade. “Temos que fazer a tarefa de casa e conhecer o produto antes de ofertá-lo...”. Nasce assim mais um marco histórico para a entidade, o projeto **TEIA – Tecnologia Empreendedorismo Inovação ACIX**, que conseguiu o que nenhuma entidade antes tinha feito: a união da **Tríplice Hélice – Poder Público, Privado e Academias**, todos reunidos em um único propósito, estimular a educação e como consequência fortalecer os alicerces econômicos fundamentais para o desenvolvimento da sociedade, empresas e comunidade, que colherão os frutos deste trabalho, fundamentado pelo pensamento arrojado e incansável na busca por resultados ao setor que merece todo o estímulo e respeito. Associado, agradeço pelo apoio e por acreditar em nosso trabalho, tenha a certeza que tudo é pensado e realizado para você, a razão de existir desta entidade. Juntos seremos cada vez mais fortes, pois “o futuro tem muitos nomes. Para os fracos é o inalcançável, para os temerosos o desconhecido e para os valentes é a oportunidade (**Victor Hugo**).”



Irene Aparecida e Sá Affolter
Diretora Político Social da ACIX

Apresentando os Autores do Livro

Neri Gonçalves de Paula

“Eis que na virada da década de 70 para 80, um adolescente me emociona com sua brilhante atuação no palco... vi naquele momento tanta paixão pelo que estava fazendo, quanto talento que já vinha na alma e corria nas veias da pessoa... Embora também muito jovem, minha percepção não foi equivocada, esse menino tornou-se no caminhar da história, o maior nome da cultura cênica e da dramaturgia na história de **Xanxerê** e região, enfrentando todas as intempéries possíveis na trilha da cultura e da arte, mas, não abandonou nunca, a sua paixão pela arte, cinema, teatro e literatura, tornando-se também um exímio escritor-historiador.

Neri é aquele tipo de pessoa persistente. Para nossa sorte, é abnegado, sinônimo de arte e cultura, de garra e determinação. Aquele ser, que a despeito de todas as dificuldades, permanece batendo de porta em porta em busca de patrocínios, levando cultura de alta qualidade a todos, mudando a vida de muitos adolescentes e jovens e com muita maestria, escreveu e escreve a história, tomando para a sua responsabilidade a autoria de vários livros em nossa cidade, narrando a trajetória de homens e mulheres, bem como clubes e entidades que fizeram **Xanxerê** ser o que é”.

Renan Otovicz Bebber

“A paixão pelo teatro tem levado esse menino, a escrever sua história por caminhos trilhados por poucos... Além de excelente ator, cantor, compositor, **Renan** é um grande escritor e organizador de histórias. Tão jovem e tão competente, e, isso se explica, pela sagacidade com que realiza tudo o que se propõe a fazer. A dedicação, seriedade e perspicácia com que trata cada detalhe do seu trabalho, é demasiadamente perceptível a todos. O brilho dos seus olhos, o sorriso harmonioso e a paz com que lida com os desafios diários, me faz deparar com a sapiência de seres elevados, dignos da sabedoria de grandes espíritos. **Renan** tem na sua essência, a determinação e a busca da excelência, o que torna o seu trabalho de alta qualidade, digno de louvor.

Fico encantada ao ver um jovem como ele, com tanta paixão pela arte e pela história, razão pela qual, todo o trabalho em que ele esteja envolvido, vale muito a pena, ver!”.

“A obra “**ACIX 50 Anos**”, é resultado do exímio e árduo trabalho desses dois autores/historiadores, que meticulosamente fizeram todas as pesquisas, chegando às fontes fidedignas da informação real.

Uma belíssima obra que retrata a história de homens e mulheres abnegados, que dispuseram do seu tempo, dedicando-se ao crescimento da nossa **Xanxerê**!

Uma obra-reliquia, contando 50 anos de história que vale a pena ter na sua casa ou escritório e ser saboreada aos poucos como um bom e refinado vinho!

Agradeço o convite para fazer a apresentação de vocês, nobres amigos!”.



PARTE I

Introdução

Alguém pensou, sonhou, e mais que isso, foi à luta! Uma ideia pode ficar no imaginário, sair dele e ir para o papel ou ser guardada em uma gaveta e ficar morando no campo dos sonhos. E tal como uma vontade procrastinada, quem sabe mais tarde, possa ser concretizada.

No entanto, construir um projeto é edificar, tijolo a tijolo, passo a passo, ano após ano, cada detalhe. Como será, é diferente de como é ou como se faz. Constrói-se fazendo. Isso vai além do pensamento. Faz-se necessário determinação, foco, fé, empenho, disciplina e vontade.

É certo que alguém, ou muitos alguéms, amigos e talvez até concorrentes, vislumbraram a possibilidade de que um terceiro setor, por intermédio de uma associação, viria a ser determinante para alavancar o progresso e crescimento de uma cidadezinha que, em **1970**, contava com **16 mil habitantes**.

Em **1970**, **Xanxerê** era uma pequena cidade fincada numa campina, no centro do Oeste Catarinense. Por natureza do destino, situava-se desde então na bifurcação de vários caminhos. Para quem vem do Rio Grande do Sul, é quase passagem obrigatória para se chegar ao Paraná. Para quem vem da fronteira com a Argentina, é passagem certa. Para quem vem do litoral rumo ao grande Velho Oeste Catarinense, não tem como não cruzar por ela.

Então, homens pensantes, pulsantes e criativos, devem ter percebido que o mapa e a bússola indicavam uma posição geográfica favorável ao encontro e ao crescimento.

Em **1859**, esta mesma bússola deve ter orientado o governo imperial brasileiro, na figura do **Imperador Dom Pedro II**, quando este, no palácio da Bahia, assinou o decreto para a criação da **Colônia Militar Xapecó**, na **Vila de Xanxerê**, cuja área territorial nesse tempo, era denominada **Campina do Gregório** (áreas de terras presenteadas aos nobres portugueses ou brasileiros, que alcançavam alguma graça política na divisão das terras brasileiras).

É certo e sabido que a história provocou vários movimentos no que tange à economia. Movimentos estes descritos com mais detalhes na sequência deste livro.

Dando um salto no tempo, chegamos em **1970**, justo quando a Pátria era uma “**Pátria de Chuteiras**”, visto que, o povo alardeava sua alegria e corria de amarelo e verde o país inteiro para comemorar a conquista do **Tricampeonato Mundial de Futebol**; e a ditadura militar enchia seus porões, prendendo supostos subversivos e traidores da Pátria, na maioria, intelectuais, escritores, jornalistas, revolucionários, artistas e pensadores. O recado era simples e direto: “**Brasil - Ame-o ou deixe-o!**”.

Foi nesse cenário carregado de patriotismo exaltado e um quase **terrorismo militar-ditatorial**, que um grupo de jovens empresários, outros já experientes, comerciantes e pequenos industriários, apoiados por profissionais liberais, promoveram em meio a um tempo nada fácil, inclusive conhecido como “**Anos de Chumbo**”, um expressivo movimento associativista com finalidade de organizar a classe comercial e empresarial de **Xanxerê** e região.



Esta entidade, principiava com a preocupação voltada aos interesses do desenvolvimento econômico. Assim, fundou-se a **ACIX (Associação Comercial Industrial de Xanxerê e região)**.

Essa força associativa, desde sua fundação, teve e tem o propósito de somar forças com o poder público constituído. A intenção e o sentido sempre foi o de apontar as necessidades mais emergentes da cidade e região. Isso fica explicitado quando ainda em **1970**, seus membros elaboraram um documento solicitando ao **Governo Federal**, a instalação de uma agência da **Caixa Econômica Federal**, no município de **Xanxerê**.

Outro fato que chamou a atenção, foi que em **1986**, a entidade teve que agir com discernimento e ponderância diante de uma situação delicada. Naquele ano, os agricultores e produtores rurais organizaram uma greve geral e inclusive ameaçavam usar da força para obrigar o comércio local e bancos a fecharem suas portas. Nessa complicada questão, a **Associação Comercial e Industrial de Xanxerê** foi sábia e paciente. A diretoria ouviu com cautela todas as opiniões, e com parcimônia e respeito, conduziu a problemática com diplomacia.

Os ânimos estavam exaltados, e as opiniões se chocavam. De um lado, encontravam-se os agricultores e produtores rurais, que no momento viviam uma situação periclitante. Situação essa basicamente provocada por uma política econômica que proporcionava a cobrança altíssima de juros bancários, e sucessivas perdas nas lavouras.

Assim, os grevistas, através de seus sindicatos, exigiam o fechamento dos bancos e do comércio em geral. Por outro lado, haviam os comerciantes e bancários que queriam reivindicar os direitos de livre arbítrio. Esse fato acabou por envolver todos os segmentos sociais: prefeitura, câmara de vereadores, promotoria, advogados e várias entidades de classes organizadas.

Obviamente, a imprensa local esquentou ainda mais o assunto que foi debatido por um longo tempo. E por fim, a **ACIX**, então denominada **Associação Comercial Industrial de Xanxerê**, propôs que a Prefeitura Municipal patrocinasse os ônibus para levar os agricultores e produtores rurais até **Brasília**, para reivindicarem seus direitos, pedindo em contrapartida, que o comércio local e o setor bancário tivessem a liberdade de abrir suas portas.

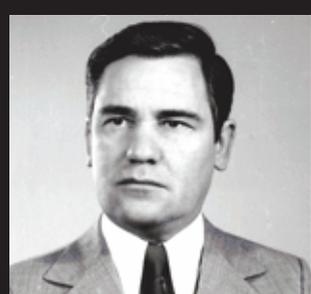
Ao longo de 50 anos, muitas ações e eventos foram efetuados pela **Associação Empresarial de Xanxerê**, o que demonstra com certeza e grandeza, sua importância no que se refere ao envolvimento intrínseco com a comunidade e a sociedade xanxerense e regional. Dessa forma, a **ACIX**, torna-se não somente uma entidade associativa que instiga, motiva e dá aportes ao desenvolvimento comercial e industrial, mas também uma entidade de classe, organizada, que sem se impor, torna-se naturalmente uma voz de grande expressão, participando, agindo e colaborando na resolução de problemas que afetam a comunidade e a vida dos cidadãos.

Nessa caminhada, envolve-se no cotidiano da cidade e da região, sem com isso perder o foco de sua missão: “**Estimular o empreendedorismo e o profissionalismo, visando o desenvolvimento socioeconômico do município e região através da representação e suporte de seus 550 Associados**”. E também sua visão: “**Ser centro de convergência na tomada de decisões que promovam o desenvolvimento local, atuando como modelo de associativismo**”, sem com isso deixar de lado seus valores: “**Ética, comprometimento, transparência, competência e credibilidade**”.

Os Autores.



Nadir Domingos Berto
Presidente



Leonório Bianchi
Primeiro Secretário



Cícero Aiup Fellipe
Primeiro Tesoureiro



Nelso Alberi Annoni
Conselho Consultivo

Exaltação aos Fundadores da ACIX Associação Empresarial de Xanxerê

Há 50 anos, 16 empresários sonhadores, plantaram em um solo árido e pouco fértil, uma pequena semente frágil e inconsistente. Ao fazerem isso, acreditaram que dela fosse brotar e crescer uma árvore, cujos frutos alimentariam a cooperação e o associativismo entre todos.

Estes senhores bravios, entusiastas e dedicados, foram regando a semente para que ela não percesse perante a fúria e o calor que alimentava o individualismo e o autoritarismo de um país, que perdia sua liberdade democrática, e passava a ser regido por um sistema que exigia passos treinados e contingências pontuadas.

Nesse tempo, quem errasse o passo ou apontasse o dedo para uma direção não permitida, era excluído e punido.

Assim, sob um céu de nuvens pesadas dos chamados "Anos de Chumbo", ideias e ideais de cooperação e associativismo, não eram bem vistas e nem bem vindas. E se caso viessem, era preciso absoluta clareza da motivação e do conteúdo.

Desta feita, homens gentis, oriundos de diferentes credos e cores, perceberam que conviver com suas diferenças, era bem mais fácil do que cumprir e aceitar as demandas impostas e determinadas por um conjunto de leis.

Atinaram que juntos, somavam forças para buscar aquilo que sozinhos e isolados, jamais alcançariam. Perceberam de imediato que não valeria a pena entrar na luta, qual fosse a causa, somente para proveito próprio. As causas deveriam ser grandes, e que trouxessem benefícios a todos.

Com certeza, nada foi fácil. Crenças diferentes, filosofias de vida contraditórias, defendidas com discursos acalorados. Talvez nas entrelinhas, uns que outros até puxaram brasa para o seu asado. Mas, depois da fogueira das vaidades, restava o valoroso calor da cooperação e do associativismo. Ideias transformadas em ações, em prol de todos.

Esses homens pelearam no fulgor das emoções. Ficaram com a garganta seca. Passaram noites em claro matutando pensamentos, buscando uma solução ou até se arrependendo por terem sido um pouco ásperos na defesa de uma opinião, ou de um sonho visionário.



Flávio Kobil
Vice-Presidente



Majorino F. Orssato
Segundo Secretário



João Viccini
Segundo Tesoureiro



Jaime Leandro Eiras
Conselho Consultivo



João Ramos Martins
Conselho Consultivo



Gentil Costella
Conselho Consultivo



Miesceslau Streciwik
Conselho Fiscal



Arlindo Antonioli
Conselho Fiscal

Enfim, araram, adubaram, e lançaram uma semente que sabiam que precisaria ser regada insistentemente, porque com certeza, enfrentariam sóis avassaladores que a tudo buscaria esturricar. Nunca, em momento algum, desistiram dos sonhos.

Amenizaram seus discursos, acalmaram rebeldias, que por si só, naqueles tempos, tinham sua razão de ser e existir.

Quem eram esses homens bravios, gentis e guerreiros? Pequenos, médios e grandes industriários, comerciantes, empresários, profissionais liberais, produtores rurais... "Gentes" do campo e da cidade.

Homens fortes, corajosos, e também frágeis, torcedores de times adversários e de partidos contrários. Tantas vezes com a boca seca, espumaram de raiva. Mas, insistiram e persistiram.

Continuaram adubando os sonhos, regando as vontades, e unidos, somaram forças, e por sua vez, levantaram uma voz única, ecoando contra sistemas econômicos, políticos, e leis inadequadas.

Esses homens, talvez nem tiveram tempo de ver a árvore crescer, com tronco forte, galhos longevos, folhas densas, e frutos fartos e generosos.

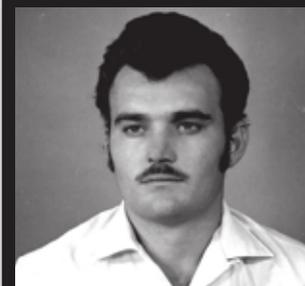
Porém, aqui, nesse tempo de hoje, cada filho agora sabe porque o pai não chegou a tempo de lhe dar boa noite. Cada mulher agora sabe o por quê da demora do companheiro, que tantas noites, tarde chegava.

Está em ata. 2000 páginas de atas, provam onde estes homens bravios e lutadores estavam, nas longas noites de inverno, ou nas curtas noites de verão.

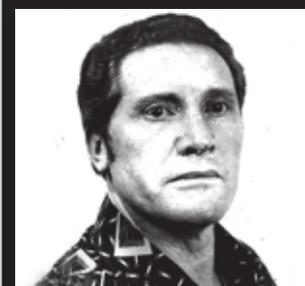
Estavam cuidando de uma semente que hoje é uma sólida e majestosa árvore, cujos braços/galhos, protegem os jovens e maduros homens e mulheres que produzem trabalho, para quem com seu trabalho, alimenta vidas e sonhos.

Cada um de nós que aqui está nesse tempo de hoje, não pode esquecer do ardor, da entrega, da luta, do empenho, da dedicação e do voluntarismo destes abnegados homens, que em 30 de Agosto de 1970, em uma sala equipada com uma parca mesa e rígidas cadeiras, por noites e dias, reuniram-se para fazer nascer, brotar e crescer, a ACIX:

ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ.



Adir Antonio Berto
Conselho Consultivo



Rui B. Pimentel
Comissão Fiscal



Geni Moschetta
Conselho Fiscal



Angelo Paglia
Conselho Fiscal



1970
A fundação da ACIX
Associação Empresarial de Xanxerê

Em 1970, a classe empresarial e comercial de **Xanxerê** buscou unir-se em torno de um objetivo maior: criar uma associação comercial - industrial com a finalidade de unir e reunir forças, visando buscar recursos junto aos governos estadual e federal, na intenção de promover o **crescimento socioeconômico de Xanxerê e região**.

Por certo, percebeu-se que o pequeno município criado em 1953 e emancipado em 27 de Fevereiro de 1954, encontrava-se em uma posição geográfica privilegiada e contava na época com **16.000** habitantes. No entanto, a cidade que já havia completado 24 anos encontrava-se bastante esquecida no que se referia à existência de órgãos governamentais que pudessem prestar atendimento aos cidadãos.

Então, vários senhores, alguns já vividos e experientes empresários e outros jovens idealistas, mas ambos envolvidos socialmente na comunidade, entenderam que a cidade precisava se organizar e crescer economicamente para ter **visibilidade**. Para alcançar tal êxito, seria necessário agruparem-se independentemente do posicionamento a respeito das ideias vigentes, ou das preferências políticas, poderio econômico e posição social.

Com certeza, a ideia de criar uma associação empresarial e comercial, já vinha sendo assuntada e debatida nas rodas de conversa, nos jogos de baralho, nos preparativos das festas religiosas e até mesmo nos campeonatos de futebol amador. Nesse tempo, a fé e a prática religiosa uniam o que a política e o futebol separavam.

O fato é que a cidade desenvolvia-se a passos lentos e o povo clamava para que órgãos e entidades estaduais e federais aqui fossem instalados e proporcionassem mais conforto e qualidade de vida para a população, que na sua maioria, precisava se deslocar para outros centros urbanos a fim de conseguir resolver questões relativas ao interesse econômico e social.

Assim, na manhã do dia 30 de Agosto de 1970, pontualmente às 10 horas, no salão principal do Clube Cultural e Recreativo Xanxerense, localizado bem no coração da cidade, reuniram-se em Assembleia Geral: empresários, comerciantes e profissionais liberais, para efetivar a fundação da **Associação Comercial Industrial de Xanxerê**.

Uma comissão organizadora foi criada e na conformidade do que rege a lei, publicou um edital de convocação, assumindo a presidência dessa comissão organizadora, o **Sr. Nadir Domingos Berto**. Fez uso da palavra expondo a finalidade da reunião e solicitou que fosse indicado um dos presentes para presidir os trabalhos. O **Dr. Rui B. Pimentel** assumiu a função, agradeceu a indicação, e convidou o **Sr. João Ramos Martins** para secretariar os trabalhos da assembleia. Na sequência, foi feita a leitura da ordem do dia:

- 1º) Fundação e aprovação dos estatutos da Associação Comercial Industrial de Xanxerê;
- 2º) Eleição da Diretoria e Comissões;
- 3º) Outros assuntos.

Em seguida, fez-se a leitura do projeto de estatutos que foi elaborado pela comissão encarregada da organização da associação. Deu-se um tempo para que os presentes o discutissem. Depois de esclarecidas as dúvidas que existiam, o sr. presidente da comissão, **Nadir Domingos Berto**, colocou em votação a redação final do estatuto.



Alguns tópicos do primeiro Estatuto

A Associação Comercial Industrial de Xanxerê, é constituída por comerciantes, industriais, produtores, bancos e auxiliares de comércio, e podem ser admitidas a juízo da Diretoria, pessoas de outras profissões que prestam serviços relevantes às classes comerciais, industriais e outras estabelecidas nesta região.

A **ACIX – Associação Comercial Industrial de Xanxerê**, é um órgão representativo do comércio e demais atividades do município de Xanxerê e municípios vizinhos. A associação tem sua sede e foro na cidade de Xanxerê, Estado de Santa Catarina. Sua duração é por tempo indeterminado, bem como o seu número de associados, não sendo permitida a distinção de cores políticas ou religiosas. O exercício social corresponderá ao ano civil.

Outras finalidades da associação:

- A) Promover a expansão comercial e industrial do município de Xanxerê, no que concerne ao trabalho e à produção em todas as modalidades econômicas.
- B) Representar os associados perante os poderes públicos do município, do estado e da união.
- C) Criar o fundo especial destinado à construção de um edifício para a sede da associação.
- D) Criar e manter uma biblioteca especializada.
- E) Prestar aos seus associados informações e pareceres que lhes forem solicitados.
- F) Coligir, na medida do possível, todos os dados e elementos relativos ao elemento comercial e industrial do município.
- G) Manter um consultório jurídico.
- H) Manter a publicação mensal de um boletim em defesa e propaganda do comércio, indústria e outros.
- I) Dirimir, quando solicitada, conflitos e pendências entre os seus associados, criando para este fim, um tribunal arbitral.
- J) Criar e manter um serviço de proteção ao crédito.
- K) Concorrer para que as relações de amizade entre as associações congêneres mais se intensifiquem.
- L) Estimular a propaganda, e concorrer, quando possível, as reuniões e exposições de produtos do município.
- M) Promover por todos os meios de seu alcance, a defesa de seus associados.
- N) Criar ou amparar, logo que possível, um curso de instrução destinado a ampliar os conhecimentos dos seus associados, dos filhos destes e de seus empregados.
- O) Incentivar a indústria do turismo.



*Perfil de Nadir Domingos Berto,
primeiro presidente e articulador da
fundação da ACIX*

Nadir Domingos Berto, nasceu em 10 de Setembro de 1932, no então distrito de São Valentim, Erechim, Rio Grande do Sul.

Veio para Xanxerê ainda no apogeu de sua juventude, com cerca de 18 anos. É filho de Gracioso Domingos Berto e Zélide Scanagatta Berto.

Casou-se com Nelcinda Menegatti Berto, em 04 de Junho de 1955, com a qual tem os filhos Arlei Teresinha Berto, Elza Maria Berto, Vera Lúcia Berto, João Luiz Berto, Jorge Luiz Berto, José Luiz Berto, Jamez Luiz Berto e Daniele Berto.

A família Berto veio para Santa Catarina e montou uma serraria juntamente com outros sócios na fazenda Santo Antonio, interior de Chapecó. Essa sociedade compunha-se do pai Gracioso Berto, seus filhos, tios e primos de Nadir.

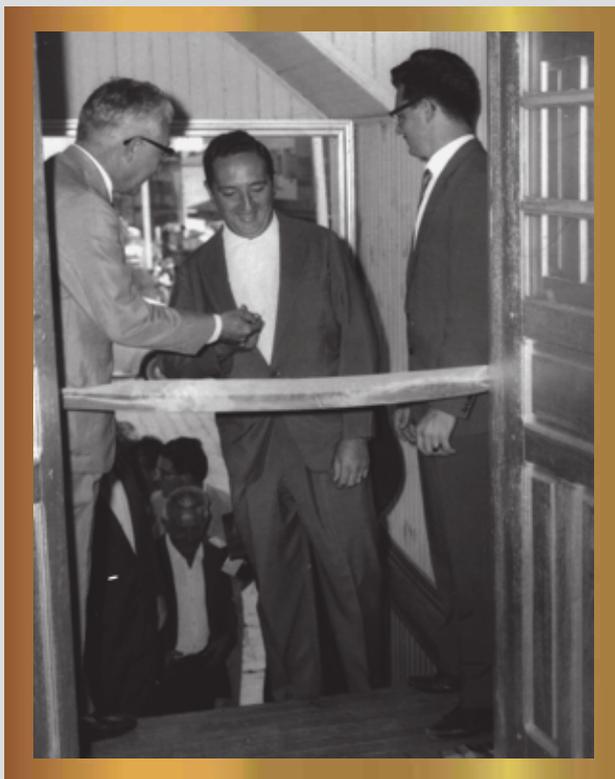
Gracioso Berto, decidiu então vir montar uma outra serraria na divisa do município de Xaxim com Xanxerê, uma comunidade também denominada fazenda Santo Antonio. Sua intenção era desbravar ainda mais a indústria madeireira na região.

Quando Nadir Domingos Berto veio para Xanxerê, sua função na serraria era de motorista. Transportava madeira para Porto Alegre, e também para as balsas até o Porto Goio-ên, no Rio Uruguai. De lá, as madeiras eram conduzidas através do rio, em balsas, até Uruguiana.

A família Berto residiu na fazenda até 1965, quando Gracioso Berto resolveu vir morar no perímetro urbano de Xanxerê, na Rua Independência. Nesta mesma rua, construiu um barracão de madeira e fundou juntamente com seus filhos a empresa distribuidora de automóveis Willys. Esta empresa fabricava a famosa camionete F75.

Em 1970, a FORD comprou a Willys e a empresa expandiu ainda mais, visto que a marca FORD fabricava caminhões de vários tamanhos, jipes, rurais, e até carros de pequeno porte.

A FORD Berto tinha Gracioso Berto, juntamente com seus filhos e um pequeno grupo de associados. Sob o comando administrativo de Nadir Berto, a FORD, em Xanxerê, além da revenda de automóveis, também agregava oficina, uma funilaria e uma sessão de peças, enfim, uma distribuidora completa.



João Berto, filho de **Nadir Berto**, relata que seu pai era uma pessoa profundamente envolvida nas entidades sociais de **Xanxerê**. Conta que quando fez parte da **APP do Colégio La Salle**, foi um dos idealizadores do **Curso Científico** daquele educandário. Também cedia as instalações da empresa **Berto e Companhia** para as entidades fazerem reuniões, e no barracão da empresa, foram realizadas as primeiras edições do **FIEC (Festival Interestadual Estudantil da Canção)**. A empresa também abria seu pavilhão para a **Câmara Júnior** realizar nele, os primeiros **Bailes do Chopp** da cidade, e outros eventos sociais e caritativos foram realizados no barracão, que no cotidiano era utilizado como oficina.

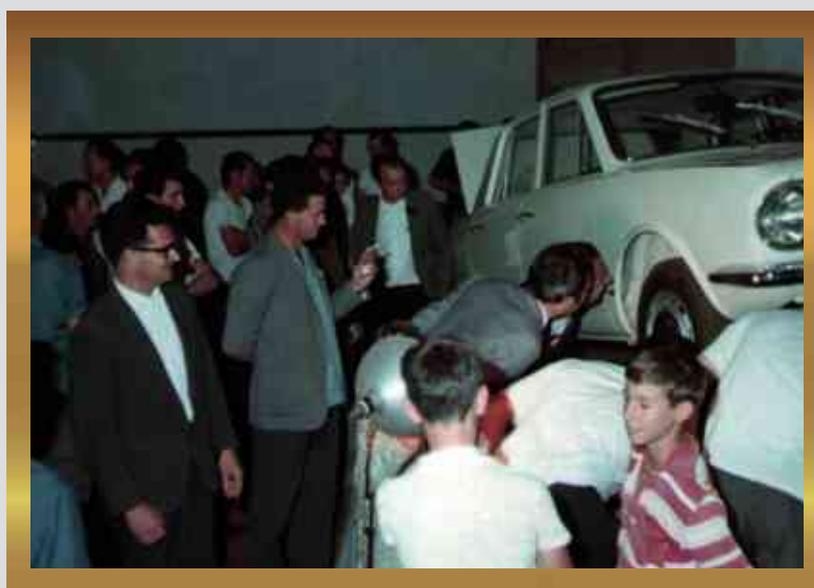
Dentro da empresa **Berto e Companhia**, um grupo de pessoas começou a se encontrar para articular a fundação da **ACIX**. A princípio, os empresários e comerciantes precisaram se unir para se defenderem de diversos cambalachos que aconteciam na cidade, inclusive com a venda de ações falsas. Foram percebendo que juntos poderiam se proteger melhor.

A empresa **FORD Xanxerê**, da **Berto e Companhia**, foi fundada em **1965**, em um barracão de madeira, depois foi se expandindo com a construção de um novo barracão de alvenaria.

Prefeito Sady Marinho, Gracioso e Nadir Domingos Berto, inauguração da FORD em 1965.



Nadir Domingos Berto, entregando uma ambulância à Prefeitura Municipal de Xanxerê.



Lançamento do Ford Corcel.



O filho de Nadir Domingos Berto, João Berto, assim descreveu seu pai:

"Meu pai... Meu pai foi um cara guerreiro, trabalhador, líder, um pai maravilhoso, nunca deixou faltar nada dentro da família. Conversava bastante, tinha um conhecimento aprofundado sobre muitas coisas, pois apesar de enxergar pouco, lia muito.

Possuía uma sabedoria incrível. Meus amigos iam lá em casa e ficavam conversando com ele. Ele era uma pessoa bastante culta, seu conhecimento em administração era muito grande.

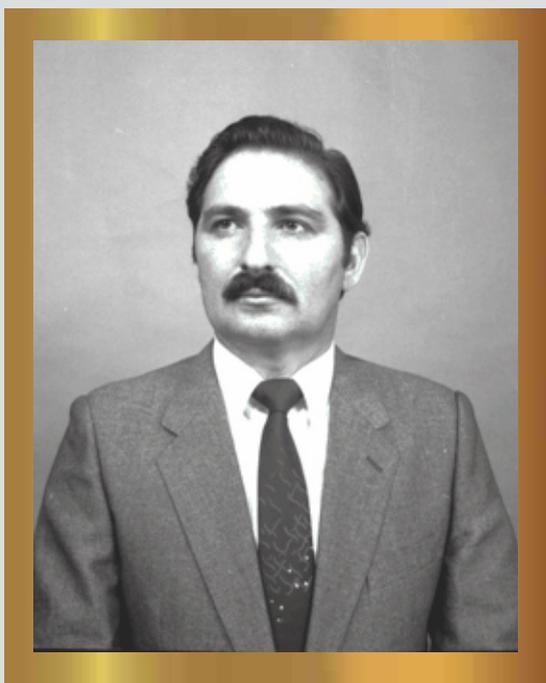
Ele foi perdendo a visão aos poucos, e eu era o motorista dele, viajava com ele... Era um pai exemplar, um pai carinhoso, que protegia os seus filhos".

Além da FORD, Nadir Domingos Berto buscou expandir os negócios abrindo um posto de gasolina.

Sempre participou e atuou em diversos grupos e entidades sociais, inclusive, ajudou a fundar vários partidos políticos. No entanto, nunca se candidatou a nenhum cargo público. Sempre foi um conselheiro, um animador.



Nadir Domingos Berto, com sua esposa Nelcinda e seus filhos Arlei Teresinha, Elza Maria, Vera Lúcia, João Luiz, Jorge Luiz, José Luiz, Jamez Luiz e Daniele.



"O **Nadir** era um homem muito honesto, empenhado em tudo o que fazia. Mesmo tendo uma empresa para administrar, encontrava tempo para se envolver e trabalhar voluntariamente em várias ações comunitárias. Seu trabalho à frente da **ACIX** foi muito valoroso e importante para o município. Ao liderar um grupo para a fundação da **Associação Empresarial de Xanxerê**, ele deixou de lado suas preferências político-partidárias, para trabalhar a favor do empresário, do comerciante, dos profissionais liberais... Seu empenho, dedicação, fizeram com que a classe empresarial o escolhesse várias vezes para comandar a **ACIX**.

Infelizmente, ele faleceu muito jovem, justo quando estava ainda mais maduro e sereno, e muito tinha a fazer pelo município. E todos nós que aqui estamos e continuamos na luta para manter nossas empresas, nossos comércios, nossos trabalhos, somos gratos ao legado que **Nadir Domingos Berto** nos deixou, tanto como exemplo de empresário sério e comprometido, quanto como um cidadão participativo e, principalmente somos gratos por sua liderança e conduta na fundação da **ACIX, Associação Empresarial de Xanxerê**".

Nadir Domingos Berto faleceu em 13 de Maio de 1992, com 59 anos, em decorrência de vários micro derrames cerebrais que sofreu, deixando 8 filhos, 18 netos e 6 bisnetos.

Após seu falecimento, a empresa **FORD Xanxerê**, da Berto e Companhia, foi vendida e seu patrimônio, repartido entre sócios e herdeiros.

Em comemoração ao cinquentenário da **ACIX, Associação Empresarial de Xanxerê**, a entidade presta, através deste livro, toda a sua gratidão e em homenagem a **Nadir Domingos Berto**, ex-presidente e um de seus principais fundadores, e através dele, estende a homenagem a todos os bravios homens que ao longo de 50 anos, dedicaram o seu tempo e trabalho em prol da **ACIX, Associação Empresarial de Xanxerê**.



A economia de Xanxerê tem seus primórdios no ano de 1882, quando da fundação da Vila de Xanxerê, que abrigou por vinte e seis anos, a Colônia Militar Xaçecó.



Igreja Matriz, erguida em 1883, quando a vila dispunha de uma serraria, moinhos e escola.



Em 1943, a Vila de Xanxerê compunha-se de pouquíssimas residências.



História da economia e povoamento

“Tudo começou do nada”.

Ben Weissenstein, Empreendedor.

Ao sermos convidados para historiar o surgimento e a fundação da **ACIX, Associação Empresarial de Xanxerê**, que em **30 de Agosto de 2020** completa e comemora 50 anos de existência, nos perguntamos de imediato como foi que tudo começou. O passado bate à porta do presente, e para compreender o presente, é inevitável voltarmos no tempo.

Para existir aquilo que se chama de produção, comércio e movimento econômico, antes de tudo, se faz necessário existir pessoas. Estas, desde os mais remotos tempos, produzem, trocam e vendem. Então, tomamos aqui a liberdade de principiar esta narrativa sintetizando a história do povoamento do território catarinense que começa pelo litoral para depois avançar sertão adentro. Obviamente, se faz necessário também pontuar alguns fatos da descoberta das Américas.

De acordo com o livro **“Taipas – Origem do Homem do Contestado – O Caboclo”**, do sociólogo, escritor, professor e historiador **Octacílio Schüller Sobrinho**: **“Em 07 de Junho de 1494**, na pequena cidade de **Tordesilhas, Espanha**, amparados pelo Papa e pela Cúria Romana, os reis de Portugal e Espanha assinavam um tratado denominado **Capitulação da Partição do Mar-Oceano**, o famoso tratado conhecido na história como **Tratado de Tordesilhas**.

Isso indica que tanto portugueses como espanhóis já haviam fundado suas empresas descobridoras e exploradoras, e a elas se creditou a glória de terem descoberto a **Costa Atlântica da América do Sul**.

Em **1499**, partiu do **Porto de Palos (Espanha)**, uma **Armada** com quatro navios, comandada por **Vicente Yáñez Pinzon**, o qual percorreu toda a costa brasileira e inclusive o **Rio Amazonas**. Não há dúvidas de que nestes dois anos – **1499 - 1500** – a presença marcante dos espanhóis foi suficiente para considerar aberta a rota **Espanha - América do Sul**.

Em **Maior de 1501**, uma expedição portuguesa comandada por **Gonçalo Coelho**, composta de três navios, partiu de **Lisboa** para explorar a costa da **Terra de Santa Cruz** e foi explorando a costa para o sul, até o **Cabo de Santa Marta**, no atual estado de **Santa Catarina**.

Documentos provam que em **1504**, chegou o navio **Espoier**, com o navegante **Binnot Paulmier de Geonneville**, que aportou em uma baía chamada pelos **Índios Carijós** de **“Babitonga”**, atualmente **São Francisco**, em terras catarinenses. Depois, rumaram para **Porto dos Patos**, também chamado de **Ilha de Los Perdidos**, atual ilha de **Santa Catarina**, onde hoje se situa a cidade de **Florianópolis**”.

Princípio do povoamento do território Catarinense

Há relatos de que náufragos que navegavam com destino a **Buenos Aires**, aportaram no **Porto dos Patos (Florianópolis)**, e ali permaneceram. Encantados com a beleza paradisíaca da ilha, constituíram famílias com índias e bugras (Miscigenação de índios com outras raças). Esta pequena população miscigenada com os nativos, passa na sequência a colaborar com futuras embarcações que paravam na ilha com o objetivo de recarregar de víveres (Alimentos vivos) os navios que se destinavam ao **Rio de La Plata (Buenos Aires)**.

Todavia, o objetivo maior não era a **Argentina**, mas sim **Asunción**, no **Paraguai**, considerada na época, o coração e centro da **América do Sul**, e já famosa na **Espanha** por ser um grande **“El Dorado”**, ou seja, possuir ouro em abundância.



O caminho que leva ao Sertão Catarinense

Em **29 de Março de 1541**, **Álvar Núñez Cabeza de Vaca**, aporta na **Ilha de Los Perdidos (Porto dos Patos)**, com quatrocentos soldados alistados e treinados, e também quarenta e seis cavalos. O primeiro objetivo era reabastecer os navios com mantimentos. Porém, a ausência total de vento impediu a **Armada** de seguir adiante. Acabaram por contatar com índios no **Porto de Vera (Estreito, no continente)**. Estes índios contaram da existência de um caminho por terra que levava ao “**El Dorado**”, no **Paraguai**.

Desta feita, uma parte da tripulação partiu por terra chegando nos **Campos de Lages**. Muitos desses soldados ali ficaram, abduzidos pela beleza das **Índias Guaranis**, e criou-se então nesse lugar, um **Entreposto** (demarcação de um local para futuro retorno). O caminho que conduziu os soldados de **Álvar Cabeza de Vaca** até os **Campos de Lages**, era conhecido como “**Caminho de Peabirú**”, depois popularizado como “**Caminho dos Bugres**”. A comitiva foi criando entrepostos no planalto norte de **Santa Catarina** e **Oeste Paranaense**, até **Asunción, no Paraguai**. O objetivo era traçar uma rota.

Primeira citação do nome Xanxerê nos anais da história

Dando um salto no tempo, outra expedição descobriu um desdobramento do “**Caminho de Peabirú**” que partia de **Canoinhas**, passava por **Videira, Xanxerê**, e culminava na região de **Guaíra (Foz do Iguaçú)**. Quando em **22 de Dezembro de 1773**, **Antônio Correia Pinto de Macedo**, fundador da cidade de **Nossa Senhora do Prazeres dos Sertões de Lagens**, encontrou aproximadamente cinco mil almas que viviam na região, na sua maioria **Mouros** (espanhóis descendentes de africanos), miscigenados com **Índios Guaranis**. E teve-se notícias de que outros também miscigenados habitavam a **Campina do Gregório**, hoje **Xanxerê**.

Esta afirmação documentada por **Octacílio Schüller Sobrinho**, confirma que naquela época, além dos índios, havia a presença de caboclos habitando o território de **Xanxerê**.

Outro salto no tempo: em **1859**, o **Imperador Dom Pedro II**, assina um documento para a criação da **Colônia Militar Xapecó**, na **Vila de Xanxerê**. Obviamente, o império já tinha conhecimento de que nestas bandas havia um agrupamento de índios, miscigenados com Mouros, que deram origem aos **Caboclos**, por sua vez, sertanejos.

*Antes de nós, existiram os outros.
Antes dos outros, chegaram os primeiros.*

“Os primeiros movimentos que estimularam a produção de bovinos, muares (mulas e burros) e equinos, dá-se conta, segundo a pesquisa de **Octacílio Schüller Sobrinho**: “Eram arrebanhados nos campos de **Passo Fundo** e **Lagoa Vermelha**, e recolhidos no primeiro entreposto – **Vacaria**. Depois, eram levados para o segundo – **Lages** – transportados para o terceiro – campos de **Curitiba** –, e finalmente, para o quarto – **Sorocaba**. Dali, transformados em charques que alimentavam a corte imperial no **Rio de Janeiro, Mato Grosso** e **Goiás** (a “**Rota do Ouro**”, em território brasileiro)”.



O segundo movimento segue uma rota de **São Borja**, no **Rio Grande do Sul**, passando por **Santo Angelo**, **Palmeira das Missões**, **Carazinho**, **Xanxerê**, **Palmas**, **Guarapuava** e **Sorocaba**. Este era o caminho dos **Tropeiros**, uma picada, ou seja, um carreiro que era percorrido somente por homens conduzindo rebanhos de animais (gado e mula).

Esses rebanhos foram trazidos ao sul do Brasil pelas **Missões Jesuíticas**. Essas missões, também conhecidas como **Reduções Jesuíticas**, foram sendo destruídas pelo movimento denominado “**Entradas e Bandeiras**” (**Bandeirantes Paulistas**), que violentamente destruíam as reduções e escravizavam cruelmente os índios que conseguiam prender. Os rebanhos que foram trazidos pelos **Padres Jesuítas** para alimentar os índios colonizados e catequizados em agrupamentos, ficavam abandonados e se tornavam bravios. Assim, tanto animais, quanto índios e mestiços fugiram do cativo desesperadamente e foram se aldeando no **Meio - Oeste** e **Oeste Catarinense**.

Nos idos de **1860**, o **Exército Imperial Brasileiro** ainda realizava tentativas de adentrar no sertão oestino, buscando aliar-se aos caciques indígenas, pois, praticamente todas as tribos que aqui viviam, tinham ferrenha hostilidade à chegada do homem branco. Foram muitas as tentativas e muitas expedições aniquiladas, principalmente pelos **Índios Kayngang**, traumatizados com a truculência que sofreram quando muitos dos seus foram aprisionados pelos **Bandeirantes**. Desta forma, a única saída encontrada pelo **Exército Imperial Brasileiro**, foi aliar-se aos caciques que comandavam as tribos distribuídas no sertão catarinense. Entre estes, o **Cacique Vitorino Condá**.

Quando os primeiros **Tropeiros** começaram a atravessar o **Rio Uruguai**, chamado pelos índios de **Rio Goio-Ên**, por volta de **1830**, já existia um expressivo rebanho que se reproduzia de modo praticamente selvagem nas terras oestinas. Há relatos de que os primeiros moradores cercavam o pedaço de terra destinado para o plantio, para evitar o ataque dos rebanhos, principalmente de gado, que habitavam os poucos espaços de campina em meio à mata fechada.

***José Bernardino Bormann,
Capitão do Exército Imperial Brasileiro
nomeado para fundar a Vila de Xanxerê***

Ao regressar da **Europa**, **José Bernardino Bormann**, **Capitão do Exército Imperial**, foi designado, em **1880**, para instalar a **Colônia Militar Xapecó**, e fundar a **Vila de Xanxerê**. Em **14 de março de 1882**, o **Capitão Bormann** chega em **Xanxerê** com um destacamento militar. De imediato, convidou os caboclos que viviam na região para que viessem morar no perímetro urbano da colônia.

O **Governo Imperial** propiciou a quem nela se fixasse, além de segurança, uma subvenção econômica, visto que, cada família que optava residir na colônia, recebia uma área de terra para o plantio, e também um soldo (uma espécie de salário) para o casal, e meio soldo (meio salário), para cada filho.

Com essa intenção, o império brasileiro buscava, a partir da **Vila de Xanxerê**, povoar o máximo possível o sertão oestino, e desta forma, garantir todo o território compreendido do **Rio do Peixe** até o **Rio Peperi - Guaçú**, como território brasileiro.

Vieram cerca de quarenta famílias. A **Colônia Militar Xapecó**, instalada na **Vila de Xanxerê**, foi a única **Colônia Militar** brasileira formada basicamente por caboclos e índios da própria região, sem a participação de imigrantes europeus.

Quando efetivada a instalação da **Colônia Militar Xapecó** na **Vila de Xanxerê**, em **14 de Março de 1882**, temos então o nascimento da produção organizada. Primeiramente, o **Capitão Militar José Bernardino Bormann**, instala na **Vila de Xanxerê** uma serraria, para motivar a construção de residências e edifícios oficiais para a **Colônia Militar**. Na sequência, a instalação de um moinho que garante a moagem de grãos, alimento principal dos primeiros moradores.

Em **1884**, a vila já contava com **58** casas, chegando a **74** um ano depois. Sua população era de **196** habitantes, mais a comitiva militar.



Em **1887**, a vila tinha 242 habitantes, 2 escolas, uma diurna para 26 crianças, e outra noturna para 22 adultos.

Em **1888**, Bormann criou uma banda musical e forneceu todos os instrumentos, e um grupo teatral, construindo um edifício específico para apresentações e eventos sociais.

Em **1891**, a vila já continha 688 habitantes, e o Capitão José Bernardino Bormann, que gostava muito de escrever, criou o primeiro jornal e se encarregou de adquirir com recursos próprios, o equipamento tipográfico para a edição.

Em **1893**, a colônia possuía igreja, armazém, serraria a vapor, tipografia, telégrafo, onze edifícios públicos e **124** casas de colonos.

Bormann permaneceu como diretor desta colônia por dezessete anos, mas a **Vila de Xanxerê** abrigou a **Colônia Militar Xapecó**, por um período de **26** anos.

Em **1908**, a vila passa a pertencer ao município de **Nossa Senhora da Freguesia dos Campos de Palmas**, no **Paraná**, com o nome de **Distrito de Generosópolis**.

Em **1917**, foi criado o município de **Xapecó**, e a sede foi instalada no povoado de **Marechal Bormann**. Este povoado, anteriormente denominado **Passo dos Carneiros**, passa a ser assim chamado em homenagem ao então **Marechal José Bernardino Bormann**, fundador da **Vila de Xanxerê** e diretor da **Colônia Militar Xapecó**.

Assim, **Xanxerê**, que pertencia a **Palmas** com o nome de **Generosópolis**, é rebatizado de **Distrito de Rui Barbosa**, pertencente ao município de **Xapecó**.

Em **1919**, o **Distrito de Rui Barbosa (Vila de Xanxerê)** passa a ser sede do município de **Xapecó**.

Em **1923**, a sede de **Xapecó** é novamente transferida para **Marechal Bormann**.

Em **1929**, volta novamente para a **Vila de Xanxerê**.

Em **1953**, é criado o município de **Xanxerê**, oficializado em **27 de Fevereiro de 1954**.



XAPECÓ

PERIODICO QUINZENAL--REDACTOR--J. B. BORMANN

ANNO 1

NUM. 3

Assignaturas serão pagas adiantadas Por anno	60000.	Typ. do Xapécó	Assignaturas serão pagas adiantadas Por semestre--	45000
---	--------	----------------	---	-------

XANXERÊ 7 DE MARÇO DE 1892.

XANXERÊ 7 DE MARÇO DE 1892.

Distúrbios no Rio Grande do Sul

Felizmente estão terminadas as desordens no vizinho Estado do Rio Grande, sem grandes perdas a lastimar.

As forças revolucionarias foram desperas pelo tenente coronel Salgado, comandante da guarnição d'Uruguayana e pelo brigadeiro Martins, de São Borja, e presos os principais chefes.

Sentimos profundamente estes acontecimentos.

Não foi uma república de odios, de sangue, de viagens que trouxesse a patria em constante sobresalto e em progressão crescente de descredito, a que nos prometteram ha tempo os republicanos historicos.

Compreende-se que um golpe na Constituição que traga a morte da liberdade; substitua as leis liberas pela vontade absoluta de um homem audaz, pelo vergonhoso jugo de um ditador, arme a nação e que esta derrube a tyrannia; mas nos dias que atravessamos quando o despotismo taquesou por honra do Brasil e com elle os satrapas que o apoiaram nos Estados; quando a Constituição foi restituída a nação; quando temos parlamento; quando, enfim, o país começara com applausos dos verdadeiros patriotas a entrar em uma senda de paz e a reivindicar o credito de todo perdido com as aventuras politicas dos ambiciosos; e realmente doloroso ver alguns homens mascarar suas ambições com a dedicação a um principio, revestil-as com o amor a uma fôrmita liberdade, perturbar de novo a paz e a ordem, trazer a destruição do edificio social que o patriotismo salvou de completa ruina e começava agora a reconstruir em bases sólidas.

Essas tarefas ingratas e ante patrióticas felizmente não realiam-se e, o Rio Grande não terá de cobrir-se de pejo ante os Estados irmãos nem perante o mundo civilizado.

Basis de desordens.

Elas só provarão que não temos capacidade para nos dirigirmos, que a república veio cedo e que ha homens cujo « patriotismo » só tende a transformar o Brasil n'estas republicas onde a candilbagem impera soberana.

Assim não era a república que nos promettiam os historicos nos dias de propaganda.

Uma república assim levará facilmente o país a ruina; ao completo aniquilamento.

Aquelles que estão descontentes com o que se tem feito depois da queda da dictadura procederiam com zelo patriótico se em vez de pretenderem derramar o sangue de seus irmãos apellessem para as urnas opportunamente.

Elas diriam se a nação que no tempo do Imperio libertou os escravos, agora prefere prostrar-se aos pés de tyrannos e que transformar o seu vasto e bello territorio em uma senzala de escravos.

Não procurem derramar o sangue de irmãos nos combates inglorios da guerra civil; reservem toda coragem para o dia em que o solo da patria fór pisado por hostes estrangeiras.

Por mais eminente que seja o homem, não obstante, em relação á patria.

Só a patria é grande.

Ninguém temo direito de reduzi-la a um montão de destroços para sobre elle fazer fluctuar, como um estandarte, as suas ambições pessoais.

Haça, pois, paz e ordem; conciliem-se os animos e todos unidos tratemos de reerguer os restos da patria.

« A's urnas ! »

Essa deve ser o braço dos descontentes; essa leve ser a sua senha; quando, porém, as legiões estrangeiras invadirem o nosso territorio e pretenderem mutilá-lo, então, sim, gritemos todos

« A's armas ! »

Este jornal, impresso na Vila de Xanxerê, em 07 de Março de 1892, foi produzido pelo Capitão José Bernardino Bormann, com tiragem quinzenal. Era distribuído para várias cidades do sul do Brasil, tornando - se então, o primeiro veículo de comunicação, dando conta da existência de Xanxerê, e divulgava os produtos aqui fabricados, tais como: farinha, rapadura e cachaça.

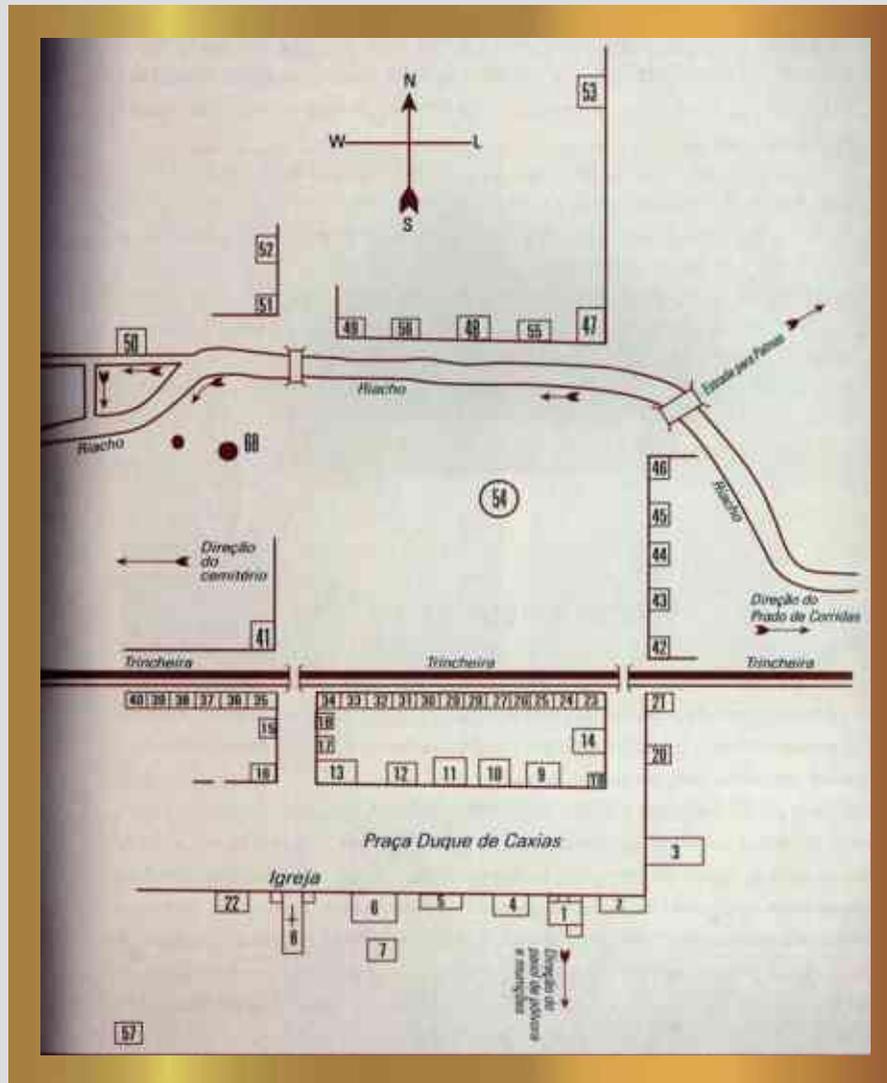
O nome "Xapécó", deve-se ao fato de que a Colônia Militar Xapécó, situava-se na então Vila de Xanxerê, mas quem observar o detalhe, verifica que na data de publicação, consta o nome de Xanxerê.

Uma cópia deste jornal encontra-se exposta no Museu da História Catarinense, no Palácio Cruz e Souza.



Produção econômica de Xanxerê durante o período imperial e mapa das edificações

A colônia era autossuficiente em sua economia com a produção de milho, feijão, toucinho, banha, carne de porco, farinha de milho, rapadura e aguardente. A colônia exportava aguardente num volume de 32,45 hectolitros (1 hectolitro equivale a 100 litros), sendo que o consumo interno do produto, alcançava outros 35,13 hectolitros ao ano (de acordo com a pesquisa do jornalista e escritor **Mário Xavier**, em um livro que descreve os primórdios de **Xanxerê**).



Layout redesenhado de croqui da Colônia Militar Xapecó, organizado por Mário Xavier e desenhado por Alexandre Oliveira.

A Vila de Xanxerê tinha os seguintes edifícios:

- 1 - Edifício da diretoria e residência do diretor da colônia **José Bernardino Bormann** e sua esposa **Maria Benedita Câmara Bormann**;
- 2 - Depósito de material bélico;
- 3 - Local para apresentações artísticas e reuniões sociais;
- 4 - Escola e sede da banda de música;
- 5 - Depósito de equipamentos, fardamento, ferramentas e materiais agrícolas;
- 6 - Cadeia;
- 7 - Ferraria;
- 8 - Igreja;
- 9 - Residência do subdiretor;
- 10 - Residência do colono **Cardoso**;
- 11 - Residência do **Tenente João Batista Xavier**;
- 12 - Tipografia onde se imprimia o jornal “**O Xapecó**”;
- 13 - Residência do **Capitão Antonio Vasconcelos de Menezes**;
- 14 - Casa em que residiam os **Alferes Francisco de Paula Arantes**, da cavalaria, e o **Segundo Sargento Luiz Maurício da Silveira**;
- 15 - Farmácia;
- 16 - Residência do **Carpinteiro Atanazildo**;
- 17 - Moradia da **Velha Inácia**;
- 18 - Casa do soldado **Tomé**;
- 19 - Estrebaria;
- 20 - Residência do professor e mestre da banda de música **Fortunato Bernardino Marçal**;
- 21 - Casa de barro em que o **Tenente João Batista Xavier**, ao chegar na colônia em 1883, morou aguardando a conclusão de sua casa.
- 22 - **Hospital de Sangue** (construído quando as forças de **Gumercindo Saraiva** ameaçavam invadir a colônia durante a revolução federalista);



- 23 a 40 - Residências dos soldados do destacamento militar;
- 41 - Residência do **Erasmus**;
- 42 - Residência do **Velho Cavalheiro**, capelão - leigo da colônia;
- 43 - Residência do colono **Pedro Irias**;
- 44 - Armazém de secos e molhados, e **Agência do Correio**;
- 45 - Residência do **Praiano**;
- 46 - Loja e armarinho de **Elias e Jorge**;
- 47 - Coletoria e residência do coletor **Teófilo de Loiola**;
- 48 - Residência de **João Cavalheiro**;
- 49 - Residência do estafeta **João Barulho**;
- 50 - Engenho hidráulico de serra;
- 51 - Residência do colono **Sebastião**, encarregado do engenho;
- 52 - Estação telegráfica;
- 53 - Padaria do **Alemão Hipp**;
- 54 - Coreto da banda de música;
- 55 - Residência de **Pedro Scheleder**;
- 56 - Residência do **Chico Enfermeiro**;
- 57 - Residência da viúva conhecida por "**Perna Grossa**", com moinho e manjolo, dirigido pelo seu filho **Aurélio**.
- 68 - Suposta localização da bica de água potável;

“Os colonos, além de suas residências no povoado, possuíam sítios para suas atividades agrícolas”.

Estas informações presentes no livro do jornalista Mário Xavier, “O Coronel Freitas e a Colônia Militar de Xapecó - Os Primórdios de Xanxerê e a Colonização do Oeste Catarinense”, dão conta do que existia no período de 1882 a 1897.

DNA da nossa economia

A história afirma que **Xanxerê** é o primeiro núcleo de povoamento no sertão do grande oeste catarinense. Assim, nossa produção econômica, que está ligada a ocupação e povoamento do oeste catarinense, pode ser dividida em alguns movimentos.

PRIMEIRO MOVIMENTO - A passagem dos espanhóis para chegar ao **Paraguai** em busca do ouro, deixando por aqui, famílias de caboclos, cuja etnia é a miscigenação de Mouros (negros espanhóis), com Índios.

SEGUNDO MOVIMENTO - A destruição das **Reduções Jesuíticas** pelos **Bandeirantes Paulistas** e a soltura de animais, principalmente gado e suínos, nas selvas e campinas do oeste catarinense.

TERCEIRO MOVIMENTO - A fundação da **Vila de Xanxerê** para ser sede da **Colônia Militar Xapecó**, e a instalação de engenho de serra para construção de moradias, edifícios públicos e moinho de grãos.

QUARTO MOVIMENTO - A chegada dos migrantes gaúchos, iniciado em torno de **1940** para exploração da madeira e erva-mate.

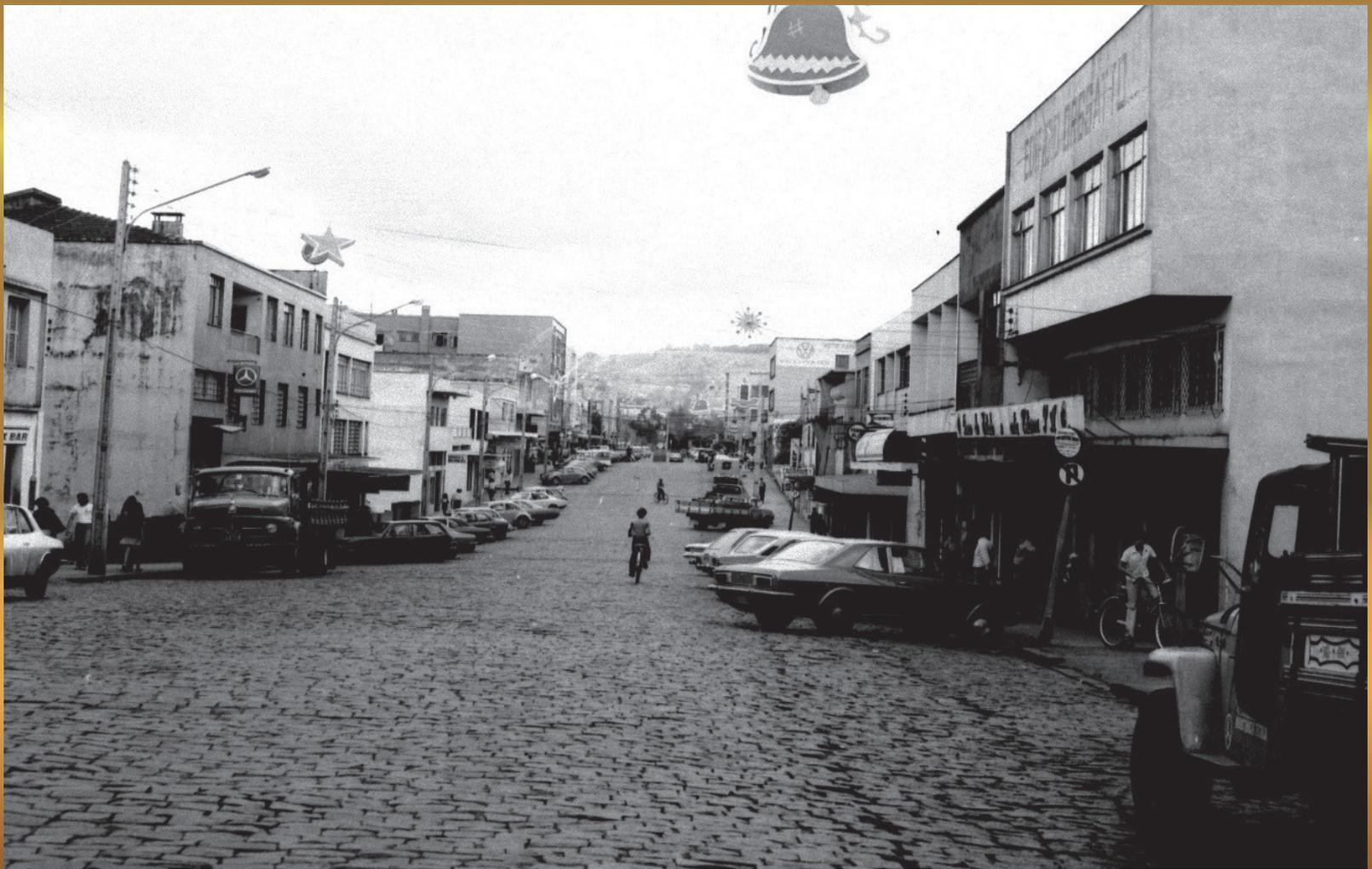
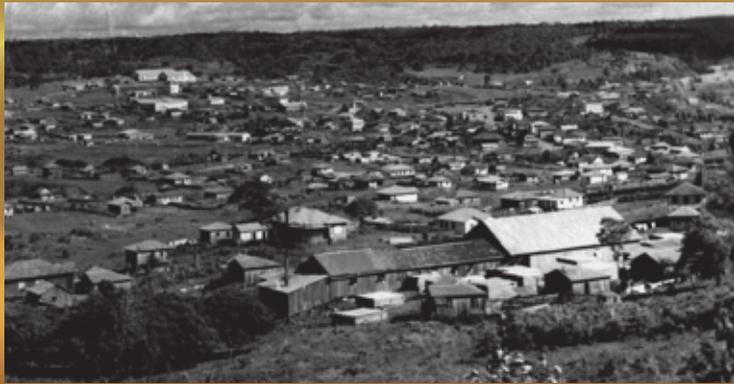
QUINTO MOVIMENTO - O princípio da produção agrícola e agropecuária nos idos de **1960**, com o declínio da exploração madeireira.

SEXTO MOVIMENTO - Aumento da produção agrícola e agropecuária e a fortificação do comércio local, culminando com a fundação em **30 de Agosto de 1970**, da **ACIX (Associação Comercial e Industrial de Xanxerê)**, hoje **Associação Empresarial de Xanxerê**.

*“A história é a flor do tempo em movimento”
É preciso conhecer a história, a filosofia, a ciência
para entendermos o homem e a sua capacidade
de transformar o meio em que vive.*



Xanxerê - Década de 1950



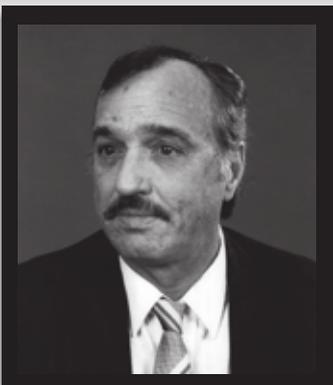
Assim era Xanxerê em 1970, quando da fundação da ACIX - Associação Empresarial de Xanxerê



Memorial Fotográfico dos Presidentes 1970 - 2020
Materializando Sonhos, Fazendo História!



Nadir Domingos Berto
1º Presidente
1970 - 1972 / 1975 - 1977



Arno Vivan
2º Presidente
1973 - 1974



Mario Casanova
3º Presidente
1978 - 1981



Loacir Angelo Celli
4º Presidente
1982 - 1983



Norimar R. Fracasso
5º Presidente
1984



Sérgio Luiz Marca
6º Presidente
1985



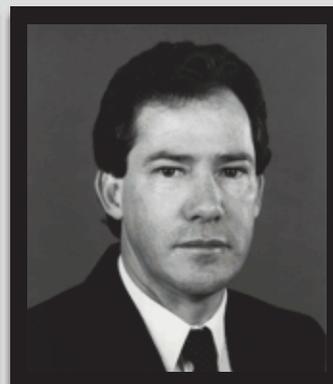
Gelson Luiz Merísio
7º Presidente
1986



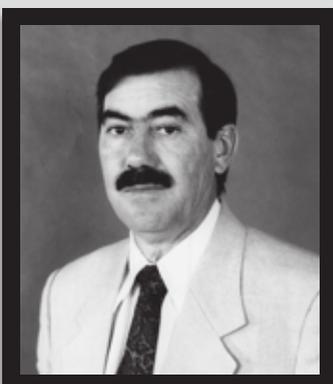
José J. Dalla Santa
8º Presidente
1987



Aloir Conte
9º Presidente
1988



Danilo A. Vanzin
10º Presidente
1989



Egídio Botta
11º Presidente
1990



Avelino Menegolla
12º Presidente
1991



Bianor Trevisol Seibt
13º Presidente
1992



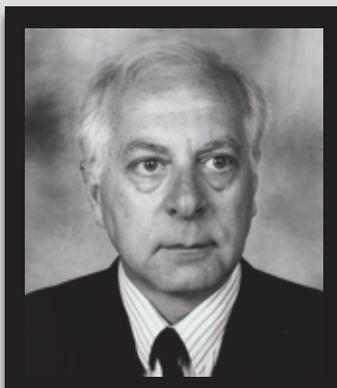
Márcio Vaccaro
14º Presidente
1993



Celso Mattiolo
15º Presidente
1994



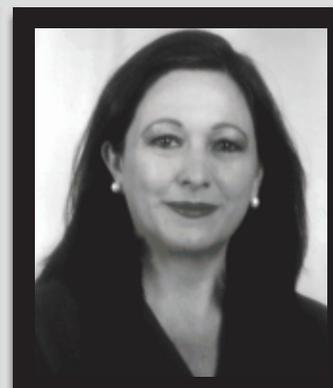
Dalmor Badotti
16º Presidente
1995



Albino Arcari
17º Presidente
1996 - 1998



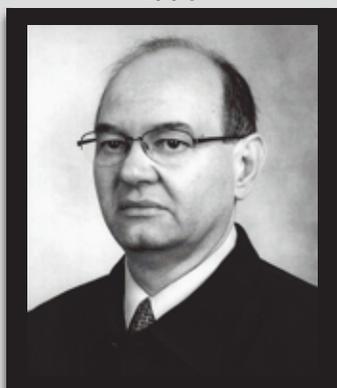
Bruno L. Bortoluzzi
18º Presidente
1999 - 2000



Ivete Maria Vicini
Presidente Interina
2000



Dirceu Luiz Tacca
19º Presidente
2001 - 2002



Walter Roque Bracht
20º Presidente
2003 - 2004



Crystian Fracasso
21º Presidente
2005 - 2006



Genésio Téo
22º Presidente
2007 - 2008



Jaime Bavaresco
23º Presidente
2009 - 2010



Madelaine Rostirolla
24º Presidente
2011 - 2012



Vilson Piccoli
25º Presidente
2013 - 2014



Oscar Martarello
26º Presidente
2015 - 2016



Irineu Altíssimo
27º Presidente
2017 - 2018

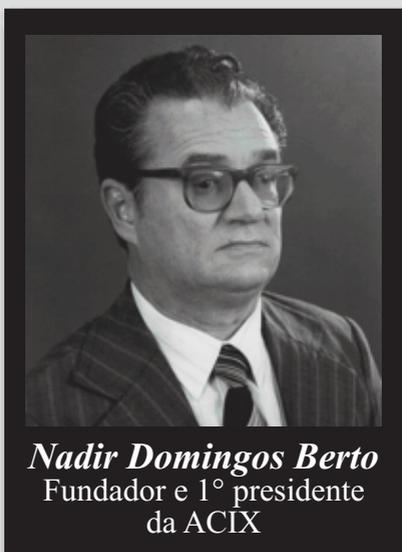


Neimar A. Colpani
28º Presidente
2019 - 2020

A Associação Empresarial de Xanxerê - ACIX, vem firmando-se como uma das entidades da classe empresarial mais importantes do município de Xanxerê. Isto deve-se, em grande parte, à visão empreendedora dos presidentes e de suas equipes diretivas que estiveram no comando da entidade por todos estes anos. A participação de todos foi de extrema importância para o constante crescimento da instituição.



Nominata das 41 diretorias da ACIX em 50 anos



Nadir Domingos Berto
Fundador e 1º presidente da ACIX

A Primeira Diretoria

30 de Agosto de 1970:

Presidente: **Nadir Domingos Berto**

Vice-Presidente: **Flávio Kobil**

1º Secretário: **Leonório Bianchi**

2º Secretário: **Majorino F. Orssatto**

1º Tesoureiro: **Cícero Aiup Fellipe**

2º Tesoureiro: **João Viccini**

Conselho Consultivo - Comissão de Sindicância: **Nelso Alberi Annoni, Jaime Leandro Eiras, João Ramos Martins, Adir Antonio Berto e Gentil Costella.**

Comissão Fiscal: **Dr. Rui B. Pimentel, Arlindo Antonioli, Geni Moschetta, Mieceslau Streciwik e Angelo Paglia.**

“Na reunião de fundação, também houve a aprovação dos estatutos e escolha da primeira diretoria. Fizeram uso da palavra livre: O Sr. **Vitor Raiser, Chefe do Posto da Receita Federal de Xanxerê**, e o Sr. **Rovillo Bortoluzzi, Presidente da Câmara Municipal de Vereadores**”

A Segunda Diretoria

11 de Janeiro de 1972

Presidente: **Nadir Domingos Berto**

Vice-Presidente: **Geni Moschetta**

1º Secretário: **Leonório Bianchi**

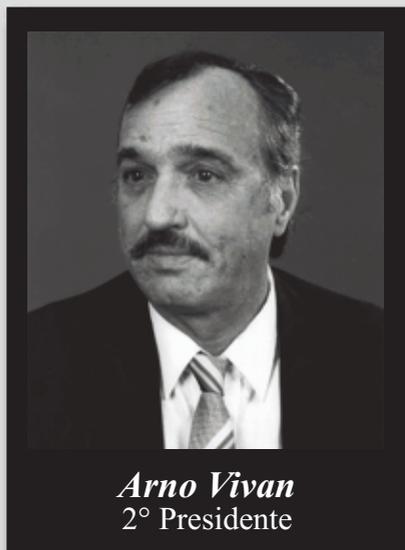
2º Secretário: **Majorino Fiorentino Orssatto**

1º Tesoureiro: **João Viccini**

2º Tesoureiro: **Cícero Aiup Fellipe**

Conselho de Sindicância: **Nelson Alberi Annoni, Gustavo Hack, Rovillo Bortoluzzi, Gentil Costella e Lourenço Valdir Bortoluzzi**

Conselho Fiscal: **Dr. Pedro Waldir Gauer, Otto Fortes, Dr. Rui Bevegnu Pimentel, Arlindo Moschetta e Dante Rigatti**



Arno Vivan
2º Presidente

A Terceira Diretoria

30 de Março de 1973:

Presidente: **Arno Vivan**
Vice-Presidente: **Nadir Domingos Berto**
1º Secretário: **Paulo Favero**
2º Secretário: **Otto Fortes**
1º Tesoureiro: **Lourenço Valdir Bortoluzzi**
2º Tesoureiro: **João Viccini**
Conselho Fiscal: **Hermínio Carlos Gaio, Paulo Callfass, Gustavo Hack, Edemar Ferronato e Leocir Angelo Celli**
Conselho de Sindicância: **Rovilho Bortoluzzi, Geni Moschetta, Dante Rigatti, Laurindo Moschetta e Gentil Costella**

A Quarta Diretoria

29 Março de 1974:

Presidente: **Arno Vivan**
Vice-Presidente: **Nadir Domingos Berto**
1º Secretário: **Olinto Guidiny**
2º Secretária: **Clair Bolzani**
1º Tesoureiro: **Lourenço Valdir Bortoluzzi**
2º Tesoureiro: **João Viccini**
Conselho Fiscal: **Hermínio Carlos Gaio, Dr. Sérgio R. Ribeiro, Gustavo Hack, Edemar Ferronato e Leocir Angelo Celli**
Conselho de Sindicância: **Rovilho Bortoluzzi, Severino Orssatto, Dante Rigatti, Laurindo Moschetta e Gentil Costella.**

A Quinta Diretoria

28 de Abril de 1975:

Presidente: **Nadir Domingos Berto**
Vice-Presidente: **Otto Fortes**
1º Secretário: **Olinto Guidiny**
2º Secretário: **Loacir Celli**
1º Tesoureira: **Clair Bolzani**
2º Tesoureiro: **João Viccini**
Conselho Fiscal: **Arno Vivan, Dr. Sérgio R. Ribeiro, Hélio Winckler, Laurindo Moschetta.**
Conselho de sindicância: **Plínio Lanner, Ary Bossini, Lourenço Valdir Bortoluzzi, Elídio Pauli e Elézio Ogliari.**



A Sexta Diretoria

“No dia 08 de Janeiro do ano de 1976, não houve formação de nenhuma chapa para eleição da nova diretoria, assim, os associados optaram em reeleger a mesma diretoria por aclamação.”

A Sétima Diretoria

13 de Janeiro de 1977

Presidente: **Nadir Domingos Berto**

Vice-Presidente: **Otto Fortes**

1º Secretário: **Olinto Guidiny Sobrinho**

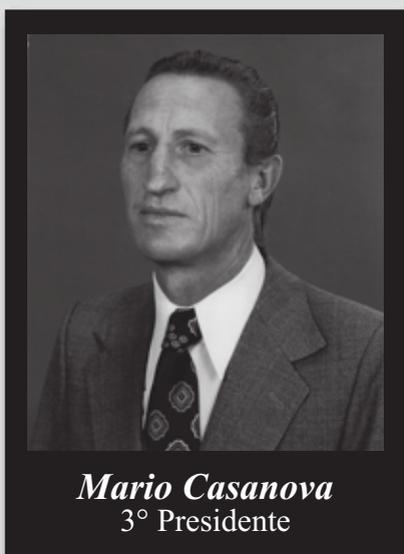
2º Secretário: **Loacir Celli**

1º Tesoureira: **Clair Bolzani**

2º Tesoureiro: **João Viccini**

Conselho Fiscal: **Dr. Sérgio R. Ribeiro, Arno Vivan, Hélio Winckler, Laurindo Moschetta, Dante Rigatti**

Conselho de Sindicância: **Plínio Laner, Lourenço Valdir Bortoluzzi, Elézio Ogliari e Adir Antonio Berto**



Mario Casanova
3º Presidente

A Oitava Diretoria

03 de Março de 1978

Presidente: **Mario Casanova**

Vice-Presidente: **Américo Paludo**

1º Secretário: **Leonório Bianchi**

2º Secretário: **José Dadia**

1º Tesoureiro: **Lourenço Valdir Bortoluzzi**

2º Tesoureiro: **Loacir Angelo Celli**

Conselho Fiscal: **Otto Fortes, Riquelmo Bocchi, Dante Rigatti, Elézio Ogliari, Paulo Favero**

Conselho de Sindicância: **Nadir Domingos Berto, Hermes Palaoro, Ari Bossiny, Arno Vivan e Plínio Laner**

A Nona Diretoria

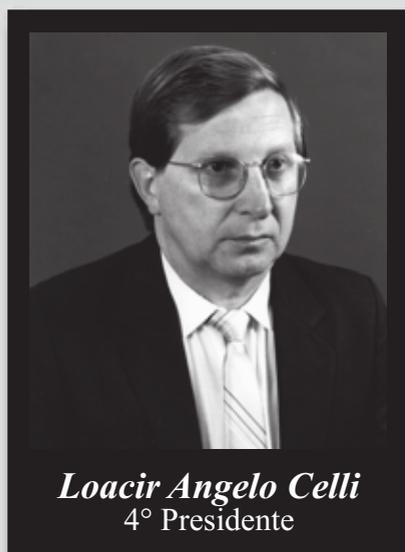
“No dia 30 de Janeiro do ano de 1979, não houve formação de nenhuma chapa para eleição da nova diretoria, assim, os associados optaram em reeleger mesma diretoria por aclamação”.

A Décima Diretoria

“No dia 30 de Janeiro do ano de 1980, não houve formação de nenhuma chapa para eleição da nova diretoria, assim, os associados optaram em reeleger a mesma diretoria por aclamação”.

A Décima Primeira Diretoria

“No dia 30 de Janeiro do ano de 1981, não houve formação de nenhuma chapa para eleição da nova diretoria, assim, os associados optaram em reeleger a mesma diretoria por aclamação”.



Loacir Angelo Celli
4º Presidente

A Décima Segunda Diretoria

10 de Agosto de 1982:

Presidente: **Loacir Angelo Celli**

Vice-Presidente: **José da Silva Néri**

1º Secretário: **Leonório Bianchi**

2º Secretário: **Olinto Guidiny Sobrinho**

1º Tesoureiro: **Waldemar Viecelli**

2º Tesoureiro: **Sergio Marca**

Conselho Fiscal: **Lauri Covatti, Jaime Gehlen, Narciso Feiten, José Chillemi e Francisco Ferronato**

Conselho de Sindicância: **Irio Piovesan, Antonio Baldissera, Érico Giordani, Jair Tacca e Edgar Sirena**

A Décima Terceira Diretoria

30 de Dezembro de 1983:

Presidente: **Loacir Angelo Celli**

Vice-Presidente: **Irio Piovesan**

1º Secretário: **Antonio Claudio Baldissera**

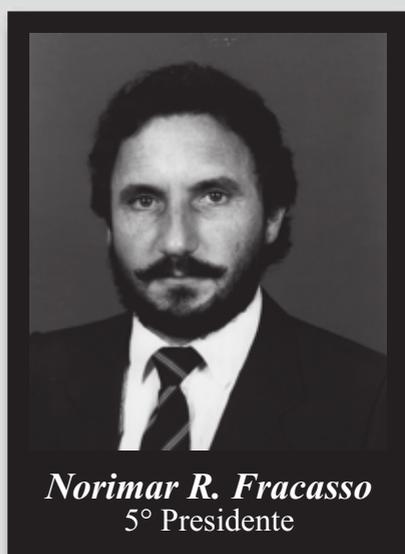
2º Secretário: **Leonório Bianchi**

1º Tesoureiro: **Sérgio Marca**

2º Tesoureiro: **Valdemar Viecelli**

Conselho Fiscal: **Darci Gehlen, Egídio Botta, Ildemar Valmórbida, José Chillemi e Francisco Ferronato**

Conselho de Sindicância: **José da Silva Neri, Nadir Domingos Berto, Érico Antonio Giordani, José Dal Bello, Aloísio Danilo Kochmann**



Norimar R. Fracasso
5º Presidente

A Décima Quarta Diretoria

07 de Dezembro de 1984:

Presidente: **Norimar Roberto Fracasso**

Vice-Presidente: **Gelson Luiz Merísio**

1º Secretário: **Ildo Girardini**

2º Secretário: **Arlindo Falavigna**

1º Tesoureiro: **Aloísio Danilo Kochmann**

2º Tesoureiro: **Sérgio Marca**

Conselho Fiscal: **Nadir Domingos Berto, Pedro Hermes Vaccaro, Luiz Francisco Tonial, Lourenço Valdir Bortoluzzi e Elézio Pedro Ogliari**

Conselho de Sindicância: **Rovilho Bortoluzzi, Agenor Zwicker, Calir Bolzani, Carlos A. Aguiar e Francisco Ferronato**



Sérgio Luiz Marca
6º Presidente

A Décima Quinta Diretoria

10 de Dezembro de 1985:

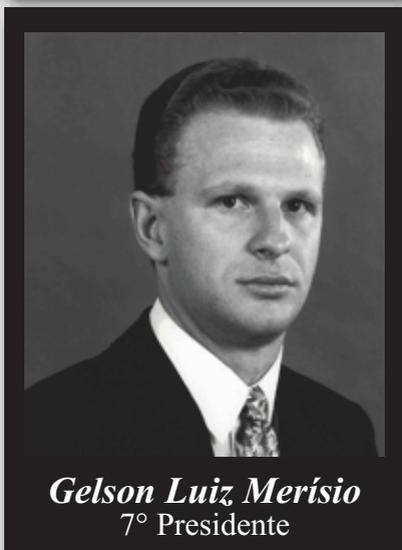
Presidente: **Sérgio Luiz Marca**
Vice-Presidente: **Gelson Luiz Merísio**

“Neste ano, só houve registro da eleição do presidente e vice, o que subentende-se que os demais cargos permaneceram compostos pelos nomes da diretoria anterior”.

A Décima Sexta Diretoria

19 de Dezembro de 1986:

Presidente: **Gelson Luiz Merísio**
Vice-Presidente: **Aldo Brandalise**
1º Secretário: **Ildo Girardini**
2º Secretário: **José João Dalla Santa**
1º Tesoureiro: **Rui Ferronato**
2º Tesoureiro: **Arlindo Falavegna**
Conselho Fiscal: **Loacir Angelo Celli, Sérgio Luiz Marca, Rovilho Bortoluzzi, Francisco Ferronato e Nadir Domingos Berto**
Conselho de Sindicância: **Norimar R. Fracasso, Pedro Hermes Vaccaro, Darci Gehlen, Aloir Conte e Carlos Alberto Escobar**

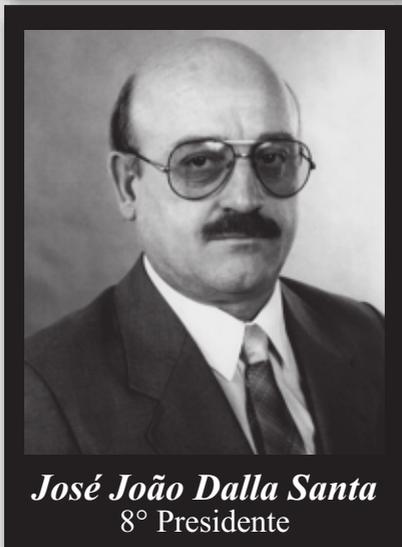


Gelson Luiz Merísio
7º Presidente

A Décima Sétima Diretoria

10 de Dezembro de 1987:

Presidente: **José João Dalla Santa**
Vice-Presidente: **Aldo Brandalise**
1º Secretário: **Albino Arcari**
2º Secretário: **Pedro Vaccaro**
1º Tesoureiro: **Francisco Ferronato**
2º Tesoureiro: **Aloir Conte**
Conselho Superior: **Nadir Berto, Loacir Celli, Sérgio Marca, Norimar Fracasso e Gelson Merísio**
Conselho Fiscal: **José Néri, Rovilho Bortoluzzi, Arlindo Falavignia, Ildo Girardini e Joaquim Gehlen**
Conselho de Sindicância: **Darci Gehlen, Danilo Vanzin, Alfredo Moschetta, Benjamin Menegolla e Aljocir Badotti**
Representante da ACIX junto à FEMI: **Rui Ferronato**
Assessor Jurídico: **Dr. Flávio Rauen**



José João Dalla Santa
8º Presidente



Aloir Conte
9º Presidente

A Décima Oitava Diretoria

24 de Novembro de 1988:

Presidente: **Aloir Conte**

Vice-Presidente: **Albino Arcari**

1º Secretário: **Jaime Cipriani**

2º Secretário: **Júlio Bodanese**

1º Tesoureiro: **Danilo Antonio Vanzin**

2º Tesoureiro: **Aloísio Danilo Kochmann**

Conselho Superior: **Loacir Angelo Celli, Norimar Roberto Fracasso, Sérgio Luiz Marca, Gelson Luiz Merísio, José João Dalla Santa**

Conselho Fiscal: **Francisco Ferronato, Gentil Luiz Marció, Aljocir Badotti, Aparício Tomasi e Lauri Dama**

Conselho de Sindicância: **Joel Aires Viana, Rui Ferronato, Joaquim Gehlen, Bianor Trevisol Seibt, Pedro Hermes Vaccaro**

Assessor Jurídico: **Dr. Flávio Rauen**



Danilo Antonio Vanzin
10º Presidente

A Décima Nona Diretoria

17 de novembro de 1989:

Presidente: **Danilo Antonio Vanzin**

Vice-Presidente: **Pedro Hermes Vaccaro**

1º Secretário: **José João Dalla Santa**

2º Secretário: **Aljocir Badotti**

1º Tesoureiro: **Alcides Ziglioli**

2º Tesoureiro: **Egídio Botta**

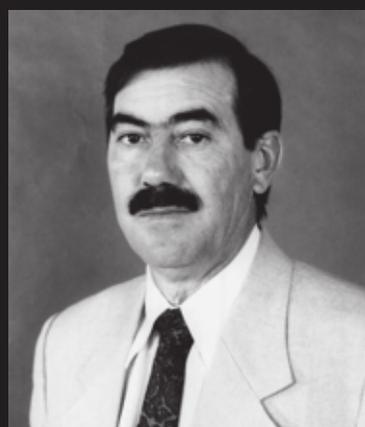
Conselho Superior: **Loacir Angelo Celli, Norimar Fracasso, Sérgio Luiz Marca, Gelson Luiz Merísio, Aloir Conte**

Conselho Fiscal: **Francisco Ferronato, José Dal Bello, Alaor Annoni Notari, Avelino Menegolla, Dagoberto Poloni**

Conselho de Sindicância: **Albino Arcari, Paulo Favero, Jaime Luiz Cipriani, Jair Tacca e Edarci Ogliari**

Assessor Jurídico: **Flávio Luiz Rauen**

Representante da ACIX junto ao SENAI: **José João Dalla Santa**



Egídio Botta
11º Presidente

A Vigésima Diretoria

19 de Novembro de 1990:

Presidente: **Egídio Botta**

Vice-Comercial: **José Pires Viana**

Vice-Industrial: **Avelino Menegolla**

Vice-Agropecuário: **Darci Gehlen**

Vice-Serviços: **Jair Tacca**

1º Secretário: **Alcides Ziglioli**

2º Secretário: **Paulo Victorino Favero**



1º Tesoureiro: **Edarci Ogliari**

2º Tesoureiro: **Gilmar Alberto Romani**

Diretor Social e Relações Públicas: **Albino Arcari**

Diretor de Patrimônio: **Irineu Davino Moschetta**

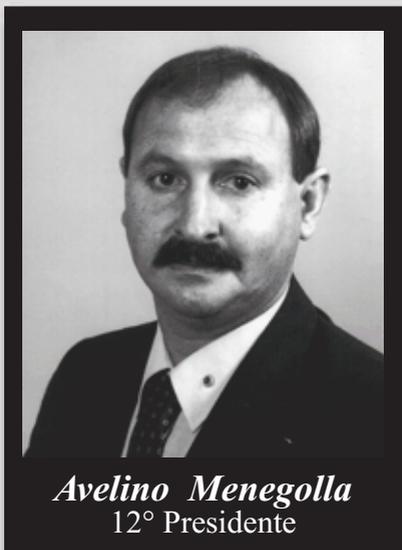
Conselho Superior: **Danilo Antonio Vanzin, Aloir Conte, José João Dalla Santa, Gelson Luiz Merísio, Sérgio Luiz Marca**

Conselho Deliberativo: **Norimar Roberto Fracasso, Pedro Hermes Vaccaro, Loacir Angelo Celli, Antonio Seraglio, Claudio Trombetta, Rovilho Bortoluzzi Junior, José Santo Dal Bello, Péricles Viccini**

Conselho Fiscal Efetivos: **Francisco Ferronato, Luiz Espedito Bocchi, Alaor Annoni Notari**

Suplentes: **Jaime Luiz Cipriani, Bruno Linhares Bortoluzzi, Marcos Zaffari**

Assessor Jurídico: **Flávio Luiz Rauen**



Avelino Menegolla
12º Presidente

A Vigésima Primeira Diretoria

13 de Novembro de 1991:

Presidente: **Avelino Menegolla**

Diretor Vice-Presidente Comercial: **Rovilho Bortoluzzi Junior**

Diretor Vice-Presidente Industrial: **Hélio Joele Centenaro**

Diretor Vice-Presidente Agropecuário: **Celso Cadori**

Diretor Vice-Presidente de Serviços: **Milton Bordin**

1º Secretário: **Bianor Trevisol Seibt**

2º Secretário: **Jaime Luiz Cipriani**

1º Tesoureiro: **Jair Tacca**

2º Tesoureiro: **Albino Arcari**

Diretor Social e Relações Públicas: **Francisco Ferronato**

Diretor de Patrimônio: **Irineu Davino Moschetta**

Assessor Jurídico: **Flávio Luiz Rauen**

Conselho Superior: **Egídio Botta, Danilo Antonio Vanzin, Aloir Conte, José João Dalla Santa e Gelson Luiz Merísio**

Conselho Fiscal - Efetivos: **Norimar Roberto Fracasso, Loacir Angelo Celli, Paulo Victorino Favero**

Suplentes: **Marcos Zaffari, Gilmar Roberto Romani, Claudio Trombetta**

Conselho Deliberativo - Comércio:

1) Ferragens, Materiais de Construção, Móveis e Elétricos: **José Santo Dal Bello**

2) Confecções, Tecidos e Afins: **José da Silva Néri**

3) Insumos Agrícolas e Veterinários: **Ivor Lorenzetti**

4) Automotriz e Implementos Agrícolas: **Luiz Espedito Bocchi**

5) Gêneros Alimentícios: **Dalmor Badotti**

6) Farmácias, Perfumarias, Brinquedos, Bijuterias, Materiais de Escritório e Livrarias: **Maria Carmen Secchi**

7) Indústria - Geração de Energia Elétrica: **Alaor Annoni Notari**

8) Indústria - Metalúrgica, Mecânica e Indústria Pesada: **Clademir Vanzin**

9) Indústria - Madeireiros, Artefatos de Madeira e Olaria: **Ivaldo Merísio**

10) Indústria - Confecções: **Delci Conterato**

11) Agricultura - Sementes, Cereais, Reflorestamento e Hortifrutigranjeiros: **Márcio Vaccaro**

12) Agricultura - Aves, Bovinos, Suínos e Animais: **Celso Mattiolo**

13) Serviços: Cargas, Passageiros e Pneus: **Antonio Silvio Siviero**

14) Turismo, Hotéis, Bares, Restaurantes e Similares: **José Fausto Pretto**

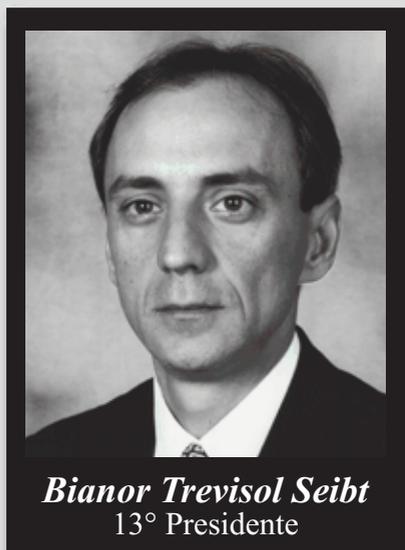
15) Construção Civil: **Victor Hugo Lodi**

16) Bancos: **Estácio Cavalet**

17) Representantes Comerciais - Escritórios de Serviços: **Sadi Pavan**

18) Prestação de Serviços e Oficinas Mecânicas: **Aurélio J. Tonial**

19) Médicos, Advogados, Economistas, Dentistas e Outros: **Dr. Jorge Streciwik**



Bianor Trevisol Seibt
13º Presidente

A Vigésima Segunda Diretoria

18 de Novembro de 1992

Presidente: **Bianor Trevisol Seibt**

Diretor Vice-Presidente Comercial: **Edgar Galeazzi**

Diretor Vice-Presidente Industrial: **Hélio Joele Centenaro**

Diretor Vice-Presidente Agropecuário: **Márcio Vaccaro**

Diretor Vice-Presidente de Serviços: **Albino Arcari**

1º Secretário: **Sadi Rafael Pavan**

2º Secretário: **Rovilho Bortoluzzi Junior**

1º Tesoureiro: **Ivaldo Merísio**

2º Tesoureiro: **Sérgio Luiz Marca**

Diretor Social e Relações Públicas: **Celso Cadori**

Diretor de Patrimônio: **Paulo Favero**

Assessor Jurídico: **Flávio Luiz Rauen**

Conselho Superior: **Avelino Menegolla, Egídio Botta, Danilo Antonio Vanzin, Aloir Con-
te, José João Dalla Santa**

Conselho Fiscal - Efetivos: **Jaime Luiz Cipriani, José A. de Araújo, Celso Bizzon**

Suplentes: **Dirceu Tacca, Aurélio Tonial, Leandro Annoni**

Conselho Deliberativo - Comércio:

1) Ferragens, Materiais de Construção, Móveis e Elétricos: **Agostinho Girardini**

2) Confeções, Tecidos e Afins: **Joaquim Gehlen**

3) Insumos Agrícolas e Veterinários: **José Rosa**

4) Automotriz e Implementos Agrícolas: **Luiz Espedito Bocchi**

5) Gêneros Alimentícios: **Sérgio João Marció**

6) Farmácias, Perfumarias, Brinquedos, Bijuterias, Materiais de Escritório e Livrarias: **João Henrique Vivan**

7) Indústria - Geração de Energia Elétrica: **Roberto Carvalho Yung**

8) Indústria - Metalúrgica, Mecânica e Indústria Pesada: **Clademir Vanzin**

9) Indústria - Madeiros, Artefatos de Madeira e Olaria: **Vilmar Corza**

10) Indústria - Confeções: **Nadir Lorenci**

11) Agricultura - Sementes, Cereais, Reflorestamento e Hortifrutigranjeiros: **Pedro Hermes Vaccaro**

12) Agricultura - Aves, Bovinos, Suínos e Animais: **Moacir L. Rouais**

13) Serviços - Cargas, Passageiros e Pneus: **Antonio Gavazzoni**

14) Turismo, Hotéis, Bares, Restaurantes e Similares: **Francisco Ferronato**

15) Construção Civil: **Victor Hugo Lodi**

16) Bancos: **Eloi Covatti**

17) Representantes Comerciais - Escritórios de Serviços: **Valdemar Viecelli**

18) Prestação de Serviços e Oficinas Mecânicas: **Angelo Fuzinato**

19) Médicos, Advogados, Economistas, Dentistas e Outros: **Getúlio Micheletto**



Márcio Vaccaro
14º Presidente

A Vigésima Terceira Diretoria

17 de Dezembro de 1993

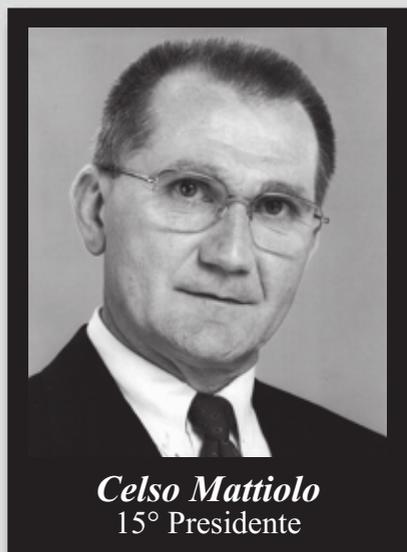
Presidente: **Márcio Vaccaro**
Diretor Vice-Presidente Comercial: **Milton Bordin**
Diretor Vice-Presidente Industrial: **Gilmar Romani**
Diretor Vice-Presidente Agropecuário: **Valdir Brollo**
Diretor Vice-Presidente de Serviços: **Sadi Rafael Pavan**
1º Secretário: **Luciane Wendliaj**
2º Secretário: **Sandro Botta**
1º Tesoureiro: **Rui Ferronato**
2º Tesoureiro: **Sérgio Luiz Marca**
Diretor Social e Relações Públicas: **Gelson Luiz Merísio**
Diretor de Patrimônio: **Celso Mattiolo**
Assessor Jurídico: **Flávio Luiz Rauen**
Conselho Superior: **Bianor Trevisol Seibt, Avelino Menegolla, Danilo Antonio Vanzin e Aloir Conte**

Conselho Fiscal - Efetivos: **Norimar Roberto Fracassom Victor Hugo Lodi, Hélio Joele Centenaro**

Suplentes: **Ivaldo Merísio, José João Dalla Santa e Albino Arcari**

Conselho Deliberativo - Comércio:

- 1) Ferragens, Materiais de Construção, Móveis e Elétricos: **Alfredo Moschetta**
- 2) Confecções, Tecidos e Afins: **Edegar Galeazzi**
- 3) Insumos Agrícolas e Veterinários: **Ari Frozza**
- 4) Automotriz e Implementos Agrícolas: **Luiz Espedito Bocchi**
- 5) Gêneros Alimentícios: **Geni Ricieri Moschetta**
- 6) Farmácias, Perfumarias, Brinquedos, Bijuterias, Materiais de Escritório e Livrarias: **Maria Carmen Secchi**
- 7) Indústria - Geração de Energia Elétrica: **Roberto Carvalho Yung**
- 8) Indústria - Metalúrgica, Mecânica e Indústria Pesada: **Adriano Vanzin**
- 9) Indústria - Madeireiros, Artefatos de Madeira e Olaria: **Paulo Favero**
- 10) Indústria - Confecções: **Valério Deola**
- 11) Agricultura - Sementes, Cereais, Reflorestamento e Hortifrutigranjeiros: **Moacir Wustro**
- 12) Agricultura - Aves, Bovinos, Suínos e Animais: **Pedro Hermes Vaccaro**
- 13) Serviços - Cargas, Passageiros e Pneus: **Antonio Silvio Siviero**
- 14) Turismo, Hotéis, Bares, Restaurantes e Similares: **José Fausto Pretto**
- 15) Construção Civil: **Jaime Cipriani**
- 16) Bancos: **Dirlandir Zaniol**
- 17) Representantes Comerciais - Escritórios de Serviços: **Ari Balbinot**
- 18) Prestação de Serviços e Oficinas Mecânicas: **Aldérico Kleimpau**
- 19) Médicos, Advogados, Economistas, Dentistas e Outros: **Gerardo Morceli Bolzani**
- 20) Seguradoras, Corretoras e Outras: **Nereu Antonio Picolli**

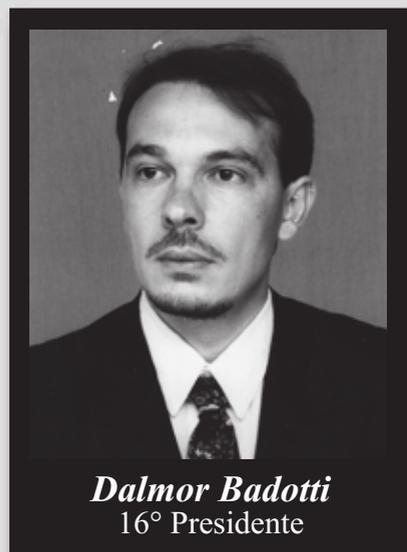


Celso Mattiolo
15° Presidente

A Vigésima Quarta Diretoria

24 de Novembro de 1994

Presidente: **Celso Mattiolo**
Diretor Vice-Presidente Comercial: **Osmar Parizzotto**
Diretor Vice-Presidente Industrial: **Celso Bizzon**
Diretor Vice-Presidente Agropecuário: **Eloi Luiz Vaccaro**
Diretor Vice-Presidente de Serviços: **Valdemar Viecelli**
1° Secretário: **Antonio Claudio Baldissera**
2° Secretário: **Antonio Carlos Mazutti Leão**
1° Tesoureiro: **Geni Moschetta**
2° Tesoureiro: **Aparício Tomasi**
Diretor Social e Relações Públicas: **Paulo Hoeler**
Diretor de Patrimônio: **Gelson Luiz Merísio**
Assessor Jurídico: **Flávio Luiz Rauen**
Representante da ACIX Junto ao Senai: **José João Dalla Santa**
Conselho Superior: **Márcio Vaccaro, Bianor Trevisol Seibt, Avelino Menegolla, Egídio Botta e Danilo Antonio Vanzin**
Conselho Fiscal - Efetivos: **Eurides Vaccaro, Loacir Angelo Celli, Pedro Hermes Vaccaro**
Suplentes: **José Santo Dal Bello, Norimar Roberto Fracasso e Paulo Orsatto**

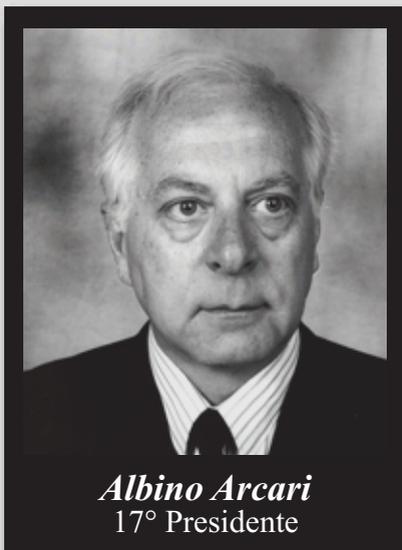


Dalmor Badotti
16° Presidente

A Vigésima Quinta Diretoria

Em 17 de Dezembro de 1995

Presidente: **Dalmor Badotti**
Diretor Vice-Presidente Comercial: **Edemar Ferronato**
Diretor Vice-Presidente Industrial: **Danilo Antonio Vanzin**
Diretor Vice-Presidente Agropecuário: **Saul Sartoretto**
Diretor Vice-Presidente de Serviços: **Alaor Annoni Notari**
1° Secretário: **Nereu Roque Vaccaro**
2° Secretário: **Ivete Viccini**
1° Tesoureiro: **Milton Bordin**
2° Tesoureiro: **Luis Teodoro de Souza**
Diretor Social e Relações Públicas: **Irene Aparecida e Sá Affolter**
Diretor de Patrimônio: **Wallace Chilemmi**
Assessor Jurídico: **Flávio Luiz Rauen**
Representante da ACIX junto ao SENAI: **José João Dalla Santa**
Representante da ACIX junto ao Meio Ambiente: **Neiva Gehlen Wustro**
Conselho Superior: **Celso Mattiolo, Márcio Vaccaro, Bianor Trevisol Seibt, Avelino Menegolla e Edígio Botta**
Conselho Fiscal - Efetivos: **Albino Arcari, Geni Ricieri Moschetta e Pedro Vaccaro**
Suplentes: **Nilson Pires Viana, Ana Covatti e Vera Berto**



Albino Arcari
17º Presidente

A Vigésima Sexta Diretoria

18 de Novembro de 1996

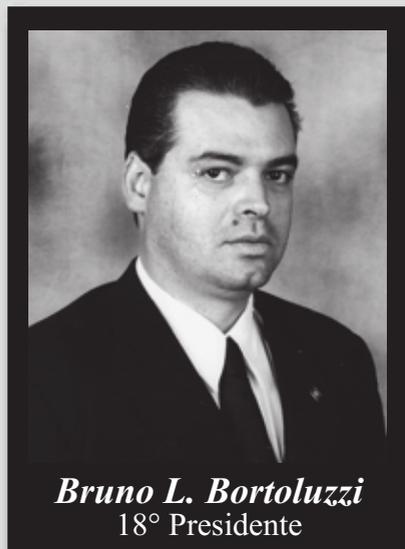
Presidente: **Albino Arcari**
Vice-Presidente: **Aloir Conte**
Diretor Comercial: **Geni Ricieri Moschetta**
Diretor Industrial: **Alaor Annoni Notari**
Diretor Agropecuário: **Norimar Roberto Fracasso**
Diretor da Classe de Prestação de Serviços: **José Fausto Pretto**
Diretor para Assuntos Internacionais: **José João Dalla Santa**
1º Secretário: **Bruno Linhares Bortoluzzi**
2º Secretário: **Narciso Feiten**
1º Tesoureiro: **Celso Cadori**
2º Tesoureiro: **Pedro Hermes Vaccaro**
Diretor Social e Relações Públicas: **Paulo Victorino Favero**
Diretor de Patrimônio: **Olímpio Barbosa**
Assessor Jurídico: **Flávio Luiz Rauen**

Diretor de Treinamentos: **Danilo Antonio Vanzin**
Representante da ACIX junto ao Meio Ambiente: **Adriana Rigatti Fonini**
Conselho Superior: **Dalmor Marcos Badotti, Celso Mattiolo, Márcio Vaccaro, Bianor Trevisol Seibt e Avelino Menegolla**
Conselho Fiscal - Efetivos: **Edemar Ferronato, Jorge Antonioli, Alfredo C. Moschetta**
Suplentes: **Celso Bizzon, Egídio Botta, Alcides Tomazzi**
Câmara da Mulher Empresária: **Ivete Viccini, Neiva Gehlen Wustro, Ana Maria Covatti, Irene Aparecida e Sá Affolter**

A Vigésima Sétima Diretoria

20 de Fevereiro de 1998

Presidente: **Albino Arcari**
Vice-Presidente: **Aloir Conte**
Diretor Comercial: **Geni Ricieri Moschetta**
Diretor Industrial: **Alaor Annoni Notari**
Diretor Agropecuário: **Bruno Linhares Bortoluzzi**
Diretor da Classe de Prestação de Serviços: **Norimar Roberto Fracasso**
Diretor para Assuntos Internacionais: **José João Dalla Santa**
1º Secretário: **Suzana Flávia Sfredo Pimentel**
2º Secretário: **Narciso Feiten**
1º Tesoureiro: **Sedirlei Roseli Grumitzhy Dagort**
2º Tesoureiro: **Pedro Hermes Vaccaro**
Diretor Social e Relações Públicas: **Paulo Victorino Favero**
Diretor de Patrimônio: **Olímpio Barbosa**
Assessor Jurídico: **Flávio Luiz Rauen**
Diretor de Treinamentos: **Danilo Antonio Vanzin**
Representante da ACIX junto ao Meio Ambiente: **Adriana Rigatti Fonini**
Conselho Superior: **Dalmor Marcos Badotti, Celso Mattiolo, Márcio Vaccaro, Bianor Trevisol Seibt e Avelino Menegolla**
Conselho Fiscal - Efetivos: **Edemar Ferronato, Jorge Luiz Antonioli, Gelder Bavaresco**
Suplentes: **José Fausto Pretto, Egídio Botta, Paulo Renato Orsatto**
Câmara da Mulher Empresária - Coordenadora: **Gelci Moschetta**

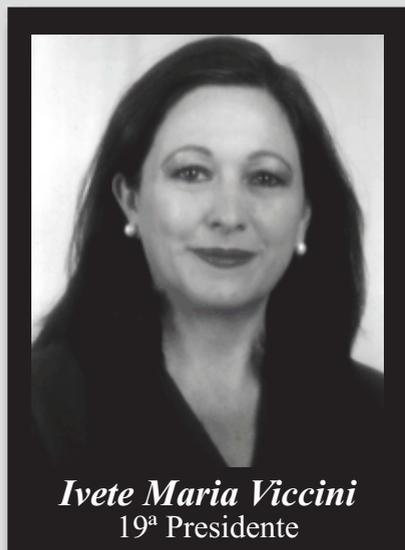


Bruno L. Bortoluzzi
18º Presidente

A Vigésima Oitava Diretoria

Em 23 de Fevereiro de 1999

Presidente: **Bruno Linhares Bortoluzzi**
Vice-Presidente: **Ivete Maria Viccini**
Diretor Comercial: **Milton Luiz Bordin**
Diretor Industrial: **Avelino Menegolla**
Diretor Agropecuário: **Neimar Brusamarello**
Diretor da Classe de Prestação de Serviços: **Narciso Feiten**
Diretor para Assuntos Internacionais: **José João Dalla Santa**
1º Secretário: **Suzana Flámia Sfredo Pimentel**
2º Secretário: **Adriana Rigatti Fonini**
1º Tesoureiro: **Joel Pires Viana**
2º Tesoureiro: **Norimar Roberto Fracasso**
Diretor Social e Relações Públicas: **Walter Roque Bracht**
Diretor de Patrimônio: **Aloir Conte**
Assessor Jurídico: **Flávio Luiz Rauen**
Diretor de Treinamentos: **Danilo Antonio Vanzin**
Representante da ACIX junto ao Meio Ambiente: **Olímpio Barbosa**
Conselho Superior: **Albino Arcari, Dalmor Marcos Badotti, Celso Mattiolo, Márcio Vaccaro, Bianor Trevisol**
Conselho Fiscal - Efetivos: **Clairto Zonta, Jorge Luiz Antonioli e Edemar Ferronato**
Suplentes: **Irineu Dal Bello, Mário Gomes Dias, Egídio Botta**
Câmara da Mulher Empresária - Coordenadora: **Cirlei Menegolla**



Ivete Maria Viccini
19ª Presidente

A Vigésima Nona Diretoria

15 de Fevereiro de 2000

Presidente: **Ivete Maria Viccini**
Diretor Comercial: **Milton Bordin**
Diretor Industrial: **Avelino Menegolla**
Diretor Agropecuário: **Mário Gomes Dias**
Diretor da Classe de Prestação de Serviços: **Narciso Feiten**
Diretor para Assuntos Internacionais: **José João Dalla Santa**
1º Secretário: **Suzana Flámia Sfredo Pimentel**
2º Secretário: **Adriana Rigatti Fonini**
1º Tesoureiro: **Joel Pires Viana**
2º Tesoureiro: **Norimar Roberto Fracasso**
Diretor Social e Relações Públicas: **Walter Roque Bracht**
Diretor de Patrimônio: **Aloir Conte**
Assessor Jurídico: **Flávio Luiz Rauen**
Diretor de Treinamentos: **Danilo Antonio Vanzin**
Representante da ACIX junto ao Meio Ambiente: **Olímpio Barbosa**
Representante dos Núcleos Setoriais: **Luciano Buffon**
Conselho Superior: **Albino Arcari, Dalmor Marcos Badotti, Celso Mattiolo, Márcio Vaccaro, Bianor Trevisol Seibt**
Conselho Fiscal - Efetivos: **Jorge Luiz Antonioli, Jorge De Marco e Edemar Ferronato**
Suplentes: **Neimar Brusamarello, Irineu Dal Bello e Egídio Botta**



Dirceu Tacca
20° Presidente

A Trigésima Diretoria

11 de Dezembro de 2000

Presidente: **Dirceu Tacca**
Vice-Presidente: **Edemar Ferronato**
Diretor Comercial: **José João Dalla Santa**
Diretor Industrial: **Danilo Antonio Vanzin**
Diretor Agropecuário: **Udo Callfass**
Diretor da Classe de Prestação de Serviços: **Flávio De Marco**
Diretor para Assuntos Internacionais: **Norimar Roberto Fracasso**
1° Secretário: **Jorge Luiz Antonioli**
2° Secretário: **Belino Dal Magro**
1° Tesoureiro: **Sérgio Luiz Marca**
2° Tesoureiro: **Geni Moschetta**
Diretor Social e Relações Públicas: **Ana Covatti**
Diretor de Patrimônio: **Aloir Conte**
Assessor Jurídico: **Flávio Luiz Rauen e Madelaine Rostirolla**

Diretor de Treinamentos: **Ivete Maria Viccini**

Representante da ACIX junto ao Meio Ambiente: **Olímpio Barbosa**

Representante dos Núcleos Setoriais: **Luciano Buffon**

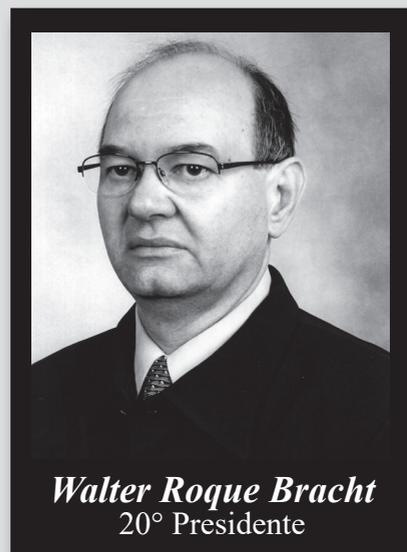
Conselho Superior: **Bruno Linhares Bortoluzzi, Albino Arcari, Dalmor Marcos Badotti, Celso Mattiolo e Márcio Vaccaro**

Conselho Fiscal - Efetivos: **Joel Pires Viana, Walter Roque Bracht**

A Trigésima Primeira Diretoria

20 de Fevereiro de 2002

Presidente: **Dirceu Tacca**
Vice-Presidente: **Flávio De Marco**
Diretor Comercial: **Edemar Ferronato**
Diretor Industrial: **Carlos Farina**
Diretor Agropecuário: **Vilmo Roque Orssatto**
Diretor da Classe de Prestação de Serviços: **Cristian Fracasso**
Diretor para Assuntos Internacionais: **Walter Roque Bracht**
1° Secretário: **Jorge Luiz Antonioli**
2° Secretário: **Albino Arcari**
1° Tesoureiro: **Sérgio Luiz Marca**
2° Tesoureiro: **Geni Ricieri Moschetta**
Diretor Social e Relações Públicas: **José João Dalla Santa**
Diretor de Patrimônio: **Aloir Conte**
Assessores Jurídico: **Flávio Luiz Rauen e Dr. Madelaine Rostirolla**
Diretor de Treinamentos: **Ivete Maria Viccini**
Representante da ACIX junto ao Meio Ambiente: **Celso Cadori**
Representante dos Núcleos Setoriais: **Luciano Buffon**
Conselho Superior: **Bruno Linhares Bortoluzzi, Dalmor Marcos Badotti, Celso Mattiolo e Márcio Vaccaro e Danilo Antonio Vanzin**
Conselho Fiscal - Efetivos: **Joel Pires Viana, Márcio Feiten, Norimar Roberto Fracasso**
Suplentes: **Egídio Botta, Udo Callfass, Edgar Acássio Malize**
Coordenadora da Câmara da Mulher Empresária: **Maria da Glória Ferreira**

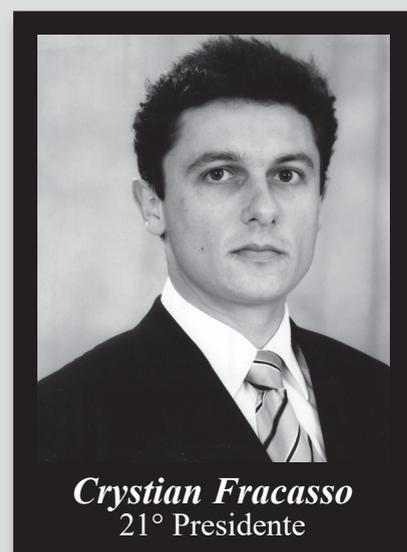


Walter Roque Bracht
20° Presidente

A Trigésima Segunda Diretoria

18 de Novembro de 2002

Presidente: **Walter Roque Bracht**
Vice-Presidente: **Crystian Fracasso**
Diretor Comercial: **Jorge Luiz Antonioli**
Diretor Agropecuário: **Vilmo Roque Orssatto**
Diretor da Classe de Prestação de Serviços: **Estácio Renato Cavalete**
Diretor para Assuntos Internacionais: **Flávio De Marco**
1° Secretário: **Genésio Teo**
2° Secretário: **Antonio Claudio Baldissera**
1° Tesoureiro: **Sadi Rafael Pavan**
2° Tesoureiro: **Jaime Bavaresco**
Diretor Social e Relações Públicas: **José João Dalla Santa**
Diretor de Patrimônio: **Gelder Bavaresco**
Assessores Jurídicos: **Fernando De Marco, Dr. Madelaine Rostirolla**
Diretor de Treinamentos: **Ivete Maria Vicini**
Representante da ACIX junto ao Meio Ambiente: **Adriana Rigatti Fonini**
Representante dos Núcleos Setoriais: **Luciano Buffon**
Conselho Superior: **Dirceu Luiz Tacca, Bruno Linhares Bortoluzzi, Albino Arcari**
Conselho Fiscal - Efetivos: **Joel Pires Viana, Geni Ricieri Moschetta, Edgar Acássio Malize**
Suplentes: **Egídio Botta, Edemar Ferronato, Sérgio Luiz Marca**



Crystian Fracasso
21° Presidente

A Trigésima Terceira Diretoria

20 de Fevereiro de 2004

Presidente: **Crystian Fracasso**
Vice-Presidente: **Genésio Téó**
Diretor Comercial: **Alfredo Moschetta**
Diretor Industrial: **Carlos Antonio Farina**
Diretor Agropecuário: **Vilmo Roque Orssatto**
Diretor da Classe de Prestação de Serviços: **Antonio Silvio Siviero**
Diretor para Assuntos Internacionais: **Walter Hugo Roque Bracht**
Diretora Secretária: **Ivete Maria Vicini**
Diretor Financeiro: **Jaime Bavaresco**
2° Diretor Financeiro: **Joel Pires Viana**
Diretor Social e Relações Públicas: **José João Dalla Santa**
Diretor de Patrimônio: **Aloir Conte**
Assessores Jurídicos: **Dr. Fernando De Marco, Dr. Madelaine Rostirolla**
Diretor de Treinamentos: **Jorge Fernandes Adur**
Diretor das Causas do Meio Ambiente: **Gelder Bavaresco**
Representante dos Núcleos Setoriais: **Orides Arendt**
Conselho Superior: **Walter Roque Bracht, Dirceu Luiz Tacca, Bruno Linhares Bortoluzzi**
Conselho Fiscal - Efetivos: **Albino Arcari, Dalmor Marcos Badotti, Egídio Botta**
Suplentes: **Sadi Rafael Pavan, Jorge Luiz Antonioli, Geni Ricieri Moschetta**

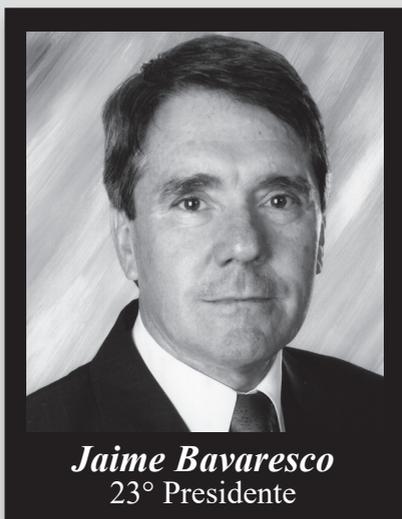


Genésio Téo
22º Presidente

A Trigésima Quarta Diretoria

22 de Novembro de 2006

Presidente: **Genésio Téo**
Vice-Presidente: **Jaime Bavaresco**
Diretor Comercial: **Ivor Lorenzetti**
Diretor Industrial: **Danilo Antonio Vanzin**
Diretor Agropecuário: **Aloir Conte**
Diretor da Classe de Prestação de Serviços: **Antonio Silvio Siviero**
Diretor para Assuntos Internacionais: **Walter Hugo Roque Bracht**
1º Secretário: **Alexandre Domingos Chiarello**
2º Secretário: **Adriana A. Rigatti Fonini**
1º Tesoureiro: **Rogério Binotto**
2º Tesoureiro: **Claudete Luchese**
Diretor Social e Relações Públicas: **José João Dalla Santa**
Diretor de Patrimônio: **Albino Arcari**
Assessores Jurídico: **Fernando De Marco e Dr. Madelaine Rostirolla**
Diretor de Treinamentos: **Jorge Fernandes Adur**
Representante da ACIX junto ao Meio Ambiente: **Gelder Bavaresco**
Representante dos Núcleos Setoriais: **Eurides Boni**
Conselho Superior: **Cristian Fracasso, Walter Roque Bracht, Dirceu Luiz Tacca**
Conselho Fiscal - Efetivos: **Sadi Rafael Pavan, Ivete Maria Vicini, Ademir Barcella, Sérgio Zanella**



Jaime Bavaresco
23º Presidente

A Trigésima Quinta Diretoria

23 de Novembro de 2008

Presidente: **Jaime Bavaresco**
Vice-Presidente: **Ivete Maria Vicini**
Diretor Comercial: **Gelci Moschetta**
Diretor Industrial: **Egídio Botta**
Diretor Agropecuário: **Paulo Callfass**
Diretor da Classe de Prestação de Serviços: **Laerte Weber**
Diretor para Assuntos Internacionais: **Adriano Vanzin**
1º Secretário: **Cláudia Regina Cossanelli Kralil**
2º Secretário: **Vera Ines Fanta Chitolina**
1º Tesoureiro: **Walter Roque Bracht**
2º Tesoureiro: **Claudete Luchese**
Diretor Social e Relações Públicas: **Walter Hugo Bracht**
Diretor de Patrimônio: **Aloir Conte**
Assessores Jurídico: **Felix Dalmut e Dr. Madelaine Rostirolla**
Diretor de Treinamentos: **Jorge Fernandes Adur**
Representante da ACIX junto ao Meio Ambiente Urbano: **Adriana Rigatti Fonini**
Representante da ACIX junto ao Meio Ambiente Rural: **Valmor Pierog**
Conselho Superior: **Cristian Fracasso, Walter Roque Bracht, Dirceu Luiz Tacca**
Conselho Fiscal - Efetivos: **Ademir Barcella, Sadi Rafael Pavan, Vilson Piccoli**
Suplentes: **Rogério Binotto, Antonio Carlos Farina, Dalmor Marcos Badotti**



Madelaine Rostirolla
25° Presidente

A Trigésima Sétima Diretoria

24 de Novembro de 2010

Conselho Superior: **Jaime Bavaresco, Egídio Botta, Sérgio Luiz Marca**

Conselho Fiscal: **Rogério Ricardo Fuhr, Elaine Guarniei e Selito Antonio Bordin**

Diretoria Executiva - Presidente: **Madelaine Rostirolla**

Vice-Presidente: **Jorge Fernandes Adur**

Diretora Administrativo-Financeiro: **Jovilde Girardini**

Diretor Comercial e de Serviços: **Vilmar Calza**

Diretor Industrial: **Belino Dal Magro**

Diretor Agropecuário: **Paulo Callfass**

Diretor Político e Social: **Rogério Binotto**

Diretor de Desenvolvimento Empresarial: **Valmor Pierog**

Diretores Jurídicos: **Fernando De Marco e Laerte Weber**

Diretor Tecnológico: **Luciano Cavichioli**

Diretor do Meio Ambiente: **Adriana Rigatti Fonini**



Vilson Piccoli
26° Presidente

A Trigésima Oitava Diretoria

29 de Novembro de 2012

Presidente: **Vilson Piccoli**

Vice-Presidente: **Oscar Martarello**

Diretor Administrativo-Financeiro: **Elísio Bonan**

Diretor Comercial e de Serviços: **Francisco Ferronato**

Diretor Industrial: **Belino Dal Magro**

Diretor Agropecuário: **Iloir Fonini**

Diretor Político e Social: **José João Dalla Santa**

Diretor de Desenvolvimento Empresarial: **Armando Hacker**

Diretores Jurídicos: **Ana Cecília Sirino e João Marcelo Lang**

Diretor Tecnológico: **Márcio Henrique Locatelli**

Diretor do Meio Ambiente: **Ademir Barcella**



Oscar Martarello
27° Presidente

A Trigésima Nona Diretoria

18 de Novembro de 2014

Presidente: **Oscar Martarello**

Vice-Presidente: **Irineu Altíssimo**

Conselho Superior: **Vilson Piccoli, Genésio Téo e José João Dalla Santa**

Conselho Fiscal: **Rafael Siviero, Ademir Barcella e Neimar Colpani**

Diretoria Executiva:

Diretor Administrativo Financeiro: **Elísio Bonan**

Diretor Comercial e de Serviços: **Francisco Ferronato**

Diretor Industrial: **Belino Dal Magro**



Diretor Agropecuário: **Iloir Fonini**
Diretor Político e Social: **Irene Aparecida e Sá Affolter**
Diretor de Desenvolvimento Empresarial: **Armando Hacker**
Diretores Jurídicos: **Ana Cecília Sirino e João Marcelo Lang**
Diretor Tecnológico: **Leonardo Celli**
Diretor do Meio Ambiente: **Realdo Tavares**



Irineu Altíssimo
28º Presidente

A Quadragésima Diretoria

18 de Novembro de 2016

Presidente: **Irineu Altíssimo**
Vice-Presidente: **Neimar Colpani**
Conselho Superior: **Oscar Martarello, Genésio Téo e José João Dalla Santa**
Conselho Fiscal: **Realdo Tavares, Ademir Barcella e Amauri Friedrich**
Diretoria Executiva:
Diretor Administrativo Financeiro: **Elísio Bonan**
Diretor Comercial e de Serviços: **Ana Paula Dal Magro Folle**
Diretor Industrial: **Adriano Piasseski**
Diretor Agropecuário: **Iloir Fonini**
Diretor Político e Social: **Irene Sá Affolter**
Diretor de Desenvolvimento Empresarial: **Vilson Piccoli**
Diretores Jurídicos: **Ana Cecília Sirino e Madelaine Rostirolla**
Diretor Tecnológico: **Charles Rabaiolli**
Diretor do Meio Ambiente: **Claudio Piva**



Neimar Antonio Colpani
29º Presidente

A Quadragésima Primeira Diretoria

30 de Outubro de 2018:

Presidente: **Neimar Antonio Colpani**
Vice-Presidente: **Realdo Tavares**
Conselho Superior: **Irineu Altíssimo, Oscar Martarello e Genésio Teo**
Conselho Fiscal: **Volmir Detoni, Adrianda Fonini, Ana Paula Dal Magro Folle**
Diretoria Executiva:
Diretor Administrativo-Financeiro: **Elísio Bonan**
Diretor Comercial e de Serviços: **Ademir Barcella**
Diretor Industrial: **Adriano Piaseski**
Diretor Agropecuário: **Romeu Meneguzzi**
Diretor Político e Social: **Irene Sá Affolter**
Diretor de Desenvolvimento Empresarial: **Vilson Piccoli**
Diretores Jurídicos: **Cristiano Toffolo e Madelaine Rostirolla**
Diretor Tecnológico: **Charles Rabaiolli**
Diretor do Meio Ambiente: **Carlos Sthaelin**



Alteração do Estatuto Social

Em 03 de Dezembro de 2002, em Assembleia Geral Extraordinária realizada no sexto andar do Centro Comercial Tiradentes, em Xanxerê, foi aprovada a alteração do Estatuto Social da Associação Comercial Industrial e Agropecuária de Xanxerê - ACIX:

Capítulo I

Artigo 1º - A Associação Comercial Industrial e Agropecuária de Xanxerê - ACIX, fundada em 30 de Agosto de 1970, é uma sociedade civil de duração indeterminada, de intuídos não econômicos, e tem por finalidade principal a defesa dos superiores interesses do município, do estado e do país, em especial, defender, amparar, orientar e coligar as empresas, firmas e pessoas que se dediquem ao comércio, à indústria e às atividades auxiliares em geral de toda a classe produtora.

Artigo 2º - A Associação Comercial Industrial e Agropecuária de Xanxerê, tem personalidade jurídica e distinta dos seus sócios, os quais não respondem subsidiariamente pelas obrigações contraídas pela sociedade.

Artigo 3º - A Associação tem sua sede e foro na cidade de Xanxerê, estado de Santa Catarina, e manterá os órgãos técnicos necessários e os serviços que possam ser úteis às classes que representa. O ano social iniciará em primeiro de Janeiro e terminará no último dia de Dezembro do mesmo ano.

Artigo 4º - Os fins da Associação são:

- a) Congregar as pessoas jurídicas, físicas e profissionais liberais que exerçam atividades empresariais no município de Xanxerê e região;
- b) Promover a união e a solidariedade entre os órgãos representativos do comércio e da indústria do estado e do município;
- c) Manter órgãos de orientação e divulgação. Departamentos e bibliotecas que permitam oferecer aos associados informações de caráter administrativo, jurídico e fiscal;
- d) Corrigir, na medida do possível, todos os dados e elementos relativos aos movimentos comerciais e industriais do município;
- e) Incentivar a indústria do turismo;
- f) Manter intercâmbio e realizar convênios com entidades que lhes sejam afins, empresas e instituições educacionais e tecnológicas, a fim de promover o aprimoramento técnico e empresarial de seus associados;
- g) Coletar dados estatísticos da vida econômica da região;
- h) Prestar outros serviços e tomar iniciativas;
- i) Estimular e operar formas alternativas de solução de conflitos, privados nos limites da legislação, facultada a criação de uma câmara de mediação e arbitragem obedecendo os ditames da lei 9.307-96.

Parágrafo Único - É vedado à Associação participar de qualquer atividade política, partidária e religiosa.

Capítulo II - DO QUADRO SOCIAL

Artigo 6º - O quadro social será constituído de pessoas físicas ou jurídicas, que tendo ou não seu domicílio nessa cidade, se dediquem à atividade econômica ligada ao comércio, indústria, agropecuária e outras atividades econômicas aqui não enumeradas.

Parágrafo Único - Poderão também ser sócios, nas mesmas condições, todas as pessoas físicas, que, por conta própria prestem serviços essenciais aos associados, tais como: contabilistas, advogados, economistas, administradores e outros técnicos especializados em ramos ligados aos objetivos da Associação, sendo que as empresas, pessoas jurídicas, serão representadas perante a Associação, para efeito de voto, por um de seus titulares, gerentes, diretores ou administradores, assim investidos dos poderes inerentes à representatividade empresarial, ficando entretanto, facultado ao sócio, fazer-se representar perante a Associação por instrumento de procuração particular e/ou pública.



Artigo 7º - Não haverá distinção entre sócios quanto aos seus deveres e direitos.

Capítulo VII - DA DIRETORIA

Artigo 19º - A diretoria é o órgão executivo da **Associação** e compõe-se de: 01 presidente, 01 vice-presidente, 01 diretor comercial, 01 diretor industrial, 01 diretor agropecuário, 01 diretor do setor de prestação de serviços, 01 diretor para assuntos internacionais, 01 diretor de treinamento, 02 diretores secretários, 02 diretores financeiros, 01 diretor social e relações públicas, 01 diretor de patrimônio, 02 assessores jurídicos.

Artigo 20º - Compete à diretoria:

I - Dirigir a entidade para a consecução de seus fins.

II - Bem como gerir os interesses econômicos e financeiros da **Associação**.

III - Cumprir e fazer cumprir o Estatuto Social.

Parágrafo Primeiro - O mandato da Diretoria será de 02 anos, terminando em 31 de Dezembro, facultada à reeleição por mais um período.

Parágrafo Segundo - É prerrogativa da Diretoria, criar câmaras e núcleos setoriais de trabalho, nos setores que achar conveniente.

01) Os coordenadores dos núcleos e câmaras serão nomeados a critério da Diretoria, e escolhidos dentro do quadro da **ACIX** e do respectivo segmento.

Artigo 43º - Este estatuto, aprovado na Assembleia Geral Extraordinária, sendo registrado de acordo com a lei, entrará em vigor imediatamente, ficando revogadas as disposições em contrário.

Xanxerê, 03 de Dezembro de 2002, Dirceu Tacca, Diretor-Presidente, Bruno Linhares Bortoluzzi, Diretor-Presidente do Conselho Superior, Joel Pires Viana, Diretor Presidente do Conselho Fiscal. Estatuto Social registrado no Cartório de Registro Civil (Pessoa Jurídica - III, Documentos) Livro A - 10, Folhas 297, Protocolado sob o nº13.545- Sob termo nº 1.567 Xanxerê 12 de Dezembro de 2002, Carmen Castaman Fardo, Oficial do REG. CIVIL

Os valores estatutários da ACIX, também determinam a finalidade da sua existência, e sua missão:

“Estimular o empreendedorismo e o profissionalismo, visando o desenvolvimento socioeconômico do município e região através da representação e suporte de seus 580 Associados”.

E também sua visão: “Ser centro de convergência na tomada de decisões que promovam o desenvolvimento local, atuando como modelo de associativismo”.

Sem com isso deixar de lado seus valores: “Ética, comprometimento, transparência, competência e credibilidade”.



Principais ações, fatos e atos na trajetória da ACIX Associação Empresarial de Xanxerê em 50 anos

1970

Em **05 de Setembro de 1970**, às 13h30min, no escritório da firma **Berto e Cia**, a diretoria e o conselho consultivo reuniram-se para definir a locação de um porão de propriedade do **Sr. Daniel Tonini**, para instalar a sede da associação, e também a contratação de um funcionário para atender o expediente.

Nesta mesma reunião, o sr. presidente consultou os presentes sobre a assinatura das revistas, jornais e boletins, ficando deliberado de se fazer a assinatura dos seguintes: **Diário Oficial da União, Diário Oficial do Estado, Jornal do Comércio, Revista Legislação Catarinense, Revista Imposto Fiscal, e Boletim Fiscal.**

Pediu-se também, a colaboração dos presentes para iniciar a cobrança das joias e mensalidades, e esclarecer aos comerciantes e industriais, sobre os benefícios que a associação trará a estas classes.

Nesta mesma data, foi decidido por enviar-se um ofício ao presidente da **Caixa Econômica Federal**, a fim de se conseguir uma agência para **Xanxerê**.

Em **09 de outubro de 1970**, realizou-se reunião às 20h30min com a finalidade de apreciar a proposta para fabricação dos móveis para a sede da associação. Duas propostas foram examinadas. Uma foi apresentada pelo **Sr. Gentil Costella**, no valor de **CR\$ 1.000,00** (mil cruzeiros), com 30% de entrada, e o saldo em quatro prestações. A outra foi apresentada pelo **Sr. Miesceslau Streciwik**, no valor de **CR\$ 975,00** (novecentos e setenta e cinco cruzeiros), com 25 % de entrada e o saldo em quatro prestações. Submetidas à discussão e votação, aprovou-se a proposta do **Sr. Streciwik**.

O sr. presidente mostrou aos presentes os modelos de faturas, duplicatas e recibos para a cobrança das mensalidades e joias.

Ficou aprovado também, o aluguel do porão dos senhores **Tacca e Tonini**, no valor de **CR\$ 80,00** (oitenta cruzeiros) mensais, cujo contrato entrou em vigor a partir de **15 de Outubro de 1970**.

Em **20 de Outubro de 1970**, os membros da **ACIX - Associação Comercial Industrial de Xanxerê**, reuniram-se para compor uma comissão com a finalidade de acertarem divergência surgida entre as empresas **Indústria de Motores e Máquinas SA** e a firma **S.L Bedin**. A comissão foi formada pelos senhores **Arlindo Antonioli, Geni Moschetta e Nadir Domingos Berto**.

Em **1º de Dezembro de 1970**, o **Sr. Presidente Nadir Domingos Berto** esclareceu que manteve contato com o gerente do **Banco do Brasil S.A**, em **Xanxerê**, e este disse que há possibilidades de financiamento para fins industriais e o **Sr. Saturnino de Almeida**, afirmou que com este empréstimo, poderia fazer a ampliação de sua empresa, abrindo vagas de trabalho para 20 moças, e que o financiamento pretendido, seria da ordem de **CR\$ 23.000,00** (vinte e três mil cruzeiros), esclarecendo ainda que sua indústria poderia ser equiparada com as melhores do gênero no **Brasil**.

Em **18 de Dezembro de 1970**, foi nomeada uma comissão para tratar junto ao delegado do imposto de renda em **Joaçaba**, para manter o posto da **Receita Federal em Xanxerê**, haja vista circularem boatos de que o posto seria fechado no ano seguinte e que seria aberta uma agência da **Receita Federal em Chapecó**.

A mesma comissão trataria junto ao **INPS**, para aumentar o número de consultas médicas diárias para os associados da **ACIX**.

Formou-se também uma comissão para ir até **Videira**, tratar junto à **Perdigão S/A**, para verificar as possibilidades da instalação de uma filial em **Xanxerê** daquela indústria.

O **Sr. Rovilho Bortoluzzi**, membro da associação, sugeriu que se enviasse um telegrama ao **Exmo. Sr. Ministro dos Transportes e Diretor do DNER**, em **Florianópolis**, para melhorar os trechos da **BR - 282 - Xanxerê a Joaçaba e Xanxerê a Xaxim**, sugestão que foi aprovada por unanimidade.



1971

Em **25 de Fevereiro de 1971**, os associados da **ACIX** compuseram uma comissão para ir a **Blumenau** a fim de contactar com empresas, buscando incentivar a criação de novas indústrias, principalmente para a industrialização do milho para extração dos diversos subprodutos do mesmo.

Foi realizada reunião sobre o aluguel da sala onde funcionava o posto da **Receita Federal**, que foi pago pela **Prefeitura Municipal de Xanxerê** até 31 de Dezembro de 1970.

A **ACIX** participou da organização da festa comemorativa ao **17º Aniversário de Emancipação Político-Administrativa de Xanxerê**.

Em **20 de Maio de 1971**, a diretoria da **ACIX** reuniu-se com a presença dos convidados **Sr. Lauro Correia** e **Günter F. Westerich**, para tratar da construção de um prédio para a **Agência dos Correios e Telégrafos em Xanxerê**. O objetivo dos convidados era solicitar aos associados da **ACIX**, apoio para conseguir junto a Prefeitura Municipal a doação de um terreno para construção do prédio.

O **Sr. Nadir Berto** explicou que foi informado que a prefeitura municipal não tinha condições de fazer a doação do terreno, mas que já havia enviado ofício ao prefeito, propondo que a prefeitura tomasse a iniciativa da aquisição de um terreno para tal fim.

Em **09 de Agosto de 1971**, encaminharam-se um ofício e relatório ao **Exmo. Secretário dos Negócios da Fazenda do Estado de Santa Catarina** e **Presidente do FUNDESC**, pedindo aprovação para o projeto do frigorífico **SEARA SA**, sobre implantação de uma indústria em **Xanxerê**.

O **Sr. Antonio Pompermayer, Prefeito Municipal de Xanxerê**, presente na reunião, sugeriu que fosse solicitado ao engenheiro agrônomo da **ACARESC**, para que o mesmo elaborasse um relatório sobre a produção de milho, trigo, feijão e outros produtos do município de **Xanxerê**, comercialização dos produtos agrícolas, energia elétrica e demais dados necessários que serviriam para orientação sobre as possibilidades de aprovação do referido projeto do **Frigorífico SEARA SA**.

Ficou aprovado entre o prefeito municipal, presidentes do **Rotary Club, Lions, ACIX** e **CDL**, que caso o **FUNDESC** não aprovasse o projeto, as entidades acima e a prefeitura municipal se comprometeriam a reembolsar ao frigorífico **SEARA SA**, 50 % das despesas efetuadas no projeto.

Em **30 de Dezembro de 1971**, os membros da diretoria da **ACIX**, enviaram telegramas aos: **Ministro da Fazenda, Antonio Delfin Neto, Presidente da República, Presidente do Banco do Brasil SA, Diretor da Sexta Região do Banco do Brasil SA, Federação das Indústrias de São Paulo, Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul**, cópia ao jornal **Correio do Povo, Estado de São Paulo, Jornal de Santa Catarina**, às associações comerciais industriais do **Oeste Catarinense** e ao jornal local **Imprensa do Povo**.

O telegrama apresentava o seguinte conteúdo: "Tendo em vista a taxa elevada de juros do **PASEP**, para 34,64 % (órgão de financiamento do **Banco do Brasil SA**), esta irá acarretar grandes prejuízos ao comércio e indústria da região.

Declaramos que nesta hora que Vossa Excelência anuncia a redução de taxas de juros, enfatizando o acerto da política econômico-financeira do Governo Federal, fomos surpreendidos com a informação da agência local do **Banco do Brasil SA**, quanto à majoração da taxa de conexão monetária incidente nos financiamentos oriundos do **Programa de Informação de Patrimônio do Servidor Público (PASEP)**, que somados aos juros normais cobrados pelo banco, atingiu o total de 34,64 %, correspondente a quase 3% ao mês. Percentual este, de cunho altamente inflacionário e prejudicial ao desenvolvimento das atividades da indústria e do comércio, além de constituir um fator de reflexos negativos junto às firmas que assumiram elevados compromissos nessa faixa creditícia.

Confiantes de que a tendência daqueles ônus, seria de acompanhar a redução da espiral inflacionária que está ocorrendo no país, ao invés de quase duplicar-se em menos de um ano, conforme a realidade se apresenta, e confiantes também de que a alta relevância do assunto merecerá de Vossa Excelência o apoio de que as classes produtoras tanto necessitam, apresentamos as nossas mais respeitadas e cordiais saudações".



Nesta mesma reunião, em tempo, foi aprovado envio de requerimento ao **Secretário da Fazenda do Estado de Santa Catarina**, para que tomasse providências para locação de um novo prédio para funcionamento da **Exatoria Estadual** de nossa cidade, devido ao precário estado em que se encontrava o existente.

1972

Em **1972**, a **ACIX** foi informada da instalação de uma fábrica de cerâmicas em **Xanxerê**, que produziria principalmente tijolos e telhas, cujo investimento seria de **CR\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros)**.

Discutiu-se a possibilidade de ser instalada em **Xanxerê** uma fábrica de **Óleo de Soja**.

No dia **21 de Março de 1972**, a diretoria da **ACIX** recebeu o **Pastor Daltro Tobin**, para que fizesse uma explanação a respeito do projeto "**Pão Para o Mundo**". Este projeto, que contava com a ajuda externa do governo alemão, seria para instalar uma **Escola Agrícola em Xanxerê**, a qual teria **75 % de verbas** oriundas do governo alemão, e **25 %** de contribuição de investimento local.

Foi comunicado em reunião, através do **Prefeito Municipal Antonio Pompermayer**, que já estava à disposição o terreno necessário para a instalação da indústria frigorífica **SEARA Avícola Xanxerê SA**.

1973

A **ACIX** enviou ofício à **Secretaria de Educação e Cultura**, solicitando a instalação de uma **Escola Agrícola em Xanxerê**.

Em **12 de Abril de 1973**, a **ACIX** se inscreveu na **FACISC (Federação das Associações Comerciais de Santa Catarina)**.

Em **27 de Abril de 1973**, a **ACIX** recebeu em reunião **Otto Fortes**, para explanar sobre circular recebida do **Instituto Nacional de Previdência Social, Superintendência Regional de Santa Catarina**. O mesmo falou sobre o encontro dos **Superintendentes do INPS** e sobre a produção industrial de **Xanxerê**.

Em **16 de Maio de 1973**, a **ACIX** discutiu a incidência do **ICM** sobre o milho e convidou **José Alberto Mendes, Presidente do Banco do Brasil**, para explanar sobre o assunto.

Em **03 de Julho de 1973**, um dos assuntos tratados na reunião foi a indicação de um preposto da **Junta Comercial do Estado**, a fim de atender os contribuintes desta região, composta dos seguintes municípios: **Xanxerê, Faxinal dos Guedes, Vargeão, Ponte Serrada, Xavantina, Seara, Abelardo Luz, São Domingos, Galvão, São Lourenço do Oeste, Quilombo e Xaxim**, região esta que está subordinada ao posto da **Receita Federal de Xanxerê**.

Argumentou-se sobre o grande benefício que o preposto da **Junta Comercial** traria aos contribuintes, comércio e indústria que necessitavam de rubrica de livros, registro de firmas e tantos outros documentos que dependem da **Junta Comercial**. Com um preposto aqui, evitariam-se despesas e demora no andamento dos documentos. Os presentes aplaudiram as palavras do **Sr. Nadir Domingos Berto**, e declararam inteiro apoio àquela iniciativa.

Em **24 de Agosto de 1973**, em reunião, foi proposto uma comissão para tratar do desfile alusivo ao **Dia da Independência do Brasil**. Na mesma reunião, foi lido um ofício recebido do **Deputado Federal João Linhares**, com deferência à criação de uma agência da **Caixa Econômica Federal** para **Xanxerê**.



Em **04 de Setembro de 1973**, o **Presidente Arno Vivan** colocou em votação as taxas de mensalidade e joias:

- 1 - Empresas com faturamento anual de **CR\$ 50.000,00** (cinquenta mil cruzeiros), joia de **CR\$ 100,00** (cem cruzeiros), mensalidade **CR\$ 20,00** (vinte cruzeiros).
- 2 - Empresas com faturamento anual de **CR\$ 50.000,00** (cinquenta mil cruzeiros) a **CR\$ 200.000,00** (duzentos mil cruzeiros), joia de **CR\$ 200,00** (duzentos cruzeiros), mensalidade de **CR\$ 30,00** (trinta cruzeiros).
- 3 - Empresas com faturamento anual de **CR\$ 200.000,00** (duzentos mil cruzeiros) a **CR\$ 500.000,00** (quinhentos mil cruzeiros), joia de **CR\$ 400,00** (quatrocentos cruzeiros), mensalidade de **CR\$ 40,00** (quarenta cruzeiros).
- 4 - Empresas com faturamento anual de **CR\$ 500.000,00** (quinhentos mil cruzeiros) a **CR\$ 2.000.000,00** (dois milhões de cruzeiros), joia de **CR\$ 600,00** (seiscentos cruzeiros), mensalidade de **CR\$ 50,00** (cinquenta cruzeiros).
- 5 - Empresas com faturamento anual de **CR\$ 2.000.000,00** (dois milhões de cruzeiros) a **CR\$ 5.000.000,00** (cinco milhões de cruzeiros), joia de **CR\$ 800,00** (oitocentos cruzeiros), mensalidade de **CR\$ 60,00** (sessenta cruzeiros).
- 6 - Empresas com faturamento anual de **CR\$ 5.000.000,00** (cinco milhões de cruzeiros) acima, joia de **CR\$ 1.000,00** (mil cruzeiros), mensalidade de **CR\$ 100,00** (cem cruzeiros).

1974

Em **05 de Abril de 1974**, a ACIX convidou o então gerente do **Banco do Brasil Henrique Richecast**, para explicar sobre operações suspensas.

Em **17 de Abril de 1974**, reuniram-se gerentes dos bancos solicitando um extra-limite transitário de descontos.

Em **01 de Outubro de 1974**, ACIX e CDL solicitaram a não cobrança de taxas monetárias, principalmente as cobradas pelo **PASEP**, no decorrer de 1974.

A ACIX enviou ofício ao **Governador Antonio Carlos Konder Reis** e ao **Deputado Federal João Candido Linhares** para que intercedessem para instalar a agência da **Caixa Econômica Federal** em **Xanxerê**.

1975

Em **25 de Fevereiro de 1975**, a ACIX solicitou reforma da estrada **Xanxerê / SC - Rincão Torcido / PR**, e apoiou projeto para doação de terrenos para incubatórios e granjas.

Em **25 de Abril de 1975**, os membros da diretoria da **Associação Comercial Industrial de Xanxerê**, decidiram criar uma comissão para contatar o prefeito municipal, solicitando que fosse doado um terreno para a construção da sede da ACIX, em conjunto com o CDL”.

Em **13 de Maio de 1975**, o **Sr. Ary Bossini** prestou oportunos esclarecimentos a todos os presentes, sobre os trabalhos da comissão encarregada para a criação da faculdade no município de **Xanxerê**.



Definiu-se também pelo envio de um ofício ao **Governador Antonio Carlos Konder Reis**, solicitando para que fosse instalada na cidade de **Xanxerê**, uma das três **Escolas Agrícolas** criadas pelo **Governo Federal**.

No dia **1º de Setembro de 1975**, discutiu-se a ideia de realizar-se uma rifa, com a finalidade de angariar fundos para a construção da sede própria da **ACIX**. Após vários debates, foi aprovada a sugestão por unanimidade, sendo sugerida a entrega dos seguintes prêmios:

- 1º - Automóvel **Ford Corcel 0 Km Luxo**, que seria entregue a preço de custo conforme promessa do gerente da empresa **Berto e Cia Ltda**.
- 2º - Televisor preto e branco 24 polegadas.
- 3º - Churrasqueira a gás, doada pela firma **Pauli Indústria Metalúrgica Ltda**.
- 4º - Fogão a gás.
- 5º - Bicicleta.

Serão vendidas duzentas cartelas contendo cinco números cada, ao preço de **CR\$ 500,00** (Quinhentos cruzeiros). O sorteio ocorrerá pela **Extração de Natal**, da **Loteria Federal do Brasil**.

Valendo para efeito da presente rifa, a centena da **Loteria Federal**, do primeiro ao quinto prêmio.

Foi doado também pela empresa de **Antonio Ogliari e Filhos**, um saco de farinha de trigo de primeira qualidade.

A rifa mencionada será lançada em conjunto com o **Clube dos Diretores Lojistas de Xanxerê**.

A **ACIX** nomeou membro para representá-la na **Comissão de Indústria, União e Desenvolvimento de Xanxerê (UDEX)**.

1976

Em **26 de Fevereiro de 1976**, a diretoria recebeu em reunião o **Major Valmor Machado**, interventor da **Cooperativa Mista Agrícola Regional Pindorama Ltda**, para se inteirarem dos problemas financeiros da cooperativa.

1978

Em **03 de Março de 1978**, a diretoria estabeleceu os preços das mensalidades e joias aos associados, classificando as empresas em três categorias: pequenas, médias e grandes, sendo estabelecido o valor de **CR\$ 50,00** (cinquenta cruzeiros) para pequenas empresas, **CR\$ 100,00** (cem cruzeiros) para médias empresas e **CR\$ 150,00** (cento e cinquenta cruzeiros) para grandes empresas.

O **Sr. Américo Paludo** deu ampla explanação sobre as finalidades e poderes que tem uma **Associação de Classe**, principalmente a **ACIX**, bem como da necessidade que ela tem em manter intercâmbio com as demais congêneres do país.

O **Sr. Arno Vivan** propôs a aquisição de um terreno para construção de sede própria da **ACIX**. O sr. presidente informou já ter mantido entendimentos com o prefeito para aquisição do antigo prédio do **Correio**.

O **Sr. Nadir Domingos Berto** conclamou a todos os associados para que se unissem em favor da associação, colaborando com sua diretoria, para que fossem alcançados os objetivos sociais.

Em **07 de Março de 1978**, o presidente da **ACIX**, **Mário Casanova**, informou que a arrecadação da associação foi de **CR\$ 4.750,00** (Quatro mil, setecentos e cinquenta cruzeiros).

Em **23 de Abril de 1978**, a **ACIX** recebeu correspondência do **BADESC (Banco de Desenvolvimento de Santa Catarina)**, oferecendo financiamento às empresas interessadas.

A **ACIX** participou de caderno editado pelo jornal **Diários Associados**, intitulado "**Santa Catarina de Ontem e de Hoje**".



Em **28 de Julho de 1978**, ACIX e CDL solicitaram tolerância de 15 dias para pagamentos de duplicatas ao **Banco do Brasil**.

Em **10 de Agosto de 1982**, o presidente **Loacir Angelo Celli** lembrou que no presente mês, em **30 de Agosto de 1970**, foi fundada a ACIX, e que esta estaria completando 12 anos de fundação.

A diretoria propôs que se providenciasse uma sala para funcionamento da sede da associação, e também divulgação através da imprensa, conclamando para que o comércio e indústria procurassem a associação e providenciassem listagem de associados para enviar à junta comercial do estado, a fim de que fosse autorizado o preposto em **Xanxerê**, a receber contratos e alterações contratuais para registro sem a dependência de envio direto à **Florianópolis**.

1982

Em **Setembro de 1982**, a ACIX descreveu em ata que sua sede era em uma sala alugada e que a associação possuía: uma mesa, duas cadeiras, uma máquina de escrever e um armário.

Em **29 de Setembro de 1982**, o assunto foi a aquisição de 50 % de um telégrafo que está em poder do CDL (**Clube dos Diretores Lojistas**), com pagamento de duas parcelas no valor de **CR\$ 53.375,00** (Cinquenta e três mil, trezentos e setenta e cinco cruzeiros).

1983

Em **21 de Julho de 1983**, reuniram-se os membros componentes da ACIX e foi apresentado pelo **Sr. Loacir A. Celli**, presidente, os telex e ofícios recebidos de vários órgãos colocando-os a par da real situação do nosso Estado, dada as fortes chuvas que aconteceram nos últimos dias.

Nesta mesma reunião, foi sugerido um trabalho junto ao SENAI para conseguir a realização de um curso sobre “**MOTORES A DIESEL**”, em nossa cidade.

Foi apresentado o **Termo de Convênio da Junta Comercial do Estado de Santa Catarina**, referente à instalação do **Posto** que atenderia junto à ACIX.

Foi proposta a criação de uma “**Comissão de Trabalho**” para participar da “**2ª Feira Estadual do Milho – FEMI**”, que seria realizada de **26 de Abril a 06 de Maio de 1984**.

O **Sr. Presidente Norimar Fracasso** apresentou à diretoria da ACIX a viabilidade de comprar móveis, uma geladeira e uma calculadora para a sala da ACIX.

O **Sr. Afonso Lamark Junior, Consultor do CEAG/SC (Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina)** informou que foi formada a **Associação das Indústrias Gráficas e Associação das Oficinas Mecânicas de Xanxerê**.

Informou também que o **CEAG** é um órgão mantido pelo **Governo Federal e Governo Estadual** e explicou o projeto microrregional e outros projetos para o município de **Xanxerê**.

1985

Em reunião realizada no dia **25 de Setembro de 1985**, no **Centro Administrativo Municipal**, o **Sr. Norimar Roberto Fracasso** divulgou que foi solicitado aos órgãos competentes a instalação de uma **Agência do INAMPS**, o término da **Usina Manella**, e a expansão da **Faculdade de Chapecó** para **Xanxerê**.



Foi realizada uma reunião com os ervateiros sobre a viabilidade da instalação de uma fábrica de embalagens de papel na região, onde seriam os próprios ervateiros, seus acionistas.

Em conjunto com a prefeitura e **Secretaria da Indústria e Comércio**, discutiu-se a realização de um jantar para entrega de **Diplomas do Movimento Econômico**, apresentação do perfil da **Indústria de Sabão e Detergente**, e entrega do **Diagnóstico da Árvore de Produtos de Xanxerê**.

Foi informada a realização de curso de atualização de **Vendedores**, ministrado pela **CEAG**.

Foi adquirido aparelho de telex para a **ACIX**, ao custo de **CR\$ 55.000,00** (Cinquenta e cinco mil cruzeiros) que seria rateado entre os interessados e que em contato com a **Embrastel de Lages**, e que seria instalado até o final de **1985**. Informou-se sobre a realização de um curso de **Linguagem Básica de Micro Computadores**.

Discutiu-se a possibilidade da instalação de um canal da **TV Planalto**, e que se fosse pago o valor de **CR\$ 150 (cento e cinquenta milhões de cruzeiros)**, ela devolveria o investimento em propaganda, e seria a tentativa de se trazer uma estação em caráter experimental. Ficou decidido contatar o **Governador** para pressioná-lo a liberar a instalação de um canal em **Xanxerê**.

Foi contatado o **Ministro da Educação** sobre curso de **Economia** em **Xanxerê**, a partir de **1986**.

O **Sr. Pedro Vaccaro** sugeriu que se formasse uma comissão para exigir das autoridades competentes a construção de uma rua paralela a **BR 282**, desde a **Perdigão** até a **Rua Victor Konder**, devido aos vários acidentes que vinham ocorrendo na BR, e também, a pintura da faixa na BR para a travessia de pedestres.

Um grupo de artistas e artesões locais sugeriram a realização da **1ª Feira de Artes e Artesanato Lauro Sant'Anna** na **3ª FEMI**, homenageando este importante artista plástico e desenhista. Ainda sobre a **FEMI**, sugeriu-se entrada franca para atingir um público de **100 mil visitantes**.

Foi recebido do **CEAG**, informações sobre os cursos:
Março – **Imposto de Renda Pessoa Jurídica**;
Abril – **Vendedor Lojista**;
Maio – **Treinamento para Secretária**;
Junho – **Legislação Trabalhista**;
Agosto – **Redução de Custos de Energia Elétrica na Empresa**;
Setembro – **Operador de Máquinas Agrícolas**;

Discutiu-se sobre as manifestações contrárias à extinção da microrregião do **Alto Irani (AMAI)**.

O presidente da **FACISC**, **Sr. Francisco Mostella**, esteve na **ACIX** falando sobre dívida catarinense e brasileira e especialmente sobre o **Plano Cruzado**.

1986

Em **13 de Abril de 1986**, em jantar especial, foi feito o lançamento do **Primeiro Boletim Informativo da ACIX**, destacando a empresa **Celli e Cia**, nesta primeira edição.

O presidente da **ACIX**, **Gelson Merísio**, convidou os associados para participarem do **Congresso de Associações** que seria realizado em **Brasília**.



1987

Comunicou-se em **08 de Maio de 1987**, a instalação de uma unidade do **SESI (Serviço Social da Indústria)** em **Xanxerê**.

Solicitou-se o envio de **Telex** ao **Banco Central** para que fornecessem informações mais precisas e urgentes aos bancos para que soubessem como proceder com os altos juros, e também aos ministros da área econômica, um estudo para baixar os juros, e apresentação de uma solução urgente para minimizar os problemas dos pequenos empresários.

Foi decidido organizar uma reunião com todas as lideranças da sociedade para uma campanha em prol da construção de uma cadeia pública.

Aos **03 dias** do mês de **Agosto de 1987**, foi criada a **Comissão Pró-Construção do Presídio de Xanxerê**, com a participação do **PMBD, OAB, Cajurê, ACIX, Rotary, PFL, Lions, PDS** e **CDL**.

Em **21 de Setembro de 1987**, foi realizada reunião para decidir a respeito da **4ª FEMI**.

Neste mesmo ano, sugeriu-se a instalação de aparelho para captar sinal da **Rede Manchete em Xanxerê**.

Campanha para conscientizar as pessoas a fazerem suas compras em **Xanxerê** e campanha para limpeza e embelezamento da cidade.

Placa de prata para homenagear aos primeiros classificados do **Movimento Econômico** no setor da **Indústria, Comércio, Prestação de Serviços e Agropecuária**.

Foi explanado assunto para instalação de uma sucursal da **RBS TV**.

1988

Em **Janeiro de 1988**, o **Sr. Presidente José João Dalla Santa** falou da participação da **ACIX** em reunião da **FA-CISC**, e que **Benjamin Menegolla**, diretor da **Trukam**, patrocinaria os carnês de mensalidades da **ACIX**.

O presidente também apresentou o cronograma de atividades para a gestão de **1988**. Falou sobre o curso de **Recepcionista** que seria realizado pelo **SENAC**.

Definiu-se que a **ACIX** não apoiaria nenhuma sigla partidária nas eleições.

Darci Gehlen comentou a respeito do canal do **Rio Xanxerê**, no trecho da **Rua Victor Konder**, próximo ao **Posto Sgarbossa**, cuja construção precisaria ser solicitada ao prefeito.

O **Sr. Pedro Vaccaro** ressaltou que as estradas do interior estavam em péssimo estado.

Em **01 de Fevereiro de 1988**, a diretoria ouviu solicitação de apoio para construção de uma fábrica de doces no município. Decidiu-se apoiar a construção de uma área de lazer para as oficinas, em terreno doado pela prefeitura na área industrial.

Nesta mesma reunião, solicitou-se por parte dos Associados, a permanência da **Unidade Odontológica do SESI em Xanxerê**; fizesse uma campanha junto com o **CDL (Clube dos Diretores Lojistas de Xanxerê)**, para que a população faça suas compras em nossa cidade; campanha para limpeza e embelezamento da cidade; Viabilização de convênios médicos, farmácia, dentistas e laboratórios através da **ACIX**.

Aloir Conte falou sobre o precário atendimento realizado pelo hospital.

Valdir L. Bortoluzzi sugeriu a vinda para Xanxerê da sucursal de um grande jornal com grande tiragem.

Em **03 de Fevereiro de 1988**, o assunto tratado foi o grande número de “crianças de rua”. Sugeriu-se que fosse feito um cadastro na **Polícia Civil** e procurados os pais ou responsáveis, buscando matriculá-los nas escolas em um período, e que no outro, elas ficassem nos **SEBENS**. Caso o fluxo de menores nas ruas não diminuísse, os pais seriam responsabilizados criminalmente.



Em **03 Março de 1988**, a **ACIX** participou de reunião da **FACISC**, em **São Miguel do Oeste**. O **Vice-Presidente Aldo Brandalise** informou que o **Boletim Informativo** da **ACIX** teria como **Empresa Destaque** a **Agropecuária Oeste LTDA**.

Seria realizada palestra com o **Sr. Milton Fett**, sobre o tema "**Atualidade**".

Seria entregue placa de prata aos primeiros classificados no **Movimento Econômico** nos setores da **Indústria, Comércio, Prestação de Serviços e Agropecuária**.

Envio de correspondência à prefeitura solicitar melhorias na limpeza das ruas da cidade.

Foram programados os seguintes cursos:

- 1 - **Vendas**;
- 2 - **Solução de Problemas e Tomadas de Decisões**;
- 3 - **Desenvolvimento Gerencial**;
- 4 - **Prevenção de Acidentes**;
- 5 - **Técnica de Vendas**;
- 6 - **Técnica de Atendimento Público**;

Assunto final: instalação de sucursal da **RBS TV** em **Xanxerê**.

Em **07 de Março de 1988**, o assunto da reunião foi a transferência da **Indústria de Alimentos LTDA**, fábrica de doces de **Pato Branco**, para **Xanxerê**, cuja matéria-prima eram frutas.

Formou-se uma comissão para visitar a empresa, e ver da possibilidade de formar um grupo para a aquisição desta.

Em **10 de Março de 1988**, as diretorias da **ACIX** e do **CDL** reuniram-se no gabinete do **Prefeito Municipal Doílio Moschetta**, com a finalidade de convidar as autoridades para que recepcionassem o presidente da **FIESC** e sua comitiva, e entregar correspondência convidando o ilustre presidente da **FIESC** para proferir palestra em reunião festiva da **ACIX**.

Em **03 de Abril de 1988**, o assunto da reunião foi a possível instalação de fábrica de papel em **Xanxerê**, término do curso de **Mecânica Diesel**, solicitação de mais cursos oferecidos pelo **SENAC**, solicitação ao **INAMPS** para credenciar mais um laboratório de **Análises Clínicas** em **Xanxerê**. **White Martins** demonstrou interesse em instalar-se em **Xanxerê**.

Em **18 de Julho de 1988**, a **Diretoria da ACIX**, **CDL** e associações de classe, reuniram-se com os gerentes de bancos para manutenção de horário bancário que estava prestes a ser reduzido.

Em **20 de Agosto de 1988**, a **ACIX** solicitou ao **Vice-Governador Jorge Bornhausen**, a liberação de **2000** terminais telefônicos para atender a demanda das indústrias de **Xanxerê**.

Lions Clube pede colaboração da **ACIX** para campanha de compra de aparelho para testes de diabetes.

A **ACIX** solicitou instalação da escola do **SENAI** e **SESI** para **Xanxerê**.

Em **21 de Novembro de 1988**, a **ACIX** solicitou curso de **Datilografia** através do **SENAC**.

A **ACIX** recebeu o **Tenente Olivar** para saber sobre o andamento da construção do prédio para a **Polícia Militar**.

Em **12 de Dezembro de 1988**, a **ACIX** enviou mensagem de **Natal** aos xanxerenses através das rádios **Princesa e Difusora**.



1989

Em **Janeiro de 1989**, a **ACIX** enviou telex ao **Ministro da Fazenda e Agricultura**, solicitando que o **Governo Federal** efetuasse o pagamento do trigo aos produtores.

A **ACIX** solicitou à **Prefeitura Municipal de Xanxerê** para que resolvesse problema de telefone para o **2º Pelotão da Polícia Militar**.

A **ACIX** solicitou apoio ao turismo local.

Em **13 de Abril de 1989**, a **ACIX** escolheu a empresa **Vanzin Industrial Auto Peças** como **Empresa Destaque** e divulgou essa escolha em seu **Boletim Informativo**.

A **ACIX** organizou jantar festivo no **Clube Xanxerense** para inauguração da **Agência do SENAI** junto à **CELESC**.

A **ACIX** solicitou mais energia para a expansão da empresa **Ferro-Ligas**.

A **ACIX** formou uma comissão para agilizar a instalação de uma **Junta de Conciliação e Julgamento**.

Em **05 de Junho de 1989**, a **ACIX** colaborou com a **17ª UCRE** para aquisição de máquina de costura para escola/comunidade.

A **ACIX** participou da **Campanha do Agasalho**.

A **ACIX** solicitou ao prefeito a reativação da **Secretaria da Indústria e Comércio**.

A **ACIX** reuniu-se com o **Sindicato dos Produtores Rurais**, buscando apoiar os seus protestos através de um protocolo pacífico, onde os produtores realizariam desfile com suas máquinas protestando contra o baixo preço da soja.

Em **17 de Julho de 1989**, os Associados solicitam e diretoria determina que **Telex da ACIX** passe a ficar ligado também durante a noite, sendo desligado somente nos finais de semana.

ACIX enviou correspondência ao **Coronel João Lazaro, Comandante da Polícia Militar de Santa Catarina**, pedindo investimento no **Quartel**.

A **ACIX** solicitou sinalização aos acessos, ruas paralelas e trevos para o **Parque da FEMI**.

A **ACIX** enviou pedido ao **Deputado Federal Valdir Colatto** para que incluísse, no orçamento do congresso, a conclusão das obras viárias do **Oeste Catarinense**.

A **ACIX** solicitou a criação de **Corpo de Bombeiros** anexo ao **2º Batalhão**.

A **ACIX** foi informada da concessão da **RCE TV Xanxerê LTDA**, pela qual se empenhou.

Em **06 de Novembro de 1989**, a **ACIX** participou da **Comissão Organizadora da 5ª Festa Estadual do Milho (FEMI)**.

A **ACIX** propôs a criação de um **Plano Diretor** para a cidade, a fim de que as empresas e indústrias não sejam construídas em áreas residenciais.

A **ACIX** solicitou que o **Fórum da Comarca** passe a pertencer à **4ª Entrância** e assim instalar mais uma vara **Civil e Criminal**.

1990

Em **11 de Abril de 1990**, a **ACIX** solicitou doação de terreno para construção de sua sede.

Comprou espaço para divulgação da **ACIX** no **Jornal Folha do Alto Irani**.

A **ACIX** organizou reunião da **FACISC** em **Xanxerê** para a data 22 e 23 de Junho.

A **ACIX** preparou lançamento do **Jornal da ACIX**.

A **ACIX** participou da criação de **Balcão de Empregos**.



Em **09 de Julho de 1990**, a ACIX promoveu curso de **Expressão Verbal e Oratória**.
A ACIX solicitou trevo de acesso a **Xanxerê** pela **Avenida Brasil**.
Foi criada comissão para elaborar novo Estatuto e atualizá-lo.
A ACIX comprou máquina fotocopadora.
A ACIX participou da definição de área territorial da **SADIA Agroindustrial LTDA**, antes situada em **Faxinal dos Guedes**, mas, após contestação, definiu-se que a mesma ocupava 55% de área em **Faxinal dos Guedes** e 45% em **Xanxerê**.

Em **20 de Agosto de 1990**, a diretoria da ACIX solicitou reunião com o **BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social)**, quando da vinda de seus técnicos a **Xanxerê** para informar sobre financiamentos.

Em **20 de Setembro de 1990**, a ACIX contratou o **Advogado Flavio Luiz Rauen** para atender interesses da ACIX e seus **Associados**.

Em **15 de Outubro de 1990**, a ACIX promoveu curso de **Oratória, Gerenciamento** e curso para **Garçons**.
A ACIX recebeu o **Dr. Jorge Streciwik** para explicar sobre medicina do trabalho.

1991

Em **11 de Junho de 1991**, a ACIX pediu esclarecimento à **Secretaria da Agricultura** sobre a venda de carne sem fiscalização em **Xanxerê**.

A ACIX apoiou a criação e instalação do **Sindicato da Construção Civil**.

Em **25 de Junho de 1991**, a **FIESC** solicitou sugestões da ACIX para elaborar a **Nova Lei de Falência e Concordatas**.

A ACIX solicitou melhorias nos trevos e sinalizações da **BR - 282** em **Xanxerê**.

A ACIX se organizou para comprar um andar do **Centro Comercial Tiradentes** em parceria com o **CDL**.

Em **01 de Julho de 1991**, a ACIX, **Prefeitura Municipal** e **Câmara de Vereadores**, solicitaram a permanência da **Delegacia Regional, ACARESC, CIDASC e IPESC** em **Xanxerê**.

A ACIX solicitou à prefeitura que explanasse sobre os trabalhos a serem desenvolvidos na **6ª FEMI**.

Em **10 de Julho de 1991**, a ACIX iniciou discussão sobre a instalação da faculdade **FUNDESTE** em **Xanxerê**.

A ACIX incentivou seminário sobre **Habitação** na microrregião da **AMAI**.

Em **05 de Agosto de 1991**, a ACIX se organizou para participar do desfile cívico em **07 de Setembro** com um carro alegórico representando todas as atividades desenvolvidas na **Associação Empresarial de Xanxerê**.

“No dia **23 de Setembro de 1991**, os associados da ACIX reuniram-se na sede social do **Clube dos Diretores Lojistas de Xanxerê, CDL** para, em assembleia, definir sobre a aquisição de uma sala comercial, no **Edifício Tiradentes**, em nossa cidade. Depois de uma detalhada explanação técnica e do projeto, feita pelo **Sr. Bianor Trevisol Seibt**, onde os senhores associados questionaram vários aspectos da obra, sendo esclarecidos a contento, foi proposto a aquisição de um andar do prédio **Tiradentes**, em conjunto com **CDL, UDR** e **Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e Mecânicas**. Colocada a proposta em votação, sendo aprovada a aquisição por aclamação.

“Nesta reunião, o **Sr. Ademir Tadeu de Oliveira, Delegado**, se manifestou dando informações sobre sonegação fiscal e a emissão de cupom”.

Em **14 de Outubro de 1991**, a ACIX pediu esclarecimentos aos **Engenheiros da Prefeitura** sobre a problemática das enchentes em **Xanxerê**.

Em **11 de novembro de 1991**, a ACIX se manifestou pedindo explicações a respeito do fechamento dos Postos da **Polícia Rodoviária Federal** e das balanças.

A ACIX solicitou ao **DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem)** mais cuidado com a segurança nos trevos de acesso de **Xanxerê**.



Em **25 de novembro de 1991**, a ACIX e o CDL colaboraram com a **3ª Feira da Amizade**.
Em **09 de Abril de 1992**, a ACIX apoiou projeto para a criação da **Guarda Mirim de Xanxerê**.
A ACIX apoiou a criação do **Campus da UNOESC**, em **Xanxerê**.
A ACIX participou de discussão sobre alíquotas **ICMS** sobre combustíveis, atendendo reclamações do setor.

1992

Em **18 de Maio de 1992**, a ACIX solicitou, junto à **JUSESC**, um terminal de computadores.
A ACIX participou apoiando jantar beneficente para a **APAE de Xanxerê**.
A ACIX relatou que já contava com **180 Associados** e fez campanha para atrair novos associados.
A ACIX participou da campanha para o poder público municipal doar terreno para a faculdade **FEMAI (Faculdade de Educação da Microrregião da AMAI)**.
A ACIX trabalhou na doação de terreno para construção do **SENAI Xanxerê**. A obra iniciaria em Agosto de 1992.
A ACIX elaborou cronograma de visitas da diretoria às empresas.
A ACIX cobrou do poder municipal a escolha de um secretário para **Indústria e Comércio**, cujo cargo estava vago a tempos, deixando as empresas de **Xanxerê** sem assistência.

Em **06 de Julho de 1992**, a ACIX escolheu **José João Dalla Santa** como **Assessor de Imprensa** para melhor divulgar as ações da associação.
A ACIX discutiu a seleção de nomes para gerenciar **Bolsão** do **SEBRAE**.
A ACIX discutiu o abono de **ICMS** de energia para os comerciantes.
A ACIX participou de **Congresso Nacional de Associações Empresariais**.
A ACIX solicitou incentivo do poder público municipal para pequenas e médias empresas.

Em **13 de Outubro de 1992**, a ACIX solicitou à **Prefeitura Municipal de Xanxerê** para a colocação de placas nominando e sinalizando as ruas de **Xanxerê**.

Em **29 de Outubro de 1992**, a ACIX buscou resolver impasse entre vendedores de ruas, sacoleiros e comerciantes.
A ACIX debateu temas de **Segurança Pública** e dos estabelecimentos comerciais, estabilidade de funcionários públicos, efetivação da **Polícia Militar** em **Xanxerê** e melhoramentos no **Hospital São Paulo**.

1993

Em **23 de Janeiro de 1993**, a ACIX apoiou grupo que pretendia instalar **Abatedouro de Suínos** em **Xanxerê**.

Em **08 de Fevereiro de 1993**, a ACIX solicitou a realização de mais cursos profissionalizantes em **Xanxerê**.

Em **01 de Março de 1993**, a ACIX propôs aos associados a necessidade da compra de um microcomputador com impressora para a associação.
A ACIX solicitou a instalação de uma **Agência de Turismo e Câmbio** em **Xanxerê**.

Em **05 de Abril de 1993**, os integrantes da diretoria da ACIX participaram da **Feira Internacional do Mercosul** em **Buenos Aires, na Argentina**.



Em **02 de Maio de 1993**, a **ACIX** aconselhou a empresa **SADIA** a manter em 45% o **ICMS** para **Xanxerê** e 55% para **Faxinal dos Guedes**.

A **ACIX** solicitou ação da **Rádio Patrulha** a respeito de vândalos que se reuniam na **Rua Fidêncio de Souza Melo** para beber.

O **Sr. Luiz Boni** ofereceu prédio para instalação provisória do **Batalhão da Polícia Militar**.

O **Dr. Jorge Streciwik** realizou palestra sobre **Segurança do Trabalho**.

O **Secretário de Desenvolvimento Econômico Celso Matiolo** relatou, na **ACIX**, ações para auxiliar empresas já existentes e projeto de lei para loteamento na **BR - 282** para instalação de novas empresas e apoio às pequenas que poderão gerar **500** novos empregos.

A **ACIX** recebeu projeto de **Ivone Sirino** que deduz imposto para criar fundo de assistência a crianças carentes do município.

Em **05 de Julho de 1993**, realizou-se reunião entre **ACIX**, empresários e **RBS TV** com a finalidade de reativar a produção econômica do município.

A **ACIX** se empenhou na instalação de um **Incubatório Empresarial**.

A **ACIX** desenvolveu campanha promocional através de camisetas com a frase: "**Xanxerê, eu visto esta camisa!**".

Em **18 de Outubro de 1993**, **Neiva Wustro** e **Associação de Reciclagem** solicitaram apoio e patrocínio da **ACIX** para realizar curso de **Reciclagem**, bem como a doação de carrinhos, uniformes, mais curso de **Marcenaria e Sapataria** para coletores aprenderem sobre o aproveitamento de material reciclável.

A **ACIX** catalogou todas as informações econômicas das empresas de **Xanxerê**.

1994

Em **03 de Março de 1994**, a **ACIX** implantou **Sistema de Informação e Assistência** aos empresários associados.

Em **07 de Março de 1994**, a **ACIX** expôs em seu estande, na **7ª FEMI**, maquete da **Usina Hidrelétrica de Itá**, que estava em construção.

Gilmar Romani apresentou relação de filmes para treinamento nas empresas e sugere uma videoteca para os Associados.

Em **15 de Abril de 1994**, a **ACIX** e **SENAI** passaram a realizar almoço/palestra aos empresários associados quinzenalmente.

A **ACIX** participou do projeto **Casa Própria** realizando cadastramento dos funcionários de empresas.

A **ACIX** realizou curso de **Marketing** para pequenas e médias empresas.

A **ACIX** promoveu acordo entre as empresas para empregar jovens de 14 anos.

Sonia Bodanese, Secretária de Desenvolvimento e Trabalho, veio à reunião da **ACIX** falar sobre **Bolsa Trabalho** para jovens de 14 a 18 anos.

Em **06 de Julho de 1994**, a **ACIX** conheceu o projeto **Oeste Para o Futuro**, apresentado pela **Associação Empresarial de Chapecó**, que objetivava a médio e longo prazo, provocar mudanças que visassem o desenvolvimento harmonioso e integrado de todos os segmentos da sociedade e que fosse apartidário, promovendo o desenvolvimento de toda a região.

A **ACIX** realizou curso de **Gerência Participativa**.

A **ACIX** solicitou explicações sobre a construção do **Contorno Viário de Xanxerê**.

A **ACIX** promoveu palestras sobre **Agricultura Familiar e Relações Interpessoais**.

Celito Pandolfi e o **Professor Luiz Manuel da Silva**, explanaram sobre o trabalho do **Instituto de Pesquisa Socioeconômico S/C LTDA**.



Em **05 de Dezembro de 1994**, o presidente da AEEEX informou que entregou as chaves das salas para os presidentes de cada entidade durante jantar de posse da nova diretoria da ACIX, no **Clube Sete de Setembro**.
A ACIX solicitou orçamento imobiliário para sua nova sede no **Edifício Tiradentes**.

1995

Em **10 de Abril de 1995**, a ACIX propôs cronograma de **Qualidade Total** para as empresas.
A ACIX encontrava-se em nova sede no **Edifício Tiradentes** com um andar destinado a sala de reuniões.

Em **08 de Maio de 1995**, a ACIX promoveu palestra com **Faustino Vicente, Presidente da Associação Anhangueira de Qualidade Total**.

Integrantes da ACIX participaram de **Feira Internacional em Córdoba, na Argentina**.

A ACIX apoiou **Seminário da Indústria Têxtil do Oeste Catarinense**.

A SERASA confirmou convênio com a ACIX.

A ACIX apoiou movimento do **Sábado de Promoções em Xanxerê**.

A ACIX sugeriu movimento para melhorar a imagem de **Xanxerê** junto às agências bancárias.

A ACIX solicitou melhoria na qualidade de transporte de ônibus principalmente na linha **Xanxerê-Curitiba**.

Em **06 de Julho de 1995**, a ACIX pediu explicação sobre redução do crédito aos produtores rurais de **90 bilhões** para **6 bilhões**.

A ACIX foi informada sobre projeto para construção de uma **UTI no Hospital São Paulo** e solicitou apoio aos empresários a doação de recursos complementares.

A ACIX organizou reunião da **FACISC em Xanxerê**, que recebeu diversas autoridades.

A ACIX participou de discussão para venda da **Cooper Pindorama** para a **Cooperativa Aurora**.

A ACIX comemorou 25 anos e criou **Medalha Mérito Empresarial**.

Em **20 de Novembro de 1995**, **Danilo Vanzin** tornou-se diretor da **FIESC (Federação das Indústrias de Santa Catarina)**.

A ACIX participou de **Comissão Organizadora da 8ª FEMI**.

Neiva Wustro solicitou uma pessoa para trabalhar exclusivamente na questão ambiental de **Xanxerê**.

1996

Em **05 de Março de 1996**, a ACIX solicitou ao **Banco do Brasil** para que agilizasse financiamento para a agricultura.

A ACIX participou de **Fórum Internacional de Empresas Comunitárias em Chapecó**.

A ACIX enviou moção à **FACISC** explicando que a carga tributária e taxas de juros estão impraticáveis.

Em **18 de Março de 1996**, **ACIX, SEBRAE e CDL** realizaram seminário sobre **Excelência Empresarial**.

A UNOESC discutiu com empresários sobre os cursos mais necessários em **Xanxerê**.

Danilo Vanzin expôs que **Xanxerê** precisava de cultura, cinema e até bons restaurantes.

Em **08 de Abril de 1996**, a **FCDX (Fraternidade Cristã de Pessoas com Deficiência de Xanxerê)**, expôs projeto de parcerias com empresas na ACIX.

A ACIX propôs convênio com **UNIMED** para seus Associados.

Em **10 de Junho de 1996**, o **SEBRAE** explanou sobre empresas de participação comunitária na ACIX.



Em **08 de Julho de 1996**, a ACIX questionou altos salários pagos ao prefeito, vereadores e cargos públicos.

Em **16 de Dezembro de 1996**, a ACIX criou **Câmara da Mulher Empresária**.

1997

Em **17 de Fevereiro de 1997**, a ACIX discutiu o crescimento da criminalidade em **Xanxerê**.

A ACIX e SEBRAE realizaram palestra sobre **Organização da Produção e Diversificação da Produção**.

A ACIX disponibilizou convite a dois empresários associados para participarem da **Feira de Hannover**, na **Alemanha**, em **Abril de 1997**.

A ACIX discutiu o clima de insegurança no **Centro de Xanxerê**, principalmente em um ponto popularmente conhecido como "**Baixada Fluminense**", em frente ao prédio que restou do **Cine-Luz**.

Em **24 de Abril de 1997**, a ACIX debateu a necessidade de asfaltamento do **Aeroporto Municipal de Xanxerê**.

Gelci Moschetta assumiu a **Câmara da Mulher Empresária**.

A ACIX propôs à **Câmara de Vereadores** um projeto de lei para regulamentação dos feriados no município de **Xanxerê**.

Gelson Merísio concorreu à reeleição na **FACISC**.

A ACIX realizou reunião com **Escola Técnica Federal de Segundo Grau** que poderia ser financiada pelo **BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento)**

O **Presidente da ACIX, Albino Arcari**, propôs que todos os Associados lessem o projeto municipal que trata da taxa cobrada pelos serviços municipais de **Xanxerê**.

Em **20 de Julho de 1997**, **FIESC** e **SESI** doaram uma ambulância para a ACIX repassar ao **Corpo de Bombeiros**.

ACIX, SEBRAE e **FACISC** realizaram palestra sobre **Globalização e Identidade Brasileira**.

A ACIX enviou moção ao **DER-SC**, para construção da rodovia que liga **Xanxerê, Lajeado Grande, Entre Rios e Marema**.

A ACIX recebeu o projeto "**Empreender**" da **FACISC**.

1998

Em **28 de Maio de 1998**, a ACIX criou uma comissão para acompanhar a instalação de uma **Termoelétrica** com **450 MW** de potência em **Xanxerê**.

Em **Julho de 1998**, a ACIX propôs discussão sobre o estacionamento **Zona Azul**.

Em **26 de Agosto de 1998**, a ACIX organizou um evento em comemoração aos 28 anos de fundação.

Em **03 de Setembro de 1998**, a ACIX realizou um jantar em comemoração aos 28 anos de fundação com apresentação de teatro e palestra sobre **Empreendedorismo**.

A ACIX organizou dados populacionais da **Região da AMAI** em **Italiano** para **Circolo Trentino** da **Itália**.

A ACIX apoiou programa estadual sobre **Qualidade Total Rural**.

ACIX e **SEBRAE** realizaram seminário de **Desenvolvimento Turístico**.



1999

Em **04 de Fevereiro de 1999**, a ACIX participou de uma campanha para educar pedestres sobre a utilização das faixas de segurança.

A ACIX apoiou a criação do **Centro Tecnológico Agrícola**.

Em **09 de Março de 1999**, o SENAI solicitou o apoio da ACIX para divulgar o curso de **Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria**.

Em **06 de Abril de 1999**, **Bruno Bortoluzzi** informou aos Associados da realização do **Congresso Brasileiro de Associações Empresariais** e reunião anual da **FACISC** em **Itajaí**.

UNOESC e **SIMMEX** convidaram ACIX para participar da criação de uma **Rádio Comunitária**.

A ACIX recebeu da **FIESC-SESI** ambulância para a **Polícia Militar** e automóvel para ser doado para a prefeitura atender empresas industriais de **Xanxerê**.

O **Núcleo de Turismo** da ACIX convidou Associados para visitar uma exposição fotográfica dos pontos turísticos da **Microrregião da AMAI**.

Prêmio de Qualidade: a empresa xanxerense **Vanzin Industrial Auto Peças** conquistou **1º Lugar Regional** e **2º Lugar Estadual e Nacional**.

A ACIX informou que **AGOST FEST** tinha comida típica alemã, bingo e 2 bandas. Ingressos a R\$ 10,00 com direito a uma cerveja e um refrigerante para atrair a comunidade.

A ACIX participou do evento em comemoração aos 25 anos da **APAE Xanxerê**.

Em **23 de Agosto de 1999**, a ACIX apresentou proposta ao poder público para resolver débito de fornecimento de energia elétrica no **Parque da FEMI**.

A ACIX ocupou duas cadeiras no **Conselho Regional e Municipal Universitário**.

A ACIX informou que prefeitura doou um caminhão ao **Corpo de Bombeiros** que iniciará atividades.

A ACIX apoiou instalação de uma **Indústria de Reciclagem** em **Xanxerê**.

Em **04 de Junho de 1999**, a ACIX se dispôs a colaborar na organização da **FEMI 2000**.

Paulo Ferronato explanou sobre o trabalho da **Cooperdef (Cooperativa Estadual das Pessoas Portadoras de Deficiência)** na ACIX.

A ACIX propôs a criação de um **Calendário de Eventos** anual para **Xanxerê**.

A **Diretoria da ACIX** visitou **Área Indígena** para conhecer cultura e danças.

A ACIX organizou o evento **AGOST FEST**, uma festa popular para **Xanxerê**.

A ACIX foi convidada pela prefeitura para organizar o evento e decoração especial no **Natal 2000**.

O **Núcleo de Turismo** apresentou resultado do **Concurso de Logomarca e Slogan: Venha Trilhar Estes Caminhos**.

Em **09 de Novembro de 1999**, a ACIX criou **Núcleo de Panificação**.

Neiva Wustro, **Vânia Paludo** e **Ivete Vicini** apresentaram projeto de decoração natalina **1999-2000**.

2000

Em **20 de Fevereiro de 2001**, o Sr. **Bruno Linhares Bortoluzzi**, presidente da ACIX, discursou agradecendo à **Ivete Maria Vicini**, que assumiu a presidência em seu mandato durante um período de dois meses. Nesse mesmo ano, em ata, registrou-se apenas a posse do Sr. **Direcu Tacca** enquanto presidente. Ao que subentende-se que os outros cargos permaneceram sem modificações.



Em **14 de Março de 2000**, a **Professora Maiara** apresentou à **ACIX**, estudo da existência de **Águas Sulfurosas** no município de **Xanxerê**, em profundidade de **600 a 800 metros**.

A **ACIX** criou uma página na internet.

A **ACIX** visitou a **Associação dos Criadores de Gado Holandês**.

O **Núcleo de Automecânicas** organizou a palestra **Mecânica Básica Para Mulheres**.

A **ACIX** solicitou um espaço na **FEMI** para empresas industriais exporem seus produtos gratuitamente. **Avelino Menegolla** relatou que sempre foi disponibilizado o espaço para aqueles que não expunham em estande próprio.

A **ACIX** apoiou o **Curso de Orientador de Turismo Indígena**.

A **ACIX** reformulou seu **Boletim Informativo**.

Bruno Bortoluzzi foi reeleito **Presidente da ACIX**.

O **Presidente Bruno Linhares Bortoluzzi** pediu licença temporária do cargo por motivos particulares. Em seu lugar, **Ivete Vicini** assumiu a presidência.

Em **06 de Junho de 2000**, os Associados da **ACIX** ganharam desconto de **40 %** no **CIEE (Conselho de Integração Empresa Escola)**.

A **Presidente Ivete Vicini** informou sobre a implantação de uma **Videoteca** na **ACIX**.

A **ACIX** apoiou o projeto **Movimento Saúde Opcional**, atividade física dentro das empresas.

Em **11 de Julho de 2000**, a **ACIX** organizou um seminário sobre **Deficiências Gerenciais** nas empresas brasileiras.

A **ACIX** comunicou negociação de uma sala no **Edifício Tiradentes** para aumentar sua estrutura física.

A **ACIX** solicitou à hidrelétrica a religação da iluminação pública em **Xanxerê**.

A **ACIX** convidou o **Sindicato do Comércio Varejista** para maior aproximação junto à **ACIX**.

Em **09 de Agosto de 2000**, **Bruno Linhares Bortoluzzi** reassumiu presidência da **ACIX**.

Em **12 de Setembro de 2000**, a **ACIX** apoiou o projeto **Bolsa Para 1º Emprego**.

A **ACIX** apoiou o projeto para construção de um **Centro Cultural** para funcionamento de oficinas de arte, seminários, dança, teatro e eventos.

A **ACIX** apoiou a construção de um **Terminal Urbano** para **Xanxerê**.

ACIX e **COMEN (Conselho Municipal de Entorpecentes)** buscaram apoio para a reforma da **Casa de Recuperação na Vila Lima**.

A **ACIX** apoiou o projeto de **Despoluição do Rio Xanxerê**.

A **ACIX** apoiou o seminário de **Segurança e Saúde no Trabalho**, destinado a todos os setores produtivos de **Xanxerê**.

2001

Em **05 de Março de 2001**, a **ACIX** criou uma comissão para alteração de seu Estatuto que encontrava-se defasado.

Em **05 de Março de 2001**, a **Diretora Social e Relações Públicas** da **ACIX** sugeriu uma premiação da entidade à **Empresas e Empresários**.

A **ACIX** sugeriu a criação de um **Corpo de Bombeiros Comunitário**.

ACIX discutiu sobre o **Estacionamento Rotativo**.

A **ACIX** participou do **Fórum do SINE (Sistema Nacional de Empregos)**.

A **ACIX** realizou uma reunião com a **CASAN** que relatou contaminação da água nos poços artesianos de **Xanxerê**.

Em **18 de Junho de 2001**, a **ACIX** realizou uma palestra sobre **Formação de Liderança**.

A **ACIX** apoiou a palestra sobre **Pavimentação de Concreto**.

Em **13 de Agosto de 2001**, o **Governador Espiridião Amin** participou de **Almoço de Ideias**, promovido pela **ACIX** em **Xanxerê**.



Em **01 de Outubro de 2001**, a **ACIX** participou de licitação para venda de estandes na **FEMI 2002**.
O **Governo do Estado** aprovou a instalação do **Corpo de Bombeiros em Xanxerê**, e **ACIX** é convidada a liderar a iniciativa.

A **ACIX** solicitou **Polícia Militar em Xanxerê** e criação de **Banda Militar**.

Prefeito comunicou à **ACIX**, a criação do **FUNREBOM - Fundo de Manutenção do Corpo de Bombeiros**.

2002

Em **01 de Julho de 2002**, a **ACIX** fez campanha para que eleitores votem em candidatos de **Xanxerê: Vote Por Xanxerê**.

Vereadora Sonia Basei solicitou apoio da **ACIX** para colocação de lombada eletrônica no trevo de acesso a **Xanxerê**, na **BR - 282**.

Em **05 de Agosto de 2002**, o **Presidente do Sindicato dos Trabalhadores no Movimento de Mercadorias Marcelo Pegoraro** veio à **ACIX** explicar como o sindicato funciona.

Madelaine Rostirolla, Assessora Jurídica da ACIX, apresentou à associação a reordenação do **Estado da Associação Empresarial de Xanxerê - ACIX**.

Em **14 de Outubro de 2002**, a **ACIX** apoiou debate entre os candidatos a **Deputado Estadual**.

Gilberto Luiz Corso disponibilizou **Sede Campestre do CDL** para eventos da **ACIX**.

Em **02 de Dezembro de 2002**, nova diretoria tomou posse no **Clube Xanxerense** com premiação às empresas que conseguiram a certificação **ISO 9000**.

A **ACIX** solicitou criação de um aterro sanitário para resíduo industrial de **Xanxerê**.

2003

Em **11 de Março de 2003**, a **ACIX** solicitou palestra para explicação do novo **Código Civil**.

A **ACIX** participou do **Congresso Empresarial Catarinense**, em **26, 27 e 28 de Março**, em **Florianópolis**.

Ivete Vicini informou sobre reunião no **Hospital São Paulo** para conhecer funcionamento do **Centro Cardiológico**.

A **ACIX** patrocinou candidata a **Rainha do Clube Xanxerense**, em evento comemorativo de aniversário do clube.

A **ACIX** apoiou projeto da **Agenda 21**, programa que reúne entidades para trabalhar ações em benefício de **Xanxerê**.

A **ACIX** solicitou informações sobre zona de tráfico restrito no **Centro de Xanxerê**.

O **Presidente da ACIX Walter Roque Bracht**, recebeu solicitação da **Câmara de Vereadores** para apoiar projeto para mobiliar pavilhão central da **FEMI**.

Em **03 de Julho de 2003**, a **ACIX** solicitou à prefeitura, explanação sobre **Plano Diretor** da cidade e legalidade das multas do **Estacionamento Rotativo**.

A **ACIX** propôs que **Centro Cardiológico do Hospital São Paulo** seja cadastrado no **SUS - Sistema Único de Saúde**.

A **ACIX** organizou comemoração aos seus 33 anos de fundação.

A **ACIX** apoiou **Câmara Júnior** para trazer palestra show sobre **Fraudes e Golpes** a ser realizada em parceria com a **CREDIMOC**.

Núcleo de Meio Ambiente explanou sobre **Código de Meio Ambiente de Xanxerê**.

A **ACIX** participou de seminário sobre tema **Água, a Vida Depende Dela**.



Em **23 de Novembro de 2003**, a diretoria reuniu-se com o objetivo de colocar em apreciação a alteração do **Estatuto** no artigo 5º, onde foi incluído o item j), sendo: promover feiras, eventos ou qualquer outra atividade similar que tenha por objetivo desenvolver a indústria, comércio, prestação de serviços e atividades agropecuárias de **Xanxerê** e região, podendo, para tanto, firmar qualquer parceria, compromisso ou acordo com empresas, entidades institucionais ou órgãos públicos.

O **Diretor de Treinamentos Jorge Fernandes Adur**, explicou a obrigatoriedade do **Planejamento Estratégico** previsto em Estatuto. Informou que a proposta apresentada precisa da cooperação e participação de todos os membros desta nova gestão, tanto para a sua finalização e melhoria, quanto para sua implantação e resultados decorrentes.

A **Sra. Tatiane Vieira**, apresentou a missão, a visão, os princípios e as análises de cenários de ambiente interno e externo, oportunidades, ameaças, forças, fraquezas e fatores críticos de sucesso da **ACIX**”.

Ficou assim acordado:

- * Não aprovar da redução da jornada de trabalho;
- * Solucionar problemas de energia elétrica no município;
- * Capacitar para o mercado de trabalho;
- * Qualificar profissionais em áreas diversas através de palestras e cursos de curta duração;
- * Qualificar proprietários de pequenas e médias propriedades rurais;
- * Qualificar colaboradores rurais para ordenha;
- * Planejamento de marketing;
- * Buscar excelência na gestão da **ACIX**.

2004

Em **02 de Fevereiro de 2004**, o **Banco do Brasil** propôs convênio com a **ACIX** para financiamento aos Associados.

Em **03 de Maio de 2004**, a **ACIX** propôs criação de **Núcleo de Reciclagem de Indústrias Plásticas**.

A **Dra. Madelaine Rostirolla** informou à **ACIX** a criação da **3ª Vara da Justiça** para **Xanxerê**, a qual era uma solicitação da **ACIX**.

A **ACIX** organizou evento em comemoração aos seus 34 anos de fundação com palestra **Perspectivas Econômicas** no **Clube Xanxerense**.

Em **18 de Outubro de 2004**, a **ACIX** realizou campanha buscando recursos para aquisição de uma camionete para entidade.

2005

Em **28 de fevereiro de 2005**, a **ACIX** colaborou com **HEMOSC** de **Chapecó** para campanha de doação de sangue nas empresas de **Xanxerê**, a criação de **Banco de Sangue** no município e realizou a campanha para construção da **Casa do Idoso**.

Em **14 de Março de 2005**, o **Sr. Crystian Fracasso**, solicitou ao **Sr. Clóvis Consoli**, consultor regional da **FACISC**, informações de processo de criação do **Núcleo de Reflorestamento** em **Xanxerê**.

A **ACIX** realizou doação de **R\$ 1.000,00** para construção da **Casa do Idoso**.

A **ACIX** apoiou a campanha contra a cobrança abusiva de impostos do movimento **Santa Catarina Pró-Brasil**.

Em **25 de Abril de 2005**, a prefeitura municipal disponibilizou área de terra para as empresas do **Núcleo de Plásticos** se instalarem, pois encontravam-se em local inadequado, trazendo problemas ambientais.



Em **09 de Maio de 2005**, a ACIX pressionou o **Governo Federal** para que equipasse o laboratório da escola técnica do SENAI com as máquinas necessárias para que a mesma pudesse ser inaugurada.

O **Sr. Celso Cechin** buscou parceria com a ACIX para promover a primeira **Feira Sulamericana da Indústria da Beleza**, juntamente com o **Núcleo de Profissionais da Beleza**.

A **Cruz Vermelha** cedeu espaço para coleta de sangue para campanha de **Doação de Sangue**.

Após conversa entre o presidente da **OAB**, vereadores, juizes, promotores e o representante do prefeito, a **Câmara de Vereadores** utilizaria as dependências do fórum como sua sede, e o poder público, juntamente com o **Tribunal de Justiça**, liberariam recursos para construção do novo fórum.

Reuniram-se ACIX, CDL e outras entidades através de comissão criada com a finalidade de fazer pressão junto ao **Tribunal**.

Discutiu-se a necessidade da criação de **Vara da Justiça Federal em Xanxerê**. O **Presidente da ACIX Crystian Fracasso** sugeriu fazer manifesto pedindo apoio das demais entidades do município para se ter uma maior representatividade.

Foram recebidos recursos de **R\$ 1.000,000,00** (um milhão de reais) para asfaltamento de **Xanxerê** através do **Deputado Gelson Merísio**.

Em **01 de Agosto de 2005**, informou-se que a campanha de doação de sangue atingiu seu objetivo, realizando mais de **100** atendimentos e coleta de **83** bolsas de sangue.

Em **12 de Setembro de 2005**, discutiu-se sobre **Programa de Ressocialização de Presos**, a exemplo do presídio de **Chapecó**, que vinha aplicando o mesmo, juntamente com a **Dra. Maria**, juíza diretora do fórum, que veio explanar sobre o projeto piloto e construção de barracão para aplicação do programa em **Xanxerê**.

A ACIX patrocinou candidata à **Rainha da FEMI 2006**.

Em **14 de Setembro de 2005**, a ACIX realizou assinatura do **Jornal Folha Regional** para os seus Associados por um período de 30 dias.

Em **26 de Setembro de 2005**, a ACIX foi a vencedora de leilão, obtendo o direito de comercializar os espaços da **FEMI 2006**.

O **Sr. Presidente Crystian Fracasso** propôs a instalação de uma incubadora de empresas em **Xanxerê**. Foi criada comissão para visitar incubadora de empresas de **Chapecó** para saber sobre funcionamento da mesma.

Em **10 de Outubro de 2005**, ficou definido que a ACIX apoiaria **Programa de Ressocialização de Presos**, oportunizando emprego para eles nas empresas, porém não conseguiu angariar recursos para construção de barracão.

Em **05 de Dezembro de 2005**, a ACIX participou de campanha para construção de mais um barracão para a penitenciária de **Xanxerê**.

O **Presidente Crystian Fracasso**, comunicou que a ACIX participaria de encontro de empresários com o **Governador do Estado de Santa Catarina**, em **Curitibanos**.

A ACIX participou de audiência pública sobre construções próximas ao **Rio Xanxerê**.

A ACIX solicitou apoio do poder público municipal, no sentido de manter a empresa **MCAssab** em **Xanxerê**.

2006

Em **07 de Abril de 2006**, a ACIX participou de palestra sobre **Sucessão Familiar** com o **Consultor de Empresas, Eduardo Tirapelle**.



Em **19 de Maio de 2006**, a **ACIX** organizou reunião com o **Núcleo de Profissionais da Beleza** com o objetivo de realizar a **Segunda Feira Sulamericana da Indústria da Beleza**.

A **ACIX** organizou reunião com a diretoria do **Hospital São Paulo** com o objetivo de encaminhar solicitação de apoio ao **Governo do Estado** para sanar as dificuldades financeiras do hospital.

Em **19 de Junho de 2006**, a **Secretaria de Desenvolvimento Social**, solicitou apoio da **ACIX** para a campanha de **Natal 2006**.

Em **03 de Julho de 2006**, a **Secretaria da Receita Estadual** recebeu, pela primeira vez, representante dos empresários catarinenses para discutir sobre o **Código do Contribuinte**.

A **ACIX** solicitou que a **SDR (Secretaria do Desenvolvimento Regional)** interceda junto à **Secretaria Estadual de Segurança Pública** para viabilizar mais policiais civis para o efetivo da polícia civil de **Xanxerê**.

Em **31 de Julho de 2006**, a **ACIX** organizou reunião com técnico do **BRDE (Banco Regional do Desenvolvimento)** para orientar empresários xanxerenses sobre linhas de crédito disponíveis.

O **Diretor da ACIX Jaime Bavaresco** participou de reunião com técnicos do **IBGE** para tratar do senso agropecuário e senso urbano-rural.

Em **25 de Setembro de 2006**, a **ACIX** participou de discussão sobre o projeto de lei complementar que institui o **Código de Loteamento, Ocupação e Uso do Solo** do município de **Xanxerê**.

Em **23 de Outubro de 2006**, **Madelaine Rostirolla**, representante da **ACIX** no **Conselho Comunitário**, informou da aquisição de uma **Kombi** para o transporte dos presos que trabalham nas empresas de **Xanxerê**.

A **ACIX** doou dois computadores para a **Escola Municipal Cantinho Feliz** do **Bairro Colatto**.

Em **30 de Outubro de 2006**, a **ACIX** realizou reunião para solicitar empenho da **Segurança Pública** no sentido de coibir assaltos que vinham ocorrendo frequentemente nas comunidades de **Xanxerê**. O Número de registros chegou a **80** no mês de **Setembro**.

2007

Em **05 de Março de 2007**, a **ACIX** sugeriu leilão de **13** terrenos no **Distrito Industrial**, buscando levantar recursos para a melhoria das obras no **Distrito**.

A **ACIX** alertou sobre a necessidade de se buscar parcerias efetivas para instalação do esgoto sanitário no município.

Em **02 de Abril de 2007**, a **ACIX** endossou apoio e cobrou a reforma da **BR 282**.

A **ACIX** solicitou ao poder executivo municipal, melhorias e limpeza da **Praça Tiradentes**, e também nas ruas da cidade, incluindo higienização do banheiro público.

A **ACIX** organizou evento comemorativo ao aniversário de 37 anos de fundação.

Em **02 de Julho de 2007**, a **ACIX** se manifestou contrária à mudança do nome da **Rua Rui Barbosa**, visto que mudar o nome provocaria transtornos e prejuízos às empresas nela localizadas.

Em **13 de Setembro de 2007**, a **ACIX** participou de leilão dos espaços para locação da **FEMI 2008**.

A **ACIX** se reuniu com o **Conselho de Pastoral da Igreja Matriz** para acordarem sobre a **Festa do Padroeiro** na data em que se comemora seu dia, **06 de Agosto**.



2008

Em **13 de Março de 2008**, o **Presidente Genésio Téo** informou sobre a instalação do **SICREDI (Sistema de Crédito Cooperativo)** em **Xanxerê**.

Aloir Conte informou que todos os espaços da **FEMI 2008** já foram vendidos.

A **ACIX** deu sequência ao **Café da Manhã Empresarial**.

Em **07 de Julho de 2008**, a **ACIX** realizou pesquisa para verificar a oscilação no fornecimento de energia elétrica e detectou que 80% das empresas apontam problemas na distribuição. A **ACIX** solicitou providências junto à **ANEEL (Agência Nacional de Energia Elétrica)** e **Iguaçu Concessionária**.

Em **04 de Agosto de 2008**, a **ACIX** participou de estudos sobre **Reforma Tributária** em **Santa Catarina**.

Em **03 de Novembro de 2008**, a **ACIX** participou da campanha para duplicação da **BR 282**.

A **ACIX** participou do **Congresso Empresarial Catarinense** de 12 a 14 de Novembro no **CentroSul** em **Florianópolis**.

2009

Em **19 de Janeiro de 2009**, o **Presidente da ACIX Jaime Bavaresco** informou sobre a criação do **IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina)**, e a diretoria do **IFSC** convidou a **ACIX** para ser parceira em seus projetos.

A **ACIX** criou o prêmio **Empresário do Ano**.

Em **03 de Março de 2009**, a **ACIX** programou uma palestra comemorativa ao **Dia Internacional da Mulher**.

A **ACIX** solicitou cuidado com sujeira nos terrenos baldios e construções de calçadas nas ruas de **Xanxerê**.

Adriano Vanzin, diretor da **ACIX**, propôs criação do **Núcleo de Exportadores** para reduzir custos de exportação.

Em **07 de Abril de 2009**, a **ACIX** participou de **Mesa Redonda** da **FCDX (Fraternidade Cristã de Pessoas com Deficiência de Xanxerê)** sobre lei que estabelece vagas de trabalho para **Portadores de Necessidades Especiais**.

A **ACIX** participou da reformulação do trânsito de **Xanxerê**. **Dirceu Tacca** representou a associação no **Conselho Municipal de Trânsito**.

A **ACIX** participou do **Conselho Municipal do Meio Ambiente** e discutiu recolhimento do **Lixo Reciclável e Material Orgânico**, bem como a espécie de árvore ideal para arborização da cidade.

A **ACIX** orientou para questão de carga e descarga no Centro serem feitas em horário que não provoque congestionamento.

A **ACIX** e **ARXAN (Associação dos Recicladores Xanxerenses Amigos da Natureza)** apresentaram proposta para coleta de lixo de cozinha industrial.

Em **08 de Outubro de 2009**, a **ACIX** colaborou com a **RBS TV** para indicação ao prêmio **Amigos da Comunidade**.

A **ACIX** indicou **Rede Feminina de Combate ao Câncer** para o prêmio **Amigos da Comunidade** da **RBS TV**.

Em **03 de Dezembro de 2009**, a **ACIX** entregou prêmio de **Empresário do Ano** ao empresário **Belino Dal Magro** da empresa **IDM Escapamentos**. O troféu foi criado por alunos do curso de **Design** da **UNOESC Xanxerê**.



2010

Em **11 de Fevereiro de 2010**, a **ACIX** apoiou e participou do projeto **Vida Cidadã** da **Secretaria Municipal de Assistência Social**. O projeto buscava o desenvolvimento de jovens e crianças para formação de futuros profissionais.

A **ACIX** teve estande exclusivo na **FEMI 2010**.

A **ACIX** iniciou campanha comemorativa aos 40 anos de fundação.

Em **11 de Março de 2010**, foi programada a **3ª Edição do Jornal da ACIX**.

A **FACISC** desenvolveu projeto **Voz Única** que propõe unificar a voz dos empresários em torno das mesmas bandeiras. Entre estes, **Contorno Viário Leste, Saúde e Educação**.

Em **12 de Agosto de 2010**, a **ACIX** realizou entrega do prêmio **Empresário do Ano 2010** a **Oscar Martarello**, da empresa **PERFIMAX**, durante evento comemorativo aos 40 anos da **ACIX**.

2011

Em **14 de Abril de 2011**, a **ACIX** convidou o **Deputado Federal Valdir Colatto** para esclarecer sobre **Código Florestal** aos agricultores de **Xanxerê** e região.

Em **12 de Maio de 2011**, a **ACIX** participou da **Campanha do Agasalho** e estimulou empresas a aderirem a campanha.

O número de associados da **ACIX** chegou a **400**.

A **ACIX** participou de discussões na **Câmara de Vereadores** sobre **Área Industrial** de **Xanxerê**.

A **ACIX** participou de seminário sobre as ferrovias **Ferro-Sul** e **Leste-Oeste**.

Em **08 de Dezembro de 2011**, a **ACIX** realizou baile para escolha das **Soberanas da FEMI 2012**.

Em **2011**, realizou-se a entrega do **Prêmio Empresário do Ano** ao **Sr. Armando Hacker**, da empresa **Hacker Industrial**.

2012

Em **14 de Fevereiro de 2012**, a **ACIX** propôs projeto de curso de capacitação de candidatas a vereador.

Em **08 de Março de 2012**, a **Presidente da ACIX, Madelaine Rostirolla** convidou promotor **Eduardo Sens** para participar de reunião na **Associação Empresarial**.

Em **19 de Abril de 2012**, os associados da **ACIX** propuseram que a **ACIX** desenvolva projeto para evitar alagamentos em **Xanxerê**.

A **ACIX** participou de **Congresso de Energias Renováveis**.

Madelaine Rostirolla, Presidente da ACIX, informou que a **ACIX** conta com **412** associados.

Em **20 de setembro de 2012**, a **ACIX** atingiu o número de **450** associados.

Em **08 de Novembro de 2012**, a **ACIX** encaminhou ofício a deputados federais e senadores, pedindo projeto de desburocratização.

Em **21 de Novembro de 2012**, a **ACIX** entregou prêmio de **Empresário do Ano** ao empresário **Ademir Barcella**, da empresa **Continental Obras e Serviços LTDA**.

O **SENAI** de **Xanxerê** foi escolhido como a **Unidade do Ano** em **Santa Catarina** e agradeceu o apoio da **ACIX**.



2013

Em **08 de Janeiro de 2013**, a nova diretoria da ACIX tomou posse no evento de premiação do **Movimento Econômico**, tendo **Vilson Piccoli** como presidente.

A ACIX participou da campanha **Eu Quero um Brasil Com Menos Impostos!**.

A ACIX desenvolveu campanha **Saúde do Trabalhador** com ações para combate ao **Tabagismo e Alcoolismo**.

A ACIX trabalhou em ações para o desenvolvimento de **Xanxerê** com instalação de novas empresas.

Cafés da manhã mensais propunham **Soluções Empresariais** aos convidados.

Em **13 de Março de 2013**, a ACIX cobrou do poder público a construção de um **Centro de Eventos** em **Xanxerê**.

A ACIX sugeriu a criação de um calçadão em **Xanxerê**.

Em **06 de junho de 2013**, a ACIX trouxe o **Balé Bolshoi** para se apresentar em **Xanxerê**.

A ACIX participou da paralisação da **BR 282**.

A ACIX participou da campanha **Vem Para Xanxerê!**.

Em **13 de Junho de 2013**, a ACIX apoiou UNOESC nas palestras com **Dulce Magalhães, Nelso Ajinato, Alice Zanella e Espiridião Amin** para **Simpósio Organizacional**.

A ACIX organizou baile para escolha da **Rainha da FEMI 2014**.

A ACIX organizou curso de **Estratégias Empresariais**.

A ACIX participou do projeto **Missão China**

A ACIX recebeu gerente da **CooperAlfa, Sr. Alcindo**, para café da manhã.

Em **09 de Setembro de 2013**, a ACIX solicitou liberação de caminhão pelo **Estado** ao **Corpo de Bombeiros de Xanxerê**.

A ACIX colaborou com prêmios para melhores **Vitrines de Natal 2013**.

A ACIX fez doação financeira para a **APAE de Xanxerê** adquirir cadeira de rodas.

Em **13 de Novembro de 2013**, a ACIX convidou o empresário **Mário Lanznaster** para apresentar “case” na entrega do prêmio **Empresário do Ano**.

A ACIX convidou grupos artísticos para apresentarem-se na **Árvore de Natal** no centro da cidade.

O **Presidente da ACIX, Wilson Piccoli** relatou que **Xanxerê** tem três pilares: **Hospital São Paulo, UNOESC e Aeroporto** e é importante torná-la expoente destes setores, e agradeceu a todos pelo prêmio internacional pela campanha **Xanxerê, Cidade do Coração**.

Em **2013**, **Avelino Menegolla**, da empresa **TRUKAM**, recebeu o prêmio de **Empresário do Ano**.

2014

Em **18 de Fevereiro de 2014**, a ACIX comemorou aniversário de **44** anos com **Show de Tango** no anfiteatro da UNOESC.

A ACIX promoveu palestras nas escolas para divulgar a campanha **Xanxerê, Cidade do Coração**.

Em **02 de Março de 2014**, ocorreu café da manhã juntamente com o **Deputado Gelson Merísio** com a participação de mais de oitenta pessoas no auditório da **AEEEX**.

Em **14 de Março de 2014**, a campanha **Xanxerê, Cidade do Coração**, contou com a presença de 50 pessoas no **Bairro Suffiatti** e palestra com **Dr. André**, contando ainda com profissionais de fisioterapia, nutrição, psicologia e enfermagem da **UTI Cardio**.

No dia **06 de Junho de 2014**, ocorreu a **Autopar**, missão empresarial em **Curitiba**, com a participação e organização do **Núcleo de Automecânicos**, na qual os **Srs. Wilson e Francisco** participaram.

O **SENAC** solicitou auxílio para divulgação do projeto **Talento Profissional**, o qual desenvolveu tapetes e sacolas com reaproveitamento de tecidos.



Em **11 de Agosto de 2014**, comentou-se que foram criadas leis de incentivo para empresas presentes ou que poderiam se instalar no município através do **Programa de Desenvolvimento de Xanxerê, Padex**.

Para a empresa **Conab**, adquiriu-se uma área de terra ao lado da existente com mais dez mil metros quadrados.

Foi adquirida verba para asfaltamento do acesso à **CooperAlfa** e término do asfaltamento para o frigorífico **Unibom**, possibilitando condições para exportação.

Relatou-se solicitações do empresariado local a respeito da morosidade na emissão de cédulas de crédito.

Foi apresentado vídeo criado sobre a campanha **Xanxerê, Cidade do Coração**, com o objetivo de reproduzi-lo e entregá-lo às escolas e entidades interessadas.

Em **30 de Agosto de 2014**, foi realizada palestra **O Direito de Propriedade** gratuitamente, para toda a região, com **Dom Bertrand**, bisneto da **Princesa Isabel**, com a participação dos alunos do curso de **Direito** da **UNOESC**.

Realizou-se uma palestra sobre as **Eleições de 2014** com **Ricardo Azevedo**, aludindo aos **44 anos** da **ACIX**.

A **Conselheira Irene** mencionou que o curso de **Letras** da **UNOESC** faria a correção das redações da campanha **Xanxerê, Cidade do Coração**, sob sua supervisão.

As escolas **Aparecida** e **São Romero** divulgaram a campanha através de banner, camisetas e balões durante o desfile de **07 de Setembro**.

Em **18 de Setembro de 2014**, foi encerrada a campanha **Xanxerê, Cidade do Coração**.

Foi sugerido que a **ACIX** junto com a **UNOESC** façam projetos de arrecadação de verbas junto à **SEITEC** para aumentar a quantidade de decoração natalina nos próximos anos.

Sobre o **Plano Diretor**, a **Conselheira Adriana Fonini**, disse que houve intervenção para que fosse doado terreno para novas instalações do **SESC**.

Em **08 de Outubro de 2014**, a **ACIX** recebeu convite para apoiar a campanha **Novembro Azul** com a confecção de faixas, banner e divulgação do material enviado pelo setor da saúde da prefeitura.

O **Presidente Vilson Piccoli** e o **Núcleo de Metal Mecânica** participaram da exposição **Mercopar** em **Caxias do Sul**, onde a integrante do grupo **CM Cunha Máquinas** esteve demonstrando seus equipamentos.

O **Presidente Vilson Piccoli** participou da aula inaugural de cinotécnicos do **Corpo de Bombeiros de Xanxerê**, cuja certificação para **2015** seria reconhecida em âmbito internacional.

Em **2014**, **Renata Seraglio**, da empresa **Seraglio Implementos Rodoviários**, recebeu prêmio de **Empresária do Ano**.

2015

Em **14 de Janeiro de 2015**, o **Presidente Oscar Martarello** recebeu convite para **ACIX** participar do **16º Rodeio Crioulo Interestadual** organizado pelo **CTG Espelho da Tradição**.

A **ACIX** em parceria com prefeitura municipal elaborou projeto de uma **Incubadora Empresarial**.

A **ACIX** solicitou esclarecimento e solução para o problema de abastecimento de água em vários pontos da cidade e elevada taxa de abastecimento.

A **ACIX** encaminhou moção à **FACISC** relativa à demora do **Edital de Poder Público Municipal** a respeito do **Distrito Industrial**.

Em **30 de Março de 2015**, a **ACIX** posicionou-se contrária à doação de terreno na nova área do **Distrito Industrial**. Sugeriu a aquisição do terreno a valor simbólico.

A **ACIX** propôs a realização de **Noite Cultural** para o evento de entrega do prêmio **Empresário do Ano**.



Em **24 de Abril de 2015**, a **ACIX** participou intensivamente em várias campanhas para colaborar com os atingidos pelo tornado, além de doações dos empresários entregues à **Defesa Civil**. A **Associação Empresarial** buscou solicitar facilitação de crédito através do **BADESC** aos atingidos.

A **ACIX** recebeu doações de várias entidades e outras **Associações Empresariais de Santa Catarina** para os atingidos pelo tornado.

Reuniram-se na sala da **AEEEX** o **Sr. Presidente Oscar Martarello**, o **Vice-Presidente Irineu Altíssimo** e demais diretores, juntamente com a **Gerente Regional do BADESC, Margarete de Marchi** que mencionou sobre o objetivo de montar uma base para atendimento de pessoa jurídica na **ACIX**.

Em **24 de Junho de 2015**, **SEBRAE** solicitou apoio da **ACIX** para realizar curso de **Liderança e Modelo Avançado de Gestão** para micro e pequenas empresas.

O **Secretário de Finanças do Estado, Antonio Gavazzoni**, confirmou sua palestra durante o evento do prêmio **Empresário do Ano**.

Em **13 de Julho de 2015**, a **ACIX** recebeu presidente da **ALESC (Assembleia Legislativa de Santa Catarina) Gelson Merísio** em evento programado para **13 de Agosto**, onde reivindicou ferrovias e **Distrito Industrial**.

Irene Aparecida e Sá Affolter apresentou projeto de atendimento aos refugiados haitianos que oferece aulas gratuitas de **Língua Portuguesa e Legislação**. Um projeto-piloto devido as questões humanitárias.

A **Árvore de Natal da ACIX** foi decorada em **07 de Setembro** com **Pirâmide Alimentar Escolar**.

Em **25 de Agosto de 2015**, a **ACIX** apoiou caminhada da campanha **Xanxerê, Cidade do Coração**.

A **ACIX** participou de reunião na **Câmara de Vereadores** sobre **Ferrovia do Frango**, e da audiência pública sobre poços artesianos.

Cerca de **800** pessoas participaram da caminhada **Xanxerê, Cidade do Coração**.

O **NASF (Núcleo de Apoio da Família)** propôs a realização de palestras nas empresas sobre doenças de **Próstata, Andropausa, Endogastrite, Vasectomia**, entre outros.

Em **2015**, **Irineu Altíssimo**, da empresa **Moinho Xanxerê**, recebeu o prêmio **Empresário do Ano**.

2016

Em **14 de Janeiro de 2016**, foi mencionado que na **Feira Limpa Estoque** foram comercializados **11** espaços para **8** lojas, tendo na parte externa, **Feira de Automóveis** com **05** concessionárias, encontro de cães organizado pelo **Corpo de Bombeiros**, recreações e apresentações teatrais com o **SESC**, encontro de violeiros da **AMIVIX**, prova de **Kart, Velocross, Exposição de Carros** pelo **Veteran Car Club Xanxerê** e **Mateada com Grupo de Cavalgada**.

O evento **Fim de Semana no Parque**, foi organizado pela **ACIX, CDL, Prefeitura Municipal de Xanxerê, Câmara de Vereadores**, com apoio da **Polícia Rodoviária Estadual, Polícia Militar, SESC, RIC TV, Velocross, Kart Clube, AMIVIX, Corpo de Bombeiros e Veteran Car Club Xanxerê**.

Em **11 de Fevereiro de 2016**, foi realizada reunião com a **Sra. Jerusa, Secretária de Políticas Ambientais**, que explanou sobre a importância de legalizar as **Licenças Ambientais**.

Em **26 de Abril de 2016**, a **Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Agropecuário** recebeu da **CIDASC** um carro **Toyota** e três caminhonetes menores para controle das estradas do interior.

A **Diretora Ana Cecília Sirino** mencionou que a **Juíza Daniela**, da **1ª Vara da Infância, Criança e Adolescente**, pediu apoio para entidades sobre a proposta de adoção de crianças para qualificação profissional.



Em **11 de Maio de 2016**, foi realizada apresentação do projeto e das ações do **Maio Amarelo** pelo **Conselheiro André Wagner**.

* Cursos e palestras que foram realizados: **Elementos Trabalhistas** com colaboração da **Diretora Ana Cecília**;

* **Mecânica Para Mulheres** realizado pelo **Núcleo de Automecânicas**;

* Palestra motivacional **Minha Equipe é um Time**, realizada pelo **Núcleo de Gestão de Pessoas**.

* Sobre o **Lar Aprisco**, que abriga adolescentes de 12 a 21 anos que tiveram seus direitos violados, foi criado projeto **Família Afetiva** com o objetivo de oferecer um curso profissionalizante. O mesmo pôde ser patrocinado por pessoas físicas, famílias ou empresas interessadas.

Para participar do projeto, foi necessário realizar cadastro no fórum se responsabilizando em proporcionar ao adolescente, opções de divertimento, noções de inglês, economia, fins de semana com a família, informar corretamente a situação financeira de cada qual.

Em **24 de Maio de 2016**, o **Presidente Oscar Martarello** passou a palavra ao **Sr. Rivael**, que apresentou projeto para revitalização do **Parque de Exposições Rovilho Bortoluzzi**.

Citado pelo **Presidente do Conselho Superior Wilson Piccoli** que seria instalado monumento em forma de coração sugestivo ao **Hospital Regional São Paulo**, que é referência em **Centro Cardiológico**, tornando **Xanxerê A Cidade do Coração**.

Em **21 de Junho de 2016**, a **Secretaria de Obras, Transportes e Serviços**, através de **Clarice Sirena**, buscou a **ACIX** com intuito de definição de horários de carga e descarga relacionado ao comércio.

Em **12 de Julho de 2016**, discutiu-se sobre as constantes quedas de energia provocadas pelo contato de galhos na fiação elétrica durante a poda, que danificaram aparelhos e maquinário, fazendo com que a indústria interrompesse temporariamente a produção.

Em **24 de Agosto de 2016**, explanou-se a necessidade de transformar o **Quartel da Polícia Militar** em **Batalhão** e trazer policiais que estão sendo formados para a cidade de **Xanxerê**.

Em **30 de Agosto de 2016**, quando foi comemorado o aniversário da **ACIX**, ocorreu palestra com a presença do **Professor Roberto Merlo**.

Em **11 de Outubro de 2016**, a diretoria da **ACIX** destacou em reunião o livro **Ivo Zolet - Fotografia, História e Memória**, dos escritores **Neri Gonçalves de Paula** e **Renan Otovicz Bebber**, e solicitou reunião com a **Casa da Cultura Maria Rosa** para que busque valorizar ainda mais a história de **Xanxerê**.

A **ACIX** propôs que o **CDL** assuma a manutenção da **Árvore de Natal** na **Praça Alcides Bernardi**, com o custeio de 25% das despesas pela Associação. Caso isso não ocorresse, a árvore seria retirada.

A **ACIX** apoiou os organizadores do **Baile dos Bombeiros**.

Oscar Martarello convidou a diretoria e associados para a palestra **Inovação - Como Captar Recursos**, e projeto de **Encadeamento Produtivo**, realizados pela **FIESC**.

Em **03 de Novembro de 2016**, a **ACIX** indicou o engenheiro e arquiteto **Charles Rabaiolli** para o cargo de **Secretário de Desenvolvimento Econômico** buscando, com isso, dar atenção especial ao **Distrito Industrial**, e ao **Corpo de Bombeiros**.

Em **22 de Novembro de 2016**, a **ACIX** solicitou à prefeitura municipal a cedência de **João Berto** para o escritório da **Junta Comercial, Unidade de Xanxerê**.

Em **2016**, **Ary Marció**, do **Supermercado Gentil**, recebeu prêmio de **Empresário do Ano**.



2017

Em **16 Janeiro de 2017**, a **ACIX** elaborou planejamento estratégico da gestão **2016/2017**.

A **ACIX** atingiu o número de **550** associados.

A **ACIX** reanalisou missão, visão e valores, sendo que decidiu-se pela permanência das já existentes.

No quesito de fortalecimento, identificou-se que o **Negócio da ACIX** é o **Associativismo empresarial com foco em resultados ao associado e da classe empresarial**.

Diretrizes:

- 1 - Fortalecimento do associativismo - Apoio ao fortalecimento dos núcleos;
- 2 - Conhecimento e informação - Buscar e disseminar;
- 3 - Representatividade empresarial - Opinião, posicionamento e ação.

Bandeiras:

- 1 - Ampliação e fortalecimento do Distrito Industrial e das empresas já existentes;
- 2 - Apoio e criação de um novo Distrito Industrial;
- 3 - Acompanhamento e cobrança as reivindicações da classe empresarial;
- 4 - Apoio à criação do centro de cardiologia no **HRSP**;
- 5 - Valorização do associado;
- 6 - Incentivo ao desenvolvimento econômico sustentável.

Em **30 de Janeiro de 2017**, a **ACIX** realizou palestra de qualificação aos associados sobre **Fidelização de Clientes**.

A **ACIX** encaminhou ofício ao **Governador do Estado** solicitando apoio para ampliar a campanha da instalação do **Batalhão da Polícia Militar**.

A **ACIX** intermediou atendimento **Odonto Móvel** nas empresas.

A **ACIX** solicitou melhorias no trevo do **Frigorífico Arvoredo** e o de acesso ao viaduto.

A **ACIX** apoiou a **Associação Vêneta** na realização da **Festa da Polenta**, participando com a campanha **Xanxerê, Cidade do Coração**, com apoio do **Hospital Regional São Paulo**.

A **ACIX** buscou auxílio junto à **Delegacia Regional** para abertura de inquérito sobre fraudes e golpes em boletos e compras das empresas.

Em **14 de Fevereiro de 2017**, a **ACIX** realizou o evento **Café das Soluções** para empresários.

A **ACIX** realizou 2ª edição de evento comemorativo ao **Dia Internacional da Mulher**.

A **Gerente Executiva da ACIX Marisete Dreon Fontanive** foi convidada para participar da **Convenção das Soluções Empresariais em Florianópolis**.

A **ACIX** realizou, juntamente com os cursos de **Enfermagem e Educação Física** da **UNOESC**, aferição de pressão e índice de IMC, que aconteceu no **Parque de Exposições Rovillo Bortoluzzi** em 27 de Fevereiro, aniversário de **Xanxerê**. A **ACIX** solicitou melhorias na qualidade de tinta para sinalizar lombadas, bem como identificação de nomes de ruas.

Em **14 de Março de 2017**, a **ACIX** solicitou identificação das margens dos rios, riachos, córregos e nascentes no perímetro urbano de **Xanxerê**.

A **ACIX** solicitou mais segurança na **Praça Tiradentes** que estava com pouca iluminação.

A **ACIX** solicitou urgência na instalação do **Batalhão da Polícia Militar** em **Xanxerê**.

A **ACIX** apoiou campanha **Xanxerê, Cidade do Coração**, sugerindo trabalhar o prolema do tabagismo e fortalecer a educação de hábitos saudáveis e informou que o **Hospital Regional São Paulo** atende uma população de um milhão e trezentas mil pessoas.



Em **23 de Junho de 2017**, a ACIX apoiou a feira **Modacalce do Setor Calçadista no Parque da FEMI**.

A ACIX adquiriu veículo seminovo para melhor operacionalização dos trabalhos nas empresas.

O **Vice-Presidente Realdo Tavares** relatou reunião com **Comandante Geral da Polícia Militar** para viabilizar implantação do **29º Batalhão da Polícia Militar**, que proporcionará um número maior de policiais, melhorando a segurança pública de **23 municípios**.

A **Diretora Irene Aparecida e Sá Affolter** relatou **1º Encontro da Mulher Empresária** com a finalidade de formar **Núcleo da Mulher Empresária**.

Em **2017**, o empresário **Romeu Meneguzzi**, da empresa **Frigorífico Arvoredo**, recebeu o prêmio **Empresário do Ano**.

2018

Em **30 de Janeiro de 2018**, as diretoras e coordenadoras do **Núcleo da Mulher Empresária da ACIX** realizaram palestra sobre **Inteligência Emocional - Soluções Pessoais e Corporativas**, com a **Monja Coen**.

Em **20 de Fevereiro de 2018**, a ACIX apresentou novo layout do seu site com informações de cursos e palestras da ACIX e ações de comercialização dos núcleos.

A ACIX participou da organização da **FEMI 2018**.

A ACIX apoiou campanha **Xanxerê, Cidade do Coração**.

Em **30 de Maio de 2018**, a ACIX realizou **Café Empresarial - Encontro de Oportunidades de Crédito** com a presença do **SICOOB CREDIMOC / SICREDI / Gerente Oeste /BADESC / BRDE**.

A ACIX realizou workshop de **Liderança** com palestra **Social X Reforma Trabalhista**.

A ACIX informou a contratação dos escritores **Neri Gonçalves de Paula** e **Renan Otovicz Bebber** para escrever o livro comemorativo aos **50 anos da ACIX**.

Em **18 de setembro de 2018**, a ACIX entregou carta de reivindicações dos empresários aos candidatos a deputados estaduais, federais, e governo do estado, sendo as principais:

Infraestrutura - Conclusão da rede de esgoto de **Xanxerê**; conclusão do **Contorno Viário Leste** do município; pavimentação asfáltica para acesso às áreas rurais; criação ou ampliação de um novo distrito industrial; construção da **Ferrovia da Integração**.

Tributária - Estratégias para redução da carga tributária e melhoras nas linhas de crédito.

Segurança - Transformar a **4ª Cia do 2º Batalhão** em **Batalhão da Polícia Militar de Xanxerê e Região da AMAI**.

A ACIX realizou palestra sobre **Indústria 4.0**.

Em **09 de Outubro de 2018**, a ACIX foi informada sobre as tratativas do **Distrito Industrial**. Para tal, a prefeitura conseguiu aprovação de financiamento no valor de **R\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de reais)** para aquisição de área ao lado do distrito já existente.

Sugeriu-se falar com **SESI** antes da divisão da área para implementar refeitório para colaboradores das empresas. A intenção é vender terreno ao preço de custo.

Em **2018**, o empresário **Bruno Linhares Bortoluzzi**, da empresa **Sementes Bortoluzzi**, recebeu o prêmio **Empresário do Ano**.



2019

Em **11 de Fevereiro de 2019**, projeto **Xanxerê, Cidade do Coração** ganha repercussão nacional e reconhecimento da **Sociedade Brasileira de Cardiologia**.

A **ACIX** criou site **Empregos Xanxerê** com cadastro e serviço gratuitos para empresas. O site iniciou em **Janeiro** e conta com **300** currículos.

Em **19 de Fevereiro de 2019**, a **ACIX** buscou estudar soluções para acabar com as enchentes no **Rio Xanxerê**.

Em **16 de Abril de 2019**, a **ACIX** buscou manter o projeto **Xanxerê, Cidade Empreendedora**.

Projeto TEIA: o **Coordenador Realdo Tavares** explanou sobre o projeto e a instalação da **Incubadora Tecnológica**.

Em **07 de Maio de 2019**, a **ACIX** tomou conhecimento dos fatos ocorridos no **Lar do Idoso** após denúncias de maus-tratos e desvio de doações e apropriação de valores dos idosos. Foi informada também de que houve o afastamento da diretora e que uma nova gestão estava em processo para assumir a instituição.

A **ACIX** foi convidada a fazer parte do **Conselho Gestor do Fundo Municipal** para reconstituição dos bens lesados, e assim, pôde destinar recursos ao **Lar do Idoso**.

Em **23 de Junho de 2019**, **Realdo Tavares** informou que o **Projeto TEIA** seria mantido com o nome da **ACIX**, denominando-se, então, **Tecnologia, Empreendedorismo e Inovação ACIX**.

A **UNOESC** criou a missão **Vale do Silício** com a participação de outros campus, cuja a primeira oferta foi feita à direção da **ACIX**, contando com a participação de **16 pessoas**.

Em **25 de Junho de 2019**, a **ACIX** criou um **Campo Neutro**, apartidário, juntamente com parcerias e apoiadores.

A **ACIX** apoiou financiamento do **IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina)** para apresentação de projeto **NASA/EUA**.

Campanha **Xanxerê, Cidade do Coração**, é direcionada para **AMAI** como organizadora em **2020**. Neste ano o tema será **Obesidade**.

A **ACIX** participou do processo de licitação da **FEMI 2020**.

A **ACIX** sugeriu que **Lar do Idoso** seja transformado em **Lar Instituição Filantrópica**.

Em **02 de Setembro de 2019**, o **Núcleo da Mulher Empresária** organizou palestra "**Mindset Leader**" com **Edipo Vaccaro** no **Café do Mestre**.

Em **15 de Outubro de 2019**, a **ACIX** lançou oficialmente o **Projeto TEIA** no evento **Empresário do Ano**, com a certificação da **1ª Turma da Geração Empreendedora do Núcleo de Jovens**.

Núcleo de Jovens Empreendedores da ACIX realizou a **8ª Edição** do evento **Boteco do Empreendedor**, convidando o empresário **Paulino Bampi**, para apresentação de seu "case" de sucesso.

Em **2019**, o empresário **Fabiano Somensi**, da empresa **Casa do Chef**, recebeu o prêmio **Empresário do Ano**.

2020

Em **11 de Fevereiro de 2020**, **Irene Aparecida e Sá Affolter**, **Diretora da ACIX**, assumiu a **Vice-Presidência Regional do Conselho Estadual da Mulher Empresária**.

Vinicius Cassol assumiu a **Vice-Presidência Regional do Conselho Estadual de Jovens Empreendedores, CE-JESC**.

Em **2020**, a **ACIX** atingiu o número de **580** empresas associadas.



Em **30 de Março de 2020**, a diretoria da **ACIX** reuniu-se para discutir ações municipais e estaduais a respeito da pandemia de **Corona Vírus - COVID 19**, visando a organização de atendimentos de possíveis futuros casos e buscando inteirar-se de todas as medidas tomadas, declarando que é preocupante a continuidade da movimentação econômica.

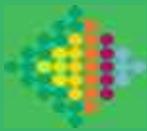
A **ACIX**, diante das considerações, e em nome das associações, reivindica junto a **FACISC** que sejam tomadas as medidas urgentes e necessárias para:

- 1 - Um posicionamento firme para a retomada das atividades empresariais junto aos governos;
- 2 - Que se tome medidas de investimento e segurança para a saúde pública;
- 3 - Que seja tomada medida de isolamento social vertical, sendo este, um excelente caminho da retomada das atividades, sempre visando o bem-estar e cuidados dos colaboradores.

Estas informações foram colhidas a partir da leitura de oito "Livros Atas" (1300 páginas) preenchidos ao longo de 50 anos, que contém um número estimado de 650 reuniões, sendo que não foram registradas as reuniões de 1977, 1979, 1980 e 1981. Nestes anos, foram registradas somente as reuniões de eleições de novas diretorias.

Os autores, a partir de análise, selecionaram as principais ações que a ACIX - Associação Empresarial de Xanxerê efetivou como proponente e/ou como apoiadora.

O registro dessas ações neste livro, por si só fundamentam o trabalho desenvolvido no período de 1970 até os primeiros meses de 2020, descrevendo e registrando para a história, o profundo envolvimento da Associação Empresarial no que tange ao desenvolvimento de Xanxerê e região, mostrando, por sua vez, que a entidade vai além de cumprir o total apoio às empresas, empresários e colaboradores, e estende seus braços a todas as causas sociais, que, objetivam uma melhor qualidade de vida para a população de Xanxerê e região.



Memória fotográfica de eventos da ACIX

27 de Fevereiro de 1976 - Jantar Festivo de uma das primeiras diretorias da ACIX



Arno Vivan e Valdir Lourenço Bortoluzzi

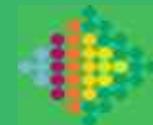


09 de Dezembro de 1989



Evento ACIX em 1990





Danilo Vanzin



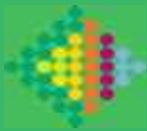
Gelson Merísio



Helio Winckler



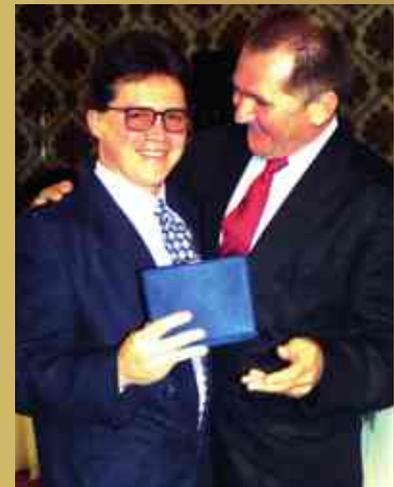
Jantar festivo da ACIX em 1990

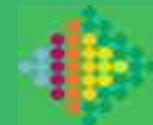


13 de Dezembro de 1991



ACIX 1992 - Evento em homenagem aos ex-presidentes





Agosto de 1993



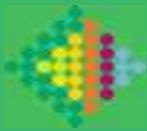
Posse da Diretoria em Janeiro de 1994

Dezembro de 1994



Reunião da ACIX em Julho de 1995



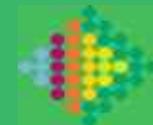


Dezembro de 1995



Posse em Dezembro de 1996



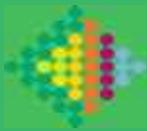


Doação de ambulância pela FIESC para a ACIX em Fevereiro de 1998



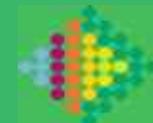
Reunião ACIX e FACISC em 1999

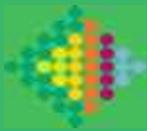


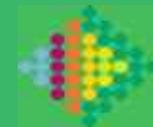


Fotos comemorativas alusivas aos 40 anos de fundação da ACIX, com entrega de troféu a ex-presidentes e diretores e prêmio Empresário do Ano 2010 a Oscar Martarello











Núcleos Empresariais da ACIX

A ACIX - Associação Empresarial de Xanxerê compõe-se de 11 Núcleos Setoriais.
Histórico e atividades desenvolvidas pelos núcleos:

NÚCLEO DE AUTOMECÂNICAS



ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ

NÚCLEO DE MECÂNICA PESADA



ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ

NÚCLEO DE JOVENS EMPREENDEDORES



ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ

NÚCLEO DE POSTOS DE COMBUTÍVEIS



ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ

NÚCLEO DE CONCESSIONÁRIAS E IMPLEMENTOS



ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ

EMPREENDEDORES MÁSTER



ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ

NÚCLEO DE IMOBILIÁRIAS E CORRETORES



ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ

NÚCLEO DA MULHER EMPRESÁRIA



ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ

NÚCLEO DE TECNOLOGIA



ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ

NÚCLEO DE ACADEMIAS



ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ

NÚCLEO DE INOVAÇÃO



ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ



NÚCLEO DE AUTOMECÂNICAS



O Núcleo de Automecânicas foi formado em **10 de Junho de 1999**, há 21 anos, sendo o mais antigo da ACIX com a denominação de núcleo.

Conta com **10** empresas associadas e é referência aos outros núcleos da ACIX. E, por ser um pioneiro, inspirou o surgimento dos demais núcleos.

Os nucleados têm como filosofia a proposta de que **cada associado, não é um concorrente, mas sim um parceiro**". Seus integrantes trabalham para que as mecânicas sejam reconhecidas pela qualidade do serviço oferecido e desempenho profissional.

Missão do núcleo: **Fortalecer o setor automecânico através de ações promovidas pelo núcleo, gerando resultados positivos para os nucleados.**

Visão: **Estar próximos do cliente atendendo com produtos e serviços de alta qualidade, através de aprimoramentos técnicos e profissionais.**

O Núcleo de Automecânicas também participa do núcleo estadual. Tem proporcionado aos participantes treinamentos e qualificações através de palestras.

O núcleo desenvolveu um aplicativo para facilitar o acesso às oficinas de **Xanxerê** de forma on-line.



Através do **Aplicativo de Assistência Técnica Automotiva**, toda pessoa que tiver necessidade dos serviços de uma automecânica pode acessar esse aplicativo e contar com o serviço de pronto-atendimento emergencial com segurança e qualidade, pois serão indicadas as mecânicas mais próximas e associadas ao núcleo.

São fornecidos serviços para veículos leves, pesados, picapes e vans, como também serviços específicos que vão desde guincho até contratação de seguros.



Domingos, Gemildo Tacca, Edgar Malize, Luiz Babinski, Mauro Romani, Leonir Tiecher, Claudiomiro Melchior, Moacir Bertencello.

Coordenador:

Gilberto Rocha

Empresas Associadas

Auto Mecânica Carissimi LTDA;
Botta Comércio de Veículos LTDA;
Jotagê Pneus LTDA;
Malize e Cia LTDA - EPP;
Maxi Acessórios LTDA - ME;
Mecânica Macativer LTDA;
Mover Chevrolet LTDA;
Pollo Auto Serviços e Peças LTDA;
Rochacar Serviços Automotivos LTDA ME;
DM Auto Veículos LTDA.



NÚCLEO DE MECÂNICA PESADA



O **Núcleo de Mecânica Pesada** surgiu de um desmembramento do **Núcleo de Auto-mecânicas**. Isso ocorreu em **28 de Abril de 2005**. O que motivou esta separação foi o fato de que os cursos de capacitação não favoreciam a todos os participantes, visto que a mecânica pesada é um segmento totalmente diferente da mecânica leve.

Antes dos núcleos existia a **Associação das Oficinas**.

A missão do **Núcleo de Mecânica Pesada** é: **Unir e fortalecer este setor**.

A política de participação no **Núcleo da Mecânica Pesada** propõe que todos os membros da diretoria também ocupem a função de coordenador.

A mecânica pesada trabalha especificamente com caminhões, máquinas agrícolas como tratores, colheitadeiras, ônibus, carretas, camionetes... Praticamente tudo o que funciona a diesel é considerado mecânica pesada.

De acordo com os participantes, além de uma bela amizade entre eles, estão sempre trocando ideias comerciais e conhecendo novas tecnologias na área em que atuam. Frequentemente organizam confraternizações que, em tese, são as reuniões oficiais do núcleo, até porque os participantes relataram que é um hábito dentro das oficinas encontros acompanhados de um bom churrasco, onde ocorre a troca de experiências, conversa sobre assuntos importantes e tomada de decisões.

Na sequência, sempre se joga um baralhinho.

Em uma roda de conversa, os participantes relataram o seguinte:

"Através do núcleo, temos apoio para realizar viagens de pesquisa, cursos, palestras... Tudo o que estiver à disposição para incentivar e fortalecer o crescimento de todos.

Atualmente, participam do núcleo em torno de seis empresas. Muitas empresas participam do núcleo, mas ainda não são associadas da **ACIX**.

O objetivo do núcleo é buscar melhorias para os mecânicos. Vamos em busca de cursos, adaptação de novas tecnologias vindas do mercado, sempre inovando. É a função do núcleo, para que ocorra a troca de informações. Quando se tem dúvidas, a gente liga para quem tem mais experiência, e além de todas essas trocas, temos o companheirismo entre nós, apesar de todos sermos concorrentes um do outro.

No início havia uma barreira, porque era difícil entrar num lugar onde estivessem todos os nossos concorrentes, passar os nossos conhecimentos e compartilhar experiências com eles.

Essa barreira ainda existe de certa forma com as pessoas novas que começam a participar do contexto. Mas estamos trabalhando para melhorar isso.

Entre os veteranos e a diretoria, se falta alguma peça em uma empresa, é só ligar para outra e ir lá pegar. Da mesma forma quando precisamos saber algumas informações. É isso que é bacana, porque poderíamos dizer um para o outro um número errado ou negar, dar alguma informação para prejudicar alguém.

Totalmente o contrário, a gente se ajuda. Nos tornamos parceiros não só nas confraternizações, mas no trabalho.

Numa época, ocorreu um problema em uma máquina e ficamos até meia noite trabalhando juntos para consertar. Um saiu da sua própria empresa para ajudar o outro, e assim vai".

O que mudou nesse setor com a união entre as empresas e a separação dos núcleos?

"Foi um salto muito grande, quase que imediato, porque aí começamos a buscar cursos para a nossa área, palestras, viagens... Fizemos uma viagem a **Caxias do Sul**, onde fizemos cursos importantíssimos. Isso nos ajudou muito também a difundir o núcleo.

Nós começamos a ter a oportunidade de conseguir trazer para o núcleo melhorias e qualificações que ficavam de certa forma emperradas, travadas, como treinamentos, participações em feiras, enfim, conhecimento.

Percebemos que deixando a concorrência de lado e trabalhando em parceria, conseguiríamos muito mais benefícios para nossas empresas do que se batalhássemos sozinhos.



Assim, promoveríamos individualmente cada empresa, pois muitos cursos passaram a ser aplicados internamente nas empresas para qualificar melhor o nosso trabalhador que, por sua vez, prestará um serviço da melhor qualidade aos nossos clientes.

Muitas vezes sem custo adicional para a empresa e nem para o funcionário. No início era assim: quem sabia mais ensinava quem estava começando. Dessa forma, todos começaram a se profissionalizar por igual."



André Girardi, Mauri Gasparetto, Edilson dos Santos, Gelson Lorenzi, Rogério Fuhr, Levi Pertile e Fernando Gava.

Coordenador:

Andre Girardi

Empresas Associadas:

**Copeagi;
Mecânica Gasparetto;
Mecânica Gava;
Oficina Torno Mecânica Fuhr;
Trator Diesel LTDA;
Trevo Diesel.**



**NÚCLEO
DE JOVENS
EMPREENDEDORES**



O Núcleo de Jovens Empreendedores (NJE) foi fundado em **18 de Novembro de 2008**.

Este núcleo o único multisetorial da **ACIX**.

É formado por jovens empreendedores que buscam capacitações e crescimento profissional, bem como melhoria nas condições empresariais para os jovens xanxerenses.

O núcleo busca se inspirar nas pessoas que fazem do seu trabalho um instrumento para melhorar o município.

O núcleo conta com a participação de 40 jovens nucleados ativos. Estes, compõem pastas e desenvolvem atividades de forma atuante na sociedade xanxerense.

Principais Eventos e Ações:

1. **Boteco do Empreendedor:** Evento destinado à união entre inspiração de “case” profissional com empresário local, comida de boteco, e diversão, contando sempre com atração de comédia;

2. **Feirão do Imposto:** Atividade de conscientização dos munícipes de que o imposto não foi criado com o intuito de sacar valores dos cidadãos, mas sim de efetivar os direitos constitucionalmente previstos; Quais suas funções; Diferença entre imposto, taxa e tributo; E o que podemos fazer para que nossos impostos sejam melhor utilizados;

3. **Capacitações:** Cursos, palestras e bate-papo sobre como melhorar nossas empresas e ampliar nossa capacidade de liderança.

4. **Business Café e Cases de Sucesso:** Conversa com empresários locais sobre como iniciou o empreendedorismo, quais seus erros e acertos e que conselhos nos deixam para podermos agir da forma mais correta em nossas empresas;

5. **Participação em AGO e ERJE:** As **Assembleias Gerais Ordinárias** são encontros estaduais, enquanto os **ERJEs** são **Encontros Regionais de Núcleos de Jovens**, cujo principal objetivo é a troca de conhecimento e o networking;

6. **Visitas Técnicas:** são realizadas algumas visitas durante o ano para conhecer as empresas de nossa cidade e cidades vizinhas, buscando ampliar o conhecimento nos mais diversos setores;

7. **Geração Empreendedora:** Essa pasta busca levar os nucleados nas escolas e passar um pouco de suas experiências, instigando e inspirando crianças e jovens a empreender em suas vidas;

8. **Rodada de Negócios:** Busca unir cerca de 60 empresários para que, em uma oportunidade única, possam fazer networking e oferecer/vender seus produtos e serviços;

9. **Corn Day:** É um evento com o propósito de difundir conhecimentos sobre a cultura de inovação empresarial e fortalecer a integração entre quadrúplice hélice (universidades, indústrias, instituições governamentais e a sociedade civil).

Como jovem empresário, qual a importância do Núcleo de Jovens Empreendedores?

“Iniciei no grupo de jovens empreendedores em 2017, sem saber ao certo o que aquele grupo com jovens sonhadores e engajados iria me propiciar.

Aos poucos, fui me inteirando das atividades e mantendo-me ativo em tudo o que acontecia, até receber o convite para assumir a tesouraria (início do ofício para chegar a ser coordenador).



O *networking*, os eventos externos, a atividade desenvolvida com a colaboração de cada um dos integrantes me fez perceber que realmente a cooperação faz a força – seja no núcleo ou em nossas empresas, pois como sempre falo a todos: o **NJE (Núcleo de Jovens Empreendedores)** é um laboratório onde podemos testar as mais variadas formas de gestão.

Estar nesse meio com jovens que possuem os mais variados objetivos profissionais e pessoais me fez crescer, ampliei meus horizontes. Sozinhos acabamos enfrentando as adversidades de uma forma mais frágil, em um grupo onde todos querem ir além e superar seus limites, todos buscam inspirações nas atitudes dos colegas e seguem seus caminhos mais fortes e perseverantes.”

Qual é a importância da ACIX para os jovens empresários?

“Costumo dizer que a **ACIX** e as brilhantes pessoas envolvidas com essa instituição são os pilares do **NJE** e demais núcleos. Uma vez que o **NJE** é vinculado a **ACIX**, estamos em constante conversa e alinhamento de objetivos em prol de benefícios mútuos. O associativismo certamente reúne interesses dos seus integrantes em prol do crescimento da coletividade.”



Coordenador:

Leonardo Rocha

Empresas Associadas:

Aimirim Propaganda LTDA;
Alessio Confecção LTDA ME;
Café do Mestre LTDA;
Cassol Fast Food LTDA;
Domingos Souza Xanxerê ME;
Ferragem Xanxerê LTDA;
Florestal Modesti LTDA ME;
Minuto Estampas e Carimbos LTDA;
Nathan Sartor;
Reana Corretora de Seguros;
Rj Comércio de Embalagens LTDA;
Roda Viva Moto Peças LTDA;

Alex Botta, Alexandre Canal Junior, Anna Letícia Piccoli, Ana Clara Queiroga, Bianca Rama, Camila Bressiani, Daniel Frozza, Deisi Moschetta, Diego dos Santos, Eduardo Debastiani, Eduardo Modesti, Elexandro Marcelo Bagattini (Yabba), Felipe Martarello, Felipe Antonio Meneguzzi, Giliard Grigolo, Guilherme Rech, Jeferson Comunello, Leonardo Rocha, Leonice Ferarez, Leticia Sebenello, Marina Benedetti, Nathan Sartor, Patrick Cenci Pagliari, Paulo Henrique Faggion, Paula Detoni, Rosangela Barbosa, Uelyson Colatto, Thamara Verardo, Thiago Souza, Vinicius Rama, Vinicius Cassol e Zenilton Machado.



NÚCLEO DE POSTOS DE COMBUTÍVEIS



O **Núcleo de Postos de Combustíveis** foi fundado em **09 de Julho de 2012**.

O núcleo realiza mensalmente reuniões com o objetivo de compartilhar ideias e ações para melhorar a atividade e manter a competitividade.

Busca constantemente a troca de experiências, com a finalidade de aperfeiçoar as atividades do setor. Para tal, tem convidado profissionais que auxiliam, no intuito de sanar dúvidas e mostrar caminhos para o crescimento.

O núcleo tem promovido ações sociais que visam ajudar entidades e pessoas necessitadas com doações de medicamentos, fraldas, alimento e até mesmo doações financeiras.

Uma das principais ações ocorrem através da campanha **Tanque Solidário**.

Nessa campanha, o cliente abastece nos postos integrantes do núcleo, e uma parcela do valor é doada para instituições beneficentes de **Xanxerê**.

Entre estas: **Bem Estar Animal, APADAVIX, Eco Terapia Renascer, Lar do Idoso, Policia Militar PPT e APAE**.

Desde sua fundação, o núcleo vem fortalecendo os empresários do setor de combustível, melhorando a qualidade dos seus negócios.



Gerson Colpani, Rafael Siviero, Edson Zape, Jean Agazzi, Edilson Márcio, Joao Paulo Siviero, Maritania Agazzi, Paulo Colatto,

Coordenador:

Rafael Siviero

Empresas Associadas:

**Auto Posto Colpani LTDA;
Auto Posto Faxinal LTDA;
Auto Posto Girassol LTDA;
Auto Posto Marció;
Auto Posto Xanxerê LTDA;
Posto 10;
Posto Águia Dourada;
Posto Altos da Avenida LTDA;
Silvio a Siviero Cia LTDA;
Vo Aldo Posto LTDA;**



**NÚCLEO DE
CONCESSIONÁRIAS
E IMPLEMENTOS**



O Núcleo de Concessionárias e Implementos foi fundado em **11 de Fevereiro de 2015**. Um dos objetivos do núcleo é estreitar cada vez mais o relacionamento com os envolvidos, bem como fortalecer o desenvolvimento de lideranças, transmitir e demonstrar a importância e necessidade de se ter um núcleo, buscando a quebra de paradigmas e informações relevantes para todos.

Em **2018**, o grupo engajou-se para participar da **Expo FEMI**, e também de feiras regionais.

A meta principal do núcleo é o compromisso de todas as empresas com a cooperação, proporcionando, nos encontros, trocas de informações, conhecimentos e crescimento empresarial.

O núcleo foi fundado a partir de uma ideia no **Encontro do Sindicato Patronal**, que realiza reunião todos os anos.

A coordenadora do núcleo **Gilvana Botta**, assim explanou: “Quando convidados para a primeira reunião, conseguimos organizar um grupo composto por seis concessionários, quando se conseguia reunir apenas dois. A partir dessa reunião, foi cogitada a possibilidade da criação do núcleo, pois percebeu-se interesses em comum relacionados à contratação, desafios de RH, sobre as feiras e negócios, participação de eventos como **FENABRAVE**, que é a **Federação Estadual** que representa todos os concessionários, e observou-se também que o número de concessionárias em **Xanxerê** seria de dezesseis ao todo, sendo elas de implementos, automóveis, motos. Aí surgiu a ideia de convidá-los a fazer parte desse núcleo.”



Vera Kochmann, Pablo Frank, Sandro Botta, Gilvana Botta, Márcio Lucca, Fernando, Renata Carvalho Seraglio, Alessandro e Rudimar Kochmann.

Coordenadora:

Gilvana Botta

Empresas Associadas:

Auto Xanxerê LTDA;
Botta Comércio de Veículos LTDA;
Bugio Tratores LTDA;
Ceres Implementos Agrícolas;
Compasi Implementos Rodoviários LTDA;
Mover Veículos LTDA;
Piazza Comércio de Tratores e Máquinas LTDA;
Pippi Máquinas Agrícolas Santa Catarina LTDA;
Savana Comércio de Veículos LTDA;
Seraglio Implementos Rodoviários LTDA;
Transportes Siviero LTDA;
Trator Diesel LTDA;
Tecnosafra.



EMPREENDEDORES MÁSTER



O Núcleo de Empreendedores Máster foi fundado em 23 de Fevereiro de 2015. Missão: “Fomentar a competitividade das empresas de grande porte de Xanxerê”. O Núcleo de Empreendedores Máster tem como principal objetivo desenvolver ações que intensifiquem as consultorias empresariais para verificação do consumo de energia elétrica, além da otimização de custos, redução dos desperdícios e esclarecimentos sobre procedimentos operacionais, oportunizando a conversação entre os empreendedores máster, buscando oferecer novas tecnologias, promovendo encontros com doutores de institutos nacionais e internacionais voltados à disseminar o conhecimento com aplicação imediata para melhorar o resultado das empresas.

Dentre as tecnologias estão a diminuição do custo de energia, uso mais racional da mão de obra, diminuição do impacto tributário dentro das empresas, e a proteção adequada do patrimônio.

Algumas palestras proporcionaram grandes resultados, dentre essas, palestra sobre reforma trabalhista com **Dr. Marcos Augusto Melek, Juíz Federal do Trabalho**.

Também a partir deste núcleo, buscou-se uma participação efetiva no **Conselho de Consumidores de Energia da Iguaçú**. Com isso, o núcleo pode acompanhar a concessionária, tendo um integrante no conselho.



Alceu Lorenzon, Dalmor Marcos Badotti, Roberto Carlos Meneguzzi, Sandro Botta, Neimar Antonio Colpani, Adriano Piasieski, Fabio Lunkes, Dirceu Tacca, Irineu Altissimo, Rafael Marció, Mario Lorensi, Wagner Bocchi.

Coordenador:

Mario Lorensi

Empresas Associadas:

**Alcaplas Indústria de Plásticos
LTDA;**
Badotti Alimentos S.A;
Carnes Arvoredo LTDA;
Escadas Santa Catarina;
Gens Brasil Agro LTDA;
Hilê Indústria de Alimentos LTDA;
Hospital Regional São Paulo;
**Ilitalia Indústria de Tubos e
Mangueiras LTDA;**
**Imprimax Grafica e Embalagens
LTDA;**
Moinho Xanxerê Ind. Com. LTDA;
**Perfimax Indústria e Comércio de
Ferro;**
**Rafitec S.A Indústria e Comércio de
Sacarias;**
Supermercado Gentil Marció;
**Vemate Verdinha Indústria do Mate
LTDA.**



NÚCLEO DE IMOBILIÁRIAS E CORRETORES



O Núcleo de Imobiliárias e Corretores de Imóveis foi fundado em 30 de Maio de 2016 com vários profissionais do ramo imobiliário.

O objetivo do núcleo é dinamizar e profissionalizar o setor, promovendo a parceria entre os componentes, favorecendo o proprietário e o comprador para realização de um bom negócio, difundindo seriedade, ética e prosperidade, aumentando a competitividade das empresas através de ações coletivas que possibilitem melhorar o desempenho e posicionamento imobiliário no mercado.

O Núcleo de Imobiliárias e Corretores de Imóveis tem a missão de aprimorar, capacitar e integrar agentes do mercado imobiliário, promovendo o fortalecimento da categoria e fomentando o associativismo.

O núcleo busca beneficiar e fortalecer o segmento, oportunizando capacitações técnicas e gerenciais, participação em missões e eventos com maior regularidade e menor custo, ampliação de mercado e melhora no relacionamento, elevando o reconhecimento e a integração da categoria de corretores de imóveis e imobiliárias.

Através dessas ações, propicia o estímulo à confiança, o respaldo e a admiração dos profissionais da área pela sociedade.

O núcleo tem promovido o desenvolvimento de lideranças e vem expandindo a consciência do setor para a importância do cooperativismo e do trabalho em equipe, reestruturando-se com uma organização mais efetiva, criando uma agenda de eventos, com palestras e negócios não apenas para os membros do núcleo, mas para todos os profissionais do mercado imobiliário da região.

Criou e divulgou um site em parceria com a prefeitura municipal, para formar um banco de dados de imóveis da cidade.



Leandro Lorenzon, Erick Douglas Maia Zanella, Bernardete da Silva Sá Hoinoski, Darci A Balbinot, Valdo C. Casagrande, Neilor Sfredo, Luiz Fernando de Moura e Mauro Israel.

Coordenador:

Luis Fernando de Moura

Empresas Associadas:

**Cerealista Faxinal LTDA (Condessa);
Imobiliária Lorenzon; Imobiliária
XanCasa LTDA - ME;
Satélite Assessoria Imobiliária LTDA ME;
Atto Assessoria Imobiliária;
Radio Princesa do Oeste;
Fábrica Avalanche;**



**NÚCLEO DA
MULHER
EMPRESÁRIA**



O **Núcleo da Mulher Empresária** foi fundado em **15 de Agosto de 2017**.

Foi criado com o objetivo de fortalecer a mulher empreendedora, prepará-la e capacitá-la para assumir cargos de liderança na comunidade. A primeira grande ação do núcleo foi a palestra ministrada pela **Monja Coen**. Outro desafio foi sediar a “**83ª AGO/FACISC**”, com **70** empresárias do **Núcleo do Oeste, Extremo-Oeste e Noroeste de Santa Catarina**.

O núcleo também participou do “**4º Empreende Mulher Catarinense**”, realizado em **Camboriú - SC**.

Esse encontro teve uma programação voltada ao *networking*, geração de negócios e capacitação das empreendedoras por meio de “cases” inspiradores.

O **Núcleo da Mulher Empresária** tem procurado mudar a coordenação anualmente, propiciando que mais mulheres possam aprender sobre liderança, enfrentando desafios e agregando experiências.

Irene Aparecida e Sá Affolter foi a primeira coordenadora e uma das idealizadoras do núcleo. Enfatiza: “A principal meta é proporcionar ações benéficas às empreendedoras que desejem sair da sua zona de conforto em busca de novos desafios.”

Ana Cecília Sirino, coordenadora do núcleo em 2019, relata: “Ao trazer a **Monja Coen** para palestrar, a intenção maior foi proporcionar conhecimento a fim de que, a mulher empresária, busque pensar e meditar antes de agir e também para nos alimentar com um pouco de espiritualidade.”

A atual coordenadora do núcleo, **Rosicler Felippi Puerari**, salienta: “O que me motivou a participar do núcleo, é o fato deste fortalecer a mulher empresária individualmente, profissionalmente, socialmente, e agregar ao grupo força coletiva, bem como a busca por um reconhecimento e posicionamento cada vez mais efetivo da mulher na sociedade.

Através do núcleo, a mulher pode mostrar seu potencial e a capacidade de participar de maneira a contribuir para a construção de uma sociedade melhor, mas para tal, se faz necessária a valorização das capacidades e potencialidades. Assim, estes valores podem ser apreciados e explorados indistintamente de gênero.

Deste modo, busca-se simplesmente um ambiente melhor, desenvolvido e adequado ao tempo e local em que se estiver, agregando recursos, e consequentemente, mais qualidade de vida.”

Rosicler prossegue afirmando: “Nunca foi tão clara a necessidade de associação, de cooperativismo e de colaboração.

No meu ponto de vista, ao associarmos e juntarmos as forças, características, conhecimentos, habilidades e capacidades de cada indivíduo, podemos ser mais fortes, conseguindo atingir mais facilmente nossos objetivos e trilhar por caminhos que sozinhos seriam muito complicados.

O associativismo nos permite desenvolver ações para o indivíduo ou coletivo de maneira a atender as demandas existentes, fortalecendo a todos.

Se nos reunirmos num propósito comum, os nossos resultados serão mais facilmente obtidos, e consequentemente todos evoluirão.

Coordenar o **Núcleo da Mulher Empresária**, é uma responsabilidade que me fortalece, e um desafio que me faz melhorar e desenvolver habilidades até despercebidas.

Aceitei o desafio porque sei que isso me acresce. Andamos por caminhos completamente novos, onde a adaptação, a flexibilização e a atualização, nunca foram tão pensadas.

As pessoas que fazem parte desse núcleo possuem uma força incrível e muita determinação. Certamente, as ações serão pertinentes, os objetivos e metas alcançados, e o sucesso será consequência. Desta forma, acredito que as mulheres conquistarão mais espaço, ocupando mais lugares, cargos e funções dentro da sociedade atual.

Nós mulheres, temos o dom de conseguir desenvolver várias atividades paralelamente, o que nos torna capazes de dar conta de tudo que nos propomos a fazer.

Quando escolhi trabalhar, ter uma profissão, me organizei para isso. E ao longo do tempo, à medida em que minha família foi se estruturando, fui absorvendo mais funções. Tive que fazer escolhas, e priorizar atividades. Quando chegou o convite para participar do núcleo, tive que incluir mais uma atividade.

Meus dias tem sempre muitas horas, assim consigo organizar meu tempo e realizar da melhor forma possível minhas atividades, sejam elas pessoais, profissionais, intelectuais, de associativismo, entre outras.



Este livro comemorativo aos cinquenta anos da ACIX, além de eternizar e homenagear tantas pessoas que voluntariamente se doaram à **Associação Empresarial de Xanxerê**, tem também um cunho educativo, pois, permite que as ações, fatos e projetos desenvolvidos ao longo de cinquenta anos, possam ser estudados, conhecidos, e assimilados pelas próximas gerações, propiciando que se desenvolvam, evoluam e tornem nossa cidade cada vez melhor, proporcionando ascensão social, econômica, cultural e política.”



Irene Sá Affolter, Ana Cecília Sirino, Daiane Botta Lorensi, Cristiane Sbruzzi Berté, Catarina Spessato, Rosicler Felippi Puerari, Luízia-ne Schaedler, Ediane Tonello Piasseski, Loreni Maria Wustro, Gilvana Cavagnolli Botta, Juciane Rosset Piasseski, Adriane Franke Spilmann, Daiane Alessio Danielli, Nelsi Franke.

Coordenadora

Rosicler Felippi Puerari

Empresas Associadas:

**Ana Cecília Sirino Advocacia;
BBC Confeções LTDA ME;
Botta Comércio de Veículos LTDA;
Cia do Vidro;
Gens Brasil LTDA;
Jornal Folha Regional;
Language School - Escola de Idiomas
FISK;
Loreni Maria Wustro Cia LTDA ME;
Sonhare Ambientes;
Vemate.**



NÚCLEO DE
TECNOLOGIA



O **Núcleo de Tecnologia** foi fundado em **13 de Junho de 2018**.

Busca oportunizar a integração com empresários que pensam em um bem comum, que acreditam que juntos podem promover ações que beneficiem não só as empresas da área, mas sim a geração de emprego e renda para o município de **Xanxerê**.

O núcleo acredita que o associativismo estimulado pela **ACIX**, incentiva o crescimento e alicerça as ações que o núcleo desenvolve, pois a **ACIX** é uma instituição que ampara, com infraestrutura e serviços.

O atual coordenador do núcleo, **Roni Paulo Canali**, enfatiza: “Estamos em um mundo em plena transformação digital, com o surgimento expressivo de empresas com viés tecnológico. Visando o crescimento e o fortalecimento das empresas do setor, criou-se o **Núcleo de Tecnologia**.”

Juntaram-se os interessados e foi formado um grupo com 8 integrantes. Desde o início das atividades, estou na coordenação do núcleo. Desde sua criação, o núcleo promoveu palestras, cursos, e missões empresariais que acrescentaram muito conhecimento aos integrantes, como a visita à **Incubadora Tecnológica de Luzerna**, palestra “**Funil de Vendas**” com **Márcio Locatelli**, doação de alimentos ao **Lar do Idoso**, missão empresarial a **Florianópolis**, entre outros.”

Num mundo globalizado, a união deve fazer parte da cultura da empresa. Ninguém cresce sozinho. O associativismo vem ao encontro dos interesses comuns. Para tal, ergue-se uma voz para que se atenda aos anseios e aos interesses do setor. Assim, conseguem-se linhas de crédito específicas, disponibilizadas às necessidades das empresas. Enfim, essa junção de interesses proporciona benefícios a todos os associados.”

Objetivos específicos do núcleo:

- Auxiliar na ampliação da visão estratégica das empresas;
- Fortalecer o arranjo produtivo;
- Fomentar o ecossistema de inovação;
- Aumentar a disponibilidade de mão de obra qualificada;
- Realizar treinamentos e capacitações;
- Dar visibilidade e novas oportunidades aos nucleados;
- Contribuir na geração de renda.



Uélyson Colatto, Mauricio Berte, Christian Garghetti, Andre Forchesatto, Natan Suzana, Aleto Tomasoni, Roni Paulo Canali e Leonardo Cassol.

Coordenador

Roni Paulo Canali

Empresas Associadas:

2OP;
ADM Sistemas;
ADML Software;
Aleto Design Digital;
Camtwo Sistemas;
Core Soluções Tecnológicas;
FAEE;
IPSE Publicidade e Propaganda.



NÚCLEO DE ACADEMIAS



O **Núcleo de Academias** foi criado em 2019, mas sua semente já havia sido plantada em 2018, com o **Vice-Presidente da ACIX, Sr. Realdo Tavares**, que procurou o atual coordenador **Glaucinei Marcos Trevisol**, o qual já participava do **Núcleo das Assessorias Esportivas** em **Florianópolis** e havia sido **Conselheiro Regional de Educação Física**, e mantinha contato com o **Núcleo das Academias de Blumenau, Chapecó, Concórdia e Joinville**.

Glaucinei relata: “Eu já possuía vinte anos de experiência na área, então, conversei com o **Realdo Tavares** sobre a possibilidade de criar um núcleo em **Xanxerê**. Fizemos com a **ACIX**, e prossegui com a ideia.

Assim, plantou-se uma semente. Enviamos um convite para todas as academias de **Xanxerê**, convocando uma reunião. No primeiro momento, participaram dez academias, que se associaram e o núcleo foi criado. Fizemos a eleição da diretoria, e fui eleito como coordenador por estar à frente do projeto.

O objetivo do **Núcleo de Academias** é fomentar parcerias e desenvolver os negócios dos empresários desta atividade em **Xanxerê**.

Nossos encontros ocorrem aos sábados pela manhã, nos quais definimos metas, trocamos experiências, identificamos oportunidades e discutimos dificuldades encontradas na rotina de trabalho, bem como compartilhamos soluções eficientes em conjunto para determinados problemas, com o objetivo de sempre ajudar o colega que estiver precisando.

Além de melhorar a qualidade de vida das pessoas, o **Núcleo de Academias** almeja realizar ações que promovam a conscientização da população sobre a necessidade da prática de exercícios físicos. Isso de forma regular, sistemática e de maneira segura, propondo que as atividades sejam bem orientadas, realizadas por profissionais de **Educação Física** altamente qualificados.

Buscamos profissionalizar este segmento, qualificando a prestação dos serviços, formando uma rede de relacionamentos, através de cursos e treinamentos para as equipes colaboradoras, agregando conhecimento sobre as leis e melhorias de gestão aos empresários deste setor.”



Coordenador - **Glaucinei Marcos Trevisol**

Empresas Associadas:

Academia Espaço Fitness LTDA;
Cladistone Sartori Sinhorin ME;
Academia Clínica Personal LTDA;
Duo Pilates e Fitness LTDA;
Margarete Fatima Trevisan;
Three Cross Academia Xanxerê LTDA;
Glaucinei Marcos Trevisol;
Daiana Locatelli ME;
Accios Centro de Treinamento Físico;
Ativas Personal Training LTDA.

Luciano Marció, Cladistone Sartori Sinhorin, Claudia S. Z. Barcarol, Karen Patricia Forchesatto, Kelen Regina da Silva, Margarete Fátima Trevisan, Mateus de Abreu, Glaucinei Marcos Trevisol, Daiana Locatelli, Ericles Izaura Artuzzi, Geisiele Biasi Adolfo, Jaime Alves de Oliveira.



NÚCLEO DE INOVAÇÃO



O **Núcleo de Inovação** é o mais novo núcleo criado na ACIX. O coordenador do núcleo, **Thiago Soffiati Souza**, explanou sobre a motivação da criação deste núcleo:

“Este núcleo é uma iniciativa que se encontra em fase inicial de formação. No estado, essa formação acontece através do sistema **FACISC**. Em **Xanxerê**, através da **ACIX**.

Quando da criação do **Projeto TEIA**, constatou-se a necessidade de fomentar conhecimentos e assuntos ligados à novas tecnologias, processos e produtos no município de **Xanxerê**. Isso com o intuito de desenvolver o ecossistema de inovação do município.

Ao discutirmos a criação do núcleo, nos deparamos com a necessidade de oportunizar interações entre profissionais dos diversos segmentos que trabalham com esses temas, e que precisam de um canal de interatividade.

O *benchmarking* (avaliação comparativa) foi o acompanhamento de outros núcleos de inovação no estado de **Santa Catarina**, que promovem ações excepcionais, realizando eventos, cursos, visitas técnicas a empresas, e até mesmo viagens internacionais para conhecer os maiores ecossistemas de inovação do mundo, e assim, trazer novas soluções para as empresas.

Conforme dito anteriormente, o **Núcleo de Inovação** encontra-se em processo de formação. Ainda não foi formalizado e está em fase de planejamento. Mas já existe um grupo virtual com 19 profissionais de diferentes setores.”

Coordenador:

Thiago Soffiati Souza

Profissionais participantes:

Engenheiros, empreendedores, designers, professores universitários e consultores, cujas habilidades multidisciplinares nortearão as ações.

Empresas Associadas:

Souza Car;
Camtwo Sistemas;
Core Soluções Tecnológicas;
Ab.bras.ni;
Subway;
Aimirim Propaganda;
Amb Soluções Corporativas;
Senac;

Ieneagrama;
System Up Serviços De Informatica;
Linear Energia



Thiago Soffiati Souza, Andre Luiz Forchesato, Uélyson Carlos Colatto, Estevão Kos Schuh, Vini Cassol, Elexandro Marcelo Bagattini, Fabio Ambrosio, Adailson Perissinotto, Iara Faion, Osmarildo Paviano, Pablo Michelin, Maicon De Bortolli



Depoimentos da atual diretoria da ACIX



Neimar Colpani
Presidente

O atual Presidente da Associação Empresarial de Xanxerê, **Neimar Colpani**, é natural de **Xavantina - SC**. Filho de **Domingos Colpani** e **Elza Angela Tumelero Colpani**. Casado com **Cleide Maria Dreon Colpani**. Seus filhos: **Vinicius Colpani** e **Cristina Angela Colpani**. Netos: **Vicente** e **Artur**.

Formou-se como **Técnico Agrícola** em **Sertão - RS**. Em seguida, prestou teste em **Videira - SC** para trabalhar na **Perdigão** no setor de suínos, e depois pediu transferência para **Erechim - RS**.

Em **1986**, veio para **Xanxerê** trabalhar no setor de compra e venda de suínos e cereais.

“Atualmente trabalho com produção industrial. Minha empresa produz escadas de madeira, escadas de fibra de vidro, produtos para agropecuária com fibra de vidro, pisos plásticos, escamoteadores, perfis para terça de construções (**viga de madeira que sustenta os caibros do telhado**)... Criamos um novo nicho de mercado, pois sentimos a necessidade de produzir esses produtos para a região.

Hoje, para juntar todas essas coisas, mudamos do nome Escadas Santa Catarina para **Grupo Santa Catarina**. Inclusive estamos construindo algumas parcerias com equipamentos para a suinocultura.”

Como entrou na ACIX?

“Eu já era muito amigo do **Oscar Martarello**. Ele me trouxe para conhecer o trabalho dentro da diretoria. Até então, eu era somente sócio da **ACIX**. Havia recém assumido uma gestão dentro do **Lions Club** como presidente, e também do conselho da Igreja Matriz Senhor Bom Jesus, então fomos nos aproximando e o **Oscar** achou interessante me convidar para fazer parte da **ACIX**.

Há oito anos me tornei sócio da **ACIX** com a minha primeira empresa. Associei-me devido aos produtos e serviços que a associação oferecia, que eram muito interessantes, principalmente o sistema digital, aí comecei a trabalhar junto com eles.

Considero-me bem novo para ter assumido a presidência da **ACIX** no ano de 2019, porque tenho cinco anos de participação na diretoria. Mas isso que é o bacana, oportunizar que se aprenda com a experiência.”

E como presidente, qual sua visão de dentro do contexto em que a ACIX trabalha?

“Primeiramente, aqui dentro da associação tem pessoas com índole, são sérias, honestas, almejam e contribuem para que o nosso município cresça.

Dentro desta entidade, a essência que vem se criando já vem do berço. É uma entidade que com certeza, se for ouvida, que é uma das coisas que estamos buscando com esses novos projetos, tem muito a contribuir com a sociedade.

Isso me abriu uma visão totalmente diferente de uma associação empresarial. Até então, era simplesmente uma associação buscando o objetivo de colaborar com as empresas, através de seus núcleos. Mas é muito mais que isso. A **ACIX** é voltada para o bem-estar das empresas, e de todas as pessoas que estão ao seu redor.



Dentro da ACIX, as pessoas se reúnem e se unem, independentemente de serem empresários ou profissionais liberais, que têm como elo maior, um certo afeto com a cidade.

Um exemplo deste elo é o projeto **Xanxerê, Cidade do Coração**, uma parceria com o **Hospital Regional São Paulo** e diversas entidades.

Hoje este projeto está sendo passado adiante, porque já tomou uma grande proporção. Vimos que chegou a hora de se espalhar para outras regiões. Há também novos projetos sendo implantados, o que deixa claro que: **mais do que nunca, se faz necessário fomentar parcerias, pois todos ganham com isso. E é dentro desse contexto que acreditamos que se possa mudar o destino da nossa cidade.**”

O Presidente **Neimar Colpani**, relatou que: “Recentemente a ACIX solicitou a instalação do **29º Batalhão da Polícia Militar** em **Xanxerê**, projeto que a comunidade aguarda com expectativa.”

Na sequência, citou o **Projeto TEIA - Tecnologia, Empreendedorismo e Inovação ACIX**, um projeto de vital importância para o desenvolvimento da cidade e região, bem como o **Programa Geração Empreendedora**, que é importantíssimo e conta com a participação da “gurizada” do **Núcleo de Jovens Empreendedores**.

Qual o futuro do Projeto TEIA?

“Tudo isso vem impactar nesse **Projeto TEIA**. O **Realdo Tavares** é quem está à frente desse projeto, mas o que posso dizer é que para o futuro não existe outra saída a não ser envolvermos a tríplice hélice, como chamamos, que é todo o sistema de educação, desde o fundamental até a faculdade, com a ACIX, a comunidade empresarial e o poder público.

A partir do momento em que existe essa ligação e o entendimento entre esses três pilares, não existe possibilidade nenhuma desses projetos idôneos, com pessoas sérias e que estejam envolvidas chegarem a dar errado algum dia.

É por isso que a nossa principal preocupação nesse projeto, é garantir, por um bom período, o hábito de se fazer coisas boas. **Acredito que toda a diretoria e também os associados estão entendendo tudo isso, e é esse o caminho para que a gente possa se fortalecer. O associado não pensa somente nele, mas sim na sociedade. Se todos estiverem fortes, todos continuarão fortes.**”

A ACIX completa 50 anos - Bodas de Ouro.

“É uma dádiva a associação atuar por um período tão longo, e permanecer com essa história que ela tem. Eu diria que todos os que passaram pela entidade nesse período de cinquenta anos, presidentes, diretorias, foram muito atuantes e a sociedade contribuiu muito também para que atingissem seus objetivos.

A ACIX sempre se manteve muito forte, participando de decisões do município, buscando sempre algo que possa vir a somar para as pessoas que moram aqui. Então, eu acho que durante esses cinquenta anos, a principal causa de existir uma sociedade dessa, eu volto a repetir, **se não tivesse esses cinquenta anos de esforço, dedicação e luta, com certeza não teriam pessoas sérias e comprometidas com o desenvolvimento do nosso município atualmente.**

Foram pessoas que lutaram em nome da ACIX, e que pensaram por alguém a mais, não somente para eles. Isso é um legado. Pelo curto tempo que eu participo dentro dessa trajetória da ACIX, percebo o comprometimento passado por essas pessoas a essa associação, levando conhecimento para os associados, trazendo inovação para nossa cidade...

Vemos que em quase tudo que a cidade tem, há um dedo, uma mão, e até mesmo os braços da ACIX, participando ou realizando. O principal foco é trabalhar pelo bem comum, sem se preocupar em aparecer.

Vejo uma entidade cinquentenária como a nossa e a posição onde ela se encontra, com uma grande aprovação da sociedade. Isso não vem de uma ou duas gestões, mas sim característica da soma dos cinquenta anos de vida da entidade.”



Realdo Tavares
Vice-Presidente

Realdo Tavares dos Santos é natural de **Pérola do Oeste - PR**. Filho de **Adão Tavares dos Santos** e **Helma Olinda dos Santos**. Casado com **Genice Dornelles Riedel**. Seus filhos: **Daiana Tavares dos Santos Goes** e **Wellington Tavares dos Santos**.

Viveu em sua cidade natal, no pequeno distrito de **Conciolândia**, até os quatorze anos, quando saiu em busca de estudos e passou a morar com seu irmão mais velho na cidade de **Ponta Grossa - PR**. Chegou em **Xanxerê** em **1994**. Veio para cá transferido de **Dois Vizinhos - PR**, onde atuava como **Gestor**, após longa carreira iniciada como **Vigilante** da **SADIA S.A.** Nesse tempo, residia em **Xanxerê - SC**, e trabalhava na unidade da **SADIA** de **Faxinal dos Guedes - SC**.

Formado em **Ciências Contábeis** pelo **Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – CEFET-PR**, e pós-graduado em **Administração Estratégica, Consultoria e Auditoria de Gestão** pela **Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC**. É também professor da **UNOESC** desde **2000**. Atualmente coordena o **Campus 2** da **UNOESC**, que abriga o curso de **Medicina Veterinária**.

Realdo relata: “Talvez eu seja a única pessoa que é membro da **ACIX** de forma autônoma. O estatuto da época deu essa oportunidade para que os autônomos participassem, não somente os empresários. Eu participo da diretoria há oito anos.”

O que motivou a se associar na ACIX como autônomo?

"Sempre gostei de participar de entidades e poder contribuir com as pessoas, com a sociedade, com o desenvolvimento, tanto é que na minha vida eu sempre fiz trabalhos voluntários.

Represento a **ACIX** no **Conselho Municipal de Desenvolvimento Econômico de Xanxerê**, sou o atual presidente do **Conselho Municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação de Xanxerê** e conselheiro da **Fundação Universidade do Oeste de Santa Catarina – FUNOESC**.

Recebi o convite do **Vilson Piccoli**, durante sua gestão, para ser conselheiro e eu vi que entre outras atividades, poderia trazer o meu conhecimento na área de educação para contribuir com a **ACIX**. É nisso que venho trabalhando nas diretorias, trazendo um pouco da ideia de gestão e inovação.

Atualmente eu não leciono mais. Fui professor de **Administração, Administração de Materiais, Gestão da Qualidade e Governança Corporativa** para os cursos de **Administração e Ciências Contábeis** por mais de dez anos, onde, por reconhecimentos dos alunos, fui homenageado por todas as turmas que lecionei, com o título de **Amigo da Turma, Nome de Turma, Patrono e Paraninfo**.”

Como você passou a ver a ACIX depois que se associou a ela?

"A **ACIX** que eu encontrei estava já com ideias inovadoras, com o viés de estar inserida e interagindo na sociedade, empresariado e poder público. A partir disso, entendi que seria um terreno propício para o desenvolvimento de **Xanxerê**.

Com o passar do tempo, as diretorias foram mudando, e na atualidade, juntamente com o presidente **Neimar Colpani**, estamos consolidando ideias que foram e continuam sendo vontades de vários ex-presidentes que passaram pela entidade.

Como trabalho mais com a área de execução, estamos retomando projetos que não aconteceram, que acabaram sendo meio que esquecidos, e estamos os pondo em prática.



Pesquisando o que está acontecendo no mundo, no que se refere ao desenvolvimento das cidades e regiões de forma gradual e sustentável, criamos em **Xanxerê** o **Projeto TEIA - Tecnologia, Empreendedorismo e Inovação ACIX**.

Nós acreditamos que esse será o maior legado da **ACIX** em seus cinquenta anos de existência. Fomos buscar conhecimento baseado nas experiências já vivenciadas lá no Vale do Silício, em **São Francisco**, na **Califórnia**, através de pesquisas, porque hoje em dia esse vale virou uma referência mundial no quesito tecnologia e inovação. Não é por acaso que as principais marcas do mundo estão lá, ou seja, não se fala em tecnologia e inovação sem citar esse nome.

Então, eles perceberam que a inovação que as universidades proporcionavam era bem inferior a da indústria, demonstrando o poder que o empresariado tinha na época. A universidade estava ultrapassada.

Aí começaram a fazer parcerias com a iniciativa privada. Também existiam leis que precisavam ser mudadas para que pudesse acontecer a inovação de verdade. Então, buscaram o poder público para que juntos, pudessem fazer esses encaminhamentos e vencer obstáculos.

A partir disso, começou-se a perceber que para se trabalhar inovação e tecnologia, é necessário unir o poder público, iniciativas privadas e as academias (instituições de ensino), e foi ali que nasceu o que hoje conhecemos por **Tríplice Hélice da Inovação**.

Buscamos dados estatísticos do que existe na região **Oeste de Santa Catarina**, e percebemos que há muitas oportunidades, pois a maioria dos empreendedores e suas empresas com **CNAE** em tecnologia são extremamente jovens, demonstrando que existe um potencial muito grande e inúmeras oportunidades a serem exploradas, possibilitando colocarmos **Xanxerê**, literalmente, no mapa da inovação.

Já realizamos várias reuniões envolvendo a **UNOESC**, **IFSC**, **SENAI**, **SEBRAE**, **SESI**, **SENAC**, **Núcleo de Jovens Empreendedores da ACIX**, **Núcleo de Tecnologia da ACIX**, **Secretaria de Educação**, **Secretaria de Desenvolvimento Econômico**, **Gerência Regional de Educação**, **Câmara de Vereadores** e **AMAI**. Todos participando em conjunto, e cada um em sua área, fomentando a questão do empreendedorismo e inovação.

Pensamos para o futuro, que as crianças, ao ingressarem nas séries iniciais, recebam uma semente, plantem-na, colham, e que o produto gerado por aquela semente se transforme, e ao fim de todo esse processo, ele possa comercializar e ver seu negócio prosperar.

Que a criança tenha uma esperança de ter um futuro melhor, voltado para o seu trabalho, e que isso tenha continuidade.

Quando ela entrar nos cursos técnicos dessas entidades, ou chegar na universidade, que encontre as pré-incubadoras, ou empresas-júnior, que estarão preparadas para receber essas crianças e transformar suas ideias em empreendimentos.

Para gerar essas oportunidades aos jovens e crianças, aprovamos a lei que cria o **Conselho Municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação de Xanxerê**, o qual tem por objetivo receber, analisar e aprovar as demandas do **Projeto TEIA**, encaminhando, posteriormente ao **Poder Público Municipal** e aos órgãos competentes para dar andamento e suprir as necessidades existentes. Aprovamos ainda, a lei que cria a **Incubadora Pública Tecnológica de Xanxerê**, que possibilitará a instalação das *startups* e demais empresas selecionadas através de editais de chamamento público.

Hoje, temos fisicamente um local dentro da universidade que nos foi cedido, onde estamos instalando a incubadora pública aqui na nossa cidade. No entanto, necessitamos evoluir para um **Centro de Inovação**, com gestão independente, atraindo recursos de diversas fontes públicas e privadas, pois é no **Centro de Inovação** que poderemos abrigar empreendedores em várias fases dos seus empreendimentos, como **Pré-Incubadora**, **Incubadora**, **P&D** e **Spin-Off**, atingindo todos os níveis empresariais, do comércio, indústria e prestação de serviços, possibilitando se instalarem em um único local, interagindo de forma harmônica e colaborativa, em prol do desenvolvimento tecnológico e inovador de toda nossa região, recebendo além do espaço físico, as orientações necessárias para competir no mundo empresarial.

A partir do momento em que eles começarem a comercializar seus produtos e passarem por um tempo de maturação, vão começar a ganhar dinheiro e poderão constituir suas próprias empresas fora da incubadora. Mas isso precisa ser trabalhado desde as séries iniciais, pensando no empreendedorismo, na inovação, no desenvolvimento tecnológico, para que a criança consiga chegar lá na incubadora e de fato abrir sua própria empresa, ter seu CNPJ, produzir seu produto, fornecer seu serviço e ser dono do próprio negócio.

Isso tudo, tenho absoluta certeza, vai mexer com todo o município de **Xanxerê** e região. Quando foi divulgado que este projeto aconteceria, foram as instituições de ensino que vieram nos procurar, porque perceberam que este é o caminho e não tem como ser diferente.



Esse modelo inovador é fruto do empenho e do comprometimento de toda equipe envolvida, pois, ele representa uma mescla de todos os projetos que visitamos e das experiências compartilhadas. Somos muito gratos e rendemos nossos agradecimentos à **INOVALE - Pólo de Inovação Vale do Rio do Peixe, Incubadora Tecnológica de Erechim, Incubadora Tecnológica de Luzerna, Orion Parque de Lages, Centro de Inovação de Jaraguá do Sul e ao Ágora Tech Park de Joinville.**

Este projeto oportunizará também missões de estudos para o **Vale do Silício, Israel e Portugal**, através das instituições parceiras que fazem parte deste projeto.

Este projeto vai mudar a cultura do empreendedorismo e vai gerar conhecimento, porque uma pesquisa que foi realizada com jovens aqui em Xanxerê, demonstra que o sonho da maioria deles é trabalhar como empacotador de supermercado. É a visão dos jovens de hoje em dia.

A ideia é que as escolas, tanto municipais quanto estaduais, tenham a possibilidade de efetuar feiras de inovação e tecnologia, nas quais o empresário possa estar participando e somando conhecimentos. Aquele jovem vai conhecer e conversar diretamente com os empresários, vai poder levar sua família e compartilhar com toda a sociedade os feitos construídos em sala de aula. Será o despertar de um empreendedor.

Enfim, **Luzerna** é um bom exemplo de jovens que estão transformando a propriedade agrícola, e muitas vezes, automatizando, porque receberam aulas de tecnologia, robótica, eletricidade, mecânica, eletrônica. Então, é uma mudança significativa.

Xanxerê vai ser uma cidade que vai ter um diferencial em toda a região. **Chapecó** já tem algumas iniciativas, mas são diferentes de **Xanxerê**. Aqui será completo. O nosso modelo também é diferente de **Luzerna**, é específico da nossa cultura.

O **SEBRAE**, com o **Programa Cidade Empreendedora**, está realizando um trabalho nas escolas municipais através do **JEPP - Jovens Empreendedores Primeiros Passos**, que tem por objetivo incentivar o espírito empreendedor e a orientação para os negócios nas novas gerações.

O **Núcleo de Jovens Empreendedores da ACIX**, através do **Programa Geração Empreendedora**, criado pela **FA-CISC**, está oferecendo aulas sobre empreendedorismo a adolescentes de **Xanxerê** nas escolas estaduais, para despertar esta veia empreendedora.

O **SESI/SENAI**, em convênio com a **Prefeitura Municipal de Xanxerê**, oferece no contraturno das aulas das escolas municipais, 120 horas de oficina de **Tecnologia e Robótica** para jovens de 11 a 16 anos vivenciarem na prática suas aplicações, com conceitos básicos da física, mecânica, sensores, controladores programáveis e outros temas da área, estimulando a criatividade, trabalho em equipe e empreendedorismo voltados para a automação e desenvolvimento de novos equipamentos.

O **IFSC** criará a empresa júnior e também cursos voltados para inovação, como por exemplo, um projeto dos estudantes do **Ensino Médio** técnico integrado em informática que foi enviado para a **NASA**, nos **Estados Unidos**, após selecionado pelo **Programa de Experimentos Espaciais de Estudantes**, que seleciona e envia experimentos de alunos de 10 a 17 anos para o espaço, envolvendo mais de 4 mil estudantes de 172 escolas brasileiras.

A **UNOESC** realizará missões internacionais com o objetivo de buscar conhecimento nas áreas de tecnologia e inovação, além de abrigar a incubadora, na qual o jovem empreendedor poderá se instalar, quando já tiver seu CNPJ. Nela, terá mentorias que o ajudarão a dar seus primeiros passos e passar o **Vale da Morte**, que é como chamamos os primeiros anos da empresa.

É o período mais crítico ao se abrir uma empresa, quando precisa-se criar, vender e ganhar dinheiro.

Tudo isso é apenas um exemplo das sementinhas que estamos plantando em nossa comunidade, com a certeza de que vingarão e transformarão nossa querida **Xanxerê** e região em um ecossistema de tecnologia e inovação capaz de melhorar a vida das pessoas e resgatar a esperança dos jovens e das crianças de um futuro melhor e mais humanitário.

Embora estejamos nos referindo sempre aos jovens e crianças, este projeto é voltado a toda classe empresarial, principalmente aos associados da **ACIX**, que poderão também usufruir deste espaço inovador.”

A ACIX e seus núcleos.

“Vejo a **ACIX** como um grande conjunto de células. Elas estão compartilhando informações entre si de forma organizada. Dessa forma, vão conseguir trabalhar melhor. A **ACIX** é um ser vivo, tanto é que tem cinquenta anos e possui essa capacidade de nunca envelhecer. Ela sempre se regenera.



Mudam-se as diretorias, mas a raiz disso tudo permanece, que é o cerne de trabalhar voltada para o empresariado e para a comunidade, interagindo e cobrando do poder público ações, como uma ponte para o que o empresário necessita.

A ACIX continua firme no seu propósito, e sempre arejada no sentido de buscar mais conhecimento e ferramentas ao setor. A ACIX faz política, independentemente de partido, porque é apartidária. É uma política de vida.”

Como você vê esses 50 anos da Associação Empresarial de Xanxerê?

“Sinto-me um ser privilegiado porque vivenciei também os cinquenta anos da SADIA, os cinquenta anos da FUNO-ESC, e agora, os cinquenta anos da ACIX. E todos foram com o lançamento de um livro. Tenho cinquenta e cinco anos, então me sinto privilegiado por ter nascido praticamente junto com essas grandes entidades que existem no nosso Oeste Catarinense.

Pensando nos cinquenta anos, não tem como deixar de falar sobre o legado dos homens e mulheres que passaram pela entidade, e que tiveram a coragem de defender uma bandeira associativista, porque muitas vezes tem que se abandonar os seus familiares, sua empresa e seus negócios em prol de um bem maior.

Ceder aquilo que se tem de mais precioso, que é nosso tempo, porque tempo é vida, em função do fortalecimento da coletividade. Então, todos que passaram pela ACIX deixaram a sua marca, mas mais que isso, deixaram um pouco de suas vidas, pensando no futuro de uma sociedade melhor, no futuro de uma entidade forte, no sentido de que isso se perpetue.

É nossa obrigação agora fazer com que isso permaneça por pelo menos mais cinquenta anos. Hoje representamos mais de quinhentas e setenta empresas.”

Realdo Tavares, em 2017 presidiu o grupo de representantes da AMAI, que é constituído por diversas entidades de extrema importância da cidade de Xanxerê, e que criou o **Projeto Saúde Superior**, com a intenção de implantar o **Curso de Medicina em Xanxerê**. O projeto foi apresentado ao **Ministro da Educação** da época em Brasília, contando com o apoio de autoridades de Xanxerê e região. A implantação do curso ainda está em análise.

Ainda, fez colocações sobre a importância da instalação do **29º Batalhão da Polícia Militar em Xanxerê**. Explicou que a ACIX, juntamente com CDL, CONSEG, LIONS, ROTARY, entre outras entidades de Xanxerê, buscou a adesão da população, coletando assinaturas com a finalidade de pressionar a classe política do nosso estado para viabilizar esta instalação.

Com esse batalhão, Xanxerê terá autonomia, com suas próprias políticas de segurança pública, orçamento próprio, e atenderá toda a região, que vai até **São Lourenço do Oeste**. A ACIX continua nessa árdua batalha.

TEIA
Tecnologia
Empreendedorismo
Inovação
Acix



Genésio Téo Conselho Superior

Genésio Téo, Presidente da FUNOESC e Vice-Reitor da UNOESC Xanxerê, é natural de Jaborá - SC. Pai de Jucielly Carla Téo e Saulo Jorge Téo.

Genésio relata: “O ensino superior chegou em Xanxerê com a fundação da FEMAI – Fundação Educacional dos Municípios do Alto Irani, em mil novecentos e oitenta e seis.

Posteriormente, passou a fazer parte do projeto de criação da UNOESC, tendo a FEMAI permanecido por dez anos apenas com os cursos de **Contabilidade e Pedagogia**.

Era vinculada ao **Campus de Chapecó**, e sem que houvesse uma atenção especial para Xanxerê no sentido de promover um crescimento e ter de fato uma universidade aqui.

Eu comecei na UNOESC em mil novecentos e noventa e um como professor. Minha formação é na área de **Economia, Contabilidade e Administração**.

No início, ministrava algumas aulas à noite, porque durante o dia eu era funcionário da SADIA de Faxinal dos Guedes.

Iniciei minha carreira profissional na SADIA de Concórdia e fui transferido para Xanxerê em mil novecentos e oitenta, sendo que ao todo foram 18 anos de trabalho.

Em mil novecentos e noventa e seis, a UNOESC se encontrava em uma crise muito grande, com salários atrasados e uma série de outros problemas decorrentes de um sistema de gestão equivocado. Na eleição daquele ano, mais por acaso que por vontade própria, fui eleito **Diretor do Campus de Xanxerê** para um mandato de quatro anos com mais de setenta por cento dos votos, e estou aí até hoje. Completo neste ano, vinte e quatro anos à frente do campus.

A UNOESC funcionava na época em um espaço cedido pelo **Colégio Costa e Silva**, e em um espaço alugado no edifício onde hoje funciona o SESC. Antigamente se chamava **Edifício Renner**.

Em 1997, a UNOESC foi transferida para o CAIC, pois havia um grande espaço disponível que foi cedido pelo prefeito **Helio Winckler**. Isso nos permitiu que ampliássemos a quantidade de cursos, entre eles, **Administração, Informática e Educação Física**. Em mil novecentos e noventa e oito, fomos atrás de construir o campus, e em vinte e sete de Fevereiro de mil novecentos e noventa e nove, conseguimos inaugurar a nossa sede própria, com os blocos A e B, onde estamos hoje.”

Há quanto tempo participa da ACIX?

“Participo da ACIX desde dois mil, através da UNOESC. Antes eu trabalhava na SADIA. Fui presidente da ACIX por duas vezes nos anos de dois mil e seis e dois mil e sete.”

Como foi esse período?

“É um trabalho que prestamos voluntariamente, mas é muito gratificante porque temos a oportunidade e o compromisso de liderar um grupo de pessoas que é muito importante para a cidade e que toma as decisões do setor empresarial em conjunto. Além disso, são desenvolvidas muitas ações e eventos como a FEMI.

A gente sempre tem uma responsabilidade muito grande e às vezes não conseguimos fazer tudo o que precisaria ser feito devido a algumas limitações, mas isso é comum dentro de qualquer entidade. Temos metas e realidades, nem sempre as duas juntas.”



Qual sua visão sobre o associativismo nos tempos de hoje?

“Eu acho que hoje em dia é importante no sentido de agregar ao setor empresarial, buscando suas reivindicações, alternativas, além de propostas que sejam benéficas para todos, para o coletivo, e isso é latente, é normal, é prático que a gente consiga melhores resultados trabalhando em grupo do que isoladamente. Um empresário sempre terá mais dificuldade de lidar com seus problemas estando sozinho do que desenvolvendo ações em conjunto com um grupo de empresários que abrange muitas empresas da cidade, que se não todas, a grande maioria faz parte da associação.

Às vezes as necessidades são muito semelhantes e é natural que o trabalho em conjunto via associativismo seja mais eficaz na busca das soluções. Eu tenho a convicção muito forte de que o associativismo, a cooperação, o trabalho em equipe vêm sendo cada vez mais necessários, até porque as regras da economia e do setor político mudam constantemente, e quanto mais a gente aplicar e trabalhar com o cooperativismo e associativismo, melhores resultados surgirão.

Eu enfatizo muito que o trabalho em equipe, em conjunto, sempre será mais forte que o individualizado. A agregação de forças soma pontos independente do que está à frente. O que mais importa não é quem é o presidente da associação empresarial, mas sim as ações que são feitas por ela, e com a participação de todos.

Quem já foi presidente sabe o que é contribuir, esforçar-se, trabalhar arduamente. Mas ele por si só não é a peça mais importante, mas sim um conjunto de empresários que está lá e que pode com essa força, fazer coisas que individualmente demorariam o dobro. Fazer pressão a determinado órgão, buscar alternativas que atendam as necessidades da maioria dos empresários xanxerenses...”

Quais seriam os pontos positivos para um jovem recém formado empreender em Xanxerê?

“Nós vivemos um momento de muitas dificuldades para os empresários, porém, estamos vivendo um momento de muitas oportunidades que anteriormente não existiam. Acredito que o que nós temos de positivo, e isso eu vejo dentro da ACIX, é que está sendo feito um trabalho intenso de inovação e empreendedorismo, e esses são os grandes nortes da economia brasileira como um todo, inclusive da economia mundial.

Hoje em dia, não há como ser empresário sem pensar em inovação e empreendedorismo. O empresário já é por si só, empreendedor nato. Quem resolve ter uma empresa, é porque tem a vocação para empreender. Quem empreende tem que estar atento às inovações, ao contrário, acaba tornando-se uma empresa obsoleta.

A cidade de **Xanxerê** oferece muitas oportunidades. Porém apresenta dificuldades. Ao mesmo tempo em que somos um pólo, um entroncamento de vias, estamos longe dos grandes centros econômicos do país, o que se torna um empecilho, um obstáculo.

Temos a vantagem de ser um ponto isolado com uma imensa capacidade de desenvolvimento, porque assim temos muito o que trabalhar em prol da cidade e fazê-la crescer, mas a desvantagem é estar distante de tudo. Acredito que nosso maior problema, não só de **Xanxerê**, mas de toda nossa região, é a precariedade do nosso sistema de transporte, que é caro, ineficaz, e as estradas são péssimas. Nosso sistema de transporte é muito complicado.

Eu acho que a duplicação de toda a **BR 282** como o trecho que é feito em **Xanxerê** é a grande saída para todo o nosso oeste catarinense, principalmente para **Xanxerê** que se encontra bem no centro de um entroncamento de vias importantes. Essa duplicação deveria se estender de **Chapecó** até **Florianópolis**...

E não só isso, o sistema está equivocado, sendo a maior parte dele rodoviário. Precisamos urgentemente de ferrovias que possam fazer a movimentação econômica do oeste catarinense, tanto para receber os cereais que são necessários para a agroindústria, quanto para transportar os produtos para os portos para fazer a distribuição nos grandes centros.”

Por que esses projetos não deslançam?

“O que falta é uma decisão de gestão do nosso país, do nosso estado, pensando naquilo que é melhor para a economia. Nós tivemos um período muito longo em que houve muitos desvios de recursos públicos, que se tivessem sido utilizados na construção de rodovias e ferrovias, nós teríamos, quem sabe, um dos melhores parques rodoviários e ferroviários do mundo.



No **Brasil**, essas áreas não recebem um olhar voltado ao desenvolvimento econômico do país. Enquanto isso continuar assim, ficamos totalmente dependentes de um deputado conseguir uma emenda orçamentária ou um recurso para isso e aquilo. Num tempo seco como o de hoje em dia, gotas de água aqui e acolá, não resolvem o problema. Precisa-se de uma chuva intensa e boa.

Não há essa decisão de governo de fazer esse atendimento das regiões. De certa forma, o **Brasil** inteiro se encontra nessa situação, porque nós passamos os últimos vinte anos, se não for mais, sem ter uma gestão apropriada dos nossos recursos financeiros.

E infelizmente uma grande parte desses recursos foi desviada para interesses particulares. Deixou muita gente rica e bilionária, mas que não construíram nada para o país, porque o dinheiro é somente deles. Se tivessem investido no país, seríamos uma nação diferente. Não somos, e vamos demorar muito tempo para ser.”

***A ACIX está completando Bodas de Ouro. 50 anos de existência.
O que o senhor diria para quem já passou pela entidade?”***

“Eu diria que todas as nossas entidades merecem comemorar as suas existências, porque se ela está completando cinquenta anos, é porque é uma instituição muito importante para a sociedade e para o empresariado, e portanto, deve comemorar muito pelas conquistas que teve e pelo que ainda poderá fazer pela nossa cidade e região.

Eu acho mais do que justo que se faça um registro literário, e que fique na história de **Xanxerê**, a comemoração dos cinquenta anos da **ACIX**. A economia xanxerense tem obtido algumas conquistas extraordinárias, porque não é à toa que é a Capital do Milho. Nossas lavouras estão produzindo o equivalente ao que estava sendo planejado apenas para dois mil e vinte e um.

Atualmente está ultrapassando a marca de trezentas sacas de milho por hectare. Temos esse privilégio, é uma área muito boa para isso. O clima de **Xanxerê** é muito bom para a produtividade de milho, coisa que não acontece em todas as regiões. Nossa região é muito privilegiada nesse aspecto. Temos uma cadeia produtiva muito forte no oeste catarinense.”



Volmir Detoni Conselho Fiscal

Volmir Detoni, é natural de **Modelo - SC**. Filho de **Armindo** e **Angelina Detoni**. Casado com **Marlise Escalco Detoni**, com a qual tem os filhos **Paula Eduarda** e **Pietro Armindo**.

Veio para **Xanxerê** em **1990**.

“A minha empresa é a **USIPART**. Trabalhamos com projetos, moldes e injeção de peças de plástico. Participo da **ACIX** desde dois mil e sete.

Estou na diretoria neste ano, faço parte do **Conselho Fiscal**, mas já participava do **Núcleo de Metal Mecânica**, porque ainda não existe um núcleo específico de plástico.

Sempre fui sócio da **ACIX**, utilizando os serviços que ela fornece. Vejo a **ACIX** como uma associação criada para auxiliar os empresários e promover coisas boas em prol de nosso crescimento.

Depois que comecei a participar dela, descobri que realiza um trabalho muito maior do que eu pensava. O campo de atuação da **ACIX** é muito vasto. O próprio nome **ACIX** perante a **FIESC** e outras instituições, é muito forte. Não é à toa que ela está completando cinquenta anos. É a maior parceira do empresário em **Xanxerê**.

Quem a vê de fora, não percebe. Enquanto associado, eu usufruía de todos os benefícios. Agora como diretor, minha visão é diferente. A **ACIX** é sem dúvida, uma grande e importante entidade empresarial.”

O que você diria a estes homens que durante 50 anos lutaram por direitos e buscaram caminhos para que os empresários mantivessem suas empresas, mesmo nas épocas mais difíceis da economia do país?

“Tenho uma imensa gratidão. O que a **ACIX** se tornou hoje em dia, é devido ao trabalho e dedicação deles. De uma forma ou de outra, todos que passaram pelas diretorias fizeram o máximo que puderam para a **ACIX** se tornar o que é hoje. É preciso reconhecer e valorizar isso.

Quem está à frente da associação, também merece esse reconhecimento, assim como aqueles que vierem na sequência.

Como empresários, sempre podemos contar com o apoio da associação. As discussões em grupo que eram realizadas para sanar dúvidas e encontrar caminhos para resolver problemas, acabavam nos fortalecendo.

Temos só que agradecer a esses ex-presidentes pelo que eles fizeram pelas empresas de **Xanxerê**. Acabaram deixando suas próprias empresas meio de lado para um bem maior. E a própria associação, que não visa nenhum tipo de lucro, também conseguiu se manter nos momentos mais difíceis devido ao forte vínculo que todos criaram entre si.”

Quais os benefícios que o empresário tem sendo associado da ACIX?

“Além de oferecer um cartão-alimentação que é destinado para os funcionários das empresas, eles proporcionam também um vale-alimentação, o qual pagamos em boleto mensalmente para que os funcionários das empresas possam se alimentar em qualquer lugar com aquele valor, fornece todo um sistema de notas fiscais...”



Na minha empresa, fizemos a primeira exportação de produtos para o **Paraguai**. A **ACIX** forneceu uma declaração informando que somos associados, que participamos de uma associação empresarial dentro da cidade, somos parceiros, facilitando dessa forma a exportação. Se não fosse assim, teríamos que realizar um caminho muito mais longo e difícil.

A ACIX nos dá força, e o mais importante de tudo, credibilidade”.

Como você vê o associativismo no futuro?

“A **ACIX** está se posicionando com muitos projetos de inovação e tecnologia, a exemplo, o **Projeto TEIA - Tecnologia, Empreendedorismo e Inovação ACIX**. Além disso, o número de associados vem aumentando todos os meses e mais dois núcleos serão abertos.

A **Associação Empresarial de Xanxerê**, que completa seus cinquenta anos, é muito bem vista pela **FACISC**, em Florianópolis, tanto é que duas pessoas aqui de **Xanxerê** estão ocupando cargos lá dentro.

Então, a tendência para o futuro é que a força da ACIX seja muito maior. Ela tem muito para crescer ainda. Tem um futuro brilhante. A maioria dos presidentes participaram de vários cargos nas diretorias até assumirem a presidência, trazendo consigo suas experiências empresariais, ajudando as novas diretorias e mostrando o caminho a ser seguido.

Isso é bem raro, porque o empresário dificilmente tem tempo para compartilhar suas experiências com outras pessoas. É uma qualidade das pessoas que fazem parte da **ACIX**. Um grande empresário vem aqui para ajudar os outros. Dispõe do seu tempo de serviço. É um gesto admirável. Até mesmo empresários que não estão atuando diretamente nas diretorias, fazem parte ainda das reuniões para somar, aconselhar e colaborar na tomada das decisões.

Tudo o que aconteceu de entraves e dificuldades durante a gestão deles, não vão deixar que aconteça novamente, e é por isso que a **ACIX** completa cinquenta anos com esse louvor.”

O que Xanxerê tem de positivo para atrair novos negócios?

“Quando eu vim para **Xanxerê**, nem estudo eu tinha. Sou muito grato à cidade de **Xanxerê**, porque ela me deu oportunidades.

Comecei no ramo madeireiro e voltei a estudar. Me formei em **Design Industrial**, fiz faculdade, pós-graduei em Engenharia de Produção, abri minha própria empresa... Então, é uma cidade do coração.

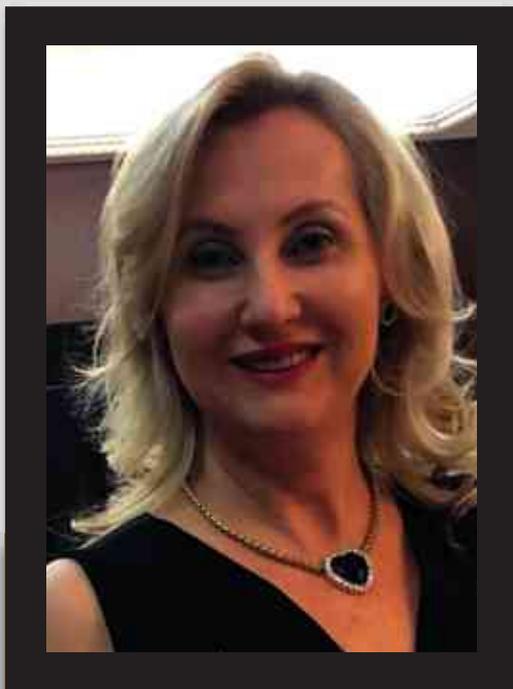
Para realizar algo, basta querer, porque estamos no centro da região. Minha empresa atende clientes de toda a região sul do país. Aqui temos universidades boas, emprego para quem quer trabalhar, bom hospital, uma área industrial, tecnologia, escolas técnicas... Estamos a quarenta quilômetros de Chapecó, que é praticamente nossa capital, e contamos também com a BR 282, uma importante via que atravessa a cidade. Enfim, existem oportunidades de sobra.”

E o que precisa melhorar para se tornar uma cidade ainda mais atraente?

“Sinceramente, precisamos que o poder público comece a trabalhar. A burocracia é muito grande para abrir uma empresa. Nosso poder público não funciona. É uma máquina que só paga funcionários.

O empresário de **Xanxerê** é batalhador, conquista horizontes, abre oportunidades, só que o entrave está na administração da cidade. Não estou criticando nada em termos de política partidária, porém o município não tem uma gestão de qualidade há muitos anos. Quem quer abrir uma empresa, precisa ter paciência além do limite. São quase dois meses de espera.

A **ACIX** está se empenhando para abrir essa nova área industrial que agregará novas empresas. Mas o que a **ACIX** conquista de um lado, o poder público atravanca de outro, então é muito difícil mesmo. Existem muitas empresas com vontade de se instalar em **Xanxerê**. Mas os entraves são grandes devido à falta de conhecimento e até mesmo de competência.”



Adriana Fonini Conselho Fiscal

Adriana Fonini é natural de **Xanxerê**, formada em **Arquitetura e Urbanismo** pela **UNISINOS, Universidade do Vale dos Sinos, de São Leopoldo - RS**. Filha de **Oscar Rigatti** e **Edir Rigatti**. Casada com **Iloir Fonini**, com o qual tem os filhos **Gabriel** e **Luis Felipe**.

Adriana relata: “Assim que me formei, vim para **Xanxerê**. Faz vinte e cinco anos que estou trabalhando com arquitetura em **Xanxerê** e região. Nesse tempo, fomentei minha empresa, a **PlantaProjetos**. Desenvolvemos projetos residenciais, comerciais, paisagismo e interiores. Atuamos fortemente na administração de obras com o intuito de oferecer uma obra com custo atrativo sem perder padrão e qualidade.”

Há quanto tempo participa da ACIX?

“Estou na **ACIX** há vinte anos. Desde então, venho participando de todas as diretorias. Eu acho que desde o princípio, a **ACIX** teve em mente trazer benefícios para o empresário em termos de informação, de associativismo, de tentar resolver o problema do empresário em conjunto, não individualmente, buscando coisas novas para a cidade e trabalhando em parceria com a prefeitura e governo.

A **ACIX** fez muitos projetos dos quais participei para buscar angariar fundos ao município e região, trazendo novos projetos, objetivando o crescimento de **Xanxerê**. Um desses projetos trouxe o **Corpo de Bombeiros**, no qual, a **Associação Empresarial de Xanxerê** se empenhou incansavelmente.

Agora a associação está desenvolvendo o **Projeto TEIA**, que certamente trará novas tecnologias e mais informação para todos, principalmente para as empresas. A **ACIX** está sempre buscando soluções, visando que o empresário não tenha que trabalhar individualmente para resolver seus problemas, mas que encontre apoio na **ACIX** para ajudá-lo.

Como arquiteta, tive o privilégio de trabalhar em várias comissões da **FEMI**, onde a **ACIX** apoiava a venda dos estandes.

Pelo fato de ser **Arquiteta e Urbanista**, sempre representei a **ACIX** dentro do **Plano Diretor** da cidade, para o qual colaborei desde a sua elaboração até sua implantação. A **ACIX** como associação, busca que as decisões dentro do **Plano Diretor** sejam tomadas em benefício do bem comum, do coletivo, propiciando que o empresário/empreendedor, ou até mesmo uma pessoa individualmente possa construir e se desenvolver no nosso município.”

Nestes 20 anos em que atua na ACIX, qual é a motivação para que as pessoas criem ou instalem suas empresas em Xanxerê?

“Eu acho que o povo xanxerense é muito batalhador. Não são pessoas conformistas, e por isso, vejo que a cidade cresce, independente de seus governantes.

Independentemente da situação em que o país se encontra, mesmo que devagar, a cidade consegue crescer por causa das pessoas que estão aqui. **Xanxerê** tem um diferencial no empreendedorismo. Vejo por mim mesma. Eu não fico atrás da minha mesa esperando que o cliente venha até mim. Sou eu quem tem que ir em busca dele. E se há um problema difícil de resolver em uma empresa, busco ajudar da melhor maneira possível.



É assim que muitos profissionais conseguem através da **ACIX** e seus núcleos, uma forma de identificar os problemas e resolvê-los em grupo. A isso, se dá o nome de parceria e associativismo.

O empresário sofre muito com a questão das leis trabalhistas e imposição de impostos, e termina pagando uma conta alta. Então, a **ACIX** procura soluções para melhorar essas questões, seja discutindo junto com vereadores, prefeitos, deputados, senadores ou outras associações do estado. **Enfim, a associação se une e fica fortalecida com a participação de todos. E quando leis repletas de burocracia dificultam o trabalho do empresário, em parceria com a ACIX, se consegue interferir e até mudar leis inadequadas**

A **ACIX** é uma associação não partidária. Mesmo assim, gera uma força política em que os próprios políticos acabam mudando organismos e sistemas que travam o caminho do desenvolvimento.

Com relação ao que **Xanxerê** tem de potencial, acredito que nossa cultura é muito rica. Temos italianos, alemães, tchecos, russos... Muitas etnias. E essa mistura de culturas pode gerar lucratividade para a cidade. É isso que muitas outras cidades fazem. É algo que **Xanxerê** pode se esforçar em melhorar, priorizando a valorização do seu próprio potencial. Uma cidade tem que ter infraestrutura, e é isso que nos falta para podermos transformar nosso colono em um empreendedor.

O turista que vem para o interior, não quer ver prédios. Eles existem em todo lugar. É necessário explorar nossos pontos fortes e riquezas turísticas: cascatas, cachoeiras, sítios... Tomar vinho, tirar a fruta direto do pé, comer um pão fresquinho... Mas para isso, é preciso estradas de qualidade, para que o turista consiga ter acesso a essas maravilhas, a exemplo o Vale dos Vinhedos, na Serra Gaúcha. Em resumo, precisamos criar e oferecer infraestrutura, principalmente para o interior do nosso município.”

O que representam os 50 anos da ACIX?

“Tenho que parabenizar todos os presidentes que já lideraram a entidade. Cada um deixou um legado. Todos tiveram seu crescimento dentro da **ACIX**. Cada diretoria que passou, trabalhou com um foco diferente.

Com relação à mulher empresária dentro da **ACIX**, penso que conseguimos conquistar nosso espaço. Não com tanto destaque ainda, mas nós estamos presentes realizando muitas coisas em prol da sociedade através da **ACIX**. Assim, é notável que a mulher empresária faça parte da comemoração dos cinquenta anos.

É importante destacar que cada presidente que passou pela entidade teve uma esposa, uma secretária, enfim, uma mulher trabalhando ao seu lado. Destacam-se também, as mulheres **Ivete Vicini**, presidente interina, e **Madelaine Rostrolla**, presidente eleita.”

Como foi recebida, há 20 anos, em uma associação predominantemente composta por homens?

“Olha, como eu sou uma pessoa muito comunicativa, nunca tive problemas. Recebi um apoio muito bacana de todos. Fiz projetos com pessoas de bem e que estavam dispostas a fazer coisas boas. E meus projetos sempre alcançaram bons frutos.

Em todas as áreas em que trabalhei, eu só cresci como profissional e como empresária. A **ACIX** me abriu portas.”

Sua opinião sobre o futuro do associativismo.

“Como ele está sendo muito bem recebido, tende a crescer muito mais. E quanto mais tecnológico for, mais ele vai interessar ao jovem empreendedor. O que interessa para essa nova geração é tecnologia e inovação. Se a **ACIX** se direcionar para esse lado, vai continuar crescendo, e quanto mais existirem núcleos interessados no mesmo objetivo, mais a cidade vai crescer.



Hoje em dia, não consigo imaginar uma empresa se desenvolvendo sozinha, em seu próprio canto. Ou ela tem uma tecnologia muito grande e bastante dinheiro, ou ela se apoia e faz parcerias.

O empresário precisa conhecer o mundo lá fora também. Viajar, adquirir conhecimento, criar e fortalecer relações e romper fronteiras. Eu penso que se alguém precisa vencer um obstáculo, se várias pessoas estiverem puxando a corda juntos, o obstáculo vai ser removido bem facilmente. Agora, se apenas uma pessoa tentar fazer isso sozinha, pode ser que ela consiga, mas vai demorar muito mais tempo.

Acredito que a cidade deveria deixar de produzir apenas grãos, pelo fato de nossa região ser muito montanhosa. Ela precisa expandir os horizontes e explorar novas culturas, encontrar um nicho de mercado mais para o lado de frutas, legumes, leite, queijo... Mais diversidade.

Nossa região agrícola vai ter que mudar de foco. Teremos que trazer outras culturas para plantar nas nossas terras, seja uva, mirtilo, framboesa... E junto com isso, vem a indústria para utilizar esta mão de obra que está aí disponível.

Nossa região tem muito o que crescer. Na Europa, que possui um clima muito parecido com o nosso, isso funciona, porém, o que diferencia, é que possuem infraestrutura. Produzem de tudo com muito pouco e vendem dentro da sua propriedade com custo zero de frete e logística.

Precisamos nos espelhar em quem já fez e deu certo. Os países que investem em estudo científico e tecnologia estão crescendo rápido. É só fazermos as parcerias certas que o nosso país ainda tem jeito.”



Ana Paula Dal Magro Folle

Conselho Fiscal

Ana Paula Dal Magro Folle, é natural de Xanxerê. Filha de **Belino Dal Magro** e **Terezinha Guinzelli Dal Magro**. Casada com **Daniel Folle**, com o qual tem a filha **Louise**.

Formou-se em **Administração de Empresas** pela **UNOESC Xanxerê**.

Há quanto tempo participa da Acix?

“Nossa empresa, **IDM Escapamentos**, faz parte da **ACIX** desde que foi fundada. Eu comecei a participar em dois mil e doze, quando o **Núcleo de Jovens Empreendedores** foi reativado.

No primeiro ano participei como nucleada, no segundo ano me tornei tesoureira, no ano seguinte fui vice-coordenadora e no quarto ano, coordenadora do **Núcleo de Jovens Empreendedores**. Também fui a primeira coordenadora do **Núcleo de Gestão de Pessoas**.

A partir disso, comecei a fazer parte da diretoria da **ACIX**, através do convite realizado pelo **Sr. Irineu Altíssimo**. Assumi como **Diretora de Comércio e Serviços**. Na atual gestão o **Sr. Neimar** e o **Sr. Realdo** refizeram o convite e continuo fazendo parte da diretoria.

Posso afirmar que, sem sombra de dúvidas, a **ACIX** é a entidade com maior representatividade em nossa cidade, não somente pelo número grande de associados, mas, especialmente pelos benefícios que oferece para eles. Quando uma empresa busca por um objetivo sozinha, muitas vezes ela não consegue alcançá-lo, porém, estando dentro do associativismo, ela ganha forças, justamente porque a necessidade dela pode ser a necessidade de muitas outras empresas.

A **ACIX** foi uma das entidades que mais contribuiu para a criação e ampliação do **Distrito Industrial Pedro Bor-toluzzi**, que é onde nossa empresa está instalada hoje, expandindo assim o desenvolvimento industrial em nossa cidade. Muito disso se atribui ao esforço da atual e das antigas diretorias da Associação.

A **ACIX** dissemina seus serviços para toda a microrregião da **AMAI**. Desta forma, sua área de atuação acaba sendo maior que outras entidades. A própria representatividade da **ACIX** perante a **FACISC**, que é a **Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina**, cresceu muito, isso tudo graças ao trabalho das diretorias, núcleos setoriais e da equipe administrativa da entidade, trabalho este que colocou a **ACIX** dentre as **dez maiores Associações do Estado**.”

A ACIX está completando cinquenta anos. Qual o legado que os vinte e oito presidentes que passaram pela entidade deixaram para as novas gerações?

“Levando em consideração o que a **ACIX** representa para mim, ao longo destes cinquenta anos e do tempo que eu participo dela, posso dizer que é muito mais do que uma faculdade em termos de aprendizado.

Eu sou a diretora mais jovem dentro da atual diretoria e acredito que de todas as outras que passaram também. Isso para mim é motivo de muito orgulho, pois através das reuniões, sejam elas formais ou informais, eventos e pela rede de contatos que fazemos aqui dentro, o legado que fica desta entidade é de muito conhecimento e experiência.”



O associativismo será importante futuramente?

“Sim, com certeza será muito mais importante, pois é como diz o ditado: “Se formos sozinhos, chegaremos mais rápido, porém, se formos em grupo, chegaremos mais longe”. E acredito que este seja o caminho. A força que a gente ganha estando em grupo é muito maior, todos os benefícios em conjunto, a troca de experiências e a rede de contatos é extremamente válida, tanto para nossa vida pessoal quanto profissional.

Através da **ACIX**, tivemos a oportunidade de conhecer grandes empresas, inclusive multinacionais, seus parques fabris, processos de produção, sistemas de gestão, muitas informações privilegiadas que jamais conseguiríamos se não estivéssemos inseridos no associativismo”.

O que Xanxerê tem de positivo que motive alguém a instalar uma empresa?

“Especialmente o povo trabalhador. É um povo que batalha, supera, conquista o que almeja, e isso é uma herança da nossa colonização. Isso contribui muito, porque de nada adianta termos grandes empresas se não tivermos pessoas capacitadas, dedicadas e batalhadoras para trabalhar nelas. Tudo contribui para que as coisas funcionem. Temos ensino de qualidade em diversas instituições, hospital de referência e entidades de classe engajadas para ajudar o próximo.”

E quais as áreas que estão com deficiência e que precisam ser melhoradas?

“É preciso que o poder público disponibilize incentivo às empresas, para que elas possam se instalar e também se manter em nossa cidade. Desburocratizar o sistema, criar leis de incentivo fiscal que possibilitem a abertura de novos empreendimentos e que atraiam empresas de outras cidades para **Xanxerê**. Existem formas legais de fazer isso. Basta que nossos governantes direcionem suas ações focando naquilo que mais traz retorno ao município: as atividades empresariais.”

Aos fundadores e ex-presidentes:

“Nós, enquanto jovens empreendedores, só temos motivos para agradecer, pois eles foram visionários. Imagina só: há cinquenta anos, um grupo de pessoas se reuniram e debateram seus problemas a fim de encontrar uma solução comum a todos, representando desta forma, uma classe enorme de empresários com opiniões e visões político-partidárias diferentes - que naquela época eram muito mais fortes - e sobreviveram a tudo isso pensando no futuro.”

Como você vê o jovem empreendedor?

“Muitos são os desafios enfrentados pelos jovens empreendedores, que muitas vezes acabam encontrando ao longo do caminho alguns estereótipos relacionados à idade, como a falta de experiência e a ânsia de fazer acontecer.

Vejo que para obter sucesso, o jovem deve direcionar às suas ações o seu olhar inovador e seu dom de pensar “fora da caixa”, dom este que tem um alto poder transformador no mercado de trabalho, além de ser uma ferramenta valiosa para o empreendedorismo mundo afora.

O **Núcleo de Jovens Empreendedores de Xanxerê**, através de todo o trabalho realizado ao longo dos anos em conjunto com a **ACIX**, tem um papel fundamental na formação e capacitação destes jovens, contribuindo assim para a manutenção de toda a classe empresarial, afinal de contas, os jovens fazem parte do nosso futuro!”



Elísio Bonan

Diretor Administrativo-Financeiro

Elísio Bonan é natural de **Vargeão**. Filho de **Nelson** e **Irene Bonan**. Casado com **Silvana Schneider**. Seus filhos são **Francisco**, **Carolina** e **Helena**. “Formei-me como **Contador** na **UNOESC Xanxerê**, que na época ainda se chamava **FUNDESTE**. Depois que me formei, lecionei por quinze anos no curso de **Contabilidade**.

Hoje tenho meu próprio escritório de contabilidade, o **ContaCenter**. Tenho em torno de trinta colaboradores trabalhando lá.

Participo da **ACIX** há oito anos.”

Na sua opinião, qual é a importância do associativismo, e do trabalho que a ACIX desenvolve no município e região?

“Enquanto você não faz parte da **ACIX**, ela parece com qualquer outra entidade, porém, agora trabalhando em conjunto com toda a diretoria e com os membros que a compõe, percebo que sempre estão disponíveis e que são voluntários na busca de algo que possa agregar ao empresariado de **Xanxerê**, seja nas melhorias estruturais, instalação de empresas, manutenção, ou benefício em várias áreas como bombeiros, trânsito, saúde...”

Ela se envolve em todos os departamentos em que possa intervir, buscando beneficiar o empresário. Não consegue agregar resultado para a empresa, mas busca a melhor forma de a empresa se instalar e trabalhar no município.

A **ACIX** é uma facilitadora. Mantém as portas abertas para quem precisa de ajuda.

A associação sobrevive com uma pequena mensalidade com a qual investe em cursos e palestras e com questões voltadas ao associado. Não visa lucro e nem usa resultados para benefício próprio.

Se promove algo, é em função do associado. Todos os valores são destinados ao crescimento do coletivo.”

ACIX ontem e hoje

“A **ACIX** tem um grande legado. É uma entidade que se fortalece a cada ano com o objetivo de melhor participar na sociedade e ajudar o empresariado.

Eu vejo hoje uma entidade muito positiva para a cidade, e isso tende a melhorar no futuro. Acredito que a **ACIX** se aproxima cada vez mais do empresário, auxiliando-o em diversas situações, até mesmo tributárias.

As associações se envolvem juntamente com a **FACISC** para levar o problema até as lideranças, gabinetes de governadores, deputados... Porque elas representam o que o empresariado tem de necessidades, e relatam o que ele precisa. É uma ponte que busca o apoio para os empresários.”

O que Xanxerê tem de positivo para que alguém instale sua empresa ou abra um negócio?

“Xanxerê tem um povo trabalhador, com uma área geográfica estrategicamente muito boa para se instalar. É uma cidade relativamente limpa e está perto de pólos econômicos e tecnológicos interessantes. Tem uma ótima acessibilidade a grandes capitais. Estamos a quinhentos quilômetros de tudo: **Porto Alegre**, **Curitiba**, **Florianópolis**... Sem falar que estamos praticamente ao lado de **Chapecó**, já considerada uma grande cidade.



Na verdade, **Xanxerê** acaba centralizando uma boa parte de tudo o que vai para **Chapecó**.

Aqui se tem a possibilidade de realizar um bom deslocamento com avião no aeroporto de **Chapecó** em pouquíssimo tempo. Em uma hora você já está viajando para qualquer lugar do **Brasil** e do mundo.

Eu considero **Xanxerê** um lugar de primeiro mundo. Tem qualidade de vida, segurança, trabalho e oportunidades. Quem tem de buscar são as pessoas, através da dedicação, esforço, comprometimento como pessoa, estudante, funcionário, empresário, industrial, alguém que faz parte de uma entidade como a **ACIX**. Cada um tem que fazer sua parte.

Muitos dizem que a cidade não vai para a frente, mas quem diz isso, são aqueles que não correm atrás de uma solução para os seus problemas.”

Quais são as carências de Xanxerê?

“Em se tratando de economia, se tivéssemos boas indústrias que agregassem valor, tanto de produto quanto de remuneração aos seus colaboradores, como era o caso da Agroeste, uma empresa familiar da região que tinha um bom valor agregado sobre o produto e consequentemente o resultado gerado retornava para a cidade. Nós precisamos de empresas que possuam capacidade de melhorar a rentabilidade da cidade.”



Adriano Carlos Piasseski

Diretor Industrial

Adriano Carlos Piasseski, é natural de Xaxim. Casado com Ediane Tonello Piasseski. Seus filhos: Cissa, Pedro e Sara.

“Eu sou coordenador do **Núcleo de Empreendedores Master** e na diretoria, sou **Diretor Industrial**. Participo muito das reuniões, e acabo atuando mais como conselheiro neste cargo.”

Como se envolveu na ACIX?

“Não participávamos muito da **ACIX** porque os produtos e serviços que ela oferece não se adequavam ao meio em que trabalhávamos, então não tínhamos a necessidade. Na época, eu era diretor da empresa **Cooper Xanxerê**.

Porém, chegou um momento em que idealizamos um projeto de ampliação do nosso frigorífico e fomos atrás da prefeitura para buscar algum tipo de benefício para facilitar o investimento. Chegamos a conversar diretamente com o prefeito da época mas nada aconteceu.

Aí eu vi que era necessário participarmos da **ACIX**. É fácil criticar uma entidade, mas se você não participa, você não tem voz e não tem vez. E nossa falha estava sendo em não participar. Recebi um convite do **Dalmor Badotti** para participar e já estou pela segunda vez na diretoria.”

O que a ACIX trouxe de benefício para você e para sua empresa?

“Foi muito importante para trocar ideias, partilhar as dificuldades com os outros, trocar experiências e buscar soluções em conjunto.

Em função desses cargos que exerço na **ACIX**, sou presidente do **Conselho dos Consumidores da Iguaçu Energia**. A função desse conselho é representar os consumidores perante a concessionária. Resumidamente, melhorar o atendimento a todas as classes.

Antigamente, o **Núcleo de Empreendedores Master** se chamava **Núcleo de Consumidores de Alta Tensão**, que acabou abrangendo várias outras atividades e mudou de nome. Este núcleo havia sido criado porque a qualidade do atendimento do consumidor era muito baixa.

Até quando estávamos ampliando nosso frigorífico, tivemos muitas dificuldades para aumentar a carga de energia e demorou além do que estava previsto. E **Xanxerê** tem uma produção de energia baixíssima. Muitos outros empresários enfrentaram o mesmo problema, e por isso esse conselho também surgiu.”

Como você vê a ACIX no contexto da cidade atualmente?

“Vejo que ela tem uma importância grande, porque se quisermos nos organizar como empresários, e os órgãos têm uma representatividade maior, você tem que participar deles para ter voz e vez, senão os demais empresários não sabem de suas necessidades e nem você as deles. Se não existe união, é como se fosse conversa de boteco, um fala mal do outro. Assim, quando há diálogo acabamos sabendo até da demanda do município, e nós empresários abraçamos juntos uma causa.”



O que você diria ao jovem empresário que não conhece a ACIX?

“Que participem para conhecer, pois através dos núcleos, eles podem trocar ideias, conhecer o trabalho dos outros e principalmente somar e trocar experiências.”

ACIX 50 anos

“Nesta comemoração relativa aos cinquenta anos da ACIX, parablenzo todos os corajosos fundadores que certamente devem ter enfrentado desafios imensos, e juntos souberam somar forças para vencerem as dificuldades. Parabéns pela iniciativa e pela coragem que tiveram.”



Irene Aparecida e Sá Affolter

Diretora Político-Social

Irene Aparecida e Sá Affolter é natural de **Linha Formigas, Abelardo Luz – SC**. Veio para **Xanxerê** ainda adolescente, aos 15 anos de idade.

Professora, empresária, diretora-proprietária da **Escola de Idiomas FISK**. Mãe de **Matheus e Pedro Paulo**.

Formada em **Letras Português/ Inglês**, pós-graduada em **Inglês e Espanhol** com especialização internacional em **Inglês** pela **Universidade de Mississippi** e em **Marketing** pela **Normal University de Pequim**, e também participante engajada em diversas entidades que trabalham em prol do desenvolvimento de **Xanxerê**.

Irene se define como:

“Sou uma mulher que não foge à luta de causas que iluminam as diferenças e fazem propaganda da vida, em benefício de ideias e ideais que acrescentam e crescem ao ser humano. Enfim, sou uma pessoa que nunca se prendeu aos marasmos conservadores e machistas. Sempre busquei estar à frente do meu tempo.

Por minha atuação comunitária e empreendedora, em dois mil e quinze, recebi o **Título de Cidadã Honorária Xanxerense**, pela **Câmara de Vereadores de Xanxerê**.

Em seis de Fevereiro de dois mil e vinte, assumi o cargo de **Vice-Presidente Regional Oeste do CEME - Conselho Estadual da Mulher Empresária de SC - FACISC**, e atuo como **Coordenadora de Relações Internacionais** na **UNO-ESC Xanxerê**, além de ser integrante do **NME – Núcleo da Mulher Empresária da ACIX**, do qual fui uma das fundadoras. Sou **Rotariana** e também **Vice –Presidente da ASR – Associação de Senhoras de Rotarianos/Casa da Amizade de Xanxerê**, atuando nas causas sociais.

Represento a **ACIX**, no **CMDM – Conselho Municipal dos Direitos da Mulher**, junto à prefeitura municipal.”

Desde quando participa da ACIX?

“A primeira diretoria em que eu participei, foi na gestão do **Sr. Dalmor Badotti**. Ele me convidou para atuar como diretora social. Nesta época eu participava também como diretora social no **CCRX – Clube Cultural Recreativo Xanxerense**. Eu e **Dalmor** éramos colegas de diretoria do clube, onde fiquei por vinte anos.

Afastei-me das diretorias da **ACIX** por alguns anos. Retornei há oito anos atrás, com participação ininterrupta até então.”

Quando você conheceu a ACIX?

“Eu me associei à **ACIX** dois anos depois que a minha empresa, **Escola de Idiomas FISK**, foi fundada aqui em **Xanxerê** em **mil novecentos e oitenta e oito**. Então, faz trinta anos que faço parte do associativismo, ao qual dou extrema importância.

Nunca aceitei o pouco, sempre quis conhecer e aprender mais. Quando aceitei participar da entidade, foi porque acreditei que ali se reuniam pessoas que somavam e acrescentavam valores às minhas propostas, crenças, ideias e ideais.

Sempre pontuo: **O empresário, além da responsabilidade de cuidar da sua empresa, tem a responsabilidade social de participar da comunidade.**”



Quando entrou na ACIX, qual era o número de mulheres dentro da associação?

“Teve uma época em que existiu a **Câmara da Mulher Empresária**. A presidente no último mandato foi a **Sra. Cirlei Menegolla**, mas quem fundou e me convidou a participar desde o início, foi a **Sra. Elovir Orsatto**.

A mulher vem atuando dentro da **ACIX** há algum tempo. Iniciou de forma tímida, e mesmo assim, tivemos duas presidentes, uma interina, **Ivete Maria Vicini**, e a presidente eleita, **Dra. Madelaine Rostirolla**. Atualmente temos um núcleo específico direcionado para a mulher empresária.

Na atual gestão, atuo como **Diretora Político-Social**. Através desse cargo, que já ocupo há três anos, ressurgiu a vontade de criar o **Núcleo da Mulher Empresária**, e em parceria com **Ana Cecília Sirino**, fundamos esse núcleo em dois mil e dezessete. Fui a primeira coordenadora do NME (**Núcleo da Mulher Empresária**) e já tivemos três coordenadoras de núcleo.

Hoje em dia, a participação da mulher dentro da **ACIX** está maior, tanto que muitas mulheres empresárias da cidade e região estão buscando se associar à **ACIX**, para participar do **Núcleo da Mulher Empresária**, porque entendem a importância do associativismo, bem como a diferença que faz à sua empresa, em estar dentro deste contexto.”

Quais os benefícios que uma empresa tem se associando à ACIX?

“A **ACIX**, como órgão atento às necessidades da comunidade em um todo, trabalha buscando diálogo com o governo municipal, estadual e federal, sendo muito atuante em **Xanxerê**.

A **Associação Empresarial** oferece ao empresário e sua empresa, diversas capacitações, consultorias e suportes. E estas ações são amplamente divulgadas.

Além disso, a **ACIX** tem um vasto conceito na cidade e região. É uma grande força associativista. Por essa razão, estar dentro dela fortalece a sua empresa. Você paga uma mensalidade, mas recebe muito mais em troca.

O empresário ou profissional liberal, só tem a somar participando de uma entidade como a **ACIX**, porque a associação dá um grande suporte em diversos segmentos do seu negócio, tais como consultorias, treinamentos, capacitações, cursos com um custo menor e também há a oferta de muitas ferramentas e serviços gratuitos, além da divulgação da sua empresa, que foi um dos motivos de eu ter entrado na **ACIX**: tornar a minha empresa visível às outras empresas e à comunidade, via associação.

O empresariado, de modo geral, é favorecido. O que a gente tem percebido ultimamente, é uma facilitação muito maior para que o empreendedor possa abrir seu negócio.

E em específico para a mulher empresária, ela pode abrir a sua empresa própria e pode contar com todo esse suporte que a **ACIX** oferece. Esse foi um dos motivos da criação desse **Núcleo da Mulher Empresária**, que visa capacitar, preparar e fortalecer a mulher e sua empresa.”

Ao longo de cinquenta anos de existência, somaram-se diferenças político-filosóficas, que por si só geram conflitos e desavenças.

Qual é o legado que as gerações que passaram, deixam para as novas gerações?

“Corajosamente esses homens tiveram o enfrentamento de ideias e filosofias de vida e políticas contraditórias. Mas foi assim que criaram e fortaleceram essa associação.

O legado que eles deixam é de persistência, para que haja sempre abertura e liberdade nos diálogos, que possibilitem a participação de todos, independentemente de partidos políticos, credos, raças, gêneros. Enfim, o que importa é o empresário, suas ações e o que ele pode desenvolver na cidade.

A **ACIX** concentra a força de todo o empresariado. E é esse pessoal que move e faz vibrar toda a cidade. Nós temos a força para decidir muitas coisas.

A **ACIX** está trabalhando para que a cidade cresça. Ela é neutra, apoia a todos. A luta da **ACIX** é fazer com que o distrito industrial produza e gere empregos e renda em benefício da cidade.”



Qual será a importância do associativismo no futuro?

“Ele vai se fortalecer cada vez mais, porque o associativismo é necessário para o crescimento de todos. Juntos, somos mais fortes. Eu vejo isso amadurecendo nos jovens empresários, tanto é que o núcleo de jovens empreendedores é o nosso núcleo mais forte aqui dentro da associação, tanto em número de participantes quanto em representatividade.”

Em quê Xanxerê favorece os empresários empreendedores?

“Em primeiro lugar, é uma cidade que tem qualidade de vida. Aqui se tem ótimos cursos universitários, bons colégios, não tem uma violência disseminada como em outras cidades maiores, e conta com apoio para abrir uma empresa. Claro que há trâmites burocráticos para isso, que podem ser atenuados.

Hoje eu vou ao mercado, e posso comprar produtos que eu só encontraria em um mercado nos Estados Unidos. É a globalização que chegou por aqui faz tempo. Resumindo, temos boa educação e saúde pública disponível a toda população, que lá fora custam uma fortuna.

Xanxerê ainda conta com a localização geográfica a seu favor. Situa-se num entroncamento de acesso a vários municípios da região. Todos passam por aqui.

Na formação superior, como exemplo, cito a UNOESC, que nos últimos anos foi congratulada com nota cinco, nota máxima do MEC, no âmbito geral. Hoje ela disponibiliza graduação, pós-graduação em praticamente todas as áreas, mestrado, doutorado e a internacionalização, que é um ponto forte neste processo.

Hoje os estudantes podem escolher onde e o que estudarem. No meu tempo, para realizar um curso dessa qualidade, tínhamos que ir até Porto Alegre ou São Paulo.

Mas também existem pontos que podem ser melhorados, e é nosso desafio trabalhar neles. Precisamos de mais opções de entretenimento, arte e cultura para os jovens, porque todos os finais de semana, nossos filhos acabam indo para Chapecó e outras cidades para se divertirem.

O que devíamos fazer, na verdade, é pegar toda essa iniciativa privada, nossos empresários, e a exemplo de Florianópolis, que acabou de inaugurar um aeroporto de primeiro mundo via iniciativa privada, e fornecermos oportunidades de lazer e cultura, das quais tanto precisamos, a Xanxerê. A iniciativa privada, conjuntamente com os órgãos governamentais, é o que a ACIX busca viabilizar para a cidade.”

Qual a importância para você e para a ACIX, do convite recebido para assumir um importante cargo no Conselho Estadual da Mulher Empresária?

“O Núcleo da Mulher Empresária se fortalece muito mais. É uma honra poder estar à frente de ações tão importantes. Significa que o trabalho que está sendo feito aqui em Xanxerê é bom e está sendo percebido.

Dentro desse núcleo, buscamos valorizar o trabalho das mulheres, dar a oportunidade de exercerem a liderança com a experiência de coordenar o núcleo, e participarem da diretoria. Claro que elas já dirigem suas empresas, mas socializar e associar ideias, vencer desafios em conjunto, é diferente.

Disponibilizamos todo um preparo, cursos de capacitação, oratória, mídia digital, inteligência emocional... Enfim, o que está ao nosso alcance, para que a mulher se sinta fortalecida, capaz e preparada.

Quanto a ocupar um cargo na FACISC – Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina, é muito importante, principalmente em se tratando de fortalecer a representatividade da mulher empreendedora oestina, pois isso implica em atuar na tomada de decisões, para não ficarem condicionadas à capital e ao litoral. Assim, enaltecemos a mulher empreendedora de Santa Catarina como um todo.

A mulher precisa continuar estudando e se capacitando se quiser permanecer no mercado, e tem de se libertar das amarras ancestrais, se quiser ter um espaço respeitado tanto quanto o dos homens. Ainda acredito numa realidade futura, onde teremos somente líderes, nem mulher ou homem. Que sejam seres capacitados, não importando o gênero.”

Irene complementa seu depoimento: “O Inglês me abriu todas as portas.”



Wilson Piccoli

Diretor de Desenvolvimento Empresarial

Vilson Piccoli é natural de **Xanxerê**. Casado com **Marizete Antone-lo**. Suas filhas são **Anna Letícia** e **Renata**.

Quando começou a participar da ACIX?

“Faz doze anos que estou na **ACIX**. O que me motivou a entrar na associação foi a possibilidade de estar interagindo com os empresários que são meus afins aqui em **Xanxerê** e procurar fortalecer o núcleo empresarial.

Isso se concretizou porque a **ACIX** vem a cada ano construindo uma dinâmica de envolvimento sempre melhor.

A cada gestão, tem oportunizado que novos presidentes tragam novas ideias, bem como as diretorias. Com isso, a **ACIX** vem se inovando e evoluindo cada vez mais.

Hoje eu considero uma das maiores associações em termos de expressão em **Xanxerê**. Tem uma influência muito forte em todos os setores, e não apenas na área industrial. A **ACIX** se expandiu muito, e isso realmente nos motiva e faz com que continuemos participando dela.”

Como foi a experiência de ter sido presidente?

“Entrei como presidente no momento em que tínhamos um projeto de dar uma remodelada na questão empresarial. Ela vinha num certo segmento, e nós queríamos fazer com que ela tivesse uma representatividade maior.

Acredito que foi um momento diferenciado em toda a história da **ACIX**, pois havia duas chapas disputando a diretoria. Entendíamos que a **ACIX** tinha que se projetar no município de **Xanxerê** de uma maneira diferente.

Projetei-me como líder naquele momento e tive a felicidade de ser o vencedor. Transformamos a **ACIX**, tiramos a associação da linha de cursos e serviços direcionados apenas aos empresários e abrimos a **ACIX** para a comunidade em todos os segmentos.

Hoje sou **Diretor de Desenvolvimento Empresarial**. A função desse cargo é ser um apoiador, aquele que fomenta e está interligado a tudo aquilo que venha a ser desenvolvido no município de **Xanxerê**.

Toda a parte de cursos já vem de uma dinâmica. A gente faz uma seleção e organização do que é interessante naquele momento para oferecer aos associados, para que eles busquem aquilo que estavam necessitando e realmente façam as coisas acontecerem.

Por exemplo, com o distrito industrial teremos uma oportunidade de desenvolvimento para toda a cidade de **Xanxerê**.

É uma pasta que está atenta e ligada a tudo o que acontece no município de **Xanxerê**, desde o desenvolvimento da educação de qualidade, com as diversas instituições de ensino que são nossas parceiras, oferecendo cursos e aprendizado.

A qualificação profissional acaba proporcionando a vinda de muitas pessoas de outras cidades para estudar, que conseqüentemente provocam o desenvolvimento de **Xanxerê** e região.



Xanxerê tem na saúde, um segmento muito forte com o **Hospital Regional São Paulo**, que é um polo de referência para toda a região.

É grande a procura de pessoas do **Oeste Catarinense** e até de outras regiões pelo **Centro Cardiológico Avançado** que temos aqui. Conseqüentemente, a cidade acaba também abrigando um grande número de farmácias e laboratórios especializados. Isso gera emprego, gera renda, e desenvolvimento para que a coisa aconteça. Uma coisa puxa outra. Até mesmo no nosso plano diretor, ajudamos a formar a pasta, porque a gente quer que a cidade cresça, pensando e planejando como será esse desenvolvimento e crescimento.”

O que você diria aos homens que desbravaram e fundaram esta associação que completa cinquenta anos?

"Parabênizo, porque não é fácil assumir uma associação por dois anos, e ainda mais uma entidade como essa que tem que estar atenta e ligada a todas as outras cidades.

É preciso sempre agradecê-los por doarem seu tempo e até mesmo seus recursos, porque às vezes é preciso deixar de ir para seu trabalho e disponibilizar horas, dias e até noites a serviço da **ACIX**. E muitas vezes, até deixar de conviver com sua família para participar de reuniões e eventos.

Eu vejo esses desbravadores como pessoas que tiveram um pensamento à frente de seu tempo, porque a **ACIX**, no período de cinquenta anos, foi a protagonista de tudo que aconteceu em **Xanxerê**.

Ela esteve sempre na vanguarda política, na vanguarda do crescimento, na vanguarda da geração de empregos...

Muitas ideias, que por sua vez, geraram cursos, e estes foram aproveitados pelas empresas. E estas empresas, ajudaram a estruturar a **FEMI**, a propiciar a vinda do **Corpo de Bombeiros**... E por aí afora. Muitas coisas foram germinadas dentro da **ACIX**.

Penso que todos os ex-presidentes que passaram pela ACIX, ainda sentem muito carinho por esta entidade, tem um amor muito grande por ela. Ninguém saiu magoado ou estressado por ter trabalhado muito ou pouco. É isso que nos faz ter um brilho no olho e ter a motivação de cada vez mais estar disposto a ajudar para que a ACIX continue protagonizando muitas ações benéficas a Xanxerê. É um trabalho voluntário que a gente desenvolve com todo o amor e carinho.”



Madelaine Rostirolla

Diretora Jurídica

Madelaine Rostirolla é natural de **Catuibe - RS**. Casada com **Neri José Rostirolla**, com quem tem o filho **Fernando**".

Há quanto tempo participa da ACIX?

“Estou como **Diretora Jurídica** da **ACIX** há 20 anos. Tornei-me associada da **ACIX**, e logo fui convidada para ser **Diretora Jurídica**.

Em função do conhecimento jurídico que tenho, sempre soube da importância da **ACIX** e seu papel no crescimento do município e no atendimento das demandas dos empresários.

A **ACIX** é hoje a entidade mais engajada no sentido de colaborar com o crescimento de **Xanxerê**, proporcionando benefícios aos empresários e empresas, sempre buscando melhorar a economia da cidade e região.

O grande fundamento que rege a **Associação Empresarial de Xanxerê** é o associativismo. A união de esforços visando a obtenção de uma solução a todos.

Antes de entrar na **ACIX** eu já conhecia um pouco do trabalho por ela desenvolvido, mas não sabia como a **ACIX** funcionava administrativamente.

Sempre que solicitada, fui muito atenta ao emitir os pareceres jurídicos, pois sabia da importância dos mesmos, especialmente porque as demandas envolvidas, normalmente são demandas dos empresários, junto ao governo municipal, estadual e federal.

A **Associação Empresarial de Xanxerê** sempre buscou motivar a vinda de empresas para a cidade.

Isso é uma força motriz dentro da **ACIX**. Assim, sempre que surgem dúvidas jurídicas, sou consultada, juntamente com o outro colega assessor jurídico. É uma responsabilidade muito grande.”

Nesses 20 anos de ACIX, o que mais lhe marcou?

“Foram tantas coisas que me marcaram nesse tempo... Algumas atuando na área jurídica, outras como presidente... Mas são muitas.

Por exemplo, posso citar as solicitações de diminuição de impostos, a demanda na agilização da duplicação da **BR - 282** e a criação do **Distrito Industrial**.

Foi uma conquista muito boa para o município.

Desde que eu assumi o setor jurídico, foram feitas reivindicações a deputados, a governos... Todo ano a entidade encaminha reivindicações para a **FACISC**, **FIESC**, para que possam interferir junto ao governo federal em demandas que possam ajudar as empresas.

Uma reivindicação muito marcante foi a solicitação para a construção das ferrovias, que infelizmente, ainda não saiu do papel, e que é muito importante para a região.

Durante nossa gestão na **ACIX**, focamos muito a qualificação profissional dos funcionários internos e dos empresários.



Fiz uma aproximação bem produtiva com os núcleos empresariais da **ACIX**, participando das reuniões. Isso fortaleceu bastante a participação de todos, colaborou para a criação de novos núcleos e conseqüentemente aumentou o número de associados, que quase dobrou na nossa gestão.

Outro fato importante durante nossa gestão, foi ter colocado a **ACIX** entre as três melhores associações empresariais do **Estado**, recebendo um prêmio de gestão da **FACISC**. Foi muita honra ter profissionalizado ainda mais a entidade.”

Como foi ser a primeira mulher eleita presidente da ACIX, visto que houve a presidência interina de Ivete Maria Vicini?

“Foi muito natural, até porque eu já estava inteirada de tudo o que acontecia dentro da **ACIX**. Procurei ser uma presidente bastante atuante, participando de praticamente todas as reuniões para as quais a **ACIX** era convidada.

Aceitei a indicação feita pelo então presidente **Jaime Bavaresco**, e me coloquei à disposição dos associados para concorrer à presidência.

E, principalmente, foi uma honra representar a entidade, ainda mais sendo a primeira mulher a atuar como presidente eleita. Espero ter atendido as expectativas.”

Esses dois anos na presidência mudaram muito a sua rotina?

“Com certeza. Tive que adaptar os horários de trabalho do meu escritório, e, diariamente me fazia presente junto à **ACIX** e nas reuniões em que o presidente é convidado.

A presidência exige uma doação de tempo em prol dos demais. E isso, só soma em nossas vidas. É difícil mensurar o que eu ganhei sendo presidente da **ACIX**, mas certamente o enriquecimento humano foi muito grande. E conseqüentemente, isso me enriquece como profissional da área jurídica.

As pessoas que participam da associação, como também aquelas que já passaram por ela, sempre merecem o meu respeito, porque são pessoas que da mesma forma que eu, doaram muito de si. Doaram paciência, trabalho e experiência, em prol do coletivo.”

ACIX 50 anos

“Parabenizo todos os corajosos que desde o início se empenharam para tornar a **ACIX** o que ela é hoje. Não é um trabalho de apenas um. São muitas pessoas, ao longo do tempo. Pessoas corajosas, estimuladas, e que não mediram esforços para fazer da **ACIX** a grande entidade que é hoje.

Essas bodas de ouro são o coroamento do trabalho dessas pessoas que se dispuseram a trabalhar gratuitamente por uma causa muito maior: o crescimento empresarial e do município.

Nestes 50 anos, homenageamos a entidade, mas acima de tudo, as pessoas que doaram seu tempo a ela. Eles são merecedores do meu respeito e da minha gratidão.”

O que você diria para um jovem empreendedor ou uma empresa que queira vir para Xanxerê e montar sua indústria?

“Eu não conhecia absolutamente ninguém de **Xanxerê** quando cheguei na cidade e fui muito bem recebida. **Xanxerê** é uma cidade muito hospitaleira, então o conselho que dou é: venham para Xanxerê. Tracem seus planos e metas e lutem por eles. **Xanxerê** é uma cidade receptiva, e o governo municipal sempre dá o apoio necessário. Tenham foco e lutem pelo que acreditam.



Além disso, a ACIX sempre está pronta para ajudar novas empresas, principalmente porque precisamos de mais empresas na cidade.”

E em que áreas Xanxerê precisa melhorar?

“Quando falamos em melhorias, pensamos sempre em algo que possa trazer benefícios aos empresários, pois isso envolve a criação de empregos e geração de renda. Ainda temos limitações de espaços físicos, embora a municipalidade já tenha criado Distritos Industriais. Mas são áreas que ainda podem ser melhoradas, talvez com criações de incentivos fiscais, obviamente sem infringir a legislação. Podemos ainda, pensar em criar uma rota turística, gastronômica, etc.”

O que é a ACIX hoje?

“A ACIX hoje é a maior entidade empresarial do município, juntamente com o CDL. Todas as demandas que envolvam o benefício de empresas, passam pela ACIX.”



Cristiano Toffolo Diretor Jurídico

Cristiano Toffolo é natural de Xanxerê. Filho de Maximiliano Toffolo e Eni Luiza Toffolo. Casado com Patrícia Weber Toffolo. Suas filhas são Vitória e Pietra.

Formado em Direito e pós-graduado em Processo Civil. Professor Universitário e Assessor Jurídico da Câmara de Vereadores.

“Fui convidado para ser o Diretor Jurídico da ACIX na gestão do presidente Neimar Colpani, convite que foi realizado em conjunto com o ex-presidente Oscar Martarello.

Na época, eu era Presidente da FEMI junto com o Oscar, fazendo um trabalho inovador para realizar a feira de modo autossuficiente, sem onerar os cofres públicos. Foi quando veio o convite para participar da ACIX, então, me associei.”

Qual era seu olhar sobre a ACIX antes de entrar na entidade?

“Acredito que o mesmo que ainda possuo, porque eu sempre vi a ACIX como uma associação extremamente forte em Xanxerê, não se focando apenas no lado empresarial. Ela se preocupa muito com o lado social da comunidade e de seus associados.

Além de preservar os ideais dos empresários, ela se preocupa com as pessoas, e eu acho essa mescla muito importante para manter a grandeza e a representatividade que tem hoje. É o ponto fundamental da ACIX. Mesclar a ajuda ao associado, empresário e às pessoas que estão ao seu alcance.”

Qual a função do diretor jurídico?

“Prestar orientações de forma genérica aos associados, elaborar pareceres para as questões jurídicas, contratos, correspondências, enfim, até mesmo no que se refere aos materiais de divulgação, há uma visão jurídica para não gerar problemas. É uma orientação global e gratuita aos associados sobre temas relevantes e jurídicos.”

A ACIX é atuante em vários segmentos na cidade de Xanxerê. Qual é a importância disso?

“Isso demonstra a credibilidade da associação. Vemos que em todas as atividades que envolvem os poderes executivos, legislativos e até judiciário, a ACIX é convidada a participar.

Isso reverencia sua credibilidade e segurança. Quando se leva um projeto através do nome da ACIX, as pessoas acabam visualizando seriedade nesse projeto. E isso não foi conquistado agora, mas sim ao longo desses cinquenta anos de existência da entidade. Credibilidade leva muito tempo para ser conquistada e as atuações da ACIX e de seus diretores elevaram a entidade a um outro patamar neste critério. E hoje a ACIX consegue transitar muito bem através dos três poderes do município, sendo apartidária.

Se eu fosse definir a ACIX com uma palavra, seria credibilidade, que foi construída com um fundamento sólido, e por isso ela é incluída em todas as atividades do município.



A **ACIX** é um exemplo de associativismo. De um tempo para cá, as pessoas estão entendendo que sozinhas não chegam a lugar algum. Tem que ter parcerias, saber trabalhar em grupos, dividir suas dúvidas. Atualmente, a pessoa que pensa que vai vencer ficando isolada, está fadada ao fracasso.

O associativismo, companheirismo, partilhar as coisas boas e ruins, é fundamental para qualquer empresa e ser humano galgar voos mais altos. Hoje, o dito popular de que “uma andorinha só não faz verão”, faz muito mais sentido.

E hoje também, a maior riqueza do empresário, além da credibilidade, é sempre ter bons contatos, ter boas pessoas consigo, partilhar. Conhecimento é saber dividir. Externar o seu conhecimento para os outros e receber o deles em troca.

Uma empresa que tem uma certa dificuldade em algum ponto, compartilhando com as demais, pode fazer com que essas outras empresas nunca tenham aquele problema, ou encontrem uma solução mais rápida. Não pode ser visto como competitividade, mas como parceria.

A competitividade é até uma coisa saudável, porque faz com que rivais cresçam da mesma forma, mas quando tem associativismo e parceria, todos crescem.”

O que Xanxerê tem de bom e positivo que possa instigar a instalação de novas empresas?

“A principal riqueza de **Xanxerê** são as pessoas. É muito bom morar aqui. A cidade já tem um porte médio, mas a nossa cultura ainda é de uma cidade com porte pequeno, comunitária, onde as pessoas se ajudam.

Na área econômica, **Xanxerê** está localizada em um ponto crucial para todas as saídas do **Sul do Brasil**. A localização de **Xanxerê** é um atrativo.”

Como foi a experiência de ter sido presidente da FEMI?

“Sensacional. Eu penso que foi um dos períodos da minha vida em que eu mais trabalhei. Fechei temporariamente o escritório pois quase nem tinha tempo para minha família. Em conjunto com as comissões, mostramos que era possível realizar uma feira sem gastar dinheiro público. Remodelamos toda a estrutura da **FEMI**. Antes ela era bancada totalmente pelo poder público e naquela edição o resultado foi fantástico. Entregamos todo o valor arrecadado para o município.”

O que precisa ser melhorado em Xanxerê?

“Era preciso trazer investimentos na área privada, ou seja, trazer mais empresas para cá para geração de emprego. Tem muitas empresas muito fortes, mas a geração de emprego é a carência maior, ainda mais nesses tempos em que os investimentos são mais complicados e difíceis de se realizar. A geração de emprego é essencial, para dar qualidade de vida para as pessoas.”

O que vocêalaria a estes homens associativistas, que num tempo de muita dificuldade criaram uma associação empresarial desse porte, e que está comemorando cinquenta anos?

“Devemos fazer um eterno agradecimento aos pioneiros que tiveram a coragem de montar uma associação naquele tempo. Se hoje a gente está engatinhando com a cultura do associativismo, imagino a dificuldade que era há cinquenta anos.

Temos que agradecer, e muito, às pessoas que lá atrás fizeram a nossa história de hoje, porque olhando a história a gente consegue criar um futuro brilhante.

O que essas pessoas fizeram, é motivo para elogios eternos. Montar uma associação nos dias de hoje é extremamente complicado. Muito mais deveria ser naquela época. Temos de louvar o que eles fizeram, e acima de tudo, nunca esquecer disso.

Sempre valorizar nossos antepassados que lutaram para fazer a cidade chegar onde chegou, e ainda chegará.”



Carlos Elisio Stähelin

Diretor de Meio Ambiente

Carlos Elisio Stähelin é natural de São Pedro de Alcântara - SC. Casado com Georgea Karine Acadrolli Stähelin. Suas filhas são Valentina e Catarina.

O que te trouxe para Xanxerê?

“A profissão. Sou formado em **Agrimensura e Estradas**. Comecei a participar da **ACIX** ativamente nessa última administração. Eu já era associado há 8 anos, mas era mais coadjuvante.”

O que te levou a ser sócio da ACIX?

“Por amizades, eu comecei a participar, ser parceiro, e acabamos formando uma família **ACIX**, acima de tudo.”

Qual sua leitura sobre o associativismo?

“Saber andar com os próprios pés é uma coisa, agora, andar com muitos a sua volta, é uma soma muito grande. Isso fortalece cada vez mais a instituição. Por isso tem pessoas de grande nome e valor dentro da entidade, que fazem diferença e fazem a entidade ser cada vez maior.

Não adianta sermos um só, mas sermos cada vez mais, termos mais força perante a órgãos e instituições, e assim por diante.

Tanto é que a **ACIX** tem essa marca muito forte, e é respeitada a nível estadual como uma das melhores do estado. Resumindo, sozinho você não faz nada. Quando você caminha junto com outras pessoas o fortalecimento é cada vez maior.

A minha visão do associativismo é que as pessoas tem de interagir umas com as outras em prol de algo maior - que é o comércio e a indústria de **Xanxerê**, que é o principal objetivo da **ACIX**.

A gente sempre está discutindo e criando estratégias em relação a alguns planos e metas de trabalho para oferecer algo melhor para os associados.”

Qual a sua opinião sobre a ACIX e Xanxerê?

“Uma das boas coisas que **Xanxerê** tem é a universidade, porque se você não tem uma boa formação profissional na área técnica, de graduação ou pós-graduação, você não tem muitas oportunidades.

Xanxerê tem a indústria metalmeccânica que é muito forte. Isso tem um renome muito forte, não só em nível de região e estado, mas sim de **Brasil**, porque **Xanxerê** agrega muitos produtos.

E com os anos, **Xanxerê** sofreu uma grande descentralização de poderes. Quando eu cheguei na cidade, a concentração de renda existia na mão de poucos, e estar na mão de poucos é muito ruim. Não movimenta nada, não anda.

Sem o advento da universidade em **Xanxerê**, desenvolvimento não teria acontecido tão rápido, porque a qualificação das pessoas colaborou para a expansão e enriquecimento das empresas em geral.

O monopólio e a concentração de riquezas é ruim para a sociedade como um todo, e isso fez com que **Xanxerê** começasse a crescer somente por volta do ano de mil novecentos e noventa.

Nossa cidade estava estagnada, não crescia. Então abriram-se novos horizontes.



O sistema de financiamentos de imóvel próprio, por parte dos empresários do ramo imobiliário, trouxe um alento àqueles que não possuíam um imóvel... E assim por diante.

Tem grandes empresários transformando a cidade. E existem muitos jovens empresários à frente de grandes projetos e empresas que estão fazendo as coisas acontecerem e crescerem em **Xanxerê**.

E é muito bom estar na **ACIX**, porque conhecemos pessoas que no dia a dia não teríamos oportunidade de conhecer.

Em **Xanxerê** existem empresas de renome mundial do setor metalmeccânico industrial. No município, podem não ser conhecidas, mas estas empresas trouxeram uma vanguarda de referência em **PCH's**, e têm os melhores equipamentos para oferecer ao mundo.

Aqui se desenvolve desde a construção de um lago, desde a topografia que é a base para uma futura construção de uma **PCH**, até toda uma cadeia produtiva em seu entorno com diversas empresas oferecendo seus serviços, com estrutura de barragem, equipamentos... É um dos únicos municípios do país em que se começa uma barragem e a termina, com todas as fases e etapas, com profissionais de um mesmo município. Em **Xanxerê** encontra-se isso, e é difundido a nível nacional.

Pode-se começar um projeto e terminá-lo em **Xanxerê**. Não conheço outro município no **Brasil** que possua todas as empresas que começam e finalizam uma barragem, e a entregam pronta, e de qualquer porte. E isso transforma a cidade em uma referência.

Outro ponto positivo é que é uma cidade onde as pessoas se doam muito socialmente, através do envolvimento com entidades ou clubes de serviço. É claro que há também a ajuda dos órgãos públicos.”

Em que a cidade pode melhorar?

“É complexo de responder, mas o que pode ser melhorado e alavancado, é que a cidade tenha um pouco mais de gestão administrativa.

Temos muita capacidade ainda para buscar conhecimento. Na nossa massa cinzenta cabe muita coisa para redirecionarmos valores para trazer riqueza para a região.

Trabalhando juntamente com os gestores, a parte política também poderia participar mais. Principalmente sendo menos burocrática.

Muitos órgãos públicos burocratizam, dificultam demais ao invés de serem órgãos facilitadores.

O órgão público, se os empresários estão com dificuldades, tem a obrigação de auxiliá-los, perguntar o que precisam para resolverem os problemas, não apenas ditar impedimentos.

Falta essa humanidade e carinho com o empresariado, facilitar seu caminho.

Faltam pessoas com mais visão e atendimento de qualidade aos empresários. Que sejam facilitadores no caminho de um progresso com responsabilidade.

Isso já bastaria para tudo funcionar ainda mais.

A prefeitura deveria abrir mais horizontes na questão de oportunidades para o empresário. Já está oferecendo a passos largos, mas tem muito o que melhorar.

A indústria, como um todo, merece um carinho por parte dos governos, na questão de financiamentos. Dinheiro à disposição dos industriais, com juros menores. Isso gera riqueza e empregos.”

ACIX 50 anos

“Com certeza os fundadores da **ACIX** foram lideranças muito fortes em nossa cidade. Para começar um trabalho do zero, montar uma associação empresarial há 50 anos, tinha-se que ter muita bravura, disponibilizar tempo, ser perseverante, forte, ter bons costumes, e esses homens foram reis naquela época em que tudo era muito difícil.

A transformação da cidade no que ela é hoje, com certeza tem a assinatura deles. Para as conquistas que eles fizeram, parabéns é pouco. Naquele período, eram necessários homens que pudessem abraçar dessa maneira uma causa e transformá-la no que é hoje.

Eles colocaram a entidade acima de bandeiras políticas, partidárias. E isso é incrível. Formaram uma família, mesmo com partidos políticos rivais, e começaram a galgar objetivos comuns a todos.”



Charles Luiz Rabaiolli

Diretor Tecnológico

Charles Luiz Rabaiolli, é natural de Xanxerê. Filho de **Antonio Rabaiolli** e **Lídia Dal Ponte Rabaiolli**. Casado com **Michelli Favareto Rabaiolli**. Seus filhos são **Leonardo** e **Miguel**.

Formado em **Engenharia Civil** e **Engenharia de Segurança do Trabalho**. Atualmente é **Secretário de Desenvolvimento Econômico** da prefeitura. E dentro da **ACIX**, é o **Diretor Tecnológico**, que é uma área que vem sendo muito explorada e desenvolvida.

“Até então, eu nunca tinha participado da **ACIX**. Fui convidado para ser o **Secretário de Desenvolvimento Econômico** do município, e por isso, convidado pela **ACIX** para o cargo de **Diretor Tecnológico**.

Estou bastante envolvido no **Projeto TEIA - Tecnologia, Empreendedorismo e Inovação ACIX**, que reúne o poder público, entidades e as academias, que são as instituições de ensino.”

Qual era a sua visão da ACIX antes de participar dela?

“Na minha área de atuação, a engenharia, como eu trabalhava sozinho na minha empresa, não tinha funcionários, pois de certa forma, sou empresário do meu próprio negócio, e via a **ACIX** como uma entidade fortalecida e bem atuante no município.

Coloco ela entre as maiores entidades de **Xanxerê**.

Vendo ela de dentro, é uma entidade fortalecida e com grande representatividade.

Ela sugere, solicita melhorias ao município e para os empresários, e conquista benefícios e direitos para toda a classe empresarial.”

Qual a importância do Projeto TEIA?

“É de uma importância imensa. Para o projeto se solidificar, estamos buscando visitar cidades que já implantaram esse tipo de projeto, e que está dando certo.

Xanxerê tem um grande potencial para a área tecnológica. Nós, da diretoria e dos núcleos, através da **ACIX**, realizamos muitas visitas, viagens de aprendizagem e conhecimento para trazer o que há de melhor para a cidade.

O **Projeto TEIA** é importantíssimo, porque existem empresas dentro da nossa cidade que produzem tecnologia, desenvolvem inovação, são bem conceituadas fora do município mas que ainda não conhecemos.

Pensando nisso, visamos fortalecer o reconhecimento dessas empresas dentro do município, ou seja, dar mais visibilidade até para a própria população conhecê-las.

O **Projeto TEIA** envolve inclusive o trabalho com as crianças. Todos se envolvem no processo de construção.

Nós temos de aproveitar esse momento da ascensão tecnológica para cativar os jovens empreendedores. É uma cultura mais moderna que tende a se desenvolver cada vez mais entre eles, desde a infância.

Porque quando se olha para uma criança hoje em dia, ela já está grudada num celular aos cinco anos de idade. Não sei muito o que vai ser dessa geração...

Eu, desde os doze anos ajudava meu pai na empresa madeireira de nossa família. Quando vou cortar a grama lá em casa, eu chamo meu filho para vir me ajudar.



Aí meu vizinho me pergunta: “Porque que tu não paga alguém para vir cortar a grama para ti?” Eu respondo: “Não é questão de pagar, estou ensinando meu filho a trabalhar e a dar valor para as coisas.”
Desde quando adolescente, o jovem precisa ser incentivado a buscar os seus caminhos, envolver-se nas coisas.”

***Como você vê o jovem empresário xanxerense?
É difícil para eles abrirem a primeira empresa?***

“Não é difícil começar, porque as oportunidades estão por todo lugar, basta você procurar. As facilidades estão maiores. Mas a verdadeira questão é tu conseguir se manter, e que isso te dê o retorno necessário para prosseguir.”

Quais os pontos positivos que Xanxerê possui para se abrir uma empresa?

“A nossa localização, geograficamente, é muito privilegiada. Estamos no centro do **Oeste**. O contorno viário é uma das coisas que vai abrir a cidade para um outro lado.

As pessoas são agradáveis, os funcionários nas empresas tem como dar um bom estudo para seus filhos, tem um suporte de hospital, caso te falte algo tu pode dar um pulinho em **Chapecó**, tem segurança, além dos muitos segmentos de metalmeccânica e agroindústria, que tornaram **Xanxerê** uma referência no estado. A exemplo, as empresas construtoras de **PCH's**, uma agricultura forte e empresas de engenharia de projetos. Enfim, hoje **Xanxerê** possui empresas que vendem seus produtos no mundo todo e muita gente nem sabe.

Nós não podemos depender apenas da administração pública para trazer empresas para a cidade. Não é nem o objetivo dela.

A **ACIX** tem trabalhado muito bem nessa questão. Agora teremos a ampliação do **Distrito Industrial Pedro Bortoluzzi**, onde as empresas não vão precisar gastar tanto com estrutura. O terreno será disponibilizado a um preço de custo, que é uma sugestão que partiu da **ACIX**, e que poderá trazer muitas outras empresas da região para cá.

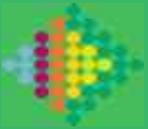
Porém, a prefeitura também tem que buscar se inovar, porque um jovem empreendedor não vai até a prefeitura para esperar trinta dias para ter uma resposta. Vai ter que ter agilidade.”

50 anos da ACIX

“Tornou-se uma entidade sólida, fortalecida através dos tempos. Isso é um mérito que poucas associações conseguem.

Muitas empresas que tinham uma grande representatividade dentro da **ACIX**, acabaram falindo, mas entraram outras que supriram essa lacuna que ficou.

Foram empresários que vieram para cá e foram mudando o contexto econômico da cidade”.



*Espectáculos culturais promovidos pela ACIX
dão sucesso na Região Oeste*

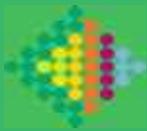


*Com o anfiteatro da UNOESC Xanxerê lotado, a ACIX comemorou, junto à sociedade xanxerense, seus **43 anos**, no dia **30 de Agosto de 2013**. Para engrandecer a data, a **Escola Teatro Bolshoi do Brasil**, mostrou toda sua arte durante o espetáculo.*

O evento proporcionou à população a oportunidade de desfrutar de um momento único de show de luzes e dança.

*A apresentação, intitulada "**Gaia Bolshoi**", é um misto de coreografias (dança contemporânea, folclórica e trechos de balés), que se utiliza de músicas de renomados compositores brasileiros.*

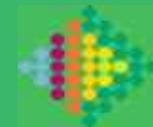
Na oportunidade, estiveram presentes 14 bailarinos, que trabalham com a escola há mais de oito anos.



*As escolas de dança **Studio de Dança Ballet Art e Cia**, e **Dança Expressão Corpo e Arte**, foram contempladas com patrocínio através de verbas para suas atividades, e também receberam incentivo da **ACIX** ao realizarem a abertura da **Noite Cultural**, alusiva aos **43 anos** da entidade, na apresentação da **Escola Teatro Bolshoi do Brasil**.*



***Grupo Retratos Porteños**, da **Argentina**, com música, figurinos típicos, e o tradicional **Tango**.*



Importantes realizações da ACIX



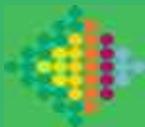
*A **Árvore de Natal da ACIX**, foi instalada no início de **Dezembro de 2013**, no **Centro de Xanxerê**, na **Praça Alcides Bernardi**.*

*Com **28 metros de altura**, atraiu mais de **50 mil visitantes de Xanxerê e região**.*

*Em torno da árvore, a **ACIX** reuniu diversos grupos artísticos de **Xanxerê**, que abrihantaram com sua arte e cultura as festividades natalinas da cidade.*

*Fora o período de **Natal**, era mantida e utilizada para outras ações. Entre estas, **Semana da Pátria de 2014**, quando escolas municipais a transformaram em um mural temático sobre a qualidade da alimentação. Também serviu de cenário para a campanha **Xanxerê, Cidade do Coração**.*





A 3ª Edição da campanha "Xanxerê, Cidade do Coração", é realizada com sucesso.

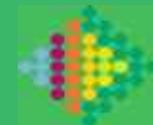
*Esta campanha, teve início em 2014, tendo como objetivo, alertar e orientar sobre a importância da prevenção das doenças cardiovasculares, que estão entre as principais causas de mortalidade no **Brasil** e no mundo.*

*A **ACIX**, juntamente com o **Hospital Regional São Paulo**, realizou entrega de premiações às escolas vencedoras que participaram da campanha as quais receberam um valor de **R\$ 1.000,00 (mil reais)**, com a finalidade de incentivar a prática das atividades físicas.*

*Os vencedores foram: **Colégio La Salle, E.E.B. Joaquim Nabuco, E.E.B. Luiz Coradi, E.E.F. Augusto Colatto, E.E.F. Dom Oscar Arnulfo Romero e E.M.E.B. Paul Harris.***



*Encerramento da campanha
Xanxerê, Cidade do Coração.*



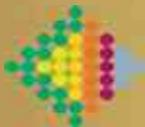
Copa ACIX 44 Anos - Incentivo aos Pequenos Jogadores

O tradicional Campeonato do Bavial, recebeu o nome de Copa ACIX 44 Anos. Uma parceria voltada à ação comunitária desenvolvida com 60 alunos de diversos bairros de Xanxerê, propiciando a integração e o desenvolvimento dos alunos, através do esporte.



A ACIX realizou um concurso de desenho para estudantes do 1º ao 9º ano escolar, provenientes das escolas municipais, estaduais e particulares de Xanxerê. O objetivo foi desenvolver as habilidades artístico-criativas dos participantes.





ACIX Ontem e Hoje

1970 - 2020. 50 anos, 600 meses, 2.067 semanas, 18.250 dias, 438.000 horas, 1.577.880.000 segundos...

E por aí afora, poder-se-ia numerar incontáveis ações, realizações, colaborações, solicitações e participações.

Por baixo da ponte, no rio que corre, passaram 29 presidentes, 41 diretorias, e em torno de 1.230 pessoas que as compuseram. Centenas de mãos, manusearam milhares de canetas para registrar atos e fatos em atas.

Porém, a ACIX não pode ser quantificada em números. É uma entidade associativa da classe empresarial, onde números e estatísticas definem crescimentos e perdas.

No entanto, por ser uma união associativista, é um organismo vivo, latente e pulsante.

No começo, seus fundadores dispunham somente de uma pequena mesa e poucas cadeiras.

Quem chegasse por último, acompanhava a reunião em pé.

Atualmente, ao completar 50 anos de existência, sua teia construtivista se expande cada vez mais abraçando novas causas, criando e proliferando novas ideias, e por sua vez, protege seus associados e abraça a sociedade como um todo.

Ao festejar suas bodas de ouro, convida a todos a se levantarem e bradarem, em alto e bom som, um brinde com vivas a todos os feitos realizados por homens e mulheres, no bojo de sua existência.





ACIX Atualidade

Quem somos?

A Associação Empresarial de Xanxerê – ACIX, foi fundada em 30 de agosto de 1970 e possui atualmente 560 empresas associadas, constituindo-se na entidade de maior representatividade no município de Xanxerê (SC). Tem como principais finalidades representar, congregar e orientar as classes que representa: pessoas físicas e jurídicas do município de Xanxerê e região; promover a defesa de direitos e interesses das classes; manter intercâmbio e realizar parcerias e convênios com terceiros a fim de promover o aprimoramento profissional de seus Associados; promover eventos que tenham por objetivo o desenvolvimento das classes que representa.

Filiada e integrada à FACISC – Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina, tem como objetivo dar voz aos interesses da classe empresarial. Benefícios e parcerias aumentam o poder de empresários e colaboradores na sociedade, contribuindo diretamente para o crescimento de Xanxerê e região.

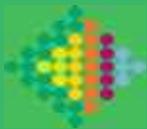
Por que ser associado?

A ACIX tem Soluções Empresariais que auxiliam na gestão de sua empresa:

- Benefícios em diversas áreas;
- Representatividade da classe empresarial em órgãos oficiais;
- Convênios de saúde;
- Qualificação profissional em diversas áreas;
- Empreendedorismo, desenvolvimento, oportunidades, recursos e negócios lucrativos.

ASSOCIE-SE!

***Temos soluções ideais
para a sua empresa!***



Soluções Empresariais da ACIX

O Guia das Soluções Empresariais da ACIX é uma ferramenta para fomentar os negócios para as empresas, aumentar a visibilidade e favorecer oportunidades de negócios, ferramenta exclusiva para empresas **Associadas**. Contamos com empresas dos mais diversos segmentos, cadastradas no Guia www.empregosxanxere.com.br.



Com mais de 60 anos de existência, é atualmente um dos mais completos e importantes bancos de dados de consumidores e empresas do país.

- Não possui mensalidade adicional, nem pacote mínimo de consultas;
- O pagamento é feito apenas por consulta realizada;
- Sem custo na contratação do serviço;
- Valores de consultas inferiores aos praticados no mercado;
- Consultas, inclusão e exclusão de dívidas, com login e senha próprios, através do site da ACIX.



A melhor taxa de sucesso na cobrança de uma dívida!

Para sua empresa ter economia e velocidade na cobrança de títulos e documentos de dívidas vencidas, apresentamos o **PROTESTO EXPRESSO**, onde os títulos são apresentados via **WEB** com custo de inserção diferenciado por título, nas comarcas de **Santa Catarina**, participantes do **Convênio Deferido**.

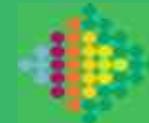


O certificado de origem é um documento indispensável para atestar a origem da mercadoria que será comercializada entre países que possuem acordos comerciais. A ACIX conta com profissionais, devidamente autorizados junto à **FACISC – Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina**, e ao **IPPEX - Instituto de Planejamento e Promoção de Comércio Exterior**, a realizar a análise e aprovação de documentos para a exportação.

Espaço Empresarial ACIX

Associados podem utilizar a **Sala de Reuniões**, localizada no **5º andar**, com capacidade para até 20 pessoas. A sala recebe o nome em homenagem ao primeiro presidente da entidade, **Sr. Nadir Domingos Berto**. Criada em 2020, pensando nas inúmeras oportunidades de promover parcerias, treinamentos e negócios.

No **6º andar**, através da **AEEEX – Associação das Entidades Empresariais**, **Associados** podem usufruir, com valores diferenciados, de auditório, com espaço para até 100 pessoas, equipado com sonorização e projeção.



Empresas associadas podem realizar a divulgação de suas vagas de trabalho de forma GRATUITA!



- Sem custo para divulgação de vagas;
- Acesso gratuito aos currículos, através de área restrita;
- Sem custo anterior ou posterior à contratação;
- Ampla opção de profissionais;
- Maior agilidade de contratação;
- Mais oportunidades de trabalho;

O cadastro de currículos é gratuito, com liberação no sistema em até 48h (dois dias úteis), permanecendo online por três meses. Após este período, o currículo pode ser cadastrado novamente por quantas vezes o candidato tiver interesse.



Recentemente, a entidade promoveu convênio com o **IEL – Instituto Euvaldo Lodi**. O **Associado** pode contar com descontos especiais e um acompanhamento privilegiado durante todo o processo de contratação do estagiário.

PARA QUEM CONTRATA, a chance de renovar a equipe.
PARA QUEM ESTUDA, a chance de conseguir um estágio e continuar se desenvolvendo.



O certificado digital atesta a identidade de uma pessoa ou instituição na internet por meio de um arquivo eletrônico assinado digitalmente, atribuindo autenticidade, garantia jurídica e a confidencialidade dos documentos e dados das transações.

*Realizamos atendimentos on-line para validação.

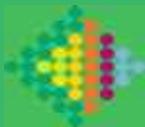


UTIL Alimentação - solução empresarial com investimento zero! A empresa carrega o cartão com um valor previamente determinado e com ele, o colaborador pode efetuar compras em uma rede credenciada, formada por estabelecimentos que vendem alimentos **in natura** (mercados, padarias, açougues, etc). O **UTIL Alimentação** atende uma das modalidades do **PAT (Programa de Alimentação do Trabalhador)**.



UTIL Card - cartão de gestão de benefícios e convênios que informatiza o sistema de vales da sua empresa.

- As taxas administrativas são as menores do mercado;
- Promove o desenvolvimento local;
- Sem taxas ou mensalidades;
- Sem custos de implantação;



Com o **CARTÃO CONVÊNIO ACIX** o seu desconto está garantido!

O **Cartão Convênio ACIX** é um cartão que fornece descontos em estabelecimentos credenciados com a ACIX em diversas áreas da **Saúde e Comércio**. Com profissionais de diversos segmentos que fornecem descontos de **5 a 50%** em seus procedimentos e serviços. Pode ser utilizado por proprietários, funcionários e dependentes, e oferece descontos e benefícios em diferentes serviços como: saúde, educação, lazer e utilidades.



A **Uniodonto** é uma operadora de planos odontológicos organizada por **Cirurgiões Dentistas** que se associam segundo os princípios do cooperativismo, com a finalidade de prestar assistência odontológica a um custo acessível e ao alcance da população, dentro da realidade brasileira.



O **XML Empresarial** é uma solução que organiza, armazena e valida de maneira segura a autenticidade dos arquivos XML e o diferencial desse serviço é o módulo de rastreabilidade dos arquivos XML, permitindo que o empresário consiga verificar de maneira simples e fácil todas as **Notas Fiscais Eletrônicas** emitidas relacionadas ao **CNPJ** de sua empresa.



Condições diferenciadas e um acompanhamento seguro para: registro de marcas no **Brasil** e exterior; criação de marcas e seus visíveis; patentes de invenção e modelo de utilidade; domínios de internet; desenhos industriais; direito autoral.



A melhor operadora de planos de saúde do **Brasil** tem parceria com a ACIX e o plano ideal para você, sua família e seus colaboradores!



Atuais Colaboradoras da ACIX



Iara Cristina Fortes
Coordenadora Comercial



Diana Pamela Rodrigues
Certificadora Digital



Taiciana Marangoni
Atendimento



Karine Baggio
Consultora de Núcleos



Lucilaine Sotilli
Coordenadora Financeira



Marisete Dreon Fontanive
Gerente Executiva



Maria Sineide Cavalheiro
Auxiliar de Serviços Gerais



Claudete Zulian

Colaboradora da ACIX
durante 30 anos

Em 50 anos, muitas foram as pessoas que trabalharam e desempenharam cargos e funções colaborativas dentro da ACIX. Obviamente, no princípio, denominavam-se como "empregados". Depois o termo mudou para "funcionários". Nos dias de hoje, a denominação politicamente correta é "colaborador". Impossível listar todos os colaboradores que na ACIX trabalharam.

Com certeza, muitos destes, na lida cotidiana do trabalho, acabaram naturalmente apaixonando-se pelas causas que a Associação Empresarial de Xanxerê realizou, participou e/ou defendeu.

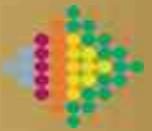
Muitos destes colaboradores são partícipes da história, porque doaram-se apaixonadamente, pois sentiram que não era apenas um trabalho formal. Havia ali embates de ideias em prol de causas nobres. Talvez alguns foram apenas "an passant", ou seja, passaram e nada entenderam.

Porém a maioria destes colaboradores tiveram o privilégio de contribuir com uma história que se fundamenta e se eterniza em benefício não apenas de uma classe. Perceberam e sentiram que as conquistas, as lutas, as batalhas estendiam uma teia de vida.

Homenageando a todos que tiveram suas vidas entrelaçadas por pouco ou muito tempo, na contribuição do crescimento da Associação Empresarial de Xanxerê - ACIX, destacamos Claudete Zulian, que por longos 30 anos se dedicou imensamente às causas defendidas pela entidade, exercendo diversas funções, entre estas, a de Secretária Executiva.

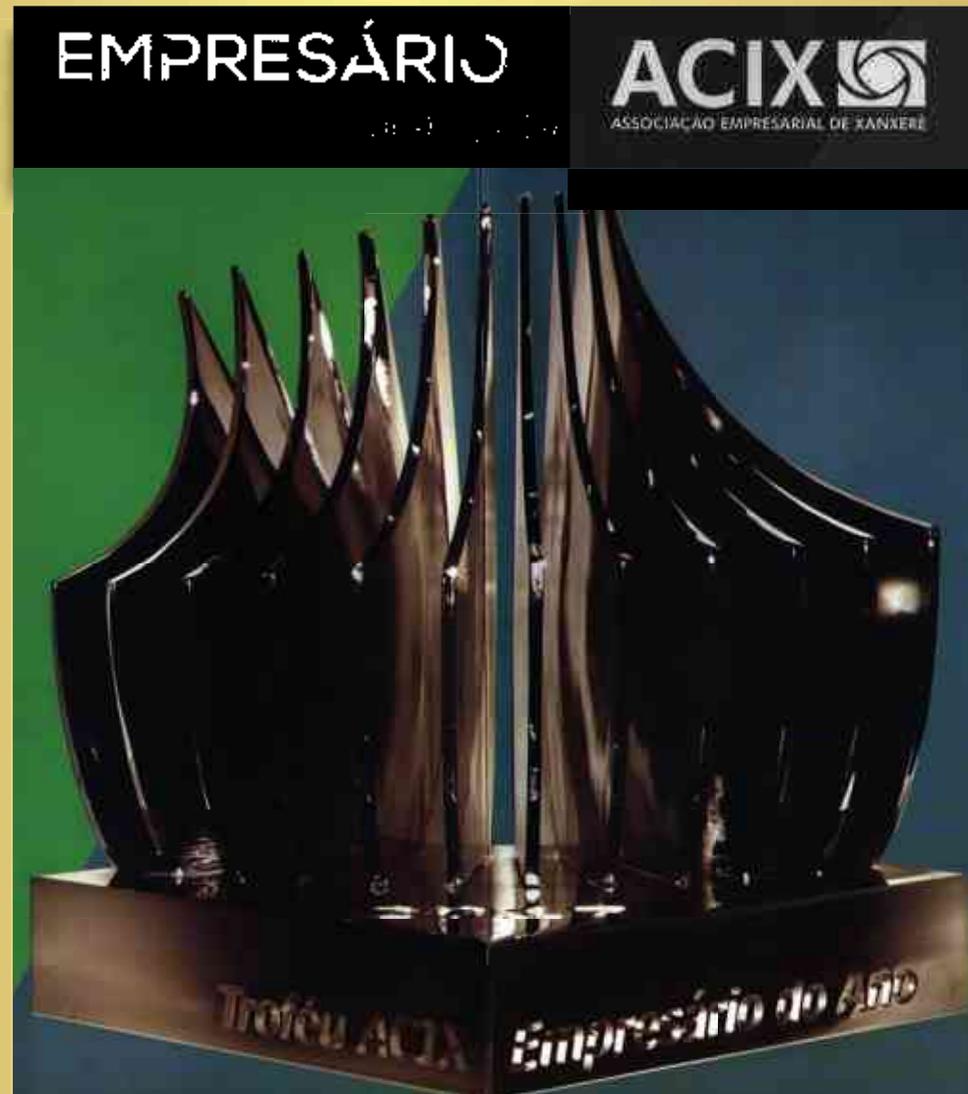
Agradecemos à todas as entidades associativas e pessoas que, através destas, participaram direta ou indiretamente da construção desta história cinquentenária.

Sintam-se todos homenageados e convidados a brindar com a ACIX a comemoração dos seus 50 anos.

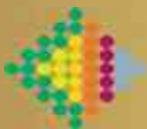


PARTE II

Biografia dos 11 Empresários do Ano



Em 2009, a Associação Empresarial de Xanxerê - ACIX, regulamentou o prêmio Empresário do Ano. De acordo com o artigo 1º: “Este prêmio constitui-se como o principal objetivo premiar o empresário ou empresária, proprietário(a), ou sócio(a), de empresa micro, pequena, média ou grande, associada à ACIX, que se destaque na comunidade pelo empenho empresarial, por ações de liderança e participação comunitária, e que, pelo seu exemplo, contribua para estimular e elevar o desenvolvimento e a representatividade da classe empresarial de Xanxerê e região”. Este prêmio, se caracteriza pelo espírito empreendedor, pela visão de mercado, diversificação de suas atividades, e investimento nos seus negócios, independentemente do tamanho de sua empresa. Observa-se para tal: “Arrojo nas iniciativas, liderança, probidade, justiça, inovação, participação comunitária e responsabilidade social.”



Nesta segunda parte do livro comemorativo aos 50 anos da ACIX, apresentaremos a biografia dos 11 empresários contemplados com o prêmio:

EMPRESÁRIO DO ANO

Conhecer a trajetória de suas vidas, acresce a todos aqueles que buscam realizar sonhos, por vezes, colocados em papel, e que ficam amarelados pelo tempo nas gavetas da vida.

Belino Dal Magro - Empresário do Ano 2009
Empresa: **Industrial Dal Magro**
Ano de Fundação: **1993**
Localização: **Distrito Industrial Pedro Bortoluzzi**

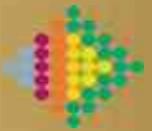
Oscar Martarello - Empresário do Ano 2010
Empresa: **Perfimax - Aços Planos**
Ano de Fundação: **1993**
Localização: **Rua 27 de Fevereiro, 1101 - Bairro Nossa Senhora de Lourdes.**

Armando Hacker - Empresário do Ano 2011
Empresa: **Hacker Industrial LTDA**
Ano de Fundação: **1978**
Localização: **Rodovia SC 480, Km 82 - Vila Hacker**

Ademir Barcella - Empresário do Ano 2012
Empresa: **Continental Obras e Serviços LTDA**
Ano de Fundação: **2001**
Localização: **Rua Santa Cruz do Sul, 374 - Bairro Veneza**

Avelino Menegolla - Empresário do Ano 2013
Empresa: **Trukam Implementos Rodoviários LTDA**
Ano de Fundação: **1973**
Localização: **Rodovia BR 282, Km 506 - Bairro Vista Alegre**





Renata Carvalho Seraglio - Empresária do Ano 2014
Empresa: **Seraglio Implementos Rodoviários LTDA**
Ano de Fundação: **1992**
Localização: **Rodovia BR 282, Km 499 - Bairro João Winckler**

Irineu Altissimo - Empresário do Ano 2015
Empresa: **Moinho Xanxerê Indústria e Comércio LTDA**
Ano de Fundação: **2001**
Localização: **Rua Alfredo Ferreira, 359 - Bairro Veneza**

Ary Marció - Empresário do Ano 2016
Empresa: **Super Gentil**
Ano de Fundação: **1969**
Localização: **Super Gentil Victória - Rua Papa João XXIII, 690**
Super Gentil Angelina - Rua Dr. José de Miranda Ramos, 710

Romeu Roque Meneguzzi - Empresário do Ano 2017
Empresa: **Frigorífico Arvoredo**
Ano de Fundação: **2007**
Localização: **Rodovia SC 480, Km 03, S/N - Linha Barro Preto**

Bruno Linhares Bortoluzzi - Empresário do Ano 2018
Empresa: **Bortoluzzi Sementes e Cereais**
Ano de Fundação: **1959**
Localização: **Matriz - Bortoluzzi Sementes e Cereais - Avenida Brasil, 407 - Centro**

Fabiano Somensi - Empresário do Ano 2019
Empresa: **Casa do Chef**
Ano de Fundação: **2009**
Localização: **Avenida Brasil, 2017 - Bairro Frederico Ferronato.**



A partir da proposta do empresário **Oscar Martarello**, mentor e proponente deste livro alusivo ao cinquentenário da **Associação Empresarial de Xanxerê - ACIX**, surgiu também a ideia de acrescentar neste livro a biografia dos 11 empresários que foram contemplados com o prêmio **EMPRESÁRIO DO ANO**.

A motivação de biografar a história e a vida destas 11 personalidades tem a finalidade de motivar empresários, empreendedores e jovens sonhadores que buscam conhecer a experiência de vida e trabalho de personalidades que galgaram e se aventuraram por caminhos onde, como diz o poeta **Carlos Drummond de Andrade**:

*"No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra*

*Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra".*

Atualmente, é costumeira a ideia de se convidar personalidades empresariais, atletas, artistas e outros mais para narrarem suas trajetórias de vida. São os famosos “cases” que, traduzindo, significa “**casos/causos**”.

Estes, quando partilhados com um público interessado, podem inspirar, ensinar e motivar muitos a vencerem desafios e até superarem pequenas mazelas do cotidiano empreendedorista. É um caminho para buscar trocas de experiências que, por sua vez, gera conhecimento profissional e amadurecimento emocional.



Biografia do Empresário do Ano 2009

BELINO DAL MAGRO





Belino Dal Magro, ainda na infância, acompanhava o pai que forjava ferros na dureza da liga, da lida e da vida.

Quando jovem estudante, descobriu a música e criou uma banda com amigos, batizada de "The Silver Sound".

Até insistiu no sonho de ser músico profissional, porém a estrada da vida, o conduziu a trabalhar como operário em uma fábrica de carrocerias.

Herdou do pai o conhecimento do ofício de ferreiro e, na fábrica, passou a amalgamar ferro e madeira, sem esquecer nem abandonar o dom de fazer vibrar as notas musicais.

No entanto, a música tornou-se cada vez mais um hobby, um gostar que até então lhe acompanhava.

A arte lhe é um perfume, um bálsamo para sua alma de artista, mas o aço e o ferro presentes em seu DNA, o conduziram ao caminho do empreendedorismo empresarial.

Quando então chegou a um patamar de solidez profissional, o destino pregou-lhe uma peça.

Uma bactéria de nome até bonito, "Guillain-Barré", quis tirá-lo de cena antes do espetáculo da vida findar.

Entretanto, Belino Dal Magro, que desde pequeno lidou com ferro e fogo, foi mais forte, mais sólido e resistiu bravamente. Venceu a batalha.

Claro que no calor da luta, houveram sequelas e danos, os quais, o homem, que outrora fora um menino aprendiz de ferreiro, buscou e encontrou no âmago de sua própria trajetória, energias, força e sustentação para seguir em frente, sempre em frente.

Belino Dal Magro foi agraciado com o prêmio Empresário do Ano 2009.



Belino Dal Magro, nasceu em Passo Fundo - RS, em 10 de Julho de 1950. Filho de Guilherme Dal Magro e Glória Cogo Dal Magro. Casado com Terezinha Guinzelli Dal Magro, com a qual tem os filhos Rodrigo, Daiana e Ana Paula, e os netos: Luiz Felipe, Maria Eduarda e Louise.

Belino Dal Magro passou a primeira infância em uma comunidade do interior de **Passo Fundo**. Começou a estudar aos 6 anos de idade. Quando estava na segunda série primária, aos oito anos, lembra que seus pais vieram morar em **Ouro Verde - SC**.

O Sr. **Guilherme Dal Magro**, que ainda lá no **Rio Grande do Sul** havia aprendido o ofício de **Ferreiro**, em **Veranópolis**, na **Serra Gaúcha**, resolveu vir morar em **Santa Catarina** com a intenção de abrir uma **Ferraria**. A princípio, para trabalhar com o conserto de máquinas para serrarias, pois naquele tempo, a indústria madeireira predominava na economia do grande Oeste Catarinense através da extração da madeira.

Na sequência, à medida em que se extraía grandes quantidades de madeira, alargavam-se as extensões de terras para o plantio. Então **Guilherme Dal Magro** começou a produzir ferramentas para agricultura (enxada, foice, rastel e outras mais).

Belino relata: “Eu e meus irmãos já nascemos dentro de um tambor de graxa. Fomos aprendendo a profissão, trabalhando com metalúrgica na produção de ferramentas. Claro que era tudo feito rústicamente, e à mão.”



MEUS PAIS

“Minha mãe **Glória** era uma italiana de cabelo bem preto. Tenho poucas lembranças dela, pois mal tinha completado oito anos quando ela faleceu. Lembro-me dela através das fotos e de algumas frases que ela falava, sempre procurando nos educar. Minha mãe faleceu bem jovem, tinha somente trinta e oito anos.

Guardo de meu pai a lembrança de um homem sempre correto, justo, trabalhador, e que procurou passar aos filhos os melhores valores humanos para que nenhum se desviasse do caminho do bem.

Ele morou em **Ouro Verde** até o fim da vida. Quando minha mãe faleceu no **Rio Grande do Sul**, ele se casou novamente e passamos a viver com nossa madrasta, **Ângela Menta**.



Ela não era muito boa para nós, mas tudo bem, às vezes se aceita e às vezes não se aceita, até porque, cuidar de cinco filhos pequenos que não são seus, não é tarefa fácil.

Naquela época, as únicas pessoas que ajudavam um pouco eram minhas irmãs **Jeny** e **Antonina**, que eram as mais velhas. Porém, logo a **Jeny** se casou e a carga ficou mais pesada para a **Antonina** que, apesar da pouca idade, tinha que dar conta de todos nós. Além do mais, minha madrasta logo teve uma filha, ou seja, era mais uma criança para ajudar a cuidar.

Hoje em dia eu compreendo, porque consigo me colocar no lugar dela e entender como foi difícil criar e educar filhos que não teve.



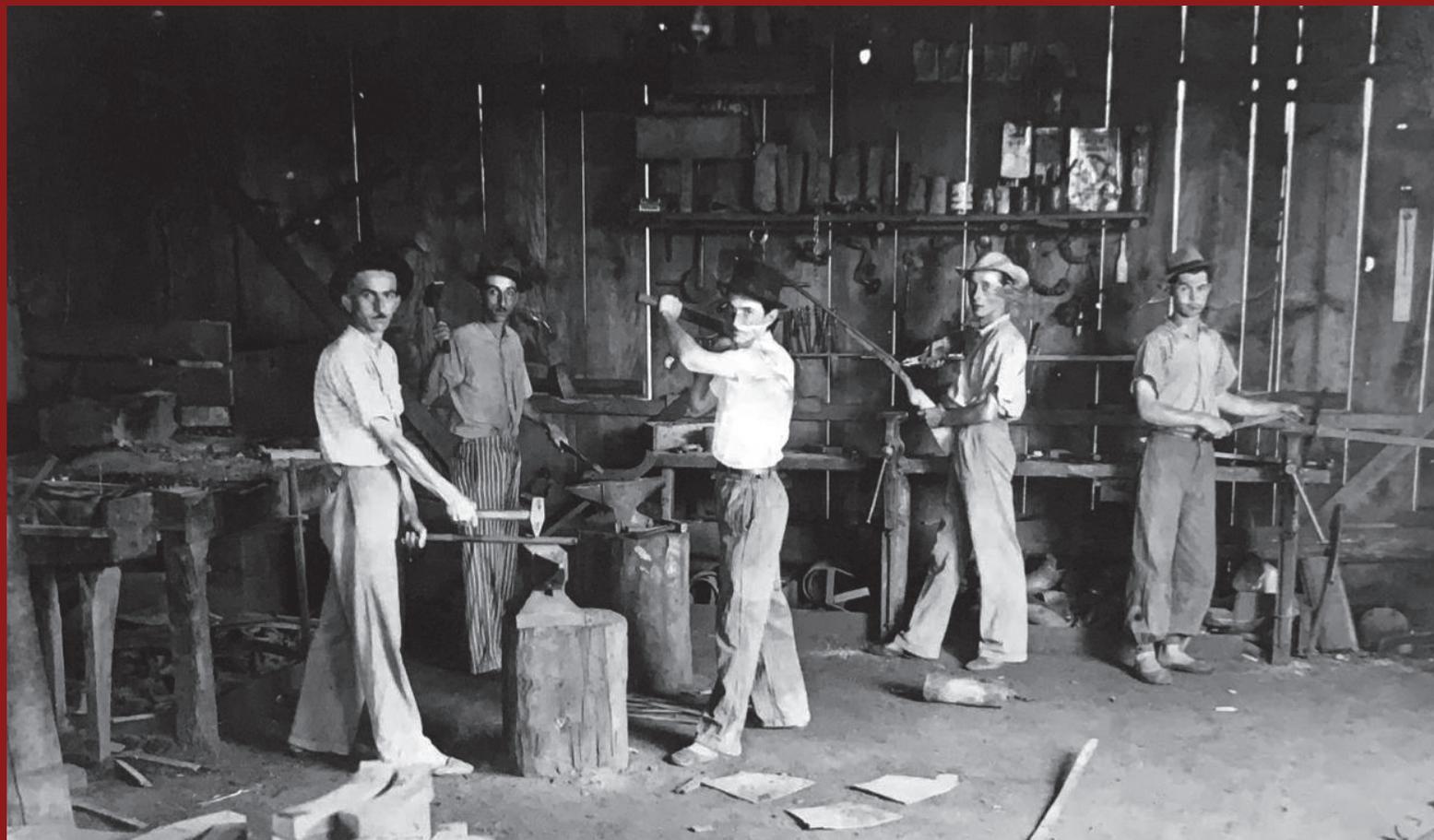
Meu pai tinha muita dificuldade para fabricar qualquer coisa. Ele precisava pensar em como fazer tal peça, já que não existiam máquinas para produzir.

Ferreiro é um profissional que tem que se virar no calor do fogo. Resumindo, numa ferraria, o Ferreiro tem que fabricar desde a bala, a espingarda, e até caixão do morto. Mas foi vendo meu pai trabalhar que a gente foi pegando o jeito. Ele fabricava enxada, arado, foice, carroça... Fazia piadas com os mais novos. Ficava batendo no ferro e dizendo: 'O que vamos fazer? Se sair reto é uma cavadeira, se sair torto, é uma foice'.

E assim a gente foi aprendendo a viver e a enfrentar todas as dificuldades. Quando uma criança cresce fazendo os seus próprios brinquedos, isso pode virar uma profissão, porque toma gosto, tem o prazer de lidar com aquilo. Ah, eu com doze anos já estava trabalhando, não por obrigação, mas por dever. Naquela época não se falava em direitos, mas sim em deveres. Eu ia para a aula, depois fazia os deveres de casa. No interior nada era fácil como hoje.

Hoje se você precisa de um quilo de arroz ou um pedaço de carne, sempre tem um mercado por perto. No meu tempo de criança, a bodega ficava lá na vila, e só se comprava o básico e mais nada. O restante, se produzia em casa mesmo, e isso dava trabalho.

Em Ouro Verde, plantávamos para subsistência. No mais, era trabalhar e trabalhar, porque o serviço na Ferraria tinha que andar."



1959 - Ferraria de Guilherme Dal Magro (o primeiro da esquerda) e seus irmãos Fiovarante e Luiz. À direita, dois funcionários. Esta Ferraria se localizava na Vila Lângaro, interior de Passo Fundo.



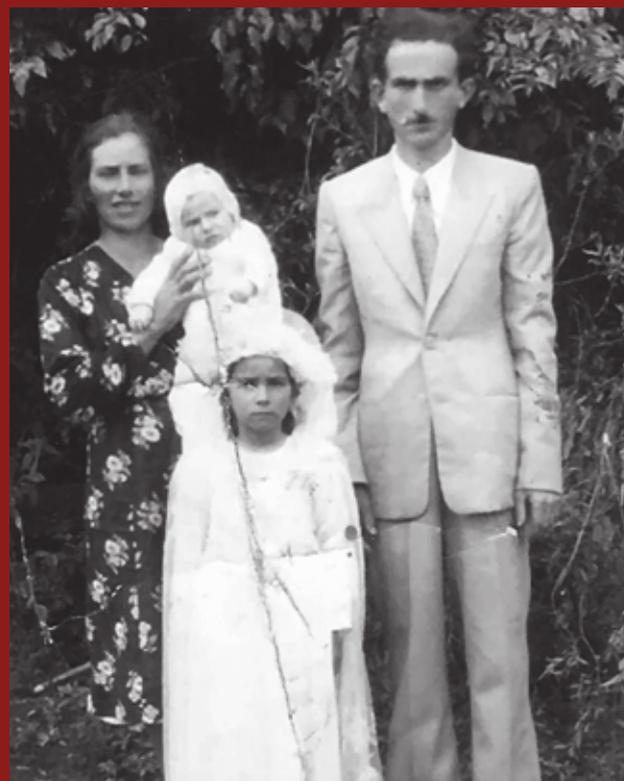
Belino Dal Magro aos 02 anos de idade.



Belino e seu irmão Raimundo.



Primeira Comunhão de Belino.



Guilherme e Glória com suas filhas mais velhas Jeny e Antonina Ana.

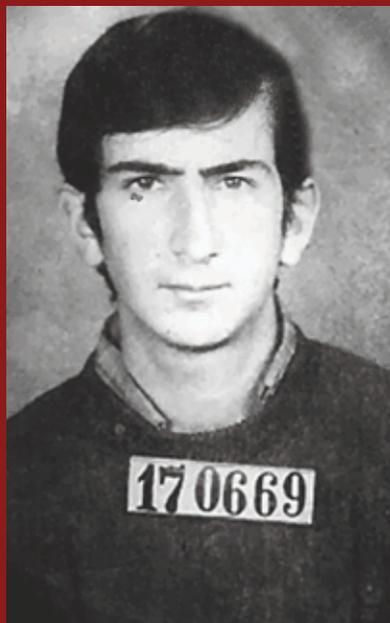


MINHAS ORIGENS

“A minha família compõe-se assim: Meu pai, **Guilherme Dal Magro** (In Memoriam), do primeiro casamento com minha mãe **Glória Cogo Dal Magro** (In Memoriam), teve os filhos **Jeny, Antonina Ana**, eu, **Raimundo e Gelso**. Quando minha mãe faleceu, ele se casou novamente e teve mais uma filha, a **Idília**.

Minhas origens certamente vêm da **Itália**. Mas o sobrenome **Dal Magro** também existe na **Espanha**. Por acaso, no **Chile**, durante uma excursão, encontrei pessoas que falaram que **Dal Magro** é uma mistura de italiano com espanhol.

No passaporte do meu avô consta que a família **Dal Magro** é oriunda de **Beluno**, uma região que fica ao **Norte da Itália**. É provável que o nome ‘**Belino**’ tenha sido escolhido com a intenção de homenagear o lugar de origem da família.”



Belino Dal Magro aos 18 anos, quando veio para Xanxerê. Foto feita para sua carteira de trabalho, em 1969.

A VINDA PARA XANXERÊ

“De **Ouro Verde**, vim morar em **Xanxerê**. Nesse tempo, eu estudava no **Colégio La Salle**. Desse período, tenho na memória as lembranças do **Irmão Munaro**, que era o diretor, do **Irmão Elídio**, professor de Inglês, que ajudou a mim e meus amigos a escolher o nome da primeira banda que formamos: “**The Silver Sound**”, e não tem como esquecer o superprofessor de matemática **Irmão Daniel**. Superexigente, superautoritário... Diante dele, os alunos tremiam e respiravam baixinho. Tocava o terror na galera. Alguns alunos tinham mais medo dele do que do capeta.

Vim pra cá com dezoito anos para estudar e trabalhar. Meu primeiro trabalho, foi na **Fábrica de Carrocerias Moschetta**. Na época, os donos eram os irmãos **Moschetta: Doílio, Irineu e Ivo**. Conheci o pai deles também. Ele, de vez em quando, aparecia por lá.

Na fábrica, conheci um cara metido a roqueiro. Me disse que eu tinha cara de baterista. Acabou me convencendo a comprar uma bateria, entrei na onda. Ensaivamos na casa dele. Depois de um tempo, passei a morar lá, e toda a noite a gente fazia a maior bagunça.”

QUANDO A MÚSICA FEZ POESIA EM MINHA VIDA

“Fui me mantendo estudando até que pude. No entanto, chegou um momento em que a música foi tomando cada vez mais conta do meu tempo. Todo moleque chega numa hora em que precisa escolher o que vai ser quando crescer. Uns escolhem futebol, outros querem ser médicos. Eu queria ser músico! Como os ensaios aconteciam sempre à noite, e de dia tinha que trabalhar para me virar, acabei deixando o estudo para trás”.

COMO SEU PAI E SUA FAMÍLIA ACEITARAM SUA DECISÃO DE SE TORNAR MÚSICO?

*“Eles até gostaram! Nunca cobraram nada a respeito disso. Inclusive quando voltei pela primeira vez a **Ouro Verde**, havia um clube que promovia muitos bailes. Quando comecei a cantar, vi meu pai chorando na frente do palco. Eu havia completado 18 anos”.*



BELINO DAL MAGRO, VOCALISTA DO "THE SILVER SOUND"

“Minha primeira banda, "The Silver Sound", era formada por mim, pelo "Xaxim" (Albino Piovesan), o Carlitos, o Nicolau e o Mário. Eu era o vocalista. Cantávamos músicas até em Inglês. Eu decorava apenas a pronúncia das palavras, mas para aquela época, com uma aparelhagem de som não muito boa, qualquer coisa valia. O que importava era o ritmo.

Enfim, nos bailes tocávamos de tudo um pouco. Até hoje é assim. Nenhuma banda sobrevive tocando apenas um estilo musical. A não ser na área tradicionalista, pois os CTG's (Centro de Tradições Gaúchas) cresceram muito. No mais, é complicado querer viver tocando só rock ou samba. Na minha época de músico, o que pegava bem eram as bandinhas.

Na região de **Concórdia** haviam centenas de bandas, a exemplo de ‘Os Montanari’. A partir deles surgiram inúmeras outras bandas de baile na região. Essas bandas tinham por tendência irem mais para o lado do estilo alemão.

Junto com o **Xaxim, Paulo, Beto, França, Nicolau, Elizabete, Amadeu de Lima (Nego)** e tantos outros, tocamos nada mais nada menos que uns nove carnavais no **Clube Sete de Setembro** e no **Clube Xanxerense**. Era de rasgar a garganta gritando”.

QUANTO TEMPO DUROU SUA CARREIRA COMO MÚSICO PROFISSIONAL?

“Olha, fiquei trabalhando diretamente com a música em torno de dez anos. O fato é que viver exclusivamente da música era difícil, então era preciso fazer uns bicos por fora. Ao longo desse período, além da banda ‘The Silver Sound’, fui vocalista das bandas ‘Caçulas - TransaSom’, ‘Falcões Negros’, ‘Vozes do Vento’ e ‘Geração 60’. Atualmente sou vocalista da banda ‘Replay’. Além de ter participado de diversos festivais da canção trazendo excelentes premiações e colocações para Xanxerê.”

A DESCOBERTA DE UMA NOVA PROFISSÃO

“Comecei a trabalhar na **Vanzin Escapamentos** e continuava tocando nos fins de semana. Durante a semana eu era um **operário** trabalhando no ramo da metalúrgica e, nos dias que restavam, eu era **artista**. Nesse caminho, fui aos poucos adquirindo mais e mais conhecimento na área de escapamentos.



Foi então que como eu e meu irmão, o Gelso, possuíamos uma empresa que fabricava esquadrias metálicas, começamos a produzir algumas peças na área de escapamentos. Eu desenvolvi o projeto de um coletor dimensionado para Fusca, que era o carro mais popular da época, através de uma pesquisa que eu mesmo realizei. O fluxo dos gases desse escapamento tornava o carro um pouco mais potente e dava um ronco esportivo muito característico, dando origem ao famoso apelido dado à esta peça: ‘Capetinha’. Esse escapamento era muito requisitado entre todos, e fiquei conhecido nacionalmente entre os fabricantes de escapamentos como ‘O Rei do Capetinha’.

Nossa produção começou a se expandir cada vez mais. Na época, a empresa **IMOTO** tinha uma célula para produção de escapamentos e, a partir de algumas conversas, decidimos montar uma sociedade, fundando juntos a **IDM ESCAPAMENTOS (Imoto e Dal Magro Escapamentos)**.

Essa sociedade durou por algum tempo, porém chegou um momento em que um sócio queria sair, outro queria vender, enfim, quando envolve muitas pessoas, é sempre complicado manter uma sociedade. Desta forma, com a saída dos outros sócios, voltou a ser como era no início, somente eu e meu irmão **Gelso**, que recentemente acabou vendendo sua parte na sociedade também. O nome **IDM** agora significa ‘**Industrial Dal Magro**’.”

PRIMEIRO EMPRESÁRIO A RECEBER O PRÊMIO EMPRESÁRIO DO ANO DE XANXERÊ/TROFÉU ACIX

“Como o prêmio havia sido criado recentemente, era uma novidade para todos, não sabíamos ao certo como seria essa premiação. Então, quando fui votado e escolhido para receber uma honraria que estava sendo oferecida pela primeira vez, a ficha demorou para cair. Aí fui percebendo que a sociedade, como um todo, estava valorizando o nosso trabalho.

Estavam aplaudindo o que a gente vinha fazendo. E quando parei para analisar, é óbvio que senti um grande orgulho. Um orgulho de todo o meu grupo de trabalho. Não era algo destinado somente a mim. O mérito era de um grupo todo e eu estava lá honrosamente representando esse grupo. Sinceramente, dá para estufar o peito e dizer: ‘**Opa! Vamos ter que caprichar, porque agora vão cobrar ainda mais da gente**’.

Foi um motivo de muito orgulho e satisfação ter sido escolhido para representar toda a classe empresarial xanxerense como o primeiro **Empresário do Ano**, em 2009. Confesso que fiquei surpreso, pois jamais imaginei que ficaria entre os três colocados e, por fim, seria o escolhido.

Como disse, o mérito não é somente meu, o prêmio foi dedicado e dividido com todos os membros que compõem a família **IDM** e foi a confirmação de que todo o trabalho realizado sempre com muita humildade, honestidade, dedicação e afincado, foi aprovado pela comunidade.

A **ACIX** representa a soma das forças e das necessidades de todos os empresários de **Xanxerê** e região. É uma entidade que está sempre em busca de soluções para amenizar e resolver os problemas da classe, bem como para tornar o dia a dia das empresas melhor.

A importância de ser associado e fazer parte do associativismo é, sem sombra de dúvidas, a força que o movimento tem. É como diz aquele ditado:

“Se queremos ir mais rápido, vamos sozinhos. Se queremos ir mais longe, vamos juntos!”.



CAMINHOS PERCORRIDOS



Metalúrgica Dal Magro - Onde tudo começou.

Em 1985, há 35 anos, a Metalúrgica dos Irmãos Dal Magro, foi instalada neste barracão e, inicialmente, fabricava esquadrias metálicas. Aos poucos, pelo conhecimento e experiência que possuíam, começaram a produzir sistemas de exaustão.



Primeira fábrica da empresa IDM Escapamentos, nos altos da Avenida Brasil.

Após a sociedade formada na época com a empresa IMOTO, instalaram-se nas dependências de um barracão situado nos altos da Avenida Brasil.



Segunda fábrica da IDM Escapamentos na Avenida Brasil.

Em 1996 a IDM iniciava a tão sonhada construção da Sede Própria. Nessa época a IDM já estava consolidada no mercado de autopeças e buscava um melhor posicionamento de sua marca.



Segunda fábrica da IDM Escapamentos na Avenida Brasil.

Quando já instalados na própria fábrica, novamente começou a faltar espaço e surgiu a necessidade de ampliar o espaço já existente.

MUDANÇA PARA O DISTRITO INDUSTRIAL

“Quando tivemos que nos mudar para o **Distrito Industrial Pedro Bortoluzzi**, começamos a planejar bem a melhor disposição das máquinas e equipamentos, diminuindo a locomoção de materiais e facilitando a locomoção das pessoas. Aqui não tem nem mesmo um degrau, o que ajuda muito quando se trata de uma indústria que produz em série.

Isso contribui para otimizar o tempo, reduzir custos e melhorar todo o processo de produção. Todo o layout da nova unidade fabril foi elaborado para que ao final do dia a produção seja maior e o desgaste das pessoas seja menor. Hoje podemos afirmar que estamos muito contentes com o resultado.”

INDUSTRIAL DAL MAGRO EXPORTA SEUS PRODUTOS PARA VÁRIOS ESTADOS DO BRASIL



Atual Fábrica da IDM - Industrial Dal Magro, no Distrito Industrial Pedro Bortoluzzi.

“Atualmente, a IDM vende seus mais de 1.100 modelos diferentes de escapamentos para todo o Sul, Sudeste e Centro Oeste do Brasil. Temos alguns clientes situados em outras regiões, como Norte e Nordeste, porém, são poucos, pois a distância acaba inviabilizando a venda para essas regiões, especialmente pelo custo de frete encarecer demais o produto, além de que, como são regiões muito distantes, o prazo de entrega acaba sendo maior do que a necessidade do cliente, o que dificulta a negociação. É melhor concentrar a venda, em lugares mais próximos de casa.”



**ALGUMAS DAS MILHARES DE PEÇAS
FABRICADAS PELA INDUSTRIAL DAL MAGRO**



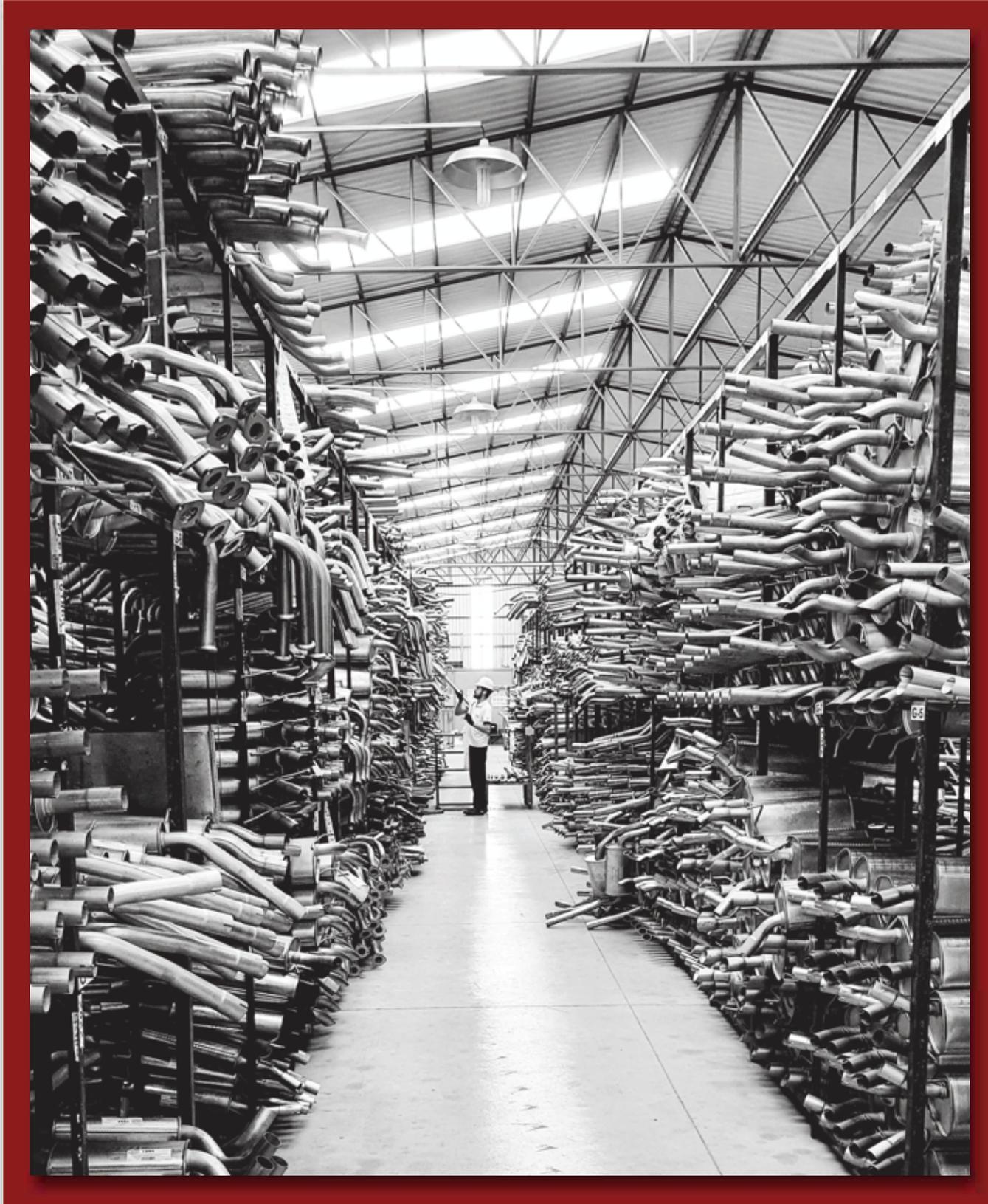
Este é o escapamento dimensionado do Fusca, o famoso “Capetinha”, criado por Belino Dal Magro em meados de 1984, quando ainda era sócio-proprietário da Metalúrgica Dal Magro.







*Equipe de Colaboradores da IDM em pose especial para fotografia,
na antiga sede localizada na Avenida Brasil.*





A EMPRESA

“A **Industrial Dal Magro** é administrada inteiramente pela família. Meus filhos e minha esposa “Tere” cuidam do administrativo, financeiro, vendas, faturamento... Eu fico meio no geral, estou envolvido em todos os setores.

Vejo tudo isso hoje como o resultado de quarenta anos de trabalho. Somando a experiência vivida e herdada do meu pai, os anos em que trabalhei na **Fábrica de Carrocerias Moschetta**, na **Vanzin Escapamentos**, a sociedade com a Imoto, e os vinte e sete anos de parceria e sociedade com meu irmão. Essa é a estrada que me conduziu ao chão da fábrica da **Industrial Dal Magro.**”

MINHA VIDA PESSOAL

“A música acaba facilitando a aproximação com as pessoas. Conheci minha esposa Terezinha pelo viés da música. Tocando um baile aqui, outro ali. Mas a primeira vez que a vi e conversei com ela foi onde quase toda a juventude ia aos domingos de verão, na prainha de Santa Laura. Um descampado, banhado pelo Rio Chapecózinho, situado entre os municípios de Faxinal dos Guedes e Ouro Verde. Lá estava eu com meu violãozinho na beira do rio e, de repente, nos vimos, nos percebemos e começamos a conversar. Fui fazer um showzinho pros peixes e acabei pescando uma namorada, ou sendo pescado. Diz o ditado que os opostos se atraem. Isso foi no ano de mil novecentos e setenta e quatro.

Pouco tempo depois, passamos a viver juntos. Já éramos moderninhos, bem descolados. Mais tarde, oficializamos o casamento. À nossa vida, somaram-se três filhos e três netos.

Meus filhos sempre foram um motivo de alegria. É quando um pai e uma mãe, vão sentindo que a vida vai se perpetuando neles. Os netos são como filhos mais avançados. É bom tê-los por perto. Os pais tem mesmo que cuidar do bem-estar dos filhos, dar muito amor e carinho.”

EM 2018, BELINO DAL MAGRO FOI SURPREENDIDO COM O ATAQUE DE UMA TERRÍVEL BACTÉRIA: "GUILLAIN-BARRÉ"

“Ah, minha vida virou de cabeça pra baixo. Fiquei perdido. Em questão de dois dias, minhas pernas e mãos paralisaram. Não sabia o que estava acontecendo, até que de repente, tudo paralisou.

A história começou em uma quarta-feira à noite. Não me sentia bem e fui me consultar. Falei para um médico que estava sentindo um formigamento nas pernas, e me desequilibrando. Disse ele que eu poderia ter forçado nos exercícios do pilates.

Na quinta-feira, voltei a falar com o médico, explicando que o formigamento havia aumentado. Então, ele me mandou pra **Chapecó**. Fiz mil e um testes e tomografia da cabeça. Nada apareceu, e me mandaram de volta para casa, dizendo que talvez fosse labirintite. Receitou-me um remédio difícil de conseguir. Então, tomei dois comprimidos, um à noite e um na madrugada.

Quando despertei pela manhã e fui levantar da cama, caí no chão. Não tinha mais forças para levantar. Ajudaram-me, fui me agarrando até conseguir sentar novamente. Estava completamente sem forças, então decidimos ligar para alguém para saber o que estava acontecendo.

A **Tere** ligou para o **Dr. Tibola**, e conseguimos uma consulta com ele logo depois do meio dia. Para chegar lá, tive que usar cadeira de rodas. Fui carregado porque já não sentia mais meu corpo. Não sentia dor nenhuma e não entendia o que estava acontecendo comigo.

Consultamos e fizemos todos os testes possíveis. Dentro do conhecimento que o médico tem, pediu pra fazer uma ressonância da cabeça e coluna. Mas nada aparecia. Nenhuma vértebra que pudesse estar prejudicando os movimentos.

Durante a consulta, minha esposa **Tere** lembrou que uma semana atrás, eu havia tido uma forte virose e mencionou ao médico que na hora disse: ‘É **Guillain-Barré**’, explicando posteriormente que é uma bactéria que se instala no organismo, a partir de um processo infeccioso.

O médico disse que tinha quase cem por cento de certeza que era essa bactéria que havia me atacado, porém explicou que precisava que fosse feito um exame específico para diagnosticar. Neste momento ele pegou o telefone e ligou para o médico de **Passo Fundo**, falando da urgência do exame.



Este, mesmo não atendendo em finais de semana, solicitou para que estivéssemos lá às nove da manhã no sábado, que ele faria os exames.

Sáímos ainda de madrugada. Eu só mexia o pescoço. Estava totalmente paralisado. O pessoal sofreu pra me carregar. Eu estava meio pesadinho. Era como carregar praticamente um peso morto, apesar de não mexer nada além da cabeça, graças à Deus, eu estava consciente, em momento algum perdi a consciência.

Então fizemos os exames que comprovaram que de fato a tal da ‘**Guillain-Barré**’ havia me atacado por inteiro.

Após a confirmação dos exames, o médico de Passo Fundo ligou para o Dr. Tibola, para saber se havia os medicamentos para aplicar em Xanxerê. Não tinha. Então se procurou em Chapecó e conseguiu-se. Caso contrário, eu teria que ficar internado em Passo Fundo.

O tal medicamento chama-se Imunoglobulina Humana, e só pode ser aplicado ficando internado na UTI (Unidade de Terapia Intensiva), porque precisa ser monitorado. Esse medicamento precisa em, um prazo de meia hora, entrar na corrente sanguínea. Antes da aplicação na UTI do Hospital em Chapecó, fizeram uma tiragem do líquido da coluna, que comprovou mais uma vez que era a terrível bactéria.

Fiquei na UTI durante cinco dias e mais um tempo no quarto, onde de imediato iniciei tratamento de fisioterapia. Até hoje, venho fazendo fisioterapia diariamente. É o único remédio.

A bactéria foi eliminada, mas seus efeitos, ou seja, os estragos que fez em meu corpo só serão recuperados pela fisioterapia. Somente pela fisioterapia.”

DEPENDÊNCIA

“Isso tudo aconteceu comigo em **Abril de 2018**. Estava super bem, trabalhando muito e correndo de um lado para outro. Não sentia absolutamente nada. De repente, uma forte virose, e mais que de repente, um formigamento nas pernas e braços, inesperadamente, me tornei um cadeirante, dependendo de tudo e de todos. Tiveram que me dar banho, me trocar como um bebê e me dar comida na boca.

Mas passou. Já estou me recuperando. Estou caminhando e a cada dia percebo um progresso, uma melhora. Ao passar por isso, ficou na minha cabeça uma coisa que preciso fazer em algum momento, que é colaborar com o **Corpo de Bombeiros**.

Todo mundo reclama das exigências que eles fazem. Até eu mesmo já reclamei de tantas exigências com isso, com aquilo. Então descobri, da pior maneira possível, o que acontece com as pessoas que precisam de uma cadeira de rodas, um andador ou uma muleta para se locomover. Um degrauzinho de cinco centímetros dentro de casa se torna um obstáculo que não se consegue passar sem ajuda.

Então, a acessibilidade não é apenas uma exigência da lei, é uma necessidade que deve ser cobrada sempre. Quando se constrói algo, isso já tem que ser feito, principalmente nas ruas. É lógico que não existe como implantar isso em todos os lugares de uma hora para outra, mas na área urbana tem que ter.”

AFASTAMENTO

“Nesse período, tive que me afastar da empresa para fazer tratamentos. Me ausentei fisicamente, porque mentalmente eu estava sempre ligado. Todos os dias, conversava com a **Tere**, minha esposa, com o **Rodrigo**, a **Daiana**, e a **Ana Paula**, meus filhos.”



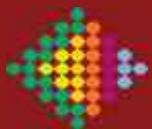
Belino Dal Magro reaprendendo a andar.



*Belino e Gelson
Os dois irmãos foram sócios por 27 anos.*

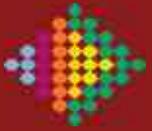


*Rodrigo, Daiane, Belino, Terezinha e Ana Paula
"Uma família Empreendedora".*



“O TAMANHO





DE UM SONHO”



Belino Dal Magro



DEPOIMENTOS

Vanderlei José Valiati

Gerente de Produção

“Estou na **IDM** há vinte e seis anos. Comecei quando os irmãos **Dal Magro** eram sócios da **IMOTO**. Quando resolveram montar a própria empresa, eu e mais cinco pessoas que éramos funcionários da **IMOTO**, viemos trabalhar na **IDM Escapamentos**.

Minha função na empresa é gerenciar a produção. Há vinte e seis anos, trabalhávamos mais folgados, mas atualmente o mercado em que atuamos é muito competitivo e detalhista.

A **IDM Escapamentos** foi registrada em **Maio de 1993**, e começou a funcionar para valer, com toda a equipe de funcionários já montada, no mês de Agosto do mesmo ano.

Ao longo desse tempo, a **IDM** expandiu-se muito, cresceu consideravelmente. Atingiu uma evolução impressionante.

Belino Dal Magro é um empresário que possui uma visão excelente. Participa diretamente de tudo o que acontece dentro da empresa, principalmente das tomadas de decisões. Como ser humano, é um verdadeiro pai, se faz presente na vida de todos os colaboradores.

Teve esse período em que ele precisou ‘tirar umas férias forçadas’, mas já está na ativa novamente. Somos muito ligados, eu e ele, sempre trocando ideias, conversamos sobre tudo. Em especial, para mim, é um grande amigo e às vezes até faz o papel de pai.



Belino é uma pessoa muito calma, paciente e tem um modo de administrar que envolve as pessoas, tanto é que temos um índice de absenteísmo (faltas ao trabalho) muito baixo.

A **IDM** tem muitos funcionários com quinze, dezoito, vinte anos de empresa. A grande maioria soma muitos anos de trabalho. Quem está a pouco tempo entrou há quatro, cinco anos. Isso por si só comprova a qualidade de comunicação e ótima relação que o **Belino** e toda sua família têm com os colaboradores. Isso é muito importante e valioso dentro de uma empresa.

Belino e a **Dona Tere**, estão sempre ajudando, inteirados na vida das pessoas que aqui trabalham. Para nós, funcionários, é superimportante. Esse casal constitui um pilar, um alicerce de força. Eles trabalham sempre juntos. Foi através dos dois que a empresa cresceu e chegou onde está. Souberam regar, podar, enfim, gerenciar, e assim a empresa foi se desenvolvendo.

A **IDM - Industrial Dal Magro**, hoje conta com cinquenta colaboradores. No chão da fábrica, são trinta e três. Uma das características principais do **Belino**, é a questão humanitária, sempre pronto para se doar, ajudando em tudo e todos.”



Terezinha Guinzelli Dal Magro (“Tere”)

“Quando conheci o **Belino**, estávamos no despraiado de **Santa Laura**. Passamos um dia de muito calor à beira do rio. Porém estávamos em turmas diferentes. No meio da tarde, ele estava num lajeado, dentro da água, tocando violão.

Começamos a nos olhar e, de repente, principiámos uma conversa. Viemos embora juntos, em cima de um caminhão. Era assim que a galera da época se juntava para ir à **Santa Laura**. Colocávamos tábuas em um caminhão para servirem de banco e nos mandávamos para a beira do rio, passar o domingo. Era a praia que tínhamos. Foi assim que nos conhecemos.

Ainda antes de começarmos a namorar, o **Belino** já tocava e cantava nos bailes. Então, quando passamos a namorar, eu ia em praticamente todos os bailes e ficava aguardando uma pausa para ficar com ele. É claro que eu ficava de olho bem aberto, atenta a tudo. Afinal de contas, ele era um artista, e quem ama, cuida.

Nós fomos até bem moderninhos para a época. Namoramos, passamos a morar juntos e depois nos casamos. Após um ano e meio de casados, veio nosso primeiro filho, o **Rodrigo**. O nome dele já tinha sido escolhido ainda no tempo de namoro. Tínhamos programado ter dois filhos. Se fosse menino, seria **Rodrigo**. Se fosse menina, seria **Daiana**. E assim foi.

O primeiro foi o menino, depois a menina. E sem estar programada, veio mais uma menina, a **Ana Paula**. Somos uma família muito unida e muitíssimo feliz.

Eu trabalho desde os meus dezessete anos. Trabalhei em várias empresas. Quando foi criada a **Metalúrgica Dal Magro**, eu trabalhava em uma empresa e também na metalúrgica. E quando foi feita a fusão com a **IMOTO**, passei a trabalhar somente na **IDM Escapamentos** e estou aí desde sempre.



O Belino é uma pessoa maravilhosa, que tem um coração de ouro. Um bom pai, um bom marido, um bom amigo, amigo sincero que só faz o bem. Em todos esses anos de casados - e olha que nós vamos fazer quarenta e seis anos de casados em Junho - jamais vi o Belino maltratar alguém. Nunca foi uma pessoa ignorante, sempre dócil. É por isso que tem tantos amigos.

Quando teve problemas de saúde, seus amigos sentiram muito, choraram e rezaram por ele. Enviaram muita energia positiva. Isso tudo contribuiu para ele já estar andando. E ele também é uma pessoa muito positiva, com muita fé em Deus, acredita que as coisas fluem. É assim desde antigamente, então tudo deu certo, e ele já está bem.

Para nós foi um grande grande susto. Ninguém imagina que uma pessoa que está bem e saudável, em dois dias, perderá todos os movimentos a ponto de precisar lhe dar comida na boca.

Foi um baque, não só pra mim, mas para toda a nossa família. Filhos, netos, nora, genro... A gente não sabia o que estava acontecendo.

Quando soubemos o que era, começamos a tratar. Os médicos diziam: ‘ele vai ficar bem, ele vai voltar ao normal’, mas a gente ficava naquela incerteza: ‘será que vai mesmo?’, porque se tratava de uma bactéria muito rara e que pode deixar uma pessoa tetraplégica. Mas graças a Deus ele está melhorando, e tudo está dando certo.

Ele ainda não está cem por cento na ativa, mas já vem à tarde para empresa.

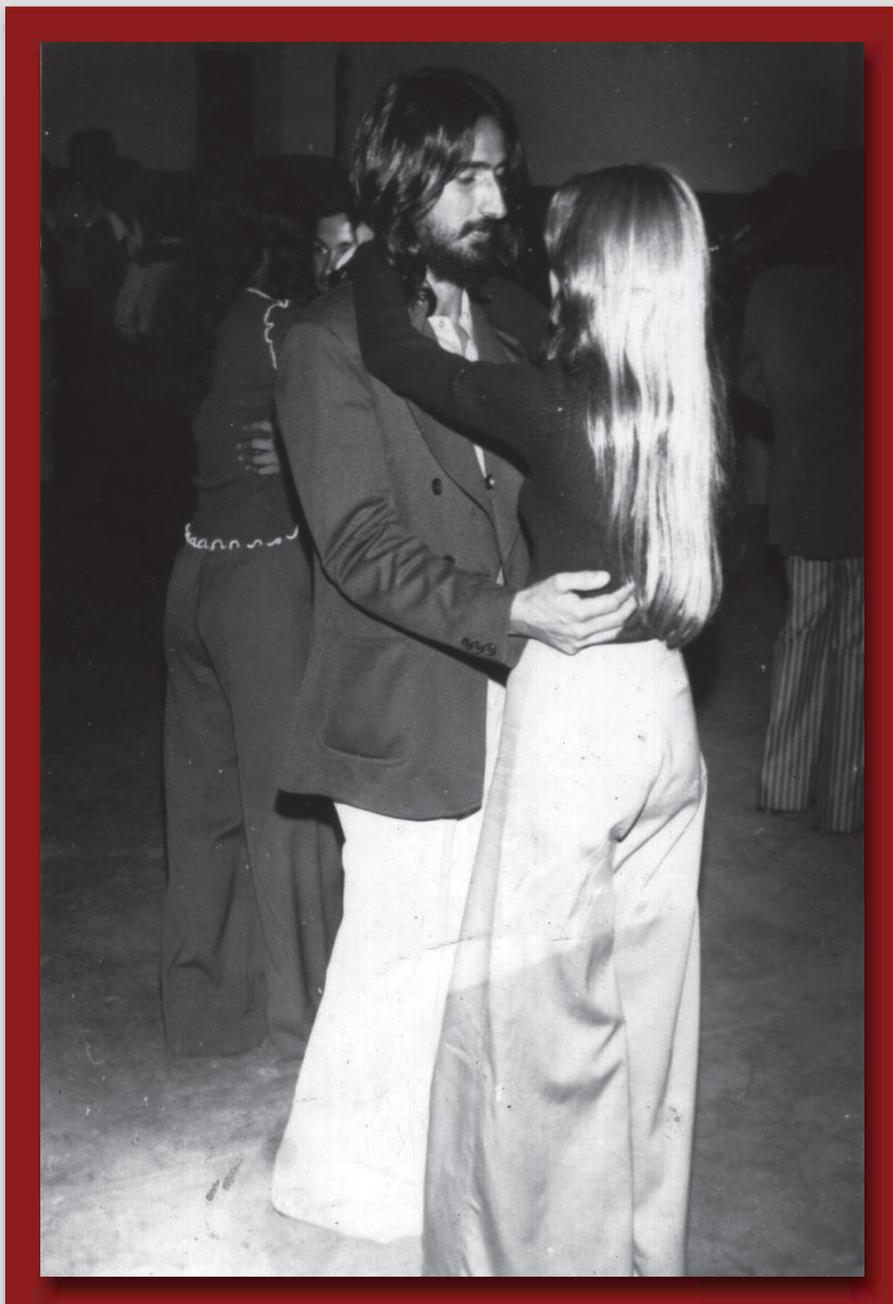
A recuperação das pessoas atingidas por essa bactéria é difícil, mas a melhora do Belino foi milagrosa, surpreendente. Ele ainda tem algumas limitações nas mãos e nos braços, mas a gente já sabia desde o início que seria assim. Os três médicos que nos atenderam disseram que a última coisa que vai melhorar são os braços e as mãos.

O Belino é um empresário que ama o que faz. A empresa é tudo pra ele. É uma pessoa dedicada, que batalha, que gosta muito de criar. É um sonhador, mas não sonha nada fora do possível. Ele também é ambicioso, no bom sentido, é claro. Até porque, quem não tem nenhuma ambição na vida, não planta e não colhe nada.



Nesse período em que ele precisou se afastar da empresa, e eu me afastei também para poder cuidar dele, nossos filhos assumiram todo o trabalho.

A IDM é uma empresa familiar diferenciada, porque nos entendemos muito bem. A empresa tem um grande número de funcionários e colaboradores que estão há dezoito, vinte anos trabalhando conosco, e uma grande quantidade está aqui há mais de dez anos. Nossos colaboradores são como se fossem da família, porque o que seria da empresa se não houvessem colaboradores?”



Momento romântico do casal Belino e Tere que, em Junho de 2020, completaram 46 anos de união.



Rodrigo Dal Magro

“Eu trabalho na **IDM** desde que foi fundada. Na verdade, eu comecei a trabalhar ainda quando era a **Metalúrgica Dal Magro**.

Quando criança, eu já vinha para a empresa. Até quando o pai trabalhava na antiga **Vanzin**, às vezes eu ia lá. Devia ter uns sete oito anos e já estava no meio dos escapamentos.

Comecei a trabalhar mesmo, fora as visitas que fazia, acho que quando eu tinha uns treze anos. Naquela época era permitido trabalhar.

Eu tinha curiosidade de ver o trabalho. Já tinha noção do que se tratava.

Me formei em **Administração de Empresas** pela **UNOESC** de **Xanxerê** justamente por ser a minha área de atuação na empresa.



Trabalhar com meu pai é muito especial. Seria uma injustiça falar qualquer coisa que fosse contra ele. Ele é um exemplo a ser seguido.

Como diretor e empresário, é uma pessoa inovadora. Ele sempre tem ideias novas ou algo a acrescentar. Está sempre pensando para frente, nunca para trás.

Quando meu pai teve essa bactéria ‘**Guillain-Barré**’ e perdeu os movimentos, ficamos muito preocupados que fosse um AVC ou alguma coisa na coluna.

Procuramos tudo o que podíamos, tentando encontrar qual o problema que o fez perder os movimentos. Até porque, os médicos olhavam as ressonâncias e os exames, e não encontravam nada que justificasse essa perda de movimentos tão grande.

Quando ele foi diagnosticado, me assustei muito, porque era uma coisa totalmente desconhecida. Só que aí, fomos pesquisar. De fato era grave. Mas tinha solução, desde que fosse tratado desde o começo. Tivemos a felicidade de conseguir diagnosticá-lo cedo, porque se não, em muitos casos se faz necessária a entubação e permanência por meses em uma UTI. O pai ficou cinco dias na UTI apenas. Agora, precisa fazer fisioterapia diariamente para melhorar por completo.

Meu pai, obviamente, precisou se afastar do trabalho na empresa. Ao mesmo tempo, minha irmã **Ana Paula** teve bebê. Aí foi uma loucura. Até ajustarmos as coisas, não foi fácil. Mas depois, tudo foi se encaminhando. Como o pai estava consciente, nos auxiliava de casa no que precisasse.

Agora está cada vez mais forte. Vem para a empresa toda tarde e dá uma passeada na fábrica. Acompanha um pouco mais a produção, e isso também ajuda ele a passar o dia, porque ficar só em casa fazendo nada é complicado e difícil para alguém como ele, que é acostumado a se entregar ao trabalho, sem hora marcada para começar ou parar.

Quando o pai ganhou o prêmio de Empresário do Ano em 2009 foi um grande orgulho para nós. Ninguém da empresa ou da família esperava por isso. Esse prêmio acaba por ser um símbolo do trabalho que ele vem fazendo há tantos anos. Eu, como filho, fiquei estasiado de felicidade. Foi e é um grande mérito para meu pai.”

Rodrigo Dal Magro, filho primogênito de Belino e Tere, é casado com Cristiane Roncaglio Dal Magro, com a qual tem os filhos Luiz Felipe e Maria Eduarda.



Daiana Dal Magro

A segunda filha de **Belino e Tere, Daiana**, é bacharel em **Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo** pela UNOCHAPECÓ e bacharel em **Direito**, pela UNOESC Câmpus Xanxerê. Ela relata:

“Comecei a trabalhar na **IDM** em **2005**. Fiquei por um ano e saí para atuar na área jornalística, retornei à empresa em **2009** para trabalhar no setor de **PCP (Planejamento e Controle de Produção)**, setor o qual integro até hoje.

Meu pai é uma pessoa muito sábia, paciente e amorosa. Só tenho coisas boas e positivas para citar sobre ele.

Além do trabalho de gerenciar a empresa e conviver com a família, ele é um homem atuante e participativo na sociedade. Envolve-se em vários eventos e participa de entidades, como o **Lions Clube Xanxerê**, este há mais de 30 anos.

Cresci em volta de violões e vozes. Nas jantãs entre amigos ele sempre tocava e cantava por horas.

Quando se tem um pai músico é difícil não gostar da área. Aos sete anos me inscrevi no meu primeiro festival, simplesmente fui até a comissão, fiz a inscrição e contei em casa. Assim vieram outros festivais, colocações e prêmios. Sempre acompanhada de meu pai que me ajudava a ensaiar e dava dicas.

Mas o que eu mais gosto mesmo é de cantar com ele músicas sertanejas raiz e modas de viola. Meu pai tem uma qualidade muito importante na música que é ter repertório. Consegue cantar por horas seguidas sem parar e pensar que música virá na sequência, tem mais de mil músicas decoradas. Muito artista famoso não tem essa facilidade, de decorar várias músicas. Para o pai a música realmente é um hobby, uma terapia.

Quando ele passou pela **Síndrome de Guillain-Barré** a ficha demorou um pouco para cair. Nos revezávamos para ficar com ele no hospital. Lembro de uma noite em que ele pedia o tempo todo para mudá-lo de posição, porque tinha muita dor, e eu não sabia mais o que fazer para aliviar o desconforto. Mesmo nessa condição ele nunca perdeu o bom humor, brincava com as enfermeiras e nunca reclamou por ter passado por essa síndrome. O pai ficou tetraplégico por meses, mexia só a cabeça, mas tinha total consciência e sensibilidade dos membros superiores e inferiores. Ele dizia que ‘era como se estivesse preso dentro do próprio corpo’ porque, apesar de enviar o estímulo do cérebro, os membros não mexiam. A síndrome foi muito grave, todos os nervos tiveram danos na **Bainha de Mielina**, que é a capa de proteção dos nervos. Se fosse comparar é como se um fio de luz tivesse sido desencapado mas no corpo todo.

Na folga dos cuidadores, aos domingos, passava as manhãs e as noites ajudando, porque ele precisava que o ajeitasse na cama, pois tinha muita dor e isso era a cada cinco, dez minutos. Com o tempo esse desconforto foi passando. Seus amigos da banda iam frequentemente lá em casa tocar e ele ficava cantando envolto em vários travesseiros, mexendo apenas a cabeça, mas era um estímulo para ele se recuperar, tanto que ele não queria que fossem embora. Ele nunca deixou de acreditar na recuperação, porque vários neurologistas foram claros em como seria o processo de recuperação dos nervos. Acompanho ele todas manhãs nas fisioterapias, caminhadas e hidroterapias. Cada dia é um progresso em algum aspecto. O que mais espero é que ele volte a tocar violão, como era antes.

Uma das coisas que aprendi com meu pai e levo para a vida é que devemos sempre ter humildade, não nos acharmos superiores, buscar as qualidades nas pessoas e perdoar, porque ninguém é melhor do que ninguém, e cada pessoa é única. Na empresa também sigo o exemplo do meu pai, buscando conversar e não impor as ideias.

Quanto ao prêmio de primeiro empresário do ano foi um orgulho para nossa família.

Foi mérito dele e de toda a família **IDM**. Isso se deu porque as pessoas conhecem a essência dele tanto como empresário quanto como ser humano, seja na empresa ou na comunidade.

Meus pais são a base de tudo e na empresa eles estão envolvidos em todas as decisões em busca de solucionar os desafios que se apresentam. Tenho muito orgulho deles e agradeço por tudo que fizeram e fazem por nós, muitas vezes tendo abdicado dos próprios sonhos em favor dos nossos.”





Ana Paula Dal Magro Folle

Ana Paula Dal Magro Folle, formada em **Administração de Empresas** pela **UNOESC Xanxerê** salienta: “Trabalho na **IDM** há 16 anos. Sou suspeita em falar sobre meu pai enquanto empresário e diretor da empresa, porque, de fato, meu pai é um diretor que tem um perfil fantástico. Não tem nada de autoritário, característica até comum de alguns diretores. Simplesmente é um homem generoso, absolutamente sensível, que incentiva a gestão participativa. Ele é um gestor que busca a participação de todos. Pede e ouve a opinião de todos.

Dá autonomia para as pessoas trabalharem não só no administrativo, mas na própria fábrica. Quem dá autonomia, é porque confia.

Meu pai é como um eterno Professor Pardal. Sempre está criando, desenvolvendo máquinas, inovando... E é assim desde os tempos em que ele trabalhava como funcionário da **Vanzin Escapamentos**. É um criativo criador.

Este jeito de se envolver com o trabalho, tendo alegria em criar, acaba passando para os funcionários também, que desenvolvem suas funções com bastante entusiasmo.

Ele vive estimulando sua própria criatividade. E muitas vezes, a ideia dele nem sempre é a melhor, então ele simplesmente acata a ideia do funcionário e dá a ele a liberdade de fazer como achar melhor.

Acho que meu pai nunca falaria algo do tipo: “Quem manda aqui sou eu e faça o que estou falando”. Isso não cabe na boca dele.

O jeito e a educação com que meu pai lida com os colaboradores, com todos, sem exceção, faz com que a empresa **IDM Escapamentos** mantenha por longos anos os mesmos colaboradores no quadro de funcionários.

Esse fator se deve primeiro em função de a empresa ser familiar e, com isso, enfatizar boas relações no ambiente de trabalho. Assim se cria um laço em que não se deixa predominar apenas o lado profissional. Tem o lado ser humano também, de lidar com as pessoas como se elas fossem realmente parte da família.

Esse fator se deve primeiro em função de a empresa ser familiar, e com isso, enfatizar boas relações no ambiente de trabalho. Assim se cria um laço, onde não se deixa predominar apenas o lado profissional. Tem o lado ser humano também, de lidar com as pessoas como se elas fossem realmente parte da família.

Na empresa, entrei para ser a sucessora da minha mãe no setor financeiro. Mas, se tratando de uma empresa familiar, todos acabam fazendo um pouco de tudo quando preciso. Meu irmão **Rodrigo** é responsável pelo comercial, minha irmã **Daiana** auxilia na administração da produção. Nossa mãe trabalha no financeiro, sempre foi a responsável pelo administrativo e aos poucos foi passando a bola para mim. E no mais, meu pai atua em todos os setores.

Obviamente, depois da bactéria, a contribuição dele ficou mais na esfera dos conselhos. Este acontecimento na vida do meu pai foi assustador. Nesse período, eu me encontrava fora da empresa, pois minha filha estava com vinte e um dias, foi um desafio muito grande para mim como filha e como mãe recente, pois as preocupações eram muito grandes e eu, infelizmente não consegui ajudá-lo como gostaria.

Passado o susto, hoje meu querido pai encontra-se em franca recuperação, e está disposto como nunca, mas tivemos que superar grandes obstáculos. Ele era responsável por alguns setores, como por exemplo o setor de compras, e tivemos que nos inteirar de tudo. Embora tenhamos estatísticas no sistema definindo quanto se paga e o quanto se compra, era ele quem tinha a tomada das decisões. Assim tivemos que lidar com isso também.





De certa forma, essa experiência resultou também em algo positivo. Nosso pai percebeu que a gente dá conta de seguir em frente, e ele pode relaxar um pouco.

Tudo que eu e meus irmãos aprendemos foi com nossos pais. Eles são nossos maiores exemplos de líderes, gestores, empreendedores e nossos maiores exemplos de pessoas. Tudo que somos devemos a eles. Como segunda geração a assumir a **IDM**, a única forma que temos para expressar a nossa eterna gratidão a tudo que sempre fizeram por nós é dedicando nossas vidas à essa empresa.

Ana Paula Dal Magro Folle é casada com Daniel Folle, com o qual tem a filha Louise.



*Rodrigo, Cristiane, Luiz Felipe, Maria Eduarda, Daniel, Louise, Ana Paula, Belino, Terezinha e Daiana.
Uma família unida no trabalho e na vida.*



Biografia do Empresário do Ano 2010
OSCAR MARTARELLO





VOCAÇÃO PARA EMPREENDER, CORAGEM PARA INVESTIR, PERSISTÊNCIA PARA NUNCA DESISTIR

Quem lutou, sabe a dor e a delícia de uma conquista. Esta frase poderia sintetizar a biografia de Oscar Martarello. No entanto, apenas provoca a curiosidade de conhecermos sua brilhante trajetória.

Quem adentra o escritório da PERFIMAX - Aços Planos encontra um ambiente silencioso e calmo. Os colaboradores focados em seus trabalhos parecem nem perceber que alguém chegou, mas de pronto surge um rosto gentil e simpático para atender e oferecer um café.

O ambiente é muito sereno e os colaboradores trabalham com uma espontânea tranquilidade. No entanto, ao caminhar alguns metros e adentrar nos gigantescos barracões, o som é ensurdecedor. Pesadas e engenhosas máquinas cortam e moldam imensas chapas e vigas de ferro e aço plano.

Não tem como não ficar impressionado com as imensas guilhotinas e dobradeiras. Acaso esta tecnologia existisse há milhares de anos, se ergueriam pirâmides no Egito do dia para a noite.

No vai e vem das gigantescas máquinas, percebe-se o quanto o homem é frágil diante da capacidade, da força e da tecnologia, que dobra e corta peças imensas, que se fossem executadas por mãos humanas, necessitaria de centenas de braços fortes e incontáveis dias para se produzir uma peça.

Mas, por sua vez, as robustas máquinas são conduzidas com um leve tocar de dedos do homem que, manejando o computador, determina o trabalho a ser executado pela força da máquina. É um encontro meio profético e poético, da força aliada à inteligência e a sutil delicadeza do toque humano.

Neste universo de ferro e força, surge um maestro que rege essa orquestra composta de homens e máquinas: Oscar Martarello, agraciado pela ACIX - Associação Empresarial de Xanxerê com o prêmio Empresário do Ano 2010.

Um homem corajoso, persistente, disciplinado, focado, criativo, que na bagagem da vida, carrega outros valorosos adjetivos.

Convidamos todos a conhecer um pouco de sua vida e trajetória.



Oscar Martarello é natural do luraço de Toldo Velho, pertencente ao município de Ipuacú, na época Xanxerê. Nasceu em 18 de Setembro de 1965. Filho de Angelo Martarello e Élide Martarello. Casado com Vânia Maria Cancelier Martarello, com a qual tem os filhos Lucas Vinicius, Polyana, Felipe e Pamela.

Segundo Oscar, sua história começa a ser contada por sua mãe, **Dona Élide**: “Minha mãe sempre me contava sobre o dia em que falou para suas amigas lá de **Toldo Velho** que estava grávida. Elas riram e disseram: ‘Ah tá, como é que você vai estar grávida se já encerrou?’ **Dona Héli**de já havia completado quarenta anos e, naquela época, era considerada uma idosa. Porém, uma vizinha planejou: ‘Se for verdade mesmo, vou pegar o galo do terreiro, ou seja, o melhor galo, aquele que se deixa para reproduzir, e vou trazer para você fazer um brodo quando seu filho nascer.’ E de fato a minha mãe estava grávida. A vizinha trouxe o galo e presenteou minha mãe com ele.”

O MENINO TEMPORÃO

Oscar é o filho temporão. Antes dele, vieram outros cinco filhos. Acrescenta: “Isso me proporcionou um lado positivo: fui criado com todo mundo me bajulando. Imagina uma família em que o caçula tinha oito anos e o mais velho vinte anos. Fui muito mimado e muito protegido. Tive uma infância muito boa. Entretanto, o lado negativo disso é que quase sempre os pais tratam os filhos mais novos com excesso de zelo, o que faz com que tendam a se tornar pessoas que não enfrentam a vida.

Mas, graças a Deus, meus pais foram as pessoas mais sábias que eu conheci no mundo, apesar de não saberem ler nem escrever.”

A ORIGEM DA FAMÍLIA MARTARELLO

A família **Martarello** é oriunda da região de Pádua, no Norte da Itália. Naquela época essa região era muito pobre. Muitos imigrantes chegavam no Brasil com atestado de miseráveis.

“Sei que meu bisavô está sepultado em Veranópolis. Como meu avô estava numa situação de pobreza no Rio Grande do Sul, com pouca terra e muitos filhos, meu pai migrou para Santa Catarina, pois contavam que **aqui no Oeste de Santa Catarina, tinha queijo e salame pendurados nas árvores**. Lembro que meu pai **Angelo**, sempre contava essa história.

Certa vez, quando recebeu a visita de um cunhado em **Toldo Velho**, meu pai pendurou vários salames e queijos nas árvores, e dizia dando muita risada: ‘**Viu?! Aqui, queijo e salame dá em árvore!**’”

O ORGULHO DE SER FILHO DE UM PEQUENO AGRICULTOR

“Meu pai veio para desbravar uma nova terra que, por sinal era muito fértil, porém muito acidentada e com poucos recursos. **Seus braços e sua força de vontade foram as ferramentas para fazer nossas lavouras.**

Além de plantar, lidava com a criação de porcos e algumas vacas de leite. Queijo minha mãe fazia somente para nosso consumo.

Eu fui conhecer energia elétrica aos doze anos de idade, quando, de fato, a luz chegou em nossa casa. Até então, tínhamos de nos virar apenas com um lampião de querosene, que também era algo escasso, pois o querosene era usado de vez em quando.

No dia a dia usávamos banha de porco. Era o que tínhamos. Enrolava-se um pedaço de pano, colocava em um pires com algumas colheres de banha, e o pano ficava queimando como uma vela. **Era a luz que tínhamos na maioria das noites.**



Meu pai **Angelo** é natural do interior de **Erechim - RS**, e minha mãe **Élide**, é de **Aratiba - RS**. Contando comigo, tiveram seis filhos: **Maximino**, o primogênito, **Melânia** (In Memoriam), **Nilo** (In Memoriam), **Deonilde** e **Valdir**. Meus dois irmãos mais velhos vieram do **Rio Grande do Sul**. Resumindo, somos ‘**Cataúchos**’, mistura de catarinense com gaúcho.”

Oscar continua narrando a epopéia da família: “A minha mãe trabalhou na roça em **Aratiba** quando menina. Meus pais casaram muito jovens. Saíram lá do **Rio Grande do Sul** com uma pequena mudança num caminhão. Depois meu pai voltou a cavalo para buscar uma vaca de leite da família. Veio por **Itá - SC** passando a balsa, pois não tinha ponte. Demorou dois dias para chegar em **Toldo Velho**.”

Meu pai é de uma família de quatorze irmãos, então não tinha mais terra lá no **Rio Grande do Sul**. Assim, eles tiveram que se aventurar em outras terras. Uma tia minha veio antes que meu pai para **Santa Catarina**. Contavam sempre uma piada: diziam que quando ela atravessou a balsa de **Itá**, olhou para trás, acenou e disse: ‘**Adeus Brasil!**’.

A primeira casa que o meu pai construiu em **Toldo Velho** era de tábua lascada.”



Oscar Martarello recebendo certificado de formatura da oitava série, do Sr. Luiz Arcari em Toldo Velho.

VIDA ESCOLAR

Oscar Martarello iniciou seus estudos em uma escolinha na comunidade de **Olaria**, próximo a **Toldo Velho**. Essa escola oferecia somente até a quarta série primária. **Oscar** lembra que era muito divertido: “**Uma tia morava próximo à nossa casa, então meus primos e primas também frequentavam a mesma escola que eu. Tudo era muito divertido na minha primeira infância: jogar futebol, caçar, pois naquela época era normal, ia pescar nos rios ou nos açudes que meu pai possuía...**”. Na sequência, **Oscar** passou a estudar na comunidade de **Toldo Velho** até completar a oitava série.

OS DESIGNOS DO PAI AINDA NA MADRUGADA

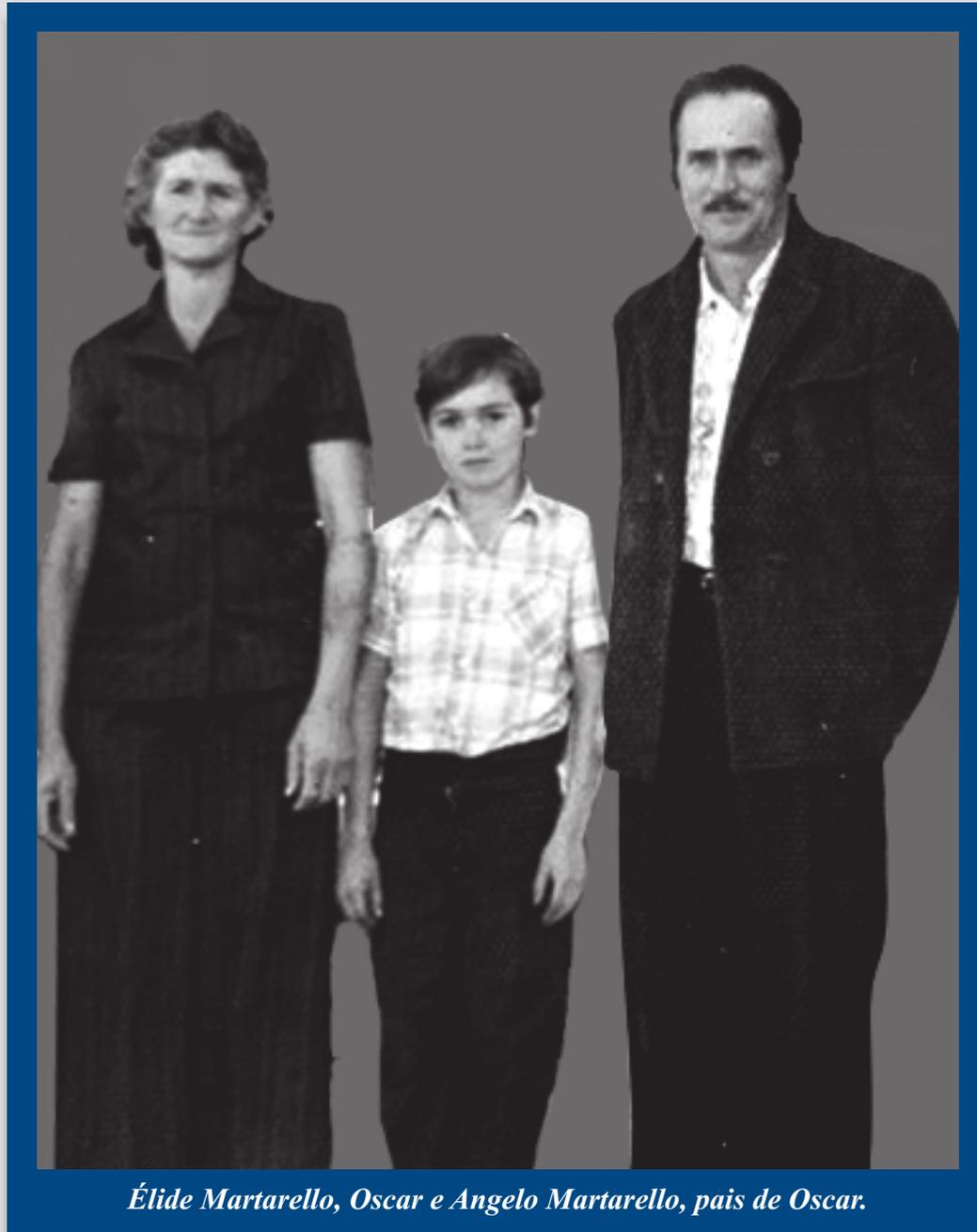
O menino **Oscar** ajudava os seus pais no trabalho diário. Lembra ele que ainda muito pequeno, colocava um banco na pia para conseguir lavar a louça. Seus irmãos e irmãs foram casando e indo embora. Somente ele ficou com os pais. Ajudava sua mãe na coleta do leite, e na medida em que foi crescendo, se tornou um grande parceiro de seu pai, limpando estrebarias, chiqueiros, alimentando os animais e trabalhando na lavoura.

Conta ele: “Desde pequeno eu já sabia capinar. Claro que vez que outra dava uma fugidinha para brincar com meus amigos. Por ser o filho caçula, eu tinha uma estreita relação afetiva com meu pai. **Em certa madrugada, pois na roça sempre se acorda muito cedo, bem antes do sol nascer, ainda estava na cama quando escutei a conversa de meus pais tomando chimarrão ao redor do fogão.**

Eles falavam em italiano:

“Il Oscar, il vá via fora, lavorare e studiare, perché qua, no se vá via vanti.”

(o **Oscar** vai para fora, estudar e trabalhar, porque aqui não se vai adiante).
Assim que concluí a oitava série em **Toldo Velho**, vim para **Xanxerê**.”



Élide Martarello, Oscar e Angelo Martarello, pais de Oscar.

O PRIMEIRO TRABALHO E O DESPERTAR PARA MUITAS PROFISSÕES

Oscar conta, ternamente comovido, da grandeza da atitude de seu pai, pois sendo ele o filho mais novo, seria natural que permanecesse em casa para ajudar no trabalho cotidiano. Mas ao contrário disso, seu pai preferiu que o filho buscasse no mundo, oportunidades maiores para crescer e fazer suas escolhas na vida.

Diz ele: “Lembro como se fosse hoje. Naquela madrugada, acordamos ainda mais cedo do que o habitual. Eram três horas e pouco da manhã. Primeiro, fizemos todo o serviço: tratar os animais, tirar leite, enfim, os afazeres de sempre. Nunca me esquecerei das lágrimas correndo pelo rosto de minha mãe ao me despedir dela. Meu pai sempre aparentou ser uma pessoa dura, mas era só aparência, estava até mais emocionado que ela.

Eu e ele seguimos caminhando por uma estrada de chão. Dava em torno de três quilômetros até a parada para pegar o ônibus do Collet. Era essa empresa que fazia o trajeto Toldo Velho - Xanxerê.

Meu pai caminhava ao meu lado esquerdo com uma maletinha. Dentro dela não devia ter mais que meia dúzia de roupas. Lá na roça era assim, se vivia com o mínimo. Nosso destino era o Center Hotel, onde meus padrinhos de batismo, Dileta e Casemiro Arcari eram sócios-proprietários juntamente com o Sr. Albino e Dona Linda Ferronato.



Ao chegarmos, meu pai perguntou aos meus padrinhos: 'Posso deixar o **Oscar** aqui? Vocês não precisam pagar nada a ele. Ele só precisa aprender. Ele pode trabalhar em troca de comida e alojamento para conseguir estudar. Mas posso pagar um pouco, se assim vocês entenderem.' Foi aí que eu senti a grandeza do meu pai. Ele queria pagar para que eu aprendesse a trabalhar e me tornasse um homem de verdade.



Oscar Martarello trabalhando na recepção do Center Hotel.

Eu estudava de manhã, trabalhava de tarde e trabalhava na portaria do Center Hotel até as onze horas da noite. Comecei a frequentar o primeiro ano do segundo grau, no **Colégio Presidente Artur da Costa e Silva**. Quando eu comecei a estudar em **Xanxerê**, sofri muito o que hoje chamam de *bullying*. **Naquela época, quem vinha da roça para a cidade era bastante discriminado. As pessoas riam do jeito que eu falava e até repetiam as palavras que eu dizia. E eu que era muito tímido, introvertido mesmo, acabei ficando mais fechado, com mais vergonha ainda de falar alguma coisa.** Posso dizer que nos primeiros tempos em **Xanxerê**, eu tinha medo de abrir a boca para falar.

Às vezes eu ia trabalhar nas chácaras, nas construções... Aprendi sobre instalação elétrica, instalação hidráulica, pintura e principalmente a me relacionar com as pessoas.

No primeiro momento, eu me sentia feliz da vida por estar tendo uma oportunidade de trabalho. Mas no decorrer do tempo, comecei a ter um pensamento de que estavam sendo injustos comigo por eu trabalhar tanto sem receber nada. Mas esse pensamento desapareceu.

Hoje aos cinquenta e quatro anos de idade, sou muito grato aos meus padrinhos que cuidaram de mim como um filho e me ensinaram o valor da disciplina e da responsabilidade.”

ENGRAXANDO SAPATOS

"Naquele momento, a **Argentina** era considerada a maior economia da **América Latina**, e passavam pelo hotel muitos argentinos que iam para o litoral. Então, **comecei a ganhar dinheiro engraxando sapatos dos argentinos.**

O hotel não tinha elevador, então eu ganhava algum trocado para levar as bagagens aos apartamentos. Era um dinheirinho que vinha bem. Uma gorja que me permitia tomar um refrigerante ou me deliciar com um sorvete. Somando todo esse dinheiro, no período de um ano, eu ganhava o equivalente a um salário mínimo.

Mas afirmo com toda certeza que isso foi de uma grandeza tão imensurável que me fez aprender a dar valor às pequenas coisas e adquirir educação. Dona **Dileta**, minha madrinha, foi nesse tempo minha segunda mãe, e sou grato à toda família do **Center Hotel** por terem me acolhido tão bem.”

OPERADOR DE SOM NA RÁDIO DIFUSORA

Oscar relata que desde pequeno guardava com cuidado um sonho que trouxe com ele lá de **Toldo Velho**: ser **Radialista**. Ocorreu então que se hospedou no **Center Hotel**, um diretor da **Rádio Difusora** e, junto com ele, um técnico que veio para instalar a rádio em **Xanxerê**.



“Eu fui fazer a ficha deles na portaria do hotel, e quando falaram da rádio que iam instalar, eu comecei a tremer e pensei: **‘Caramba... Rádio! É uma oportunidade para eu trabalhar em uma rádio!’** E eu já me vi trabalhando nela. Busquei fazer amizade com eles. Quando a rádio entrou em caráter experimental, pedi a eles se não precisavam de alguém sem experiência para aprender e trabalhar como **Operador de Som**.

O diretor era o **Sr. Guilherme Woly** e o técnico era o **Sr. Carlinhos** que praticamente já eram meus amigos. **Caramba! E não é que eles me deram o emprego para ser Operador de Som? Então passei a ter um salário mínimo de verdade.”**

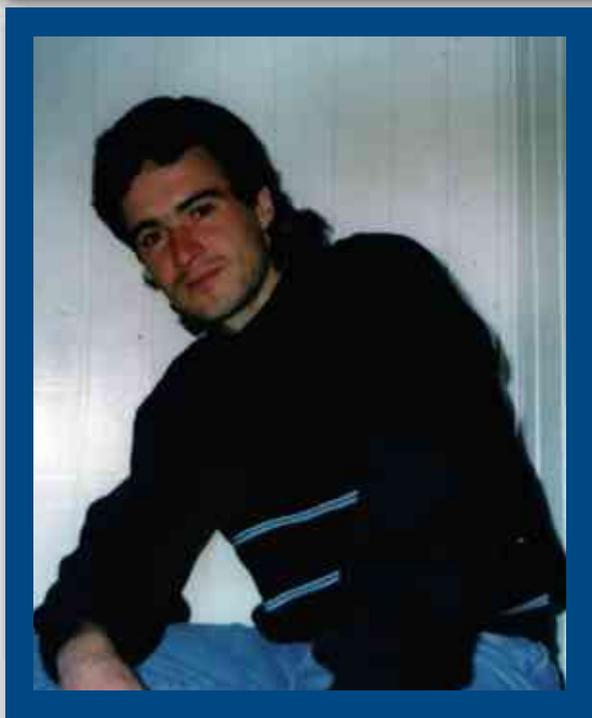
OS PIORES ANOS DA MINHA VIDA

“Para trabalhar na rádio, eu pedi para sair do hotel. Lá eu não tinha salário, mas tinha comida, pouso, roupa lavada e as gorjetas. **Na rádio, eu só tinha um salário mínimo. Acreditava que com isso eu poderia sobreviver e ainda pagar os estudos no Colégio La Salle. Que amarga ilusão!**

Durante o segundo ano do curso de **Análises Clínicas** no **Colégio La Salle**, com o dinheiro que eu ganhava não dava para pagar moradia, alimento e estudo, mesmo meus pais me ajudando com o que podiam. **E aí sim, passei muita fome.**

Lembro-me de um dia em que passei na **Padaria São José**, no centro da cidade, comprei um pacote de bolacha, depois passei no bananeiro e comprei uma penca de banana. Sempre contava quantas bananas eu ainda tinha. Não podia comer o suficiente para matar a fome. Comia no máximo uma banana e mais algumas bolachas. Muitas vezes, comi até a casca.

Isso aconteceu por um tempo, até que passei a morar em uma pensão. Para pagar um valor menor, era servido apenas o almoço e um café durante a noite. Passei por essa condição difícil, até que não suportei mais e resolvi voltar para casa. Lá na roça, pelo menos a comida não faltava.”



DE REPENTE, PROFESSOR

“Trabalhando lá na roça, já com o segundo grau concluído, optei em prestar vestibular para a faculdade de **Administração** em **Palmas - PR**. Essa faculdade funcionava de forma diferenciada. Era preciso estar lá apenas uma semana por mês.

Nesse tempo, a diretora da escola de **Toldo Velho, Ivani Dagort**, me convidou para substituir uma professora que estava doente. Eu concordei e, de imediato, ela disse: **‘Aqui estão os livros, e os alunos já estão em sala de aula te esperando.’**

Eu fui no susto, sem nenhum preparo. **Minha nossa! Que correria!** Eu tinha que passar as noites estudando para a faculdade e preparando as aulas que eu dava em **Toldo Velho**. Para a faculdade, eu ia com os amigos que tinham carro. Eu pagava a minha parte para eles e assim eu ia levando.”

NAMORADA EM XANXERÊ, E DJ DA BOATE AQUARIUS

“Antes de retornar para **Toldo Velho**, eu havia começado a namorar com a **Vânia Maria Cancelier**, minha esposa. Aconteceu que meu namoro com ela foi ficando sério e eu cada vez mais louco de vontade de voltar para **Xanxerê**.

Não tive dúvidas, retornei. Como eu já tinha trabalhado na **Radio Difusora**, me empregaram lá novamente. O **Sérgio Canello** e o **Beto Araldi**, que eram os donos da **Boate Aquarius**, me contrataram como DJ para os finais de semana.



Mesmo assim, outra vez passo a ter todas as dificuldades de sobrevivência, pois tinha que ir com o ônibus do Collet até **Palmas**, pagar a faculdade e me manter. E isso não era possível com o que eu estava ganhando.

Lembro amargamente que em **Palmas**, eu ia para a faculdade sem jantar. Chegava lá, e o meu maior sonho era poder comer um X-Salada daqueles. Não era fácil ver os colegas se alimentando enquanto eu estudava passando fome. Consegui fazer dois períodos, mas novamente desisti e retornei para a casa do meu pai. A casa do meu pai sempre foi o meu refúgio.”

O CASAMENTO

“Nessa segunda vez em que voltei para a casa do meu pai, como estava muito apaixonado, propus à minha namorada: ‘**Vamos casar e morar lá em Toldo Velho.**’ Então, em mil novecentos e oitenta e sete, casamos em **Ipuacú**, porque meus pais haviam se mudado para lá nesse tempo.

Eu e minha esposa Vânia fomos morar na roça em Toldo Velho. Nossa primeira casinha era um paiol pequeno de cinco metros por cinco, com tábuas largas, sem forro, coberto com telha de barro. Não tinha água encanada e nem energia elétrica.

Lembro-me como se fosse hoje. Em uma tarde de sol forte arando a terra com uma junta de bois e a **Vânia** amontando alguns galhos no mato, paramos para tomar água porque o sol estava queimando, e senti muita pena dela. Era uma menina de vinte e um anos trabalhando de sol a sol. Olhei bem para ela e disse: ‘**Um dia vou te dar uma casa confortável e contratar uma ‘tata’ para fazer o serviço de casa.**’ Naquele momento de exaustão e cansaço ela respondeu: ‘**Isso só vai acontecer no dia em que as galinhas criarem dentes.**’

Foi nesse momento que caí na real: **não dava pra viver só de amor cultivando um pequeno pedaço de terra.** Ela estava coberta de razão, pois naquela situação em que estávamos, eu nunca conseguiria dar nada a ela. Mas juntos, com muito trabalho e muita dedicação, conseguimos construir nosso tão sonhado lar e uma bela família.

Vânia sempre foi minha companheira. Se eu disser que nunca brigamos ou não tivemos desavenças, seria mentira, mas sempre conseguimos superar todos os obstáculos. A fé e a presença de Deus em nossas vidas sempre fez a diferença.

Passado um ano, decidi por mais uma vez, retornar à Xanxerê.”

O RETORNO E O PÉ DE GOIABA

“Nossa mudança foi feita em cima de uma F1000. Em uma parte da camionete, carregamos lenha e algumas galinhas para terminar de engordar na cidade. E mais uma vez volto a trabalhar na **Rádio Difusora** como **Operador de Som.**

Como meu pai tinha me dado três alqueires de terra, que era acidentada e de baixo valor, eu acabei arrendando. Com o dinheiro do arrendamento, demos uma entrada em uma casa na **COAB**, no **Bairro Castelo Branco** e o restante pagamos parceladamente.

Nos fundos dessa casa, havia um pé de goiaba. Eu e minha esposa muitas vezes fazíamos duas refeições por dia com suas frutas para matar a fome. Comíamos goiaba no lugar do café da manhã, almoçávamos arroz e feijão e de noite comíamos goiaba. Parece cômico se não fosse trágico. Mas a **Vânia**, minha amada esposa, sempre esteve comigo, desde muito antes das goiabas.”



1987 - Oscar e Vânia casaram na Igreja Matriz Senhor Bom Jesus, em Xanxerê, e a festa de confraternização foi em Ipuacu, onde residiam seus pais. Após o casamento, foram morar em Toldo Velho, em uma casa muito simples, onde tentaram viver como pequenos agricultores.



*Casamento de Deonilda, irmã de Oscar.
Da esquerda pra direita, Melania, Élide, Oscar, Deonilda, Ângelo, Maximino, Nilo e Valdir.*



O PRIMEIRO FILHO

Depois de dois anos e meio de casado, **Oscar** então com 24 anos, torna-se pai de **Lucas**, seu filho primogênito. A partir disso, optou por vender a casa da **COAB** e comprar um terreno próximo ao **Bairro dos Esportes**. Para tal, contou com a ajuda do pai e da terra que tinha vendido. Primeiramente construiu uma pequena casa de madeira.

Na despedida da casa na **COAB**, **Oscar** argumenta que o pé de goiaba parecia uma coisa de **Deus**. Acrescenta: “**As folhas eram muito bonitas, o pé era muito viçoso, as frutas eram goiabas brancas e amadureciam cinco ou seis todos os dias. Era impressionante. Normalmente a goiaba tem um ciclo longo, e aquele pé, durante muito tempo saciou a nossa fome. Mas vendemos nossa casa e lá ficou o pé de goiaba.**”



Vânia com o filho Lucas em frente à segunda residência, no Bairro dos Esportes.

Com a chegada do primeiro filho, **Oscar** optou por sair da rádio e buscar uma profissão que proporcionasse uma renda maior, pois começava a ter uma família e não poderia viver do salário de **Operador de Som**.

Decidiu então ir trabalhar como servente de pedreiro, até que surgiu uma vaga na concessionária da **Ford Berto e Companhia**. O trabalho seria de recepcionista da oficina mecânica. O ofício era fazer a ordem para quem fosse revisar seus automóveis. **(Coincidentemente a empresa Berto e Companhia tinha como sócio-proprietário o Sr. Nadir Domingos Berto, Presidente-Fundador da ACIX, Associação Empresarial de Xanxerê).**

Nesta mesma época, sua esposa **Vânia**, além dos serviços de casa, ajudava nas economias vendendo perfumes de uma franquia e também fazia lanches para vender em uma cantina no **Colégio Costa e Silva**.



A FAMÍLIA DE OSCAR MARTARELLO

“É comum escutar jovens casais dizerem: ‘Primeiro vamos nos estruturar financeiramente e depois teremos filhos.’ Isso não aconteceu em nossa família. Tivemos quatro filhos: **Lucas Vinicius, Polyana, Felipe e Pamela** ao longo de oito anos, um bem próximo do outro, numa época de extrema dificuldade financeira. Mas o amor e o respeito sempre superaram todos os obstáculos. Os mais velhos ajudavam a cuidar dos mais novos, e também as roupas iam passando de um para outro. Todos se lembram com muita alegria dos finais de semana que acampávamos na prainha de **Abelardo Luz**. Eram bons tempos.”

UM SALTO PARA O FUTURO

Por mais que **Oscar** se dedicasse em todos os lugares em que trabalhou, sempre teve um salário que lhe proporcionava um baixo poder aquisitivo. No entanto, com a abertura da **Ford Caminhões**, **Oscar** passou a receber comissão, o que lhe proporcionava um ganho entre seis a sete salários mínimos, e sua função era uma espécie de gerente de serviços.

A ERA COLLOR - DO LIMÃO À LIMONADA

Em 1992, **Fernando Collor de Melo**, é eleito presidente do **Brasil** e confisca a poupança de milhões de brasileiros. Isso provoca, nos anos seguintes, a quebra de muitas empresas em todo o Brasil. Entre estas, uma pequena metalúrgica que pertencia aos cunhados de **Oscar**.

“Eles haviam contraído um financiamento, e o governo bloqueou o dinheiro deles. A inflação nesse tempo, chegava a 60%. Com o dinheiro bloqueado, não conseguiram gerar o capital de giro, então uns foram se aventurar na **Bahia**, outros se mudaram para **Abelardo Luz** e depois **Criciúma**. Fecharam a metalúrgica e partiram com uma mão na frente e outra atrás, para procurar novos ares.”

Oscar acrescenta: “**Graças a Deus todos tiveram muito sucesso.**”

No entanto, o mais novo de seus cunhados, o **Velci Cancelier**, ficou apenas com dois aparelhos de solda, uma furadeira, uma lixadeira e algumas ferramentas pequenas, e convidou o **Oscar** dizendo: “**Preciso que alguém venha comigo, senão vou ter que arrumar um trabalho, pois não consigo tocar isso aqui sozinho. Vamos montar uma sociedade?**”

AUDÁCIA E CORAGEM

Oscar não pensou duas vezes. Em meio a uma crise financeira profunda em que vivia o país, ele e **Velci**, sem capital de giro, sem automóvel e com muito pouco conhecimento administrativo, resolveram se associar.

Conta **Oscar**: “Eu cheguei lá na **Ford Berto** e falei para o **Zé**, que era diretor e filho do **Sr. Nadir**: ‘**Olha, eu quero dar os 30 dias, quero sair.**’ Ele riu e disse: ‘**Como assim? Você vem ganhando um excelente salário nos últimos dois meses e vem pedir as contas? Me conte! Que história é essa?**’ E eu disse: ‘**A história é que eu vou colocar uma empresa para mim!**’ Foi motivo de mais riso ainda. ‘**Você vai colocar uma empresa? O que vai fazer?**’ Respondi: ‘**Vou pôr uma metalúrgica com o meu cunhado.**’ E saí. Isso aconteceu no início de Novembro de mil novecentos e noventa e dois, e fiquei trabalhando até o final deste mesmo ano.”

NASCE A METALÚRGICA ALUFER

No principiar do ano de **1993**, **Oscar** e **Velci** iniciam uma sociedade. **Oscar** relata que com o acerto que fez na concessionária **Ford**, **comprou uma Brasília branca ano 1975, batida na frente.**

“Nós colocamos um bagageiro de tubo 20x20 nela, porque era nosso veículo de transporte da mercadoria, e começamos a fabricar **portas, janelas, cercas e grades**. Isso sem dinheiro, sem conhecimento administrativo, sem conhecimento técnico, sem crédito. Resumindo, não tínhamos nada.



Mas tínhamos determinação, vontade de empreender, vontade de crescer, vontade de fazer alguma coisa num período de crise, inclusive. Nós ficamos em torno de dois anos sofrendo, patinando. Imagina, para fazer um trabalho, um portão, uma grade, uma cerca, eu precisava de uma entrada do cliente para que eu pudesse comprar o ferro para confeccionar o produto. E eu tinha que convencer o cliente que a gente ia entregar o produto. Isso era muito difícil.”

UMA LUZ DE DEUS EM MEIO À CRISE

“Aí eu acredito que uma luz de Deus me disse: ‘E se você vender a casa?’ Pensei: ‘Será?’ Imagina você chegar em casa, esta época já com três filhos, e dizer: ‘Olha, vamos vender a casa que eu vou colocar o dinheiro na empresa e passaremos a morar de aluguel.’ Precisa-se estar muito convicto disso, mas criei coragem e, ao chegar em casa, entre uma cuia de chimarrão e outra, falei com a minha esposa. Perguntei a ela: ‘Vamos vender a casa?’ A princípio minha esposa ficou calada. Depois de algumas cuias ela respondeu: ‘E vamos morar aonde?’ Bem, o fato é que conversamos muito e ela acabou concordando.”



Estas ruínas, situadas na Avenida Brasil, aos fundos da Padaria Casadella, foram o berço de nascimento da Metalúrgica Alufer. Na parte cinza, ainda preservada, funcionava o escritório. E nas ruínas de tijolos existiu o primeiro galpão de produção.



METAMORFOSE AMBULANTE

“Vendemos a casa, aplicamos o dinheiro na empresa e passamos a morar de aluguel. Depois que a gente casou, nos mudamos doze vezes de moradia. Éramos uma metamorfose ambulante. Entre uma mudança e outra, a empresa começou a ganhar uma identidade.

Eu posso dizer que, financeiramente, nossa vida se resume em duas partes: uma antes e outra depois de vender essa pequena casa, porque passamos a ter dinheiro para investir em matéria-prima.

Fizemos um estoque grande de ferro. Quando apresentava um orçamento para o nosso cliente, ele me perguntava como seria o pagamento. Eu respondia que entregava o material para o cliente conforme combinado. Estando tudo certo, o cliente daria uma entrada e o restante era parcelado, dependendo de cada situação.

Difícilmente a gente perdia uma cotação. Isso nos deu credibilidade, confiança para ganhar praticamente todas as cotações sem precisar que o nosso preço fosse o mais baixo. Aí as coisas começaram a andar. Compramos uma camionete melhor, com carroceria de madeira para o transporte de nossas mercadorias, um automóvel para o meu cunhado e um automóvel para mim.

Reformamos a casa do meu cunhado, onde ele morava com a minha sogra, e começamos a ampliar nossa empresa. **Construímos um apartamento em cima da empresa, e voltamos a morar em casa própria.”**



Neste endereço, na Rua Treze de Maio, bem próximo da primeira sede, a Metalúrgica ALUFER expandiu seu galpão de produção, e Oscar Martarello construiu um apartamento para sua família.

“As coisas começaram a andar. Iniciamos a produção de estruturas metálicas, galpões pequenos... Adquirimos experiência e conhecimento. No início, produzíamos portões, grades menores e passamos para pequenas estruturas metálicas, depois para estruturas maiores. A partir disso, chegamos à construção de grandes obras, como por exemplo, frigoríficos, grandes torres para fábricas de ração, grandes obras fora da cidade, postos de combustível... Os nossos produtos começaram a chegar em várias regiões de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, e os negócios começaram a fluir muito bem.”



A GRIPE DO FRANGO ABRIU NOVOS NEGÓCIOS

“Em mil novecentos e noventa e oito, a gripe aviária, a tal **Gripe do Frango** que surgiu na **China** e numa parte da Europa também, aliada aos altos juros brasileiros, ocasionaram uma grande crise e muitas empresas quebraram novamente.

Nós comprávamos aço numa empresa aqui de Xanxerê, que vendia ferro mecânico e perfilados de aço. E com a crise, essa empresa parou de vender ferro. Como tínhamos um bom estoque de material, que serviria para muitos dias de trabalho, percebemos que os nossos concorrentes, que também eram amigos, começaram a comprar algumas barras de ferro da nossa empresa. Então percebemos ali um novo nicho de mercado.

Poxa! Poderíamos vender ferro e montar uma distribuidora! Mas não havia dinheiro o suficiente para ter estoque que pudesse atender à demanda da cidade. Criei coragem novamente para falar com minha esposa e propor **outra vez vender nossa casa, ou seja, nosso apartamento, onde morávamos há três anos.**

Nessa conversa que eu tive com minha esposa, eu não fui muito bem compreendido. No momento, ela ficou irada. Era o apartamento dos sonhos, a profecia dos dentes das galinhas. Mas em um dia ou dois depois, em uma nova conversa, ela entendeu e aceitou.

Assim, com parte do dinheiro da venda, construímos um galpão no **Bairro Nossa Senhora de Lourdes**, na margem direita da **Rodovia Vinte e Sete de Fevereiro**, e o restante investimos em um pequeno estoque de ferro. E novamente passamos a morar de aluguel.

Nossos clientes começaram a nos pedir chapas cortadas e vimos a necessidade de termos uma guilhotina e uma dobradeira para cortar e dobrar as chapas. Nós fomos até o banco e financiamos em sessenta meses o primeiro casal de máquinas de corte e dobra de três metros. Instalamos na fábrica, e passamos a trabalhar em dois segmentos: fabricação de estruturas metálicas e distribuição de aços.”



No Bairro Nossa Senhora de Lourdes foi construída a nova sede da empresa ALUFER, cujos galpões tinham capacidade para abrigar o crescimento da produção.



O FIM AMIGÁVEL DA SOCIEDADE ENTRE OSCAR MARTARELLO E VELCI CANCELIER

“Eu tenho visto em muitas sociedades as pessoas terminarem de uma forma não amigável. E cada um começa, em um determinado momento, a ter opiniões diferentes, formas diferentes, mas não quer dizer que isso tenha que interromper a amizade.

Eu propus ao meu sócio, que dividíssemos a empresa e que um ficasse distribuindo aço e o outro construindo estruturas metálicas. Como ele gostava e conhecia mais da parte de estruturas metálicas, então ele passou a trabalhar com isso. Neste momento, deixou de existir a empresa **Alufer**, e a empresa do **Velci** passou a se chamar **Cancelier Estruturas Metálicas**. Eu fiquei com a parte de distribuição de aços, com o nome de **Perfimax**.

Preciso dizer que nestes dezessete anos de sociedade com Velci nunca trocamos uma palavra com farpas. Sempre mantivemos o maior respeito um pelo outro, e agradeço do fundo do coração ao Velci pela oportunidade e pela caminhada de quase duas décadas junto comigo.”

O NASCIMENTO DA PERFIMAX - AÇOS PLANOS

“Após a divisão da sociedade, passei a adquirir mais máquinas através das linhas de crédito, buscando atender a demanda que o mercado pedia. Avaliávamos e fazíamos um estudo muito aprofundado em busca da máquina necessária para atender a solicitação dos nossos clientes. Fui comprando dobradeiras e guilhotinas até conseguirmos passar para a dobradeira de oito metros, as primeiras e únicas até hoje no **Oeste de Santa Catarina**. Depois passamos para uma outra linha de perfil contínuo, chegando até os dias de hoje, com a grata satisfação de poder estar processando três mil toneladas de aço por mês.”



Vista aérea da atual sede da Matriz da Perfimax - Aços Planos, localizada na Rua Vinte e Sete de Fevereiro, na margem esquerda da Rodovia Rovilho Bortoluzzi.



EMPREENDEDORISMO

“Sempre que alguém me procura, eu tiro todo o tempo disponível para falar sobre empreendedorismo. Eu pergunto: ‘Você quer empreender? É uma tarefa árdua, um pouco difícil, mas desafiadora. É preciso ter foco, determinação, coragem, persistência, força e até mesmo uma dose de loucura. É preciso humor, algo que é difícil de explicar. Para empreender é preciso abrir mão de muitas coisas, das festas, do carro novo, das roupas de marca, das férias, das viagens a passeio.’”

Para empreender, é preciso sair da zona de conforto, ir além. Mas isso é só no início, tipo assim, nos primeiros quinze anos de empresa. Parece assustador, mas não é. É por isso que empreender é para poucos. Mas você é quem escolhe, quem decide. Se quiser viver acima da média, precisa se desafiar dia após dia. Quer começar a empreender? Quando as dificuldades se apresentarem, o colaborador estiver insatisfeito, o cliente pressioná-lo, o governo cobrá-lo e a concorrência for desleal, você não pode se sentar na cadeira de vítima, não. Jamais! Reclamação não pode fazer parte do seu vocabulário.

Mesmo quando não sentir mais suas pernas, seus braços, e parecer que sua cabeça vai explodir, é preciso arrancar força do fundo do coração, do fundo da alma.

Não falo isso para desestimular, não, muito pelo contrário, só estou dando as boas-vindas ao mundo mágico do empreendedorismo, dos sonhos, das conquistas, do novo, do reinventar-se a cada dia, do ilimitado, de chegar onde poucos conseguem chegar. Mas isto só depende de você e de mais ninguém para ter atitude. Ninguém poderá impedir ou te projetar para o futuro. Você faz seu próprio destino.”

FRASES REPETIDAS POR OSCAR MARTARELLO

*Você será do tamanho da pressão
que consegue suportar.*

(Oscar Martarello)

*Viva todos os dias como se fosse o último,
porque um dia vai ser.*

(Desconhecido)

*Não sobrevive o mais forte nem o mais inteligente,
mas o que se adapta às mudanças.*

(Charles Darwin)

*Perigoso não é pensar grande e não conseguir,
perigoso é pensar pequeno e conseguir.*

(Luiz Marins)

*Algo só é impossível até que alguém duvide
e prove o contrário. A maioria de nós prefere
olhar para fora e não para dentro de si mesmo.*

(Albert Einstein)

*Um pessimista vê uma dificuldade em cada oportunidade;
Um otimista vê uma oportunidade em cada dificuldade.*

(Sir Winston Churchill)

*Pior do que você preparar seu colaborador e ele sair,
é você não prepará-lo e ele ficar.*

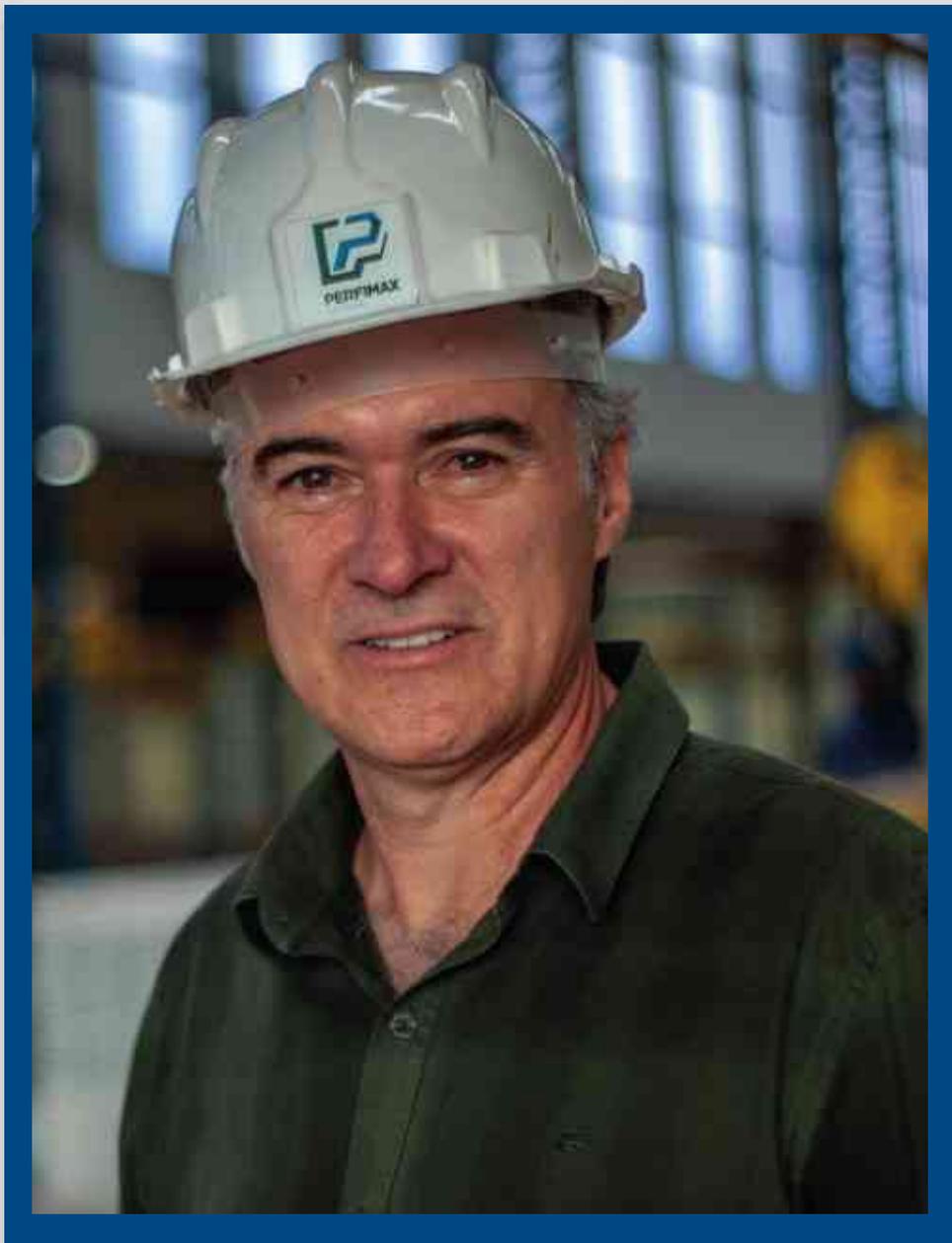
(Desconhecido)



"Navegar é preciso; viver não é preciso." Este verso do poeta português Fernando Pessoa também era sempre citado por Ulisses Guimarães.

Oscar apresenta uma releitura da frase:

*"Empreender é preciso. Viver não é preciso.
Empreender é preciso no sentido de 'precisão'. Viver aceita diferenças.
Empreender é uma ciência exata. Viver é uma interpretação.
Empreender não aceita erros. A vida é feita de erros e acertos.
Empreender é exato. Viver não é exato."*



"Eu levo a vida de uma forma simples, como ela é, e aí as coisas acontecem. Eu acredito que se aceitarmos as coisas difíceis, se entendermos que tudo é um momento de superação e tudo tem seu propósito, com certeza, nossa caminhada fica mais leve."



“SEM LIMITES”





PARA CRESCER”



Oscar Martarello



DEPOIMENTOS

Vânio Cezar Casagrande Supervisor de Produção

“Eu comecei na **PERFIMAX** ainda adolescente, quando a empresa se chamava **Metalúrgica Alufer** e a sede era na **Avenida Brasil**.

Minha primeira função foi abrir valetas, vinte anos atrás. Hoje, minha função dentro da empresa é de **Supervisor de Produção**.

Trabalhar com o **Oscar Martarello** é bom demais. Ele é um cara muito gente boa. Um ser humano especial. Para tudo o que a gente precisar, ele está disposto a ajudar. Enquanto diretor da empresa e proprietário, ele tem uma dinâmica excelente, valorizando sempre cada funcionário e oportunizando que todos possam crescer, aprender e evoluir dentro da empresa.

Ao mesmo tempo em que trata a todos igualmente, tem um olhar especial para cada um.”



Lucas Vinicius Martarello Gerente de Vendas

“Sou formado em **Administração** e pós-graduado em **Gestão de Empresas**. Atualmente na **Perfimax**, minha função é de **Gerente de Vendas**.

Trabalhar na empresa da família é bacana. Acho que hoje eu teria que me adaptar se fosse trabalhar numa empresa não familiar. Busco me profissionalizar o máximo possível. Mesmo a empresa sendo da família, tenho salário fixo e muitas obrigações. A peculiaridade é o fato de construir algo junto com a família, compartilhando experiências. Como cada qual tem suas funções, não há um manda e desmanda. Se tem mais liberdade, mas também muita responsabilidade.

Meu pai **Oscar** sempre foi muito atencioso com os filhos. É um cara muito generoso e sensível. Já vi ele deixar de pôr açúcar no seu café para que não faltasse açúcar para adoçar o café de minha mãe.

Conosco, seus filhos, é a mesma coisa. Até hoje, se estivermos comendo uma barra de chocolate e oferecermos um pedaço a ele, discretamente ele diz que não está a fim. Isso para que sobre mais para nós. Ele tem isso. Acho que pela necessidade que ele passou na vida.





Meu pai sempre foi se de se doar muito por nós. É capaz de fazer qualquer sacrifício pelo nosso bem-estar e nossa felicidade. Eu sou o mais velho. Depois de mim vem a **Polyana**, o **Felipe** e a **Pamela**.

Esse jeito de ser do meu pai, também se reflete em todas as outras coisas. Tudo o que ele faz na vida e no trabalho é sempre em função de proteger a família.

Na empresa, ele é o diretor, então, obviamente, a última palavra é sempre dele, até pela soma de experiências que ele tem. Mas, na medida em que nós vamos aprendendo, nos tornamos cada vez mais parceiros. Quando temos uma ideia, ele escuta, e às vezes argumenta que tal coisa não pode ser feita em função disso ou daquilo. Outras vezes, diz que é interessante e que podemos construir juntos.

Ele sempre foi super cabeça aberta para conversar. Muitas vezes eu e meu irmão brincamos que a maioria da juventude, ao terminar uma faculdade, chega nas empresas, principalmente nas empresas familiares, cheios de gás, querendo revolucionar tudo e encontram um pai com a cabeça mais fechada, conservadora.

Na nossa empresa é tudo ao contrário. Eu, meu irmão e minha mãe somos a ala mais conservadora. Estamos sempre indagando: **‘Será que devemos fazer isso?’**, e meu pai é um cara completamente audacioso, um empreendedor nato. Meu pai tem uma motivação incrível para empreender. Ama o que faz e ama trabalhar.

Se por acaso alguém dissesse que ele poderia se aposentar e que não precisaria mais trabalhar, certamente ele adoeceria. Meu pai **Oscar** está sempre pronto e cheio de energia para resolver qualquer problema, seja dentro da empresa ou na sociedade. Quando ele sabe de algum problema dentro de alguma entidade, de imediato ele busca resolver. A exemplo, o **Lar do Idoso**. Ele está sempre participando na busca de soluções. Além de ter uma capacidade de mobilizar meio mundo. Esse é o combustível dele.

Poucas pessoas têm essa capacidade de entrega. Isso certamente vem do fato de que, na sua juventude, quase não existia trabalho, e as pessoas passavam por muitas necessidades. Meu pai teve que correr atrás de tudo para se manter e na sequência manter sua família. Passou por muitas privações e enfrentou grandes dificuldades.

Já eu e meus irmãos encontramos um mundo mais tranquilo. Claro que não nascemos em berço de ouro, mas não passamos pelo que nosso pai passou. Somos de gerações diferentes e obviamente temos uma visão diferente de mundo. Admiramos muito nosso pai, nutrimos um carinho profundo e especial por ele. Quando olhamos de fora para o empresário empreendedor, temos absoluta certeza de se tratar de uma pessoa simplesmente incrível.”

Vania Maria Cancelier Martarello

Gerente Financeira

“Eu vejo no **Oscar** uma pessoa séria e de bom caráter. Ele veio de uma família que lhe deu uma boa criação e educação. É um homem que sabe respeitar todos.

Desde que nos conhecemos, trinta e três anos atrás, ele me chamou a atenção por ser uma pessoa especial, então, naquele momento, o escolhi para ser meu namorado, e quem sabe um dia, esposo e o pai de meus filhos, tendo assim, a chance de construir uma grande família.

Ele é descendente de italianos e eu, de poloneses. Somos oriundos de famílias humildes e com bastante filhos.

Namoramos por três anos e resolvemos nos casar. No começo, nos deparamos com muitas dificuldades e por diversas vezes tivemos que parar e conversar, porque sabíamos que não poderíamos desanimar, e sim, seguir sempre em frente.

Enfrentamos muitos desafios. Sempre fui uma mulher cuidadosa e estive ao seu lado, apoiando e cuidando da casa e dos nossos filhos. Depois de tantas ideias para o futuro, com muita coragem, abraçamos o sonho de montar uma empresa.

Nesta caminhada, surgiram muitas dúvidas: ‘Será que vai dar certo? Será que esse é o caminho?’ Enfim, lá fomos nós, enfrentar mais um desafio sem ter conhecimento suficiente, nem saber o que iria acontecer.





Graças a Deus continuamos lutando com esforço físico, mental e espiritual. Somos pessoas de origem humilde mas sempre alimentamos a esperança de um dia ter um trabalho que pudesse nos render um bom salário. Hoje cremos que **Deus** foi tão bondoso que nos concedeu a graça de estar à frente de uma boa e próspera empresa.

A minha função sempre foi de cuidar com muita atenção do setor financeiro, e hoje me orgulho ainda de ter os meus filhos como suporte principal em todos os setores da empresa.

Tudo isso nos enche de alegria, pois estamos construindo, ensinando e aprimorando o setor da indústria e comércio de ferro e aço. Ao falar sobre isso, lembro que meus pais tinham uma ferraria também. Eram ferreiros ferrenhos na batalha do dia a dia.

Eu descreveria o **Oscar** como um homem fantástico. Ele é audacioso, é aquele que participa de tudo e está atento a tudo o que acontece. Nossa vida social é superativa. Às vezes eu até cobro para que ele se envolva um pouco menos nas questões sociais. Mas não tem jeito, ele está sempre envolvido em alguma coisa.

Aqui na empresa, ele está sempre pensando lá na frente, sempre empreendendo, então eu cobro para que ele vá mais devagar. No entanto, também percebo que a própria empresa acaba cobrando mais crescimento.

Não pensávamos que a empresa fosse crescer tão rápido. Imaginávamos que chegaríamos a um patamar e ficaríamos nele. Só que não, o **Oscar** é um empreendedor visionário. Às vezes falo para meus filhos que chegou o tempo de trabalharem e fazerem a empresa funcionar. Antes não acreditávamos que eles seriam capazes, então sempre deixamos claro a eles que o dinheiro não era nosso, era da empresa, e que nós seríamos a quinta prioridade para usar esse dinheiro.

No começo eles ficavam me olhando e, espantados, falavam: '**Nossa, mãe. Para que isso?**', então eu e **Oscar** explicávamos que primeiro era importante investir na empresa, fazê-la crescer, e somente depois usufruir. Hoje nós temos uma grande admiração por nossos filhos, pois eles entenderam que valeu a pena a gente trabalhar e investir.

Tem horas em que o Oscar está no escritório, horas que está na produção, enfim, em toda parte, sempre olhando uma coisa, mudando outra, vendo o que está certo e o que está errado. Ele analisa algo e no dia seguinte, já vem com um pensamento de ampliar tudo.

A nossa relação, principalmente do **Oscar** com os funcionários, é muito boa. A gente sempre diz que uma equipe de trabalho é uma segunda família. Aqui cada um desenvolve a sua função e tudo dá certo. Constantemente realizamos reuniões para para sabermos da opinião de todos sobre a empresa, se estão confortáveis com o que está acontecendo no dia a dia e o que a gente precisa mudar.

Colocamos nossa opinião e ouvimos a opinião deles. Assim, nos entrosamos para a melhoria de tudo, tendo um constante feedback de como eles estão se sentindo. Pelo que se percebe, todos gostam de trabalhar aqui. Temos funcionários/colaboradores que estão conosco há vinte e sete anos. Alguns entraram adolescentes e hoje são senhores cinquentões.”



*Vânia, Oscar, Polyana, Lucas, Pamela e Felipe
Família de Oscar Martarello*



ACIX E O ASSOCIATIVISMO

“O associativismo é a melhor forma das empresas se organizarem na busca de conhecimento, informação e força para reivindicar ações para o crescimento e desenvolvimento do setor produtivo. E a **ACIX** faz um papel elogiável, fundamental para o empresariado xanxerense e para toda a sociedade, trazendo informações, cursos, palestras, organizando núcleos setoriais e participando de ações e eventos que buscam o crescimento do nosso município.

Parabéns à **ACIX** por ser o grande pilar da sustentabilidade econômica e do progresso de **Xanxerê**.”

PRÊMIO EMPRESÁRIO DO ANO 2010

“Em dois mil e dez eu tive o privilégio de ser escolhido **Empresário do Ano** de **Xanxerê**. Foi uma honra e um susto porque, até então, eu tinha pouca expressão na sociedade, então foi algo assustador para mim, isso porque era a segunda edição do prêmio **Empresário do Ano** e tinha muitos empresários merecedores deste troféu. Mas posso dizer que foi um prêmio que serviu de combustível pra empreender cada dia ainda mais.

Este troféu eu dediquei e dedico sempre aos **CLIENTES** que deram um voto de confiança para nós lá no início da nossa caminhada quando não tínhamos um nome que inspirasse confiança.

Aos nossos **FORNECEDORES** que também acreditaram na nossa empresa e nos deram muitas informações do mercado do aço.

Aos **AMIGOS** que nos momentos difíceis, naquela hora em que você está quase jogando a toalha, vem um ombro amigo e diz ‘**Aguenta firme Oscar, siga em frente, não desista, a vida é dura para quem é mole.**’

Aos nossos mais de cento e cinquenta **COLABORADORES**, que sempre vestiram a camisa da **Perfimax**, que sempre deram seu máximo.

À minha **FAMÍLIA**, minha esposa **Vânia** e nossos filhos **Lucas Vinicius, Polyana, Felipe e Pamela**, que são a minha inspiração, minha fonte de energia.

E por fim a **DEUS** que tem me dado força, discernimento, coragem e tudo isso que mencionei acima.

Fazendo uma retrospectiva, eu vejo que devo trabalhar muito ainda, que devo retribuir até o último dia da minha vida, porque a vida tem sido muito generosa comigo, porque **DEUS** tem sido muito generoso comigo.

SOU MUITO GRATO POR TUDO.”





Biografia do Empresário do Ano 2011

ARMANDO HACKER





NUM PEQUENO LUGAREJO, O FOCO E A FÉ, ALIADOS À CRIATIVIDADE, FIZERAM BROTAR E CRESCER UMA GRANDE EMPRESA - HACKER INDUSTRIAL

Um pouco antes da divisa do município de Xanxerê com Bom Jesus, na Rodovia SC 480, Km 82, avista-se uma placa e um pequeno trevo que indicam o acesso à Vila Hacker.

A Vila Hacker compõe-se de algumas casas de moradia, dezenas de barracões e imensos pátios que abrigam a Hacker Industrial e sua gigantesca produção.

À medida que se percorre seus barracões, os olhos dos visitantes vão ficando cada vez menores, embora arregalados com o tamanho das peças produzidas em majestosas máquinas. Cada barracão cumpre uma etapa da produção. Vendo as peças separadas, elas já impressionam pelo tamanho. Antes mesmo de seguir a caminhada, o visitante fica perplexo em saber que longe do centro urbano da cidade de Xanxerê, em uma pequena vila, existe uma indústria capaz de produzir imensas peças que, por sua vez, ao serem anexadas uma à outra, transformam-se em gigantescas turbinas.

Seguindo o caminho, muitos outros barracões vão surgindo. Só então o visitante respira fundo e entende a grandeza de tudo o que vê. No conjunto de tudo, parece ser uma cidade industrial, onde nos imensos pátios, ruas, caminhões de dimensões avantajadas encontram-se carregados com turbinas para usinas hidrelétricas de variados tamanhos.

Em meio a tanto aço e tanta modernidade, alguns barracões notoriamente são bem antigos, velhos, porém, muito bem conservados, preservados como testemunho de um passado que alicerçou o presente. Digamos que foram ali mantidos como um gesto de afeto e gratidão a quem, em outros tempos, construiu o primeiro.

Passeando pela Vila Hacker e visitando cada barracão, o visitante percebe uma organização impecável em cada espaço. Não há acúmulo de sobras pelo chão. Vê-se o tempo todo, pessoas recolhendo refugos e armazenando em recipientes próprios para isso.

Os caminhos que ligam um espaço a outro são desprovidos de entulhos e proporcionam segurança e tranquilidade para circular por toda a área industrial.

É longa a caminhada e deve ser feita sem pressa, porque o anfitrião que gentilmente acompanha o visitante, é o senhor Armando Hacker. Um homem que no primeiro momento, até se apresenta um pouco sério e introspectivo. Mas bastam alguns minutos de convivência, para que se perceba tratar-se de um homem que esbanja carisma e simpatia.

Sem pressa, o anfitrião conduz os convidados, explicando em pormenores detalhes como funciona essa grande empresa que produz turbinas e tudo mais que se faz necessário para construir uma usina hidrelétrica.

Em pouco tempo, os visitantes se dão conta de que estão diante de um "homem notável", uma pessoa que respira e transpira trabalho e que, por assim ser e agir, transborda felicidade. Ao mesmo tempo que demonstra um grande respeito e afeto aos antepassados, seus pais Carlos Emílio Hacker e Hilda Knöner Hacker, responsáveis pelo princípio de tudo, pois foram eles que, ao migrarem do Rio Grande do Sul para o Oeste Catarinense, escolheram o interior de Xanxerê para plantar suas vidas e seus sonhos.

As raízes da família de Armando Hacker vêm de além-mar, da longínqua Alemanha.

Convidamos os estimados leitores a conhecer um pouco da vida e do trabalho deste fascinante empreendedor, agraciado com o prêmio Empresário do Ano 2011.



Armando Hacker nasceu em 16 de Junho de 1957, na comunidade de Paulo Bento, interior do município de Erechim - RS. Filho de Carlos Emílio Hacker e Hilda Knöner Hacker. Casado com Claudete Monteiro Hacker, com a qual tem os filhos Alcemir e Claudemir, e os netos Henrique Carlos, Guilherme Augusto, Helena, Lauren e Ana Luiza.



Karl Hacker e Luiza Ana Maria Dassow Hacker (Segunda Esposa de Karl).

ORIGENS E RAÍZES DAS FAMÍLIAS HACKER E KNÖNER

O avô paterno de **Armando Hacker** se chamava **Karl Hacker**. Sua primeira esposa foi **Katarina Pfafemberg**. **Karl Hacker**, após servir no exército alemão, converteu-se à **Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Antes, ele e sua família eram **Luteranos** (instituição religiosa criada por **Martinho Lutero**, cuja teologia questionava o catolicismo).

Karl Hacker tornou-se um missionário adventista e passou a viajar por toda a **Alemanha** vendendo bíblias e revistas que pregavam o adventismo. Nessa caminhada, conheceu sua esposa **Katarina** com a qual casou e teve um filho chamado **Ernst**. **Katarina**, após o nascimento de seu filho, passou a sofrer de uma profunda anemia, devido à grande quantidade de sangue que perdeu durante o parto. Os médicos aconselharam **Karl** a mudar para algum país que tivesse um clima tropical, pois o calor seria benéfico para tratar a anemia da esposa.

Por outro lado, haviam muitos rumores que indicavam que poderia acontecer uma grande guerra que envolveria e afetaria toda a **Europa** e outros importantes países do mundo. Ao mesmo tempo, havia uma grande campanha promovendo a imigração de alemães para o **Brasil**. Esta campanha já se fundamentava no crescimento populacional e na pouca terra para o cultivo. Assim, o **Brasil** se apresentava como uma boa opção para muitas famílias.

A CHEGADA DA FAMÍLIA HACKER NO BRASIL

Karl e **Katarina** chegaram no porto do **Rio de Janeiro** em **27 de Outubro de 1913**, acompanhados de seu filho **Ernst**, já com 14 anos de idade. Depois de cumprirem os processos burocráticos de imigração, embarcaram em um navio costeiro que os conduziu ao porto de **Rio Grande**, no extremo sul do **Rio Grande do Sul**. Dali, seguiram em viagem de trem até **Santa Maria da Boca do Monte**, no centro do estado gaúcho. Na sequência, tomaram outro trem com destino à comunidade de **Estação Getúlio**. Esta comunidade foi assim nominada ainda antes da ascensão de **Getúlio Vargas** ao poder, então o nome nada tem a ver com o presidente, que em 1954, ‘saiu da vida para entrar na história’.”



Este lugarejo, havia sido previamente escolhido pelos líderes da **Igreja Adventista do Sétimo Dia**, na **Alemanha**, como destino do missionário **Karl Hacker**. Foram os **Adventistas** que informaram **Karl** dos rumores de que a **Primeira Guerra Mundial** estava prestes a acontecer. E de fato, 5 anos depois, em **1918**, a guerra eclodiu, primeiramente atingindo os países germânicos. O estopim da guerra explodiu com o assassinato de **Francisco Ferdinando**, herdeiro do **Império Austro-Húngaro**, e de sua esposa **Sophie**,

Para **Karl Hacker** foi um grande alívio, pois ele, enquanto soldado, fazia parte da linha de frente do exército alemão e certamente seria um dos primeiros a ser convocado para as batalhas da **Primeira Guerra**. Assim, imigrar para o **Brasil**, além de ser salutar para sua esposa, permitiu que ele escapasse de talvez perder a vida em um campo de batalha.

Armando Hacker relata que seu avô **Karl**, um certo tempo depois que chegou ao **Brasil**, enviuvou e casou-se com **Luiza Ana Maria Dassow Hacker**, considerada 'alemã-russa', pois era oriunda de uma antiga região que, no passado pertenceu à **Prússia**, antes da formação da **Alemanha** atual.

O segundo casamento de **Karl Hacker** gerou **Carlos Emílio, Fritz, Herta, Siegfried e Giorg**, que faleceu quando tinha um ano e meio de vida. **Armando** conta que não chegou conhecer seu avô **Karl**, que faleceu no ano de **1950**. **Armando** nasceu sete anos mais tarde, em **1957**. Acrescenta: *"Meu pai Carlos contava que meu avô Karl, nos primeiros dois anos, recebia uma espécie de salário para exercer a função de Missionário da Igreja Adventista no Brasil."*

"Quando meu avô veio para o Brasil e passou a morar no interior, a intenção era continuar vendendo bíblias e ser missionário, porém, não tinha para quem vender, e mais, ele só falava alemão. Então, em função dessa dificuldade, a solução que ele encontrou foi se tornar agricultor."



Karl Hacker, avô paterno de Armando Hacker.

AVÓS MATERNOS

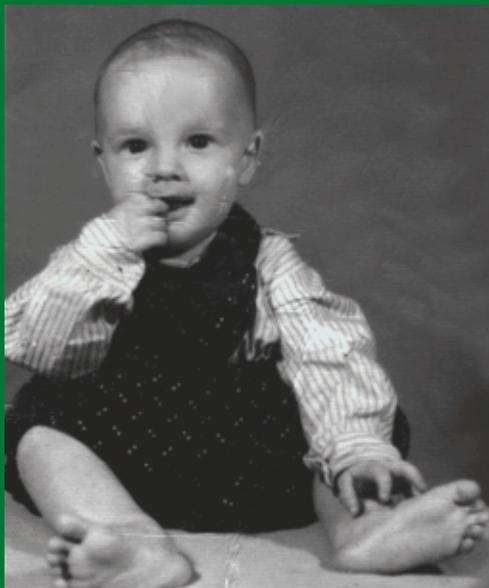
O avô materno de **Armando**, pai de **Hilda Knöner Hacker, Guilherme Knöner**, também chegou no **Brasil** na mesma leva de imigrantes de **1913**, quando tinha perto de 9 anos. No **Brasil**, já adulto, se casou com a brasileira **Georgina de Quadros**, que acrescentou em seu nome, o sobrenome **Knöner**. Quando pequena, **Georgina** foi adotada por uma família de imigrantes alemães, assim, aprendeu a falar, ler e escrever perfeitamente na língua alemã.

PESQUISA E CUIDADO PARA SALVAGUARDAR SUAS ORIGENS

Armando relata: "Nós conseguimos reunir e investigar a história da família Hacker até chegar no avô do meu bisavô. Encontramos a data de nascimento, de falecimento, com quem se casou, quantos filhos teve, enfim, conseguimos reunir documentos e registros desde mil e setecentos."



Esta é a primeira moradia construída por Karl Hacker, recém chegado da Alemanha, no lugarejo denominado "Estação Getúlio".



Armando Hacker quando bebê.

A INFÂNCIA

“Minha infância foi vivida em **Paulo Bento**, a quatorze quilômetros de **Erechim**. Nesta região, meu avô **Karl Hacker**, havia comprado uma colônia de terra e ali se instalou com a família. Tenho uma tia e primos morando lá. Esta colônia de terra fica à beira de uma rodovia, no sentido que vai a **Jacutinga** e **Campinas**. A comunidade mais próxima da nossa terra era **Pinhal**. Meu pai **Carlos** e minha mãe **Hilda** tiveram poucos filhos, eu, que sou o mais velho, e minha irmã **Marli**.”

O MENINO SOLITÁRIO

“Eu sempre brinquei um pouco sozinho, porque não tinha ninguém para brincar comigo. Eu era mais velho que minha irmã, que além de tudo, era menina. Naquela época, as brincadeiras de meninos e meninas eram muito diferentes. Desde pequeno, talvez até por brincar sozinho, aprendi a gostar de inventar coisas. Era algo natural. Inventava com muita facilidade.”



Armando Hacker e sua irmã Marli quando bebê.



Armando com seu pai Carlos e sua mãe Hilda.

O NASCIMENTO DE MINHA ÚNICA IRMÃ

“Em mil novecentos e sessenta e um nasceu minha irmã **Marli**. Bem próximo à nossa casa, morava um tio que tinha quatro filhos, assim, além da **Marli**, haviam outras crianças, meus primos, para os quais ensinei o que eu aprendi na aula, principalmente o português. Então, quando eles começaram a ir na escola, já sabiam falar português fluentemente.”

MEUS PAIS

“Meu pai era um homem muito dedicado ao que fazia, um grande inventor. Isso ele aprendeu com meu tio **Ernst**, que era praticamente um gênio na arte de criar e inventar coisas. Assim, meu pai seguiu pelo mesmo caminho. *Um homem que amava trabalhar. Era caprichoso e perfeccionista. Sua maior qualidade era fazer tudo muito bem feito. Tinha uma personalidade repleta de qualidades. Tudo o que eu aprendi profissionalmente na minha vida foi meu pai que me ensinou.*

Ele e meu tio fabricavam rodas d'água, e como tinham uma ferraria, fabricavam diversos utensílios, inclusive carroças por completo. Meu pai também era um excelente carpinteiro. Não havia móvel que ele não desse conta de fazer. Em mil novecentos e cinquenta e um ele criou a primeira turbina e já pôs ela a trabalhar. Por mais de dez anos, essa turbina foi usada para carregar as baterias de rádio, porque naquele tempo não existia pilha, as coisas funcionavam à base da bateria, e elas descarregavam. Como meu pai tinha uma turbina, as pessoas traziam as baterias para carregar. E assim, desde pequeno eu fui aprendendo, trabalhando ao lado dele.

Então aquela turbina produziu luz para nossa casa e para a casa do meu tio durante muitos anos. De dia carregava baterias e de noite produzia luz. Assim, meu pai e meu tio dispunham de energia elétrica no interior, num tempo em que as cidades sequer tinham iluminação pública. Foi assim que a família **Hacker** começou a produzir turbinas. As rodas d'água, que movimentavam os moinhos para fazer farinha, as tafonas que produziam farinha de mandioca, as serrarias... Enfim, todas essas fábricas que dependiam do movimento da água passaram a funcionar com a energia das turbinas.

Ao nos educar, ele também cobrava que fizéssemos tudo certinho. Reprendia quando precisava, mas também era um cara amigo e muito afetuoso. A casa em que ele morava na Vila Hacker ainda está bem conservada, pois cada vez que olho para esta casa, lembro também de minha mãe, que era uma pessoa calma, tranquila, carinhosa e muito cuidadosa com os filhos e tudo mais.

Minha mãe era especialista em fazer cucas, pão integral e mais uma porção de coisas boas.”



*Da esquerda para direita, ao fundo: Neli e Siegfried Hacker, Frederica Knöner, Hilda Knöner e Carlos Emílio Hacker, Armando Hacker (em pé no cercado) e um casal de vizinhos da família.
Na frente: Luíza Ana Maria Dassow Hacker, Elvira Knöner Hacker e Fritz Eugênio Hacker, com seus filhos.
Comunidade de Paulo Bento, interior de Erechim - RS.*

ARMANDO HACKER DESDE MUITO CEDO APRENDENDO A EMPREENDER

“A família do meu avô **Karl** na **Alemanha** já estava bem conectada à modernidade da industrialização. Quando meu avô adquiriu essa colônia de terra, usufruiu seus últimos anos de vida para passar aos filhos muitos conhecimentos. Comprou um velho moinho para moagem de grãos - visto que as famílias alemãs, tais como as famílias italianas, utilizam a farinha na sustentação básica de suas famílias - e também uma serraria. Eram maquinários gastos e velhos, mas **Ernst**, meio irmão do meu pai, que é trinta anos mais velho que ele, herdou do pai o talento para lidar, criar e transformar maquinários. *Então juntos, meu pai e meu tio, não ficaram presos somente ao cultivo da lavoura, mas tornaram-se produtores e comerciantes empreendedores.*

Meu avô Karl, antes de falecer, instruiu meu pai para que cuidasse de sua mãe Luíza e de seus irmãos e irmãs, bem como mantivesse em funcionamento o moinho e a serraria. Meu pai Carlos tinha vinte anos quando meu avô faleceu. Meu tio, que era um grande inventor, ajudou muito meu pai a desenvolver engenhocas, tais como rodas d'água, e até pequenas turbinas. Isso deu um bom ânimo e forças para meu pai continuar.

No decorrer do tempo, os dois irmãos construíram uma serraria bem maior e mais equipada. Por mais de vinte anos, transformaram imensos pinheiros em tábuas.

Quando eu nasci, já não existia mais o moinho, mas lembro que nossa casa era bem grande, no estilo alemão, bangalô, com quatro telhados. Eu cresci nessa casa, onde no porão funcionava uma ferraria e também uma marcenaria, pois meu pai também fabricava móveis. Neste casarão, eu vivi até meus dezessete anos.”



Serraria em Paulo Bento. Armando é o menino sentado nas toras.

A ESCOLA

“Lembro que quando completei sete anos, meu pai me levou na escola. A escola ficava a três quilômetros da nossa casa na comunidade de **Pinhal**. Quando meu pai me deixou na escola, na hora pedi para voltar com ele, porque era tudo muito estranho, e eu não sabia falar nada em português, só falava alemão. Para complicar, me criei em uma comunidade em que a maioria das pessoas era de italianos, assim, eu compreendia o mínimo da língua italiana. Na minha família só nos comunicávamos em alemão. Haviam também alguns poloneses que só falavam na língua deles, e outros vizinhos búlgaros e russos. Resumindo, era uma porção de línguas diferentes que impossibilitavam qualquer comunicação mais profunda para uma criança de sete anos. Então, vivi de modo muito solitário e com muita dificuldade de me enturmar até os sete anos de idade.

Depois de três meses na escola, comecei a falar algumas poucas palavras em português. Não havia outro jeito, até porque, não tinha nenhuma outra criança na escola que falasse alemão como eu. E para complicar tudo e mais um pouco, o professor era um polonês, dando aula em português.

Assim, foi bem difícil me alfabetizar na língua portuguesa, mesmo sendo brasileiro de nascimento. Mas com o passar do tempo, tudo foi ficando fácil. Não me sentia mais um menino solitário e consegui aprender a escrever e falar português, uma língua que a princípio parecia ser de outro planeta. A necessidade obriga.

Nessa escola, eu repeti o primeiro ano, mas depois deslanchei. Mudei-me para uma outra escola na comunidade de **Paulo Bento**, onde prestei exame de admissão para o ginásio. Era um livro deveras grosso. Depois do ginásio, que naquele tempo praticamente correspondia ao ensino médio de hoje, só havia um grau maior de estudo em **Erechim**. Para tal, não havia meio de transporte.”



MOTIVAÇÃO PARA VIR MORAR EM XANXERÊ

Armando Hacker chegou em **Xanxerê** no ano de **1974**, no desabrochar da adolescência, aos 17 anos de idade.

No **Rio Grande do Sul**, seu pai **Carlos** e seus irmãos tinham como principal ramo de atividade uma serraria onde trabalharam por 20 anos a fio. **Ernst**, o irmão trinta anos mais velho do **Sr. Carlos Hacker**, havia ido morar no **Paraná**. Assim, **Carlos** ficou trabalhando com seu irmão mais novo **Siegfried**.

Nesse tempo, havia um instituto de reflorestamento denominado **Instituto Pin**. Este instituto cobrava das serrarias uma taxa para reflorestamento. Esta taxa, de acordo com o instituto, era utilizada para reflorestar as áreas principalmente de pinheirais que eram retirados para fabricação de madeira.

Aconteceu então, que na região de **Pinhal** onde tinham a serraria, o pinheiro já estava acabando. Os dois irmãos, perceberam antecipadamente que aquele ramo de atividade, principalmente no **Rio Grande do Sul**, não duraria muito. Como eram possuidores de um certificado especial, uma espécie de licença ambiental, eles optaram em vender essa licença para uma indústria madeireira.

Armando Hacker salienta: “Tomara que o dinheiro pago por meu pai a este instituto de reflorestamento de fato tenha sido investido na criação e preservação de florestas, tais como a Floresta Nacional de Chapecó.

Meu pai e meu tio **Siegfried** deram o primeiro passo para a mudança quando conseguiram vender a licença para exploração de madeira. O segundo passo, foi a venda da serraria para um tio de minha mãe **Hilda, João Knöner**, que já residia no interior de **Xanxerê**.

A família **Knöner** veio do **Rio Grande do Sul** para **Xanxerê**, antes da família **Hacker**. **João Knöner**, mesmo residindo aqui, adquiriu a serraria que os **Hacker** possuíam em **Paulo Bento**.”

MEU TIO EMPREENDEDOR

“Meu tio Siegfried, o irmão mais novo de meu pai Carlos, nesta época, já era um empreendedor por natureza. Fabricava azeite de amendoim, torrava cevada para fazer café, torrava e fazia doce de amendoim, e inclusive, a folclórica chimia. Esses produtos todos, ele vendia até nos encontros dominicais da igreja lá em Pinhal. Naquele tempo, era habitual os colonos venderem seus produtos para algum atravessador que abastecia os mercados da região.”

A CHEGADA EM XANXERÊ

“Meu pai, Carlos, e meu tio, Siegfried, foram pioneiros na criação e fabricação das turbinas. Meu pai resolveu se desfazer dos negócios que tinha lá no interior de Erechim, em Paulo Bento, e vir de mala e cuia para Xanxerê.

Comprou uma área de terra aqui neste lugar que se chama Linha São Lourenço, mas que por sua vez, abriga a Vila Hacker. A denominação de Vila Hacker foi dada para facilitar a localização do endereço.

Meu pai comprou o equivalente a oito alqueires de terra na comunidade de São Lourenço. Ele havia comprado esta terra oito anos antes de vir morar nela. Nessa comunidade, além de morar o tio de minha mãe, também viviam muitos caboclos. Vez que outra meu pai vinha visitar este tio e já pensava que a terra seria um lugar propício para produzir turbinas para os moinhos. Naquela época, as terras por estas bandas não valiam muito. Qualquer um que chegasse por aqui encontrava muita facilidade para adquirir grandes áreas de terra.

Meu pai foi muito visionário. Oito anos antes, ele já alimentava a ideia de fabricar turbinas. Ele sabia que as turbinas seriam cada vez mais necessárias para fazer movimentar os moinhos para fabricação de farinha de milho, trigo e outras máquinas mais.

Ainda lá no Rio Grande do Sul, ele já fornecia turbinas para a região do Oeste Catarinense e algumas cidades do Paraná: Pato Branco, Dois Vizinhos, Francisco Beltrão, Cascavel... Além de produzir as turbinas, ele as transportava e instalava para quem as comprasse. Meu pai era conhecido nos três estados do sul do Brasil, como “O Alemão das Turbinas.”



Esta turbina fabricada por Carlos Emílio Hacker, continua em atividade há mais de 50 anos no município de Sertão - RS.

Armando Hacker salienta que ainda antes de virem para **Xanxerê** houve uma preparação especial. A casa em que morariam e a oficina estavam pré-montadas. Assim, dois dias após a chegada, os **Hacker** já estavam com tudo funcionando. Somente o moinho não foi construído.

Armando relata: “Naqueles tempos, principiou um grande êxodo migratório por parte dos colonos, que vendiam suas terras e debandavam para morar nas cidades. Os granjeiros foram comprando terras e mais terras e, com isso, a população rural foi diminuindo cada vez mais. *Então, minha família decidiu não mais lidar com os moinhos, mas sim continuar e focar na área da indústria com a fabricação de turbinas.*”

Ao sairmos do **Rio Grande do Sul**, perdemos praticamente toda a nossa clientela. Meu tio, que lá ficou, até fabricava alguma coisa, mas sempre foi meu pai que atendia à demanda maior. Contam que as pessoas iam a **Paulo Bento** procurar pelo ‘**Alemão das Turbinas**’, mas, já estávamos em **Xanxerê**, onde tivemos que construir uma nova clientela.

Nossas turbinas alimentavam as serrarias, moinhos e pequenas centrais de energia para casas. Não chegava a ser uma usina, pois era bem pequena. As primeiras turbinas eram feitas de aço, ferro e até madeira era usada na produção. Porém em **Xanxerê**, meu pai passou a fazê-las por inteiro de ferro. Comprava-se o ferro e se forjava batendo. Então curvava para dar forma. *Meu pai era um modelista. Primeiro fabricava os modelos em madeira, depois fundia o ferro e ia montando as turbinas. Assim a peça saía pronta.*



No começo, foi um pouco difícil construir uma clientela. Procurávamos os clientes por todo lado, mas como a agricultura começava a se expandir e ficar forte, passou a existir a necessidade de limpar a terra cheia de tocos, pedras, raízes... Com isso, as máquinas quebravam muito. Assim, passamos um longo tempo trabalhando no conserto de máquinas agrícolas.

Na sequência, as lavouras foram ficando cada vez maiores, então o serviço de consertos foi diminuindo. Só consertávamos quando realmente era necessário, porque as pessoas não tinham a quem recorrer, até porque, desde o começo, nossa prioridade era a produção de turbinas.”

Alcemir, filho de Armando, argumenta que esse tipo de prestação de serviço que os Hacker ofereciam demorou para se extinguir. Diz ele: “Eu lembro do pessoal vindo com os tratores e colheitadeiras quebradas. Estacionavam aqui para soldar alguma peça quebrada. Foi difícil a gente se desvincular dessa atividade e dizer que aqui não soldávamos mais e não fazíamos mais consertos.”

MEU PAI ME ENSINAVA ASSIM

Armando conta: “Como eu estava sempre na ferraria com meu pai desde bem pequeno, ele pegava a tenaz com a mão esquerda e uma marreta de cabo curto na mão direita para bater. E eu pegava uma marreta de cinco quilos, de cabo mais longo, com as duas mãos e batia em compasso com ele para forjar a peça. Nós fazíamos todo tipo de peça. Ele fazia arado, peças para carros... Ele até emendava eixo, que depois passou a ser soldado.

Com meu pai, eu aprendi a calhar, que é quando se funde o ferro dentro do fogo até ele começar a derreter. Depois se bate nele com instrumentos para moldar e depois se solda. É como o trabalho de um torneiro mecânico nos tempos de hoje. Ainda temos um torno que conservo como uma relíquia, pois quando criança, eu torneava junto com meu pai.

Para se ter uma ideia, meu pai foi um grande professor para mim. Com seis anos de idade, eu aprendi a dirigir um Chevrolet 1928 que meu pai tinha. Lembro de um acontecimento inesperado na minha infância. Contava eu com sete anos de idade, quando o meu tio Siegfried, no final da tarde, foi podar alguns pés de maçã, isso lá em Paulo Bento, e acabou decepando um dedo. Como não havia mais ninguém em casa além de mim, e meu tio estava se esvaindo em sangue, ele pediu para que eu o levasse ao hospital.

O hospital ficava a quatorze quilômetros de onde estávamos. Meu tio, sentado ao meu lado, ia me dizendo o que fazer, e eu dirigi tranquilamente.

Nos dias de hoje, isso seria um absurdo, mas naqueles tempos, às vezes até por necessidade, se estimulava uma criança a aprender.”

LAZER E FÉ

Armando Hacker relata que quando chegou na **Linha São Lourenço** muitas famílias alemãs congregavam-se na comunidade de **Santa Terezinha**, onde existia uma **Igreja Adventista**. Ali se reuniam mais de uma centena de pessoas, inclusive alguns parentes oriundos da **Alemanha**. Era uma comunidade muito rica culturalmente. Havia um belo coral onde seu pai e sua mãe cantavam.

A principal diversão eram os dias de festas, que eram muito animadas com brincadeiras de roda para os jovens e muita confraternização entre os mais idosos. Música nunca faltava, pois havia também um grupo de tocadores de violino e saxofone. Inclusive **Armando** tocava acordeom e sua irmã violino.

Os encontros aconteciam sistematicamente aos sábados durante o dia e à noite. Desta comunidade, o que sobrou foi somente um cemitério que fica próximo ao **Lar dos Idosos**.

O NAMORO

“Minha esposa morava perto da igreja. Seu nome de solteira é **Claudete Monteiro**. Nos conhecemos desde criança, ainda no tempo em que meu pai comprou a área de terra aqui, e constantemente vínhamos para cá. Então, na minha adolescência, mesmo ela sendo de família de origem italiana mesclada com portugueses, por residir próximo à **Igreja Adventista** na **Linha Santa Terezinha**, ela frequentava a nossa comunidade.

Namoramos por dois anos. Para a época, era um tempo até curto. Namorar não era fácil, só era permitido com a presença da família. Mas tudo foi dentro dos conformes.”



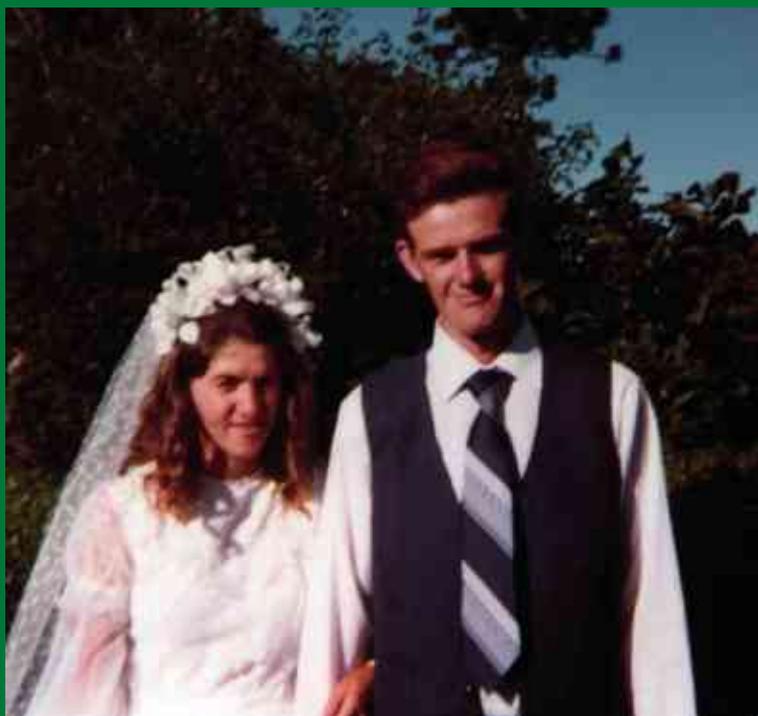
Marli e Armando saindo de casa com destino à uma festa na comunidade de Santa Terezinha, interior de Xanxerê, onde existia uma igreja Adventista.

O CASAMENTO

“Nosso casamento ocorreu em **dez de Novembro de 1981**, em **Xanxerê**. A festa foi feita em um galpão que tínhamos, que era utilizado na parte de baixo como estrebalaria. Tudo foi limpadado muito bem, colocamos mesas, enfeitamos e fizemos um baita churrasco. Enfim, foi uma bela festa.

Nos casamos primeiro no civil. Bem cedinho, fomos ao cartório. Às dez horas, casamos no religioso, e ao meio dia, aconteceu a festa para a família e os convidados.

Após casados, passamos a morar na casa em que eu já havia construído para nós, aqui na **Vila Hacker**. A primeira noite de lua de mel foi em casa, e as outras também.”



Os noivos Claudete e Armando.



Convidados e noivos em carreatá com destino à festa.



NASCIMENTO DOS NETOS

“A chegada dos meus netos foi uma alegria indescritível. É muito diferente da alegria de quando nos tornamos pais, porque temos a oportunidade de passar muito mais tempo com nossos netos. Essa é na verdade uma realidade de hoje em dia, porque quando um pai tem filhos, encontra-se no auge do jovialismo e da força de vontade, e precisa trabalhar, produzir, dar o máximo de si para proporcionar o que há de melhor e garantir o futuro de seus filhos. Além disso, é preciso educá-los.

Mas com os netos a história é diferente, porque todo esse cuidado, essa preocupação, principalmente com a educação, é obrigação dos pais. Mas claro que os avós contribuem com a experiência que possuem e sempre mostram o caminho a ser seguido.

No meu caso, quando o meu avô **Karl** faleceu, a minha avó **Luiza** passou a morar conosco em nossa casa. Meus pais procuravam nos educar e ensinar de uma maneira diferente da dela, porque ela somava em sua vida muitas outras experiências. Minha avó me ensinou muitas coisas que até meus pais não tinham aprendido com ela. São relações diferentes porque o pai e a mãe quase sempre são muito doutrinadores.”

A VELHICE E A LONGEVIDADE DOS MEUS PAIS

“Meus filhos tiveram a felicidade de conviver por um longo tempo com os avós. Faz seis anos que minha mãe **Hilda** faleceu. Ela havia completado setenta e nove anos. Tinha Alzheimer e ficou por mais ou menos um ano e meio acamada. Meu pai faleceu aos oitenta e sete, quatro anos atrás. **Eles chegaram a conhecer os bisnetos e transbordavam uma alegria que não cabia no peito.**

Meu pai sempre gostou muito de trabalhar. Quando não o encontrávamos em casa, podia contar que ele estava lá dentro da empresa. *Quando estava com uma idade mais avançada, construímos uma pequena oficina especialmente para ele, pois gostava muito de fazer as coisas para ele mesmo, nunca perdeu esse hábito. Tiramos de certa forma um pouco da responsabilidade dele sobre a empresa, mas claro que sempre convivemos com ele por perto.”*

SURGIMENTO DA HACKER INDUSTRIAL

“Meu pai possuía firma registrada para fabricar turbinas lá em Paulo Bento, mas quando viemos para Santa Catarina, ele deu baixa. Quatro anos depois que passamos a morar em Xanxerê, em mil novecentos e setenta e oito, meu pai instalou a Oficina Mecânica Preferível LTDA. Até então, já trabalhávamos com turbinas, porém ainda não éramos registrados, era uma empresa pequena.

Na sequência, o nome foi modificado para Metalúrgica Hacker, porque a categoria de oficina dá ideia e se atém apenas a consertos, e queríamos nos desvincular dessa atividade. Porém metalúrgica, é algo amplo demais e também não era adequando para descrever corretamente o ramo em que atuávamos, porque a nossa principal atividade sempre foi a fabricação de máquinas e turbinas. Não era oficina nem metalúrgica, mas sim uma indústria. Dessa forma, a Metalúrgica Hacker se transformou na Hacker Industrial.”

EVOLUÇÃO

A partir de 1990, a **Hacker Industrial** iniciou a produção de turbinas maiores para gerar energia para secadores de grãos em fazendas, que atingiam a capacidade de até **500 kVA** (Kilovoltamperes).

Alcemir relata: “Temos uma trajetória de evolução muito bacana. Nossa empresa cresceu espontaneamente fabricando produtos cada vez maiores devido ao grande aumento da demanda e procura pela nossa marca. Nessa época, vendíamos turbinas para o Mato Grosso, e as pessoas começaram a confiar na nossa empresa. Muitos empreendedores e empresários investiam cegamente em nós, antes de ver o produto.



Um deles, é o **Sr. Orestes Faita**, dono de uma fábrica de compensados em **Faxinal**, a **Madeira Barra Grande**. O **Sr. Orestes** possuía fazendas em muitos lugares que precisavam de turbinas para gerar energia, então produzimos algumas turbinas pequenas, do tamanho que ele nos solicitava.

De certa forma, ele era um dos nossos principais clientes e acreditava que conseguiríamos produzir turbinas ainda maiores. E foi o que aconteceu! Alguém acreditou em nós. Ele sempre nos dizia: ‘É só construir a mesma coisa, só que maior!’ *Agora, chegamos mais longe do que nunca, porque tivemos muitos clientes assim.*”

HACKER INDUSTRIAL E SUA CRESCENTE PRODUÇÃO

Alcemir descreve: “Atualmente, nossa capacidade de produção é em média de trinta a quarenta turbinas por ano, dependendo das proporções do pedido e da usina, pois as máquinas têm tamanhos bem diferenciados. Produzimos máquinas que podem gerar até quinze megawatts e que possuem rotores (tubos) que medem mais de três metros e meio de diâmetro cada um.

Por exemplo, um tempo atrás, construímos uma máquina com capacidade de dez mil quilowatts. Somente a roda polar do gerador, que é apenas uma das muitas peças, sozinha pesou mais de sessenta e sete toneladas. Já a turbina e o gerador completo juntos ultrapassam trezentas toneladas.

Enfim, comercializamos nossos produtos em todo o território brasileiro. Produzimos **PCH's (Pequenas Centrais Hidrelétricas)**, que são usinas de até trinta mil quilowatts. Em questões ambientais, são até mais fáceis de serem construídas, instaladas, porque geram um impacto menor na natureza,

Hoje, a Hacker Industrial conta com quase duzentos colaboradores incluindo as outras empresas que são agregadas à ela, a Hacker Construtora e Hacker & Knöner. Essas empresas atendem o cliente diretamente na obra e são responsáveis por fazer manutenções, reformas, modernizações, ou seja, o atendimento ao cliente se mantém desde o início até após a entrega da obra.

Entendemos que temos que atender nossos clientes da melhor maneira possível. Caso estrague uma peça ou uma máquina que instalamos, é nossa obrigação estar lá o mais rápido possível para resolver o problema, porque o cliente está investindo muito alto em nós, então, temos que ter essa responsabilidade e disponibilidade.”

TRABALHO EM FAMÍLIA

O **Sr. Armando** narra: “Primeiramente, éramos eu e meu pai na empresa. Antes de eu casar, convidamos o noivo da minha irmã, o **Celso Osmar Knöner**, para ser nosso sócio. Trabalhamos juntos há trinta e oito anos. Ele é o presidente da empresa atualmente e gerencia a equipe de Vendas. Até o momento, tudo tem funcionado muito bem. Claro que sempre surgem ideias diferentes entre algumas pessoas, ainda mais em uma empresa familiar, mas a gente sempre chegou a um consenso.”

ARMANDO HACKER RELATA OS MOMENTOS DE CRISE

“De dois mil e onze para cá, passamos por momentos difíceis, pois a empresa vinha num ritmo acentuado de crescimento e parou abruptamente devido a uma crise. Em dois mil e treze, tivemos que diminuir o quadro de colaboradores e também estruturas. Nessa época, contabilizávamos mais de trezentos colaboradores. Precisamos vender até uma usina que havíamos construído para nossa família, para que pudéssemos investir o dinheiro na empresa. A crise estava muito grande e a dívida estava muito alta.

Tivemos que tomar muitas decisões difíceis entre vender essa usina e ficar com a Hacker Industrial, ou vender a Hacker Industrial e ficarmos apenas com a usina, que seria um caminho mais fácil. Porém, decidimos preservar o lado social da empresa e entramos em um consenso.



Havia a possibilidade de vendermos a empresa para um grupo chinês, porém certamente a transfeririam para outro lugar fora de Xanxerê. Não podíamos deixar que isso acontecesse, pois a empresa faz parte de nossa casa. É a nossa casa. Se optássemos por vender a Hacker Industrial, teríamos de colocar um tapume gigante na frente de nossas casas, para não vermos outras pessoas tocando uma empresa que construímos, que foi nosso sonho, nossa luta e nossa motivação por tantos anos, talvez até em algum ramo diferente.

Meu pai começou tudo isso do zero e conseguimos evoluir a um patamar nunca antes imaginado. Sempre falo com minha esposa, que se criou matando porco à paulada e hoje pode viajar para a Itália, levar os pais dela para conhecer suas origens, viajar para a Alemanha e muitos outros lugares... Então, com o que conquistamos hoje, nunca passou pelas nossas cabeças que um dia chegaríamos a isso.”

EMPRESÁRIO DO ANO 2011

No ano de 2011, o Sr. Armando Hacker foi escolhido para ser premiado como **Empresário do Ano de 2011**. Diz ele: “Ah, foi uma surpresa grandiosa e maravilhosa, porque além de nossa empresa se localizar em uma região bem distanciada da cidade de Xanxerê, nossos produtos são comercializados em todo o território brasileiro. Então, pensávamos nunca merecer um reconhecimento tão grande dos empresários e da população.

Quando recebi este prêmio, a primeira imagem que me veio à mente foi a batalha que meus pais, meus avós e todos nossos antepassados travaram e os ensinamentos que nos passaram. Pensando bem, não foi de graça que chegamos onde chegamos. Isso se deve à educação recebida, à dedicação constante e ao empenho sem limites ao trabalho.

Durante muitos anos eu fui membro da ACIX, e continuamos sempre envolvidos com a **Associação Empresarial**. A ACIX é um grande integrador da comunidade do comércio e indústria. É uma força pivô no incentivo da evolução e do progresso na área empresarial. A ACIX tem feito muito pela cidade. Muitas vezes o que o poder público não faz, a ACIX é quem toma a frente.

Ser associado é importante, pois as empresas precisam ter representatividade, e a ACIX tem muitas formas de ajudar a seguir em frente, junto aos poderes estaduais e federais. A ACIX oferece oportunidades que ajudam a solucionar necessidades, e a empresa, sozinha, necessita de apoio para seguir em frente, mas principalmente, precisa de cooperação entre o mercado! A união faz a força e ser associado faz toda a diferença.”



Transportando turbinas.



Ampliação dos barracões da Hacker Industrial.



A ROTINA DE TRABALHO DA HACKER INDUSTRIAL







“HACKER INDUSTRIAL



Armando Hacker

*Sempre atento à
qualidade da produção*



CRESCIMENTO CONSTANTE”





DEPOIMENTOS

Alcemir Hacker

Diretor de Planejamento Estratégico

"Sou formado em **Engenharia Mecânica**. Minha função dentro da empresa é projetar. Assim como meu pai, aprendi desde cedo a gostar de inventar, desenvolver máquinas novas. Temos uma equipe inteira de projetistas, então eu passo minhas ideias a eles para projetarem. Mas o que eu gosto de verdade é de estar na produção, na parte industrial, que também tem um pessoal responsável por ela.

Em termos de cargo, a função do nosso pai é de **Diretor Industrial**. Esse cargo tem uma abrangência sobre toda a indústria. Trabalha com as chefias, os gestores, comanda a qualidade e administra toda essa área. Isso também porque ele se criou dentro da empresa.

Eu diria que trabalho embaixo do guarda-chuva do meu pai, na parte do planejamento estratégico, onde se faz o levantamento, monitoramento, a gestão de custos e prazos e verificando se o projeto está realmente dando certo.

Com isso, podemos utilizar essas informações para futuros projetos, porque se conseguirmos melhorar o produto sem que ocorra um aumento no custo nas próximas negociações poderemos embutir essa melhoria para criar um diferencial no valor. É também um gestão de qualidade.



Meu irmão Claudemir trabalha na área de Cálculo e comanda toda a equipe de Engenharia Hidráulica. Ele também é formado em Engenharia. Ele fez mestrado na Alemanha.

Tudo o que existe de cálculo aqui na empresa passa pelas mãos dele. Por exemplo, a espessura que tem que ser a chapa de uma máquina, a espessura do aço. Isso ele faz realizando simulações no computador ou calculando tudo mesmo."



*Alcemir, Hellen Thaís,
Henrique Carlos, Guilherme
Augusto e Helena.*



Claudemir Hacker

Diretor de Engenharia Hidráulica

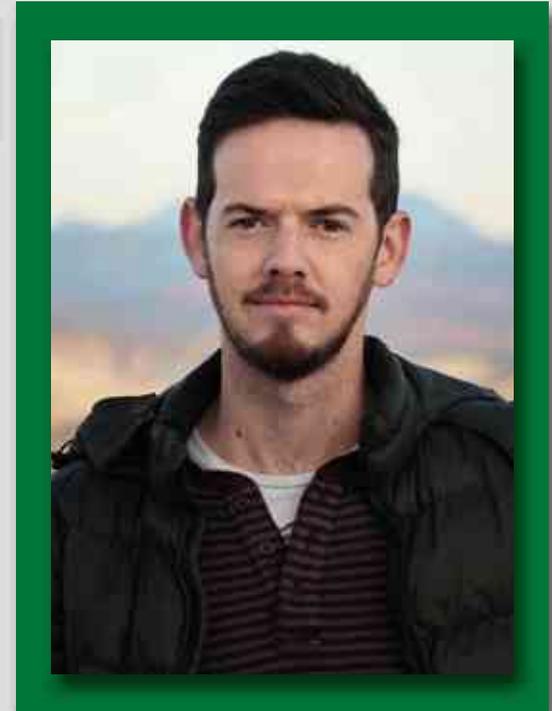
Claudemir Hacker, nascido em 14 de Setembro de 1987, é formado em Engenharia Mecânica pela UNOESC de Joaçaba. Ele conta: *“Fui para a Alemanha para fazer alguns cursos. Como tínhamos contato com um famoso instituto de máquinas hidráulicas lá, onde desenvolvem turbinas e equipamentos desse tipo, decidi ficar em torno de um ano aprendendo até iniciar meu mestrado. Depois de quatro anos, retornei para Xanxerê.*

Meu destino era voltar a trabalhar na empresa da família. Não que fôssemos obrigados porque tivemos a oportunidade de escolha em que trabalhar. *Porém, desde menino eu gosto muito da área de elétrica, montar e desmontar coisas, principalmente rádios.* Lembro-me de uma vez que pedi ao meu pai para me inscrever naqueles cursos por correspondência do Instituto Brasileiro que mandavam uma série de equipamentos para se aprender. Eu cheguei a comprar o curso e realizei até a metade mais ou menos, só que como elétrica não fazia parte da nossa área de atuação naquela época, acabei deixando meio de lado, até porque estava prestes a completar apenas doze anos, era muito jovem.

Mas de maneira geral, toda nossa família sempre gostou de lidar com turbinas. Eu acabei me deixando levar pela Engenharia, porque a Engenharia em si permeia muitas áreas. Desde pequeno, meu gosto é o cálculo, as máquinas hidráulicas mais por preferência, porque sempre me interessei por essa área e convivi com ela.

Para mim, o que fica mais evidente em meu pai é que ele é uma das pessoas mais inteligentes que eu já vi. Para inventar coisas não tem igual. Não só na área de turbinas mas em qualquer área que envolva máquinas, e essa inteligência é característica dele. É o que ele tem de mais forte em sua personalidade, além da criatividade. Quem o conhece pode afirmar isso.

Outra qualidade que admiro em meu pai é que ele luta pelo que é certo, procurando tratar da melhor forma possível os nossos colaboradores e também os nossos clientes.



Lembro-me de muitas coisas que meu pai criava para brincarmos. Nós que somos Adventistas do Sétimo Dia, realizamos um culto nas sextas-feiras para recebermos o sábado. Juntamente com o culto, realizamos encontros em que reunimos nossas famílias, e as crianças sempre recebem um mimo, um brinquedo novo. Nosso pai criava brinquedos para mim, meu irmão e nossas duas primas. Isso foi algo de minha infância que me marcou.”



Evellyn Thaís, Claudemir, Lauren e Ana Luíza.



Celso Osmar Knöner Presidente da Hacker Industrial

“Trabalho na Hacker há trinta e oito anos. Tornei-me sócio em mil novecentos e oitenta e um, quando o Armando se casou. A partir disso, o Sr. Carlos, pai do Armando, me convidou para formarmos uma sociedade a três. Estou aqui desde quando a Hacker ainda era uma pequena indústria. Nem colaboradores tínhamos.

Eu realizava todo o trabalho de gestão, mas logo eu e o **Armando** começamos a desempenhar essa função juntos porque o sogro já havia atingido uma idade avançada para trabalhar tanto.

Dividimos desta maneira: o **Armando** ficou mais na parte industrial, pois ele possui grandes habilidades e conhecimentos nessa área, e eu fiquei mais na parte comercial.

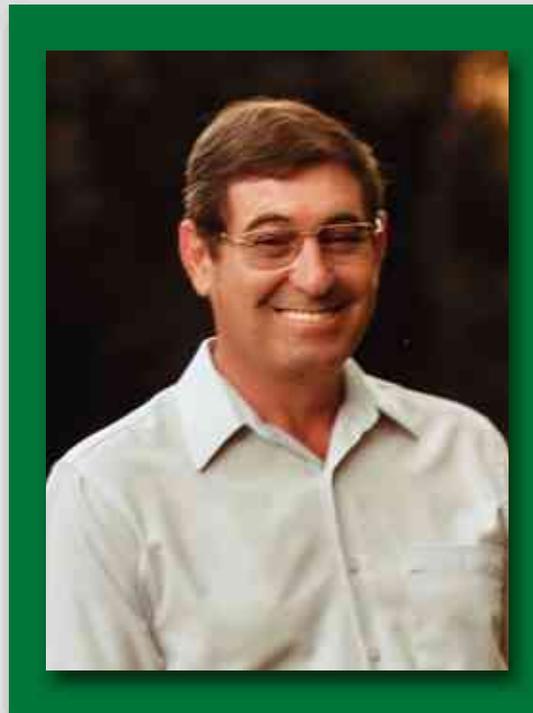
Desde lá de trás viemos construindo toda essa estrutura que hoje consiste em dez empresas diferentes, dentro dessa matriz que se chama Hacker. São investimentos, participações, temos várias hidrelétricas que construímos para nós, como a hidrelétrica Barrinha e a hidrelétrica Dengosa que está sendo construída.

Enfim, juntando todas essas empresas associadas, atingimos facilmente o número de mais de duzentos colaboradores. Na época em que eu aceitei o convite do **Sr. Carlos** e do **Armando** para nos associarmos, jamais imaginava que conseguiríamos chegar onde chegamos. *Mas sempre acreditamos que a empresa tinha capacidade para crescer.*

E essa coisa de cada um assumir uma função dentro da empresa é muito bacana, pois cada um administra seus setores de forma muito mais organizada, porque se existirem duas pessoas falando coisas diferentes para os colaboradores fazerem, não dá certo. *Precisa-se ter uma organização muito bem planejada.*

Quando éramos uma indústria menor, conseguíamos conversar todos os dias, porque eu na parte comercial precisava relatar qualquer informação nova que surgisse, e da mesma forma, o Armando me relatar o que acontecia dentro da produção. *Isso é algo também muito importante dentro de uma empresa, que se chama comunicação.* Porém, à medida que a empresa começou a crescer, não conseguimos mais manter essa interação direta entre mim e o **Armando**, de conversarmos sobre os assuntos. Mas temos plena confiança um no outro para tomarmos as decisões necessárias para o bem da empresa.

Após o falecimento do sogro, a parte que correspondia a ele foi dividida entre minhas duas filhas e os dois filhos do Armando, então nossa sociedade é composta agora por seis pessoas que, por sua vez, formam um conselho consultivo para discutir assuntos mais emergentes e necessários. Muitas vezes, buscamos agregar nossos familiares também nas reuniões desse conselho, para que fiquem por dentro de tudo o que está acontecendo e que rumos estão sendo tomados. A ideia disso é integrar os novos componentes, porque uma opinião a mais que venha de uma pessoa de fora sempre ajuda. Às vezes os sócios se prendem a uma ideia que pode não ser boa, então também é preciso estar aberto a sugestões, opiniões e visões novas.”





Abimael Marques, Sirlene, Marli, Celso, Layra, Rosilene, Naielly e Eli Moraes.

Adriano Mocellin

“Sou natural de **Joaçaba**. Formado em **Técnico Agrícola** e em **Administração**. Trabalho há doze anos na **Hacker Industrial**. A minha função é na área de suprimento de materiais. Comecei na área de compras e hoje até cumpro algumas funções a mais, como no transporte. Também sou responsável por averiguar e realizar a contratação de mão de obra terceirizada.

É até engraçado, sou descendente de italiano e vim trabalhar com um alemão. Estou morando em Xanxerê mais ou menos o mesmo tempo em que estou na empresa. Vim para cá, construí uma família, então já estou enraizado aqui.

Quando comecei a trabalhar aqui, havia em torno de noventa colaboradores. Eu era de uma empresa concorrente deles que na época era maior. Aí a **Hacker** expandiu muito profissionalmente, tanto que hoje eu tenho uma visão muito diferente da que eu tinha a doze anos atrás. Não tenho formação nenhuma na parte mecânica, mas acabei aprendendo a lidar com ela devido ao dia a dia de trabalho.

É muito melhor trabalhar dentro de uma empresa familiar, porque se tem uma preocupação com o lado social. E como a **Hacker** é uma empresa **Adventista**, então ela possui princípios que outras empresas não têm, e esse é o diferencial dela. É um envolvimento muito maior com o trabalhador e a sua família.

O Sr. Armando é uma pessoa com um coração enorme. Profissionalmente, é uma pessoa que tem um conhecimento muito amplo. Tenho contato diário com ele. Sempre que ocorre algum problema ou alguém tem um pepino muito difícil que não consegue resolver, ele tem a solução.

É uma pessoa de fácil acesso e que se abre para ouvir opiniões, e que realmente faz a empresa andar no caminho certo. Ele é um grande conselheiro, pois possui um admirável conhecimento sobre tudo. Ele domina a parte da indústria, então quando se trata de dúvidas, o pessoal recorre a ele. Todo mundo tem sua responsabilidade e a capacidade para exercer seus cargos, porém, quando se é necessário, a pessoa a ser consultada é ele.”





Thiago Osaias Cunico

“Sou xanxerense, graduado em **Engenharia Mecânica**. Namoro, ainda não sou casado, mas toda a minha família reside em **Xanxerê**. Trabalho há onze anos na empresa. Atuei durante quatro anos na área de qualidade, agora sou encarregado da montagem mecânica. A **Hacker Industrial** produz turbinas, geradores, comportas, limpa grades, enfim todos os produtos que agregam uma usina hidrelétrica, desde uma peça pequena a uma peça de grande porte.

Como já faz muitos anos que eu trabalho aqui, a família do **Sr. Armando**, também se tornou minha família devido ao convívio diário durante todos esses anos. Passo doze horas direto aqui dentro da empresa, então acabei criando um vínculo afetivo com eles. Gosto muito de trabalhar aqui e pretendo trabalhar por muito tempo ainda.

O **Sr. Armando** é um grande exemplo a ser seguido em vários quesitos. Eu o vejo como uma pessoa batalhadora, sempre procurando o melhor a todos. Quando eu chego às sete horas da manhã na empresa para trabalhar, ele já está nos esperando há muito tempo.

Todo o sucesso que a empresa possui hoje vem do empenho e dedicação do Sr. Armando e sua família. Eles nutrem um amor indescritível pela empresa e pelo que fazem. Imagino que o império que construíram, sabendo de onde eles vieram, além de ser muito gratificante, é um grande mérito deles por todo o trabalho realizado durante vários anos a fio.”



Maciel Correia Dos Santos e Alessandro Freitas Oliveira

“Viemos de **Água Branca, Alagoas**. Lá é um lugar muito bom para morar, mas ganhar dinheiro é muito difícil. Aí temos que percorrer o mundo para conseguir dinheiro e sustentar a família. Chegamos em **Xanxerê** alguns meses atrás. Estamos vendo ainda como andarão as coisas para futuramente trazer nossos familiares para cá. Mas antes, precisamos nos estabilizar financeiramente.

Xanxerê é uma cidade bem acolhedora, e a Vila Hacker muito mais. Nos receberam como se fôssemos da família. O clima em Xanxerê é muito bom, tem diferentes temperaturas durante o ano, mas lá onde morávamos era calor, calor e calor de novo.”





*Armando, Claudete, Claudemir, Evellyn Thais, Alcemir, Hellen Thais,
Henrique Carlos, Guilherme Augusto, Helena, Lauren e Ana Luiza.*



Vista aérea da Vila Hacker e da empresa Hacker Industrial.



Biografia do Empresário do Ano 2012

ADEMIR BARCELLA





OUSADIA E PERSISTÊNCIA SEMPRE!

O filósofo e pensador austriaco Fritjof Kapra abre seu livro “O Tao Da Física” com o seguinte texto:

“Qualquer caminho é apenas um caminho e não constitui insulto algum - para si mesmo ou para os outros - abandoná-lo quando assim ordena seu coração. [...] Olhe cada caminho com cuidado e atenção. Tente-o tantas vezes quantas julgar necessárias... Então, faça a si mesmo e apenas a si mesmo uma pergunta: possui esse caminho um coração? Em caso afirmativo, o caminho é bom. Caso contrário, esse caminho não possui importância alguma.”

Ademir Barcella leva esta filosofia de vida ao pé da letra. Sua caminhada é feita de uma constante persistência aliada à ousadia. Sempre procurando caminhos para empreender e crescer. Errou, acertou, fez e desfez trajetórias que já pareciam certos.

A estrada da vida desde o nascimento não lhe foi nada fácil. Quando menino, percebeu desde cedo que conforto e privilégio não lhe cairiam do céu. Adolescente, foi à luta em busca de conhecimento, e munido de um pouco do saber teve a audácia e conseguiu escapar do apavorante serviço militar obrigatório.

Quando se achou livre para voar, o destino podou-lhe as asas e quase o levou desta para outra. Tal qual uma fênix renasceu das cinzas, e mesmo fragilizado e torto de dor, prosseguiu sonhando alto. Quando as oportunidades começaram a aparecer, as agarrou como se estas fossem uma tábua de salvação.

Por muitas vezes as tábuas apodreceram e afundaram, mas Ademir continuou remando, às vezes, rio acima, outras vezes, rio abaixo. Fosse qual fosse o caminho, não perdeu o foco e nem a fé. De empresa em empresa, de sociedade em sociedade, acabou encontrando um veio d'água. Foi represando conteúdo e, de gota em gota, conseguiu formar um lago, e fazendo movimentar as águas, canalizou sua energia empreendedora criando uma empresa para cuidar do meio ambiente.

Antes que muitos, olhou lá para frente e seguiu seu coração. Não se preocupou em ser chamado de lixo. Viu na preservação do meio ambiente um nicho de trabalho não apenas rendoso, mas vital e necessário para a manutenção e preservação da vida no planeta Terra.

Antes das leis estabelecidas, atendeu o chamado da natureza. Hoje, sua empresa Continental Obras e Serviços, faz a coleta do lixo em dezenas de municípios e principia sua extensão a outros estados.

“Juntos, podemos transformar o mundo”, “cidade limpa, futuro sustentável”, “cidade limpa, vida preservada”.

Ademir Barcella tem orgulho de trabalhar por um mundo melhor no futuro. Foi agraciado com o prêmio Empresário do Ano 2012.



Ademir Barcella nasceu na comunidade de Pinhal, pertencente ao município de Palmeira das Missões, em 17 de Julho de 1970. Filho de Julio Barcella e Terezinha Bagatini Barcella. É casado com Sandra Bauermann Barcella, com a qual tem as filhas Heloisa e Isadora.

A FAMÍLIA

Ademir Barcella relata que seus pais de origem italiana, pelo que sabe, sempre moraram em **Pinhal**. Seu avô se chamava **Luis Barcella**, e sua avó, **Olinda Capra Barcella**. Sua avó **Olinda**, faleceu quando seu pai **Julio** tinha 12 anos, e seu avô **Luis**, quando seu pai tinha 20 anos.

De acordo com **Ademir**, um de seus tios que mora em **Ijuí**, buscou conseguir dupla cidadania, mas não encontraram documentos, nem descendentes, visto que ainda naquele tempo, os "**Barcella**", teriam mudado para a **Áustria**, país que faz fronteira com a **Itália**, ainda antes de seu avô imigrar para o **Brasil**. Assim, se tornou mais difícil de conseguir a dupla cidadania".

RODEIO BONITO, PINHAL E PALMEIRA DAS MISSÕES

Ademir Barcella argumenta que para compreender sua natalidade, se faz necessário entender o seguinte mapa: A então comunidade de **Pinhal**, fica à 50 quilômetros de distância de **Palmeira das Missões**, e à 5 quilômetros de **Rodeio Bonito**. Então, **Ademir** nasceu em **Palmeira das Missões**, e foi registrado em **Rodeio Bonito**, pois era onde havia um cartório de registros.

INFÂNCIA

“Vivi minha infância em **Pinhal** até me tornar um adolescente de quinze anos. Meus pais eram pequenos agricultores e ainda moram no mesmo lugar desde que casaram. Eles possuem uma pequena área de terra lá, em torno de dez hectares, que era dos meus avós maternos, **Cândido** e **Ida Bagatini**.

Essa área de terra foi comprada e passada em usufruto para meus pais. Eles formaram uma sociedade com outros tios, mas não tiveram êxito. Desmancharam a sociedade, e sobrou para meus pais, dez hectares de terra.

Nós somos em quatro irmãos: **Ana Marli**, **Maristela**, **Ademir** e **Juliano**. Entre eu e meu irmão, minha mãe sofreu um aborto.

Meu irmão **Juliano**, ficou em **Pinhal** para cuidar dos nossos pais. A princípio, nosso pai quis doar a terra para ele, já que ficou para cuidar deles. No entanto, eu achei injusto somente ele receber, e minhas irmãs não. Então, acabamos por fazer uma negociação entre família, e contemplamos todos.”

CARRINHO DE ROLIMÃ E FOLHA DE COQUEIRO

“A minha infância foi muito simples, muito humilde. Brincávamos de carrinho de rolimã, deslizávamos pelos poteiros com uma tábua, ou às vezes utilizávamos uma folha de coqueiro. A gurizada da vizinhança se reunia para brincar com isso.

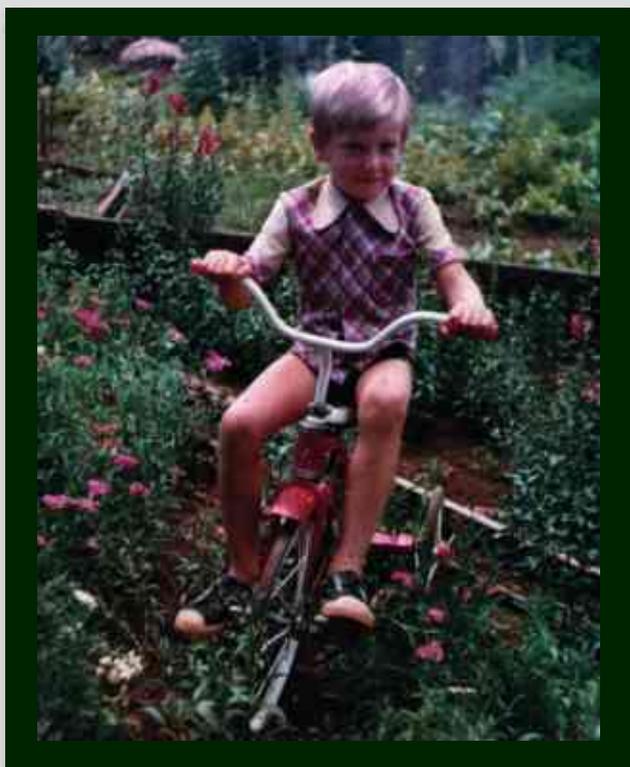
Havia muita criança. Jogava-se futebol e também brincávamos em um riachinho. Minha mãe nos proibia de entrarmos no riacho. Para chegar em nossa casa, era preciso passar uma pinguelinha, uma tábua. O riacho era bem pequeno, com dois metros de largura, rasilho.

Claro que entrávamos, mas nem dava de nadar, só nos molhávamos, tanto que até hoje eu não sei nadar. *A nossa casa era de madeira. Na época existiam as patententes, tomávamos banho com um latão, levávamos água quente para misturar com a água fria e puxávamos uma cordinha para a água cair. Lembro que usava sabão feito em casa.*



Nossa casa tinha três quartos e uma salinha. Depois, foi feito um puxadinho para fazer a cozinha, e embaixo da cozinha tinha o poço. No primeiro momento se puxava a água com a corda, depois meus pais adquiriram uma bomba manual.

Lembro do meu pai pegando água, porque as crianças não eram aconselhadas a lidar com o poço. Recordo também que eu brincava de junta de boi com sabugo de milho. Pegava dois sabugos e amarrava uma cordinha para puxar, fazia potreirinhos...”



Ademir Barcella brincando em uma bicicleta no quintal de sua casa, presenteada por sua madrinha Adiles Bagatini.

A LAVOURA

Ademir Barcella conta que sua família plantava feijão, milho, criavam galinhas, tinham algumas vaquinhas, tudo para subsistência. E mais tarde, veio o plantio de soja.

“Nós crianças éramos convocados a trabalhar desde cedo. Com oito anos de idade, eu já tinha que ir para a lavoura. A primeira tarefa era capinar.

Eu era muito franzino, fraquinho, mas também era muito bravo, nervoso, estourado mesmo. Eu gostava de lavar com os bois, mas não tinha força para segurar o arado. Às vezes o arado caía no sulco, então tinha que tombar, puxar, endireitar, dava quatro passos, e caía de novo. Aí eu chorava e xingava os bois porque puxavam muito ligeiro.

Tínhamos uma égua que sempre empacava. Às vezes estávamos andando com ela na estrada, ela via alguma coisa, e não tinha mais o que fazer, empacava. Era preciso virá-la de costas e puxá-la até passar por aquilo que a fez parar, então seguíamos andando.

Na época não havia essa coisa de veneno, capinava-se muito. Uma tortura para mim. O pai sempre acordava às cinco horas da manhã, e já nos fazia pular da cama.”

ESCOLA

“Com seis anos, comecei a estudar em **Pinhal**. No primeiro ano eu não gostava de ir para a escola, mas meus pais me fizeram ir. A primeira professora se chamava **Terezinha**. Lembro que no primeiro ano, estudavam várias turmas na mesma sala. Separava-se o quadro, um pedaço para cada turma. Duas turmas em um quadro dividido ao meio, que ficava na frente, e um quadro dividido ao meio, que ficava atrás para outras duas turmas.

Os bancos eram de madeira, sentava-se de dois em dois. O recreio era uma folia só. Jogava-se bola no meio da estrada. Havia muito passarinho, principalmente pardal. Subíamos no forro para pegá-los e nos sujávamos muito. Depois, já no terceiro ano, construíram um colégio maior chamado **Colégio Angelo Beltramin**.

Naquele tempo, **Pinhal** era um distrito de **Palmeira das Missões**. Morávamos em um lugarejo que ficava a um quilômetro e meio longe de **Pinhal**. Íamos a pé para a escola, de pé descalço, amassando barro mesmo. De vez em quando se levava um chinelo para usar quando entrava na sala de aula.

Eu estudei lá até a oitava série. Depois, fui para o **Colégio Agrícola de Frederico Westphalen**, a quarenta quilômetros de distância.

Foi um desespero total sair de casa. Eu queria ir, até porque alguns tios já haviam se formado neste colégio, então, fui muito estimulado a ir estudar lá. Mas lembro que fiquei uma semana inteira aborrecido, com saudade de casa, e chorava bastante.



Até meus quinze anos, sempre fui muito pequeno, e achava que ia ficar pequeno daquele jeito para sempre. Fui crescer depois de completar dezessete anos. O colégio tinha em torno de duzentos e cinquenta alunos e com certeza eu era um dos alunos mais pequenos.

Assim, eu comecei a entender um pouco mais da minha vida e fui traçando o meu destino. No colégio agrícola, completei o ensino médio. Me formei em mil novecentos e oitenta e sete. Não tive uma formatura, porque minha família continuava numa situação bem delicada financeiramente.

Meu pai sempre foi muito humilde, bem tranquilo. É uma característica dele. Amo meu pai, e se pudesse nascer de novo, queria que ele fosse novamente meu pai. É uma pessoa bacana.

O pai dele era extremamente rígido. Segundo ele, durante toda a juventude, não sabia o que era ter um pila no bolso. A única coisa que ele podia fazer para ganhar algum dinheiro, era tirar laranja e lima do pé para vender. Quando ele vendia uma sacola ou bacia de laranja, o pai dele pegava todo o dinheiro. Então, ele sempre foi podado pelo pai.

O colégio agrícola era gratuito, eu só tinha que me manter lá. Lembro de passar muita dificuldade nesse período. Para ir para casa visitar meus pais, ia de carona, pois não tinha nenhum pila no bolso. Isso a cada dois ou três meses, nos fins de semana.

No último ano de colégio agrícola, comecei a me sustentar. Eu exercia um cargo chamado Monitor, que era quem organizava os setores do colégio agrícola. No último ano, eu passei a ser o Monitor da suinocultura. Aí eu comecei a receber meu dinheirinho e a ter independência com dezesseis para dezessete anos.”

ESTUDO E LAZER

“Quando comecei a estudar no colégio agrícola, eu e muitos colegas não tínhamos dinheiro nenhum. Mesmo assim, não deixávamos de ir nos bailes. Naqueles tempos, os bailes do interior começavam bem cedo, e lá pelas duas horas da madrugada, costumavam abrir as portas para as pessoas entrarem de graça. Assim, frequentávamos os bailes no melhor momento, quando o salão estava **‘pegando fogo.’**

Às vezes nos reuníamos com vários meninos, juntávamos os troquinhos que conseguíamos e comprávamos um garrafão de vinho. Estava feita a festa. Nessa época eu ainda não namorava, tinha vergonha. Comecei a prestar atenção nesse negócio de namoro, lá pelos dezoito anos.

Ao concluir o colégio agrícola, eu não conseguia arrumar emprego porque era muito novo, tinha dezessete anos. Foi uma época terrível para mim. Então surgiu um tio chamado **Ênio**, que possuía uma agropecuária em **Rodeio Bonito**. Eu fui trabalhar lá e passei a morar com minha nona em **Pinhal**.

Assim, desde que saí de casa com quinze anos para estudar no colégio agrícola, eu não voltei mais. Consegui trabalho com meu tio, e morar com minha nona.

Era uma agropecuária pequena, e só tinha eu como funcionário. Aí passei a conhecer um pouco mais sobre o comércio. Trabalhei com meu tio por dois anos e meio, porque o que me incomodava era que chegava o final do mês e eu não recebia o salário prometido. Eu tinha que pedir algum valor para ele todo final de semana. Agradeço muito pela oportunidade que me deu de trabalhar lá, mas não dava de continuar sem ter a certeza de receber um salário fixo.”

FAZENDO TEATRO PARA SE LIVRAR DO EXÉRCITO

“Nesse tempo, completei dezoito anos, e me alistei para cumprir o **Serviço Militar Obrigatório** no quartel de **Alegrete**. Fiquei desesperado. Não queria mais ficar internado. Já havia sido interno durante todo o ensino médio no colégio agrícola. Como maior de idade, queria trabalhar, correr atrás dos meus sonhos e ter a minha vida. Mas não tinha saída, era obrigatório servir ao exército.

Não consegui convencer os militares que eu não queria ficar preso num quartel. Queria minha liberdade. Então aconteceu uma história verdadeiramente teatral: Eu sempre gostei de jogar futebol e seguidamente eu sofria distensões musculares, contusões, enfim, vivia sempre me machucando. Assim, na correria dos exercícios físicos do quartel, comecei a mancar, fingindo estar com alguma contusão, porque tinha medo, pavor de ter que ficar preso lá. Isso já no primeiro dia.



No segundo dia, comecei a mancar mais ainda. Vieram para cima de mim como um bando de ursos dizendo que eu estava mentindo. Me obrigaram a sentar em um banco enquanto a tropa fazia os exercícios. Depois me mandaram para o alojamento. De meio dia eu fui almoçar mancando mais ainda. Me mandaram para um médico que me fazia ir para frente e para trás várias vezes, e eu mancando.

À tarde, me levaram para o hospital. Aí pensei: ‘Agora vão me pegar.’ O quartel todo foi para o hospital para fazer exames. Eles tinham que fazer um trajeto a pé, e eu fui de jipe, mas pensando: ‘Estou morto!’ Pedi para ir no banheiro, e pus a minha perna em cima da janelinha para forçar uma distensão, porque eu estava com medo que me descobrissem. Mas eu não conseguia me machucar. Queria, mas não consegui me distender. Então disse: *‘Seja lá o que Deus quiser, vou continuar mancando, e quero ver quem diz que eu não estou com dor.’*

O médico me mandou tirar a camisa, fez um raio x do meu pulmão, se virou para mim e me xingou: ‘O que que tu tá esperando aqui ainda? Suma daqui!’ Pus a camisa e voltamos para o quartel de jipe. No fim, fui dispensado por um outro motivo que o doutor tinha encontrado.

Isso aconteceu em uma uma terça-feira. Tive que esperar até sábado para ir para casa, porque o quartel dizia assim: “Se você veio com o quartel, nós temos a responsabilidade de levá-lo de volta para casa”. Então, esperei de terça a sábado, embaixo de uma sombra, mancando.

Lembro muito bem que eu já tinha alguns amigos lá em **Pinhal**. Sempre fui de ter muitos amigos. Quando eu voltei, era Carnaval. Assim que eu desci do ônibus, encontrei meus amigos em um bar e fomos para a festa. Com quem que eu encontro no Carnaval? Com o motorista do jipe que me levou do quartel até o hospital, pois ele morava em uma cidadezinha ali na região.

Me encheu de lixo. No fim, tive que pagar uma cerveja para ele, mas fiquei durante muito tempo com medo que o quartel viesse me buscar. E mesmo depois do quartel, eu tive que me desprogramar, porque eu estava sistematicamente mancando.

Depois da epopeia do exército, passei a trabalhar na **Cooperativa de Eletrificação Rural, CRELUZ**. O pai de um amigo meu, era o presidente, e me arrumou um emprego no departamento financeiro. Passei a ganhar um bom salário, ou seja, um salário mínimo.

Era uma área totalmente desconhecida para mim, a Contabilidade. Tem algumas coisas que eu aprendi lá que eu uso até hoje. Me colocaram para fazer o acompanhamento de bancos, trabalhar tipo como um office-boy, e em pouco tempo, as pessoas foram saindo desse departamento. E eu, já comecei a ocupar alguns cargos como Cobrador.

Passei por todas as funções que havia no departamento financeiro, até de caixa geral. Eu fui o substituto quando uma funcionária saiu da empresa, *então foi ali que eu aprendi a lidar com o dinheiro.*

Nesse tempo, o presidente que eu defendia com unhas e dentes, foi afastado, e um novo presidente assumiu. Continuei trabalhando lá, mas no primeiro momento, não gostei daquele novo presidente, porque ele afastou o presidente que me deu o emprego.

Nesse período, eu queria voltar para a minha área de atuação. *A primeira compra que fiz com o meu dinheiro próprio, foi um rádio toca-fitas com despertador, parcelado em quatro vezes.*

Quando eu trabalhava na **CRELUZ**, voltei a morar na casa dos meus pais. Ia de manhã para o trabalho, voltava para casa almoçar, e retornava para o trabalho. Era assim todo dia. Dava um quilômetro e meio de distância. Havia um colega de trabalho que morava perto da nossa casa, que de vez em quando me dava uma carona.

Mas na grande maioria das vezes, ele passava por mim e não me dava carona. Aí eu comecei a fazer algumas coisas bacanas, e consegui progredir um pouco financeiramente.”

JUVENTUDE / FUTEBOL

“Tive uma juventude muito legal, saía bastante. Minha vida social era intensa, claro que restrita financeiramente. Éramos um grupo de quinze rapazes que se você não tivesse dinheiro, não era excluído de nenhuma festa. Jogávamos muito futebol. Existia um time, do qual fazíamos parte, chamado ‘**Pinhalense**’, que participava de muitos campeonatos. Eu era o lateral direito. Já havia completado meus vinte anos nesse tempo.”



"Esporte Clube Pinhalense", onde o jovem Ademir Barcella jogava e socializava sua vida com amigos fieis.

ACIDENTE FATÍDICO

“Nesse meu tempo de juventude e futebol, aconteceu um acidente fatídico. Estávamos indo para um baile, e aconteceu um acidente que foi muito marcante na minha vida. Eu era muito revoltado, porque queria ter as coisas e não podia. Sempre haviam limitações. Questionava muito em casa porque não conseguíamos ter as coisas e a resposta era sempre a mesma: ‘Somos pobres’. Isso me incomodava e me deixava inconformado.

Estávamos em uma janta, e o pai de umas amigas nossas havia se separado da esposa. Foi bem traumático para ele. Era um dos poucos que tinham carro naquela região, então, precisávamos arranjar carona com ele para poder ir aos bailes.

Como ele havia se separado, nos disse que precisava sair para se divertir. Na ida para o baile, ele se perdeu e capotou o carro, que caiu em um penhasco.

Nesse acidente, morreram ele, que era o motorista, e mais um rapaz que estava ao meu lado, que era um primo chamado Edson Bagatini, que convivia comigo desde o meu primeiro aninho de vida. Eu não morri por milagre. Fraturei duas vértebras da coluna, perfurei o pulmão e rachei a cabeça. Nos socorreram, e nos levaram para um hospital em Passo Fundo, à uma hora da manhã.

Teve um dos rapazes que não sofreu nada e conseguiu buscar socorro. Ele conseguiu se desvencilhar. Eu fiquei desacordado, e um outro amigo ficou bem machucado, mas consciente. Só ficaram dentro do carro o motorista e o rapaz que não sofreu nada, porque se agachou atrás do banco do motorista. *Naquela época não existia cinto de segurança, porque não era obrigatório, então, quase todos foram jogados para fora do carro.*

O médico que nos socorreu, encaminhou os feridos para Passo Fundo. Ao me prestar os primeiros socorros, solicitou ao motorista da ambulância que não corresse muito porque um dos feridos não tinha muito o que fazer e que provavelmente não daria tempo de salvá-lo, porque seu estado era muito crítico. Este ferido era eu.

Isso me foi relatado pelo professor **Paulo Barcarollo** que foi junto na ambulância. Ele disse que de vez em quando, vinha uma pulsação em mim, e, quando chegaram perto de **Carazinho**, pediu para o motorista acelerar, porque *ainda havia esperança de me salvar.*



Dei entrada no hospital de **Passo Fundo** às seis horas da manhã. O professor **Barcarollo** me acompanhou até o centro cirúrgico. Ele conta que os médicos me davam tapas um atrás do outro para que eu tivesse alguma reação, mas nem dos tapas eu lembro. Acordei três dias depois. Fiquei esse tempo em coma.

Quando eu acordei, vi meu pai entrando pela porta. Minha visão estava tão embaralhada, que o vulto dele parecia o movimento de uma folha de papel caindo. Me deram um remédio quando comecei a perguntar sobre o que havia acontecido, e apaguei de novo.

Oito dias depois, eu estava em casa e já queria trabalhar. Mas eu não podia, porque minha coluna estava fraturada. Fiquei com um colete de gesso por quase quatro meses. Sofri um corte muito profundo na cabeça também. Eu tenho dificuldade de visão porque tive traumatismo craniano.

Trinta dias depois do acidente, quando ainda estava de atestado, fui até a empresa e convenci esse novo presidente que eu precisava trabalhar.

Ele permitiu que eu trabalhasse, então eu comecei a vê-lo de uma maneira diferente. Aí alguns colegas de trabalho fizeram a rifa de uma geladeira que eu havia comprado a um tempo atrás, para me ajudar nesse tempo de recuperação. Um senhor de Frederico Westphalen foi o ganhador da rifa da geladeira. Mas, ele não quis ficar com a geladeira, e me devolveu.

Olha só como a vida se repete: hoje em dia eu tenho o hábito de comprar essas rifas, porque quem passou por isso sabe como que é. A um tempo atrás, a **Câmara Júnior** fez uma rifa para ajudar um senhor que tinha sofrido um acidente. O **Dr. Gilberto Cherubin** me ligou dizendo que eu havia ganho o prêmio, e me chamou para buscar. Então pedi para que ele *devolvesse o prêmio para o senhor beneficiado pela rifa.*

Eu disse que gostaria de conhecê-lo pessoalmente. Fiquei resabiado, pois o fato me fez lembrar exatamente o que eu havia passado. Então, falei que quando o senhor estivesse bem, eu iria visitá-lo.

Mas ocorreu que passado um certo tempo, veio uma pessoa na **Continental** pedindo para falar comigo. Foi muito emocionante, era o senhor da rifa. Encontrá-lo foi como que reviver a história do meu acidente. O valor do prêmio, para mim era insignificante, mas para este senhor, foi muito importante. Só consigo explicar isso acrescentando que generosidade gera generosidade. Meu acidente ocorreu no dia doze de Maio, era Dia das Mães. Muitos anos depois, eu sou premiado com uma rifa, que me provocou além de muita emoção, uma sensação especial por estar vivo e por outras pessoas terem sido tão generosas comigo.”

CONCURSOS E MAIS CONCURSOS

“Desde os meus vinte anos, passei a fazer todos os concursos possíveis dentro da área agropecuária, que era a minha área de conhecimento. Lembro do concurso para a **EMATER (Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural)** no qual reprovei simplesmente pelo fato de não ter carteira de motorista.

Um episódio que me marcou, foi que o meu cunhado, casado com minha irmã, que já era graduado naquela época e tem mais ou menos a minha idade, trabalhava numa empresa chamada **Nicolini** em **Garibaldi - RS**.

Nesse período em que eu estava de atestado e com colete de gesso, fui fazer um estágio de mais ou menos quinze dias, para aprender, nesse frigorífico de **Garibaldi**.

Ao apresentar o relatório do estágio para os donos do frigorífico, fui muito bem, irreparável. Um tal de **Mario**, que era diretor e um dos donos do frigorífico, me chamou num canto e disse: *‘Olha Ademir, seu relatório é muito bom, não tem nada o que mudar, mas para a função aqui dentro do frigorífico, eu preciso de uma pessoa barbuda, com cara de mau.’*

Para mim foi uma coisa que me magoou muito. Eu disse: *‘É uma coisa que eu não posso fazer. Não preciso me vestir de verde para me impor sobre ninguém.’* Ele me deu uma grana pelo trabalho do estágio e eu fiquei faceiro por uns três dias, pois era equivalente a uns três meses de salário. Agradei a ele, e levei isso para a minha vida.

Nesses vais e vens, minha irmã morava em **Florianópolis**, a **Ana Marli**. Ela me ligou na **CRELUZ** dizendo que no jornal tinha uma notícia de que a **SADIA Concórdia SA**, estava fazendo concurso para **Técnico Agrícola**.



Eu não queria fazer porque nunca passei em nenhum, estava meio traumatizado. Mas ela insistiu, então enviei o currículo para a **SADIA** de **Concórdia**. Um tempo depois, o responsável pelo correio, que era nosso vizinho de trabalho, ligou para mim dizendo que havia uns dois ou três dias que tinha chegado um telegrama para uma pessoa chamada "**Ademar Barcello**", e para mim ver se o assunto me interessava, porque ele não conhecia aquela pessoa, e desconfiou que podia ser para mim.

O telegrama dizia: '**Ligar urgente para SADIA Concórdia SA.**' Ah, eu disse que era meu na hora. Liguei para lá e me disseram que estava marcada para o próximo dia, uma entrevista. Era umas duas da tarde em **Pinhal**. Tentei explicar que não tinha como chegar às nove da manhã do outro dia, e a atendente disse: '**Ah, então a vaga fica para outro.**' Eu disse: '**Calma, calma que eu vou resolver e arranjar uma carona. Vou ver como faço para chegar até aí e te confirmo.**' Liguei em todas as rodoviárias até que peguei uma carona para chegar em **Palmeira das Missões** e dei um jeito de ir.

Enfim, cheguei lá às duas horas daquela madrugada. As nove da manhã, estava na entrevista.

Quinze dias depois, eles me chamaram para trabalhar lá. A entrevista se tratava de conhecimento, mas era uma entrevista de seleção. Isso foi em Dezembro de mil novecentos e noventa e um.

Fui até a sala do presidente da **CRELUZ**, e disse que eu precisava sair. As pessoas me olhavam e diziam que era um milagre eu estar vivo, e tinha que agradecer a Deus. Mas eu achava que tinha dado tudo errado na minha vida, então o que eu tinha que agradecer? Arrebatado, e com minha coluna torta aos vinte anos de idade. Então mais tarde, compreendi o significado das dificuldades que tem que se passar na vida. É uma espécie de lição, um chacoalhão. Quase morrer para dar valor às pequenas conquistas. Mas na época, eu era revoltado pra caramba.

Fui trabalhar em **Concórdia**. Morávamos em oito rapazes numa pensão. Havia uma beliche num porão onde eu dormia. Passei a trabalhar na área de suinocultura, prestando assistência técnica. Mas, fiquei em estado probatório, que a princípio, duraria 90 dias.

Me mandaram atender os agricultores e criadores de suínos, coisas como tratamento, alimentação... Mas, fui efetivado antes do tempo normal, antes do período de experimentação terminar.

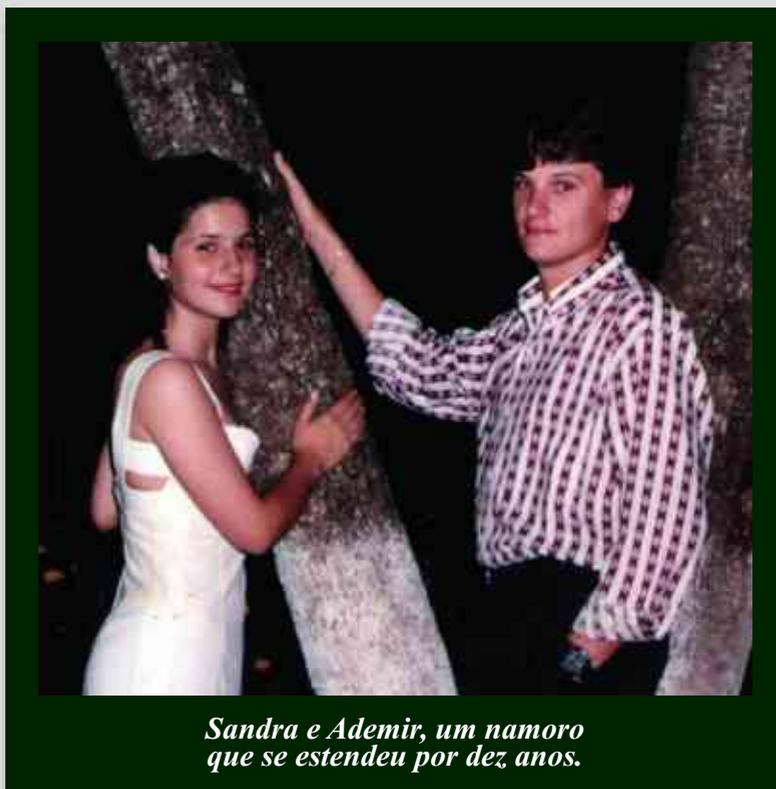
Em quarenta dias, me deram uma região de atendimento no município de **Cunha-Porã - SC**, e um carro. Eu já possuía carteira naquelas alturas. Eu cheguei em **Cunha-Porã** no final de Janeiro. Era funcionário da **Sadia** de **Concórdia**, e passei a residir em **Cunha-Porã**."

CUNHAPORÃ É UMA ETERNA NAMORADA

"No início de Fevereiro, eu conheci minha esposa **Sandra Bauermann Barcella**. Fazia uns quinze dias que eu estava morando em um hotel, em **Cunha-Porã**, e junto ao hotel, havia uma sorveteria, e uma moça que atendia, era uma amiga da **Sandra**.

Assim, um dia, a **Sandra** foi se encontrar com a amiga justo quando eu cheguei do trabalho. E elas, me convidaram para passar um fim de semana em **Ilha Redonda**, um balneário turístico localizado em **Palmitos - SC**.

Fomos, mas cometi a burrice de ir com o carro da empresa. Olha a irresponsabilidade... Nessa época, eu já estava um pouco mais solto. Já havia até namorado. Porém, foi a **Sandra** quem tomou a iniciativa de se aproximar de mim. Assim começamos a namorar. Eu tinha vinte e poucos anos, e ela somente dezesseis.



Sandra e Ademir, um namoro que se estendeu por dez anos.



O pai da **Sandra, Nelson Bauermann**, era presidente de uma cooperativa que rivalizava com meu trabalho, então, fiquei numa grande saia justa.

Após três anos e meio de namoro, a **Sandra** foi estudar **Psicologia** em **Curitiba - PR**. Por um período de um ano, rompemos o namoro. Mas depois, reatamos novamente.

Resumindo, namoramos por longos dez anos. Hoje eu acho que deveria ser assim mesmo. Convivi muito tempo com ela e com sua família. Namoramos à distância, ela estudando, e eu trabalhando.”

TRABALHO / ÉTICA

“Fiquei um ano e pouco na **SADIA**, e aconteceu algo desagradável comigo. Na época, estávamos sediados em **Cunha-Porã**, e existiam freiteiros, que são os comerciantes responsáveis por pegar a ração da **SADIA** e levar para o produtor, e trazer os porcos do produtor, até a **SADIA**.

Porém, um desses freiteiros também era produtor de porcos. Ele tinha uma granja e começou a fazer cambalacho. Desviou produtos que eram de um tal fulano para ele. Nós tínhamos um supervisor e eu fui relatando para ele essas coisas.

Um dia, esse freiteiro foi na **SADIA** e disse que pagava para mim ficar quieto e fazia doações de porcos de vez em quando para me comprar.

Um belo dia me chamaram na **SADIA**, e começaram a fazer perguntas para mim, se era verdade que eu recebia porcos. Eu disse que sim, mas somente quando fazíamos um churrasco de confraternização com os produtores. O freiteiro, doava os leitões para festas. Sempre que se fazia uma festa, ele se prontificava a doar alguns leitões.

Me afastaram para investigar melhor. Um tempo depois, me chamaram para voltar ao trabalho, porque constataram que eu não havia feito nada errado. Propuseram que eu fosse transferido para trabalhar em **São Lourenço do Oeste**. Pensei profundamente e não aceitei. Preferi pedir demissão, pois não poderia permanecer trabalhando em uma empresa que não confiava em mim.

Disseram que isso era normal, mas não para mim. Deviam ter me perguntado. Tenho na agenda todas as vezes que chamei o supervisor, e informei o que estava acontecendo com o tal freiteiro. Como é que eu poderia retornar para a empresa e olhar para meus colegas com essa desconfiança?

Pedi as contas. Acho que eu precisava fazer isso para lavar a minha alma. Foi uma atitude corajosa. Para não voltar para casa, arrumei um emprego na **Aurora** de **São Carlos**. Era o mesmo trabalho que eu desenvolvia na **SADIA**. Mas aos poucos, fui percebendo que muitas cooperativas e grandes empresas se preocupam mais em fazer politicagem em benefício de uns e outros, do que propriamente com a qualidade do funcionamento.”

MEU PRIMEIRO NEGÓCIO

“Ao perceber isso, resolvi iniciar uma atividade empresarial própria. Ao mesmo tempo em que trabalhava na **Aurora**, em um certo fim de semana, descobri a existência de máquinas de alta pressão para lavar chiqueirões. Isso era uma novidade na época. Fui a **São José do Cedro**, no extremo **Oeste Catarinense**, conhecer quem produzia essas máquinas. Minha intenção era revender estas máquinas aos suinocultores. Porém, eu não tinha dinheiro para adquiri-las. Então, olhei para o fabricante, o **Sr. Leomar de Jesus**, e argumentei: ‘*Se você confiar em mim posso levar algumas máquinas, e se eu vender, eu lhe trago o dinheiro.*’ Ele me olhou profundamente e exclamou: ‘*Trato feito!*’

Nessa época, eu trabalhava durante o dia e tinha um fusca para fazer o trajeto São Carlos - Palmitos. À noite, eu tomava um ônibus para cursar a faculdade de Administração em Frederico Westphalen. Voltava de lá à meia noite e às sete da manhã, levantava para trabalhar. Teve um período em que eu só almoçava. Não tinha tempo, nem dinheiro para tomar café ou jantar. Era muito corrido. Ganhava uma merreca e morava em um porão.



Um amigo **Veterinário** chamado **Volnei**, certo dia me pediu carona para ir a **São Miguel do Oeste** comprar um **Fiat Uno**. Nesse tempo, haviam consórcios para compra de automóveis, que se você pagasse a metade do valor, já podia levar o carro. Foi esse amigo que me provocou a comprar um. Porém, eu não tinha dinheiro para pagar a metade do consórcio e ele me chamou de ‘caganeira’. Bati a mão na mesa e disse: ‘**Isso eu não sou. Vou fazer o consórcio!**’

Trabalhei um bom tempo durante o dia como assistente, à noite fazia faculdade, e no sábado e domingo, pegava meu fusca e saía vender máquinas para os colonos. Ganhava muito bem vendendo essas máquinas, e seis meses depois, eu já tinha um carro novinho.

Nesse período, a **Cooperativa Aurora** resolveu me demitir pelo simples fato de que eu havia namorado com a filha do presidente, e o sogro havia saído da cooperativa. Expliquei que eu e **Sandra** não estávamos mais namorando, mesmo assim, me demitiram.

Um certo tempo depois, comecei a trabalhar com representação comercial na **AGROCERES**, na parte da nutrição e genética. A **AGROCERES** era referência em genética suína. Então, consegui um contato com um distribuidor da **AGROCERES**, **Alvair Paiz**, que morava em **Pato Branco**. Encontrei-me com ele em **Chapecó**, e me explicou como tudo funcionava.

Como eu tinha um **Fiat Uno** novo, ele perguntou se eu queria ser o vendedor ou o representante dos produtos. O representante tem que comprar e vender produtos, e era isso que eu queria.”

ESTOCANDO PRODUTOS NUM QUARTO DE REPÚBLICA

“Eu morava em uma casa dividida com três, e comecei a comprar produtos e estocar dentro do meu quarto. Fui na **Fiat** de **São Miguel**, e na época existia muita **Fiat Fiorino** e faltava **Fiat Uno** nas concessionárias. Eles trocaram o meu **Uno** por uma **Fiorino**.

Resumindo, em um ano eu já estava com cinco vendedores, pois criei uma empresa chamada **Agroanimal**. Vendíamos principalmente uma nutrição chamada ‘**Premix**’, para suínos. Expandi meus negócios por todo o **Oeste Catariense**.

Em quatro anos, de mil novecentos e noventa e quatro a mil novecentos e noventa e oito, eu achei que tinha ficado rico. Precisei trancar minha faculdade de **Administração** porque eu não conseguia fazer tudo.”

SUINOCULTURA EM DECADÊNCIA

“Resolvi mudar de área quando fui visitar um amigo cliente para cobrar rações que eu havia vendido para ele. Me convidou para almoçar e depois pescar. Chorando me contou: ‘A única coisa que estou fazendo de investimentos é jogar bocha nos sábados, mas não tenho dinheiro nem para tomar uma cerveja de tão ruim que está a suinocultura.’ Isso me despertou. Me toquei que eu estava no lugar errado e que minha atividade estava na decadência. Eu tinha que mudar de ares.

Chamei o **Alvair** e disse que queria vender a agropecuária. Paguei todas as contas mas fiquei mal financeiramente. Meus vendedores tinham recebido alguns pagamentos e não me repassaram o dinheiro.

Acertei as dívidas e fiquei com um **Santana** a álcool para poder me deslocar.”

SURGE OUTRO RAMO DE ATIVIDADE

“Então, um amigo chamado **Nedir Nardini**, me convidou para investir em sua empresa de prestação de serviços públicos. Esta empresa cuidava da limpeza e terceirizava os serviços de manutenção das cidades. Ganhamos nossa primeira licitação em **União da Vitória**.

Comecei a perceber que a suinocultura estava mal. Aliás, sempre foi um setor de altos e baixos, por isso, passei a investir cada vez mais no ramo de prestação de serviços públicos.



Em mil novecentos e noventa e oito, a empresa ganhou uma licitação importante, que precisaria contratar em torno de sessenta funcionários. Então, o **Nedir** me pediu que eu administrasse e me ofereceu cinquenta por cento. Estava feita a sociedade.

Mas no final do ano dois mil, os contratos foram parando, e resolvemos desmanchar a sociedade. Ele ficou com a empresa e eu estava sem trabalho de novo. Nesse tempo eu já tinha voltado namorar com a **Sandra**.”

OUTRA NOVA SOCIEDADE

“Minha irmã de **Florianópolis** tem uma lavanderia e me chamou para fazer sociedade com ela. Ela me daria metade da lavanderia e eu montaria uma agência de viagens. Eu e **Sandra** alugamos um apartamento em **Florianópolis**, e fomos morar juntos.”

O NASCIMENTO DA CONTINENTAL OBRAS E SERVIÇOS

“Em **Florianópolis**, a sociedade com minha irmã não deu certo. *No entanto, eu já estava de olho no negócio chamado lixo.* Um amigo chamado **Bernardo Beirithi**, de **São Carlos**, me disse: ‘*Olha Barcella, tem uma reunião com todos os prefeitos em Quilombo, onde vão tratar sobre a problemática do lixo. E se quiser, pode participar.*’ Era início do ano de dois mil e um.

Nessa reunião, os prefeitos assinaram um termo de conduta, no qual se comprometiam, em um prazo de dois anos, a resolver o problema do lixo. Não poderia mais existir ‘lixão’.

A minha oportunidade estava ali, eu só precisava de um sócio. Relatei isso ao meu sogro, e montamos a **Continental**. Vamos montar aonde? A **Sandra** queria que fosse em **Chapecó**, porque facilitaria para ela. Eu disse: ‘*Vamos para Xanxerê, porque lá vamos ser alguém. Em Chapecó, seremos apenas mais um.*’

Saimos de **Florianópolis** com uma **Van MB180**. A **Sandra** tinha uma **Saveiro**, onde colocamos uma parabólica, e viemos para **Xanxerê**. Alugamos um apartamento na **Rua Rui Barbosa**, e montei um escritório perto da rodoviária. *Ali foi a primeira sede da Continental.*

A **Continental Obras e Serviços** tem meu sogro **Nelson Bauermann** como meu sócio. Nosso trato foi que a sociedade seria de cinquenta por cento para cada um. Nós dois injetariamos dinheiro na empresa, e eu administraria. Assim, seria possível termos uma empresa com vida longa.

Montamos a **Continental Obras e Serviços** em primeiro de Abril de dois mil e um. Comecei a visitar as prefeituras para oferecer serviço. Os primeiros contratos firmados foram com os municípios de **Coronel Freitas** e **Quilombo**.

Nesse meio tempo, preparei uma área de terra, e fiz um aterro sanitário em **Coronel Freitas**. Daí para frente, foi uma sucessão de negócios feitos. Eu criei uma empresa que presta serviços aos municípios dentro de uma área em que todos tem necessidade. *Houve uma época em que chegamos a atuar em vinte e cinco municípios.*

Em **Xanxerê**, o contrato foi firmado em dois mil e dois. A partir de **Xanxerê**, atendemos toda uma região. Eu levava todo o lixo de **Xanxerê** para o aterro sanitário de **Coronel Freitas**.

Em dois mil e três construí um aterro aqui e fechamos o aterro de **Coronel**. Assim, todo o resíduo de **Coronel Freitas** passou a vir para cá.

Desde o primeiro dia do aterro, sempre teve a preocupação com a separação dos resíduos, que passam pelo tratamento. O reciclável volta para o comércio, mas não é uma fonte de renda. A **Continental** sempre viveu da prestação de serviços.

Como atividade empresarial, teve um crescimento grande de demanda. Em dois mil e oito, resolvemos fazer uma atividade parecida com isso no Mato Grosso, em Sorriso. E em cada setor, tenho sempre uma pessoa para administrar. Lá no Mato Grosso, eu tenho sócio, e é ele quem administra lá. Eu dou assistência.”



QUAL É A SUA VISÃO SOBRE A COLETA, RECICLAGEM E ECOLOGIA?

“O meio ambiente e o investimento no meio ambiente precisam ser paralelos, andar de mãos dadas. A partir do momento em que um se sobrepõe ao outro, algo de ruim sempre acontece.

Existe primeiro uma capacidade muito grande de regeneração do ambiente. Por mais que se destrua, ele tem uma capacidade muito grande de se regenerar. No meio dessa confusão meio ambiente/atividade econômica, existe a opinião pública, que tem que ser levada em consideração. Às vezes as pessoas tem as melhores intenções na crítica, nas opiniões relacionadas ao meio ambiente. Mas às vezes falta conhecimento. Tudo se faz com dinheiro, recurso, inclusive, a preservação.

A atividade econômica é poluidora. Convivemos produzindo lixo, produzindo dejetos, e alguém tem que fazer esse trabalho sujo de recolher e dar um destino correto. Esse destino, muitas vezes, não é o ideal, porque esbarra na situação econômica.

O aterro é a melhor solução econômica viável. É um armazenamento de lixo que se monitora. Mas é lixo que está contaminando. Ele poderia ser pulverizado.

Hoje em dia, temos como transformar lixo em combustível, energia, eletricidade, que são coisas mais palpáveis. Existem formas de fazer biodigestão da parte orgânica. E por que que não é feito? Porque é uma atividade economicamente inviável.

Nós não temos ainda tecnologia para tanto, a menos que o poder público banque isso. Eles tem outras áreas para resolver como educação, segurança, saúde, e não consegue mais botar dinheiro no negócio chamado lixo.

O esgoto da cidade vai para o Rio Xanxerê ou para a terra. Oitenta por cento das moradias de Xanxerê são casas. Resolveríamos esse problema do esgoto com uma simples instalação: fossa filtro. É muito mais eficiente e dá muito menos trabalho do que coletar e tratar o esgoto tudo junto.

O esgoto é mais fácil de ser tratado quando é *in natura*, pois fica concentrado. Se existissem fossas filtro em todas essas casas, poderíamos tranquilamente jogar tudo no sistema pluvial, que estaria resolvido.

Com um edifício grande, claro que é mais difícil de instalar essa estrutura, pois não comporta. As fossas filtro seriam uma solução viável para instalar nas casas. Porém, é uma questão de investimento. É tudo questão de diluição. Teve até um prefeito que me perguntou qual a receita para tratar o esgoto da cidade de maneira eficiente, e eu disse: ***Instalar fossa filtro antes de construir uma casa. Isso resolveria oitenta por cento desse problema, com um custo zero.***

Existe a lei que obriga as pessoas a construírem isso. Agora, quando se vai construir, não se pode fechar a fossa filtro antes do fiscal vir avaliar. É por isso que nosso rio fede tanto, pois vai tudo para dentro dele, sem tratamento algum.”



Casamento em Cunha-Porã - SC.

O CASAMENTO

“Em dezesseis de Junho de de dois mil e um, eu e a Sandra nos casamos em Cunha-Porã. Foi tanta emoção, que eu acabei errando o dedo da aliança, e a Sandra ficava tentando arrumar. Passamos nossa lua de mel em Gramado, na Serra Gaúcha.

Nossa primeira filha é a Heloisa. Nasceu em vinte e três de Dezembro de dois mil e dois. Fiz aquele papel de pai nervoso no hospital. Naquela época eu trabalhava muito. Depois veio a Isadora, em vinte e dois de Março de dois mil e seis.”



OS PAIS

“Meu pai é uma figura extremamente carismática, humilde, espontânea e com um alto grau de ingenuidade. Continua tomando as cachacinhas dele. Passou por uns perrengues de saúde, pois foi fumante a vida toda. Há uns anos atrás, ele se viu "no bico do corvo", passou por um câncer. Está com setenta e seis anos, mas continua me inspirando. Até porque, temos uma contrariedade: ele é um cara muito conformado. Já eu, sou inconformado. Para ele, está tudo sempre muito bem. Se tem algo, bacana. Se não tem, bacana também.

Ele era muito bravo quando éramos pequenos, então a tínhamos muito medo dele. Ele me bateu uma vez só na vida, mas foi merecidamente. Me deu uma boa pisa de laço com guanxuma, que eu dancei umas duas valsas ao redor dele. Eu tinha inventado uma mentira para não ir trabalhar com um tio, e fui descoberto, desmascarado.

Minha mãe é mais sisuda, mais mandona. Vejo muito da minha mãe em mim, tem uma visão mais progressiva. Ela nos fazia estudar. Para o pai, se ficássemos em casa, estava tudo bem. Ela sempre foi muito exigente, uma figura autoritária e que gosta de se meter em tudo que pode.”

PRÊMIO EMPRESÁRIO DO ANO 2012

“Quando se ganha esse prêmio, no primeiro momento parece um Oscar, porque você é indicado e acontece tudo ali na hora. Eu não tinha a expectativa de ser indicado, foi uma surpresa muito grande.

Após a indicação, fui chamado para defender a minha candidatura. Mas eu não tinha o que falar, porque eu não queria defender candidatura nenhuma.

Nem sabia direito o que falar, mas sabia da importância. Fiquei muito lisonjeado e agradecido. Isso de ser valorizado pelo setor, dá um up para o empresário.

Receber o troféu "Empresário do Ano" foi, sem dúvida, um momento muito especial na minha vida empresarial. Ser reconhecido pela classe onde atuamos, nos proporciona o incentivo necessário para continuarmos nosso árduo trabalho no dia a dia, nos motiva a buscar novos horizontes empresariais com a certeza de estarmos fazendo o que é certo, com equilíbrio, bom senso e cautela nos momentos difíceis, sem perder o arrojo necessário para seguir progredindo. Tenho gratidão pelo reconhecimento e toda a classe empresarial xanxerense.”

A ACIX

“A história da ACIX se confunde com a história do município. A ACIX tem uma importância muito grande, não só ao associado, mas para toda a comunidade. Todos os grandes temas que repercutem na vida xanxerense passam pela ACIX. Uma associação com posicionamento forte, que preza pelo bem-estar de seus associados e toda a classe empresarial. Diante de tamanhos desafios, é imprescindível a junção de forças, e isso a ACIX faz, e faz muito bem.”



Família de Ademir Barcella - Ademir, Sandra, Heloisa e Isadora.



Ademir Barcella em pescaria com amigos, um de seus hobbies prediletos.



15ª Edição do Prêmio Fritz Müller. É o principal reconhecimento ambiental de Santa Catarina. O nome da honraria é uma homenagem ao famoso naturalista alemão Johann Friedrich Theodor Müller, que viveu em Blumenau por 45 anos.





Equipe de colaboradores da Continental Obras e Serviços entregando presentes para Arthur, que espera ansiosamente todos os dias o caminhão da coleta de lixo passar em sua rua para dar um tchauzinho.



“OUSADIA E



Ademir Barcella



PERSISTÊNCIA SEMPRE”





DEPOIMENTOS

Getúlio Brizzola Gerente de Operações

“Entrei na **Continental** em vinte de Janeiro de dois mil e três. A empresa **Continental** é uma empresa séria. Tenho uma satisfação imensa em trabalhar nela, principalmente quando a gente tem um cargo que exige muita responsabilidade. Mas o bom, é que tenho o respaldo da empresa para tomar decisões.

Na parte que é da minha competência, eu decido o que faço, porque os diretores confiam no meu trabalho.

A empresa lida com uma questão muito delicada da vida e com a saúde humana, que hoje talvez seja um dos trabalhos mais importantes. Estamos tirando lixo da natureza e reciclando. *Enfim, estamos ajudando a preservar a própria vida do planeta.*

Também percebo isso através das divulgações na mídia. Então, sinto uma grande satisfação em fazer parte de uma equipe, que por sua vez, realiza um trabalho que beneficia todo mundo.

Trabalhar com Ademir Barcella é muito bom. Quando comecei a trabalhar com ele, eu era motorista. Passou um certo tempo e eu fui adquirindo o meu espaço dentro da empresa. Ele é uma pessoa que dá espaço para os colaboradores trabalharem. Ele te dá respaldo, e você adquire aquilo que quer dentro da empresa, porque há todas as condições para crescer e adquirir confiança.

Dentro da empresa, eu faço praticamente tudo, só não atuo na parte administrativa. No mais, eu comando todas as operações que a empresa faz, ou seja, coleta, limpeza, transporte e tudo mais. É bastante serviço. Hoje em dia, eu levanto às quatro horas da manhã e não tenho hora para voltar pra casa. Como temos três períodos de trabalho, manhã, tarde e noite, quando surge algum problema, preciso estar sempre na ativa.

Quando **Ademir Barcella** recebeu o prêmio de **Empresário do Ano** em 2012, eu fiquei cheio de orgulho. Porque, afinal de contas, era o empresário, dono da empresa em que eu trabalho. *O Ademir tem um modo muito diferente de gerenciar uma empresa. Ele delega uma função e te deixa livre para agir.*

Raramente consigo falar com ele. Esse é o estilo de ele comandar. É na base da confiança e da credibilidade.”





Sandramar Toriani Sembraneli

Departamento Financeiro

“Eu presto serviço para a **Continental** desde **dois mil e um**. Desde a criação da empresa temos um vínculo de trabalho.

A empresa **Continental** é muito interessante. Embora seja familiar, a família **Barcella** trata dos assuntos relativos à empresa, de maneira bem profissional. Eles foram profissionalizando a questão da administração da empresa, tanto que hoje a empresa tem um gerente que não é da família.

Eu vejo que desde o início da empresa, desde a sua constituição, preza muito pela qualidade dos serviços que presta. Eles sempre tiveram a índole de fazer o que é certo.

Ao pensar no que tange à área de tributação, a empresa desde sempre agiu de modo reto. Posso dizer isso de cadeira. A Continental é uma empresa em que o financeiro é exatamente o que é apresentado ao Fisco (tributos e impostos diretos, incidência, legislação, obrigações e aproveitamento fiscal). Acho que é uma das poucas empresas da nossa região que age desta maneira.

Independentemente do município ser menor ou maior, a qualidade do atendimento é a mesma. Além de que, os funcionários estão sempre tendo a oportunidade de receberem treinamentos, com o objetivo de manter a qualidade dos serviços prestados.”



EM TERMOS DE CULTURA AMBIENTAL, COMO É QUE VOCÊ VÊ A IMPORTÂNCIA DESSE TRABALHO PARA A VIDA HUMANA?

“Para mim, enquanto pessoa, vejo que é de fundamental importância, porque hoje a empresa coleta o material seletivo, que nós, enquanto usuários, teríamos que ter o hábito de separar os resíduos, para que facilitasse esta coleta.

A **Continental** faz um trabalho de triagem do material recolhido para não sobrecarregar o aterro sanitário. Desta maneira, se cuida e se preserva um pouco mais o meio ambiente. Com relação a essa preocupação ambiental por parte da empresa, não tem nenhuma legislação que nos obriga a ter esse cuidado. Há anos a empresa faz isso por conta própria.

Eu admiro o trabalho do Ademir Barcella enquanto profissional. É um empresário que está sempre buscando fazer as coisas de modo reto e correto.

Toda empresa privada tem como objetivo final, o lucro. Mas ele nunca nos passou ou tomou uma decisão, que a gente tenha presenciado, somente com o objetivo de lucrar. Se tiver que recuar em algumas situações em relação à qualidade dos funcionários para preservar as pessoas, ele faz isso.

Então eu vejo nele, um profissional que não só cuida da parte financeira da empresa, mas preza pelo todo e principalmente pelo bem estar dos funcionários.”

PODERÍAMOS CONCEITUAR O ADEMIR COMO UM EMPRESÁRIO COM UMA VISÃO MODERNA NA MANEIRA DE GERENCIAR?

“Sim, ele é diferente. Principalmente em se tratando da nossa região, quando se fala de uma empresa menor e empresas familiares. Hoje, no mercado, encontramos empreendedores que por mais segurança que tenham em suas atividades, se mostram apegados e apreensivos em delegar funções, e confiar nas pessoas que ocupam cargos de chefia ou de gerência.



O **Ademir Barcella** é diferente. Não é aquele tipo de empresário que fica a todo momento desconfiado disso ou daquilo. Ele apenas solicita que os números e relatórios cheguem em suas mãos.

Ele é um empreendedor nato. Eu vejo nas decisões e colocações dele que é um empreendedor, e toda essa questão de delegar, de deixar a responsabilidade para outras cuidarem dos negócios dele.”

EMPRESÁRIO DO ANO

“Eu acho esse prêmio muito bacana, porque é uma forma da sociedade mostrar que está analisando, cuidando, que está enxergando as empresas profissionais, e olhando para esses empresários que se dedicam muito. ***O risco de assumir uma empresa hoje, não é só uma questão financeira ou econômica, é uma questão risco de crime processual também. Então, todos os empresários assumem um alto grau de responsabilidade.***

Esse prêmio ***Empresário do Ano***, é o reconhecimento da sociedade dos empresários que tem a coragem de comandar uma empresa, seja ela pequena, média ou grande.

Todas as pessoas que trabalham com **Ademir Barcella**, certamente ficaram muito felizes quando ele foi agraciado com este prêmio em 2012.”

Adierso Bianchi Gerente Administrativo

“Trabalho na **Continental** há três anos. Minha função é de **Gerente Administrativo**.

Trabalhar na Continental é um prazer, uma alegria, uma satisfação muito grande. Eu estava no mercado há muitos anos na área bancária, depois trabalhei na área pública, onde eu conheci o Barcella.

Sempre tivemos um bom relacionamento. Quando eu saí da área pública, eu recebi o convite em função de uma mudança administrativa na empresa. Chegamos a um acordo e eu vim trabalhar aqui pela experiência administrativa que eu possuía em várias áreas.

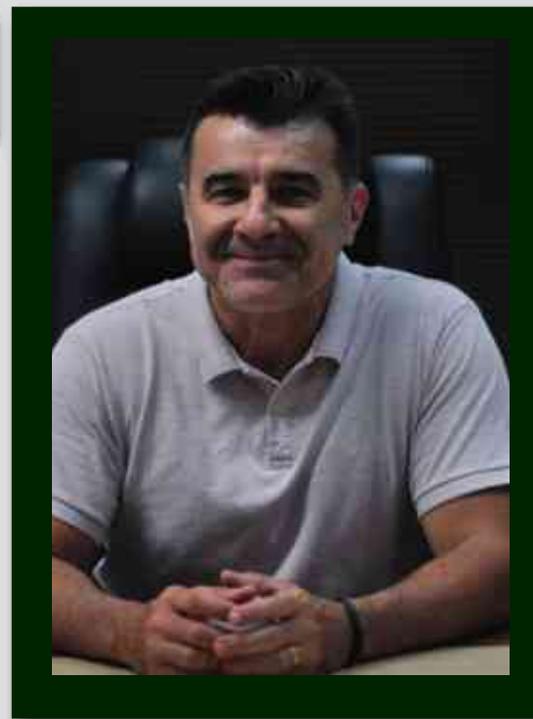
O **Barcella** me deu a oportunidade de desenvolver um pouco mais isso. Já de antemão, abriu as portas da empresa para mim, me deixou à vontade, tranquilo para ir aprendendo.

Estou aprendendo muito com ele, fazendo sempre uma transição, porque ele é o fundador da empresa. Atualmente estamos ajustando muitas coisas, mas tenho muita alegria, muita satisfação e é um desenvolvimento profissional fantástico para mim, para minha carreira, para o meu lado pessoal, em todos os sentidos.

É uma empresa grande, solidificada e que faz a coleta de lixo no município há praticamente vinte anos, como também serviços de limpeza, então agrega muita coisa, principalmente para mim profissionalmente. Temos mais de cem colaboradores.

O município de Xanxerê gera praticamente mais de trinta toneladas de lixo por dia. Para onde iria todo esse lixo se não houvesse um lugar apropriado para fazer a triagem e armazená-lo?

É isso que a Continental faz hoje, o serviço de recolhimento nas residências, o serviço de limpeza do município, e dá o destino correto, ou seja, faz todo o tratamento desse lixo. Nosso aterro é licenciado pelos órgãos oficiais, então a população de Xanxerê fica tranquila porque seu lixo está sendo bem tratado, está sendo destinado corretamente.





Se a gente fosse pensar de outra forma, onde iria parar tudo isso se não existíssemos? Isso com certeza estaria nas nossas matas, nossos rios, jogado nos barrancos das estradas, como ainda infelizmente acontece em muitos lugares. Mas é numa quantidade bem menor.

A Continental tem uma importância significativamente muito grande para o município e para a região, para o nosso meio ambiente, para nossa vida, porque está fazendo um trabalho de maneira correta.

O princípio da fundação da empresa com a família do **Barcella** e do **Sr. Nelson**, é fazer tudo corretamente, de acordo com as leis, normas, políticas de meio ambiente, políticas públicas... Então a gente tem essa consciência e mantém isso firmados nos alicerces da empresa.

Para que a população pudesse facilitar nosso trabalho, seria necessário que fosse separado o lixo reciclável do lixo molhado, que a gente chama de resíduo. Mas infelizmente, isso não acontece na totalidade. Muitas pessoas, a grande maioria da população, ainda coloca tudo junto. Plástico, latinha, vidro, tecido, orgânico... Se tudo fosse separado da forma correta, não seria necessário o árduo trabalho de separação, pois o caminhão chegaria no aterro e despejaria diretamente o material, e dessa forma, a perspectiva de vida do aterro sanitário se estenderia.

Um aterro que é mantido por no máximo dez anos, poderia durar em torno de vinte e cinco, até trinta anos contando com essa ajuda da população, porque sem a separação feita já em casa, se acumula uma quantidade muito maior de lixo. Tudo se mistura, não se pode reaproveitar nada e os resíduos acabam por demorar muito mais tempo para se decomporem.

Temos uma estrutura para realizar a triagem, a separação deste material. Porém, das trinta toneladas de lixo que recebemos por dia, conseguimos separar apenas trinta por cento de tudo. Para reciclar toda essa quantidade, precisa de uma estrutura muito maior e de um grande número de funcionários realizando esse trabalho de separação, quase o dobro, o que fica inviável econômica e financeiramente.

Sobre o Ademir Barcella, enquanto empresário, posso dizer que é uma pessoa fantástica, um grande empreendedor. Chegou neste município e montou uma pequena empresa junto com sua família, que hoje agrega um grande valor e importância à saúde pública e qualidade de vida da população.

É uma pessoa dinâmica, empreendedora, compreensiva, e que tem personalidade muito forte. Acho que isso é uma grande qualidade do **Ademir**, porque ele leva as coisas sempre no fio da navalha, mas sempre voltado ao justo e ao correto. Ele cobra agilidade e que as coisas aconteçam como devem ser. Com ele não existem meias palavras.

Como empresário, atingiu um grande sucesso através do seu dinamismo, empreendedorismo e sabedoria em acreditar que as coisas devem ser realizadas corretamente.

Ao mesmo tempo em que ele vem passando a direção da empresa para mim, que tenho um perfil profissional e pessoal diferente, e que trago para dentro da **Continental** minhas próprias vivências e experiências, tenho aprendido muito com ele no sentido de que as coisas sejam resolvidas mais rapidamente, dinamicamente, que aconteçam.

O grande sucesso em sua vida profissional se deve ao seu caráter, sua personalidade, a forma correta de agir, orientando a todos, a empresa, enfim, envolvendo todo mundo que vive ao redor dele.

Às vezes é até criticado por essa forma mais dinâmica de ser, mas para mim, é uma qualidade. Com isso ele faz com que as coisas aconteçam ao redor dele, e aí está a prova, esse grande sucesso. A empresa está há todos esses anos no mercado, atendendo toda a região, então para mim, é isso que realmente importa.

Ademir é uma pessoa que quer sempre fazer o bem.

No momento em que ele passa a direção da empresa para um **Gerente Administrativo**, que antes era o cargo que ele ocupava, é uma atitude diferenciada no mercado. Geralmente o dono quer ficar sempre no comando de sua empresa ou as empresas familiares vão passando de pai para filho, ou para netos. Não que isso não vá acontecer em algum momento, mas quando ele designa um dos funcionários para o cargo de administrador, ele está delegando funções muito importantes dentro da empresa. Como ele mesmo diz: 'Não é fácil!'



Ele se preparou bastante para isso, para passar o comando a alguém e praticamente sair da empresa. É um ato louvável e inovador. Claro que está atento a tudo o que acontece, não fica por fora dos assuntos que são discutidos aqui dentro e mantemos contato quase que diário, até porque, ele fundou tudo isso. Ele sabe de cada alicerce que foi construído. Para alguém desapegar de algo criado com tanto esforço, dedicação e carinho, é muito difícil.

Eu só tenho a agradecer, porque é uma grande honra tanto para minha pessoa, minha família, quanto para meu lado profissional, ter a oportunidade de estar à frente dessa grandiosa e respeitável empresa, que sem dúvida, realiza um trabalho extremamente pertinente, se não for um dos mais importantes na cidade de Xanxerê e região. Trabalhar aqui, estando ao lado de uma pessoa como o Ademir, é espetacular.”



Equipe de colaboradores do escritório da Continental Obras e Serviços.



Colaboradores da Continental - Bravos trabalhadores que mantêm a cidade limpa.



Biografia do Empresário do Ano 2013
AVELINO MENEGOLLA





HUMILDADE E GENEROSIDADE

Mesmo que não fosse prefeito por três vezes, qualquer pessoa que o encontrasse e por um breve instante com ele conversasse, perceberia de imediato que estaria diante de um homem que extravasa simplicidade e carisma. Poderíamos definir Avelino Menegolla, como um "homem comunitário", disposto a ouvir e fazer alguma coisa em prol do próximo.

Talvez tenha sido esta serenidade aliada ao seu modo simples de ser que o conduziu a uma longa carreira política. Ocupando o cargo de prefeito ou não, desde os tempos em que escolheu Xanxerê para plantar sua vida e constituir sua família, vamos sempre encontrá-lo suando sob o calor do fogo em torno de uma churrasqueira, pondo literalmente a mão na massa, ou na carne, trabalhando em benefício de alguma festa de comunidade. E olha que Xanxerê tem praticamente uma festa para cada santo.

Também se tornou um hábito encontrarmos Avelino em torno de um tacho, manipulando algum alimento para ser servido em um jantar ou almoço beneficente. Está em seu DNA essa característica natural de envolver-se em tudo que tiver uma causa social. Isso certamente vem desde a infância no interior gaúcho, onde a pouca terra disponível tinha que frutificar o máximo, e os moradores das comunidades se reuniam e se uniam para ajudarem uns aos outros.

Acrescenta-se que Avelino, durante a infância embora rica de convivência entre irmãos e vizinhos, teve que aprender a calejar as mãos para ajudar sua mãe na labuta do dia a dia, buscando manter a família em pé e unida. Como ele mesmo diz: "Quando se age com humildade, tudo acontece naturalmente".

Quando chegou em Xanxerê, já casado, e cheio de expectativas para crescer, não teve receio de lavar as mãos cheias de graxa e calejadas no dia a dia de uma oficina de carga pesada, e delicadamente ajudar sua mulher a costurar roupas até altas horas da noite. Ele fazia isso num tempo em que a maioria dos homens sequer lavavam uma louça.

Na estrada da vida sofreu rasteiras do destino. Sentiu no corpo e na alma a partida inesperada do irmão Beijamin, junto com sua cunhada e sobrinho. Assumiu o papel de pai dos sobrinhos e seguiu em frente em honra à memória do irmão.

Com foco, fé e trabalho, Avelino alavancou o desenvolvimento de uma empresa que no auge de seu crescimento, deu sustentáculo à vida de 400 colaboradores. O menino que amava colher jabuticabas, e que entrou para a história de Xanxerê como o mais longo mandatário do município, foi agraciado com o prêmio Empresário do Ano 2013.



Avelino Menegolla nasceu em Erechim - RS, em 25 de Agosto de 1950. Filho de Pedro Menegolla Primeiro e Inês Dalla Costa Menegolla. É casado com Cirlei Menegolla, com a qual tem os filhos Luciana e Marcelo, e os netos João Vitor e Laura.

ORIGENS

Avelino Menegolla nos conta que sua família tem suas origens na **Itália**, precisamente na região de **Trento**, que fica ao Norte do país. De lá, vieram tanto seus avós paternos, os **Menegolla**, quanto os maternos, os **Dalla Costa**. Quando chegaram no **Brasil**, escolheram viver em **Caxias do Sul - RS**. Junto com seus avós, veio um tio mais velho de seu pai. Mais tarde, as duas famílias, **Menegolla** e **Dalla Costa**, vieram morar no município gaúcho de **Erechim**. Foi ali que seus pais se conheceram.

Avelino relata: “Meu pai se chamava **Pedro Menegolla Primeiro**, porque ele tinha outro irmão com o mesmo nome. Meus pais tiveram dez filhos, seis mulheres e quatro homens: **Maria, Ema, Lourdes, Beijamim (In Memoriam), Amelia, Teresinha, Avelino, Fiorindo, Helena e Luis Carlos (In Memoriam)**. Sou o sétimo filho.

Minha família trabalhava na agricultura. Minha infância, eu passei no interior de **Erechim** em uma comunidade chamada **Bairro Esperança**, que ficava há dois quilômetros da nossa casa.

Trabalhávamos principalmente com hortaliças, mas era uma produção bem diversificada. Até porque, a família era grande. Possuíamos uma criação de vacas leiteiras. Naquela época, tirávamos o leite à mão, então, um dos meus primeiros trabalhos foi na função de leiteiro. Entreguei muita garrafa de leite a cavalo.

Minha mãe cuidava da horta que era muito grande, porque o próprio sustento da família vinha do que se plantava. Também criávamos porcos, mas não em grande quantidade. Ajudava no sustento e servia para fazer o salame e outros produtos que vendíamos. Para criar os porcos, fazíamos aquelas encerras de taipas e também de madeira. Assim, o porco era criado primeiramente livre, e depois preso para engorda.

Outra coisa que tínhamos em casa, era um moinho para fazer quirera para tratar os animais. *O moinho era movido por uma grande roda d'água, que também produzia energia para a nossa casa.*

Nossa casa era bem grande. A madeira para construí-la, foi buscada em **Santa Catarina**. Havia os **Sponchiado** em **Vargeão** que beneficiavam a madeira, e o trajeto que se fazia com essas madeiras, era através de balsas no **Porto Goio-Ên**.”





INFÂNCIA E JABUTICABA



“Eu lembro pouco de quando o pai construiu a casa, porque eu era bem pequeno.

Nosso moinho ficava num buracão, então o milho era levado nas costas até lá. Com sete anos eu já carregava o quanto podia até o perau onde ficava o moinho.

Isso era feito quando chovia, porque quando dava tempo bom, íamos todos para a roça. Quando éramos crianças, capinávamos os matos que tinha embaixo dos parreirais. Estes parreirais ocupavam em torno de uma quarta de terra, e também nos ajudava no sustento.

Vendíamos uva, e é claro, todo italiano também produz o seu vinho. Meu pai não vendia vinho. Vez que outra ele presenteava um que outro amigo ou conhecido com um garrafão.

Nessa mesma área de terra, havia um jabuticabal com mais de noventa pés. Não é essa jabuticabeira pequena. O caule tinha em torno de cinco metros de altura e dava aquela cachopa bem grande no topo. Uma coisa muito linda, impressionante. Hoje em dia não se vê mais isso.

Havia pés de jabuticaba em que se colhiam mais de oitocentos quilos. O pé ficava repleto de jabuticaba desde o começo do tronco até o galhinho mais alto.

Com o tempo, como nós crianças subíamos muito nas árvores para brincar, e as frutas saem pelos poros do caule, aquilo foi alisando o tronco e começou a dar menos fruta.

Mas isso é porque uma boa parte dessa área era mato. Então se cortava um pedaço de mato por ano para se ter uma nova roça. Todos os anos se aumentava a área de terra para plantio. Meu pai possuía somente cinco alqueires de terra para alimentar toda a família. *Nessa terra plantávamos tudo o que se pode imaginar.*

Quando se carneava um porco naquela comunidade, a carne era partilhada com todos os vizinhos que ajudavam. Da bexiga do porco se fazia a bola para as crianças brincar. Enchia de ar logo que tirava, e para não botar a boca na ponta do cordão da bexiga, usava-

-se palha de trigo. Depois que enchia, deixava secar. Aquilo durava dias até que estourava. Mas também se fazia bola de pano para jogar. Minha mãe trabalhava com lã, então tinha aquelas bolas de fio que utilizava para fazer algumas coisas, e de vez em quando a gente pegava uma daquelas bolas, botava dentro de uma meia e brincávamos.

Minha infância foi muito bacana. Se eu pudesse ter outra vida e ter a oportunidade de viver novamente, eu escolheria o mesmo lugar. Era uma terra muito boa. Tinha duas partes planas, mas escolheram instalar a casa lá no buraco por causa da água. Minha mãe puxava água a uns trezentos metros da fonte para levar até a casa.

Mais tarde, quando eu já tinha uns dez anos, foi feita uma valeta com picareta, e com uma pua, furávamos taquaruçú dos dois lados, e fomos encaixando um no outro para puxar água. A água vinha de uma região mais alta, onde ficava a terra de um tio. Cada irmão do meu pai tinha uma colônia e meia de terra. Era uma forma primitiva de encanamento. A água vinha muito fresca, principalmente no verão. Foi assim, de maneira rudimentar que passamos a ter água encanada.

Só que o problema era que: como a taquara ficava enterrada e passava água por dentro, começou a brotar, a criar uma raiz dentro da taquara que trancava o tal encanamento. Às vezes era preciso desenterrar tudo para saber onde estava trancado. A raiz da taquara criava uma espécie de esponja que não deixava a água passar. A primeira vez que aconteceu isso, levou-se um bom tempo para descobrir a causa. A princípio pensávamos que eram as folhas, mas não era. Enfim, foi preciso quebrar a cabeça para resolver o problema do tal encanamento primitivo.”



Avelino e Fiorindo, passando a primeira comunhão em Erechim.

VIDA ESCOLAR

“Eu comecei a estudar na **Escola Mendes Sá**. Esta escola até hoje está lá. Estudei somente até o quarto ano, porque à medida em que os filhos iam crescendo, passavam a entregar o leite na cidade. A entrega do leite durava até perto de nove e meia da manhã. Muitas vezes após a entrega, eu amarrava o cavalo na cerca da escola, e aproveitava umas duas horas de aula. Então, se estudava conforme podia, não conforme queria.”

MEU PRIMEIRO EMPREGO

“Mais tarde, quando já contava com dezessete anos, consegui estudar a quinta série. Até porque, quando os mais velhos iam atingindo certa idade, e a terra era pouca para todos nós, íamos para a cidade à procura de um emprego.

Meu irmão **Beijamin**, que já é falecido, já estava na cidade trabalhando, e eu fui trabalhar na mesma empresa que ele, na **Indústria de Molas Carlão**, em **Erechim**.

Aí comecei a estudar à noite. Trabalhava na cidade, mas continuava morando em casa. Ia de bicicleta para o trabalho. De casa ao trabalho, dava em torno de uns cinco quilômetros.

Em algumas noites, eu e meu irmão **Fiorindo** também trabalhávamos em um **Barbaquá** (local onde se faz a torragem e moagem da erva-mate). Nesse tempo, se eu ganhasse cinco pilas, dividia com meu irmão **Fiorindo**.

Eu não conhecia nada daquilo. Tinha um forno onde se faziam as molas. Colocavam umas chapas lisas dentro do forno, e tinha que esperar elas vermelharem. Colocavam cinco peças, uma em cima da outra. Eles trabalhavam com mil e duzentos graus de temperatura, então quem não era acostumado com o calor não conseguia nem enxergar.

A pessoa responsável pelo forno me tratou muito mal. Quando cheguei em casa, fiquei um bom tempo sentado na escada, triste, pensando em desistir. Foi então que minha irmã Lourdes sentou ao meu lado e pediu para que eu não desistisse, pois nossa mãe precisava que cada filho que pudesse trabalhar, ajudasse a manter a casa.

Com o tempo, consegui aprender e fazer tudo direito, inclusive, conquistei a confiança e cresci dentro da empresa. E aquele funcionário que me tratou tão mal, permaneceu fazendo a mesma coisa de sempre.

Em cima de uma mesa, havia moldes onde se colocavam aquelas chapas. Era preciso tirá-las do forno com um puxador, tipo esses de fogão a lenha, só que era de uns dois metros e meio de comprimento. Para puxar, era necessário encaixar no furo da mola, que ficava bem no centro.

No começo, eu fui contratado para varrer o chão, mas sempre que precisavam de ajuda quando alguém faltava, eu me prontificava. Enfim, acabei me criando lá dentro daquela empresa. Aprendi a ser torneiro, montar os terceiros eixos... Trabalhei por oito anos lá, até que eu e meu falecido mano fomos ver em **Carazinho - RS**, um espaço para abrimos um posto de molas.

Naquela época, era a região onde os caminhões precisavam de muitos consertos, então vimos essa oportunidade, porque era tudo estrada de chão e buraco.



Só que assim que chegamos lá, uma empresa nesse mesmo ramo já havia se instalado a pouquíssimo tempo. Aí demos para trás. Ficamos por lá por mais um tempo montando o terceiro eixo, que é o truque do caminhão. Hoje em dia, já vem pronto de fábrica, mas na época, os caminhões vinham apenas com dois eixos, o da frente e mais um. Então eles procuravam montar esse terceiro eixo para conseguirem dobrar a capacidade de carga.”

A VINDA PARA XANXERÊ

“Em mil novecentos e setenta e um, meu irmão **Bejamin** veio para **Xanxerê** montar um terceiro eixo para o **Sr. Jairo Debiasi**, já falecido. Ele era motorista do **Sr. Atílio Bortoluzzi**. Meu irmão **Bejamin** veio para **Xanxerê** de carona com o **Sr. Debiasi**. Aqui, encontrou um posto de molas ao lado de onde hoje é a **Sorveteria Suspiro**, no centro. Um quase primo nosso chamado “**Barriga**”, era dono deste posto de molas e de mais um em **Chapecó**, e ofereceu para meu irmão, a metade do posto de molas de **Xanxerê**.

Nesse tempo eu estava trabalhando em **Erechim** ainda. O **Bejamin** trabalhou por mais ou menos um ano com o sócio dele nesse posto de molas, porém não estavam mais se entendendo. O sócio pegava serviços e mais serviços, sem ter terminado outros, e meu irmão gostava de fazer um serviço bem feito antes de partir para outro. Aí eu e meu outro irmão, o **Fiorindo**, nos propusemos a comprar a metade que pertencia ao sócio. Porém, eu não tinha muita coisa além de um terreno que estava terminando de pagar.

Eu havia casado a um ano e pouco e morava de aluguel. Mas bem no fim, deu tudo certo e compramos essa metade do posto de molas. Minha esposa **Cirlei** tinha uma máquina para fazer malhas, e criava camisetas e blusas.

Eu trabalhava na oficina durante o dia, e tinha que pagar mais ou menos quinhentos cruzeiros por mês para quitar o pagamento do terreno. Então, basicamente todo meu salário era investido nessa compra, e o nosso sustento vinha daquela máquina de fazer malhas. Muitas vezes eu ficava até as duas da madrugada tocando aquela máquina manual. Fabricávamos roupas sob medida, dentro do manequim de cada um.”

LAZER, NAMORO E SERVIÇO MILITAR

“Nos domingos à tarde, eu gostava de jogar futebol. Uma que outra vez ia em algum baile, porque não é muito do meu gosto dançar.

Meu namoro com a **Cirlei** até que começou de um jeito simples. Éramos vizinhos. Na época, eu tinha uma lambreta que comprei junto com meu irmão. A **Cirlei** também trabalhava na cidade, então, eu dava carona para ela. Na verdade, a gente se conhecia desde a infância. Brincávamos juntos.

Na nossa terra, havia uma vertente muito grande, e em época de muita chuva, formava uma espécie de lagoa onde todos iam tomar banho. Nossas terras faziam divisa com as terras da família da **Cirlei**, então, quando estávamos roçando e começava a chover, corríamos para essas lagozinhas brincar.

A mãe dela dizia para a minha mãe: ‘*O Avelino e a Cirlei podiam formar um casal.*’ E ela é minha esposa até hoje. Naquela época, nossos pais já viam essa possibilidade, então acabou acontecendo. Eu fui pedir para namorar com ela quando eu tinha em torno de dezenove anos, porque nesse meio tempo, eu tinha ido para o quartel, e só na volta eu comecei a pensar em namorar à sério. A gente estava se conhecendo ainda quando fui para o quartel.

Fiquei somente três meses, porque meu pai fez um requerimento, pois quem trabalhava com agricultura era dispensado. Eu servi no quartel de **Alegrete**, na fronteira com o **Uruguai**. Mesmo que tenha sido por pouco tempo, foi uma experiência fantástica.

Até hoje eu tenho uma disciplina que todos os jovens, enfim, as pessoas, deviam ter. É uma lição de vida. Lá se aprende a respeitar. Carrego isso comigo até hoje.

Quando se entra no quartel, a primeira coisa que você faz é arrancar os matos dos caminhos dentro do quartel. Como eu era da roça e tinha as mãos grossas, já da lida, estava sempre na frente dos outros. Muitos chegavam a criar bolhas nas mãos.



Certa vez, quebrou um eixo de mola de um dos caminhões. Como eu havia trabalhado na oficina, falei com o superior informando que eu sabia consertar, e consertei. De vez em quando me chamavam lá na oficina. O meu número era vinte e dois. Depois que voltei de lá, continuei utilizando a minha caixa de ferramenta número vinte e dois que eu usava lá no quartel. O número da minha ficha de trabalho, se não me engano, também é vinte e dois. É quase que um número da sorte para mim.

Voltando ao namoro, quando vimos que existia essa possibilidade de namorarmos, até porque era uma vontade nossa e dos nossos pais, iniciamos o namoro. Mas para isso, tinha que marcar um dia para ir pedir a mão dela para os pais.

Foi num sábado. Fiquei bastante nervoso, mas como já éramos conhecidos, ficou mais fácil. Minha sogra ainda está viva com oitenta e oito anos. Naquele dia, jantei com eles e no fim deu tudo certo.

Namorei com a Cirlei por quase dois anos e casamos. Meu sogro tinha uma vaca que nunca parava no potreiro e acabou me dando para que eu engordasse até o casamento.”

O CASAMENTO

“A festa do nosso casamento foi debaixo de uma lona colocada no entorno de uma grande e bonita árvore na casa do meu sogro. Puxamos uma lona, e fizemos uma parede com folhas de palmeira e taquara, e improvisamos uma cozinha lá mesmo. Isso foi há quarenta e seis anos. *Casamos no dia cinco de Janeiro de mil novecentos e setenta e quatro.*”

Com a vaca que engordei, presenteada pelo meu sogro, recebemos cento e vinte convidados para um churrasco, inclusive meu patrão, **Itor Carlan**, que convidei para ser meu padrinho.”



Avelino e Cirlei casaram em Erechim, e a festa foi no sítio do sogro, no Bairro Esperança.

AMIZADE COM O PATRÃO

“Havia um tratamento bem diferenciado entre eu e meu primeiro patrão. Eu não era apenas um funcionário dele. Abríamos e fechávamos a fábrica juntos. Quando preciso, trabalhava até no domingo. Era uma grande amizade. O salário nunca foi dos melhores, mas ele nos deu muitas oportunidades que construíram nossa trajetória de vida profissional.”



OFICINA PARA MONTAR TERCEIRO EIXO EM SOCIEDADE COM O IRMÃO BEIJAMIN

“Depois de um ano de casamento, viemos morar em **Xanxerê**. No primeiro momento, a gente nem prestou muita atenção na cidade, porque eu vim apenas para dar uma olhada por cima e visitar o **Sr. Domingos Marca** e a **Dona Dileta**, sua esposa, na ervateira que eles possuíam onde hoje está construída a **Trukam**.

Naquela região só existia a casa deles, o resto era matagal. *Estavam fazendo o primeiro calçamento na Rua Coronel Passos Maia*. Ali onde existia o posto de molas, hoje tem o depósito dos **Moschetti**. Ao lado, há um prédio de dois pisos onde fomos morar. Alugamos a parte de baixo para montar uma sessão de peças, e na parte de cima, morávamos eu, minha esposa, meu irmão e minha cunhada.

Nossa cozinha era pequena, e não tinha água, então para lavar a louça, colocava tudo numa bacia e levava para lavar na cozinha da cunhada. Fora o quarto que era bem grande, o restante do apartamento era todo dividido com meu irmão: banheiro, sala, sacada.



Posto de molas da TRUKAM na Rua José Bonifácio Centro de Xanxerê.

No andar de baixo, além de uma sessão de peças, dividíamos o espaço com uma fábrica de sorvetes. Quando começamos a vender peças para caminhão e montar o terceiro eixo, alugamos o espaço da fábrica de sorvetes para ampliarmos nosso negócio. Como eu era torneiro mecânico, fabricava todas as peças manualmente e montava na oficina.

Certo dia veio um cara de **Caxias do Sul** até a oficina. Naqueles tempos, a região começou a produzir muita soja. Foi uma loucura. Os caminhões para fazer transportes eram muito disputados. Até porque, além da soja também se produzia milho. O ciclo da madeira, dos pinheirais, estava acabando. Meu pai dizia que quando acabassem os pinheirais, a terra vermelha não produziria nada. Mas foi o contrário. A produção de grãos começou a crescer cada vez mais.

Então, esse cara de **Caxias** veio nos fazer uma proposta: eles produziriam o terceiro eixo em série lá em **Caxias**, e trariam para nós montarmos aqui. Eu achei uma boa proposta. Ele deixou o número de telefone dele no antigo **Hotel Ferronato**, atual **City Hotel**, que era o ponto de parada de todo mundo. Era o único lugar em que se tinha acesso a um telefone. Conversei com meu irmão **Beijamin**, e ele também achou que seria uma boa oportunidade. Porém, naquele momento, não tínhamos carro para ir até **Caxias do Sul** para negociar.

Uns dias depois, o cara retornou a **Xanxerê**. Nesse meio tempo, já tínhamos comprado um TL vermelho. Então fomos para **Caxias**, e firmamos o negócio. Cheguei a perder a conta de quantos eixos a gente montou, mas foram muitos. Eles queriam encontrar um representante aqui.”

O NOME TRUKAM

“Quando começamos, nossa empresa era somente um posto de molas. Mas na sequência, devido à demanda de caminhões que pegávamos, mudamos para Trukam (este nome TRUKAM, é alusivo ao “truque” do caminhão, ou seja, relativo à gabine e o eixo, com a junção do “M”, de Menegolla). Trabalhávamos quase que noite e dia.

Além do posto de molas e montagem de eixo, tínhamos os consertos. Na época já existia o **Seraglio**, mas era bem pequeno. A **Mecânica Vanzin** também, mas não eram tão direcionados para essa parte de mecânica de caminhão.

Depois que compramos os barracões onde a **Trukam** está hoje, parecia uma babilônia. Não sabíamos o que fazer com uma coisa tão grande. Mas em pouquíssimo tempo aquilo ficou pequeno para nós.

Depois conseguimos a representação da **Random** com as carretas. No início, trabalhávamos só com as carretas graneleiras, depois pegamos as frigoríficas. Aí compramos uma área no outro lado do trevo, que agora está fechada, porque o custo para manter estava ficando muito alto.”



Parte interna da oficina, ganhando ampliação.



Inauguração da Trukam, na BR - 282.



Prefeito Hélio Winckler e Avelino inaugurando novo barracão, com placa homenageando Beijamin Menegolla.



Parte da equipe de colaboradores, quando a empresa chegou a contar com 400 funcionários.



Público e convidados no dia da inauguração dos barracões da Trukam na BR - 282



Avelino discursando no dia da inauguração.



BEIJAMIN - CANDIDATO A VICE-PREFEITO E UM ACIDENTE TRÁGICO E FATAL

“Nesse meio tempo, o **Bejamin** foi convidado para ser candidato a vice-prefeito pelo PFL, logo que foi criado o partido, junto com o **Helio Winckler**. Ele aceitou, porém, quarenta dias antes da eleição, meu irmão sofreu um acidente, e chamaram o **Davi Canelo** no lugar do **Benjamin**.

Ele estava indo para **São Paulo**, porque um dos filhos dele, o **Jeferson**, que tinha dez anos, estava com um desgaste na bacia e estava se tratando lá.

Fizeram muitas viagens para **São Paulo**. Numa das últimas viagens, quando estavam voltando para **Xanxerê**, e o menino já tinha voltado a caminhar, Benjamin ligou um dia antes da viagem para os outros filhos, o **Rodrigo** e o **Alexandre**, a fim de que eles preparassem a bicicleta, pois o **Jeferson** já podia voltar a andar.

Eles saíram de **São Paulo** pela manhã, e na cidade de **Registro**, ainda no estado de **São Paulo**, aconteceu o acidente. Na época haviam os guincheiros que largavam óleo na pista. Naquele dia, no mesmo lugar, aconteceram três acidentes. O primeiro acidente foi o do meu irmão. Morreram os quatro que estavam no carro: meu irmão, a **Joice**, esposa dele, o menino **Jeferson** e o contador da nossa empresa que era o **Eriberto Seibt**. O carro rodopiou e bateu contra um caminhão que era de **Chapecó**.

Quando ele faleceu, os outros dois filhos ficaram sem pai e sem mãe. Eu fiquei como tutor dos meninos, e para não tirá-los da casa que o Benjamin tinha construído, perto do falecido Sr. Jandir Pasquali, eu fui morar com eles e deixei a minha casa que era na Avenida La Salle.

Fiquei com eles até o mais velho começar a namorar. Ele e a namorada se ajuntaram, não chegaram a casar na época, e começaram a morar junto com o irmão mais novo. Enfim, ficamos como pais deles até completarem dezoito anos.”

MEUS FILHOS

“Depois de cinco anos de casados, veio a **Luciana**, minha primeira filha. Na sequência, era para ter vindo mais um menino, mas infelizmente a gravidez foi interrompida. E por fim, veio o **Marcelo**.”

E COMO FICOU A EMPRESA COM O FALECIMENTO TRÁGICO DO BEIJAMIN?

“Bem, eu tive que assumir a empresa, porque era o mais velho dos irmãos e também tinha mais experiência no trabalho. Eu e meu outro irmão **Fiorindo**, rolávamos embaixo dos caminhões o dia inteiro. Quando eu e **Bejamin** viemos para **Xanxerê**, o Fiorindo também veio para cá para comprar a metade da empresa junto comigo. Então, quando o **Bejamin** faleceu, tivemos que pegar a tutela dos filhos dele e fazermos todo o inventário. Passamos aos filhos dele tudo o que era de direito.

Continuamos com a construção dos barracões do outro lado da BR e fomos seguindo. Não podíamos ficar parados.

Comecei a montar toda uma estrutura de funcionários para trabalhar lá. Ao todo, tivemos mais de quatrocentos funcionários. Depois o número foi decaindo porque vieram novas empresas e tecnologias que foram substituindo o trabalho dos funcionários.

E os próprios funcionários começaram a abrir suas empresas. Ensinamos muita gente a trabalhar. Fomos professores de muita gente, tais como o **Aratiba**, o **Spessato**, e tantos outros que estão por aí em **Xanxerê**, **Chapecó**, **Videira**, **Catanduvas**...

Na região toda, muitos que tem empresa nessa linha pesada, aprenderam conosco. Nós não ficávamos escondendo nada, queríamos que todos aprendessem juntos.”



A PRESIDÊNCIA DA ACIX

“Logo depois que eu assumi a empresa, em mil novecentos e noventa e dois, fui presidente da **ACIX**. Foi uma experiência diferente, muito boa para conhecer coisas novas. Aprendi muitas coisas, e participei bastante em defesa da entidade.

Quando o **Doilio Moschetta** foi prefeito, ele havia comprado uma área de terra onde hoje é o **SENAI**. Essa foi uma das minhas lutas dentro da **ACIX** na época: buscar a escola do **SENAI**, porque eu sabia da dificuldade que se tinha em encontrar um torneiro, um mecânico ou soldador formado quando se precisava.

Não consegui terminar a obra antes do término do meu mandato, porque era de apenas um ano na época. Já tinha começado a obra, mas quem terminou foi meu sucessor **Bianor Seibt**. Esse mandato de um ano, foi pensado já na renovação dentro da entidade, para trazer pessoas novas.

Eu valorizo muito o **SENAI**, porque se nós somos essa grande mecânica hoje, foi em razão da escola técnica que veio para cá.

Em dois mil, me lancei como candidato a prefeito e a escola técnica do **SENAI** foi instalada em **Xanxerê**. Fui eu quem fez a terraplanagem para a instalação dessa escola técnica. Ali tinha também um terreno que era do **Lions**, que o Helio tinha doado para eles, e convenci a devolverem para o município porque o **IFSC** precisava desse terreno para completar a área que eles tem agora.”

A POLÍTICA

“Eu nunca pensei na vida em ser vereador, prefeito ou qualquer tipo de coisa assim. Dedicava todo meu tempo para cuidar da empresa e trabalhar.

Quando o falecido **Beijamin** foi candidato a vice-prefeito, nossa família foi contra, porque se meter na política com tudo o que tínhamos para fazer, era inviável. Mas ele falou uma coisa para nós num domingo de manhã que nunca vou esquecer: *“Olha, se temos todas as coisas que temos, é porque a cidade nos acolheu. Formamos nossas famílias, construímos nosso patrimônio nessa cidade, então, temos que fazer algo por ela”*.

Aí a gente abraçou a ideia. Se eu quisesse, eu poderia ter sido vice-prefeito no lugar dele quando faleceu, mas como não tinha essa vocação, não quis nem pensar. Mas alguém tinha que assumir o lugar do meu irmão na parte política, e bem no fim, acabei assumindo a presidência do partido PFL.

Naquele ano, tinha a possibilidade de eu ser o vice-prefeito do **Helio Winckler**, porém, indiquei o **Celli** para ser o candidato e ele acabou se elegendendo.

No ano seguinte, como eu era muito envolvido com a comunidade através da empresa, fazendo churrascos, atuando na sociedade com a **ACIX** e **CDL**, ninguém queria se candidatar e estava chegando a hora das eleições, então me escolheram como candidato.

Na verdade, meio que me obrigaram porque precisavam de um nome para ganhar as eleições. Eu estava já há oito anos fora da política, mas sempre participando de tudo. Inclusive, por dois anos eu fui o presidente da comissão organizadora da **FEMI**.

Quando me candidatei, concorri com o **Guarnieri** e com o **Colatto**, e ganhei. Fizemos um trabalho bacana, mas na próxima eleição que teve, nem nossos companheiros acreditavam que eu fosse me reeleger, porque eu tinha cortado algumas cestas básicas e algumas outras regalias. Mas eu sei o que eu fiz pelas pessoas. Nunca deixei de visitar uma comunidade do interior e ir comer uma boa polenta com raditi na casa de cada um dos moradores mais humildes para saber de suas necessidades. Também melhorei muito a parte econômica do município.

Me candidatei novamente junto com o **Barbieri**, que foi meu secretário da agricultura. Aí teve quatro candidatos concorrendo: O **Julião** com o **Neli Saibo**, o **Plínio** do PT, o **Helio Winckler** e eu. Foi a eleição que mais teve diferença de voto na história do município. Foram dois mil votos de diferença, com quatro candidatos.

Eu tenho certeza de que quando o **Bruno Bortoluzzi** assumiu a prefeitura, eu deixei tudo um brinco. Deixei um legado de que se tem que pensar no município e não em partido político e olhar para frente. Na verdade, naquela época nós apaziguamos um pouco as brigas políticas na cidade. Agora é o meu terceiro mandato. Fui o primeiro prefeito a ser reeleito duas vezes seguidas e agora mais uma vez.”



O QUE O SENHOR COLHE PARA A SUA VIDA NESSA LONGA JORNADA?

“Para minha vida, acho que não tenho mais o que somar de tantas coisas que aprendi e também pessoas que ensinei. Sempre fizemos política olhando para a frente, e isso sem pisar em cima de ninguém. Nunca mudei a minha forma de ser. Claro que em algumas coisas se tem que agir diferente.”

EMPRESÁRIO DO ANO 2013

“Foi uma grande surpresa para mim. Eu já tinha sido prefeito, mas era uma experiência bem diferente. No dia, eu acabei nem votando. Teve gente que até fez campanha, mas isso tem que acontecer naturalmente. Concorremos eu, o Altíssimo e o Botta. Eu fiquei tão surpreso naquele momento que quando fui discursar, eu disse: ‘Achei que nunca mais na minha vida eu disputaria uma eleição’. Chamei os outros dois que estavam concorrendo para ficarem ao meu lado e dividi o prêmio com eles, porque nós três, por termos chegado naquele lugar, merecíamos o prêmio.

Naquela hora, além de ter ficado muito surpreso, fiquei muito feliz. Foi uma escolha pela minha participação na cidade, porque ali envolve todo mundo. Na minha fala, eu agradei ao meu falecido irmão **Bejamin**, porque sem ele não teríamos chegado onde estamos. Quando recebi o título de ‘Cidadão Xanxerense’, dividi o prêmio com meu outro irmão **Fiorindo**, e agradei pela memória do **Bejamin**.

Esse prêmio até me deixou mais feliz ainda que receber o prêmio de Empresário do Ano, porque foi um reconhecimento e sentimento de pertencimento à cidade. É uma pena que nem todos que merecem são reconhecidos ou lembrados. Mas não há como abranger todos. Assim, tudo foi acontecendo naturalmente na minha vida.”



Avelino Menegolla, com sua família, recebendo o título de Cidadão Honorário de Xanxerê.



MEU PAI E MINHA MÃE

“Meu pai era um senhor alto, magro, italiano... Tinha um problema sério de alcoolismo. Minha mãe tomava mais conta dos filhos que ele, porque não fazia totalmente o papel de pai, mas nunca deixou de nos dar a devida educação.

Quem lutava mais pelas coisas e pela casa mesmo, era minha mãe. Ele era aquele alcoólatra chato, mas ele achava que não. Muitas vezes íamos dormir no galpão no meio das palhas, no inverno, porque ele nos atropelava de casa, ficava agressivo.

Mas a gente sempre o respeitou como pai. Era uma pessoa muito boa, o que estragava ele era o álcool. E quando bebia, levantava de meio-dia. O trabalho tinha que começar desde as quatro horas da manhã, e era minha mãe quem fazia e comandava. Tirava o leite das vacas para distribuímos e para poder ir aquele pouquinho na escola.

Ela foi mãe e pai. Era uma pessoa maravilhosa. Nos deixou com oitenta e quatro anos. Só nos ensinou coisas boas. Nos estimulava, orientava, educava...

Era uma mulher baixinha, mas de muita garra. Permaneceu sempre a mesma pessoa. Quando o pai perdia o controle, ela procurava ficar o máximo possível perto dos filhos, principalmente dos pequenos. Era como se fosse uma choca cuidando dos pintinhos. Essa é a imagem que eu tenho dela.

Quando o pai acordava no outro dia ele ficava com vergonha do que havia feito. Só que depois de alguns dias, fazia tudo novamente. Isso serviu para que todos os filhos se cuidassem com relação ao perigo do alcoolismo.

Eu bebo, mas tenho muito medo de acabar passando do ponto e chegar na mesma situação. O pai saía com a carroça, e às vezes voltava lá pela meia-noite. Outras vezes, tínhamos que buscar ele na estrada.

Tínhamos um cachorrinho que avisava quando ele estava chegando em casa. Quando o cachorrinho não acoava, era porque ele tinha ficado na estrada. Também tínhamos que buscar a carroça com o cavalo lá no bar. Na verdade, acontecia isso com muitas famílias antigamente. Mas acabamos superando tudo isso.

O pai acabou falecendo jovem, com sessenta e cinco anos, quando teve um derrame. Hoje eu tenho sessenta e oito anos. Quando deu esse derrame, e ele ficou no hospital, e cada dia ficava um dos filhos lá para cuidar dele. Fazia sete dias que ele estava em coma e todos os filhos foram chamados para o hospital, porque ele estava se indo e havia pedido sobre mim.

Assim que cheguei no hospital e peguei na mão dele, ele abriu os olhos, conversamos e foi a última vez que falamos com ele. Depois de quinze minutos que tínhamos ido visitar minha sogra, ele faleceu. Acho que ele só estava esperando eu chegar, porque depois de grande, às vezes eu ficava a noite toda com ele para evitar que fizesse o que fazia quando éramos crianças.

Ficávamos conversando, abstraindo ele, e no outro dia íamos trabalhar. Eu era bem ligado com ele depois na vida adulta. Quando o pai e a mãe faleceram, eles já moravam na cidade. Meu irmão mais novo, **Luis Carlos** também já é falecido. Deu um derrame nele assim como no meu pai.”

MINHA ESPOSA

“São quarenta e seis anos de casamento. Eu não sou enjoado com comida nenhuma, mas ela é uma cozinheira de mão cheia. Sempre que ela cozinha, eu a elogio. A **Cirlei** é uma pessoa que sempre lutou pela família, me ajudou muito, principalmente quando fui prefeito. Foi ela quem me ajudou a construir a minha trajetória política com o trabalho dela. Foi fundamental.

Tiramos todas as crianças de rua com um trabalho social, porque todo domingo, havia crianças pedindo dinheiro na frente da igreja. Então, criamos aquele programa do **PETI (Programa da Erradicação do Trabalho Infantil)**. Temos até um CD com as músicas do coral que foi criado lá, que era formado pelas crianças mais problemáticas que existiam na cidade e que foram transformadas pelo programa.

O coral chegou a apresentar em Brasília, no Ministério da Integração, então foi um trabalho social muito grande e forte. Para ter ideia, nem os ônibus queriam transportar as crianças porque cortavam os bancos.



No CAIC, naquela região, chegavam a levar correntes para bater um no outro. Isso tudo foi trabalhado. Buscamos incluir os pais nesse programa, para que toda a família pudesse participar. Eles tinham que vir no mínimo uma vez por mês, e manter uma frequência de acompanhamento dos filhos.

Mais tarde, eram os filhos que ensinavam os pais como se comportar dentro de casa. **Xanxerê** até hoje está colhendo frutos disso. Na época, tínhamos mais de cinquenta adolescentes infratores. Com esse programa, conseguimos diminuir para sete.

A Cirlei foi minha conselheira nos momentos difíceis, ajudando a construir a minha trajetória de vida.”

A TRUKAM ATUALMENTE

“Minha filha **Luciana** está assumindo a empresa. Não que eu não esteja mais lá, mas não serei mais o diretor, para que ela seja. Ela estava fazendo faculdade de Direito, mas acabou desistindo e começou a faculdade de Administração.

Ela tem uma filha chamada **Laura**. Fez um MBA pela universidade, lá na **Randon** de São Paulo. Às vezes ela ia para lá e ficava uma semana. Outras vezes, o pessoal vinha para cá. Foi um aprendizado muito grande para ela.

Eu levei meus filhos para dentro da oficina desde pequenos. Já tinham que saber como funcionava para o dia em que eles fossem assumir. Meu filho **Marcelo** estava em uma empresa de **Catanduvas**, e agora com a minha saída, ele voltou para cá e está ajudando a **Luciana** e meu irmão **Fiorindo**. Daqui a pouco os herdeiros irão assumir tudo.

Eu sinto que não tenhamos conseguido dar a devida atenção para os filhos, mas ensinamos tudo dentro daquilo que a gente aprendeu. Todos os bons princípios. Eles tem que passar e ensinar aos filhos deles e isso não pode se perder.

A modernidade existe, mas as pessoas não estão mais falando uma com a outra. Esquecem de se comunicar. Quando surge a oportunidade, que não estou em eventos ou em alguma festa, assa uma carne em casa e reúno todo o pessoal. Mesmo quando vou às festas, volto para casa para poder almoçar com eles, e assim que chegamos em casa, todos têm que deixar o telefone na mesa e conversar. O tempo que a gente passa com nossos familiares é nosso maior tesouro.

A **Luciana** é casada com o **Diordne Giroletta**. O **Marcelo** tem o filho **João Vitor**.”



*Rodrigo, Marcelo, Cirlei, Avelino, Luciana, Ricardo, Teresinha, Fiorindo, Renato e Alexandre.
Uma família de mãos entrelaçadas na vida e no trabalho.*



Cirlei e Avelino, jovem casal, curtindo o carnaval em Xanxerê.





Avelino desfilando como Papai Noel.



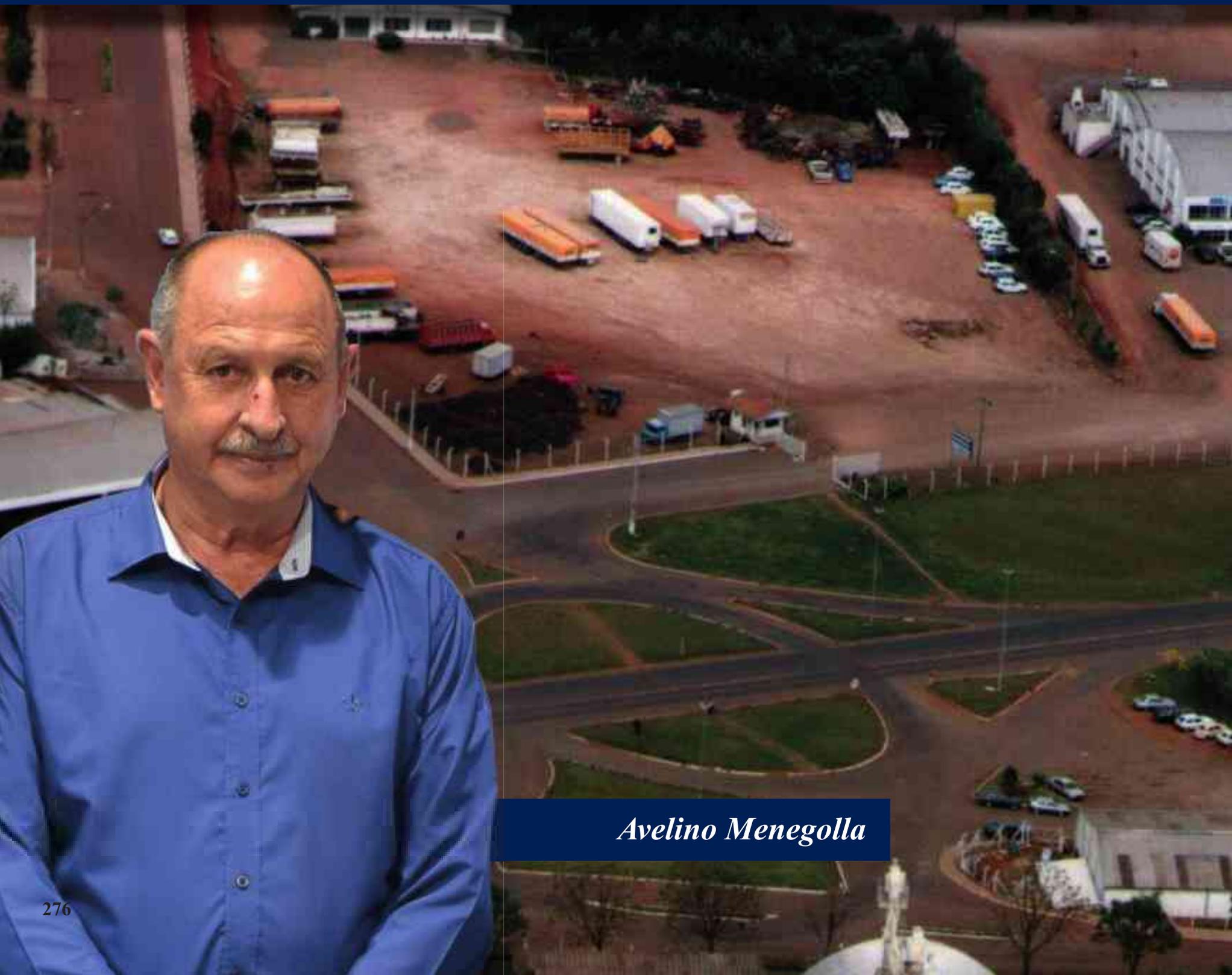
Avelino Menegolla, o grande cozinheiro comunitário.



Cirlei e Avelino Menegolla com seus irmãos, irmãs, cunhados, cunhadas, e sua mãe Inês.



“A FORÇA DO TRABALHO”



Avelino Menegolla



NO SUOR DAS MÃOS”





DEPOIMENTOS

Luciana Menegolla Giroletta

“Trabalho na **Trukam** há dezoito anos. Sou formada em **Administração**. Eu estava cursando **Relações Internacionais**, em **Curitiba**, quando o meu pai foi candidato a prefeito em dois mil e um, me ligou e pediu que eu retornasse a **Xanxerê** para ajudar na empresa.

Tranquei a faculdade em **Curitiba**, comecei a cursar **Administração**, e passei por todos os setores da empresa para aprender o ofício. Uma coisa que o nosso pai sempre nos falava é que temos que começar de baixo para cima.

O legado que meu pai deixou para mim é que humildade, honestidade, simplicidade e trabalho é tudo na vida de uma pessoa. Se assim seguissemos nosso caminho, teríamos tudo que fosse necessário. Foi dessa maneira que nos criou.

A primeira vez em que meu pai foi eleito prefeito, foi uma surpresa para nós. Nós da família nunca pensamos que algum dia ele pensasse em ser prefeito, algo completamente diferente do perfil do pai. Ele sempre foi muito envolvido com a questão social, mas até então, nada era vinculado à questões políticas.



Eu fiquei muito contente e orgulhosa porque seria um desafio gigante para ele. Soava meio estranho e não fazíamos nem ideia de como seriam nossas vidas tendo um pai prefeito, e claro, nossas vidas mudaram completamente. Tivemos que aprender a lidar com sua ausência dele, tanto na empresa como na vida familiar.

Nós tivemos que nos inserir ao novo ritmo de vida dele. Antes de ele ser prefeito almoçávamos todos em casa. Agora o almoço acontece onde ele estiver ou mais tarde após ele cumprir os compromissos. Se quisermos passar um tempo juntos dele como uma família, temos de acompanhá-lo onde for. Meu pai sempre foi um homem que trabalhou muito.

Meu pai Avelino é uma pessoa maravilhosa e de coração muito bom. É um pai zeloso e fantástico. Nunca foi autoritário, sempre foi de conversar muito. Sempre o respeitei e ainda o respeito muito.”

COMO É ESTAR À FRENTE DA EMPRESA?

“Eu amo e tenho uma grande paixão pelo que faço. A empresa se tornou minha vida. Eu sempre vi meu pai trabalhando muito. Passamos por momentos de crise, greve dos caminhoneiros e queda da economia. No momento mais difícil foi onde inovamos e nos desafiamos ao novo.

Eu honro e agradeço meu pai Avelino e meu tio Fiorindo por confiarem a mim a administração das empresas Trukam. É o resultado do trabalho e esforço da vida deles.

Eu assumi a administração da empresa em dois mil e dezessete no terceiro mandato dele.

Em **Xanxerê**, trabalhamos com os caminhões e semi reboques graneleiros. E na **Trukam** de **Concórdia**, reformamos e fabricamos furgões frigoríficos.

Antigamente tínhamos duas empresas: **Trukam Implementos** e **Trukam Industrial**. Uma atendia somente caminhões e a outra semi-reboques, separadamente em duas estruturas.



Hoje, a **Trukam** funciona em uma única estrutura. Faz a parte de mecânica pesada, endireitamento de chassi, chapeação em geral. Contamos com cinquenta e sete colaboradores.

Na empresa, trabalho como uma administradora e não como filha, porque eu preciso zelar por aquilo que meu pai me confiou a cuidar.”

Luciana Menegolla Giroletta, formada em Administração, é casada com Diordne Giroletta e tem uma filha que se chama Laura Menegolla Giroletta.

Marcelo Menegolla

“Trabalho na **Trukam** há vinte e um anos. Eu comecei quando era bem pequeno. Trabalhava apenas meio período. Na época, eu e meu primo ficávamos separando os parafusos das porcas, e coisas mais simples como encher os potinhos de um quilo de graxa, pois a graxa era comprada em tonéis.

Não cheguei a me graduar, mas consegui terminar o segundo grau e continuei a trabalhar na empresa. Foi por opção minha.

Meu pai sempre foi um homem que trabalhou muito, por isso, não conseguia se fazer tão presente nas nossas vidas, mas sempre nos ensinou muitos princípios e nos educou muito bem, ensinando a gente a valorizar as coisas, e oportunizando que aprendêssemos participando com ele dentro da empresa desde criança.

Não herdei esse talento político dele, mas sim a maneira de lidar com as pessoas. Na empresa, minha irmã é a **Diretora Administrativa**. Eu sou o encarregado da oficina, marcenaria e pintura. Faço parte ainda de alguns processos do setor de compra e de estoque, como também da parte de formulação de promoções.

Como convivemos dentro de uma empresa com base familiar, às vezes se leva o trabalho para dentro de casa, principalmente quando eu e a **Luciana** estamos sem muita gente por perto. Mas eu proponho sempre que a gente se desligue um pouco da empresa para aproveitar a família.

Mas esse diálogo que existe entre mim e minha irmã **Luciana** foi construído. A gente vem se engajando melhor de um tempo para cá, com mais diálogo, mais comunicabilidade, porque antes éramos separados. Fiquei por nove anos fora de **Xanxerê**, morando em **Catanduvás**. Nos víamos apenas em algum evento familiar ou reunião. No dia a dia da correria, não tínhamos a proximidade que temos hoje, de precisar um do outro.

Depois que nos aproximamos, nosso relacionamento melhorou muito. Mas outra coisa que nossos pais sempre nos ensinaram, foi conversar pouco e trabalhar mais. Minha mãe também fez parte da empresa por muitos anos, mas agora ela não está mais aqui. Ela acabou saindo para fazer outros negócios.

Tanto a mãe, mas com certeza muito mais nosso pai, é mais fácil dizer no que eles não estavam envolvidos, do que dizer no que estavam, porque eram muitas coisas. Meu pai sempre foi um homem muito solidário com as pessoas. Eu nunca vi meu pai tratar mal ou dizer que não ia ajudar alguém. Poderia não ser com dinheiro, mas de uma maneira ou outra, ele estava sempre ajudando alguém. Às vezes apenas o ato de ouvir já é uma grande ajuda, e ele sempre foi um bom ouvinte. Ele busca ajudar todo mundo de todas as maneiras.

Às vezes quando ocorre algum desentendimento, principalmente numa sociedade como a nossa, o pai sabe exatamente como conversar, amenizar os ânimos e contornar a situação para que tudo se resolva. Se ele chega no meio de uma confusão, ele sabe o que fazer. Isso é política, está no sangue dele.”



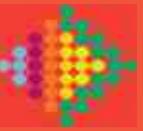
Marcelo Menegolla tem o filho João Vitor de Andrade Menegolla.



Luciana, Diordne e Laura.



Marcelo com seu filho João Vitor de Andrade Menegolla e seus pais Cirlei e Avelino.



Biografia do Empresário do Ano 2014

RENATA CARVALHO SERAGLIO





ELA ENXUGOU AS LÁGRIMAS E FOI À LUTA PARA CONHECER O DESCONHECIDO!

Quando criança, a menininha Renata cresceu correndo no quintal e no belo jardim da casa dos seus avós, e brincando de amarelinha na oficina do avô Antonio Seraglio. Foi uma infância doce em todos os sentidos, pois passava grande parte de seu tempo junto à sua avó Izila, saboreando quindins e bolos de aniversário que a avó fazia até para vender.

Na idade escolar, teve uma certa dificuldade com a matemática. Na contrapartida, seu irmão João Antonio, era um sabe-tudo. A menina que tinha receio de ler na frente dos colegas, começou bem cedo a enfrentar suas limitações, e "touché!", sacou a espada e derrotou o inimigo, e ainda no ensino primário, passou a ler e escrever com absoluta desenvoltura.

A estrada do destino lhe apontou a faculdade de Direito. A chegada do amor em sua vida, lhe ajudou a vencer a solidão e a saudade por ficar longe de casa. E lá de longe, já pensava em trabalhar na empresa de seu pai, pois, desde os doze anos, na pré-adolescência, já recebia um simbólico salário para, por meio período, ser atendente de telefone da empresa.

Aos 22 anos de idade, já formada e de volta ao lar, teve que amparar o pai que se viu atingido por um agressivo câncer. A doença venceu, e seu pai Antonio Carlos partiu justo quando se encontrava na melhor idade para aproveitar a vida.

Renata se viu diante de uma empresa e de várias outras atividades econômicas que eram capitaneadas por seu pai. Havia a possibilidade de escolher o caminho mais fácil: deixar tudo nas mãos de pessoas experts em administração, e se recolher no luto até passar a dor.

No entanto, a menina que outrora acompanhava o pai em todas as atividades, se deu conta de que ele a havia preparado para seguir seus sonhos. Já estava plantada em sua mente e em seu coração, uma prodigiosa semente empreendedora. E não se preocupando pelo fato de ser uma mulher de muito bom gosto, sequer deixou de se vestir elegantemente, e invadiu um espaço habitado por homens de macacões cheios de graxa, e passo a passo, foi errando e acertando.

Enxugou as lágrimas de muitas outras perdas, se fortaleceu na dor e tudo o que não sabia, buscou aprender. Sem pedir licença aos conservadores de plantão, reinventou, sistematizou e inovou a empresa herdada - mostrando que todas as suas conquistas não lhe foram dadas de mãos beijadas.

Renata Carvalho Seraglio, foi agraciada com o prêmio Empresária do Ano 2014. A única mulher e a pessoa mais jovem a receber esta honraria.



Renata Carvalho Seraglio nasceu em Xanxerê, em 19 de Setembro de 1984. Filha de Antonio Carlos Seraglio e Hilda Carvalho Seraglio. É casada com Davi Rodrigo Bianchi com o qual tem os filhos João Vicente e Olívia.



Doce e colorida infância

A INFÂNCIA

“Eu morava em cima da oficina do meu avô **Antonio Seraglio**, que ficava na esquina da **Rua Barão do Rio Branco** com a **Rua José Bonifácio**. A casa dos meus avós é na frente, e continua ali, do jeito que foi construída. É praticamente um casarão histórico com um quintal imenso e muito gramado.

Meu avô, quando construiu a oficina, fez em cima, quatro apartamentos, um para cada filho. Morei em um destes apartamentos até os sete anos.

Todos os domingos almoçávamos com meus avós, ali a vida acontecia. Brincávamos no pátio, no gramado, eles tinham um parreiral de uva, pés de fruta, brincávamos no meio das flores... Todas as festas da família eram feitas ali.

Minha avó **Izila Zaffari Seraglio** era uma doceira de mão cheia. Fazia bolos de aniversário para toda a família com receitas incríveis. Os vizinhos começaram a encomendar, e assim, ela passou a confeitar bolos para vender. Mas uma coisa que eu adorava eram os quindins e os fios de ovos, hmmm!”

MEUS AVÓS

“As lembranças que eu tenho da adolescência são de quando eu passava os finais de semana com a **Vó Izila**. Nesse tempo, já estávamos morando no condomínio **Morada do Sol**.

Quando meu avô faleceu em mil novecentos e noventa e um, ela não quis mais morar na velha casa e foi para o apartamento em cima da oficina, então eu passava muito tempo com ela, ajudando a fazer doces e bolos, derreter gelatina e principalmente lavar a louça. Eu gosto muito de cozinhar, herdei isso dela.

Era uma vozona. Uma mulher de estatura alta, e bem fofinha. Muito carinhosa e preocupada conosco. Levantava cedo para preparar o café da manhã, e gostava de ficar com os netos. Minha vó deu amor e açúcar para mim, e sempre foi uma pessoa muito correta, justa, honesta... Eu tenho saudade desse tempo que convivi com ela. Ela teve Alzheimer, então, nos últimos anos, ficou acamada. Mas sempre levei meu filho que época tinha dois aninhos e dizia para ele fazer um carinho no rosto dela. Ela sorria e enchia os olhos de lágrimas.

Meu avô **Antônio**, além da oficina mecânica, também era fazendeiro. Eles dois se conheceram em Erechim, casaram lá e vieram para **Xanxerê**. Ele era motorista da **UNESUL**, e a família da minha avó era uma das sócia-proprietária da empresa.

Depois disso, ele foi caminhoneiro, aí vendeu o caminhão e montou uma oficina de torno mecânico ao lado da casa deles. Na sequência, construiu o prédio na frente e levou a oficina para lá. Tempos depois meu avô comprou uma terra que fica entre **Xanxerê** e **Faxinal**, onde hoje a fazenda da família.

Meu avô possuía uma casinha de festas lá na fazenda, e todo domingo fazíamos churrasco, andávamos de burro, de cavalo, passeávamos de barco no açude...”



Renata passeando no jardim da avó Izila Zaffari Seraglio (In Memoriam).



Renata brincando com o avô Antonio Seraglio (In Memoriam) na fazenda da família.



Primeira oficina de Antonio Seraglio, avô de Renata, construída ao lado da casa, na Rua Barão do Rio Branco, centro de Xanxerê.



Segunda sede da oficina construída com apartamentos para os filhos na Rua José Bonifácio, esquina com a Rua Barão do Rio Branco, centro de Xanxerê.

O TRÁGICO FALECIMENTO DO AVÔ ANTONIO SERAGLIO

“Meu avô **Antonio Seraglio** faleceu com pouco mais de sessenta anos. No dia eu estava no colégio e alguém foi me buscar para me levar para casa. Lembro de ter ficado lá com meu irmão, porque meus pais não quiseram nos levar para o velório para nos despedirmos dele, até porque, ele foi assassinado. Estava todo machucado, então seria uma imagem muito traumatizante.”

A OFICINA

“Na oficina que meu avô montou, trabalhavam meu pai, tias e até mesmo minha avó. Além de consertos, eles fabricavam peças e vendiam. Até hoje temos os diários de anotações da venda de peças, saídas de estoque... Esses controles provam que, já naquele tempo, meu avô administrava muito bem o seu negócio.

Acredito que meu avô tenha aprendido o ofício de mecânico em função de ter sido por muitos anos motorista.

Eu tenho muitas boas lembranças dele. Era muito querido comigo, mas as pessoas diziam que ele era uma pessoa muito dura, fechada. Um tio meu, irmão da minha mãe, trabalhou um tempo com eles na oficina.

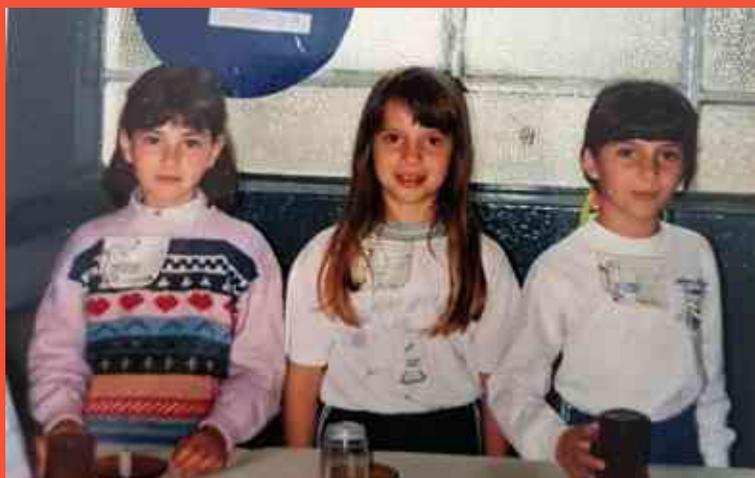
No meio da tarde, pedia para meu pai para ser liberado do serviço e ir junto com meu avô até a fazenda para ajudar em alguma coisa, mas bem no fim, iam para pescar e beber. Teve uma vez que meu avô me trouxe um balde de moranguinhos, e eu comi tantos, que cheguei a passar mal. São boas lembranças de infância.”



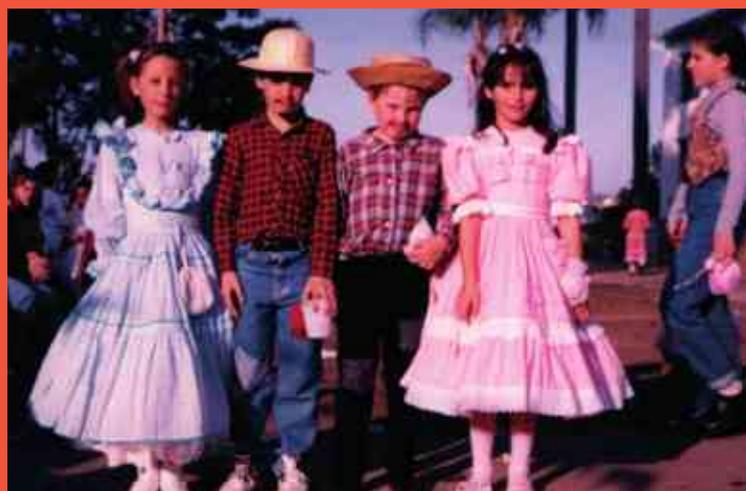
BRINCANDO DE AMARELINHA

“Quando morávamos em cima da oficina, nos criamos lá dentro brincando de amarelinha em cima dos tambores de freio e desenhando com as funcionárias.

Certa vez meu irmão pegou um balde de água suja, subiu no mezanino e jogou numa funcionária. Ele deve ter levado umas boas palmadas. Mas enfim, crescemos dentro do negócio da família.”



Feira de Ciências no Colégio Costa e Silva. Renata com as amigas Anaestela Schurhaus e Aline Coradi.



Renata participando da tradicional Festa Junina no Colégio La Salle.

Também tenho boas lembranças das folclóricas festas juninas, de fazer os vestidos para cada ano, preparar as brincadeiras dos Irmãos Lassalistas... Gostava muito de estudar lá.

LEMBRANÇAS ESCOLARES

"Eu comecei a estudar no **Costa e Silva** e lá fiquei até a segunda série. A terceira série eu já fiz no **La Salle**.

Do **Costa e Silva**, lembro da tia **Carme Lúcia Farias**, minha primeira professora. Tenho muitas lembranças boas de colegas que estudaram comigo desde o pré até o terceiro ano, porque trocávamos de colégio e íamos nos encontrando. Minha professora da primeira série foi a **Joeci** de quem lembro com muito carinho.

Era um colégio muito grande. Eu me sentia pequena lá dentro, mas não tinha medo. A estrutura do colégio era diferente porque antigamente a sala do prezinho ficava próxima de um gramado e havia um parquinho para as crianças brincarem. E como era uma área mais restrita, não circulávamos pelos outros espaços.

Aprender a ler foi muito difícil. Me sentia incapaz. Lembro que a professora chamava um aluno por vez para ler na frente da turma toda. E depois que aprendi, devorava um livro após o outro.

Da terceira série até a oitava, estudei no Colégio La Salle, onde haviam muitas pessoas que eu não conhecia. Sempre fui uma criança tímida, consequentemente fazer novas amizades era difícil. Como aluna era muito esforçada e me mantive na média.

Tive minhas amizades, ainda no Costa conheci minha grande amiga de infância **Aline Coradi**. Sempre que íamos para a praia, levávamos ela junto. Eu ia na casa dela, ela vinha na minha... Quando fomos para colégios diferentes, ainda nos juntávamos para fazer os temas uma ajudando a outra.

Porém foi no **La Salle** que conheci a **Mariana Matiello**, minha melhor amiga, que hoje é madrinha do meu filho **João Vicente**. No principio quando nos conhecemos não simpatizamos, entretanto começamos a fazer curso de inglês juntas e éramos as únicas da turma, então fomos obrigadas a pôr nossas diferenças de lado, e daí nasceu uma grande amizade.



Tenho todos os meus cadernos daquela época. Escrevi muitas redações com uma vontade gigantesca de lê-las em sala de aula, mas a professora nunca me pedia para ler. Até que um dia minha mãe foi ao colégio e pediu para que a professora me chamasse e lesse algumas redações. Nas redações que eu fiz para o dia dos pais e o dia das mães, tem a minha descrição de como eu os via. Diziam o seguinte:

‘Minha mãe chama-se Hilda Carvalho Seraglio. Ela é mediana, e magra. Tem cabelos pretos encaracolados. Seus olhos são castanho-escuros. Minha mãe sempre vai trabalhar no Banco do Brasil, menos no sábado e domingo. Minha mãe é bem atenta. Ela é muito alegre. Ela é uma mãe muito legal. Ela vai ao supermercado, compra salgadinhos e iogurte. Ela também embraba às vezes, quando meu irmão está brincando na pracinha, e é sereno (está anoitecendo). O João vai para casa e depois toma banho. Eu gostaria de dar para o dia das mães: uma tevê e roupas.’

‘Agora a do meu pai: ‘Meu pai chama-se Antonio Carlos Seraglio. Ele é alto e um pouquinho gordo. Tem cabelos castanhos e seus olhos escuros. Meu pai sempre vai trabalhar na mecânica. Mas meu pai, às vezes, quando não tem nada para fazer, ele vai jogar videogame. Ele é brincalhão mas também surra. Mas nem sempre, só quando meu irmão e eu brigamos e não deixamos ele dormir. Meu pai gosta de vestir tudo combinando. Gosta de comer pizza, camarão, batata frita e bife. Eu, meu irmão e minha mãe demos um kit de barbear de presente no dia dos pais.’

Tem também a do dia dos professores, que falo dessa tia **Márcia** das redações, que não me chamava para contar minhas histórias:

‘Ela é bonita, simpática, muito querida e brincalhona, mas quando alguém não faz o tema, meus Deus que nervosa! Parabéns pelo dia dos professores!’

Enfim, foi uma ótima experiência ter estudado no **La Salle**. O segundo grau eu fiz no **Exponencial**, hoje, **Expressivo**. De lá ainda lembro da **Diretora Lourdes Giusti**, que também lecionava biologia. Quando nos encontramos recordamos com muita saudade daquele tempo. Toda quarta-feira de manhã, no primeiro período, aplicavam uma prova, cada semana de uma matéria diferente. Gostava muito do colégio e da didática deles.”



Hilda Carvalho Seraglio e Antonio Carlos Seraglio no batizado de Renata.

MEUS PAIS

“O meu pai é natural de **Xanxerê - SC**, e minha mãe nasceu em **Ijuí - RS**, mas se criou em **Cruz Alta - RS**. Ela teve uma infância difícil porque era de uma família pobre.

Com nove anos, minha mãe teve que ir trabalhar na casa de uma tia para conseguir estudar. Apesar do trabalho duro, ficou muito grata, porque se não fosse essa oportunidade, não teria conseguido estudar e talvez estivesse no interior ainda.

Se não me engano, minha mãe começou a cursar **Ciências Políticas**, mas não chegou a terminar. Depois trabalhou numa cooperativa agrícola em **Ijuí**, e na sequência, passou em um concurso do **Banco do Brasil**, que foi o que a trouxe para **Xanxerê**.

Como a empresa do meu avô era familiar, todos trabalhavam lá e tiravam seu sustento. Minha mãe, como funcionária do banco, ganhava muito bem. Então, por um tempo foi ela quem sustentou a nossa casa, porque meu pai reinvestia os lucros no negócio.

Meu pai cursou **Administração de Empresas** na antiga **FUNDESTE** (hoje **UNOCHAPECÓ**). Inclusive, quando fizeram a festa de vinte e cinco anos de graduação, eu o acompanhei, até porque, ele já estava bastante doente. Tinha câncer, mas foi na festa da mesma forma.



Ele ia com o ônibus do **Collet** para a faculdade, e quando o motorista faltava era ele quem ia dirigindo.

O pai sempre foi muito persistente. Tudo o que ele ganhava, investia na empresa. Era a mãe que mantinha os empregados dentro da casa, cuidava da alimentação, porque todo fruto que o pai conseguia através do trabalho, ele reinvestia no negócio. Ele conquistou muitas coisas, mas abriu mão de muitas outras para chegar onde chegou.

Éramos muito unidos, muito cúmplices, porque dizem que o pai sempre tem uma ligação maior com a filha e a mãe com o filho, e lá em casa era assim.

Também éramos mais parecidos no sentido de buscar o que desejamos, empreender, de não nos darmos por satisfeitos. É essa insatisfação que gera o ato de empreender.

Ele era uma pessoa que pensava muito à frente, um visionário. Acredito também que não passa um dia em que não falamos dele aqui na empresa.

Meu avô foi se desligando da empresa aos poucos e partiu para o agronegócio, porque gostava de lidar com a terra, fazer silagem, plantar, criar gado... Gostava de viver na fazenda. Com isso meu pai foi assumindo o comando da empresa, e minha tia **Greice** continuou trabalhando com ele.



Antonio Carlos Seraglio.



Vista aérea da Oficina Mecânica Seraglio, no Centro de Xanxerê.

Com o passar do tempo, ele conseguiu a representação de implementos rodoviários da empresa **GUERRA SA**, que mantivemos até dois mil e dezessete, quando essa empresa decretou falência.

A minha tia **Liliane**, coincidentemente também se casou com alguém de **Cruz Alta**. Minha mãe contava que eles iam juntos para **Cruz Alta** em um fusca para visitarem seus familiares.”

MEU PAI NO COMANDO DA EMPRESA

“Com o afastamento do meu avô, meu pai ficou a frente de ambos os negócios da família, a oficina e a representação **GUERRA**.

Essa empresa fabricava implementos rodoviários, que são produtos para transporte de carga, como graneleiro, furgão, porta-container, basculante, carrega-tudo, baú lonado e tanques de combustível.

Meu avô instalou a oficina em frente à sua casa, e foi ampliando com o passar dos anos, chegando a ocupar toda a quadra, de uma esquina até a outra.

Os implementos começaram a ficar muito grandes para o centro da cidade ficando difícil movimentá-los. Era preciso parar o trânsito para dar a ré num caminhão, para conseguir tirá-lo dos boxes. Então, meu pai buscou outra área para instalar a empresa.”

COMPRA DE TERRENO

“Após muita procura, meu pai encontrou um terreno que seria ideal às margens da **BR 282**, o que facilitava o acesso de caminhões.

Porém havia uma problema: o dono não queria vender. Meu pai possuía um consórcio contemplado de uma moto, que era seu sonho de consumo, e propôs para o filho do proprietário o seguinte: *‘Se você convencer seu pai a vender o terreno para mim, eu lhe passo o consórcio da moto.’*

O jovem conseguiu convencer o pai e o negócio foi feito.”



Antonio Carlos Seraglio com sua mãe Izila, tocando a sirene inaugural.

A INAUGURAÇÃO

“Quando a empresa foi inaugurada às margens da BR 282, passamos a ser uma concessionária da **GUERRA** em definitivo, e continuamos com os trabalhos de mecânica, consertos, etc.

Meu avô faleceu em mil novecentos e noventa e um. Meu pai abriu mão de uma parte da herança para poder ficar com a oficina e seguir o negócio sozinho. Assim, a nova estrutura construída passou a ser somente dele.

Isso aconteceu no Carnaval de mil novecentos e noventa e cinco. Teve todo um cerimonial, até o padre foi benzer. Meu pai e minha avó tocaram juntos a sirene que até hoje é tocada para dar início ao expediente de trabalho.”

TRISTE DESPEDIDA

“Meu pai faleceu no dia dez de Outubro de dois mil e nove. Todos que o conheceram têm muitas boas recordações dele. Ele não era de sorrir facilmente, mas era muito amoroso comigo. Às vezes ele não sabia como expressar todo o amor que sentia por nós.

Como eu estudava em outra cidade, toda vez que eu vinha para casa passar um tempo com meus pais, ele me dava dinheiro para pagar minha passagem ou para comprar algo. Era o jeito de manifestar seu carinho e preocupação.

Quando íamos visitar minha avó materna no Rio Grande do Sul, sempre comprava alguma coisa para ela, desde móveis e eletrodomésticos até pequenas lembranças. Meu pai sempre representou seu amor presenteando as pessoas com algo.

Teve uma vez em que ele foi para a Itália e trouxe um terço para minha avó Izila. Quando ele faleceu, ela quis que esse terço ficasse com ele.”

DESCOBRINDO A DOENÇA

“Meu pai descobriu um câncer de intestino em Agosto de dois mil e sete. Ficou dois anos e dois meses em tratamento. Foi muito difícil para nós, porque ele era o chefe da família, tanto da nossa, quanto da família da minha avó. Ele faleceu muitíssimo jovem, com quarenta e nove anos. No dia dez de Janeiro, dois meses depois de falecer, ele completaria cinquenta anos.”

DOLOROSA LEMBRANÇA

“Eu lembro do falecimento dele como se fosse hoje. As coisas mais difíceis, e que mais marcam, são quando acontece uma tragédia, algo muito triste ou traumático. Por exemplo, todo mundo lembra de onde estava quando ocorreu o ‘Onze de Setembro’. Então, um falecimento de um ente tão querido como um pai, você lembra de cada segundo.

Como eu fui estudar fora, voltei para **Xanxerê** formada em Janeiro de dois mil e sete. Comecei a trabalhar em Fevereiro, e quando meu pai descobriu em Agosto que estava com câncer, fazia apenas seis meses que eu havia voltado a morar em casa. Então, foi muito preocupante e desesperador, porque o câncer é quase que uma sentença de morte. São poucos que escapam ou que conseguem se curar. Claro que mantivemos a esperança até o último dia na medicina ou em um milagre, e ele nunca se entregou. Fez muitos tratamentos médicos, mas também alternativos.



Eu já trabalhava na empresa quando ele ficou doente. Meu pai começou a se sentir mal apenas no último mês de vida. Já não conseguia caminhar e ficava sonolento, porque o tratamento era à base de morfina. Ele tomava muita injeção e sentia muita dor.”

INTERNAÇÃO

“Meu pai foi internado num final de semana, o que foi um sacrifício, porque não queria de jeito nenhum entrar no carro.

Na segunda-feira, ele recebeu alta, e fomos para **Chapecó** consultar com o oncologista se ele podia fazer quimioterapia, mas o médico disse que não havia mais o que fazer. Voltamos a interná-lo. Dias após o levamos para fazer um exame, e quem diz que ele aceitava entrar no carro de novo? Segurava-se na porta para não entrar, mas já não conseguia ficar em pé sozinho.”

ÚLTIMA SEMANA

“Na última semana, pedimos a um funcionário da empresa que fosse até o hospital para nos ajudar a erguê-lo. Depois, chegaram outros parentes. Uma tia de **Minas Gerais**, um tio do **Rio Grande do Sul**, minha mãe, eu e meu irmão cuidamos dele.

Naquela semana, eu estava completando minha última matéria da pós-graduação, na faculdade **FGV (Faculdade Getúlio Vargas)**, de **Chapecó**. Fui fazê-la contra minha vontade, pois desejava ficar cada minuto possível com o pai. Minha mãe me convenceu a ir, dizendo que ele estava melhorando.

Na quarta-feira, meu pai caminhou sozinho tranquilamente. E eu havia ficado feliz de ver o pai melhorando, fui para a faculdade, mas estava apenas de corpo presente, minha cabeça estava no hospital. Não conseguia me concentrar ou contribuir na disciplina, fui levando...

Meu esposo **Davi Bianchi** morava em **Xaxim**, e eu ficava na casa dele por ser mais perto e não ter que voltar todo dia para **Xanxerê**. Sempre ligava para a mãe para saber como estava o pai.

Na sexta, eu quis voltar para vê-lo, e no sábado, retornaria para concluir a matéria. Porém, o pai estava com a respiração ofegante. Fiquei no hospital com ele. Na verdade, todas as irmãs dele vieram para passar os últimos momentos com ele.

Só tem uma coisa que eu lembro que me deixou chateada: aquele momento de despedida era apenas nosso, da família, mas começou a entrar tanta gente, até mesmo desconhecida no quarto, e não sei por que deixaram entrar tantas pessoas para ficar olhando ele no fim da vida.

O que elas ganhavam com aquilo? Porque não foram visitá-lo enquanto estava bem? Assistir a um filme, um jogo de futebol, tomar um chimarrão? É uma lembrança que me machuca.

Depois que todas aquelas pessoas foram embora e ficamos apenas nós novamente, acabamos cochilando. Lá pelas seis horas da manhã do outro dia, minha tia que estava acordada cuidando do meu pai nos chamou e disse que ele apenas deu uma última suspirada.

Nós ficamos sem chão. Foi muito difícil tocar o negócio sem meu pai, tomar conta de algo que foi ele quem estruturou, organizou, que cuidava... E ao mesmo tempo em que fui administrando a dor da perda, tive que ir tomando senso de como gerenciar a empresa.”

APRENDENDO A TRABALHAR

“Quando viemos para a nova sede da empresa trabalhar junto com nosso pai, eu tinha doze anos e meu irmão, dez. Chegávamos do colégio e logo almoçávamos, porque meio dia e meia nós íamos com o nosso pai para a empresa.

*Terminávamos os deveres e íamos para os nossos postos de trabalho. Eu atendia o telefone, porque minha tia **Lia Mara**, que era responsável por atender, também fazia os serviços bancários. Então, eu a substituí.*



O meu irmão ia trabalhar na sessão de peças. No início, o pai colocou ele para contar peças e parafusos só para aprender, não que precisasse fazer isso. Não era apenas contar, mas conhecer cada pecinha que existia.

Então nossa rotina era de manhã ir na escola, de tarde ir na empresa, fazer os temas, depois cada um ir para o seu trabalho, e no final da tarde, nossa tia **Lia Mara**, nos levava no curso de inglês, porque o pai sempre ficava além do horário.

Depois de um tempo, nós começamos a pegar carona com a minha tia para a empresa, perto da uma hora. Permaneci nessa função de atendente de telefone até a segunda série do segundo grau, ou seja, dos doze anos até os dezesseis. No terceiro, eu ficava em casa estudando para o vestibular de **Direito**.”

TESTE VOCACIONAL

“Na oitava série, adorava desenhar a planta das casas e achava que futuramente iria me interessar por Arquitetura. Fiz um teste vocacional, e deu Arquitetura, Direito, Administração e Contábeis. Lembro que minha mãe disse: ‘Você vai fazer Direito, porque tem o perfil adequado, vive se defendendo, tem argumento para tudo...’

O pai nem falou muita coisa, mas sempre me incentivou a continuar estudando. Ele era muito crânio para a matemática, assim como meu irmão. Eu era boa aluna, mas tinha que me esforçar. Meu irmão nem caderno levava e tirava sempre ótimas notas. A mãe me perguntava o resultado de uma conta, e enquanto eu ainda estava pensando, o João respondia. Quando ela ia me ajudar a fazer os temas, tinha que tirá-lo da sala, porque senão, ele não me deixava responder.”

VESTIBULAR

“Fiz vestibular para as faculdades de **Xanxerê, Chapecó, Itajaí**, fui aprovada em todas, e escolhi cursar **Direito** na **UNIVALI**. Morava em **Balneário Camboriú** e todo dia ia estudar em **Itajaí**. No primeiro ano, só estudava e ia de van para a faculdade. Na sequência consegui tirar a carteira de motorista e ter meu próprio carro.

Eu não conhecia nada por lá. Em **Xanxerê**, se vai a pé onde precisar ir, mas lá não. Então foi bem complicado no começo. Tive que aprender a me virar sozinha, cuidar da minha roupa, alimentação, limpeza, transporte... Era eu e eu. Em casa, nunca precisei me preocupar com isso, minha mãe resolvia tudo.

Fui para **Itajaí** querendo ser independente, mas devo admitir que todo tempo que passei lá, morria de saudades da minha família e desejava tê-la ao meu lado. De vez em quando meus pais iam me visitar, e quando chegava a hora de irem embora, chorávamos muito.”

ESTÁGIO NA VARA DA INFÂNCIA

“Durante quatro anos, enquanto estudava direito, fui estagiária no **Fórum**, na **Vara da Infância e da Família**. Fui assistente do juiz voluntariamente.

Quando entrei no fórum, não sabia praticamente nada porque estava apenas no terceiro período da faculdade. Mas eles foram muito bacanas comigo, me ensinaram pacientemente e depois de um certo tempo fui ganhando conhecimento no decorrer da faculdade.

Comecei a ter tarefas mais importantes, mas claro que o juiz sempre olhava tudo o que eu fazia. Não pretendia seguir na área, já tinha a vontade de seguir o negócio da família.”

O NAMORO

“Comecei a namorar **Davi Rodrigo Bianchi** no final do segundo grau, conheci ele através de uma rede social chamada **Mirc**, na época da internet discada. Começamos a conversar e em Janeiro nos conhecemos no famoso **BigBowling**.



Em dois de Fevereiro de dois mil e dois tornamos nosso namoro mais sério. O Davi estudava em Blumenau, como eu morava em Balneário, nos encontrávamos no final de semana. Namorar o Davi me fortaleceu, me fez concluir o curso e suportar a saudade de ficar longe de casa. Somos casados até hoje.”

MEU IRMÃO, JOÃO ANTONIO CARVALHO SERAGLIO

“Nesse tempo em que eu estudei fora, meu irmão **João** saiu da sessão de peças e foi trabalhar na minha função de atender os telefonemas. Assim, ele tinha tempo para atender o telefone e estudar. Ele fez a faculdade de **Administração de Empresas** aqui em **Xanxerê**.

Ele passou a ajudar no financeiro da empresa como assessor. Quando conclui a faculdade, voltei para cá, fiquei no financeiro e o João foi trabalhar com meu pai na área comercial. Nós fomos passando por todas as áreas dentro da empresa. Meu pai colocou mais uma mesa na sala dele, e juntos, trabalhavam na compra e venda de implementos novos e usados.

O João ficava atento ouvindo meu pai fazer os negócios, calculando comissões, margem de lucro, enfim, tudo o que se trabalha no comercial. Aprendemos pela convivência como é que funcionavam as coisas.

PREPARAÇÃO

“Nosso pai nos preparou do jeito dele, para que um dia assumíssemos a empresa. Ele nos falava que se não quiséssemos assumi-la, tínhamos que dizer logo, porque ele teria que se preparar psicologicamente para vendê-la, caso não déssemos sequência. Tinha um grande amor pela empresa.

Esse amor ele trouxe desde o tempo em que trabalhava com o vô. Acredito que ele tenha passado isso para nós também. Hoje eu faço a parte administrativo-financeira, e meu irmão continuou no comercial.”



Renata e Davi, com o filho João Vicente, recém-nascido.

O CASAMENTO

“Eu e Davi nos casamos em cinco de Novembro de dois mil e onze. Nosso namoro durou nove anos. Não nos casamos antes porque seis meses após me formar o pai ficou doente, então não tinha nem clima. Ele era minha prioridade.

O Davi também, após concluir a faculdade voltou para trabalhar na empresa da família dele, em Xaxim. Moramos em Xanxerê mas ele vai todo dia para lá.”

JOÃO VICENTE, NOSSO FILHO

“Nosso filho João Vicente nasceu em dois mil e dezessete, trinta e um dias depois que a minha mãe faleceu. Queria muito ser mãe, ele foi muito desejado e por muito tempo esperado.”

(Durante a leitura de sua biografia, Renata informou que se encontra grávida novamente. Está esperando uma menina. O seu nome será Olívia).



Renata e sua mãe Hilda.



Renata e o filho João Vicente



Girassóis - De Vincent Van Gogh, famoso pintor holandês. Artista preferido de Renata.

A TRISTEZA DA DESPEDIDA E A ALEGRIA DA CHEGADA

“Minha mãe descobriu que tinha câncer de pulmão em dois mil e quinze, mesmo não tendo sido fumante.

Ela faleceu aos sessenta e três anos. A doença dela começou a se agravar em Novembro de dois mil e dezesseis, e quando me desliguei da ideia de engravidar e me dedicar a cuidar dela, eu engravidei.

O agravamento da doença manifestou-se por meio de uma convulsão. Não sabíamos o que era porque pensávamos que estava tendo um AVC ou um infarto. Levamos minha mãe para o hospital e descobriu-se um tumor no cérebro que ocasionava as convulsões.

No dia dezoito de Julho de dois mil e dezessete, minha mãe **Hilda Carvalho Seraglio** faleceu. E em dezenove de Agosto do mesmo ano, o **João Vicente** nasceu. Assim, a tristeza da despedida e a alegria da chegada do meu filho foram muito próximas.

Nas últimas fotos que eu tirei com minha mãe num ensaio fotográfico, eu estava grávida. Tivemos que tirar os espelhos de dentro de casa, porque os remédios que ela tomava eram muito fortes e a deixavam inchada, e ela não se aceitava daquele jeito. Minha mãe era uma pessoa muito vaidosa, carismática e bondosa.”

ÓRFÃOS DE PAI E MÃE

“*Eu e meu irmão nos tornamos órfãos de pai e mãe num período bem curto. Bem na verdade, nem paramos para pensar a fundo sobre isso, pois tivemos muito apoio dos nossos familiares.*

Depois que meu pai faleceu, era minha mãe quem dava a palavra final quando eu e meu irmão discordávamos. Após seu falecimento não tínhamos mais quem decidisse as coisas, então um teria que convencer o outro.

Eu sou dinâmica como meu pai. Já meu irmão é mais pacato. No fim nós nos completamos, porque se fôssemos iguais não daria certo.”

O NOME JOÃO VICENTE

“*Eu queria que fosse apenas Vicente, porque meu artista preferido é o pintor Vincent Van Gogh. Minha sala é decorada por rélicas de suas obras pintadas por mim.*

Meu esposo Davi não queria esse nome. Então, acabamos entrando em um acordo e ficou João Vicente.

Posso dizer que é muito mais fácil administrar uma empresa do que ser mãe. É um grande aprendizado diário.”



GRAVIDEZ E TRABALHO

“No último mês de gravidez, fiz o inventário da minha mãe, estava com um monte de negócios em andamento. Mesmo em casa, permaneci trabalhando até o último segundo.

Quando terminei tudo o que tinha para fazer na sexta-feira, comecei a ter contrações à noite, e o **João Vicente** nasceu no outro dia pela manhã. Parece que esperou eu finalizar o último contrato pendente para depois nascer.

Ainda bem que ele veio, porque foi o que preencheu nossa perda da mãe, foi o que acalentou nossos corações.”

O CHEFE

“Não perdemos apenas um pai, mas também o chefe da empresa. De certa forma, todos os funcionários ficaram órfãos, porque ele era um paizão para todos.”

A EMPRESA

“Atualmente temos cerca de trinta colaboradores. Atendemos comercialmente desde a fronteira com a **Argentina** até as proximidades de **Santa Cecília**. Quando a empresa **GUERRA** decretou falência, perdemos nosso carro-chefe. Ficamos trabalhando somente com a oficina, reforma e venda de peças.

Durante um ano e meio, buscamos uma outra indústria de implementos rodoviários para representar comercialmente e acabamos por fechar contrato com Rodofort de São Paulo em dezembro de dois mil e dezoito. Atualmente ela não produz o mesmo volume de produtos da GUERRA mas possui uma qualidade equivalente.”

COMEÇANDO TUDO NOVAMENTE

“Tivemos de mergulhar no desconhecido e recomeçar mais uma vez. Apresentar essa nova empresa e um novo produto para todos que já conheciam a Seraglio.

Um estudo diz que oitenta e seis por cento das empresas que existem são familiares, porém somente doze por cento delas permanecem no comando da terceira geração da família. E nós estamos na terceira geração, nos orgulhamos de fazer parte desse número tão pequeno.”

LEITURA PARA VENCER A DESAFIOS

“Uma coisa muito importante que me deu apoio e força após a perda dos meus pais e que de certa forma me mostrou um caminho a seguir, foi o livro ‘**Cartas a um jovem herdeiro**’ de **Renato Bernhoeft**. O livro conta experiências de sucessão dentro das empresas.

Uma das frases marcantes do livro é: ‘*A herança não vem com um manual de instruções. Ela está associada a um legado de valores.*’

A herança que recebi traz os valores do meu pai e do meu avô. Até hoje levo os ensinamentos deles para dentro da empresa, mas ao mesmo tempo tento construir o meu legado.

Outra frase do livro é que: ‘*A herança não requer mérito, nem competência, ela vem do direito legal, que provém da existência do patrimônio de outra pessoa.*’

Ser filho de um pai brilhante, gera uma grande expectativa em cima dos que o sucederão. Nosso pai era um gênio empreendedor, e nós passamos por isso, mas diariamente buscamos ultrapassar essas expectativas.

Um dos grandes problemas das empresas familiares é que há um despreparo dos filhos em assumi-las. É que os pais não querem que os filhos passem pelas mesmas dificuldades que eles passaram, esquecendo que foi dessa maneira que eles adquiriram experiência e construíram seu patrimônio.

Nosso pai nos trazia desde cedo na empresa para trabalhar enquanto nossos amigos jogavam bola, brincavam. Ele nos ensinou a gostar do trabalho. Aprendemos ainda crianças que somos seus herdeiros.



Ele nos deu a liberdade de escolhermos o que queríamos ser na vida. Não fomos obrigados a ficar dentro da empresa. Assim que completamos nossos estudos, voltamos diretamente para a empresa por vontade própria. Eu já tinha esse objetivo. Foi uma escolha muito natural.

Mesmo trabalhando desde pequenos, já recebíamos um salário como incentivo, e assim entendíamos o valor do nosso esforço.”

LEALDADE E RESPEITO

“Outra coisa muito difícil, com a qual tivemos que lidar na nossa empresa depois que assumimos, é que a lealdade dos funcionários, principalmente dos mais antigos, era com meu pai. Eles não nos tratavam com o mesmo respeito, porque para eles éramos aquelas crianças que vinham para cá para fazer os temas. Comigo foi mais difícil ainda, por ser mulher, dentro de um negócio totalmente comandado por homens.

Essa lealdade não se transfere, se conquista. Isso também se trata dentro do livro que li. A leitura realmente foi minha base. Tudo o que continha naquele livro, estava acontecendo comigo.

Nós temos funcionários até hoje que trabalham na empresa desde quando o meu avô comandava, há mais de trinta anos. Eu tive que conquistar essa lealdade dia após dia.”

MUDANÇA COMPORTAMENTAL

“Nós tivemos muita dificuldade em assumir a empresa sem a presença do meu pai, porque os funcionários acumulam muita força e conhecimento dentro da empresa, e pensavam que éramos incapazes de assumir.

Queríamos buscar uma nova forma de fazer as coisas, enfrentamos vários desafios para implantar nossa maneira de administrar. Foi um momento que tivemos que nos impôr perante os funcionários.

Enquanto meu pai era vivo, dedicou-se inteiramente ao trabalho, e quando se preparava para aproveitar a vida, veio a doença e o levou. Levamos isso como uma lição e procuramos um equilíbrio entre a vida pessoal, familiar e profissional.”

ASSUMINDO AS RÉDEAS

“Além desse impasse com os funcionários, tivemos muitos desafios. Várias pessoas que eram estratégicas e estavam a bastante tempo dentro da empresa trabalhando conosco, precisaram se afastar por motivos de doença, acidentes ou pediram demissão.

Aos poucos, fomos assumindo as áreas que estavam com desfalque, e assim, toda a estrutura de trabalho. Ficaram conosco apenas os dois chefes da oficina, eu e meu irmão. Os setores de faturamento, compras, financeiro e vendas era centralizado em apenas uma pessoa por cargo, e o trabalho era pouco sistematizado.

Nesse momento de extrema dificuldade trabalhamos sem hora para ir embora, buscamos auxílio de profissionais qualificados, assim dia após dia nos reerguemos.

Ficamos perdidos no escuro, dezoito por cento dos funcionários se desligaram da empresa no final daquele ano, portanto, além de todas as funções que exercíamos, tínhamos que fazer dezenas de entrevistas para repôr o quadro de funcionários.

Nessa época, estávamos construindo uma sala comercial onde atualmente está o Sicoob. Era mais um investimento que precisávamos cuidar.

Quando vivo, meu pai sempre me levava para acompanhar as obras, conhecer os materiais e as técnicas de construção. Após seu falecimento, meu esposo **Davi** me ajudou bastante nessa área.

O engenheiro **Enio Winckler**, grande amigo da família, nos deu muito apoio. Tínhamos uma ótima relação. Foi um segundo pai para mim. Num dia dos pais, apresentei-o em agradecimento pelo que fez por nós nessa nova fase. Muitas pessoas nos viraram as costas, mas muitas outras nos adotaram.”



O AUXÍLIO DA FAMÍLIA

“Resolvi fazer o inventário do meu pai, embora já estivesse bastante atarefada. Estava no último ano do meu **MBA (grau acadêmico de pós-graduação destinado a administradores e executivos)** e precisava fazer minha monografia.

Percebi que não daria conta de todo o trabalho sozinha. Assim, convidei meu tio **Gilberto Carvalho**, que morava em **Cruz Alta**, para vir a **Xanxerê** juntamente com sua família para nos auxiliar na empresa.”

ARRENDAMENTO DA FAZENDA

“A fazenda da família, que era o xodó do meu avô, também estava sendo administrada pelo meu pai na época de seu falecimento. Essa foi outra função que tive que desempenhar. Com a vinda do meu tio ele assumiu por um período, depois optamos por arrendá-la, pois certamente não daríamos conta de cuidar de tudo.”

CONSULTORIA

“Em dado momento, percebemos que precisaríamos contratar uma consultoria para que a empresa pudesse funcionar de forma eficiente. Aos poucos, fomos implantando novas formas de trabalhar, um novo sistema.

Éramos muito jovens. Eu estava com vinte e cinco anos e meu irmão com vinte e três. Lembro de um comentário feito por um funcionário: ‘O Antonio preparou vocês para assumirem a empresa, mas não preparou a empresa para assumir vocês’.

Isso nos motivou ainda mais a buscar conhecimento e seguir em frente, implantando mudanças e adequações.

Eu era jovem, inexperiente e mulher. Os funcionários esperavam que meu irmão João Antonio viesse a comandar. Mas ele nunca almejou essa função, e também nunca se importou que eu assumisse.”

NOVO SISTEMA

“Com o sistema de gestão que implementamos, modernizamos a firma, mas pela a nossa inexperiência e erros de planejamento, enfrentamos vários problemas para fazê-lo funcionar, entretanto, com o passar do tempo, ele se mostrou útil e facilitou a tomada de decisões e a organização da empresa.

Começamos a andar com as próprias pernas em dois mil e doze. Os problemas se estabilizaram e o nosso segmento de mercado começou a retomar.

O ano de dois mil e treze foi um momento de crescimento e expansão. Implantamos SIPAT’s, Programa 5S, Programa de Excelência.... A GUERRA estava em ascensão de faturamento, foi nosso melhor ano de venda de produtos e venda de consórcios, aumentamos o número de vendedores, buscamos novos negócios passando a ser representantes dos pneus Bridgestone.”

REINVENTANDO E EMPREENDENDO

“Após assumirmos a empresa, já passamos por diversas crises no setor. O empresário tem sempre que se reinventar para manter o negócio até o momento em que ele possa se recuperar e se reestabelecer. Isso é a essência de empreender. Começar sempre do zero novamente, buscar novas oportunidades, ter meios de saída nos momentos de crise.

A empresa vem se qualificando e proporcionando mais qualidade de trabalho aos funcionários, segurança, cursos, palestras, equipamentos novos...”

MULHER NÃO É SEXO FRÁGIL

“Idade e sexo não podem ser fatores limitadores.” - Eu tinha vinte e cinco anos, mulher, e estava no comando de uma oficina mecânica, um ramo totalmente masculino.



Os cargos ocupados por mulheres no nosso ramo geralmente são os de faxineira, telefonista, financeiro ou faturamento, porém o mercado de trabalho está mudando. Não temos mulheres trabalhando na oficina, mas fico feliz em encontrar clientes caminhoneiras. Elas estão quebrando um paradigma assim como eu quebrei.

Nunca pensei que ser mulher fosse um empecílio para não assumir uma empresa. Talvez foi por isso que eu cheguei onde cheguei, e ganhei o prêmio Empresário do Ano em 2014. Nunca encarei isso como uma barreira. Entendia como um limite a ser quebrado e por isso cheguei tão longe.

‘Amar o que faz’ - Se não amasse o que faço, teria desistido de tudo assim que meu pai faleceu e deixaria os funcionários tocarem a empresa, diante das dificuldades que encontrei.

Como já disse anteriormente, no início os funcionários não tinham confiança na nossa gestão, e fomos conquistando essa confiança com o tempo, mostrando nosso esforço e provando nossa capacidade.”

*Saber o que você quer.
Ter foco no negócio.
Aprender a lidar com
diferenças e dificuldades.*

“Enfrentamos muita coisa pelo caminho. As pessoas nos contrariavam, e tivemos que conquistar respeito e lealdade. Meu pai era mais impositivo, e nós somos flexíveis.

Outra virtude que procuro seguir é de nunca abrir mão de meus valores pessoais, foram eles que moldaram a profissional que sou hoje.

Procurei conhecer as entidades de classe, fui um membro muito ativo nos núcleos setoriais que participei na ACIX. Meu avô foi um dos fundadores do SIMMEX (**Sindicato das Industrias Metalúrgicas, Mecânica e Material Elétrico de Xanxerê**), comecei a frequentar as reuniões e cheguei a ocupar o cargo de tesoureira, onde inovei alguns processos. Também ocupei um cargo na diretoria da **Associação de Distribuidores da GUERRA** e hoje da **RODOFORT**, buscando defender os interesses dos distribuidores perante a fábrica. Todo esses envolvimento acabaram me tornando conhecida no meio empresarial.”

NÚCLEO DE JOVENS EMPREENDEDORES

“Foi no **Núcleo de Jovens Empreendedores da ACIX** que me destaquei bastante. Dentro desse núcleo sempre fui bem ativa desenvolvendo ações em **Xanxerê**. O núcleo é um fomento de jovens empresários com a intenção de formar jovens líderes que estejam envolvidos na entidade e na classe empresarial.

As pessoas entram ali para entender como funciona a entidade, e acredito que dali sairão grandes empresários e pessoas que futuramente irão liderar as entidades de **Xanxerê**.

Eu ocupei os cargos de tesoureira, vice-coordenadora e coordenadora do núcleo. Me afastei quando minha mãe ficou doente. Sentia que já tinha concluído minha missão lá dentro.

Participei em vários projetos como a **Assembleia Geral Ordinária da CEJESC**, que foi realizada em **Xanxerê**. Sempre procurei me esforçar ao máximo e entregar o meu melhor dentro do núcleo.

Desenvolvemos o **Simpósio Organizacional** em **Xanxerê** com a **UNOESC**, trouxemos palestrantes de fora, atuamos bastante junto com a universidade.

Ajudei a fundar o **Núcleo das Concessionárias e Implementos Rodoviários**, fiz parte do **Núcleo de Metal Mecânica** e do **Núcleo de Gestão de Pessoas**.

A **ACIX** tinha doze núcleos na época e eu participava de quatro, me envolvi em tudo que era relacionado com o meu negócio. Hoje participo apenas do **Concessionárias e Implementos Rodoviários** que é da minha área de atuação. Agora, minha prioridade é minha família.”



AS ENTIDADES DE CLASSE

“A **ACIX** é essencial para todos, porque é onde se buscam informações. Temos suporte e muitas ferramentas benéficas para empresas, como certificado digital, consulta a órgãos de crédito, enfim, todo o suporte que um empresário precisa.

Ela participa da **FEMI** e promove diversos cursos. E essas ferramentas me deram apoio e sustentação para enfrentar todos esses desafios, porque ali ocorre a troca de experiências e *networking*.

Comecei a participar das reuniões do **SIMMEX** e da **FIESC**, aqui e em **Chapecó**. Fui me envolvendo e conhecendo as coisas mais a fundo.

Isso era algo que meu pai não fazia. Ele vivia apenas a empresa. Optei por além de viver a empresa, também viver o negócio na cidade.

Já viajei para vários lugares, e sinto que posso dizer sem medo de errar que não há nada que se compare ao nosso lar e estar rodeado de quem a gente ama. Nasci e cresci em **Xanxerê**, essa cidade sempre foi e sempre será o meu lar.”

PREMIO EMPRESÁRIO DO ANO 2014

“Quando fui indicada para o prêmio Empresário do Ano 2014, os colegas empresários do sindicato falaram que iam fazer boca de urna para mim, pedir voto. Mas achei que as pessoas tinham que votar pelo que elas conheciam de mim, e por achar que eu realmente merecia ter esse destaque perante os demais empresários da sociedade. O meu voto, deixei dentro da minha bolsa, porque se era para ganhar, que fosse pelo reconhecimento do meu trabalho.

As pessoas comentavam muito, mas nunca imaginava receber esse prêmio.

Quando chamaram meu nome senti um frio na barriga e não acreditei no que estava acontecendo. Após isso tive a honra de ser convidada para ser a madrinha de turma do curso de Administração de Empresas.

Fui ficando conhecida, e muitas pessoas podem até ter se identificado com a minha história. Percebiam que minha trajetória não foi tão fácil quanto parecia e ao contrário do que muitos pensavam meu pai não me deu tudo de mão beijada, foi errando e acertando que mantivemos a empresa, e sei que meu pai onde quer que esteja, se orgulha muito de nós.

Eu senti um orgulho muito grande em ser finalista do prêmio, porque entre mais de mil sócios que a **ACIX** tem, escolheram a mim. Já é um reconhecimento muito grande estar entre os três finalistas, que na época eram eu, o **Sandro Botta** e o **Irineu Altíssimo**.

Senti muita satisfação e também um pouco de receio, porque eu não sabia se estaria representando todos aqueles empresários. No discurso de agradecimento, falei que meu pai era meu exemplo de líder e empresário, que foi por ele que eu continuei na empresa, e muitas pessoas se emocionaram.

Nem minha mãe foi naquela noite, apenas meu marido, porque na época eles não avisavam quem eram os finalistas. Em dois mil e quinze, eu entreguei o prêmio nas mãos do **Irineu Altíssimo** e minha mãe estava presente. Foi uma surpresa muito grande, sou grata por ter recebido o prêmio. Na história da **ACIX**, eu e a **Irene Aparecida e Sá Affolter** somos as únicas mulheres indicadas para receber este prêmio.

Fui a primeira mulher em **Xanxerê** a receber este troféu, e também a mais jovem em 2014.”

ASSOCIADA À ACIX

“Ser associada à **ACIX** é de fundamental importância, pois a associação está sempre trazendo palestras e proporcionando atualizações nos diversos segmentos, não só para os empresários, como também para sua equipe de funcionários. Através dos núcleos setoriais podemos buscar melhorias em segmentos específicos.

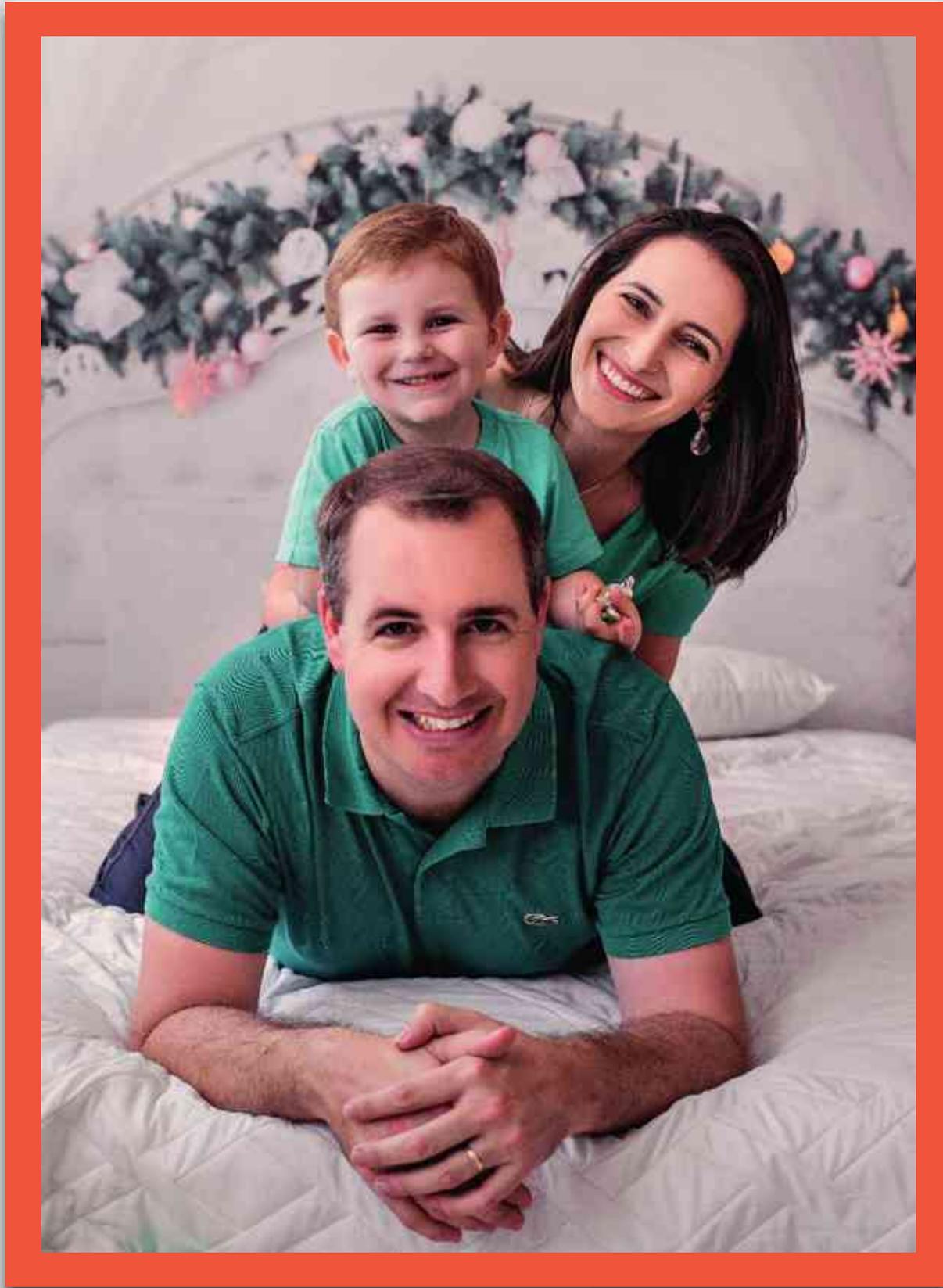
A entidade também proporciona diversos produtos e serviços que facilitam o dia a dia das empresas, como o **Util Card**, consultas e negativas, certificado digital, entre outros.”

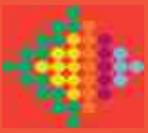


João Antonio, Hilda, Renata, Davi e Antonio Carlos.



Renata, Davi e João Vicente.

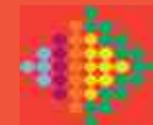




ACIX - 50 Anos - História, Experiência, Expressão

“QUEBRANDO PARADIGMAS”





ILUMINANDO DIFERENÇAS”



Renata Carvalho Seraglio



Colaboradores da Seraglio Implementos Rodoviários.



Comemoração dos 30 anos de empresa de um colaborador da Seraglio Implementos Rodoviários



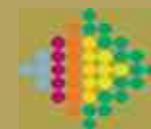
Lazer



Treinamento



Esporte



Biografia do Empresário do Ano 2015

IRINEU ALTÍSSIMO





O PÃO NOSSO DE CADA DIA

*"Afagar a terra,
Conhecer os desejos da terra,
Cio da terra propícia estação,
E fecundar o chão."*

Irineu Altíssimo, desde a tenra infância afagou o chão de muitas terras no Oeste Paranaense. Seu pai Olivo migrou do Rio Grande do Sul para o Paraná, e passo a passo, foi ampliando o cultivo de terras. Obviamente os filhos cresceram e se tornaram homens lidando com as lavouras.

Irineu, possuidor de um dom natural, sem cursos ou ensinamentos prévios, se incumbia de consertar as máquinas da lavoura. Trabalhava tanto que às vezes emendava um dia no outro, tirando breves cochilos em cima do trator. Secava o suor da lida e gastava a sola do pé caminhando descalço até a escola mais próxima. Era uma exigência do pai, trabalhar e estudar.

De repente, aliou-se a um dos irmãos e alugaram um velho moinho. Irineu, que já montava e desmontava as máquinas da lavoura, pôs a mão na massa, quer dizer, no ferro, limpou e fez funcionar o moinho que estava parado. Parece que foi batizado por algum santo moleiro, pois, a partir daí, vieram outros e outros moinhos em seu caminho.

Na dura estrada da vida, para quem lida com o campo, por três vezes quase perdeu a vida. Foi um tempo em que os agrotóxicos eram usados indiscriminadamente nas lavouras do Brasil, e muitos camponeses, por falta de informação e cuidados, tombaram sobre a terra envenenada. Irineu quase foi um deles. Recuperou-se e continuou trabalhando de sol a sol.

Porém, na terceira vez, não foi o veneno da terra, foi o jato de areia utilizado para limpar as peças do moinho. Irineu definhou dia após dia. Homem de fé e coragem, bateu à porta da cabana de um benzedor curandeiro. Bastou tomar uma garrafada de um amargo remédio, e o homem recuperou em pouco tempo, os quarenta quilos perdidos.

Junto com a família, migrou para Xanxerê, trazendo na mala mais sonhos do que bagagem, e nos altos do Bairro Veneza, edificou um vistoso e produtivo moinho. Lá do alto, já bem cedinho, ele observa a cidade. A fumaça das chaminés, indicam que o povo tem fome. E o Sr. Irineu Altíssimo, organizando um emaranhado de canos e máquinas, analisa nas mãos a farinha que será transformada em pão para matar a fome.

Irineu Altíssimo foi agraciado com o prêmio Empresário do Ano 2015.



Irineu Altíssimo é natural de São Miguel do Iguaçu - PR. Nasceu em 08 de Julho de 1967. Filho de Olívo Altíssimo e Geni Fuhr Altíssimo. Casado com Nair Aparecida Périgo Altíssimo, com a qual tem os filhos Bruno, Daniela e Gabriel.

MINHAS ORIGENS

Irineu Altíssimo inicia seu depoimento contando sobre suas origens: “Eu tenho uma mistura italiana e alemã. Meu pai **Olívo Altíssimo** está vivo ainda, com oitenta e um anos, mas minha mãe **Geni Fuhr Altíssimo** faleceu há dois anos.

Dos meus bisavós, sei que são italianos, vieram da **Itália**. Meu pai me fala até que o município de onde eles vieram, se chama **Altíssimo**, um lugar bem montanhoso, no **Norte** da **Itália**, da região do **Veneto**, província de **Vicenza**. O pai da minha mãe, meu avô, veio da **Alemanha** ainda pequeno.

Meu pai nasceu na região de **Três de Maio**, no **Rio Grande do Sul**, e a mãe é natural de **Santa Rosa**, terra onde nasceu a apresentadora **Xuxa Meneghel**.”

FAMÍLIA

“A família do meu pai é composta de dezesseis irmãos, e só tem ele de homem ainda vivo. Tinha seis mulheres, e dez homens. Todos trabalhavam na agricultura. Já a minha família, é composta de nove irmãos, com dois casais de gêmeos. Eu sou gêmeo com uma irmã.

A mais velha dos filhos é a **Marlene**. Depois vieram o **Jorge** e a **Neide**. Eles nasceram lá no **Rio Grande do Sul**. Depois, meu pai veio para o **Paraná** com a intenção de aumentar a lavoura. De **Três de Maio**, ele foi para a localidade de **São Jorge**, em **São Miguel do Iguaçu**. É um ditrito do tamanho de **Bom Jesus**, mais ou menos. Lá nasceram a **Maria**, um casal de gêmeos que sou eu e a **Irene**, os outros gêmeos, **Pedro** e **Jacó**, que foram batizados assim para homenagear os avós, e o caçula, **Flávio**. Nossa mãe jurava que teve mais um casal de gêmeos, e que alguém roubou o outro bebê. O **Flávio**, meu irmão mais novo, trabalha comigo no moinho.”

EM BUSCA DE NOVAS ÁREAS DE TERRA

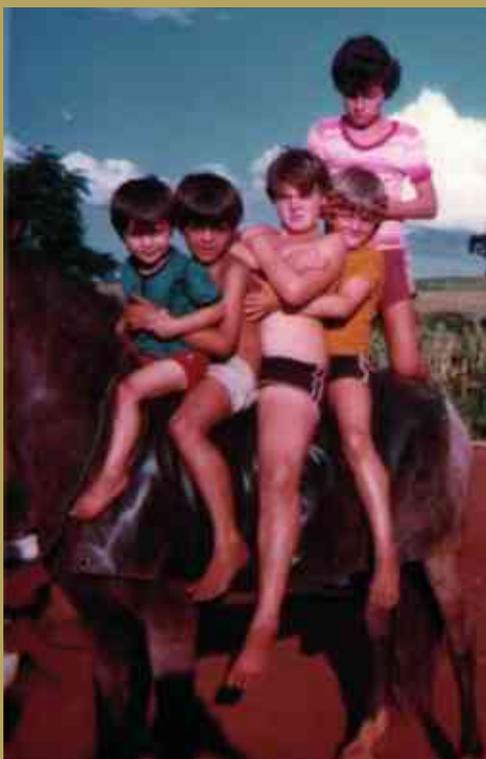
“A área de terra que possuíamos no **Rio Grande do Sul** foi vendida, porque na época era muito pequena para dezesseis irmãos, eram apenas três hectares que o vô havia comprado.

Quando esses três hectares de terra foram vendidos, meu pai comprou doze alqueires e meio de mata fechada em **São Miguel do Iguaçu**, repleto de árvores imensas. O pai, junto com a mãe, munidos de serrotes e machados, derrubaram tudo e transformaram em lavoura. Plantavam soja, milho... Naquela região, as primeiras lavouras de soja foi o pai que plantou. A primeira trilhadeira utilizada para trilhar soja e milho, foi o pai que adquiriu. E quando era tempo de colheita, como o pai era o único a ter a trilhadeira, passava dias fora trilhando para os vizinhos. Era bem sofrido naquela época. A família se virava como podia e também ia ajudando quem tinha mais dificuldade.”

LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA

“Voltei à minha terra natal um tempo atrás, mas não existe mais nada, só lavouras e mais lavouras. Foi nossa melhor época na vida. Sempre fomos de trabalhar desde jovens. Com sete anos, cada um tinha uma enxada. A terra do pai não tinha um pezinho de mato. Todos iam primeiro na aula e depois se jogavam na roça.

Com doze para treze anos, lembro que nosso pai colocava uma madeira na parte hidráulica do trator que ficava atrás, e ali ele montava as carpideiras. Eu, a **Maria**, o **Pedro**, o **Jacó**, o **Flávio**, a **Ica**, todos iam atrás para conduzir a carpideira, que é uma espécie de arado pequeno. E assim passávamos o dia trabalhando.



Irineu é o garoto do meio, junto com seus irmãos Flávio, Jacó, Pedro, e o primo Juca.



Geni Fuhr Altíssimo (In Memoriam), mãe de Irineu.

No outro dia, não conseguíamos quase nem levantar os braços, mas era preciso trabalhar do mesmo jeito. A gente também criava porcos, vacas de leite, bois... O pai sempre teve junta de boi e vaca.

Nos finais de semana, fazíamos carreira de cavalos. E na época, a gente ia no lombo do cavalo, não utilizava pelego, muito menos rédeas. Os cavalos eram treinados. Quando subíamos, já saíam correndo. Foi um tempo muito bom.

Quando completei treze anos, o pai vendeu as terras em **São Miguel do Iguaçu**, com a intenção de aumentar a produção, pois os filhos foram crescendo. Ele comprou dezoito alqueires na cidade de **Céu Azul**, perto de **Cascavel**.”

A ESCOLA

“No meu tempo, se começava a estudar com sete anos, não podia ir antes. A escola ficava na comunidade, a três quilômetros e meio da nossa casa. Iamos a pé e sem chinelo, mas aí juntávamos todos os vizinhos e íamos sempre todos juntos. Até chegar na escola, juntávamos no grupo quem aparecesse pelo caminho. Brigávamos, aprontávamos... Nossa mochila era aquele pacote de açúcar cristal de cinco quilos. Podia chover que não molhava o material que estava dentro.

As brincadeiras eram sadias, brincávamos o dia inteiro, não tinha a tecnologia que tem hoje. O carrinho era feito de madeira, isso quando se tinha material para fazer.

Nossa mãe era quem cobrava mais os estudos dos filhos. O pai nunca foi de cobrar os estudos, ele cobrava que a gente trabalhasse. Naquele tempo, as meninas estudavam apenas até a quinta série e os meninos eram estimulados a irem mais longe.”

MINHA MÃE

“Minha mãe era o pilar de tudo e de todos, da família inteira, tanto do lado do meu pai, quanto do lado dela. Ela era aquela pessoa que se qualquer parente precisasse de ajuda, era a primeira a estar lá. Não media esforços nem custos para ajudar os outros. Era muito forte e guerreira, porque depois que o pai aumentou nossas áreas de terra, a gente não dava conta de tudo. Ela vinha para a lavoura também para pilotar o trator, ajudar a colher, puxar produto no caminhão... Estava sempre puxando a frente. O pai já era mais na dele.

Se teve um cara que apanhou na vida, fui eu. Se a mãe desse um brinquedo para nós, desde a nossa infância em **São Jorge**, ela dizia: ‘*Vou te dar um brinquedo, mas primeiro você faz todo o serviço, depois pode brincar.*’ Se o serviço não tivesse feito, ela tomava o brinquedo, guardava, queimava... Eu lembro que tínhamos um poço, que quando se abria a tampa chegava a brilhar, de tanta bolita que havia lá dentro. Ela jogava tudo dentro do poço. Acabava com a nossa farra.

Teve uma vez que ela nos deu uma bola e um kichute para cada um. Mas primeiro, antes de jogar, tínhamos que fazer o serviço. Tirar leite, tratar os porcos, e depois poderíamos jogar bola. Ela foi para São Jorge, e quando voltou, a gente não tinha feito nada ainda. Rapaz... Ela pegou a bola e furou com um facão, e ainda bateu na gente.



Se ela dissesse que ia bater em algum de nós não tinha como fugir. Cansei de acordar apanhando ainda na cama por algo que tinha feito a dois, três dias atrás, porque como ela não conseguia nos pegar de dia, a gente corria no meio dos pés de mandioca e de milho, ela tirava a gente da cama na cinta. Ela trancava a casa inteira e não tinha para onde correr.

Lembro de uma vez em que a gente estudava em **Laranjeiras**, que foi para onde nos mudamos depois de **Céu Azul**, e que no terceiro bimestre, tinha reunião na escola. E foi a minha mãe para a dita reunião. Estudávamos lá eu, o **Pedro**, o **Jacó** e o **Flávio**. Só o **Pedro** que estava mais ou menos, os outros três estavam muito mal... Ficamos sem bicicleta, que na época era o que se utilizava para ir à escola e também para brincar, e o pau comeu. Ela sempre foi assim, conduzia tudo.”



Olivo Altíssimo, pai de Irineu.

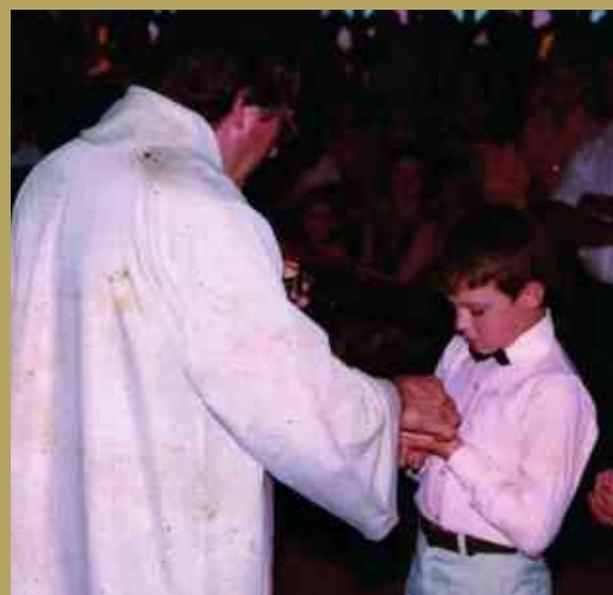
MEU PAI

“O pai sempre foi um cara pacato. Só teve uma vez que ele nos pegou numa tuia, ali em **Céu Azul**, que é uma casinha que só tem uma porta de entrada, não tem janela nem nada. A gente estava jogando bola lá dentro. Ele entrou, trancou a porta e nos deu uma surra. Deu uns pranchaços com o lado do facão que nunca vamos nos esquecer. E foi a primeira e única vez que ele nos bateu, porque tínhamos o desrespeitado. A palavra dos pais era lei. Não podia desobedecer.

O pai sempre foi fervoroso, de ir na igreja. Jamais a gente saía de casa sem ter feito o serviço e sem ter ido na igreja.”

A PRIMEIRA COMUNHÃO

“Passei a primeira comunhão, fui crismado, fui catequista, dirigente da liturgia, todos meus irmãos foram ministros da eucaristia... O **Flávio** até hoje é ministro no Bairro Veneza. Foi sempre assim. O pai me cobra até hoje se eu não vou na igreja. Eu dei uma parada por um tempo porque fiquei por seis anos à frente do conselho administrativo da **Igreja Matriz**, e já estava meio escaldado.”



Irineu e sua irmã gêmea Irene, recebendo a Primeira Comunhão.



TEMPOS DIFÍCEIS

“Em **Céu Azul**, passei por uma das fases mais difíceis da minha vida. Eu já tinha treze anos de idade, e meu irmão mais velho, o **Jorge**, ficou em **Medianeira**. Arrumou um serviço na **Cooperativa Cotrefal**, da qual nosso pai foi um dos sócios fundadores, e que hoje chama-se **Cooperativa Lar**, e ficou trabalhando lá. Então, sobrou para mim, como o filho mais velho, comandar a lavoura.

E na época, só tínhamos um trator antigo chamado **CBT**, sem freio. Com treze anos, eu utilizava aquele trator para destocar as árvores na lavoura. Aí, no último ano lá, meu pai me fez ir morar com uma tia na cidade para que eu cursasse o ginásio, porque eu tinha completado até a quinta série. Estudei por três anos no **Colégio Estadual Monteiro Lobato**.

De **Céu Azul**, onde morávamos no interior, dava doze quilômetros de estrada de chão até a **BR-277**, mais vinte quilômetros de asfalto até a cidade. Então, eu morava nessa tia, estudava de dia e trabalhava de noite. Trabalhava como charreteiro, que conduz a charrete. Antigamente era chique. Eu passava o dia inteiro em cima da charrete.

O meu tio que também morava em Céu Azul, trabalhava em uma serraria forte, e a madeira daquela região era muito boa. Eu pegava os restos de cavacos daquelas madeiras, enchia a charrete e saía para vender na cidade. A charrete é uma pequena carroça com dois rodados, e o cavalo vai no meio. Eu passava o dia inteiro em cima daquilo e sentia muita raiva. Preferia ficar na roça trabalhando do que trabalhar naquela charrete.

Mas daí nos finais de semana, eu ia a pé para casa. O percurso da **BR- 277** até a comunidade de **Nova União** dava dois quilômetros, e mais três quilômetros até a casa do pai. Eu sentia muito medo porque era pequeno ainda, tinha quatorze anos. Mas não tinha o que fazer. E minha tia era aquelas alemoas ruins, irmã da minha mãe. E a mais velha das irmãs e minha mãe a mais nova. E para tu ver como as coisas acontecem.. Minha mãe faleceu, e essa irmã dela está com noventa anos e fumando duas carteiras de cigarro por dia. Passou por três câncer e não morre, e minha mãe que tinha uma saúde de ferro, faleceu.

Aí em mil novecentos e oitenta e quatro, meu pai vendeu as terras de novo e fomos para Laranjeira do Sul, sempre com aquela intenção de aumentar a área de terra, que foi de dezoito alqueires para trinta e seis. Ele comprou essa terra de um fazendeiro, mas com a intenção de arrendar todas as terras do fazendeiro ao redor.”

VOLTANDO PARA CASA

“Voltei a morar com os meus pais. Nós tínhamos comprado esses trinta e seis alqueires, mas plantávamos em cento e quarenta, porque o resto era arrendado. Naquela época, para se conseguir colher setenta sacos por alqueire, era uma coisa de outro mundo. Hoje para colher noventa sacos por hectare, não é quase nada. Mais que triplicou a produção por alqueire e por hectare.

Naquela época a gente lavrava toda a terra, passava a grade, passava o veneno e por último passava a grade de novo. Trabalhava-se dia e noite. Cansei de me deitar na verga do trator para tirar um cochilo, e depois continuar.

Aí comecei a fazer o ensino médio durante a tarde em **Rio Bonito do Iguçu**, distrito de **Laranjeira do Sul**. Hoje **Rio Bonito do Iguçu** é município, e tem um irmão meu que mora lá. Eu acordava muito cedo para ir trabalhar, isso quando acordava, porque muitas vezes tinha-se que emendar um dia no outro. Então, meu estudo era a última coisa com que eu me preocupava, porque na verdade, nossa mãe nos fazia estudar na marra. Tinha mais ou menos dezessete para dezoito anos. De **Laranjeiras** para **Rio Bonito** dava em torno de quinze quilômetros.

Nossa terra fazia divisa com o asfalto, então facilitava um pouco o transporte. A primeira colheitadeira, e o primeiro plantio direto e em grande escala lá em **Laranjeira**, também fomos nós que começamos. Nós colhíamos em todas as terras que eram nossas e que eram arrendadas, e não sendo suficiente, também fazíamos serviço para os vizinhos. Eu trabalhava dia e noite. Tinha que ser mecânico, saqueiro, fazer de tudo. Se contar para os filhos, eles não acreditam.



Nós arrendamos as terras daquele fazendeiro durante quatro anos, depois entregamos de volta a ele e ficamos apenas com nossos trinta e seis alqueires. Nós tínhamos criação de vaca de leite, suinocultura, e plantávamos fumo. Eu digo que uma carteira de cigarro deveria valer em torno de cem reais, porque o trabalho que dá plantar e lidar com o fumo é muito grande. Outra coisa que plantávamos na roça era feijão.”

INTOXICAÇÃO POR AGROTÓXICOS

“Nessa época, como utilizávamos muitos defensivos agrícolas e pesticidas nas nossas lavouras e nas dos vizinhos o dia inteiro, me intoxiquei por duas vezes com o “2-4D”, que era o nome do veneno que utilizávamos. Ele serve principalmente para matar as folhas largas, como o nabo, rabanete, que até hoje o pessoal utiliza como cobertura de solo, mas antigamente era praga.

Aí um médico me falou que a próxima vez que eu me intoxicasse com veneno, eu não sairia vivo do hospital. Naquele momento eu tive a pior sensação da minha vida. Era jovem, tinha apenas vinte e poucos anos. Não se pensava em perigos quando se trabalhava com isso, porque íamos até de calção e chinelo de dedo. E com o sol a pino, aquele veneno ficava na pele, secava e penetrava no organismo. A taxa máxima de veneno que se podia suportar no organismo era em torno de doze, e eu estava com nove ponto oito.

Então, depois que terminei o segundo grau, eu, o Pedro e o Flávio, decidimos prestar vestibular para Agronomia em uma faculdade particular em Presidente Prudente, São Paulo. E não é que acabamos passando? Só que o Pedro não foi porque estava enrabichado com uma menina da região, e ficou trabalhando. Eu e o Flávio fomos. Mas era muito difícil, porque a particular era muito cara. Fiquei um ano estudando lá, e tentei me transferir para a UEL de Londrina, que era uma das melhores faculdades de Agronomia que existia, e consegui. O Flávio foi transferido para Cuiabá. Estudei dois anos na UEL. Como a situação em casa estava bem complicada, eu vinha nos finais de semana para ajudar. Chegava sexta de noite ou de madrugada, e não parava de trabalhar até domingo ao meio-dia.”

NAMORO

“Nessa época, eu conheci minha esposa **Nair Aparecida Périco**, que era de **Laranjeira do Sul**. Como as coisas estavam muito difíceis, eu decidi trancar a faculdade até as coisas melhorarem. Acredita que até hoje eu só passei por **Londrina** uma vez depois que parei minha faculdade?

Comecei a namorar com a **Nair** e casamos em mil novecentos e noventa e seis. Foi até engraçado o início do nosso namoro. Naquela época, o homem era uma figura que dominava tudo. Eu estava construindo um chiqueirão com meu irmão **Jorge**, num pedaço de terra que o pai desmembrou daqueles trinta e seis alqueires.

Então ele falou: *‘Vamos dar um pega aqui, para de noite irmos no baile do chopp em Rio Bonito’*, que fazia muito sucesso naquela época. Mas a gente era tímido e rígido como uma porta. Para passar por perto de uma menina, era difícil. Mas ele insistiu tanto que nós fomos. Lá no baile, sentamos à uma mesa e um pouco mais à frente, estava ela com a irmã dela e o cunhado. Aí o **Jorge** começou a me incomodar e provocar para que eu tirasse ela para dançar. Eu tinha em torno de uns vinte e seis anos.

E tu vê... Eu saí da casa do meu pai para ter meu próprio negócio apenas depois dos meus trinta anos de idade, porque até meus trinta anos, eu não sabia o que era ter dinheiro no bolso. Se trabalhava apenas para sustentar a família.

Tomei coragem, e com a cara inchada, convidei ela para dançar mesmo sendo horrível dançando. Não é que ela também não queria dançar? A irmã dela olhou para ela com uma cara feia, porque antigamente, por mais que não existisse o interesse em namorar com a pessoa, era respeitoso aceitar o convite para dançar, e ela foi meio que na marra. Depois daquela dança, fiquei rodeando a mesa deles e como um irmão dela tinha levado ela para o baile, me ofereci para levá-la para casa. Foi ali que começou o namoro. Namoramos mais ou menos por um ano e meio.”



Casamento de Irineu Altíssimo e Nair Aparecida Périco Altíssimo.



Bruno, Daniela e Gabriel.

O CASAMENTO

“O casamento aconteceu em uma época difícil, porque a cooperativa tinha quebrado e sobrou para os associados pagarem a conta. O pai entrou com uma bolada grande que tá loco e acabou tendo prejuízos.

Como eu ainda passava o veneno nessa época, o casamento aconteceu num sábado de noite, e eu passei veneno no sábado de tarde até que eu pude. Cheguei em casa, tomei banho, peguei carona no fusca do meu cunhado e fui para o casamento. Casamos em mil novecentos e noventa e sete, e ela estava grávida já. Minha mãe não sabia e ficava brava comigo, e me perguntava porque é que eu queria casar tão rápido.

Depois de casados, fomos morar na casa do meu pai, em um dos quartos. Não tinha onde vivermos a não ser na nossa casa. E só não voltei a trabalhar no dia seguinte ao do casamento, porque era domingo, e o aniversário da minha mãe Dona Geni.”

OS FILHOS

“O **Bruno**, nosso primeiro filho que hoje está com vinte e dois anos, veio quatro meses depois do casamento. Depois, veio a **Daniela**, que está com vinte anos, e o **Gabriel** que está com dezessete.

Eu lembro que certa vez, eu, meu pai e meu irmão **Jorge**, fomos para **Cascavel** falar com um cara que financiava toda a nossa lavoura, e deixei a **Nair** na casa da mãe dela, que é de uma família numerosa de dez irmãos, para que na volta, pegasse ela.

Estava grávida e faltava pouco tempo para que nosso filho nascesse. Andamos por uns quinze quilômetros, e o irmão dela nos alcançou de carro para me avisar que a **Nair** estava tendo o bebê. Eu voltei, ela fez uma cesárea, e nasceu o **Bruno**.

Passamos a morar com a minha sogra. Porém, na época não se aceitava que um genro ou uma nora fosse morar na casa dos pais, então fomos morar em **Laranjeira**.

Na cidade de **Laranjeira**, não havia maneira de encontrar emprego. A **Nair** tinha conseguido emprego em uma malharia, e eu fazia todo o serviço de casa, que era alugada. Levava o **Bruno** na casa da sogra, e ia trabalhar com meu pai todos os dias.”



MINHA PRIMEIRA EMPRESA

“Depois de um ano e pouco, comprei um lavacar, e achava que a partir daquele momento minha vida estava feita. Eu lavava carros e a Nair trabalhava na malharia.

Naquela época, esse serviço dava muito dinheiro, isso que eram lavados em torno de uns vinte carros por dia. A população da cidade era de mais ou menos uns quarenta mil habitantes. É um lugarejo muito bem localizado, porque fica à beira da BR – 277.

Aí apareceu um cara querendo comprar o lavacar, e eu vendi. No início me arrependi bastante, mas com a quebra da cooperativa, os associados fizeram uma manifestação e derrubaram a diretoria que surrupiou a cooperativa. Meu irmão estava junto com os manifestantes, e o chamaram para tocar uma unidade de silos, gerenciar uma unidade de recebimentos de grãos, e nessa unidade, tinha um moinhozinho de trigo.”

SURTIU UM MOINHO NO MEU CAMINHO

“Como eu tinha vendido meu lavacar, pedi para que meu irmão me arrumasse serviço no moinho. Depois de alguns dias, ele me conseguiu um emprego como motorista. Essa cooperativa produzia trigo para prover os associados. Eu carregava o caminhão de tardezinha e ia fazer entregas de farinha. Saía de madrugada, fazia as entregas e voltava.

Chegou uma época em que o **Jorge**, como gerente, se desacertou com o presidente e saiu da cooperativa. Só que ele viu que o moinho dava dinheiro, e eu, como na época trabalhava na lavoura, fazia a manutenção de todos os maquinários que existiam. Eu tinha a habilidade e muita facilidade com os equipamentos. Fazia manutenção das colheitadeiras e tratores.

Lembro que várias concessionárias iam entregar máquinas para os agricultores trabalharem, mas como eles não sabiam como lidar com elas, sempre me chamavam para orientá-los.

Eu fazia manutenção, reformas e essas coisas. Meu irmão me falou: ‘*Já que tu vendeu o lavacar e perdeu o emprego na cooperativa, o que tu acha de arrendarmos e tocarmos um moinho?*’ Eu já tinha construído uma casinha para mim perto da do meu pai nessa época. Eu achei uma ótima ideia, porque não tinha nada a perder, possuía apenas duas ou três mudas de roupa.

Ele encontrou um moinho de seis toneladas/dia, em **Nova Aurora**, que fica entre **Cascavel**, **Toledo** e **Assis**, indo para a região de **Maringá**. Meu irmão alugou o moinho e eu fui para lá, trabalhar como peão. Nunca havia entrado num moinho até então, apenas trabalhava no carregamento, porque se não é na sua área de trabalho, você não se interessa muito.

O moinho era muito antigo e tínhamos que reformar. Estava parado por muito tempo. Eu levei trinta e poucos dias para conseguir fazer apenas a limpeza desse moinho. Tinha barata, rato e sapos gigantesco. Mas consegui fazer voltar a funcionar por seis toneladas/dia. Só que com essa quantidade de produção, você consegue contar os grãos que mói, é muito pouco.

Antigamente era uma fartura. Hoje em dia, é normal um moinho moer dez mil quilos por hora, se não for mais.

Mas botei o negócio para funcionar. Lá eu era mecânico, eletricista, saqueiro e fazia de tudo, até o carregamento... Trabalhávamos eu e mais três caras, e o Jorge ficava na vilinha vendendo farinha. Para você ter ideia, aquele moinho tinha uma usina própria bem na baixada, na divisa da terra do cara que nos alugou o moinho.

Quando oscilava a energia, tinha que correr lá embaixo para limpar a grade que estava suja, porque começava a faltar água na turbina. A gente deixava a usina bem regulada e ligada de noite e íamos para casa, e ficavam dois saqueiros ensacando a farinha. Afinal, o que a gente produzisse, precisava ser ensacado.”



LEVANDO CHOQUES PARA AUMENTAR A PRODUÇÃO

“Sempre que dava algum problema de regulagem, eles me ligavam, e eu ia lá. Perdi as contas de quantos choques eu levei mexendo naquelas máquinas. Eu tô vivo hoje por milagre.

Trinta dias depois que colocamos o moinho para funcionar, já tinha aumentado a produção para doze toneladas/dia. A cada dois dias, dava uma carga de farinha na carreta.

Só que os alemães que alugaram o moinho para a gente, que vendiam apenas alguns pacotes de farinha, queriam o moinho de volta. Ficamos mais sete meses trabalhando lá e tivemos que devolver o moinho, porque era alugado. Isso foi em mil novecentos e noventa e oito para noventa e nove.”

MUDANDO OUTRA VEZ

“Ao perdermos o moinho, tive a ideia de irmos para Cafelândia, que fica a uns dez quilômetros de Nova Aurora. É um estradão de terra onde estava instalada a Copacol, um grande frigorífico que abate frango, peixe e a parte de suinocultura, que era muito forte e dominava a região. Era como se fosse uma Cooperalfa.

Fomos conversar com o prefeito da cidade para ver se ele nos dava algum apoio. Ele ficou entusiasmado com a ideia de instalar um moinho lá e nos cedeu uma quadra inteira, com um ponto de energia de quinhentos kVa (quilo-voltampères), porque precisa de muita energia, água, e setenta mil reais para construir a moega, que é onde se descarrega o produto nos caminhões. Foi a prefeitura que nos apoiou com incentivo do município, pois geraria lucro e daria retorno para a cidade.

Foi aí que construímos nosso moinho de trigo em Cafelândia. Chamei dois irmãos para me ajudar e construímos um moinho inteiro do zero, do prédio a estrutura metálica. Depois que a estrutura ficou pronta, eu e o Jorge fomos para o Rio Grande do Sul à procura de máquinas velhas, usadas e antigas para montar o moinho.

A gente comprava a máquina usada, eu desmontava, reformava por inteira, e montava no prédio, que precisa ter vários andares, cada um com um tipo de máquina. Tem-se mais de duzentos motores dentro de um moinho.”

OUTRA INTOXICAÇÃO E UM DIAGNÓSTICO FATÍDICO

“Naquela época em que eu fazia o conserto dessas máquinas, eu me intoxiquei com um jato de areia, porque eu fazia o jateamento das máquinas, com a massa plástica. Eu cheguei a emagrecer praticamente um quilo por dia. Passei por sete médicos em Cascavel que não sabiam o que eu tinha. Estava morrendo.

Minha mãe me levou em um médico daqueles bioenergéticos, que utilizam umas espécies de ferrinhos para verificar o que a pessoa tem, e ele nos disse que eu estava com câncer e que eu morreria.

Recebia soro em casa mesmo. Meus irmãos, e principalmente minha mãe, viviam na minha casa, porque eu não aguentava ficar em pé, emagreci quase quarenta quilos.

Num certo dia, meu irmão **Jorge** disse que havia um bugre em **Toledo**, que entendia de remédios caseiros e plantas medicinais. Eu já tinha ido em muitas benzedeadas, estava praticamente morrendo, não custava ir em mais um.

E tu vê como é que são as coisas. Assim que eu cheguei lá, o bugre apenas olhou nos meus olhos e pediu para que a gente esperasse. Ficamos praticamente duas horas esperando ele voltar, e me trouxe numa garrafinha de plástico daqueles Toddy's, um xarope.

Tinha que pôr na geladeira porque azedava muito rápido, e tomar de hora em hora. Se eu estivesse tomando algum remédio, tinha que parar e tomar somente aquele xarope. A gente levou duas garrafinhas. Tomei só uma delas, a outra azedou na geladeira porque não precisei mais tomar nada.



Me recuperei de uma forma impressionante. Recuperei peso e voltei a trabalhar. Terminamos de montar o moinho, e no dia da inauguração, momentos antes de ligar o maquinário, pediram que a gente parasse porque havia um cara chamado **Carlão**, que era muito trabalhador e que estava falecendo. Ele tinha trinta e três anos, a minha idade. Bebia e fumava muito. E morava quase que na entrada do moinho. Assim, em função da morte dele, tivemos que transferir a inauguração do moinho para o dia seguinte.”

PROSPERANDO COM UM NOVO MOINHO

“Começamos a ganhar bastante dinheiro, o dinheiro começou a girar. Nós moíamos em torno de sessenta toneladas por dia. O pai entrou com um valor no moinho. Alugou a terra onde morava, vendeu as máquinas agrícolas, e injetou o dinheiro nesse moinho, ficando como sócio de uma boa parte.

O **Flávio**, que já estava casado, propôs que sua mulher vendesse umas terras que possuía e aplicasse o valor também nesse moinho. Eu fiquei só na lida. O pai resolveu dividir a herança entre os filhos naquela época, mas minha parte eu passei para minha irmã, que dava mais ou menos três a quatro alqueires de terra.

Pelo meu trabalho e por tudo o que eu tinha feito, eles me deram três e meio por cento do moinho. O **Jorge** tinha a maioria da porcentagem, e eu, a minoria.

Ficamos um ano e meio trabalhando com este moinho em **Cafelândia**, inclusive com meu irmão mais novo, **Flávio**, que havia começado a trabalhar conosco recentemente.”



Estrutura do moinho adquirido pela família Altíssimo, que pertencia a Danilo Faccio.

DESCOBRINDO XANXERÊ

“Então, surgiu Xanxerê no nosso mapa. No final de dois mil, surgiu a possibilidade de comprar a estrutura de um moinho em Xanxerê, que pertencia a Danilo Faccio, que possuía somente o prédio. Ficava no meio do potreiro, era meio baixo, não tinha nada em volta, e nós começamos assim.

O Faccio era o presidente da Cooper Pindorama. Toda semana a gente conversava com ele. Se tem alguém aqui em Xanxerê que a gente pode chamar de pai, é ele. Não tenho queixas dele. Foi ele quem nos deu a oportunidade.

Na verdade, o Faccio já tinha vendido o moinho para dois gaúchos, mas eles eram bem picaretas, não tinham pago o moinho para ele. O Jorge veio para Xanxerê, e eu fiquei trabalhando em Cafelândia. Ele comprou metade do moinho de um dos gaúchos, que estavam brigando entre si pois estavam um roubando o outro. O Flávio veio para Xanxerê também nesse tempo.

Três meses depois, o outro gaúcho que tinha ficado como sócio do Flávio, queria fazer “cachorro”, vender farinha por fora, e o Flávio não aceitou esse tipo de coisa. Tinha que ser correto ou não ser nada. O tal gaúcho ficou sem saída, e ofereceu a parte dele. Então, eu e meu pai viemos para Xanxerê. Fizemos uma nova divisão. Fiquei com vinte por cento do moinho daqui, o Flávio com cinquenta por cento, e o pai com trinta.”



UM FUSCA POR UM CADETT

“Cheguei em **Xanxerê** em Outubro para Novembro de dois mil e um. Eu tinha recém trocado meu **Fusca** por um **Cadett**, para pagar em trinta e seis parcelas. Peguei a mulher e meus filhos, pois a **Dani** já era nascida, e vim para cá ‘na escura.’

Começamos a tocar um moinho pequeno que produzia quarenta toneladas/dia, numa época que não tínhamos dinheiro. Com o pouco de dinheiro que entrava, comprávamos trigoilhos, tritical e cevada, que na época era barato, para produzir farinha. Mas não era farinha para panificação, era uma farinha extremamente clara que se utilizava para misturar no biscoito.

Dessa forma, fomos dando a volta por cima. Assumimos a dívida com o **Faccio**, e fomos pagando ele por mês e tocando o moinho.”

FINANCIANDO UM NOVO MOINHO

“Em dois mil e seis, eu fui para **Florianópolis** e financiei um moinho novo no **BRDE**, que é esse que temos hoje, que produz em torno de cento e oitenta toneladas/dia. Daí começamos a construir toda essa estrutura que temos atualmente.

Mas antes disso acontecer, o pai quis nos vender os trinta por cento que ele tinha do moinho, para deixar o moinho para mim e para o **Flávio**. Comprei os trinta por cento do pai e o moinho passou o valor para ele. E o **Flávio** ficou com aqueles trinta e seis alqueires de terra, para acertarmos a diferença que era dele por direito. Fizemos essa troca. Então hoje, cada um tem cinquenta por cento do moinho.”



Início da ampliação do novo Moinho Xanxerê.

PRODUTOS DO MOINHO XANXERÊ

“Temos a marca antiga que é a Farinha Dona Zefa, que é da época da Pindorama, e a Suprare, que foi o trabalho de alguns colegas que quiseram criar essa marca e nós estamos produzindo até hoje.

Atualmente, compramos o trigo e fazemos vários tipos de farinha: para panificação, para massas, para biscoito e também o farelo, ou farinha para cola. Porque hoje, tudo envolve cola. Uma porta tem camadas que são coladas, móveis são colados... E essa farinha é destinada para indústria de compensados, fábrica de mdf, fábrica de móveis...”



ESTRUTURA INTERNA DO MOINHO XANXERÊ



EMPRESA FAMILIAR

“No moinho, além do meu irmão, trabalha o meu filho **Bruno**. Faz seis anos que está efetivado como funcionário. Ele é o meu herdeiro. Eu insisto sempre para que ele assuma o negócio, mas ele não gosta de dizer que será dono de todo esse patrimônio futuramente.

Conversando com o **Oscar Martarello**, ele me disse: ‘Calma, cada um tem o seu tempo de amadurecimento.’ Se não for ele que vai assumir, tem que ser meu filho mais novo, o **Gabriel**, porque as filhas do **Flávio** estão cursando **Medicina**.

Mas atualmente, os filhos tem essa ideia de ficarem mais distanciados um pouco dos pais, ir para fora, sentir o gosto da liberdade... Eles querem ter essa experiência. Claro que ao mesmo tempo isso é muito importante, porque acaba tendo esse amadurecimento que eu exijo dele. O mundo faz a pessoa amadurecer.



Minha mãe me ensinou tudo o que preciso saber para me virar numa cozinha, e também, eu aprendi isso com o passar dos anos. Eu me viro dentro de casa. Sou cozinheiro, padeiro, o que for preciso. Isso serviu para o meu crescimento quando eu saí por um tempo de casa.

Espero que aconteça isso com eles. Caso ele saia, e consiga se manter por três meses tranquilo, que bom, mas assim que ele precisar de alguma coisa, eu estarei lá para ajudar. Se ele ver que não consegue ainda se virar sozinho, pode voltar para casa.”

DIVISÃO DE FUNÇÕES DENTRO DA EMPRESA

“Eu conheço a fábrica melhor do que a minha própria casa. Quem entra dentro do moinho, acaba ficando louco com tantos canos que tem lá. Mas eu conheço para que serve cada um deles. É pior que raiz de coqueiro, que é um grande emaranhado.

No moinho, eu sou diagramador, montador, moleiro, eletricitista, mecânico, padeiro e tecnólogo, que entende de farinhas e tudo o que está em torno dela, e isso ninguém me ensinou, aprendi fazendo. A necessidade te faz aprender. Tudo o que eu sei, tive que aprender por necessidade.

Hoje, se eu pegar um trigo ou uma farinha na mão, eu sei te dizer todas as coisas que dá de se fazer com aquilo e de que maneira. Isso é experiência que se adquire com o tempo.

Enquanto estávamos lá em Cafelândia, comprei uma padaria pequena. Eu tenho também uma padaria aqui dentro do Moinho Xanxerê, porque precisa-se ter uma padaria experimental, ou seja, um laboratório para fazer testes do produto final para mandar para fora.

Se dá algum problema em alguma máquina do laboratório, sou eu que mexo. Nas coisas difíceis e complicadas, sou apenas eu que mexo. Tenho equipes que fazem manutenção diariamente, mas se acontece algo grave ou que eles não tem certeza do que mexer, eles me chamam e eu vou lá e meto a mão na graxa. Para mim, não tem coisa melhor no mundo que sujar a mão de graxa e o corpo de farinha. Sinto prazer no meu trabalho.

Engordei oito quilos porque agora trabalho a maioria do tempo parado, mas eu e o **Flávio** cuidamos de tudo juntos. Porém, ele é mais da área financeira e eu assumi as vendas. Ele tem duas contadoras que auxiliam ele, mas não faz nada sem consultar minha opinião. E eu da mesma forma. Agora, a parte comercial e que envolve qualidade dos produtos, fazer visitas, inserir o produto no mercado, fazer os testes, sou eu quem faz.”

ÁREA DE ABRANGÊNCIA DOS PRODUTOS DO MOINHO XANXERÊ

“Hoje trabalhamos em dois níveis: indústria e varejo. O varejo está em torno de vinte e cinco por cento da produção, que é a entrega da nossa farinha nos mercados e estabelecimentos. E o restante é da indústria: a empresa **Parati** que faz biscoitos e massas, indústrias de panificação...”

Atendemos toda a região litorânea de **Santa Catarina**, uma parte de **São Paulo**, **Rio de Janeiro**, **Espírito Santo**, **Minas Gerais**, e alguma coisa para a **Bahia** e **Teresina, Piauí**. Em São Paulo, temos um volume muito grande de demanda da **Selmi**, que é uma grande empresa que produz massas. Eles consomem trinta mil toneladas de farinha por mês. Enfim, onde fecharmos negócio, entregamos nossos produtos.”

CONHECENDO AMIGOS E PARCEIROS

“Eu sou o que sou hoje na sociedade, talvez não tanto pelos meus méritos, mas sim pelas pessoas que eu adotei na minha vida. Há duas pessoas que eu acredito que são de fundamental importância e eu considero muito, e que tiveram participação direta para eu chegar nessa posição. Primeiramente foi o **Oscar Martarello**. Lembro que eu estava em uma época difícil em dois mil e dez, a época mais difícil da minha vida em **Xanxerê**, porque no final daquele ano, minha filha estava praticamente morrendo.



Não sabíamos o que ela tinha, estava desesperado... Até que descobrimos que ela tem **Lúpus Sistêmico**. Conseguimos controlar e hoje está super bem, leva uma vida normal. Naquela época, eu fui procurado pelo conselho da **Matriz** para fazer parte do novo conselho.

Eu já conhecia o Oscar porque comprei alguns materiais dele no tempo em que sua empresa ainda se chamava **Alufer**, mas nunca tive contato próximo com ele.

Levei minha filha para **Erechim**, numa benzedeira, porque ela estava muito magra e fraca, não comia.

Assim que voltei de **Erechim**, fui para uma reunião no conselho da **Matriz** e dei de cara com o **Oscar**. Não conhecia mais ninguém além dele. E mesmo ele, eu conhecia só de vista. Acabei me aproximando dele pois ele era responsável pela parte do patrimônio deste conselho, que foi a área para onde fui.

Passsei a conversar com o **Oscar** e com o **Barcella** que também estava junto conosco. Na sequência, o **Oscar** entrou na diretoria da **ACIX**, convidado para ser vice do **Piccoli**, e me convidou para ser membro dessa diretoria.

Quando o Oscar se tornou presidente, me convidou para ser vice, até que eu me tornei o presidente também, que foi uma experiência maravilhosa. Assim, comecei a me envolver mesmo com a sociedade por causa dele.

É bastante trabalhoso ser presidente da ACIX, porque tem que ter muita responsabilidade. Você é o mais criticado, assim como é quem recebe elogios. Por exemplo, quando se deu a greve dos caminhoneiros, eu fui muito criticado.

Não tiro a razão de quem criticou, porque no começo da greve, toda a sociedade participou e apoiou. Fizemos uma reunião para tomar uma decisão, e nunca em hipótese nenhuma tomei alguma atitude por conta própria. Sempre envolvemos a sociedade e toda a diretoria, e sempre consultamos o jurídico também.

Na verdade, todo mundo apoiou a greve numa boa pensando que ia durar apenas dois ou três dias, mas quando começou a faltar comida para tratar os porcos aqui na região, até mesmo diretores que possuem granjas 'caíram de pau em cima de mim'.

Eu fui pessoalmente negociar com o pessoal para deixarem passar os caminhões com as cargas mais essenciais. Então, se assume uma responsabilidade incrível. O prefeito também não faz nada no município sem consultar a gente, porque assim ele está envolvendo a sociedade nas decisões.

Nós assumimos a responsabilidade da FEMI também, mas é algo muito difícil comercializar todos os espaços de exposição e não ter um real sequer de furo. Até então, foi a primeira Festa do Milho que deu lucro e não prejuízo, porque teve a participação da sociedade e dos empresários. Não é só a ACIX, mas toda a classe empresarial. Todo mundo ajudou e aconteceu essa festa tão bonita. Para mim, foi uma experiência muito boa.

Mas também, eu senti o quanto as pessoas batalham para não te deixar na mão. São pessoas de alto gabarito, que quando chamadas para uma briga, com certeza estarão lá, então isso te dá um grande apoio. Isso é uma grande característica da associação.

Acredito que todos os presidentes que passaram pela associação enfrentaram momentos difíceis, a exemplo do Oscar, que teve que lidar com toda aquela crise de quando passou o tornado por Xanxerê, mas souberam enfrentar e encontrar caminhos para resolver da melhor maneira possível.

A ACIX conta com ferramentas muito importantes para auxiliar, capacitar e facilitar a rotina das empresas, tornando-se fundamental para o fortalecimento destes negócios perante a crise econômica e política no país, onde os impostos são os mais elevados do mundo, deixando os empresários totalmente desassistidos e sem nenhuma perspectiva de melhora a curto prazo."

PRÊMIO EMPRESÁRIO DO ANO 2015

"Fui indicado duas vezes para ser o **Empresário do Ano** antes de ser premiado. Na primeira vez, quem recebeu o prêmio foi o **Avelino Menegola**. Na segunda vez, foi a **Renata Seraglio**. Aí na terceira vez fui eu.

Nessas duas primeiras indicações, eu ainda não era conhecido como o **Menegolla** ou a **Renata**, que tem todo o envolvimento do pai dela na cidade, também tocava um núcleo setorial, era bem jovem... Mas não fiquei sentido.

Na hora em que se recebe o prêmio, você fica muito agradecido, louco de faceiro por ter um reconhecimento como o **Empresário do Ano**, até por ser um cara do interior. Acho que é um belo reconhecimento da sua participação dentro da sociedade, sem nenhum tipo de interesse político, fim lucrativo ou segundas intenções.



Foi uma grande honra ser reconhecido pela nossa sociedade empresarial, pois é um momento único que vai ficar marcado na minha lembrança. Com certeza, muitos empresários são merecedores deste prêmio pelo espírito de empreendedorismo, esforço e dedicação de cada um.

Ser Empresário do Ano, é ser reconhecido pela sociedade, e não tem nada de mais gratificante para toda a classe empresarial que isso. Agradeço a todos pelo reconhecimento prestado à minha pessoa. Ser associado é importante, pois a ACIX é a entidade com maior representatividade e reconhecimento na região e na sociedade em geral.”

LEGADO DOS MEUS PAIS

“O meu pai sempre me fala até hoje: ‘O que é seu, é seu. O que não é seu, não é seu.’ Isso vem de berço. O caráter da pessoa é herdado, mas acima de tudo, construído. Uma das coisas é ter Deus acima de tudo, em seguida a família, e por último a dignidade e honestidade no trabalho. Como eu disse, cansei de sair do trabalho de madrugada, coberto de farinha e de graxa. Mas se você não faz isso, não se dedica e nem se esforça, você não vai ter nada na vida. Tem que ter essa vontade de prosperar e crescer, mas sem pisar em ninguém. Antigamente eles tinham uma outra forma de ver a vida.

Até hoje meu pai me cobra pelas coisas que eu faço. Minha mãe chamava a Carmen, esposa do Flávio, e a Nair, e perguntava: ‘Vocês estão cuidando do marido de vocês? Sabem para onde eles vão? Se eles estão realmente jogando bola? O que os filhos estão fazendo?’ Mas isso a gente está sempre tentando passar para nossos filhos: caráter em primeiro lugar. Fique sem nenhum pila no bolso e nada para comer, mas fique com seu caráter. Comece do zero e não perca nunca o seu caráter e a vontade de trabalhar e prosperar. Isso que meu pai sempre nos ensinou. O ditado: ‘Deus ajuda quem cedo madruga’, é praticamente um lema para nós.

Outra coisa é que eu nunca vi minha mãe e meu pai se separarem por nada, nem para ir ao mercado. Na missa, onde fosse, os dois estavam sempre juntos. Nunca passearam em algum lugar e ficaram separados um do outro. Eu lembro que eles diziam que tinham feito um tratado que quando um partisse, o outro partiria também. Aquela história que o que Deus uniu, só ele pode separar.

Certa vez o pai sofreu um infarto que até o médico nos disse que não sabe como foi que aconteceu, porque ele nunca foi hipertenso ou teve pressão alta, e muito menos tinha alguma veia trancada, porque foi feito cateterismo e não se encontrou nada.

Ele estava há alguns dias já gripado, com secreção nos pulmões, e tinha dormido meio encolhido demais, não sei, acho que faltou ar, e a mãe participou de tudo isso. O pai ficou por um tempo desacordado. E nesse momento a mãe teve uma espécie de micro AVC. Se o pai fosse levado para o hospital por qualquer que fosse a causa, podia esperar que dali a pouco teria que levar a mãe também. Se fosse ao contrário também. Ficavam doentes juntos. E nesse tempo, acabou dando um AVC forte nela e ela veio a falecer.

Estávamos levando a mãe para ser sepultada no **Paraná** e ele nos disse: ‘É, a Geni me enganou. Ela foi e me deixou’, porque era para ter ido os dois juntos naquele momento. E eu disse para ele que ela só foi porque pensou que ele ia também. Minha mãe era uma pessoa extremamente religiosa.”

IRMÃ GÊMEA

“Olha, parece que existe um elo mais forte de proteção, até porque essa minha irmã gêmea nasceu parcialmente surda. Casou com o **Josmar**, vizinho muito bacana nosso lá de **Rio Bonito** que está até hoje trabalhando com a gente. Minha irmã aprendeu a falar meio enrolado, e quanto ao **Josmar**, chegamos até a pagar um professor para ele porque nunca teve a oportunidade de estudar. Infelizmente ele não conseguiu prosseguir.

Eles são mais como um casal de filhos para mim, porque para onde eu e meu pai vamos, levamos os dois junto com a gente. O filho deles também está trabalhando conosco e também o adotamos como se fosse um neto. Então, temos uma proximidade bem bacana. Tenho um laço forte com minha irmã, por causa da dificuldade dela, em que se procura naturalmente protegê-la mais, que com certeza, é um laço maior do que com os outros irmãos”.

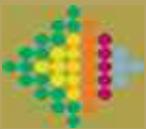
Irineu Altíssimo conclui: “Tudo o que eu construí foi em parceria com o **Flávio**. Começamos juntos, nos criamos juntos, e estamos juntos até hoje.”



Família Altissimo. Irineu é o primeiro bebê da esquerda para a direita, no colo de sua mãe.



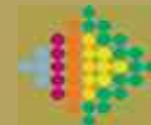
Familiares de Irineu em seu casamento com Nair.



“FORJAR NO TRIGO”



Flávio Marino Altíssimo



O MILAGRE DO PÃO”



Irineu Altíssimo



DEPOIMENTOS

Flavio Marino Altíssimo

Gerente Financeiro

Como surgiu essa sociedade com o seu irmão Irineu?

“A gente trabalhava junto lá em **Cafelândia**, então eu vim para **Xanxerê** em dois mil e um, e depois ele veio. Abrimos mão da sociedade com nosso outro irmão lá e montamos a sociedade aqui.

Nós viemos com o peito e a coragem. Hoje nós temos um grande patrimônio. A empresa cresceu bastante e muito rápido, porém ainda tem as dificuldades do dia a dia. O mercado não está muito bom, mas está para melhorar.”

Como foi para você o Irineu ter recebido o prêmio de Empresário do Ano?

“Ficamos muito faceiros com isso, mas acredito que todo empresário que tenha uma empresa merece um prêmio desses. A situação econômica atual é uma luta diária para a empresa conseguir manter um grande número de funcionários e produzindo com qualidade aberta.

Nós tivemos que diminuir o número de funcionários para trinta, mas antigamente tínhamos até setenta. Então, todos merecem um prêmio pela luta que travam todo dia para manter seu negócio funcionando.

O empresário hoje está com medo de contratar mais funcionários, porque está difícil. Temos muita inadimplência no mercado.

O Irineu é um cara muito audacioso, não tem medo das coisas. É um cara empreendedor. Ele tem aquela ânsia de progredir, é um grande investidor. Eu sou mais retraído, com um pé atrás, pé no chão. Ele entende mais sobre qualidade de farinha e também de maquinário, tem um conhecimento muito grande nessa área, e eu cuido do financeiro. Tem máquinas que ele criou aqui para dentro da empresa que vieram pessoas de outros países para estudá-las e fabricá-las. É isso ele tem desde pequeno, é muito criativo. Eu tiro o chapéu para ele”.

Flávio Altíssimo é formado em Veterinária. Casado com Carmen Elena Bergmann, com a qual tem os filhos Fabiana, Carolina, Ana Gabriela, e Flavio Júnior.





Nair Aparecida Périco Altíssimo

Esposa de Irineu Altíssimo

“Eu e **Irineu** sempre tivemos uma convivência muito tranquila desde o namoro, uma parceria muito grande. Nem sempre trabalhamos juntos, pois eu tinha meu trabalho e ele tinha o dele, até que nos juntamos na empresa.

Em grande parte, eu fiquei em casa cuidando das crianças enquanto eles eram pequenos. Ele nunca me cobrou, sempre me apoiou. Quando eles já estavam maiores, eu comecei a trabalhar o dia todo auxiliando no administrativo do moinho.

Irineu é um ótimo pai, está sempre apoiando os meninos, vai atrás do que eles querem, cobra bastante também deles, mas ele é o santo da casa e eu sou a vilã, porque sou eu quem proíbo e é ele quem permite. Eu dou limites e ele dá corda. Às vezes eu digo não depois que ele já tinha liberado... Ele está sempre presente.

O Irineu tem um coração maior que ele, porque é ele quem chama a atenção dos funcionários, mas é sempre com ele que buscam conversar, consultar... Eles podem pedir qualquer coisa que ele não mede esforços para fazer, mesmo que ele não possa e não seja a função dele.

É assim para funcionário, cliente, fornecedor, então eu cobro um pouco isso dele. Ele não sabe dizer não para ninguém, mas é da natureza dele”.



E vocês levam trabalho para dentro de casa?

“Não, ele não gosta. Se eu puxo algum assunto, ele só me dá uma olhada. Ele nunca gostou na verdade de trazer os problemas para dentro de casa. Ele nunca me contava nada, até quando eu ficava em casa cuidando dos filhos. Algumas coisas que ele faz, só fico sabendo porque algum funcionário conta. Ele separa o trabalho da família.

Quando ele ganhou o prêmio de **Empresário do Ano**, acho que foi bem merecido, porque para você receber um prêmio como esse, tem que ter uma história. Claro que todos têm, ninguém ganha nada de graça, é uma batalha diária para o empresariado, não é fácil. Passamos por muitas dificuldades, mas ele dificilmente se deixa abater, está sempre pensando à frente para que o problema de hoje não o derrube amanhã. Isso eu acho uma qualidade dele como empresário.

Quando viemos para **Xanxerê**, não tínhamos nada, somente a gurizada, então é uma conquista de vida.

Acredito que o prêmio mostra isso. Esse reconhecimento do trabalho, que de certa forma gera uma contribuição para a cidade. Com certeza todos os empresários merecem porque têm uma história linda, mas alguém em algum momento se destaca um pouco mais.

É muito bacana trabalhar em uma empresa em que produto que você produz vai gerar alimento e que vai estar na mesa de muitas famílias. O **Irineu** cuida mais da parte da produção, quase nem fica no escritório. Não é brincadeira quando falamos que ele põe a mão na massa, porque até se precisar fazer pão, ele faz. Ele está sempre cuidando ao máximo da qualidade.

Em casa ele também vai para a cozinha. Desde quando eu me casei com o Irineu, acho que nunca fiz o café para ele, somente ele. No ano passado, a Dani fazia cursinho em Chapecó, e tomava algumas medicações de manhã porque durante o dia ficava meio turbulento. Então, o Irineu levantava às cinco para fazer o café e dar os remédios para ela, e por mais que ela já tenha vinte anos, ele faz questão de fazer uma torrada, uma tapioca... Ele sempre fez isso. E o melhor disso é que ele já limpa toda a cozinha, não deixa nada sujo. Ele é muito companheiro, criativo, presente e muito participativo.”

Nair Aparecida Périco Altíssimo, natural de Formosa do Oeste - PR, é casada com Irineu Altíssimo há 22 anos.



Odair José Biasus

“Trabalho no **Moinho Xanxerê** há doze anos diretamente, e indiretamente como motorista, em torno de uns quatorze anos.

Na época, o escritório ficava em um outro barracão. Depois de um ano, eles começaram a construir a balança e os outros barracões. A empresa cresceu bastante nesse período.

Minha função é meio geral, faço de tudo um pouco. Trabalho de motorista, trabalho na balança, tenho curso para trabalhar com a empilhadeira se precisar... De tudo um pouco. Onde e quando precisar, estou à disposição.

Parece que a relação entre as pessoas fica mais fácil quando se trabalha em uma empresa familiar.

O **Irineu** é um cara inteligente e muito gente boa. Como patrão, é muito gente fina, não tenho o que reclamar. Ele é meio **Professor Pardal**, porque se tu pedir para ele onde está tal coisa dentro do moinho, ele sabe. Cada parafuso. Ele apenas ouve o som da máquina e já sabe o que é que tem de errado, e dá certo. E ele não é formado, aprendeu na curiosidade. Até criou um cilindro que funciona muito bem. Para isso o cara tem que ser muito cabeça. Durante o dia a dia ele conversa com todos os funcionários sempre como se fôssemos da família.”



Claudemir Padilha

“Trabalho no **Moinho Xanxerê** há vinte e seis anos. Eu já trabalhava no moinho antes do **Sr. Irineu** vir para cá”.

Como é o dia a dia produzindo farinha para tantas pessoas e por tantos anos?

"Olha, como o moinho é o meu primeiro emprego, não sei fazer outra coisa. Sempre gostei de trabalhar no moinho. Quando eu entrei eu tinha vinte e dois anos.

O moinho cresceu muito depois da chegada da família **Altissimo**. Com o maquinário novo que eles trouxeram, ficou muito melhor para trabalhar.

Sobre o **Irineu**, como patrão, não temos o que nos queixar. Todos são muito gente fina. Tanto ele, quanto o **Flávio**. Até por isso que faz anos que trabalhamos com eles.

Minha função é cuidar das máquinas e do pessoal. Faço o controle da produção, mistura da farinha... Tem as farinhas sem mistura, e as que tem sal e outras coisas. A farinha integral só é feita por encomenda, portanto, trabalhamos mais com a farinha branca.

O bacana é que todos os meses os funcionários recebem um pacote de farinha para que a gente possa fazer um pãozinho em casa”.





Maritânia Rampazzo Piva

Departamento Financeiro

“Trabalho no **Moinho Xanxerê** faz quatorze anos. Nesse período eles ampliaram muita coisa. Ampliaram a fábrica, o prédio da indústria, as instalações físicas, construíram silos, usinas, trocaram maquinário... A empresa cresceu de forma bem acelerada nos primeiros sete anos, até porque a economia estava favorável e propícia a investimentos nesse período.

De cinco anos para cá, temos trabalhado com um pouco de dificuldade em razão do cenário econômico em que está nosso país, com uma instabilidade política, financeira e econômica em geral.

Eu sou responsável pelo departamento financeiro, contábil e também pelo RH. Sou a gerente financeira, mas acabo fazendo o trabalho de gerente administrativa também.

Como é uma empresa familiar, se acaba envolvendo alguns setores em outros. É totalmente diferente, até porque com o tempo de relacionamento, você acaba ficando muito próximo dos seus colegas de trabalho, e também você acaba tendo mais aberturas, tanto da parte dos proprietários com os funcionários, quanto vice-versa.

Todos acabam se envolvendo nos problemas para resolver em conjunto. Envolve-se emocionalmente com todos. As relações são mais humanizadas.

Mas isso tem que ser na medida também, porque uma empresa não vive apenas de coração tem que ter a razão. Eu vejo que tem seus pontos positivos de ser uma empresa familiar, porém no ponto de vista da prosperidade da empresa, ser uma empresa familiar muitas vezes não é auspicioso, porque muitas vezes se toma uma decisão pelo coração, e infelizmente o campo profissional não te dá muito espaço para isso.



O Irineu é uma pessoa de personalidade forte, é autodidata, admiro muito o conhecimento que possui. Ele é o responsável pela manutenção de todo o maquinário dentro da empresa. Se precisa consertar algo ou mudar, é ele quem faz. Até mesmo outros moinhos maiores vêm até o Irineu para que ele vá até lá para ajudar a resolver algum problema, verificar a qualidade da farinha, consertar alguma máquina, e ele não teve nenhuma qualificação para isso, apenas a própria experiência de vida.

Ele tem um espírito empreendedor. A experiência mais forte que eu tive com eles foi quando decidiram construir uma usina em dois mil e dez, que é algo que destoa totalmente do contexto de um moinho. E do início até o fim, ele quase não queria contratar um engenheiro para fazer o projeto, apenas pedreiro.

Mas aí de tanto insistirmos, ele acabou contratando o engenheiro para fazer o projeto, mas teve que mudar pouquíssimas coisas do que estava planejado já. Hoje quem faz a manutenção da usina é ele também. Admiramos muito essas qualidades dele. É o conhecimento empírico que veio adquirindo ao longo dos anos.

Ele nunca teve medo de arriscar. Quem conhece a personalidade dos dois irmãos que são sócios dizem que se eles fossem um casal, seria um casal perfeito, porque o Irineu é aquele empreendedor, que gosta de arriscar, que pensa grande e que não tem medo de voar.

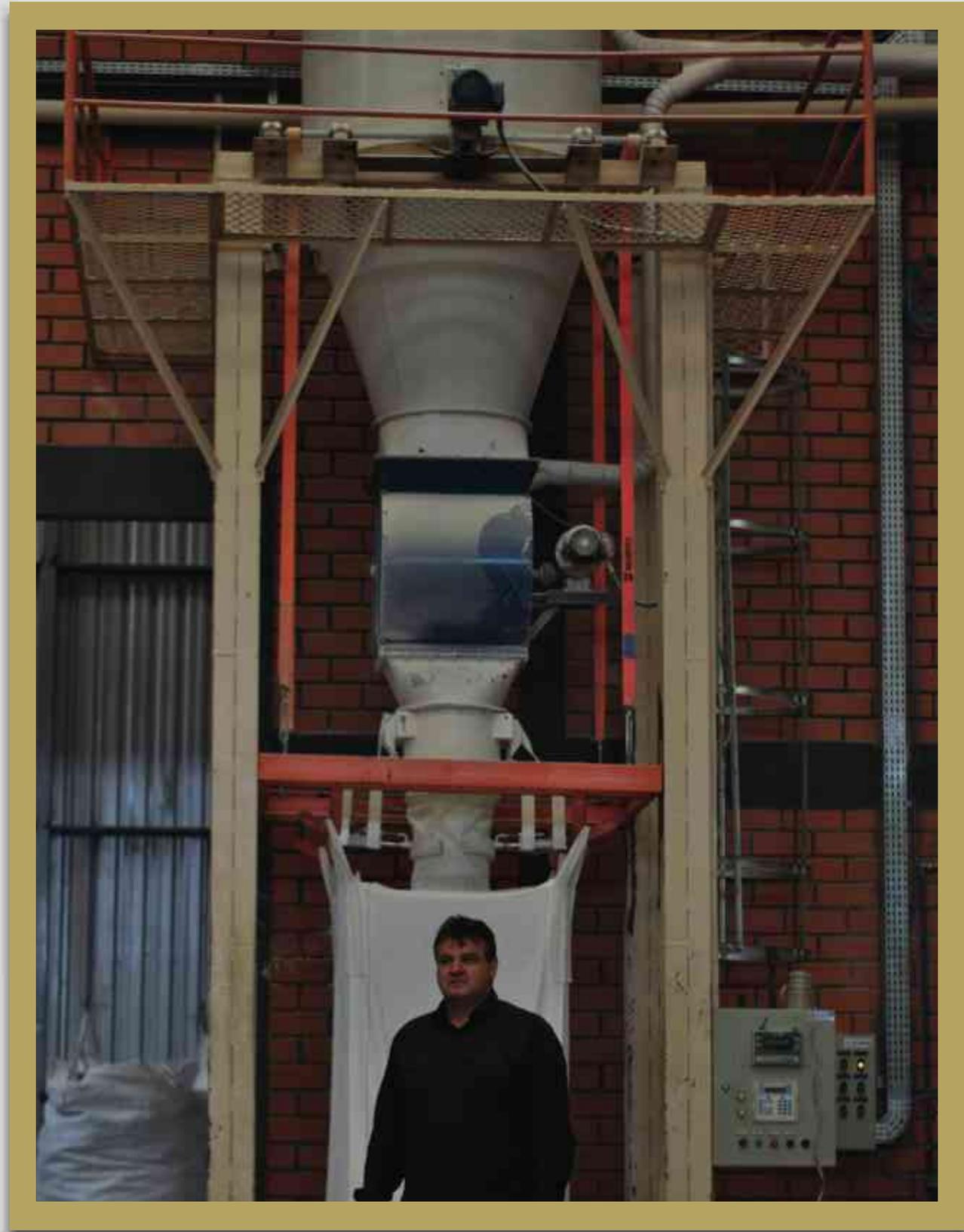
Quando ele decidiu construir os silos, não tinha como tirar essa ideia da cabeça dele. Foi atrás de projeto, captar recursos e de gente para construir. Na verdade, foi tudo numa sequência. Primeiramente com a ampliação da estrutura física, depois a construção dos silos, e por último a construção da usina, ou seja, sete anos de grandes obras todas comandadas pelo **Irineu**.



O **Flávio** sempre foi aquele que segura, que tem que cuidar das compras, puxa aqui e aperta lá, então ele cuida da parte financeira. E isso é muito importante também.

O **Irineu** é um cara bem egoico, gosta de mostrar seu ego, gosta de se envolver com a sociedade, mas ao mesmo tempo, ele não tem problema nenhum de por a mão na massa.”









Biografia do Empresário do Ano 2016

ARY MARCIÓ





CAMINHANDO E CANTANDO

O poeta russo Vladimir Maiakovski escreveu: "Primeiro é preciso transformar a vida, para cantá-la em seguida". O menino Ary cresceu assistindo de camarote seu pai trabalhar duro durante o dia na lavoura, e nas noites, principalmente nos finais de semana, subir ao palco para animar os bailes que organizava em seu salão / casa, na comunidade Serrinha.

O Sr. Gentil era um misto de formiga e cigarra, sempre trabalhando e tocando gaita ou violão. Certo dia teve um sonho e rumou para a cidade, e abriu sua primeira bodega. Ary cresceu ajudando o pai. Horas empacotava feijão e pesava batatas.

Adolescente, foi estudar em um seminário, e então descobriu que seu destino era seguir o mesmo caminho que o pai. Formou-se em Contabilidade e passou a aplicar seu conhecimento no mercadinho da família.

O pai, com sua popularidade de artista, atraía a clientela, mas o coração mole se deixava tomar pela bondade e o fio do bigode não ajudavam em nada na cobrança das compras anotadas em cadernetas.

Então, o filho Ary foi aos poucos tomando conta da administração dos negócios, sem precisar afastar o pai do trabalho cotidiano. E tudo foi dando certo. A bodeguinha transformou-se em mercadinho, e este em um supermercado.

O menino que desde pequeno viu o pai carregar nas costas e a pé, sacos de mercadoria, as quais revendia, percebeu que era possível crescer e se expandir cada vez mais. Tinha um sonho de consumo: comprar uma bicicleta. Quando pode realizá-lo, deu uma volta e a vendeu. Já havia enjoado de andar nela sonhando.

O negócio da família foi crescendo a olhos vistos, e a vontade de empreender se tornou uma paixão sem limites. Vieram os filhos, e Ary, tal como o pai, também ensinou aos filhos o prazer e a alegria advinda do trabalho. Constituiu uma família unida no mesmo ideal: sonhar, realizar, prosperar e ser feliz.

Em 2015, a família que sempre trabalhou e cantou junto, cortou as fitas de inauguração do maior empreendimento, o Supermercado Gentil Victoria. E não esquecendo de honrar e homenagear os antepassados, nominou o primeiro mercado com o nome de Supermercado Gentil Angelina.

Ary Marció, foi agraciado com o prêmio Empresário do Ano 2016.



Ary Marció é natural de Serrinha, hoje Linha São Paulo, pertencente à Xanxerê. Nasceu em 15 de Agosto de 1962. Filho de Gentil Marció e Angelina Marció. É casado com Rosicler Canali Marció, com a qual tem os filhos Rafael e Julia e a neta Angelina.

ORIGENS

Ary Marció relata que seus pais, **Gentil Marció** e **Angelina Marció**, são naturais do município de **Getúlio Vargas - RS**, bem como seus avós **Antonio** e **Victória Marció**.

A família resolveu homenagear seus antepassados, denominando os mercados percententes à eles com seus nomes: **Supermercado Gentil Angelina**, próximo ao **Hospital São Paulo**, homenageia os pais de **Ary**, e o **Supermercado Gentil Victoria**, no **Bairro dos Esportes**, homenageia a avó de **Ari Marció**.

Sobre as atividades da família em **Getúlio Vargas - RS**, **Ary** relata: “Meu avô trabalhava numa serraria como arrasador, puxava toras do meio do mato. Na verdade, meu pai veio de **Getúlio Vargas** para **Xaxim** com dois anos de idade. Quando meu pai tinha cinco anos, eles se mudaram para essa localidade de **Serrinha**, que foi onde eu nasci.

Foi em **Serrinha** que meu pai conheceu minha mãe. Casaram e tiveram quatro filhos. Eu sou o mais velho, depois veio a **Marlene**, a **Glacir** e a **Adriana**.”



*Em pé, da esquerda para direita: Angelina, Gentil, pais de Ary, Nelson, Sérgio, Mercedes, Celso, Geni Pereira e Alceu, com os filhos Marili e Valdemar.
Sentados, da esquerda para direita: Victoria e Dirceu, avós de Ary, com as crianças Zilda e Antonio.*



*Ary e sua irmã Marlene,
em frente ao salão de baile / casa da família na Serrinha.*



*Gentil e seu irmão Nelson,
preparados para animar um baile.*

INFÂNCIA

“Lembro de bastante coisa da minha infância. Recordo da nossa casa por completo, até o dia em que eu martelei meu dedo embaixo dela. Não tinha nenhum brinquedo e a única coisa que eu pude achar para me entreter foi um martelo. Mas minha alegria durou pouco depois que eu martelei o dedo.

Então, a casa tinha uma escadaria, uma salinha na entrada, a pia da cozinha ficava para o lado de fora, tinha que abrir a janela para poder lavar a louça.

A casa ficava alta do chão, em cima de alguns palanques, e eu ficava lá brincando.

Atrás da casa tinha um carreiro que dava num tanque, era uma descidinha onde a mãe lavava as roupas lá numa bica que vinha do mato e largava a água direto no tanque.

Nosso único vizinho era meu avô, que morava a uns trezentos metros da nossa casa. Os outros vizinhos moravam a mais ou menos um quilômetro de distância. Nós ficamos morando até meus três anos nessa casa.

Na sequência, meu pai construiu um salão de baile na **Serrinha**. Era também nossa casa, e nela havia um sobrado. Vinham muitas pessoas de **Xanxerê** e lotavam esse salão de baile meio direto. A cada duas semanas, meu pai organizava um baile. E para economizar no dinheiro, era ele mesmo quem tocava os bailes juntamente com um tio meu, porque meu pai era violeiro e meu tio gaiteiro. Em alguns bailes ele contratava um conjunto para tocar, e em outros era ele e meu tio **Nelson** que tocavam.

Lembro que o pai trabalhava durante o dia para fora na roça, voltava de tarde, abria a bodega e funcionava até umas horas. Minha mãe ajudava a cuidar a bodega e o salão de baile. Só que ela era bastante adoentada.

Ficamos por cinco anos morando e trabalhando nesse salão, mas como a mãe era muito doente, sofria de asma, meu pai vivia correndo para levá-la ao hospital. Assim, ele quis vir morar em **Xanxerê** para ficar mais perto do hospital.

A princípio, viemos morar onde temos o mercado **Angelina**, no alto da rua **José de Miranda Ramos**, próximo ao hospital.”



Angelina, Gentil, Ary, Marlene e Glacir.

GENTIL TEVE UM SONHO QUE PROVOCOU UMA MUDANÇA

“Meu pai havia sonhado que tinha comprado um terreno numa localização alta, um lugar alto da cidade, e que ele tinha montado uma bodega de sucesso. Assim que ele acordou, ele montou no cavalo e veio para Xanxerê em busca desse lugar alto.

Ele perguntou a um tal de Bellani se não sabia de alguém que gostaria de trocar o terreno naquele local alto pela terra que ele possuía em Serrinha, junto com o salão de baile. Aí o cara da esquina onde está instalado o mercado queria fazer justamente isso. Logo que conversaram, firmaram o trato e fomos morar em Xanxerê e o pai instalou um armazém naquele local.

Eu lembro que eu fiz o maior chororô, porque na casa só tinha uma lâmpada e eu queria que eles deixassem no meu quarto. Aí no outro dia, meu pai comprou mais lâmpadas para os outros cômodos.

Ele montou essa bodeguinha, mas não tinha dinheiro para comprar os mantimentos. Então, ele foi lá no Dante Rigatti, que possuía um grande armazém de secos e molhados na Avenida La Salle, e comprou a fiado os primeiros mantimentos para vender no mercadinho dele.

Meu pai chegou a ir a pé comprar mantimentos até cinco vezes por dia, e trazia tudo dentro de uma bolsa pendurada nas costas. Ele costumava comprar as mercadorias sempre em cinco unidades.

Nossa casa era bem pequena e de madeira. Nós morávamos em uma parte nos fundos, e a outra parte, na frente, funcionava a bodega. Com o passar do tempo, o pai foi conseguindo trazer mercadoria para dentro dessa bodega e virou um armazém. Vendia sardinha, mortadela, tudo. Enquanto o pai ia comprar mais coisas a mãe ficava tomando conta. Ele montou esse armazém a passos de formiga.”



Neste local, Gentil Marció comprou uma casa de madeira onde instalou uma bodega. Nesta foto, está o Supermercado Marció, tendo sua primeira ampliação.



ESTUDOS

“Eu comecei a estudar na **Serrinha**. Estudei lá por dois anos. Tinha feito a cartilha e comecei o primeiro ano, mas não cheguei a completar.

Em **Xanxerê**, como eu tinha notas muito boas na antiga escola, eles me colocaram direto na segunda série no **Joaquim Nabuco**.

Mas no segundo ano, eu sofri bastante. Acredito que o ensino lá na **Linha Serrinha** era meio fraco e eu tirava tudo nota cem. Essa passada de cartilha e pular praticamente para o segundo ano, ficou bastante pesado. Tive muita dificuldade no início. O pai e a mãe sempre cobravam para que a gente estudasse.

Nesse tempo, eu lembro que minha mãe estava esperando um bebê. Eu fiquei torcendo para que fosse um menino. Assim, ele poderia brincar junto comigo. Mas veio uma menina. Ficamos felizes do mesmo jeito.”

TOCANDO GAITA NA ESCOLA

“Quando jogávamos futebol no colégio, eu era sempre o último a ser escolhido, porque nunca soube jogar bem bola, até porque não tinha tempo algum de praticar. Desde pequeno eu trabalho por necessidade, e como eu era o irmão homem e também o mais velho, eu tinha essa responsabilidade desde cedo.

Estudei no **Joaquim Nabuco** até a quarta série. Depois, fui para o **Costa e Silva**.

Estudar no **Joaquim Nabuco** foi bom. Lembro que como eu tocava gaita, acabei fazendo muitos amigos lá. Foi meu pai que me ensinou um pouco, e também eu fui meio autodidata, aprendi sozinho. O pai me ensinou as primeiras notas e depois eu fui atrás.

Lembro que tinham aquelas gincanas no **Nabuco**, e em uma delas eu fiquei em primeiro lugar com uma apresentação de gaita.

Quando mudei para o **Costa e Silva**, eu comecei o ginásio. Lá no **Costa** estudei até a oitava série. Depois do ginásio eu fui para o **La Salle**.”



Ary e seu primo Alceu tocando gaita.



Gentil e Angelina Marció.



Gentil e Angelina Marció em batizado de um de seus mais de 140 afilhados.

MINHA MÃE, MEU PAI E MEU TRABALHO

“Minha mãe cobrava da gente para que fôssemos sempre honestos. Deus me livre se fizéssemos alguma coisa errada, respondesse alguém ou algo do tipo. Ela não aceitava que desaforasse, desrespeitasse ou que a gente pegasse algo que não era nosso. Era o fim da pica-da. Ela era bem severa. Meu pai era bem severo também na mesma linha.”

A mãe era bastante doente e o pai precisava da minha ajuda para cuidar do estabelecimento, então não tive praticamente infância de brincadeiras. Enquanto meus amigos brincavam, eu tinha que substituir minha mãe.

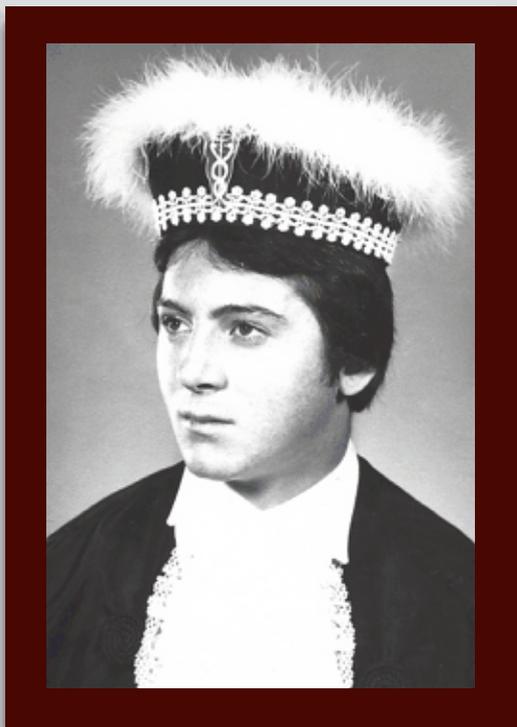
Nosso mercado foi sendo ampliado, bem como a quantidade de produtos para vender. Fomos emendando a casa cada vez mais para trás e o mercado na frente. Era tudo de madeira ainda, mas nessa época já se vendia praticamente de tudo.

Uma coisa de se lembrar, é que o pai vendia muito a fiado para os clientes, e em troca, o pai era convidado para ser padrinho. Ao todo, ele tem cento e trinta e seis afilhados que ele lembra os nomes, mais os que ele não lembra. Chegou a ter três batizados em um dia.

Por causa de vender muito fiado, o pai acabou falindo em mil novecentos e sessenta e nove. Ele era muito bom com as pessoas e elas acabaram se aproveitando disso.”

O SEMINÁRIO EM CHAPECÓ

“Com treze anos, eu tinha ido para um seminário em um colégio de Chapecó, não estava mais querendo ficar no mercado. Por motivos de saúde da mãe acabei voltando para Xanxerê para ajudar a cuidar dela e também ajudar o pai. E também, eu não tinha gostado dessa experiência de ficar no seminário durante oito meses. Nos últimos dias, já estava louco para vir para casa.”



ARI FORMOU-SE EM CONTABILIDADE NO COLÉGIO LA SALLE

“Foi muito bom ter me formado em Contabilidade, porque me ajudou a pôr os estudos na prática ali no mercado. Eu já consegui sair de lá com um conhecimento. O pai utilizava bastante a caderneta, vendia no fio do bigode como se dizia, na confiança, mas aí ele acabou perdendo o muito dinheiro.

Em mil novecentos e setenta e três, o pai começou a vender para o presídio e para prefeitura. O governo não estava pagando e o pai teve que receber em doze vezes sem juros, aí começou a ter problemas financeiros novamente.

Depois que concluí o curso de Contabilidade, com dezessete anos, eu assumi o mercado. O pai me ajudava entregando o rancho, cuidava do caixa, recebia os carregamentos, ajudava a atender e mais algumas coisas, mas toda a parte administrativa-financeira era eu quem fazia.

Ele confiou em mim e me passou as rédeas. Eu gostei de ter assumido mas aí as coisas ficaram bastante pesadas para mim, porque eu tinha que levantar cedo para abrir o mercado e estudar de noite.

Quando eu voltava, o pai já havia fechado o mercado, mas eu ia para o depósito porque na época tinha que embalar o feijão, colocar as batatinhas nas redinhas para dar um quilo, tinha que ficar selecionando, cebola, tomate, tudo no manual para ficar pronto para o outro dia.

Nessa época, o pai tinha já parado com o bar e ficou apenas com o mercadinho, porque a mãe também estava bastante doente, ia seguido para o hospital.

Estudar no La Salle foi muito bacana, eu gostei muito daquela época. Eu lembro do irmão Daniel. Ele era muito crânio, rígido, mas gostava muito dele. Depois que me formei no segundo grau no La Salle em Contabilidade, parei de estudar e só trabalhei.”

COMEÇANDO A NAMORAR E O CASAMENTO

“Eu tinha dezoito anos e a **Rosicler**, minha esposa, tinha quatorze. Eu tinha já uma namorada e fui na casa de um amigo, e encontrei a **Rosicler** lá. Na mesma noite já começamos a conversar e acabei deixando da namorada que eu tinha.

Namoramos por quatro anos. Casamos, fizemos uma festa no bandejão comunitário no **Bairro dos Esportes**, e a decoração foi toda feita com papel higiênico, porque era mais barato. Casamos na igreja.”

OS FILHOS

“O primeiro filho, **Rafael**, veio um ano depois do casamento. Ele nasceu no dia seis de Setembro de mil novecentos e oitenta e seis, e eu casei em dezesseis de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e cinco.

Depois, veio minha filha **Julia**, que tem vinte e três anos. Os dois trabalham comigo no **Gentil Victoria**. Ele cuida da parte mais administrativa e ela do financeiro.

Somos nós que administramos os dois mercados. Eu fico com a parte geral. Digo que sou eu que descasco os abacaxis maiores, tomo as decisões mais difíceis. Mas eu deleguei já muitas funções para eles. Minha esposa ajuda no financeiro, faz o chão da loja... O pai fica administrando o mercado lá em cima, supervisionando. É quase como aquele ditado que “o olho do dono é que engorda o boi. *Quando olho para trás e lembro do primeiro mercadinho, digo que todo trabalho vale a pena, por mais que você sofra.*”



Ary e Rosicler no início do namoro.



Angelina e Gentil, no casamento de Ary e Rosicler.



Rafael e Julia Marció.

HOMENAGEM EM VIDA

“Utilizamos o nome de Gentil, justamente para fazer uma homenagem a meu pai e também à minha mãe e minha avó. Ele se sente muito feliz. Nós quisemos homenageá-lo em vida para que ele pudesse sentir o prazer de ser valorizado pelo seu trabalho.

Minha mãe faleceu no dia doze de Novembro de dois mil e onze. Acho que foi uma das coisas que mais me chocaram até hoje. Eu era muito apegado à ela. Como convivemos a vida toda juntos, eu não abandonei ela nem no último instante, porque ela ficou vinte dias internada em Porto Alegre e eu fiquei lá com ela. Foi um ano muito sofrido para mim.

Ela era baixinha, magra, severa no sentido da educação e não fazer coisas erradas, mas não era aquela mulher brava em todo momento. Ela era bastante emotiva, protetora, carinhosa conosco. Se a gente saísse e não avisasse ela se ia voltar ou não, ela ficava preocupada, não dormia até que a gente não chegasse.”

UMA BICICLETA COMO SONHO DE CONSUMO

“Eu lembro que um dos meus sonhos que eu nunca pude realizar quando jovem, era o de comprar uma bicicleta, porque o pai não tinha condições e ele também não fazia muita questão de me presentear com aquilo, porque ele tinha a ideia de que eu ficaria apenas brincando e não o ajudaria no mercado. Eu chegava a ir dormir cedo para poder ficar sonhando por mais tempo em andar de bicicleta.

Aí com dezoito anos eu consegui comprar minha tão sonhada bicicleta. Andei com ela por cem metros até a Imoto e voltei. Assim que voltei, vendi. Já tinha perdido a graça. Acho que andei tanto com ela nos sonhos que quando realmente comprei já não era mais tão importante. Tinha outros sonhos. Como estávamos em condições melhores, comprei uma moto para mim.”



O SONHO DE CONSTRUIR UM GRANDE SUPERMERCADO

“Eu passava seguidamente com a Rosi na frente desse terreno onde está construído o Gentil Victoria, e ele tinha sempre uma placa de vende-se. Mas nunca dava bola. Depois de casados e passado um bom tempo, a placa ainda estava lá e eu disse para a Rosi: “Vai ser aqui que vamos construir o nosso mercado”.

Mas isso eu falava de brincadeira porque não tínhamos condições. Mas como eu sempre tive o sonho de construir um mercado da forma que construímos, no ano seguinte, a nossa condição financeira havia crescido muito, já tinha guardado umas economias e fui verificar novamente o preço e se manteve o mesmo que a primeira vez que eu fui verificar. Não tinha valorizado.

Fiz uma proposta para pagar em quatro a cinco vezes e acabaram aceitando. O tamanho do terreno no total, dá quatorze mil, setecentos e quarenta e oito metros quadrados. Dei a entrada, e em quatro meses quitamos o terreno. Isso em dois mil e dois. Em mil novecentos e noventa e nove, havíamos efetuado mais uma ampliação no Gentil Angelina. Iniciamos a construção em dois mil e doze.”

O TORNADO ATRASOU A INAUGURAÇÃO

“Agora faz cinco anos que inauguramos o mercado. A inauguração demorou um pouco mais do que o previsto por que também fomos atingidos pelo tornado em dois mil e quinze. Não chegou a destruir tudo, mas tive que trocar uma boa parte do telhado, as terças... Estava com as laterais todas abertas, só o telhado estava pronto. Foram furadas vinte e seis telhas de nove metros, com pedaços de madeira e outras coisas que caíram em cima.

Mas antes do tornado, ocorreram também alguns erros de cálculo durante a construção da estrutura de baixo, que teve que ser refeita.”

A INAUGURAÇÃO

“Inauguramos no dia dois de Dezembro de dois mil e quinze. Foi muito emocionante ver o que conseguimos construir, com toda a família presente. Passa um filme de tudo o que a gente passou na vida para chegar até aquele momento, todo mundo trabalhando em busca do seu sonho... Foi muito gratificante, principalmente por estar com a família junto.

Eu cuidava da compra dos materiais para a construção e minha esposa cuidava da obra. Desde as seis e meia da manhã ela já estava na obra cuidando de detalhes, eu ficava negociando as compras de materiais e os filhos cuidavam do mercado lá em cima.

Meus filhos também cresceram praticamente trabalhando comigo da mesma forma que eu comecei com meu pai. Eles cursaram Administração por opção deles.”

TRABALHAR COM OS FILHOS E A ESPOSA É UM GERENCIAMENTO FAMILIAR. QUAIS SÃO AS VANTAGENS E DESVANTAGENS?

“As vantagens é que eles sabem que tudo o que estão fazendo é para eles. Trabalham com bastante amor porque sabem que o que eles estão fazendo será para eles futuramente. As desvantagens é que você tem que acabar tendo um pouco a mais de paciência para resolver os problemas, mais tolerância do que se fosse com terceiros.

Também acontece de nos almoços e jantas surgir assuntos relacionados ao mercado que precisam ser resolvidos. Acabamos trabalhando até na hora do lazer.

Eu preferia que eles tivessem seguido um caminho profissional melhor, porque eu acho que o mercado exige muitas horas de trabalho. Exige bastante da pessoa. Eu queria que fosse algo mais leve, mas acabaram gostando da lida, e quando eu vi, os dois estavam tocando junto comigo.”



LAZER

“Para fugir um pouco dessa rotina puxada no mercado, eu gosto muito de viajar. Já fui para muitos países da **Europa, Ásia, América Latina...** A primeira viagem internacional foi para **Cancún**, em mil novecentos e noventa e cinco. Em dois mil e seis fui para a **Grécia**. Dois mil e sete, para **Portugal, França, Espanha, Hungria, Eslováquia, República Tcheca, Polônia...** Temos um grupo de amigos que sempre viaja junto. Tem mais de trinta países que a gente já visitou.

Quando viajo, passo o comando para os filhos e eles que se virem. Tento fazer sempre pelo menos duas viagens por ano, uma viagem pequena e outra mas longa. Essas viagens me inspiram no trabalho, porque de todos os trinta países em que eu fui, acho que passei por cada um dos mercados que tem neles. Você sempre encontra algo novo e volta com gás para provocar mudanças.

Inclusive a segunda viagem que fizemos para **Cancún**, foi na mesma época em que aconteceu o **Furacão Vilma**, em 1995. Estávamos hospedados num hotel que tinha uma cúpula toda de metal e vidro, que com a passagem do furacão despencou em cima da recepção.

Em **Tulún**, nós já sabíamos que o furacão estava chegando. Aí fomos para um abrigo de noite. Quando o furacão chegou, destruiu tudo. Ficamos por treze horas no olho do furacão. Foi o maior furacão que já ocorreu na história, um categoria cinco. Os ventos chegaram a duzentos e oitenta e quatro quilômetros por hora. O abrigo pertence para o hotel. A estrutura é toda de concreto armado. Durante o ano, o abrigo é utilizado como escola, mas quando tem essas ocorrências é utilizado como abrigo.”

MEU PAI VIOLEIRO

“Meu pai é um homem muito corajoso, enfrentou muitas dificuldades. É uma pessoa de coração mole, que nunca me contrariou, nunca teve preguiça, enfrentou todas as dificuldades que tinha, porque tinha que se economizar em tudo, até no que comia. Ele é uma pessoa muito extrovertida. Não consegue falar uma palavra sequer sem soltar um sorriso. Sempre que ele conversa com alguém ele conta uma piada.

Como ele se dedicou muito ao trabalho, não se tornou um grande violero, mas sabe tocar muito bem. Ele tem facilidade de aprender. Se tivesse tempo para se dedicar, ele seria um ótimo músico”.



Gentil com seus irmãos músicos Nelson, Celso (In Memoriam) e Sergio.



PRÊMIO EMPRESÁRIO DO ANO 2016

“Foi uma grande surpresa. Eu não imaginava que estaria concorrendo, muito menos que eu seria o ganhador. Estavam concorrendo comigo o Dalmor Badotti e o José Colett.

Agradeço a todos os empresários pelo apoio e reconhecimento por ter recebido o mais prestigioso prêmio que um empresário poderia receber, o troféu "Empresário do Ano".

É muito importante para o negócio este reconhecimento dos amigos, família e da Associação Empresarial de Xanxerê - ACIX. É o que me motiva a levantar todas as manhãs e enfrentar novos desafios. Foi um orgulho para mim e para a família Marció, a homenagem de "Empresário do Ano 2016".

Desejo ao meu sucessor muito sucesso, e, aos meus antecessores, registro aqui minha admiração. Que juntos, possamos enfrentar as dificuldades encontradas no decorrer do caminho, buscando soluções pensando no melhor para nossa cidade e região. Agradeço a todos pelo apoio e confiança!

Ser associado da ACIX é importante, pois juntos ganhamos forças para tomar melhores decisões e fortalecer a economia de Xanxerê e região.”

PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

“Por vários anos eu participo do Lions Club Xanxerê. Estamos sempre com atividades, distribuindo cadeiras de rodas, realizando doações de cestas básicas, muletas... Enfim, é um trabalho filantrópico. Fui inclusive presidente do Lions em dois mil e cinco. Fui convidado para outras entidades mas não tinha tempo para participar.”

ADMINISTRAÇÃO E COLABORADORES

“Hoje são trinta e oito pessoas trabalhando no Gentil Angelina e cento e quarenta e nove que trabalham no Gentil Victoria, então são cento e oitenta e sete colaboradores. Cada setor tem um gerente, um subgerente e também um coordenador. Temos dois funcionários que trabalham há vinte e cinco anos conosco. Estamos comemorando cinquenta anos de mercado.”

XANXERÊ

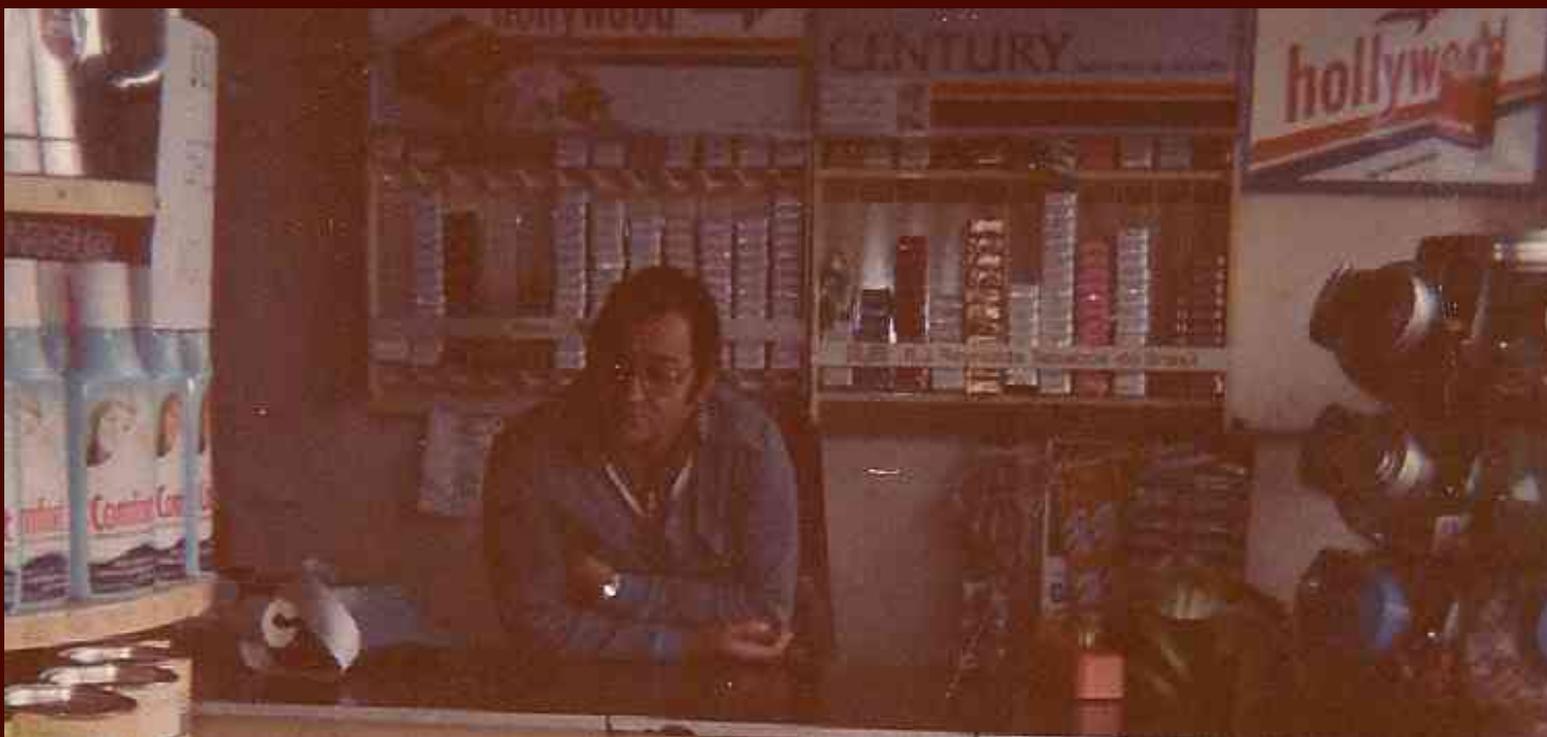
“É a melhor cidade do mundo. Não vejo outra cidade que eu gostaria de morar ou viver. Foi em Xanxerê que eu nasci e é aqui que eu vou morrer. Foi onde eu realizei meu sonho, onde estão meus amigos, meus parentes, meus familiares, então não vejo como viver em outro lugar. Não há violência como Chapecó, o trânsito não é caótico, você atravessa a cidade a pé em vinte minutos.”



Os irmãos Marció: Gentil e Nelson. Gaitas, violas e bicicletas.



*A gaita unindo a família. Ary e suas irmãs Marlene, Glacir e Adriana.
Um pré-adolescente já focado no trabalho com o pai.*



Neste balcão, Gentil principiou seu negócio, abrindo uma bodega onde vendia doces, bebidas e cigarros, e aos poucos, foi agregando outros produtos como sardinha e mortadela.



Supermercado Marció.



Ampliação do Supermercado Marció.



Casamento de Ary e Rosicler.



Rafael, primeiro filho e seu brinquedo predileto.



Ary com a filha Julia.



“UMA FAMÍLIA UNIDA



Ary Marció



NO MESMO IDEAL”



Gentil Marció



DEPOIMENTOS

Rosicler Canali Marció

Esposa de Ary

“Sou natural de **Campinas do Sul, Rio Grande do Sul**. Eu e minha família morávamos na barragem de **Passo Fundo** antes de irmos para **Xanxerê**.

Conheci meu digníssimo esposo na casa de uma amiga em mil novecentos e oitenta e um. Eu lembro que a **Radio Princesa** estava fazendo quinze anos. Eu tinha quatorze anos, era bem novinha. Ele foi meu primeiro e único namorado. Namoramos por quatro anos e casamos em Fevereiro de mil novecentos e oitenta e cinco. Em Setembro do mesmo ano, veio o **Rafael**. A festa de casamento aconteceu no centro comunitário do **Bairro dos Esportes** e a decoração foi toda feita com papel higiênico. Quando chegou nosso primeiro filho foi muito bom, sentimos uma alegria inexplicável.

Praticamente desde que casei, comecei a trabalhar com meu esposo. Isso já faz trinta e cinco anos. Vixe maria, que dificuldade que era. Era tudo feito à mão. Às vezes tinha tanto barro dentro do mercado que a gente tinha que fechar para conseguir lavar, e depois passar aquele roxo-terra.

Foi bem puxado o trabalho no início, mas a gente sempre teve um bom movimento. Só que o Ary sempre foi bastante centralizador, então ele queria fazer todas as coisas. Minhas cunhadas também trabalhavam no mercado. Na verdade, trabalhávamos, conversávamos e fazíamos tricô.

Quando o Rafael nasceu, ampliamos o mercado e foi aí que eu comecei a ajudar o Ary na parte burocrática. Aos pouquinhos, fui começando a participar também da parte financeira. Por muitos e muitos anos, fomos trabalhando um do lado do outro.

Depois, veio a **Julia** em mil novecentos e noventa e seis, dez anos depois do primeiro filho. A gente levou um susto quando ela nasceu. Fiz duas cirurgias no mesmo dia porque o meu útero voltou a dilatar, e a gente brinca que esqueceram ela lá no quarto do hospital, porque tiveram que dar mais atenção para mim. Mas passamos por essa época difícil, superei tudo. Fui uma das primeiras a inaugurar a UTI do hospital, que fazia quatro dias que havia sido instalada.

Depois de vinte anos trabalhando lá no mercado, construímos outro, compramos o terreno da família **Canan**. Atualmente, eu ainda ajudo um pouco na parte administrativa, mas bem pouco. Depois que foi finalizado o mercado **Gentil Victória**, passamos essa função para a **Julia**.

Foi uma grande batalha, porque é sem explicação a mudança que conseguimos realizar. Sempre foi muito sofrido para nós. A maioria das pessoas tem essa dificuldade de crescer, mas para a gente foi bem puxado. Tentamos adquirir outros terrenos para construir o que queríamos que não deram certo. Aí minha sogra ficou doente, cuidei dela por mais ou menos um ano... Mas eu acredito que isso é um sonho que a gente tinha. Foi tudo muito bem planejado. Eu entro aqui e me sinto realizada.

O Ary sempre foi uma pessoa que gosta de inovar. Assim que surgiram aquelas balanças eletrônicas, ele já queria adquirir. O terceiro fax de Xanxerê, foi ele quem comprou... Sempre buscamos disponibilizar uma coisa moderna.

É difícil separar o lado familiar com o profissional, porque como a gente convive a trinta e cinco anos, quase que vinte e quatro horas por dia, trabalho e casa com certeza se confundem. O **Ary** sempre buscou proporcionar tudo de bom e de melhor para os filhos. Ele é maravilhoso. Ele é um patriarca no sentido geral da palavra.





Já viajamos muito, demos muita risada mundo afora. Claro que existem as tristezas nas nossas vidas, mas brincamos dizendo um ao outro que não dá mais tempo de trocar de companheiro.

Ele é um pai sempre presente, até porque, como convivemos todos dentro da mesma empresa, ele cobra. Nós sempre vamos em baladas juntos. Nós temos uma vida social, mas participamos muito também da vida social dos nossos filhos. Saímos sempre nós seis. Temos um relacionamento muito bacana com eles fora do trabalho. Se pudéssemos viajar juntos, a gente viajaria. Nós somos muito participativos nas vidas deles.

O Ary também tem um apreço muito grande pelo pai. Enfim, eu e ele temos uma vida tranquila e normal. Confiamos um ao outro, saímos juntos, bebemos junto, fizemos tudo juntos. Mas nossa vida se resume ao mercado. Seria bom se fosse diferente, mas foi assim que crescemos.

Quanto a mim, profissionalmente falando, aprendi muita coisa no mercado. Sei tudo sobre padaria, restaurante, cozinha, açougue...

E aqui dentro, cada um tem vinte e cinco por cento da empresa. Cada um tem o seu anjo de confiança com quem pode contar, que auxilia a gente...

Tem um amigo nosso que sempre nos diz que admira essa forma que convivemos dentro da empresa, mas fora daqui, a gente consegue fazer brincadeiras um com o outro, beber junto, dançar a noite inteira, então é uma coisa que a maioria das famílias não tem. A gente consegue ter esse vínculo entre nós. E isso foi acontecendo naturalmente. Estamos sempre juntos, nunca estamos separados.

Recentemente o Ary fez uma cirurgia, mas não conseguimos levar isso para um lado pesado. Sempre tiramos sarro um do outro com os problemas que acontecem, até porque foi uma fase que ele conseguiu vencer. Foi difícil sim, mas agora a gente leva na brincadeira. Já passamos por tantas dificuldades que acho que essa foi apenas mais uma delas. E não nos abalamos em momento nenhum. Descobrimos o problema, fomos para o hospital e fizemos o que precisava ser feito, porque tinha solução”.

Rafael Marció

Departamento Comercial

“A primeira lembrança que eu tenho do mercado, é de subir nas prateleiras do depósito. A segunda lembrança é a de trabalhar com o pai, ajudando ele. Lembro que a gente pintava as prateleiras que eram de madeira uma vez a cada mês, e eu adorava, porque eu tirava todos os produtos das prateleiras e pintava. Eu achava o máximo enquanto os outros odiavam.

Eu cresci vendo meu pai trabalhar. Tivemos pouca presença dele na nossa vida escolar, porque em toda a vida dele, sempre trabalhou. Eu chegava em casa com ele trabalhando, e muitas vezes eu ia para o colégio de manhã e ele ainda estava trabalhando. Quando eu acordava ele já estava no mercado.

E a gente sempre trabalhou junto com ele também. Com doze anos eu, já tinha as minhas responsabilidades. Tinha que digitar o cheque, que na época era diferente, ou efetuar um cadastro. Odiava, porque tinha que ir todos os dias no mercado enquanto os meus amigos brincavam de esconde-esconde. Mas eu tinha que ter minha responsabilidade.

Com dezesseis anos eu já fazia mais coisas, mas não gostava de trabalhar com o financeiro. Fazia obrigado quando era necessário, mas não queria.

O pai montou um escritório para mim e eu comecei a fazer compras. Mas ele nunca me deixou comprar sem o aval dele. Eu fiquei por dois anos sentado ao lado dele para decidir o que comprar. Não tinha a experiência suficiente, e acredito que foi uma das melhores coisas que ele fez, porque eu acabei fazendo agora no futuro esse mesmo processo com os meus compradores.





Com o pai eu não aprendi apenas a comprar, mas também a administrar, como negociar, tudo.

Eu cursei Administração. Na época, passei em nono lugar geral na ACAFE (Associação Catarinense das Fundações Educacionais), e podia ter feito até Medicina, mas optei por fazer Administração e ficar com a família.

Eu lembro de todas as modificações que foram realizadas no mercado, desde quando só havia um mercadinho. Quando era na casa de madeira, eu ainda não havia nascido. Eu me lembro da primeira construção de alvenaria.

Havia um poço ao lado e uma pistinha de bicicleta no terreno baldio... Todas as reformas a partir dessa época, eu acompanhei. O que me doeu foi quando compramos uma casinha que havia ao lado do mercado que era do Canan, e o Diogo, filho dele, era muito meu amigo. Eu preferia que o pai não comprasse do que perder um amigo, porque parecia que ele iria morar em outro país.

O meu avô é muito tranquilo, deixava a gente fazer de tudo, desde que o pai permitisse. O pai teve que assumir o trabalho por necessidade, até pelas vezes que o vô faliu e também a vô estava doente, então era preciso que ele gerenciasse o negócio da família.

A vô tinha asma, mas na época não se sabia o que era, e o vô ia constantemente com ela para Florianópolis, e o pai ficava à frente do trabalho.

Quando inaugurou esse novo mercado eu já tinha assumido quase que por inteiro o setor de compras. Eram poucas empresas que meu pai era quem comprava. Quando viemos para essa outra instalação, o caos sobrou para mim eu acho, porque tive uma carga muito maior de trabalho. E eu sou muito metódico, gosto de pesquisar o melhor preço, analisar, gravo muitas coisas, fico batucando dia e noite, não durmo, fico preocupado, tanto que antes de abrir o mercado novo, eu e minha mãe visitamos todos os mercados da região, pesquisamos a área de abrangência de cada um deles, e da mesma forma, qual era seus principais produtos, as novidades que traziam.

Inclusive fui expulso de uns três ou quatro. Visitamos mais de duzentos mercados para fazer isso. E da mesma forma, tem muitos mercados vindo estudar os nossos métodos, principalmente nossa padaria que foi feita ao estilo português. A gente se baseia muito em dados e estatísticas.

Dividimos o trabalho da seguinte maneira: eu fico no comercial, não me meto no financeiro, porque é a área da minha irmã. Eles também não interferem no comercial, além de dar algumas sugestões. O pai hoje é o meu resolvidor de problemas. Quando tenho um problema muito ruim ou cansativo de resolver, eu passo para ele. Como por exemplo, problemas com fornecedores. Assim, eu posso focar apenas no comercial.

E nesse contexto de que todos trabalham juntos, nossa vida social ficou dividida, porque faz seis anos que casei e recentemente minha irmã também casou. Além disso, eu e minha esposa Taiane Baggio dedicamos todo nosso tempo para a Angelina, nossa filhinha que nasceu em Julho. Mas é o momento em que a gente fica longe um do outro, porque antes, ficávamos o tempo todo juntos.

Cada um mora na sua própria casa, porém almoçamos e lanchamos juntos... Posso dizer que a gente mora fora, mas vive junto.

O pai e a mãe tem viajado muito e estão sempre nos incentivando a viajar também. A estrutura quase não muda, porque as funções do pai e da mãe, os problemas deles, eu consigo deixar para resolver mais para frente. Tem que ser resolvido, mas não imediatamente.

Quando o pai recebeu o prêmio de Empresário do Ano em 2016, eu fiquei extremamente feliz. Ao meu ver, todos nós recebemos o prêmio também. Para mim, foi um prêmio nosso. Tivemos altos e baixos na nossa família, e quem teve que assumir tudo, fomos eu e minha irmã nos baixos. De certa forma, ainda bem que nós já estávamos preparados para assumir. E ele tem uma confiança muito grande na gente. E isso é muito bacana dele.

No futuro eu espero fazer com meus filhos o que meu pai fez para mim. Não quero mudar nada porque o jeito que ele me preparou foi muito tranquilo e bacana. Eu sempre fui de questionar bastante. Eu sempre acho que eu aprendi mais com meu pai, do que se eu tivesse feito uma faculdade, porque a faculdade te dá apenas a teoria, mas a vida te dá a prática.

Muitas vezes ele dizia que a teoria pode funcionar, mas a prática é bem diferente. E também, a minha faculdade foi totalmente direcionada para o mercado.



A mãe continua trabalhando conosco, na verdade ela nos auxilia em tudo o que precisamos. Por exemplo, agora que estamos trabalhando com flores, ela ficou responsável por essa parte, e foi até fazer um curso em São Paulo, foi em feiras... Na verdade, minha mãe auxiliou minha irmã até ela assumir o setor financeiro e o pai me auxiliou até eu assumir as compras.

Hoje nós temos dezenove mais de vinte mil produtos cadastrados no mercado, e eu conheço cada um deles.

Meu momento de lazer é andar de bicicleta com minha esposa Taiane Baggio, mas ultimamente não tenho conseguido parar de trabalhar. Já fizemos muitas aventuras eu e ela como andar trezentos quilômetros em um dia. Já fomos para Erechim, dormimos lá, e no outro dia voltamos. Até o sonho do meu pai de infância era ter uma bicicleta, e acredito que eu que herdei esse sonho dele, essa paixão pela bicicleta.”



Taiane Baggio e Rafael Marció



Angelina Baggio Marció, filha de Taiane e Rafael



Julia Victoria Marció

Departamento Financeiro

“Trabalho no mercado desde os meus quinze anos. Foi uma opção natural, porque a gente cresceu brincando de subir nas prateleiras do depósito ou nos fardos de farinha... A gente nunca saiu para ver outras coisas.

O que eu lembro do mercado no passado, é da proximidade que a gente tinha com os funcionários. Sempre ocorriam jantas no terraço da nossa casa.

Sempre fomos muito família no mercado. Os funcionários levavam as esposas os filhos... Era trabalho, diversão e os próprios funcionários cuidavam da gente. Tinha um elo afetivo que se criava praticamente naturalmente. E acredito que isso se deve ao fato de ser uma empresa familiar.

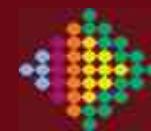
Tanto eu quanto meu irmão gostamos de estar no mercado. Hoje, eu praticamente não tenho horário de trabalho, estou sempre em algum lugar resolvendo alguma coisa para o mercado, isso quando não estamos aqui dentro. A gente gosta de estar dentro do mercado.

Até quando fazíamos faculdade à noite, quando terminava uma prova e saía mais cedo da faculdade, vínhamos para o mercado. Nunca fiquei sem fazer nada dentro de casa. Até nos domingos de tarde, a gente vem para o mercado para tomar um café.

Hoje, minha função é de Gerente Financeira. Trabalhar com minha família é diferente, e também não é só o pai que toma a decisão final, nós quatro temos vinte e cinco por cento das decisões cada um. Sempre tivemos a mesma quantidade e peso de voto. O pai sempre foi de dar a mesma voz que ele tem para os filhos. A gente resolve os impasses na votação”.



Família reunida para inauguração do novo Supermercado Gentil Victória



Biografia do Empresário do Ano 2017
ROMEU ROQUE MENEGUZZI





QUALIDADE QUE VEM DE BERÇO!

A comunidade da Linha Barro Preto, é a mais próxima da cidade de Xanxerê. Seguindo depois do trevo que une os contornos leste e oeste, na SC - 480, logo em frente há um trevo que conduz ao frigorífico Arvoredo. Em torno do frigorífico, avista-se vários piquetes de gado em confinamento. São os bois engordando para serem abatidos.

O frigorífico mal aparece, pois está envolto e protegido por uma densa vegetação mista e taquaruçú. Porém, os saborosos produtos alimentícios feitos ali, facilmente são encontrados nas prateleiras dos mais diversos mercadinhos, mercados e supermercados. Alguns destes, são verdadeiras iguarias. Nem parece terem sido feitos em um frigorífico, mas sim, no quintal da casa de um agricultor.

É que a receita já vem temperada desde os tempos em que a família Meneguzzi, lá no interior do município de Arvoredo, produzia torresmos, salames e outros derivados de suínos para a sua subsistência. Somente vendia o que não consumia.

Hermélio e Tereza, pais de Romeu, ensinaram desde cedo que tudo precisava ser feito com muito capricho, e que a honestidade é o maior valor que uma pessoa deve possuir. Assim, o menino que cresceu manejando bois e vacas pelos poteiros da família, mal sabia que estava adquirindo experiência para mais tarde conduzir com habilidade e maestria, seu próprio negócio.

O tempo certo para dourar o torresmo, certamente ele aprendeu vendo o pai Hermélio na lida com o tacho. O tempero adequado e o tempo de maturação do salame, com certeza Dona Tereza tenha ensinado qual a medida certa. Esse conhecimento empiricamente adquirido é como um vento suave e morno, soprado do passado para o presente.

Romeu Roque Meneguzzi, também sonhou estudar nas melhores faculdades e diplomar-se nos melhores cursos. Mas a vida não lhe deu muita escolha - estudar e passar dificuldades ou trabalhar para garantir seu sustento.

Agora Romeu, com seu trabalho, sustenta a vida de muitas famílias. Sua empresa, frigorífico Arvoredo, em sociedade com seu irmão Roberto Carlos, é referência na qualidade de saborosos produtos encontrados nas prateleiras dos supermercados de centenas de cidades.

Empreendedor aguçado e sempre atento, Romeu Roque Meneguzzi não para. Está sempre olhando e andando para frente. Só consegue acalmar-se um pouco quando chega no aconchego do lar, e se deixa acarinhar por Roseli, sua esposa, e seus filhos Laura e Lorenzo. Mas também tira um tempo para se deixar levar por ações filantrópicas e participar de entidades sociais que se dedicam a amenizar as dificuldades, para quem a vida, impôs limitações.

Na comunidade da Linha Barro Preto, cujo padroeiro é São Roque, Romeu Roque Meneguzzi pede bênçãos ao santo, e segue freneticamente sua lida cotidiana. Nos vales e campos, a voz do menino Romeu continua ecoando: "Eia boi! Eia boiada!"

Romeu Roque Meneguzzi, foi agraciado com o prêmio Empresário do Ano 2017.



Romeu Roque Meneguzzi, é natural de Arvoredo. Nasceu em 05 de Agosto de 1967. Filho de Hermélio Antonio Meneguzzi e Tereza Damo Meneguzzi. Casado com Roseli Fátima de Lima Meneguzzi, com a qual tem os filhos Laura e Lorenzo Augusto.

O s pais de **Romeu Roque Meneguzzi**, **Hermélio Antonio Meneguzzi** e **Teresa Damo Meneguzzi**, são oriundos do município de **Casca - RS**, que fica próximo a **Bento Gonçalves - RS**. É uma região bem famosa por produzir vinhos. Seus pais, logo que casaram, migraram para **Santa Catarina**.

O sobrenome **Meneguzzi** vem de "**Menegus**". Devido ao fato de chegarem no **Brasil** em um período em que era proibido falar a língua italiana, quando foi-se registrar o nome no cartório, o atendente pediu se o nome era **Menegus**, e como eles não sabiam falar e pouco entendiam o português, respondiam apenas "si, si, si"... E acabou sendo escrito também o "si" com "zzi", e assim ficou registrado "**Meneguzzi**". Porém, há controversias. Um tio tem afirmado que já na Itália, o sobrenome é escrito "**Meneguzzi**". Seus avós paternos são **Luiz** e **Augusta Meneguzzi**.

Romeu relata: "No **Rio Grande do Sul**, meus pais eram colonos, ou seja, agricultores. Vieram para **Santa Catarina**, morar no interior do município de **Seara**, no então distrito de **Arvoredo**. Compraram uma área de terra e continuaram trabalhando como pequenos agricultores."



Família de Luiz Meneguzzi. Avós, pai e tios de Romeu Roque Meneguzzi.



INFÂNCIA

“Eu fui criado na humildade, na colônia. Nossa casa era de madeira, tinha um porão, nossos colchões eram feitos de palha de milho... Lembro que carneávamos porcos, tínhamos bois de canga, as vacas eram levadas na corda, não tinha internada, era potreiro, e o pasto era pouco... A produção era para a subsistência da própria família. Muito pouco do que se produzia era vendido. Vendíamos o porco. Naqueles tempos, o que mais se comercializava era milho e porco. Não havia o comércio que se tem hoje. As carnes até dava para se vender, porém o feijão, a lenha, aves, ovos, frutas, legumes... Não se tinha onde vender.”



Roberto Carlos e Romeu Roque, brincando com o cachorro em Arvoredo.



Romeu Roque com a catequista Irma Nardi Caovilla, e um colega mostrando o certificado da Eucaristia.



Romeu com a turma da Eucaristia.



"Eia boi! Eia boiada!". Romeu Roque Meneguzzi, desde muito cedo aprendendo a cuidar do rebanho com muito capricho.

"Meus pais **Hermílio** e **Tereza**, tiveram ao todo nove filhos: **Benedito Luis**, **Ines**, **Neuri**, **Augusta Rosa**, **Maria Elma**, **João Pedro**, **Romeu Roque**, **Roberto Carlos** e **Adriane**. Quando me dei por gente, já estava trabalhando junto com a família, calejando as mãos."



Romeu, seus pais e seus irmãos. Falta a irmã mais nova, Adriane.



Casa da família Meneguzzi em Arvoredo



Roseli e Dona Tereza, na casa da avó materna de Romeu, Rosa Tonial Damo, em Casca - RS.



Roseli, Romeu e Dona Tereza

ESCOLA

"Comecei a estudar em **Arvoredo**. A escola só tinha até a oitava série e ficava na vila de **Arvoredo**, que na época era um distrito de **Seara**. Como não havia transporte, íamos a pé todos os dias. Levava uma batata doce ou uma fruta como lanche, e depois da escola, retornava para o trabalho.

Geralmente os mais velhos iam na parte da manhã e os mais novos na parte da tarde.

Não foi tão assustador para mim o descobrir da escola, porque na verdade os mais novos seguiram o caminho dos mais velhos.

Como a escola tinha até o oitavo ano, para poder estudar e completar o ensino médio, as meninas trabalhavam como domésticas para ter onde morar e estudar.

Nosso pai nos incentivava a ir para a cidade estudar e trabalhar. Dois irmãos meus foram para o seminário. Não chegaram a se tornar padres, mas foram estudar para isso."

MEUS PAIS

"Minha mãe sempre foi amorosa, acolhedora, muito paciente para nos educar. Viveu ao longo de noventa e dois anos. Sempre foi uma mulher firme e forte. Era o porto seguro de todos nós.

Eu diria que o pai era mais coronel, bem rígido, mas muito honesto. Ele fazia as coisas corretas, não tinha malandragem nenhuma. Na verdade, os dois incentivaram que todos os filhos estudassem.

Meu pai faleceu com sessenta e sete anos, em mil novecentos e noventa e dois. O legado que ele me deixou é a formação do caráter.

E a minha mãe era uma forte guerreira. Ela vivia com minha irmã, que mora em cima do mercado em um apartamento, e eu moro no outro apartamento mais acima, então nossa convivência era praticamente diária."



O SEGUNDO GRAU

"Comecei a estudar o segundo grau, ou seja, o ensino médio, em **Seara - SC**, onde estudei por um ano. Nesse tempo, trabalhei no **Supermercado Coperdia** de Seara.

Depois, vim para **Xanxerê** estudar no **Colégio La Salle**. Fiz isso por opção de horário, porque eu tinha que trabalhar de dia, e também, pelos cursos que o colégio oferecia.

Eu me formei em **Técnico em Contabilidade** no ano de mil novecentos e oitenta e seis. Na época, nossa família já tinha o comércio, o mercado que fica na **Rua Papa João XXIII**, no **Bairro dos Esportes**. Trabalhava para me sustentar. Na verdade, viemos para **Xanxerê**, eu, meu cunhado e minha irmã. Eu trabalhava no mercado durante o dia, e de noite ia estudar no **Colégio La Salle**. Ia e voltava a pé.

Porém, acabei parando por aí nos estudos. Meu sonho era continuar, mas ou eu focava no trabalho ou estudava. Se estudasse, eu passaria dificuldades, porque eu não tinha quem bancasse minha faculdade, tive que trabalhar.

Na minha juventude, jogava bola como todo jovem da época com meus colegas, mas nada profissional. Tinha dezoito para vinte anos."



Romeu Roque Meneguzzi quando se crismou, tendo como padrinho, seu cunhado Leodi Giachin.



Romeu e Roseli no tempo de namoro.

LAZER E NAMORO

“Fiz bastante festa por aí. O que me deixava feliz durante a juventude eram os bailes, sair com os amigos, acampar...”

Conheci minha esposa em um baile junino no Bairro dos Esportes. O nome dela é Roseli Fátima de Lima Meneguzzi. Tive dois filhos com ela, a Laura, que tem dezessete anos, e o Lorenzo Augusto de treze anos.”

O CASAMENTO

“Nosso casamento foi na Capela Menino Deus, no Bairro dos Esportes. Fizemos tudo certinho como deve ser. Foi joia. Um dia que eu jamais esquecerei. A família toda estava presente, e na festa, foi servido um churrasco com carne de muito boa qualidade. Não podia ser diferente.”



Roseli e Romeu em pose especial para foto com convidados do casamento.





OS FILHOS

“Uma das melhores sensações que eu já tive na minha vida foi quando meus dois filhos nasceram, tanto é que eu trabalho sempre pensando neles.

Eles participam bastante conosco dentro da empresa. A Laura trabalha dentro do escritório, então está sempre presente. E o Lorenzo seguidamente está envolvido nas atividades”.



Roseli, Laura, Romeu e Lorenzo.



MEU PRIMEIRO NEGÓCIO

“Eu e minha família começamos com um mercado aqui em Xanxerê, justamente para vender tudo o que se produzia lá na nossa propriedade, em Arvoredo. Produzíamos uva, vinho, laranja, figo, carne bovina e suína, fazíamos salame, enfim, todos os produtos derivados do suíno.

Nem toda a família trabalhava com isso. Alguns irmãos já tinham ido estudar fora. Mais tarde retornaram para a propriedade para ajudar os mais novos. Meu irmão Neuri, o mais velho, se formou como Técnico Agrícola e voltou para casa com o objetivo de dar continuidade ao trabalho que nossos pais faziam. Na época, abatíamos os animais lá em Arvoredo mesmo, e trazíamos os produtos para cá para abastecer o mercado.

E nessa época não existia inspeção. O comércio de carnes e derivados era livre. O agricultor produzia e vendia. Podia produzir, vender, industrializar, cortar do jeito que quisesse e bem entendesse. Mas a partir do ano de mil novecentos e noventa, começaram a regulamentar tudo.

O Estado, por pressão da promotoria pública, baseado em uma legislação federal, começou a exigir um atestado de procedência do animal e que fossem cumpridas as normas de inspeção.

Foi aí que compramos uma área de terra no Barro Preto. Construímos a princípio, um abatedor pequeno para que pudéssemos abater o que se produzia aqui em Xanxerê, como também o que se produzia em Arvoredo, pois começamos a transportar os animais ainda vivos para cá, para abater, carnear e comercializar os produtos no mercado”.



Supermercado Arvoredo, na Rua Papa João XXIII, nº 1008, Bairro dos Esportes.



*"O olho do dono engorda o rebanho!".
Romeu fiscalizando o tratamento dos bois em confinamento, nas terras da Linha Barro Preto.*



Primeiras estruturas de barracões e piquetes do frigorífico Arvoredo, na Linha Barro Preto.



E EM QUE MOMENTO COMEÇOU A DISTRIBUIR SEUS PRODUTOS PARA OUTROS MERCADOS?

“Em mil novecentos e noventa e cinco, nosso abatedouro aqui do Barro Preto era um dos únicos da região que aderiu à inspeção de carcaça e começou a seguir todas as normas de inspeção. O primeiro a conseguir isso tudo foi o LG - Frigorífico Zaffari e depois nós.

Como todo mundo começou a querer carnes com qualidade, houve uma grande procura em todos os estabelecimentos. Começamos a distribuir nossos produtos em vários desses estabelecimentos, porém não tínhamos como suprir toda a demanda. Precisávamos ter mais funcionários e para tal, uma estrutura maior que era mais cara. Enfim, foi assim o nosso começo.

Nesse período, abatíamos sete bovinos e quinze suínos por semana.”

FRIGORÍFICO ARVOREDO ATUALMENTE

“Hoje atendemos grande parte da região Oeste. Abatemos em torno de trezentos e trinta bovinos e oitocentos suínos por semana. Foi um grande avanço.

Até dois mil e nove, éramos seis irmãos trabalhando juntos. Duas irmãs e quatro irmãos. Então dissolvemos a sociedade e ficamos apenas eu e meu irmão mais novo, o Roberto Carlos, como sócios aqui no abatedouro.

Enfim, foi feita uma avaliação e cada um dos irmãos ficou com a parte que lhe pertencia. Foi de uma maneira natural.

Em mil novecentos e noventa e cinco, tínhamos quatro funcionários mais os familiares que trabalhavam aqui. Hoje temos mais de cem colaboradores.”



Foto aérea do atual Frigorífico Arvoredo.



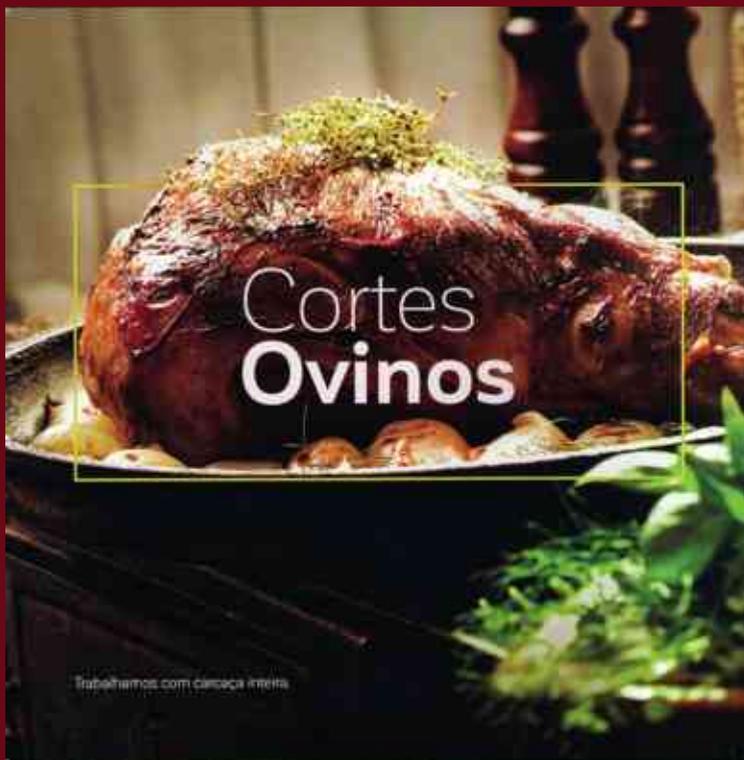
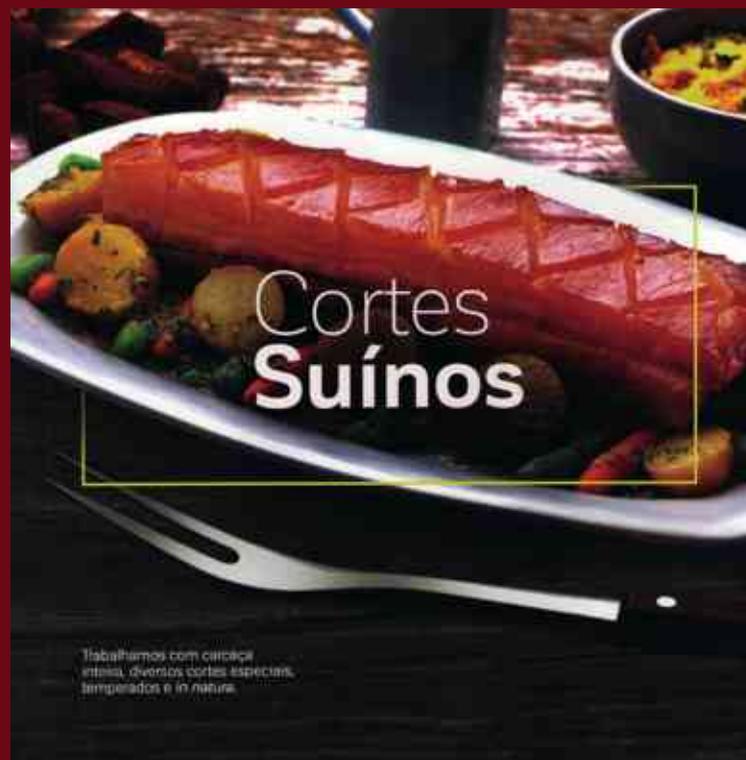
A SOCIEDADE

“Aqui no Frigorífico Arvoredo, as decisões são tomadas em conjunto com meu irmão Roberto Carlos. Fazemos reuniões para analisar e pensar juntos antes de seguir um caminho. Mas eu cuido de toda a parte de planejamento financeiro, matéria prima de bovinos, de produção. O meu irmão cuida da parte comercial, vendas e a matéria prima de suínos. Ele faz também a programação dos abates.”

A MARCA ARVOREDO É FORTE PRINCIPALMENTE NA QUESTÃO DE QUALIDADE. ESSA QUALIDADE VEIO DESDE O COMEÇO, OU VOCÊS PROCURARAM CAMINHOS PARA ATINGÍ-LA?

“Veio de casa. Veio desde o pai, desde a mãe. Eles sempre diziam que o que fizéssemos, fosse o que fosse, tinha que ser bem feito. A princípio, começamos a produzir o que comíamos, então não podíamos deixar de fazer algo bem feito também para as outras pessoas. Buscar sempre a qualidade e a perfeição. Desde quando não se tinha a inspeção, nossos produtos sempre foram feitos com muito capricho, limpeza e dedicação. Nunca fomos de trapacear em algo, porque sempre produzimos alimentos para nós mesmos consumirmos e ter a liberdade de oferecer do mesmo alimento para nossos amigos. Essa preocupação veio de berço, e continua como nosso carro-chefe até hoje. Nunca abrimos mão disso.”







NOSSA HISTÓRIA

“O **Frigorífico Arvoredo** está localizado no município de **Xanxerê**, oeste de **Santa Catarina**. Iniciamos nossa história no mercado de carnes bovinas, suínas e ovinas há mais de 20 anos e, durante esse tempo, nos consolidamos como sinônimo de confiabilidade, procedência e qualidade.

Prezamos pela excelência, por isso, trabalhamos com raças bovinas específicas para corte, como **Angus, Devon, Charolês, Hereford, Simental**, além de suínos e ovinos.

As boas práticas de manejo e a utilização de rações de alta procedência garantem melhores produtos ao consumidor final.

Nossa missão é trabalhar continuamente para oferecer cada vez mais qualidade nos produtos, no atendimento e na estrutura, garantindo cortes nobres e selecionados que dão um toque especial e oferecem uma refeição saborosa, prazerosa e suculenta.

Alguns produtos que fabricamos são receitas de mais de quarenta anos, que vieram da família.”

ÁREA DE ATUAÇÃO

“Somos uma empresa certificada pelo **Serviço de Inspeção Estadual (SIE)** da **Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (CIDASC)**, o que garante a qualidade e a segurança de nossos serviços e agrega valor aos produtos de origem animal que trabalhamos.

É essa certificação que nos permite oferecer carnes saborosas, macias e suculentas para grande parte do **Oeste Catarinense**. Através de estabelecimentos, eventos e representantes parceiros da nossa marca, levamos o sabor do campo até a sua mesa.”





COMO É A LOGÍSTICA DA MATÉRIA-PRIMA PARA SUPRIR TODA ESSA DEMANDA QUE VOCÊS POSSUEM?

“No entorno do frigorífico temos áreas de terra que utilizamos para a engorda. É a nossa família que faz a engorda de cerca de quarenta e cinco por cento dos abates.. Compramos o bezerro e fazemos a engorda. a maior parte do restante vem de fornecedores que são nossos parceiros.

Tudo é abatido aqui dentro. Esses víveres vêm de toda Santa Catarina, porque não podemos trazer animais vivos de outros estados por ordem sanitária. Temos fornecedores desde Lages a São Miguel do Oeste.”

A ACIX

“Eu sou o Diretor da área de Agronegócios nessa atual diretoria da ACIX. Eu nunca havia feito parte da entidade, mas a vejo realizando um trabalho muito importante, muito vital para todos os empresários, porque é ela que nos representa na verdade. Isso pode dar rumo para os nossos negócios, para o futuro da cidade, dar rumo na condição social, como por exemplo, em ofertar emprego... É uma associação vital e muito importante para o nosso município, pensando no bem estar econômico e social da comunidade.”

MEU IRMÃO ROBERTO CARLOS

“Temos diversos tipos de departamentos que sou eu quem cuido, outros é o meu irmão. Temos uma relação bem familiar e próxima dos colaboradores, tanto é que almoçamos e passamos o dia juntos. Procuramos sempre ter uma boa convivência com eles, porque afinal de contas, temos que trabalhar como companheiros. Passamos uma boa parte das nossas vidas juntos, então temos de conviver da melhor maneira possível.”

ESCOLHA DE XANXERÊ

“Isso é coisa do meu pai. Ele dizia que a melhor região para instalar um negócio era aqui em Xanxerê, porque não tinha oferta nessa área. Já em outros municípios, existia bastante. Era um lugar que nos oferecia muitas oportunidades. Não tinham muitas atividades na nossa área.”

LEGADO PATERNO

“O que ficou de mais presente das palavras do meu pai em minha mente são as orientações que ele nos passava, principalmente a importância do trabalho, mas acima de tudo, a honestidade, a persistência. Foi isso que nos trouxe para esse lugar de destaque.”

PRÊMIO EMPRESÁRIO DO ANO 2017

“Em dois mil e dezessete, fui escolhido Empresário do Ano. Foi uma grande surpresa, porque fui convidado para participar do evento, mas não sabia que eu poderia ser indicado para receber o prêmio de empresário do ano. Na noite, colocaram meu nome em votação, e fui escolhido. Foi muito bacana todo esse reconhecimento, porque começa a passar um filme na cabeça de tudo o que já fiz, o que passei, da labuta do dia a dia. Comecei a lembrar de que maneira cheguei onde estou agora, das palavras do meu pai, os conselhos de como conduzir a vida.”



XANXERÊ NA SUA VISÃO

"No lado social, é uma cidade acolhedora, me sinto parte dela, gosto dela, tem uma população maravilhosa, gente boa, trabalhadora, honesta. O município tem prosperado bastante.

No ponto de vista econômico, acho que temos problemas com infraestrutura como a maioria dos municípios. Mas vejo que o poder público, quem exerce essa função, tem que ter a noção da essência, dos valores que originam a economia de **Xanxerê**, que são o agronegócio e a indústria. O setor primário é a principal engrenagem dessa máquina, que gera emprego, traz recursos da região toda para o município, e ele não é reconhecido da forma que deveria ser. Não temos boas estradas no interior. Isso vem do histórico do município, não apenas de uma gestão ou outra.

Tomando como exemplo **Xaxim**, **Chapecó**, **Concórdia**, enfim, eles convivem com uma grande indústria no centro da cidade. A comunidade entende o valor que tem a agroindústria, porque se ela não existir, a cidade não prospera”.

PERSPECTIVAS ECONÔMICAS

“Estamos no ano de dois mil e dezoito e quanto ao cenário político em que vivemos, ainda não temos rumo a seguir. Na questão econômica, não há nada que nos ofereça suporte e que nos faça acreditar em realizar um investimento a longo prazo. *Mas acredito que dentro de dez, vinte anos, o país poderá se recuperar e se tornar um país de primeiro mundo.*

Se o povo escolher representantes que tenham essa preocupação de valorizar e dar a devida importância para as áreas que são essenciais para o crescimento da economia nacional, o país terá muito o que oferecer e também a crescer. Não tenho dúvida que estaremos em um outro patamar econômico.”

PARTICIPAÇÃO SOCIAL

“Eu e minha esposa **Roseli**, sempre procuramos nos envolver em ações sociais. Fui presidente do **Lions Clube Xanxerê** e continuo envolvido. O sentimento que eu tenho é que precisamos nos doar um pouco aos outros, ter a satisfação de ajudar a quem realmente precisa. Isso não tem preço. Sempre carreguei isso dentro de mim, porque só estaremos bem se toda a comunidade também estiver bem. A **Roseli** se envolveu até mais que eu, e continua trabalhando nas atividades do **Lions Club**.”



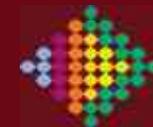
Romeu Roque Meneguzzi e Roseli Meneguzzi, em ação social através do Lions Clube Xanxerê Projeto Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos do Jovem Cidadão. Este projeto foi desenvolvido com Fernando de Siqueira e Leandro Gauer. Fez-se uma pesquisa para saber em quais setores entre mais necessitados o Lions Club Xanxerê poderia focar.



“QUALIDADE QUE



Romeu Roque Meneguzzi



VEM DE BERÇO!”



Roberto Carlos Meneguzzi



DEPOIMENTOS

Roberto Carlos Meneguzzi Sócio-Proprietário do Frigorífico Arvoredo

“Faz dez anos que vim morar em **Xanxerê**. Antes eu ia e voltava para **Arvoredo**.

Do abatedouro para o frigorífico, foi uma transformação bem grande. Conseguimos nos adequar conforme a necessidade vinha surgindo. À medida em que íamos ampliando, também havia a necessidade de mais matéria prima. Sempre procuramos modernizar para obtermos melhores resultados, porque hoje quase não se tem margem de lucro. Tem-se que ter a eficiência e excelência nas atividades para trabalhar e se manter no mercado.

Nossas funções são bem definidas. O **Romeu** fica mais na parte administrativa, a parte do gado, acompanha a fábrica de ração e também da parte rural. Eu fico com a parte de suínos, vendas e custos do frigorífico.

Meus filhos foram se envolvendo naturalmente na empresa. Eles fizeram faculdade já nessa área. Meio período por dia eles vêm para a empresa para trabalhar.

O **Felipe** se formou em **Veterinária**, a **Camila** optou por cursar **Engenharia em Alimentos** na **UNOCHAPECÓ**, e o **Fernando** está fazendo **Agronomia**. Eles sempre vêm por no mínimo meio período para a empresa. Quando precisam de mais tempo para estudar damos uma certa folga.

É muito gratificante vê-los estudando, interessados na empresa, porque de nada adianta trabalhar uma vida inteira e construir algo que não tenha quem dê continuidade. Se não fosse nesse sentido, teríamos que mudar a visão das coisas e pensar diferente.”

MEU IRMÃO E SÓCIO, ROMEU

“O **Romeu** é um cara muito capacitado, organizado e pensa muito à frente. Gosta de que as coisas sejam corretas.

Em dois mil e dezessete ele recebeu o prêmio de empresário do ano. Ele sempre foi a imagem da nossa empresa, até porque uma pessoa tem que assumir o volante, e como ele é mais velho e começou com o trabalho mais cedo, é mais do que merecido que ele receba essa premiação em seu nome, mas isso se deve a todo o trabalho em equipe que foi realizado ao longo de muitos anos por um grande número de pessoas que também se sentem premiadas, valorizadas e honradas por fazerem parte dessa empresa familiar, até porque, é como se fosse uma grande família trabalhando em prol do bem estar da sua casa. E isso nos dá ainda mais ânimo para levantar às quatro horas da manhã e vir trabalhar.”

Roberto Carlos Meneguzzi nasceu em 17 de Junho de 1970. Casado com Katiane Chiaparinni Meneguzzi, com a qual tem os filhos Felipe Antonio, Camila e Fernando Carlos.





Fernando Carlos Meneguzzi

Estudante de Agronomia / Auxiliar de Produção

O QUE É O FRIGORÍFICO ARVOREDO NA SUA VISÃO DE JOVEM?

“Eu tenho isso como meu futuro. Quando bem novos meu pai já nos trazia para trabalhar ou para ficarmos com ele nos divertindo, conhecendo o lugar, até mesmo para pegarmos gosto pela empresa, e acabou acontecendo. Gosto muito daqui, até porque o trabalho me foi apresentado de uma forma espontaneamente natural.

Trabalhar aqui dentro do frigorífico é uma maneira de conhecer profundamente tudo o que precisa ser feito para que os produtos tenham a melhor qualidade possível.

Como estou na função de **Auxiliar de Produção**, posso sentir e ver de perto o que é feito e, desta forma, ir somando conhecimento para, quem sabe, no futuro, assumir responsabilidades maiores. Então me sinto muito feliz, e venho com muita alegria para trabalhar nos períodos em que posso, e assim, não perder meu foco na faculdade.

O meu tio **Romeu** até tem um semblante sério, de quem parece estar sempre meio bravo, mas não é nada disso. É que ele está sempre muito focado no trabalho. No cotidiano familiar, ele é uma pessoa muito gentil, carinhosa e amorosa com todos, principalmente com os filhos e sobrinhos.”



Ivanete Seghetto Ferreira

Departamento Financeiro

“Trabalho no **Arvoredo** há cerca de vinte e seis anos. Meu esposo **Juraci Ferreira** sempre trabalhou aqui na empresa. É o meu primeiro trabalho. Nós somos naturais de **Arvoredo**. Quando viemos para cá, eu tinha vinte anos e meu marido vinte e quatro. Já éramos casados. Éramos conhecidos da família. Tenho duas filhas, a **Gabriela** e a **Natália**

Recebemos um convite dos **Meneguzzi** para vir trabalhar em **Xanxerê**. Eles construíram uma casa para nós aqui mesmo na propriedade, onde ficamos morando por um bom tempo. Hoje temos nossa própria casa e moramos na cidade.

Quando começamos a trabalhar aqui, ainda não existia o frigorífico, era somente um abatedouro. Nós cuidávamos do gado. O **Romeu** começou a engordar gado e construiu um chiqueirão em parceria conosco para cuidarmos. Praticamente vimos o nascimento do frigorífico, desde a construção.

Me sinto muito feliz em trabalhar aqui, porque acompanhamos o desenvolvimento da empresa desde o ponto zero e, conforme o trabalho foi crescendo, crescemos junto com ele.

Atualmente eu trabalho no Faturamento. Meu esposo é motorista, puxa o gado vivo.

O **Romeu** é um cara muito batalhador, inteligente, exemplo de pessoa que lutou e venceu. A família **Meneguzzi**, é como se fosse nossa família também, porque se temos alguma dificuldade para resolver eles nos ajudam, participam das nossas vidas, nos momentos difíceis e felizes. Estamos sempre envolvidos, tanto na empresa quanto pessoalmente.”





Romeu Roque Meneguzzi com esposa, irmãos, cunhados, sobrinhos, afilhada e sua mãe Dona Tereza ao centro.



Encontro da família Meneguzzi.







Biografia do Empresário do Ano 2018

BRUNO LINHARES BORTOLUZZI





"SEMENTES DE UMA CONQUISTA"

"Eu vi um menino correndo. Eu vi o tempo correndo ao redor do caminho daquele menino... Por isso uma força me leva a cantar... Por isso que eu canto, não posso parar..."

Estes versos da música Força Estranha, de Caetano Veloso, emolduram a história de Bruno Linhares Bortoluzzi. A frágil saúde da mãe fez com que o menino concebido em Xanxerê fosse ver a luz da vida em Curitiba, capital paranaense. No tradicional Bairro Portão, Bruno Linhares Bortoluzzi veio ao mundo. Assim, é um paranaense curitibano de passagem, porque ademais, cresceu correndo e brincando com os amigos por entre os campos e banhados da Campina das Cascaveis "Xã-Xã-Erê".

Como filho único de Atílio e Nilva Bortoluzzi, foi batizado com o nome Bruno devido às preces que sua mãe fez ao beato, que naquele tempo já alimentava fervorosamente a espiritualidade de sua amada mãe, que fora educada em um internato de freiras. As preces foram atendidas e o menino vingou, saudável e robusto.

A mãe obviamente não tinha forças suficiente para acompanhá-lo em suas traquinagens e brincadeiras com os amigos. Então, a Índia Jandira, filha de um velho índio chamado Pedro Jagunço, que outrora foi capataz nas terras do bisavô materno de Bruno, Victor Thibes, tornou-se, além de babá, seu anjo da guarda. A missão de Jandira era afastá-lo dos perigos em que se metem todas as crianças aventureiras.

Talvez Jandira tenha sido até goleira, mas certamente, foi torcedora das peladas futebolísticas que o garoto jogava nos campinhos de futebol improvisados, nas poucas partes secas dos banhados que se estendiam desde a Rodoviária até a "Vila Sapo" (Bairro Vila União). Bruno viveu uma infância cheia de liberdades. Como diz o poeta: "Correndo atrás das asas ligeiras das borboletas azuis."

O pai Atílio, embora sempre muito atarefado, pois principiava uma empresa de produção de sementes, também aproveitava a infância do filho se fazendo presente em tudo o que podia, até mesmo brincar o carnaval infantil nos clubes sociais da cidade, carregando o menino nos ombros feito um herói laureado pela coroa do amor.

Ledo engano pensar que o menino tenha nascido em berço esplêndido. Sagaz e atento, viu o pai e a mãe enfrentarem dificuldades e até venderem a casa da família, que ficava em área nobre, no centro da cidade, e mudarem para uma casa bem simples. A agência bancária não perdoava e nem perdoa dívidas, mesmo que a família não tenha onde morar.

Por sorte o avô materno de Bruno, Levi Linhares da Silva, deu acolhida ao casal e ao menino. O tempo foi passando e as fartas terras de Xanxerê, destocadas dos nós de pinheirais, produziam cereais cada vez mais.

A empresa foi erigida sob o signo da honestidade, pois Atílio Bortoluzzi, cada vez mais tornava-se respeitado entre os produtores rurais por ser fiel na balança. E ao menino, deixou um legado: "Essa é a história da minha vida: Não se tira nada de ninguém." O menino teve como professora financeira e administrativa a mãe, que comandou a empresa até os últimos dias de sua vida. E seu pai Atílio, com seu estilo italiano turrão e meio bronco, cativou a confiança cada vez maior de um ramo, o agronegócio, que se expandia cada vez mais.

Quando jovem, inspirado nas ideias políticas de seus tios Rovilho Bortoluzzi e João Cândido Linhares, escolheu cursar Direito. Formou-se, abriu um escritório, casou-se com Karla Moschetta, porém, quando o pai já com longa idade perdeu as forças no comando da empresa, fechou seu escritório e assumiu as rédeas do trabalho.

No entanto, no fundo mais profundo da alma, latejava o desejo de mudar o mundo, pelo menos em sua volta. Untado e lambuzado pelo barro xanxerense, já sabia desde sempre que tinha privilégios que seus amigos não tinham. Não se jogou na política como quem tem sede de poder. Foi se preparando aos poucos, conhecendo e aprendendo. Ainda bem jovem, tornou-se presidente da ACIX e seguiu presidindo outras entidades mais. Foi o Vereador mais votado da história de Xanxerê.

Ele, que nasceu no Portão paranaense, abriu as portas para que os filhos adolescentes conhecessem o mundo e fossem estudar nos Estados Unidos. Tornou-se prefeito e entregou o comando da empresa aos filhos Matheus e Vicente. Como prefeito não conseguiu realizar tudo o que queria e desejava, mas sabe-se que fez muito por Xanxerê. Não se reelegendo, voltou a trabalhar na empresa que havia se expandido ainda mais, sem tirar o comando dos filhos.

Enfrentou um terrível câncer, e talvez Jandira, a Índia - anjo da guarda que há tempos havia partido, tenha com sua luz tocado o menino que, curado, adquiriu mais calma e passou a ouvir o canto dos passarinhos e o barulho da chuva no telhado.

Bruno Linhares Bortoluzzi, foi agraciado com o prêmio Empresário do Ano 2018.



Bruno Linhares Bortoluzzi, nasceu em Curitiba - PR, em 21 de Dezembro de 1964. Filho de Atílio Bortoluzzi e Nilva Linhares Bortoluzzi. Casado com Karla Moschetta Bortoluzzi, com a qual tem os filhos Matheus e Vicente e a neta Maria.

Por questão da saúde delicada de sua mãe Nilva Linhares Bortoluzzi, Bruno nasceu em Curitiba, no Paraná, precisamente no Bairro Portão. Porém, sua família já morava em Xanxerê. Bruno é o único filho do casal, e seu nome, Bruno, foi escolhido pelo fato de sua mãe ser devota de Frei Bruno.

Sua mãe é natural de Campos Novos - SC, e seu pai é de Lacerdópolis - SC. Antigamente, Lacerdópolis denominava-se Barra Fria e pertencia a Campos Novos.

Bruno Linhares Bortoluzzi relata: “Meu pai veio com meu avô Pedro Bortoluzzi para Xanxerê, lidar com madeira. Meu pai Atílio, nesse tempo, era motorista e tinha apenas quinze anos. Chegaram aqui no ano de mil novecentos e quarenta e quatro. Xanxerê nessa época só tinha indústria de exploração da madeira, estava no auge do ciclo madeireiro. A agricultura só existia para subsistência das famílias. Basicamente cultivava-se milho, mandioca e cana de açúcar.”

O NASCIMENTO DA EMPRESA

“Meu pai começou a lidar com a plantação, ou seja, com lavoura em mil novecentos e cinquenta e nove. Até então, ele era motorista de caminhão. Comprou um caminhãozinho e começou a transportar feijão na região do **Rio Chapecó, Quilombo, Águas Frias e Coronel Freitas**. Também carregava o caminhãozinho dele e levava para **Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro**.

Ele fazia um baita trecho e retornava com produtos industrializados que aqui na cidade não existiam na época, como sal, azeite, café... Mas ainda antes, bem no começo, ele trabalhava como mascate para o irmão dele, o tio **Rovinho Bortoluzzi**. Ele vendia máquinas de costura **Singer** em toda a região, e depois ele começou a vender também aviamentos.

Aí ele conheceu a região e viu que tinha essa potencialidade. Numa das vindas dele de **São Paulo** para cá, conheceu a **Agroceres**, e começou a trazer pequenas quantidades de milho híbrido, que aqui não existia na época.

Naquele tempo, existia variedade, espiga que era melhor e se utilizava apenas o meio para produzir a semente crioula. Então, ele trouxe para cá um cruzamento híbrido de **São Paulo**, lá da **Agroceres** e por isso ele é *o distribuidor mais antigo na história da Agroceres*.

Faz cinquenta e nove anos que somos distribuidores das sementes **Agroceres**, e a empresa **Sementes Bortoluzzi**, já completou sessenta e um anos de existência.

Meu pai **Atílio Bortoluzzi** começou com a empresa em Fevereiro de mil novecentos e cinquenta e nove, legalmente constituída como empresa. O nome da empresa era **Atílio Bortoluzzi**. Em mil novecentos e oitenta e quatro, a empresa foi rebatizada como **Sementes Bortoluzzi**.

No início, meu pai teve um sócio, o **Sr. Catani**. Logo se separaram e cada um seguiu o seu caminho.

Meu pai sempre plantou, mas as áreas de terra que possuía eram pequenas. As áreas grandes na região, iniciaram o plantio principalmente com soja. Esta cultura veio dos anos oitenta para cá. Antes não existia a soja, era somente o milho, lavouras apenas para a subsistência. Plantava-se o milho e o feijão em seguida. Não se tinha adubo nos anos sessenta. Isso apareceu apenas no final dos anos setenta. Pegava-se uma área de mata, de capoeira, roçava, queimava e aquelas cinzas eram utilizadas na correção do solo. Aí se plantava o milho, e no meio do milho, no espaço que tinha entre uma linha e outra, se plantava o feijão.

Produzia-se o milho para alimentar os porcos, para depois levar os porcos na tropa de mula até **Joaçaba**, e carregar no trem. Aqui era tudo muito rústico naquela época. *Assim contava meu pai.*”



Sede da matriz Bortoluzzi Sementes e Cereais, quando o edifício ainda se encontrava em construção.



Bruno com os pais Nilva e Atílio comemorando o primeiro aniversário.

INFÂNCIA

“Eu lembro que quando eu tinha cinco anos, mais ou menos em mil novecentos e sessenta e nove, eu estava na casa dos meus pais que ficava na Rua José de Miranda Ramos, sentado em frente de uma televisão preto e branco gigantesca. Na tela havia papel celofane de duas cores. A imagem era cheia de chuva.”

Eu estava assistindo a uma coisa que nunca vou esquecer: a transmissão do homem pisando na lua pela primeira vez. Foi uma coisa que ficou tão marcada para mim que eu lembro até a posição em que eu estava sentado. E aquela frase do Neil Armstrong ficou em minha cabeça: “Um pequeno passo para um homem, um grande salto para a humanidade.”

A primeira casa em que moramos aqui em *Xanxerê*, logo que viemos de *Curitiba*, era onde hoje temos a nossa empresa. Minha mãe tinha uma casa bem onde está esse prédio. O nosso trabalho ficava atrás da casa, onde hoje está nossa garagem.



Bruno comemorando seu sétimo aniversário com os amiguinhos.

Havia um barracão todo de madeira e ali limpava-se feijão, enfim, era o nosso trabalho. Depois de quatro anos, nos mudamos para uma casa na **Rua José de Miranda Ramos**, onde mora hoje a família **Ferrasso**.

Com sete anos, lembro que saímos dali e fomos morar do lado do **Joaquim Nabuco**, onde é a casa do meu avô **Levi Linhares da Silva**, pai da minha mãe.

Sempre convivemos perto da praça, com o **Sr. Cassiano Outeiro** levando o seu lindo cavalo para passear na cidade todo dia, e cuidando da praça. Ele é o pai da **Neiva Outeiro**.

Essa foi nossa infância. Tínhamos um campo de futebol maravilhoso perto da **Ferragem Cometa**, onde muitas e grandes partidas foram disputadas. Dali para frente, onde hoje é o depósito do **Supermercado Badotti**, havia um banhadão. Era o portal de entrada da **Vila Sapo**, que ia até a distribuidora de bebidas **Serra Malte**, na metade do percurso da **Rua Papa João XXIII**.”



Bruno com Jandira, sua babá índia, que viveu a vida inteira com a família.



Atílio e Bruno, passeando com os cachorros.



O jovem casal Nilva e Atílio Bortoluzzi.

MEUS PAIS

“Meu pai contava que teve uma grande dificuldade financeira entre o fim de mil novecentos e sessenta e nove e mil novecentos e setenta. Antigamente, as contas eram rigidamente cobradas. Nós saímos da casa na **Rua José de Miranda Ramos**, e a entregamos para o Banco do Brasil para quitar as dívidas. Por esse motivo, fomos morar na casa do meu avô na **Rua Olavo Billac**, bem ao lado do **Joaquim Nabuco**. Minha infância foi bem normal.

Minha mãe sempre foi muito protetora comigo, mas era muito fragilizada de saúde. Eu tive quase uma segunda mãe, uma senhora chamada **Jandira**, que me criou e estava junto conosco desde que eu nasci. Ela era descendente de índios. O pai dela se chamava **Pedro Janguço**, era o homem de confiança do meu bisavô em **Campos Novos** na fazenda dele.

A **Jandira** cuidava de mim como se fosse minha guardiã. Ela me levava jogar futebol, me protegia quando eu me metia em brigas... Uma mulher de muita coragem.

Quis o destino que ela falecesse muito cedo. Com cinquenta e cinco anos teve um câncer e faleceu, mas antes disso, ajudou a cuidar dos meus dois filhos. **Jandira** era um membro da nossa família.

Minha mãe, em dado momento, começou a cuidar da parte financeira dos negócios. Até o dia do falecimento dela, que aconteceu numa madrugada, até o final da tarde daquele dia, ela estava assinando as folhas de cheque. Formou-se em Contabilidade no Colégio La Salle. Minha mãe era muito ativa dentro da empresa, cuidava de toda a parte do financeiro. O pai passou esse setor para ela, e ele era o responsável pela parte operacional.

Minha mãe Nilva, trabalhou até o último dia da vida dela. Faleceu aos oitenta e três anos. Foi uma mãe muito zelosa, mas acredito que conseguiu me criar dentro do que era para ser feito, porque se falava muito que eu seria bajulado, mimado, mas hoje estou aí, não tenho nada de mimado, sou casca dura mesmo e sei enfrentar a vida.

Meu pai Atílio era um homem excepcionalmente trabalhador. Um homem de uma força física impressionante que hoje eu vejo no meu filho mais novo. Era muito determinado, inquieto, muito bravo, rústico, pouco polido, mas tinha uma característica muito forte que até hoje carrego comigo, que não é virtude, é uma obrigação: a honestidade.



Por várias vezes eu presenciei ele pesando feijão na balança que até hoje mantenho preservada, que suportava a capacidade de dois mil quilos. Ele pesava toda a mercadoria sem a presença dos agricultores, pois confiavam no meu pai. Eu perguntava para ele como que conseguia que as pessoas confiassem tanto nele. Ele dizia: *‘Essa é a história da minha vida. Não se tira nada de ninguém.’*”

HONESTIDADE COMO OBRIGAÇÃO

“Hoje nós recebemos inúmeras vezes uma quantidade de produtos até maior do que se previa. Buscamos com os caminhões e fazemos a pesagem sem a presença dos agricultores. Então isso é uma coisa que passou de geração para geração, a honestidade. Mas não como virtude, como obrigação de todo ser humano.

O que eu guardo do meu pai é que ele era muito bravo, mas também era muito leal comigo. Quando precisei dele, nunca faltou.

Minha mãe não fez faculdade, e o meu pai era motorista de caminhão, mas nunca deixaram de me dar uma educação esmerada. Meu pai e minha mãe, foram dois opostos que se atraíram e os tenho como referência para minha vida. O lado do refinamento, o lado administrativo e o trabalho com meu pai.”



*Bruno Bortoluzzi com sua professora
Cleonice Badotti*

ESTUDOS

“Iniciei meus estudos no **Colégio Costa e Silva**. Eu tive o privilégio de fazer o pré escolar com a **Cleonice Badotti**. Levávamos um colchão para dormir à tarde, brincávamos, andávamos de gravatinha... Construí grandes amizades naquele tempo. Sou colega de pré do **Chiquinho Bodanese**, do falecido **João Henrique Vivan**, **João Alberto Tonial**... Minha primeira professora no primeiro aninho escolar, foi a **Cleonice Badotti**.

Estudei até o quarto ano no **Costa e Silva** e depois fui para o **La Salle**. O **Colégio** já era lá no alto da avenida. Só havia a parte antiga do colégio, a biblioteca e um campo de futebol de terra.

Meu pai me levava até o **Colégio La Salle** de fusca toda manhã. Depois, eu descia a pé para casa. Aquela parte da cidade era uma grande novidade para mim. Tive momentos muito marcantes no **Colégio La Salle**.

Para cima do morro, lá pelas bandas de onde hoje fica a Vantec, antigamente existia a famosa "Zona Velha", um conjunto de várias casas de meretrício. Era proibido até passar por perto. Contavam que já se podia pegar alguma doença, ou levar um tiro.

Nunca me esqueço que certa vez, chegando no colégio junto com o Joãozinho Berto, ele foi atropelado por um cidadão alcoolizado que estava descendo lá da "Zona Velha". A Avenida La Salle ainda era de calçamento.

Lembro também do Irmão Daniel tomando nossa tabuada todos os dias... Enfim, foi uma passagem muito importante para minha vida. Estudei no La Salle até o primeiro ano do Científico / Análises Clínicas que existia naquele tempo. Depois do primeiro ano, fui estudar em Florianópolis. Tinha o sonho de fazer Direito e em Xanxerê esse curso não existia ainda.”



HERANÇA POLÍTICA

“Meu objetivo em fazer o curso de Direito, era me tornar político, porque eu me inspirava muito no meu tio Rovillo, admirava o que ele fazia. Também meu tio João Linhares, irmão da minha mãe, era Deputado Federal. Meu tio Afonso, era prefeito de Abelardo Luz nos anos setenta pelo MDB, famoso “Manda Brasa”. O tio João Linhares era da Arena.

Meu pai sempre foi do MDB, da esquerda. E minha mãe sempre foi de direita. Tive esses contrapontos na minha vida.

Quando fui para **Florianópolis**, estudei no **Colégio Bardal**, no **Centro Comercial ARS**, na **Rua Felipe Schmidt**. O dono do **Bardal**, é irmão da **Dona Odette Badotti**.

Então, fiz o segundo ano e o terceirão lá. No meu primeiro dia de aula, meu Deus! Parecia que eu estava caminhando em direção à força. Eu era muito chucro e fui me enfiar em **Florianópolis**. Fui criado em uma geração que não se conversava quando uma visita chegava em casa. Ficávamos ouvindo, e muitas vezes tinha que ser atrás da porta.

Não tínhamos a liberdade que nossos filhos tem hoje em dia. Não sou tão velho, tenho cinquenta e cinco anos, mas era uma educação muito diferente. Não tínhamos essa interação. Quando meu pai fazia as reuniões com os amigos dele, eles só tomavam um whisky importado chamado **Cavalo Branco**.

O whisky não era só um litro, mas sim uma caixa. Tomavam uns quatro a cinco litros no jantar. Eu ficava esperando, porque a cada litro que eles bebiam, me davam um cavalinho que vinha pendurado, e só me davam depois de abrir. Era dessa maneira que a gente participava dos eventos sociais da família”.

UMA MUDANÇA ATRAPALHADA

“Outra coisa, é que fui para **Florianópolis** com dezesseis anos recém completados. Foi no ano mil novecentos e oitenta para mil novecentos e oitenta e um. Fui no caminhão do **Guinzelli**, que está até hoje em **Xanxerê**. Carregou nossa mudança, porque junto comigo foi o **Néδιο Wustro**, levamos sofá, cama, tudo para ir morar em um apartamento em **Florianópolis** que meu pai havia comprado.

Mas não sabíamos que lá nesse apartamento tinha horário específico para descarregar a mudança. Quando passamos por **Balneário Camboriú**, veja bem, resolvemos parar em **Balneário** para tomar uma cerveja. Imagina só, o **Guinzelli** que era o motorista era jovem também, e o **Néδιο** tinha dezesseis anos. Entramos na beira-mar de **Camboriú**, de caminhão, para tomar uma cerveja. E isso era umas cinco horas da tarde.

Acabamos nos atrasando para chegar em **Florianópolis**. Chegamos lá era onze horas da noite. Quando chegamos lá no prédio, o porteiro nos disse que tínhamos que voltar no outro dia de manhã para poder descarregar. Voltamos até a entrada, ali na ponte **Hercílio Luz**, para dormir em um posto que tinha perto do campo do **Figueirense**, no **Estreito**.

Dormimos eu e o **Néδιο** em cima do caminhão nos nossos colchões, porque o caminhão era enlonado, e o motorista dormiu na gabina. No outro dia de manhã descarregamos a mudança.

Depois de uns dois, três dias, meus pais vieram para Florianópolis para me acompanhar no meu primeiro dia de aula. Foi o dia mais terrível de toda a minha vida. Cheguei lá e encontrei aquele povo moderno falando chiado, e eu falando “leite quente dá dor no dente”, aí o negócio complicou.

Mas depois nos acostumamos, fizemos grandes amizades, tenho amigos de Florianópolis que continuam sendo meus amigos até hoje, e tenho amigos de outras cidades que eram colegas meus e continuamos sendo bons amigos.

Depois que fiz o curso, prestei vestibular em **Florianópolis**, bem no ano em que se mudou o sistema de vestibular, que era com questões de múltipla escolha e se tornou somatória. Era difícilimo. Fomos as primeiras turmas a fazê-lo neste modelo. Eu acabei não conseguindo passar em **Florianópolis**. Prestei também um vestibular em **Passo Fundo** e em **Itajaí**, e passei em **Itajaí** na **FEPEVI**, **Faculdade do Polo Geoducacional do Vale do Itajaí**.”



CURSANDO DIREITO EM ITAJAÍ

“O professor **Edson Vilela**, era o reitor. A faculdade ficava perto do cristo, no **Bairro Matadeiro**. Hoje está tudo mudado, chama-se **UNIVALI**.

Comecei a cursar **Direito** lá. Nos primeiros dois anos, eu ia para a faculdade e voltava de ônibus todas as noites. Depois passei a morar bem perto da faculdade, o que facilitou bastante.

Trabalhei por um ano para o **Deputado Jorge Gonçalves da Silva** em **Florianópolis**, mas nunca fui registrado. Ele me dava um salário mínimo como ajuda de custo. E isso foi durante o meu primeiro ano da faculdade.

Eu ia de carro para trabalhar, tinha um chevette na época. Deixava o carro na assembleia, da assembleia pegava um ônibus para **Itajaí** e quando voltava de noite, pegava o carro e ia para casa. Era um trajeto bem longo e demorado. A BR - 101 não tinha duplicação, então sempre dava engarrafamento. Isso quando não dava acidente, que trancava a BR por horas. Havia dias em que eu chegava às três horas da manhã em casa”.

FORMATURA

“A formatura foi bem bacana. Eu já namorava a **Karla Moschetta**, minha esposa. Meus pais e muitos amigos meus foram ao **Clube Guarani**, em **Itajaí**, onde foi realizada a formatura. A festa foi animada por uma grande banda lá do **Rio de Janeiro**. Foi um festão maravilhoso, tenho lembranças muito boas. Meus pais estavam muito orgulhosos. Imagina ver seu único filho se formando em **Direito**.

Depois que me formei, voltei para **Xanxerê**, abri meu escritório na frente do **Nabuco**, e no primeiro mês, já estava advogando. Meu número da **OAB** é **6205**. Havia seis mil duzentos e quatro advogados no estado de **Santa Catarina** além de mim”.

A FALTA DE CEBOLA PROVOCOU O NAMORO

“A **Karla** era namorada de um amigo meu. Eu tive um noivado que durou um bom tempo mas não deu mais certo, então eu estava solteiro.

Um amigo meu veio fazer uma janta no meu apartamento em **Xanxerê**, que eu sempre tive, porque de vez em quando eu vinha passar uns dias aqui enquanto estava na faculdade. Combinamos de fazer um carreteiro e esse amigo estava com a namorada, que era a **Karla**.

Só que naquele dia, faltou a cebola para fazer o carreteiro e a Karla disse que tinha na casa dela, então eu levei ela de carro para pegar a tal cebola. E acabou acontecendo um namoro. Ela também passou num vestibular em **Florianópolis**, em **Farmácia** e **Bioquímica**.

Eu morava em **Itajaí**, era o último ano da faculdade, e na época não tinha celular, muito menos telefone. Quando ela precisava falar comigo, mandava um telegrama pedindo para ligar para ela. Conversávamos via "telefone orelhão". Em alguns finais de semana, a **Karla** vinha para **Itajaí** e outros eu ia para **Florianópolis**.

Foi um ano maravilhoso nas nossas vidas, porque como eu estava acabando a faculdade, nós tínhamos muitos amigos em comum, então ela vinha para as festas da faculdade, eu ia para Florianópolis, íamos para muitas praias lindas desertas, acampávamos nessas praias... Foi uma época especial. Isso foi em mil novecentos e oitenta e sete. E foi acontecendo assim. Depois começou o namoro e ela já foi na minha formatura como minha namorada.”



O CASAMENTO

“O casamento aconteceu em **vinte e sete de Maio de mil novecentos e oitenta e oito**, o dia mais frio da história. O namoro foi curto, durou apenas oito meses. Casamos em **Xanxerê**.

Imagina só como foi. Foi um choque naquele momento para as pessoas que não tinham uma amplitude mental sobre política, e não aceitavam a diversidade, porque eu era do **PMDB**, e o **Sr. Doílio**, pai da **Karla**, era o prefeito pelo **PDS**. Como eu vim de uma família em que o pai e a mãe pensavam politicamente de um jeito diferente, não tive dificuldade nenhuma.

A festa foi feita lá no pavilhão principal da **FEMI**, o **Sr. Doílio** carneou quatro bois e eu mais quatro, para mil e duzentos convidados. Foi uma baita churrascada.

Na época, a **AGROCERES** presenteou meu pai, mas foi pelo meu casamento, com uma banda muito famosa de **São Miguel do Oeste**, **Nativos Status Show**. Compramos muito whisky em caixa, lembro que a marca era **Natu Nobilis**, e um amigo nosso de **Videira**, o **Pena Branca**, forneceu vinho de garrafão para todos os convidados. E para mil e duzentas pessoas, como o **Sr. Doílio** era muito bem quisto por parte dos funcionários dele, tinha mais de trezentos garçons atendendo. E ainda era com espeto corrido na mesa, não tinha *buffet*.”



Bruno e Karla, já casados, dirigindo-se para a festa de casamento no pavilhão da FEMI.



Atílio, Nilva, Bruno, Karla, Doílio e Irina.



Mesas preparadas para receber os 1200 convidados para a festa de casamento.



Casal Bruno e Karla em momento romântico atualmente.



FILHOS

“Meu primeiro filho, **Matheus**, nasceu no dia trinta e um de Outubro de mil novecentos e oitenta e oito. Foi bem rápido na verdade. Já estava meio programado antes ainda do casamento. O **Sr. Doílio** foi saber lá no casamento que seria avô.

Foi uma alegria imensa para eles a chegada do Matheus. Depois veio o segundo filho o Vicente, que nasceu em Junho de mil novecentos e noventa. A Karla chegou a ter um aborto entre meio os dois filhos, que eu sempre digo que seria a menininha da minha vida, mas não deu. Hoje eu tenho minha neta Maria com dez anos.

Eu sempre trouxe eles comigo dentro da empresa, na granja, em tudo. Para onde eu ia eu levava eles junto. O parque de diversões deles era aqui dentro da empresa, correndo, andando de bicicleta, se enroscando em arame farpado... Enfim, eles sempre se criaram muito junto conosco. Eles tem dois anos de diferença.

Eu assumi a empresa mesmo em mil novecentos e noventa, mas na verdade eu sempre trabalhei com meus pais desde meus doze anos. Até quando eu fui estudar, nas férias eu vinha para trabalhar com eles.

Meus pais aqui dentro da empresa tinham muito respeito entre eles. O pai só tomava alguma decisão depois que ele consultasse principalmente a opinião da minha mãe, que era da parte administrativa. Até os últimos dias de vida, enquanto ela tinha a capacidade de decidir ela era consultada. Não é tão rápido quanto agora. Era uma empresa menor, nossa área de atuação também era bem pequena. Ela cresceu muito depois que meus filhos entraram junto comigo.

A Karla sempre teve em mente que os filhos tinham que ir estudar fora. Eu entendi que seria importante, porque eu perdi a oportunidade de aprender o inglês no colégio e agora tenho uma grande dificuldade. Achei muito interessante essa oportunidade de estarem indo para fora do país principalmente para aprender uma língua nova e falar fluentemente.

Os dois moraram por um período de um ano nos **Estados Unidos**, no estado de **Minnessota**, que fica perto do **Canadá**, dos grandes lagos do **Norte**, lá no frio mesmo. Primeiro foi o **Matheus** com quinze anos, e depois de um ano, quando ele voltou, o **Vicente** foi para lá. Quando o **Matheus** voltou, foi para **Florianópolis** para fazer **Direito** e o **Vicente** quis estudar em **Xanxerê**, não queria mais sair daqui. Quando eles retornaram, eu já estava envolvido na política.”



Matheus, Bruno e Vicente



ASSUMINDO OS NEGÓCIOS DA FAMÍLIA E PARANDO DE ADVOGAR

“Comecei a trabalhar diretamente na empresa em mil novecentos e oitenta e oito, e em noventa, meu pai sofreu um AVC. Fechei meu escritório de advocacia, porque eu trabalhava tanto no escritório, quanto na empresa. Só que quando meu pai teve o AVC, não conseguia trabalhar nas duas coisas, então eu parei com o escritório. Passei o escritório para meu primo **Levi Linhares Neto**, e ele topou, então comecei a trabalhar na empresa e nas nossas lavouras.”

ENVOLVIMENTO COM ENTIDADES

“No final de mil novecentos e noventa fui presidente da APAE. E a partir da virada do milênio, em dois mil, tornei-me presidente do Clube dos Criadores de Bovinos, presidente do Rotary Club e ACIX.”

POLÍTICA



“Tornei-me presidente do **PPR**, partido político sucessor do **PDS**. Em dois mil e quatro, me elegi como Vereador. Foi um fato histórico. *Fui o Vereador mais votado da história de Xanxerê. Até hoje, ninguém recebeu tantos votos como eu recebi para Vereador. Foram mil oitocentos e oitenta e nove votos.*

Fiquei até dois mil e oito como Vereador. Na época da eleição, o **Matheus** ainda morava nos **Estados Unidos**, e eu estava no celular com ele no momento em que saíram os resultados da eleição, contando que eu havia me eleito. Mas ele só queria saber se o **Cecatto**, que era amigo dele, tinha conseguido se eleger.

Quando o **Matheus** veio de **Florianópolis** para **Xanxerê** em dois mil e sete, ele começou a administrar a empresa junto comigo. Em dois mil e oito, eu fiz a campanha para prefeito e o **Matheus** teve que assumir a empresa sozinho.

A minha função a partir daquele momento, era cuidar da cidade de Xanxerê, não mais cuidar da empresa. Nesse tempo, o **Vicente** também estava voltando dos **Estados Unidos** e cursou **Veterinária** em **Xanxerê**. Aí com dezesseis anos, o **Vicente** começou a cuidar das lavouras, e o **Matheus** a cuidar da parte administrativa e comercial.

Hoje cada um já está conseguindo fazer muito bem o seu trabalho. O **Vicente** cuida da parte operacional de produção de sementes de soja da empresa, porque temos uma marca **Sementes Bortoluzzi**, cuida do gado de leite da fazenda, me ajuda nos silos, e cuida da transportadora que foi fundada por eles chamada **BLB**, que são as minhas iniciais.

Eu dei apenas o início, mas a empresa é deles. Hoje eles possuem caminhões que fazem o transporte de cereais para os portos. O **Matheus** administra a parte comercial, os agrônomos.”

EXPERIÊNCIA COMO VEREADOR

“O que levo para minha vida dessa experiência como Vereador, é o conhecimento da máquina pública, porque antes de ser Vereador eu fui por seis meses, Secretário da Indústria Comércio e Agricultura do Sr. Avelino. Como Vereador, por ser bacharel em Direito, eu tinha uma facilidade de trabalhar, interpretar, votar e criar as leis.”



Acabei arrumando desavenças com amigos políticos meus, companheiros que achavam que isso faria com que eu concordasse com certas coisas apenas por ser amigo deles. Inclusive na metade do meu mandato, acabei virando oposição. Então, me candidatei a prefeito, tendo o **Leandro Vigo** como vice.

O legado que a câmara deixou para mim foi a possibilidade de conhecer o poder público, que é muito diferente da iniciativa privada.”

PÚBLICO E PRIVADO

“Não tem como se confundir um com o outro. Talvez o povo mais leigo diga que deveríamos agir no município como se age na iniciativa privada. É uma asneira. Não é assim. O poder público existe para uma coisa e o setor privado é para outra coisa.

O setor privado serve para gerar emprego, a princípio, renda, enquanto sonho de crescimento de uma comunidade, sociedade, de um município, estado ou país. É essa a sua função, gerar crescimento econômico.

O setor público tem a função de proporcionar necessidades básicas para a população, como saneamento básico, que gera saúde, educação e diminuição das diferenças. É o poder público que tem que equilibrar essas diferenças. Ou seja, contemplar com saúde e educação, os mais fracos, porque os mais fortes tem como se defender.

Tem que ter qualidade no ensino público, e para isso acontecer, tem que ter investimento. Quem faz o investimento é o município, o estado e a união, ambos em suas esferas de atuação. A receita para que o poder público possa trabalhar bem, vem do setor privado, da economia através dos impostos.

Mas administrar bem os negócios, é uma capacidade que o gestor público tem a obrigação e o dever de ter, porque ele não pode administrar mal os recursos. Eu nem falo dos que roubam, isso está fora de contexto. Isso é banditagem, crime. Isso não deveria existir.

Eu sempre tive um dizer em todas as minhas caminhadas políticas e continuo dizendo: “Dinheiro público é sagrado”. É a radioterapia das pessoas que estão com câncer e com os dias contados para fazer o tratamento. O leite específico para uma criança especial tomar, porque a mãe não tem condição de comprar e o poder público tem que fornecer. A cirurgia de emergência que o cidadão precisa fazer, porque se não, morre. Uniforme da criança de um operário que não tem condições de comprar para o filho para ir para a escola com um tênis, uma calça, uma bermuda, casaco... Então o dinheiro do poder público é algo muito importante.

Nem se fala em subtrair por baixo dos panos, se fala em competência da gestão desse dinheiro. Usar mal o dinheiro público, é tanto pernicioso quanto roubar. Então o poder público não está aqui para construir para particular, trazer benesses para outro, mas tem que ter incentivos fiscais para atrair emprego e empresas para fazer esse trabalho, e isso é um dever. É a arma que ele tem para atrair investidores. Mas se para por aí, porque tem que atender a população.”

PRESIDÊNCIA DA ACIX

“Senti muito orgulho e uma alegria imensa. Foi fantástico ser presidente da **ACIX** em dois mil. Lembro que fui convidado na época por amigos meus, **Dalla Santa** e **Conte**, ex-presidentes, e **Ivete Vicini**, que foi minha vice.

Eu era muito jovem ainda, então achei o máximo, porque aprendi e cresci muito com os ex-presidentes. O **Albino Arcari** me ajudou muito na época como presidente. Ele foi o grande mentor dos núcleos setoriais, e nós tivemos grandes lutas pela **ACIX**.

A maior delas, foi trazer para Xanxerê a Escola Técnica Federal. Na época do Fernando Henrique, o ministro era o Paulo Renato. Fomos até Brasília juntamente com o Albino e Adriano Vanzin, que eram os diretores da ACIX, para pleitear essa grande conquista que precisávamos, juntamente com o Genésio Téo. Eu aprendi muito nesse envolvimento. Quis Deus que, enquanto prefeito, pude ver esse sonho realizado.

Eu fui prefeito em dois mil e oito, e em dois mil e dez o **Instituto Técnico** se instalou. Então iniciamos a luta na época com o **Jorge Bornhausen**, **Paulo Renato**, os ministros, e dez anos depois, como prefeito, consegui negociar com o governo federal.



Na época, quem muito colaborou foi a deputada **Ideli Salvatti**. Como não sou uma pessoa mal agradecida, reconheço essa colaboração. **Ideli Salvatti** não só ajudou na instalação da escola técnica como ajudou na duplicação da BR - 282. Sou muito grato.

Claro que fizeram o trabalho deles, mas tinha outros lugares em **Santa Catarina** que eles poderiam ter feito esse trabalho. Enfim, tivemos o apoio desse pessoal. Conseguimos trazer o **Instituto Federal de Educação de Santa Catarina** para cá. Lembro que a **Margarida Hann**, foi a primeira reitora, uma pessoa muito competente.

E essa foi uma luta que começou dentro da ACIX. Sempre teve essa força do setor privado, e a ACIX também dá um norte no setor público, porque se o setor público sai da linha, a ACIX puxa a orelha, porque é ela que traz os recursos para o setor público gerenciar. E desde a sua criação, a ACIX tem lutado para trazer obras e instituições públicas que venham alavancar o crescimento da cidade. São grandes bandeiras conquistadas pela ACIX.”

OS TRINTA ANOS DA ACIX

“Quando eu comecei a participar da ACIX eu era bem jovem, não tinha nenhuma espécie de envolvimento político na cidade ainda. Foi minha primeira experiência dentro de uma entidade organizada, apolítica e empresarial, não sendo clube de serviço.

Foi muito bacana. Agradeço muito essa oportunidade que tive. Tivemos a felicidade também de comemorar os trinta anos da ACIX na época em que eu fui presidente. O Deputado Gelson Merísio era o presidente da FACISC, e conseguiu para nós uma verba para o evento. Foi tudo muito bacana, um momento agradável. Tivemos a presença da cantora paraguaia Perla. Foi um momento impar da ACIX. Para mim foi uma grande alegria.

Claudete Zulian era nossa secretária. Nossos braços eram a Marcia e a Elisa. Tenho muita alegria de ter feito parte desse momento. É fantástico o trabalho que a ACIX faz”.

PREFEITO DE XANXERÊ

“Comecei a despertar um interesse em me tornar prefeito, quando, como Vereador, descobri nas discussões diárias que havia como fazer melhor. E na época, o Brasil vinha em um crescimento econômico muito grande.

Eu ia para Brasília como Vereador e descobri que existiam caminhos para abrir e trazer recursos para Xanxerê, porque tínhamos sonhos, éramos sonhadores, tínhamos muita vontade de fazer as coisas.

Me elegi Vereador com quarenta anos. Assumi, fui eleito prefeito juntamente com o Leandro Vigo, a sociedade depositou a confiança em nós, tinham esperança que pudéssemos realizar grandes mudanças, e nós entramos nesse embalo.

Ganhamos na época a eleição do ex-prefeito Julião Bodanese, candidato fortíssimo que era apoiado pelo governador e pelo prefeito da época. Foi uma grande vitória!

Nós assumimos o governo, e registra-se aqui, que o Sr. Avelino Menegolla nos entregou o município em ordem, com nenhuma dívida, tudo na normalidade. Iniciamos o trabalho no dia primeiro de Janeiro, fomos para Brasília, e conquistamos muitas coisas que sonhávamos em oferecer para a nossa cidade.”

OBRA DO ESGOTO EM XANXERÊ

“Uma coisa que eu nunca admiti é que Xanxerê, sendo uma cidade punjante, rica e maravilhosa, não tivesse um sistema de tratamento de esgoto, nenhum ponto. Infelizmente está assim até hoje, por incompetência dos gestores que me sucederam, porque na minha administração, junto com o governo federal, entreguei ao município no final de meu mandato, mais de mil unidades de tubulação ligadas, e a estação de tratamento de esgoto toda pronta. Ficou faltando apenas a complementação da segunda etapa, para iniciar o processamento.

Não sei porque motivos não conseguiram prosseguir. Não temos tratamento de esgoto ainda, que é uma necessidade básica, uma questão de saúde para toda a população.”



CASA PRÓPRIA, SAÚDE, TRABALHO, EDUCAÇÃO, PRAÇAS

“Outra batalha que nós tínhamos, era melhorar a situação dos jovens, dos idosos e dos cidadãos que tinham o sonho de ter a casa própria e não conseguiam realizar. Aqui em Xanxerê o primeiro núcleo habitacional criado nos anos sessenta, no Bairro Castelo Branco, foi a COAB.

O segundo, foi no Bairro Novo Horizonte. Depois nós tivemos um ensaio no Bairro Leandro e não se teve mais notícias. Assumimos o compromisso com a população de construir mais de seiscentas unidades habitacionais para famílias de baixa renda, e graças a Deus, faltaram apenas algumas que estavam em finalização no Bairro Bela Vista, mas que foram construídas em seguida.

Foram quinhentas e oitenta e quatro chaves entregues nas mãos da população. Faltaram apenas dezesseis. Mas a promessa não era que fosse tudo gratuito não. O projeto era para pessoas do Minha Casa Minha Vida, que o governo federal nos ajudou e conseguimos fazer.

Durante trezentos e sessenta e cinco dias por ano, vinte e quatro horas por dia, proteção da saúde do povo de Xanxerê. Criamos o "Saúde Vinte e Quatro Horas", com todo o atendimento necessário para amenizar o sofrimento da população.

Cumprimos com a nossa promessa. Agora o povo tinha moradia, saúde e precisava de trabalho. Criamos locais para empresas crescerem. Pegamos um terreno e colocamos sete novas empresas lá. Conseguimos criar um verdadeiro distrito industrial. Hoje a família do Honorino Bortoluzzi já está comercializando mais terrenos na área desse distrito, que já se tornou um grande distrito industrial e vai crescer cada vez mais.

Inclusive, o distrito industrial leva o nome do meu avô, Pedro Bortoluzzi. Consegui juntamente com o Irineu Moschetta, que é tio da Karla, mas o considero como tio também, vender terrenos com juros subsidiados com um longo prazo para pagar e criar novas empresas, perto da Linha Baliza. Lá já tem cinco novas empresas instaladas.

Conseguimos então fazer as empresas se instalarem, gerar renda, as pessoas tem saúde, tem casa para morar... Mas ainda com tudo isso, faltava também a educação.

Fizemos reformas em inúmeros escolas, construímos outras e também creches. Dessa maneira as mães poderiam trabalhar tranquilas, porque se ela está trabalhando para garantir a subsistência, não tem dinheiro para contratar uma empregada, e graças a Deus, conseguimos até mesmo triplicar a capacidade de vagas nas creches.

Construímos uma creche maravilhosa chamada Lídia Bortoluzzi, que fica perto da garagem da prefeitura.”

INSATISFAÇÃO

“Só que eu não me sentia satisfeito. A alma não sobrevive apenas de alimento orgânico, de alimento matéria. A alma precisa de alegria e contentamento. Tínhamos de arrumar as praças do município, inclusive a praça central.

Fizemos praças no Bairro La Salle, São Jorge, e em vários outros.

Infelizmente só não conseguimos concluir a segunda etapa da implantação do saneamento básico. Mas é assim, a população acreditou que deveria se dar a oportunidade para outro gestor, e com a maior humildade, aceitei”.

RETORNANDO PARA A EMPRESA

“Eu já tinha a certeza absoluta que não retornaria para dentro da empresa para tirar o lugar do meu filho. Não seria justo. Ele tocou a empresa, ampliou e a fez crescer. Não tiraria o lugar que ele conquistou.

*No ano de dois mil e onze ampliamos nosso leque de negócios, e construímos uma cerealista na **Linha São Paulo**, para receber grãos, porque estávamos deficitários nesse setor, e já me posicionei em Janeiro para a **Linha São Paulo**, onde eu trabalho.*

*Mas a empresa se estende muito além de Xanxerê, cresceu muito. **Tenho dois filhos arrojados, bastante visionários e com muita coragem. Com o meu suporte, porque estou sempre junto com eles, os orientando, analisando se os passos deles estão sendo corretos, cobrando quando acho que não estão, e trazendo a credibilidade advinda do meu pai, do avô deles, da avó, para ampliar.***



E sendo franco, faço isso porque meus filhos almejam isso, mas se fosse para o "Bruno empresário", eu teria o suficiente para viver uma vida tranquila. Como empreendedor, junto com meus filhos, eu recebi um "up", rejuvenesci da noite para o dia e estamos trabalhando firmes e fortes.

Hoje temos filiais em **Descanso**, no **Extremo Oeste**, em **Maravilha**, e em **Xanxerê** trabalhamos com três unidades de segmento de grãos. Temos unidades em **Faxinal**, **Ponte Serrada**, e também uma unidade de processamento de sementes em **Abelardo Luz**.

Nesse ano de dois mil e vinte, a empresa completou sessenta e um anos. *Eu até brinco que o engraçado é que meu pai tocou a empresa por trinta anos, depois eu toquei por vinte anos, e agora meus filhos estão tocando há mais de dez anos.*

PRÊMIO EMPRESÁRIO DO ANO 2018

“Toda essa homenagem e reconhecimento vindos de pessoas honradas, capacitadas e seus colegas de ramo, empresários, sem interesses ocultos, que não é manipulado e sim espontâneo, não é um coroamento apenas ao meu trabalho, mas sim ao trabalho de toda uma equipe. O **Bruno** foi eleito **Empresário do Ano**, porque a empresa dele está desenvolvendo um trabalho.

E isso se deve à equipe que compõe a **Sementes Bortoluzzi**, que está com energia, vontade, disposição, unidos em prol de um objetivo que é crescer e prestar um serviço de qualidade, eficiência, com uma tecnologia avançada em favor da agricultura de **Xanxerê** e de toda a região Oeste do estado de **Santa Catarina**.

Eu sempre dediquei este prêmio, do primeiro minuto até hoje, aos meus pais, à própria **Associação Empresarial de Xanxerê**, aos meus colaboradores, meus filhos, todos que estão envolvidos de alguma forma”.

UMA EMPRESA É UM TIME

“Eu vejo que o nosso time é muito despojado, não é centralizador. Nós dividimos muito as coisas com nossos colegas de trabalho. Nos nivelamos e igualamos a eles no trabalho. Participamos junto, elaborando o trabalho, assim como o nosso.

Apesar da minha imagem, em virtude da política, ter sido construída como um homem ditador, que foi como me apelidaram na época, eu não sou isso. É uma imagem criada devido a minha fisionomia de pouco sorriso, talvez um pouco mais séria, mas é meu estilo. Sou uma pessoa que tem um coração maior que o peito e que gosto muito de colaborar com o trabalho de todos.

Faço questão de cumprimentar todos os meus funcionários, um a um, todos os dias. Vivo o problema deles, não só no trabalho, inclusive familiar, sou parceiro, sou amigo dos meus funcionários. A coisa que mais me dói no coração é quando tenho que desligar algum funcionário da empresa. Sofro muito, antes, durante e depois, mas às vezes tem-se que tomar essa atitude como líder do negócio”.



Equipe de colaboradores da Matriz da Bortoluzzi - Sementes e Cereais.



AGRICULTURA EM ASCENÇÃO

“Outra coisa que também favoreceu nosso crescimento, foi a ascensão da agricultura na nossa região. De dez anos para cá, a agricultura vem vivendo um momento histórico. É o preço do soja na **China**, que está valendo muito, quebrando recordes, assim como o milho e as carnes sendo exportadas para os **Estados Unidos, Europa, Oriente Médio**, produtividade crescendo, o **Brasil** se tornando o maior produtor de soja do mundo.

É um momento ímpar da agricultura. Deus está nos ajudando muito com o clima favorável, estamos tendo safras e mais safras recordes, uma após a outra.

Porém, o nosso maior problema, é o transporte disso tudo. Se os governantes catarinenses, tiverem apoio suficiente dos governantes federais, e tiverem a visão suficiente para compreender o complexo logístico do oeste catarinense, eles vão salvar nossa região, porque se não tiverem esta compreensão, tudo aqui se tornará inviável. Pode ter certeza.

Nós vivemos longe de **Curitiba**, de **Porto Alegre** e de **Florianópolis**. Estamos a quinhentos quilômetros de todos os portos catarinenses.

Aqui em Santa Catarina temos mão de obra, clima bom e estrutura para produção de proteína animal. O que falta para o oeste de Santa Catarina são estradas, boa logística de transporte, e não esses carreiros que se chamam BR – 282 até Campos Novos e a BR – 470 que vai de Campos Novos até Itajaí.”

ACEITARIA SER PREFEITO NOVAMENTE?

“Sinceramente, quando fui presidente da **APAE, Rotary, ACIX** e agora sou presidente do **Sindicato dos Agricultores...** Concorri para meu segundo mandato por brio, orgulho e para não ser chamado de covarde. Eu posso ser tudo, menos covarde. Eu passei por coisas muito piores que uma reeleição. Eu fui com a cara e a coragem, porque não contemplava interesses particulares que queriam me forçar.

Muitos amigos se tornaram meus algozes quando concorri novamente. Perdi de cabeça erguida mas nunca quis concorrer novamente a um segundo mandato.

Gostaria que o **Leandro Vigo** tivesse concorrido a prefeito, e eu faria campanha para ele, mas não era o desejo dele também e eu respeitei.

Então, eu digo que hoje não tenho vontade de ser gestor, porque eu acredito para que alguém faça alguma coisa na vida, tem uma palavra que pode até ser chula, mas para mim mata toda essa charada: *“tesão”, porque tudo o que você faz com prazer, você faz bem feito.*

Não existe nenhum sentimento, seja químico ou físico, que mexa com o cérebro tanto quanto o dito tesão. É uma coisa inerente ao ser humano, ter a vontade. Se não, não vai valer a pena. Eu vejo que tem muita gente boa e preparada e que vai dar o sangue pela cidade de Xanxerê. E eu não tenho o direito de roubar essa oportunidade dessas pessoas. Claro que vou estar sempre acompanhando, torcendo, fazendo campanha...”

VENCENDO UM CÂNCER

“Muda tudo. Tornei-me mais forte, mais humano, mais emotivo, tornei-me mais gente. Claro que qualquer dor de garganta, qualquer tosse mais forte, provoca um medo muito grande depois do que passei. Você fica vulnerável, porque toma-se senso do quão difícil é enfrentar uma doença como essa.

Eu fiz quarenta e cinco sessões de radioterapia. Não comia direito, não sentia o gosto da comida, porque nem saliva eu produzia. Sofro efeitos colaterais das radioterapias até hoje, isso que já se passaram dezenove anos. A vida muda completamente, mas eu sempre penso: Ufa, estou vivo!

Depois de vencer uma doença como essa, você começa a valorizar cada pôr do sol, o canto do passarinho, o sorriso de uma criança... No auge dos meus trinta e seis anos eu era uma máquina de viver, um consumista, playboy, apaixonado por carros, festas... Hoje eu tomo um bom vinho e sinto o gosto. Na época eu tomava uma garrafa como se fosse água. A doença te dá um polimento.



Me dói muito ver pessoas que contraem esse tipo de doença, e não tem a possibilidade de realizar um tratamento rápido e eficiente como eu pude. E é aí que eu retomo o assunto do poder público, que é o responsável de contornar essas situações, para que o pobre tenha o mesmo direito de viver.”

NETOS

“Tenho uma só, estou esperando o resto! Ela é a grande paixão da minha vida. Quando eu era prefeito, a **Maria** tinha dois aninhos. Eu começava a trabalhar na prefeitura às seis da manhã e saía às dez da noite. Cansei de comer sanduíche de lanche e fumava muito, parecia uma chaminé. Devorava três carteiras de cigarro por dia.

Quando o Matheus chegava com a Maria, eu tomava um banho completo para tirar todo aquele odor, passava muito perfume, para poder dormir junto com ela. Não tinha coisa melhor. E somos assim até hoje. Se a **Maria** me ligar, aonde ela estiver eu vou até ela.

Às vezes que ela sentia o cheiro, não me falava diretamente, mas dizia: ‘Vô, que cheiro forte de cigarro!’ Foi aí que larguei de vez. No dia em que completei cinquenta anos, fumei a última carteira de cigarro da minha vida.”



Bruno, Maria, Karla, Matheus e Vicente.



“SEMENTES DE



Bruno Linhares Bortoluzzi



UMA CONQUISTA!”





DEPOIMENTO

Luiz Carlos Bazi

“Faz trinta anos que trabalho na empresa da família **Bortoluzzi**. Minha função hoje é de coringa, faço de tudo um pouco. Onde me chamam eu vou. Trabalhei durante muitos anos como motorista.

O **Bruno** é bem gente fina. Trabalhar com ele é muito bom. Não tenho queixa nenhuma dele. Eu comecei a trabalhar aqui no dia primeiro de Junho de mil novecentos e noventa.

Sou de **Xaxim**. Vim para **Xanxerê** com quinze anos. Agora estou com setenta. Comecei a trabalhar com quarenta anos, como guarda da empresa no centro da cidade. Quando eu entrei na empresa, o **Sr. Bruno** já era casado e os filhos já eram nascidos.

Eu sempre digo que não é porque eu trabalho na firma, mas se todos tivessem um patrão que nem o **Bruno** seria muito bom, porque ele não é nosso patrão, é o nosso companheiro, um amigo. Não é de chegar soberbo, mandando e gritando. É o nosso parceiro. Teve uma época em que eu pedi para sair da empresa e ele não deixou, e estou aí até hoje.”



Caminhões em espera para pesar e descarregar cereais nos silos da Linha São Paulo.



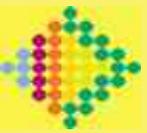
Trabalhadores ensacando grãos das Sementes Bortoluzzi.



Bruno com seus colegas Rotarianos.



Inauguração da Filial da Sementes Bortoluzzi em Descanso - SC.



Biografia do Empresário do Ano 2019

FABIANO SOMENSI





LOUCURA, AUDÁCIA E CORAGEM

O menino adolescente Fabiano Somensi, nunca teve medo de trabalhar. O primeiro emprego foi de ensacador de farinha, no moinho que ficava ao lado de sua casa. Talvez levado pelo destino, já estava literalmente pondo a mão na massa. Chegava ficar dois meses sem receber, porque sonhava ter na carteira uma nota de R\$ 50,00. Seu salário era de R\$ 25,00.

Depois, meteu a mão na graxa, trabalhando em oficina. Foi administrando o tempo entre o estudo e o trabalho. Sem pensar no tempo de lazer e descanso, chegou a agregar três empregos ao mesmo tempo, e continuou estudando. Foi vendedor de cachorro quente na rua, garçom no restaurante do Clube Xanxerense, garçom na Pizzaria Chopixan... Estes trabalhos, o conduziram a organizar as festas de calouros da UNOESC Xanxerê.

Dali, deu um salto, e com 17 anos, assumiu a responsabilidade de organizar a festa da formatura do curso de Direito.

Quando conseguiu comprar seu primeiro carro, ainda sem a carteira de motorista em mãos, resolveu dar asas aos sonhos, e escondido da família, praticamente fugiu para Balneário Camboriú. Lá, trabalhou como garçom em diversos restaurantes, e viu pela primeira vez, um chef de cozinha usando um alto chapéu, e feito um maestro, comandando vários cozinheiros.

Ouviu os conselhos do irmão mais velho, e decidiu concluir as matérias pendentes que ficaram para trás, no terceiro ano do colégio Costa e Silva. Prestou vestibular, e passou em Gastronomia.

Não quis gastar dinheiro com as formalidades de uma formatura, juntou o que pôde e o que tinha, pôs uma mochila nas costas, e partiu rumo à Itália. Sabia que para se tornar um grande chef de cozinha, precisava além da teoria, somar muitas experiências.

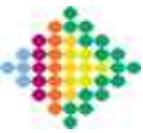
Na Itália, a cada semana, buscou mudar de restaurante. De lá, foi para Zuriche, na Suíça, encerrando sua aventura gastronômica internacional.

No Brasil, precisamente em Balneário Camboriú, sua amada o esperava. Juntos, voltaram para Xanxerê. Porém a cidade, ainda estava presa a velhos hábitos alimentares, e novas opções pareciam mais exóticas do que degustativas. Então, junto com a companheira Kennaty, rumaram para Piratuba.

A gravidez do primeiro filho os fez voltar para a casa da mãe. Então, Fabiano morava em Xanxerê, mas foi trabalhar no Galpão Grill, em Chapecó. Mas por aqui, foi apresentando primeiramente aos amigos, os pratos que aprendeu a preparar na estrada da vida. De pequenos em pequenos jantares, foi cativando o paladar de muitas pessoas.

Quando convidado a montar um restaurante para a FEMI, Feira Estadual do Milho, descobriu que Xanxerê não gostava só de comer polenta com salame. Criou sua marca: Casa do Chef, e da cozinha ampliada na casa da mãe, percebeu que não podia estagnar. Contrariando todas as opiniões, inclusive da própria família, aceitou ser tachado de louco, e não se curvou diante dos pessimistas de plantão. Contra tudo e contra todos, transformou a Casa do Chef num centro de eventos e gastronomia.

O menino que nas noites quentes de verão, suava no calor do trailer de cachorro quente, e nas noites de frio, nele também se aquecia, foi agraciado com o prêmio Empresário do Ano 2019.



Fabiano Somensi, nasceu em Xanxerê, em 23 de Novembro de 1987. Filho de Mauro Somensi e Leiva Teresinha Roman. Casado com Kennaty Izabela Soares, com a qual tem os filhos Otávio, Vicente e Alice.



Leiva Teresinha Roman com seus filhos Péricles, Fabiano e Felipe.



Fabiano, seu irmão gêmeo Felipe e o primo Tiago Somensi, na praia com Ilda e José Lino.

ORIGENS

“Sou nascido em **Xanxerê**, e sempre morei aqui na cidade. Minha mãe é natural de **Xanxerê** e meu pai é de **Xavantina**. Eles tiveram três filhos. O **Péricles**, que é o mais velho, formou-se em fisioterapia mas trabalha com transporte. E eu sou irmão gêmeo com o **Felipe**.

Quando eu tinha seis anos de idade, o meu pai se separou da minha mãe e casou novamente. Do outro casamento do meu pai, temos mais um irmão chamado **Mauro Somensi Junior**.”

INFÂNCIA / SEPARAÇÃO DOS PAIS

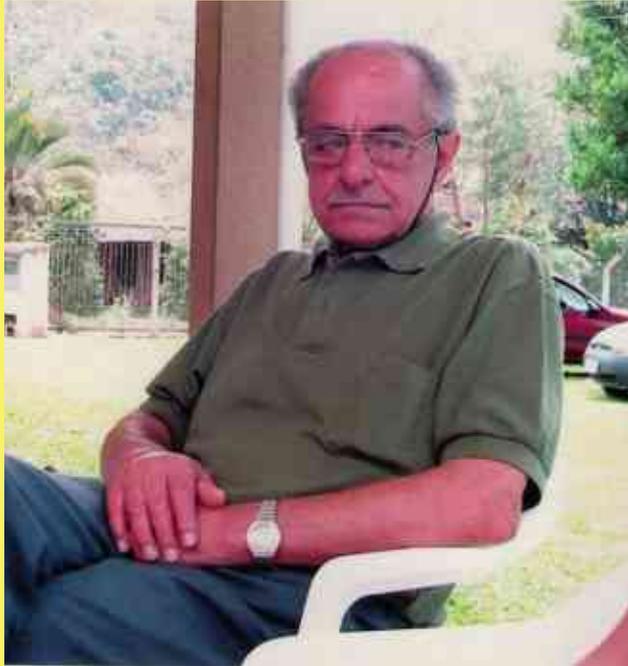
“Antigamente, nós morávamos na frente da **Escola Pequeno Príncipe**, que fica no **Bairro Tonial**. Mas quando eu era ainda mais pequeno, morávamos ao lado daquele antigo moinho onde hoje está instalado o **Casa & Café**, porque meu pai e minha mãe trabalhavam na **IMOTO**, que era dona daquele moinho. As primeiras lembranças que eu tenho é da gente brincando no meio do milho, subindo e descendo os quatro andares de escadas.

Depois que nos mudamos da casa ao lado do moinho, ficamos morando por um tempo na frente da escola **Pequeno Príncipe**. Meus pais se separaram, ficamos com a nossa mãe e fomos morar com a nossa avó, mãe do meu pai, chamada **Ilda Somensi**.

Foi bem complicado porque geralmente não é assim que acontece. O meu irmão mais velho já estava morando na casa da minha tia. Eu, o **Felipe** e minha mãe ficamos na casa dos meus avós paternos. Eu tinha seis para sete anos.

Naquela época, não entendíamos muito, mas estávamos convivendo todos os dias com meus avós. A separação dos meus pais aconteceu, mas meus avós nos deram muita força e nos acolheram.

Não sentimos tanto a falta do pai, porque tínhamos a figura do nosso avô que ficou sempre do nosso lado, nos protegia muito. Ele sentiu que precisaria proteger e acolher a família que o filho deixou. Ele tinha essa coerência. O nome do meu avô é **José Lino Somensi**. Ele já é falecido, mas a minha avó é viva.”



José Lino Somensi

MEU AVÔ FEZ O PAPEL DE MEU PAI

“Meu avô trabalhou como vendedor de carros na antiga Navajo Veículos, por trinta e seis anos. Era o que ele sabia e o que gostava de fazer.

Tem um tio meu que é praticamente a cópia dele. Parece até que o vô reencarnou. Eu tenho um temperamento muito parecido com o dele. Pode estar caindo o mundo, pode ter gente correndo, que estou sempre centrado, tranquilo. Não era de se apavorar, era um cara coerente no que fazia, gostava de aproveitar a vida, viajar, fazer suas festas na casa dele. E quando ele fazia um jantar, sempre tinha em torno de quarenta, cinquenta pessoas que a gente nem conhecia, porque ele era amigo de todo mundo, tinha o prazer de receber as pessoas.

A vó também ajudava a cozinhar. É uma pessoa maravilhosa. Hoje ela está com oitenta e quatro anos. Meu avô faleceu com menos de sessenta anos, super jovem. Eu tinha quinze anos de idade quando perdemos ele. Eu já vivia muito tempo com ele. Foi a perda mais difícil para mim, porque de certa forma, ele fazia o papel do meu pai.

Ele amava nos levar para Piratuba nos fins de semana. Uma a duas vezes por ano, ele nos levava para a praia também. Foi uma perda muito forte, porque aconteceu aos meus quinze anos, num momento em que eu estava me posicionando diante do mundo.

Mas sinto que a perda dele me deu muita força, porque com quatorze para quinze anos eu já trabalhava. Meu avô fez muita coisa por nós. Ao falecer, levou com ele nosso amor, gratidão e carinho, e nos deixou um legado de otimismo e alegria em receber as pessoas com alimentos preparados com capricho e carinho.

Eu já trabalhava na cidade como garçom e também em algumas outras empresas. Ele me deu forças para que eu fosse atrás dos meus sonhos. A partida dele me fez assumir o controle da minha vida. Inclusive, no dia em que ele faleceu, eu estava trabalhando de noite na **Chopixan**, e me ligaram que ele tinha partido.

Depois que meu pai saiu de casa, ficou em torno de um ano sem contatar conosco. Após um tempo, tentou se reaproximar de nós, mas aí meu avô já fazia o papel dele, havia o substituído. Mas nós tínhamos um contato. Quando ele vinha para cá, tentávamos conversar com ele. Depois disso, meu pai ficou três anos sem nos visitar.

Atualmente ele mora em **Chapecó**. Temos uma relação mais proforme, não muito afetiva. Ele vem visitar os netos, convidamos ele para vir, e às vezes vamos para **Chapecó** visitá-lo, mas não existe aquele carinho paternal. É mais uma consideração consanguínea.”

MINHA MÃE

“Para a minha mãe, foi uma grande surpresa ter sido acolhida pelos sogros. Ela não imaginava. Quando aconteceu a separação, a mãe ficou bem apavorada, porque ela tinha três filhos pequenos.

Minha mãe trabalhou no Sr. Domingos Fardo por trinta e oito anos. Foi uma vida lá dentro. Ela foi juíza de paz por mais ou menos oito anos, fez vários casamentos na cidade, e também ela foi minha grande inspiração para trabalharmos no ramo em que trabalhamos hoje em dia, porque quando ela ia fazer os casamentos, era convidada para jantares ou almoços e sempre que possível nos levava junto.



Leiva Teresinha Roman e Carmen Fardo, com a qual trabalhou ao longo de 38 anos no cartório.

Na verdade, ela levava apenas um dos gêmeos, meu irmão ou eu. Era sempre um dos dois, não podia ir os dois juntos, então disputávamos quem é que iria.

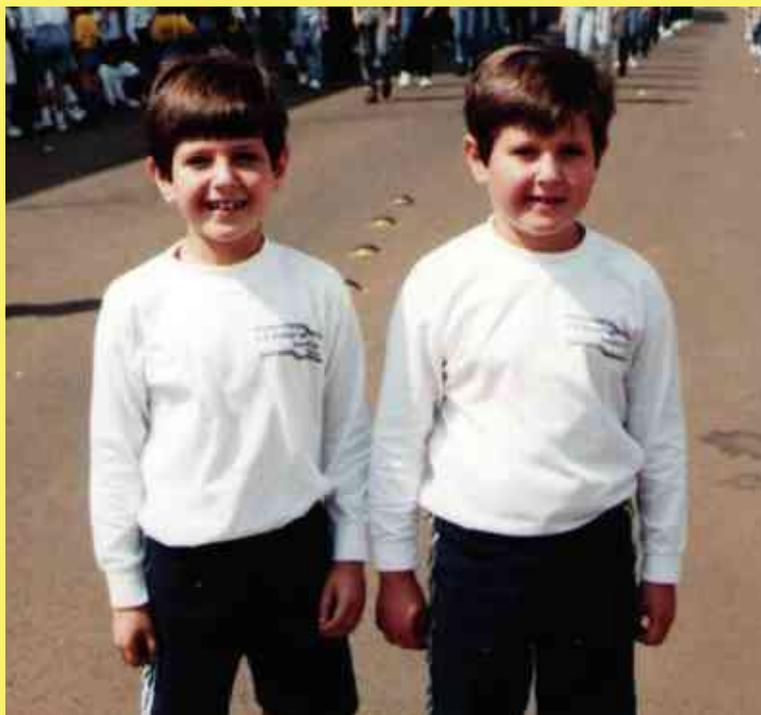
Eu tinha entre nove e dez anos quando acompanhava minha mãe nesses eventos. De certa forma, já começava ali a ter um olhar diferenciado para as comidas que serviam nessas festas de casamento.

E também, cresci vendo meu avô preparando churrascos e outras comidas para receber os amigos. Então, penso que a minha profissão, começou a se desenvolver desde esse tempo.

Acredito que já estava em meu DNA o prazer em preparar alimentos, até porque, na vida nada é gratuito, tudo vem de uma inspiração, um olhar, um sentir como é que o outro faz”.

ESCOLA

“Eu e meu irmão gêmeo **Felipe**, começamos a estudar no **Pequeno Príncipe**, em frente de casa. Ter um irmão gêmeo, é complicado, tanto para a mãe, quanto para nós, os filhos. A mãe trabalhava e nós tínhamos que ir para a escola. Nos dois primeiros meses, nossa mãe precisou ficar sentada dentro da sala, porque se ela saísse, fazíamos um berredo. Isso que morávamos na frente da escola. Depois fomos nos acostumando”.



*Felipe e Fabiano - Irmãos gêmeos unidos até na dor.
Quando um se machucava, o outro, sem nenhum arranhão, sentia a mesma dor.*



O PRIVILÉGIO DE TER UM IRMÃO GÊMEO

“Quando os irmãos gêmeos vão para uma mesma sala, ou os dois estudam, ou um estuda e o outro não. O meu irmão era um cara mais estudioso, e quando era para fazer os temas de casa, eu esperava ele terminar para poder copiar dele. Era mais fácil, porque eu estudava na mesma sala e o conteúdo era o mesmo. Na verdade, quem dava uma de esperto era eu.

Isso aconteceu até o momento em que a professora percebeu e disse que tinha que nos separar. Aí cada um foi para uma turma diferente. Já éramos grandinhos, e entendemos o que foi feito, mas eu tive um pouco mais de dificuldade, porque eu ia sempre nas costas do meu irmão. Enfim, acabei engrenando também nos estudos.”

BRAÇO QUEBRADO E TORRADAS LÉVAĐAS NO BOLSO DO AVÔ

“Na época escolar, teve uma vez em que eu quebrei o braço com nove anos de idade. Como éramos gêmeos, eu tinha quebrado o braço mas meu irmão sentia a dor também.

Fomos na casa de um parente, subi em um sofá, caí e quebrei o braço direito. Fomos para o hospital, eu entrei para ser atendido, e meu irmão pedia para os médicos se eu iria morrer ou se eu iria viver. Ele entrou em pânico, porque fazíamos tudo juntos. Brincávamos, estudávamos, dormíamos...

Ele ficou convalescente junto comigo e também me ajudando. Foi um fato que nos marcou muito, porque eu quase perdi meu braço. Quando o osso quebrou, trancou a veia e meu braço estava secando. Fizeram uma cirurgia de emergência.

Eu tinha que ficar dois dias sem comer para fazer a cirurgia, e eu lembro que o meu avô tinha calças sociais bem largas e com bolsos bem fundos. A minha avó fazia algumas torradas, ele colocava no bolso e ia no hospital para levar as torradas para mim. Eu comia escondido até da minha mãe. Foi uma passagem muito marcante na minha vida. Meu avô **José Lino** sempre estava presente nos cuidando em todas as situações.

Estudamos no **Pequeno Príncipe** até a quarta série. Depois, estudamos no **Joaquim Nabuco** até a oitava série. Nesse período, conseguimos nos mudar e passar a morar na casa onde moramos até hoje. Ficamos em torno de uns dois anos morando com os avós, e depois fomos morar na nossa própria casa.

Só que não tínhamos uma boa condição financeira. Nossa casa mal tinha forro e não tinha nem pintura. Fica próximo ao viaduto, ao lado da **Mecânica Dalle Laste**, na frente do moinho do **Vivan**. Conseguimos construir a casa com a ajuda da minha tia **Clari**, e pelo trabalho da minha mãe.

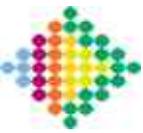
O legal do **Joaquim Nabuco** era que íamos na escola de manhã, e atrás da nossa casa morava o **Édipo**, filho da **Marisa** que trabalha com linguagem de sinais (libras), que era colega meu. O pai dele tinha uma Mercedes amarela com a qual fazia fretes, e todo dia ele nos buscava na escola.

Íamos para casa em cima da caçamba da Mercedes. Era uma festa voltar para casa em cima do caminhão do vizinho. E naquela época, podia se fazer tudo. Meu irmão também estudava lá mas em outra turma.

A época de escola foi muito bacana. Sempre visitávamos nosso avô. Meu tio **Milton Somensi**, irmão do meu pai, sempre participou da nossa vida também. Ele trabalhava na **Casa dos Esportes** com o **Catega (Ede-mar Ferronato)** vendendo foguetes. Eu pedia para me dar alguns, pois era apaixonado por foguetes, e assim fazíamos nossas festas juninas.



Leiva, Pércles, Fabiano, Felipe e as tias Clari e Reni.



Na época, o lugar onde morávamos, havia muitos terrenos vazios para correr, soltar foguete, fazer bagunça, fazer fogueira, jogar taco... A vizinhança era muito boa. Havia uma criançada da nossa idade, que participava de todas as bagunças.

Duas tias, irmãs da minha mãe, moravam juntas em frente à prefeitura: a tia **Clari** e a tia **Reni**. A tia **Reni** é deficiente auditiva. Elas sempre nos ajudavam quando precisávamos. Dormimos na casa delas muitas vezes.

Elas tinham um fusca marrom que era do meu avô **José Lino**. Com este fusca, viajávamos para **São Domingos, Erechim**, e outros lugares. Enchíamos o fusca de gente e em muitos finais de semana saíamos para viajar.

Tivemos muito apoio de praticamente todo mundo para suprir nossa necessidade da presença paterna. Todo mundo se aproximava de nós. E como éramos três crianças, era preciso um apoio muito maior para nos educar.”

QUAL A DIFERENÇA ENTRE VOCÊ E SEU IRMÃO GÊMEO?

“Convivemos juntos até a adolescência, éramos muito parecidos nessa época. Brigávamos pelas mesmas coisas. Ao mesmo tempo que brigávamos, éramos muito unidos. Quando nos afastávamos um do outro, sentíamos falta.

Nos distanciamos um pouco depois que eu comecei a estudar de manhã, e o meu irmão de tarde. Ficamos mais distantes também porque eu comecei a trabalhar. Estudava de manhã e trabalhava de tarde, e ele fazia o contrário.

Foi aí que as personalidades e características foram mudando entre nós. Ele começou a gostar mais de tecnologia, computador, internet, videogame, se interessava por sites, jogos... Era um cara mais de ficar em casa, mais introspectivo.”

MEU PRIMEIRO TRABALHO

“Como eu ficava em casa sem fazer nada, aos treze anos, comecei a trabalhar no moinho que tinha na frente de casa, empacotando farinha. Como crescemos brincando ao redor do moinho e os donos conheciam a nossa família, um dia me pediram para ajudar a empacotar farinha.

Só eu tinha começado a trabalhar naquela época. Ganhava vinte e cinco reais por mês, duas notas de dez e uma de cinco. O meu sonho era ganhar uma nota de cinquenta reais, então, eu pedia que esperassem dois meses para me passar os valores. Assim, eu conseguiria ter uma nota de cinquenta reais no bolso.

Passei a receber a cada dois meses só para ter uma nota de cinquenta. Depois que realizei meu sonho de ter uma nota de cinquenta, o meu sonho passou a ser ganhar uma nota de cem reais. Só que eu queria usar aquele dinheiro e teria que esperar quatro meses para receber.”

MEU SEGUNDO TRABALHO

“Como ao lado da nossa casa havia uma mecânica, eu passei a trabalhar lá ganhando cento e vinte e cinco reais por mês. Foi um baita crescimento na época. Eu era auxiliar de mecânico. Ficava ajudando a limpar as peças e no final do expediente eu limpava o chão. Trabalhava de tarde até às vinte horas.

Eu queria comprar uma bicicleta e algumas outras coisas para mim, mas minha mãe não tinha condições para isso, então, com meu trabalho, tinha meu dinheirinho e comprava minhas coisas.

Meu irmão Felipe percebeu que eu começava a ter independência e também buscou trabalho. Iniciou como estagiário da EPAGRI (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina).”

TERCEIRO TRABALHO - VENDENDO CACHORRO QUENTE

“O primeiro serviço no qual eu trabalhei que era envolvido com a gastronomia, foi um carrinho de cachorro quente do Edson Zapp, o Timão. Ele tinha um trailer que vendia cachorro quente na frente da antiga Renner. Saí da mecânica e comecei a vender cachorro quente para ele das dezenove horas até às vinte e três.

Foi assim que entrei no ramo da gastronomia. Algumas vezes o trailer era levado na frente do Big Bowling, nos carnavais, então eu trabalhava direto nisso. Eu vendia o cachorro quente e também ajudava a preparar, isso com dezesseis anos de idade.”



QUARTO TRABALHO - JORNADA DUPLA

“Como eu sempre tive a vontade de querer mais, eu não estava satisfeito com o que eu ganhava. Ambicionava mais. De tarde eu não fazia nada, apenas aguardava chegar as dezenove horas para trabalhar no trailer. Fui à procura de um emprego em que pudesse trabalhar das quatorze horas até as dezoito.

Consegui um emprego na antiga Vídeo Locadora Mil e Um, que se localizava no térreo da Rádio Princesa. Na época, a Rádio era propriedade dos Bortoluzzi. Eu trabalhava na vídeo locadora das quatorze horas às dezoito, e das dezenove horas às vinte e três, no cachorro quente.

Comecei a ganhar um pouco mais de dinheiro com esses dois empregos. Já havia completado o ensino fundamental no Nabuco e ido estudar o segundo grau no Costa e Silva durante a manhã.

O Nabuco foi um colégio muito bom, tenho muitas boas lembranças. Tenho muitos amigos que trabalham junto comigo que são daquele tempo.

Já no Costa, era uma festa, estava no auge da minha adolescência. Mas eu era muito focado no trabalho, e não estava contente ainda com meus dois empregos. Eu saía do colégio de meio dia e começava a trabalhar às quatorze horas. Então, procurei encontrar um emprego nesse período, como garçom no Costelão.”

QUINTO TRABALHO - TRIPLA JORNADA

“Falei com o Sr. Ivo que eu podia trabalhar do meio dia até as quatorze horas. Ele me oferecia o almoço e me passava um valor. Com dezesseis anos, eu trabalhava em três lugares.

Quando completei dezessete anos, parei de vender cachorro quente, e nesse período em que eu trabalhava de noite, comecei na Chopixan como garçom. Estudava de manhã, trabalhava no Costelão de meio dia, ia para a vídeo locadora de tarde, e trabalhava na Chopixan à noite. As professoras pegavam no meu pé porque eu não dedicava muito tempo para os estudos, mas eu queria conquistar as minhas coisas.

Ajudava a minha mãe, e como meu irmão mais velho cursava a faculdade de Fisioterapia em Balneário Camboriú, eu também ajudava a pagar a faculdade dele, que na época era caríssima.”



Fabiano Somensi e os colegas Jair Gaio e Rodrigo Somensi, com participante do primeiro Big Brother Brasil, Antonio Sergio Tavares Campo.



MEU PRIMEIRO GRANDE EVENTO

“Quando eu estava quase completando dezoito anos, um pessoal veio conversar comigo para que eu fizesse a primeira formatura da turma de Direito da UNOESC Xanxerê. Eu teria que organizar toda a parte de bebida e os garçons.

Eu já estava envolvido com o DCE (Diretório Central dos Estudantes) da faculdade, onde eu trabalhava organizando as festas de calouros, que eram simples e sem muitas formalidades.

Aí o Zé Bortoncello me convidou para organizar a formatura do curso de Direito da UNOESC. Eu aceitei. Foi o primeiro evento grande em que a responsabilidade era toda minha. Antes disso, também trabalhei em alguns casamentos, servindo como garçom.

O fato de eu trabalhar como garçom e também vender cachorro quente, fez com que eu conhecesse muitas pessoas, a maneira de trabalhar com esse ramo, e seguisse esse caminho de ficar responsável por organizar bebidas, garçons, comida... Sabia como funcionava, tinha os contatos certos, mas aos dezessete anos, não possuía nenhuma experiência.

Mesmo assim, eu encarei o desafio e fiz a formatura acontecer. Deu tudo certo, conseguimos atender todo mundo. E uma coisa que nunca esqueço é que quando chegou o final da formatura, consegui pagar todos os custos e sobrou um dinheiro do qual eu nem sabia o que fazer. Não tinha noção do que daria de lucro uma formatura como aquela.”

O SONHO DE COMPRAR UM CARRO

“Meu sonho sempre foi comprar um carro. Minha mãe até me ajudou com uma quantia para que eu conseguisse comprar. Eu ainda não havia completado dezoito anos, e na minha família, até então, só existia o fusca do meu avô.

Com os valores da formatura e a ajuda da minha mãe, realizei meu sonho de comprar meu próprio carro. Nunca tinha passado na minha cabeça que um dia eu conseguiria.

Comecei a fazer minha carteira de motorista antes de completar dezoito anos, porque naquela época dava de se adiantar as aulas teóricas e só fazer a aula prática depois de completar dezoito anos.”



Fabiano e seu irmão primogênito Péricles.

FUGINDO DE XANXERÊ

“Assim que completei o teste da carteira numa quarta-feira, pedi conta de todos os meus empregos, e na quinta-feira de madrugada peguei o dinheiro que tinha, abasteci meu carro, e fui para Balneário Camboriú junto com um amigo meu, sem ter pego a carteira ainda.

Queria ir embora de Xanxerê para nunca mais voltar. E fomos para Balneário sem mesmo eu ter avisado minha mãe, meus irmãos, ninguém. Fugi da cidade, porque eu imaginava que numa cidade maior, eu ganharia muito mais dinheiro, e meu irmão mais velho já estava morando lá.

Sáimos bem de manhãzinha, e perto das dezenove horas, chegamos em Balneário Camboriú. Liguei para minha mãe, eu já estava no apartamento onde morava meu irmão, e disse que ia começar a trabalhar em Balneário Camboriú. Não queria mais Xanxerê, e prometi que nunca mais voltaria.”



O PRIMEIRO CHEF DE COZINHA QUE EU VI

“Mas o mundo dá voltas. Morava com meu irmão e comecei a trabalhar nos restaurantes de lá como garçom, que era o que eu sabia fazer. Em um restaurante, quando fui trabalhar vi um cara todo de branco, com um chapéu bem alto lá dentro da cozinha, comandando os cozinheiros.

Perguntei para um amigo meu o quem era aquele, e ele me disse: “É o chef da cozinha”. Eu nem sabia que aquela profissão existia e ele continuou: “Para ser chef, tem que estudar muito, viajar, conhecer um monte de coisa. Não é para qualquer um”.

Meu irmão pegava no meu pé me dizendo que eu seria garçom para o resto da vida. Não que não seja uma profissão digna, mas tinha muitas outras coisas para se fazer. Como eu gostava de lidar com essa área, meu irmão me sugeriu que eu cursasse **Gastronomia**. Mas eu nem sabia o que essa palavra queria dizer. Aí ele me explicou que era quem fazia comida, era especializado, e que se tornava chef de cozinha. Quando ele disse isso, eu me toquei que era aquilo que eu queria para mim.”

CONCLUINDO O SEGUNDO GRAU

“Em **Xanxerê**, não cheguei a completar o último ano dos estudos. Fiquei devendo algumas matérias. Em **Balneário Camboriú**, comecei a estudar no **CEJA** (Centro de Educação de Jovens e Adultos), em duas matérias que eu tinha deixado para trás. Fiz o primeiro vestibular da minha vida e passei para fazer **Gastronomia** em **Balneário** mesmo. A faculdade era de tarde, das treze horas às dezessete. Assim, podia trabalhar e estudar. Minha mãe me ajudava a pagar a faculdade, a manter meu carro, e me sustentar.

Mas como a minha mãe estava chateada por eu ter fugido de casa, ela não queria me ajudar muito. Só me ajudava para que eu não passasse dificuldade, porque ela também estava numa situação difícil. Eu ajudava em casa quando estava em **Xanxerê**, e eles não podiam mais contar comigo. Eram eles que me ajudavam a me manter naquele momento.”



Kennaty Izabela Soares e Fabiano Somensi nos tempos de namoro.

CONHECENDO A FUTURA ESPOSA

“Nesse tempo de estudante foi quando conheci minha esposa **Kennaty**. Ela cursava **Turismo e Hotelaria**, e eu **Gastronomia**. Morávamos no mesmo prédio, e as garagens ficavam uma atrás da outra, então quando precisava sair com meu carro, tinha que pedir para os outros moradores tirarem o carro deles, para poder passar com o meu.

Certa noite, interfonei no apartamento da **Kennaty** pedindo para ela tirar o carro, para poder sair. Foi nosso primeiro encontro. Naquela noite ela saiu também, cada um foi para um lado, e na volta, lá pelas duas horas da madrugada, não é que chegamos ao mesmo tempo?

Aí ficamos conversando, nos conhecemos melhor e logo em seguida começamos o namoro. O meu irmão se formou em **Fisioterapia** na época, veio para **Xanxerê** e eu fiquei sozinho em **Balneário Camboriú**.”



PROMOVIDO A CHEF DE COZINHA

“Comecei a trabalhar em um restaurante como auxiliar de cozinha, que a gente chama na nossa lida de ‘Orelha Seca’, porque é quem faz de tudo. Em três meses de trabalho já tinha sido promovido a chef de cozinha do restaurante. Cheguei onde almejava.

Eu e Kennaty decidimos morar juntos, não teve um casamento oficial. Eu pedi para que ela mudasse a faculdade dela para Gastronomia também. Ou ela mudava, ou não daria certo. Acabei botando essa pressão nela na época, e ela aceitou.

Morávamos juntos, cada um estudava no seu período, trabalhava de manhã no restaurante, ia para a faculdade... Assim foi indo. A faculdade de Gastronomia é bem curta, dura apenas dois anos e meio.”

JUNTANDO DINHEIRO PARA IR PARA A ITÁLIA

“Naquela época eu ganhava muito bem, e não precisava mais da ajuda da minha mãe. Conseguia pagar quase que cem por cento das minhas despesas. Ao chegar no final da faculdade, minha mãe e minha tia me pediram se eu queria que elas pagassem a minha formatura, a festa de colação, tudo.

Mas eu não queria isso. Eu queria que o valor que usassem para pagar essa festa, que me dessem em dinheiro para que eu pudesse viajar. Eu pedi as contas dos dois restaurantes onde eu trabalhava, fiz o acerto, juntei com o dinheiro que a minha mãe e minha tia me passaram, fui numa agência de turismo e peguei uma passagem para **Roma**, na **Itália**.

O atendente me pediu o que eu faria lá e eu respondi: “Não sei. Eu quero essa passagem, posso viajar depois de tal dia”. Fui atrás de fazer o passaporte e fui para **Roma** com a passagem de ida e volta já comprada, e a minha coragem. Nem italiano sabia falar. Sabia apenas o que se falava com meus avós e meus pais, que são italianos, os famosos “**porco zio**”.

Chegando em **Roma**, comecei a trabalhar em um restaurante. Porém, na primeira semana de trabalho, o dono do restaurante não me pagou. Saí de lá, trabalhei em mais alguns lugares e decidi ir para **Milão**, onde eu consegui um emprego melhor. Em **Milão**, trabalhei em quatro restaurantes, e foi lá que eu aprendi um de nossos pratos mais famosos que servimos na nossa empresa até hoje, o **risoto de cordeiro**.

Lá sim se ganhava bem, porque em uma semana de trabalho, eu ganhei o suficiente para me sustentar por mais trinta dias”.

COMBINADO COM A KENNATY

“Eu tinha feito um combinado com a **Kennaty**, de que eu iria para a **Itália**, e quando estivesse estabilizado, mandaria a passagem para que ela fosse morar comigo.

Mas o que eu fazia era trabalhar por mais ou menos uns cinco dias em um restaurante, absorver o máximo de conteúdo possível, e partir para o próximo restaurante. O objetivo era ganhar experiência. Como mochileiro, passei por muitos lugares. Fiquei por um tempo viajando nas cidades da **Itália**, depois fui para **Zuriche** na **Suíça**, e depois voltei para **Xanxerê** com o objetivo de visitar a minha família.

A **Kennaty** havia ficado em **Balneário Camboriú** e eu fui para lá buscá-la. Como era final de ano, acabamos fazendo uma temporada em **Balneário Camboriú** até depois do carnaval. Pegamos o dinheiro e viemos para **Xanxerê**, eu, a **Kennaty** e o nosso cachorro, no meu golzinho, para ver o que iríamos fazer, porque já estávamos cansados de **Balneário Camboriú**.”

RESTAURANTE EM PIRATUBA

“Mandamos nossos currículos para **Piratuba**, porque é um lugar com muitos hotéis. Mas quando passamos esse tempo em **Xanxerê**, teve um pessoal nos incentivando a montar um restaurante pela experiência que possuíamos.



Eu não queria montar um restaurante naquela época, ainda queria viajar. Em **Piratuba**, no primeiro hotel em que deixamos nossos currículos, nos chamaram para trabalhar no dia seguinte.

Passada uma semana, estávamos morando e trabalhando em **Piratuba**. O hotel dava casa e comida para a gente, então era mais fácil. Eu entrei como chef de cozinha e a **Kennaty** ajudava a organizar o salão e o *buffet*.”

GRAVIDEZ DO PRIMEIRO FILHO OTÁVIO

“Ficamos por seis meses trabalhando nesse hotel e a **Kennaty** engravidou do **Otávio**. Hoje ele tem onze anos. Nós descobrimos que ela estava grávida numa quarta-feira, e na sexta-feira da mesma semana, eles me mandaram embora do hotel.

Tinham outros hotéis que queriam o meu serviço lá, mas **Piratuba** é um local muito bom apenas para o visitante, o turista. Para quem trabalha lá, a vida se resume a trabalhar e ir para casa, porque não tem outra coisa para se fazer, então já estávamos cansados daquela cidade.”

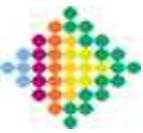
A VOLTA PARA XANXERÊ E UMA GRAVIDEZ DE RISCO

“Decidimos então voltar para **Xanxerê**. A **Kennaty** estava com uma gravidez de risco, então viemos morar com minha mãe. Meu irmão mais velho me propôs que eu comprasse uma vídeo locadora, que dava dinheiro que tá louco. E era verdade, porque na época em que eu trabalhava com isso, se ganhava muito bem.

Compramos uma locadora, só que nunca foi rentável como imaginávamos. Ganhávamos apenas para conseguir pagar as contas.”



Fabiano, Otávio e Kennaty



RESTAURANTE EM CHAPECÓ

“Eu havia conhecido um gerente do **Banco do Brasil** em **Piratuba**, que morou em **Chapecó** por trinta anos e foi transferido pelo banco para **Piratuba**. Ele me disse: “*O dia que você sair de Piratuba, fale comigo que eu posso te indicar para um conhecido meu de Chapecó, que é dono de dois dos restaurantes mais famosos de Chapecó, para você trabalhar com ele*”. Era no **Galpão Grill**, que na época era um dos maiores restaurantes da cidade.

Fui para **Chapecó** falar com o **Ivo** do **Galpão Grill**. Me apresentei como cozinheiro, enfim, falei todo o meu currículo para ele, mas me disse que não tinha vaga para nenhuma espécie de emprego lá dentro. Eu insisti dizendo que um amigo dele de **Piratuba** havia me indicado o restaurante, e na hora ele me disse: “*Ah! Você é o cara do qual ele me falou!? Então pode começar amanhã mesmo*”.

Nunca me esqueço daquela época. Eu ganhava mil e trezentos reais por mês, porém, só de gasolina para ir de **Xanxerê** até **Chapecó**, porque eu morava em **Xanxerê**, gastava mais de quatrocentos reais por mês de combustível. Saía todos os dias às sete da manhã, ia para **Chapecó** e voltava às sete da noite.

Mas foi uma baita de uma experiência, porque na época, o restaurante era uma referência em todo o **Oeste Catarinense**. Foi uma faculdade para mim. Fiquei trabalhando lá por mais ou menos três anos. Mas junto com o serviço de **Chapecó**, tinham alguns amigos de **Xanxerê** que me propunham que eu fizesse alguns jantares para eles, que eu era um grande cozinheiro e queriam saber se minha comida era boa de verdade.”

OS PRIMEIROS JANTARES EM XANXERÊ

“Eu lembro que o primeiro jantar que fiz, propus de fazer um risoto na casa de um dos meus amigos de noite e chamar todos os outros. Eles me falaram: “*Risoto a gente come no domingo com as sobras de carne do churrasco. Você estudou para ser chef de cozinha para fazer risoto? Tem que fazer um churrasco!*”. Isso porque a cultura gastronômica de **Xanxerê** se resumia a churrasco apenas. Graças a deus hoje a gente conseguiu mudar esse conceito.

Mas acabei fazendo esse risoto e aí eles viram como era diferente um risoto preparado por um chef. E foi assim que começamos, fazendo um jantar para alguns casais, aniversários pequenos para vinte pessoas... Mas a cada vez mudávamos o nosso cardápio trazendo coisas diferentes.

Vinham nos pedir: “*Tu faz churrasco?*”, e eu respondia: “*Faço, mas é um churrasco diferente. Não se resume somente a carne*”. A nossa região é muito carnívora, mas hoje conseguimos introduzir muitos pratos diferentes.

Aí começamos a fazer alguns eventos maiores, inaugurações de agências, empresas, hotéis... Comecei a reduzir o horário de serviço em **Chapecó**, e aqui em **Xanxerê** trabalhávamos eu, minha mãe, e a **Kennaty**. Elas faziam o pré-preparo, e quando eu chegava de **Chapecó**, finalizava os pratos para os eventos.

E tudo isso era feito na cozinha da minha mãe. Nós estávamos com o **Otávio** pequeno, recém-nascido. Foi assim que começamos a crescer. O primeiro sushi de **Xanxerê** fomos nós que fizemos. Foi uma febre imensa os festivais de sushi que fazíamos no **Badotti**. Sabíamos fazer mas não tínhamos a mínima noção da quantidade de pessoas que viriam.

Deu tanta gente que não sabíamos se daríamos conta de fazer mais esses festivais. A partir disso, o pessoal começou a nos conhecer cada vez mais. Fazíamos uma noite de sushi, e noite mexicana.”

GASTRONOMIA NA FEMI E O SURGIMENTO DA CASA DO CHEF

“*Até o momento eles conheciam apenas o Fabiano. Aí começamos a fazer alguns cardápios de carnes exóticas, até que em dois mil e nove, o Péricles Vicini, que era responsável pela FEMI, na administração do Bruno Bortoluzzi, nos convidou para montar e tocar o restaurante que existe no espaço da FEMI, durante os dias de exposição.*

Nós não tínhamos condições e muito menos estrutura para realizar um trabalho tão grande. Não tínhamos pratos, talheres, nada, até porque, como fazíamos os eventos nas casas das pessoas, utilizávamos o que elas tinham.

O Lions Club, era quem cuidava todos os anos do espaço gastronômico da FEMI. Fui conversar com os responsáveis. Me disseram que serviam em torno de duas mil refeições durante a exposição. Era pouco, não conseguiria cobrir os custos.



Mas no fim, acabamos decidindo que seria bom e pegamos um dinheiro com a minha tia, a quantia de trinta e seis mil reais, para comprar os pratos, talheres, rechaud (fogareiro especial para manter os alimentos aquecidos no buffet) e também acertar o aluguel. Foi aí que surgiu a marca Casa do Chef.”

A FAMÍLIA SE UNIU PARA DAR CONTA DO SERVIÇO

“Eu fui para a cozinha, meu irmão mais velho ficou no caixa, o Felipe me ajudou no salão, minhas tias me auxiliaram na cozinha, contratamos mais gente, enfim, a família inteira se envolveu. A FEMI começou, passamos em todos os estandes divulgando a nossa marca. Começou a vir gente que não parava mais. A cada dia, lotava aquele restaurante cada vez mais.

Eu não parava de preparar comidas. Todo dia estava cheio. No último dia foi o que mais lotou. Abriamos às onze da manhã e tinha gente no restaurante até as dezesseis horas. Abriamos às dezoito, e tinha gente até meia noite...

Quando fizemos o último jantar, a Kennaty me contou o número de refeições servidas. Eu não quis saber antes. Foram oito mil refeições, o triplo do que me falaram que daria. Eu fiquei muito aliviado, porque conseguiria devolver o valor que minha tia havia me emprestado.

Depois da FEMI, as pessoas começaram a vir atrás da Casa do Chef para fazer casamentos, formaturas... Viemos que Xanxerê tinha mercado para Gastronomia.”

CASA DO CHEF NA COZINHA DA MÃE

“A Casa do Chef nasceu na FEMI. De lá, continuamos com a empresa na casa da minha mãe. Nós conseguimos fazer toda uma ampliação para termos uma cozinha completa, com estoque. Foi ali que começamos a fazer os eventos e vendemos a vídeo locadora que tínhamos.

No primeiro ano de empresa, conseguíamos realizar quarenta eventos por ano. Nunca imaginamos fazer mais que um evento por semana, porque um evento a cada sábado estava de bom tamanho. Só que no segundo ano, já tínhamos cento e vinte eventos por ano. Crescemos muito em um período curto de tempo, nunca esperamos um dia atingir essa quantidade de eventos. E isso fazíamos apenas em Xanxerê.”

EXPANDINDO OS NEGÓCIOS

“Eu queria expandir os eventos para fora de Xanxerê, então começamos a fazer os eventos da Mercedes, do Tonial, conseguimos clientes de Chapecó e de toda a região que participavam dos eventos da Mercedes. A partir dali, começaram a nos chamar em Xaxim, Chapecó... Para ter noção, do segundo para o terceiro ano, aumentamos a quantidade de eventos de cento e vinte para duzentos e cinquenta. Cresceu quase que cem por cento de novo.

Quando a empresa iniciou, trabalhava nela apenas minha família e mais duas pessoas. Dava no máximo umas dez pessoas. Da casa da minha mãe, nos mudamos para o espaço onde estamos agora.”

UM AUDACIOSO SALTO DE CRESCIMENTO

“A princípio, pensamos em sair da casa da minha mãe e ter nosso próprio espaço separado da casa dela. Quando chegou um ponto em que não conseguíamos suportar mais eventos, dar conta da produção por causa da nossa falta de espaço, já estávamos com praticamente trezentos e cinquenta eventos por ano, quase que um por dia.

Ou saíamos da casa da minha mãe e íamos para um espaço onde pudéssemos trabalhar ou estagnaríamos a empresa no atamar em que estava.

Eu sempre passava na frente dessa estrutura, sonhando em um dia poder comprar, mas uma estrutura desse tamanho, tem que ter um investimento muito alto. Eu conhecia o proprietário, o Sérgio Zanella, que sempre me convidava para ir lá conhecer. A estrutura estava a três anos abandonada.



Aí eu falei para o **Sérgio**: ‘As condições que eu tenho para te pagar o aluguel são essas. Eu sei que vale muito mais, mas o dinheiro que eu tenho para investir em reforma é esse valor x’. Como estava a três anos fechado e ninguém mais tinha ido atrás desse espaço, ele aceitou.

Demorou em torno de seis meses até conseguirmos reformar tudo e deixar da forma como queríamos, com uma cozinha maior, um bom estoque, e uma área para eventos para atender aos clientes com um palco móvel para qualquer tipo de evento, multiuso.

Optamos também por fazer uma sala de degustação, uma sala para eventos com menor número de pessoas, os escritórios, e chegamos no espaço que temos agora.

No espaço maior, temos a capacidade de colocar mil e duzentas pessoas sentadas. E a sala de evento menor, tem a capacidade para cento e vinte pessoas sentadas. O total de metros do nosso espaço, é de seis mil e oitocentos metros quadrados.

Hoje nós temos em torno de vinte e dois colaboradores fixos, que trabalham comigo todos os dias, mas quando temos evento, trabalhamos com mais de cento e trinta pessoas entre fixos e freelancer’s. Eu continuo atendendo fora, mas também atendo no meu espaço da mesma forma que antes.”

A MAIORIA DAS OPINIÕES FORAM CONTRÁRIAS

“E agora, o pessoal está buscando a Casa do Chef cada vez mais para fazer os seus eventos. Na verdade, temos toda uma estrutura de um centro de eventos, que era algo que Xanxerê realmente necessitava, era um sonho nosso também. Só que eu falei com muitas pessoas sobre instalar um centro de eventos juntamente com o nosso espaço, e me chamavam de louco. Diziam-me para investir em outro lugar como Chapecó, pois aqui eu não teria demanda e que não valorizariam meu espaço.

De dez pessoas com quem eu conversei antes de instalar meu negócio onde estou agora, nove me disseram que era uma loucura, que era um erro. Isso por causa da nossa cultura familiar de se ter pouca autoestima e pouca esperança de que algo possa dar certo. A cultura das pessoas de não valorizar a própria cidade.”



Atual centro de eventos da Casa do Chef, na Avenida Brasil, Bairro Castelo Branco.



EMPREENDENDO EM XANXERÊ

“Se fosse pensar em um foco na nossa empresa, noventa por cento do nosso trabalho é realizado fora de **Xanxerê**. E porque que eu vou fazer um investimento tão grande se eu vou trabalhar fora de **Xanxerê**? Não é porque eu me instalei em **Xanxerê** que não vou atender toda uma região no **Oeste Catarinense**.”

Xanxerê me trouxe muitas coisas boas, é um lugar que eu gosto muito, então foi aqui que eu decidi investir. Até minha esposa foi contra mim. Eu bati o pé no chão, porque eu sabia que **Xanxerê** necessitava disso, porque tudo era muito precário e precisávamos mudar isso.

A primeira formatura que fizemos na **FEMI**, tivemos que contratar tendas, porque na **FEMI**, só tem um barracão e mais nada que atraia. O investimento era muito alto para realizar algum evento na **FEMI**. O número de pessoas era muito limitado, ou muito grande.

Então, Xanxerê precisava desse centro de eventos, e eu tinha a certeza de que a cidade nos daria o retorno que imaginávamos. Está valendo muito a pena, tanto que oitenta por cento da nossa agenda de eventos já está totalmente lotada para o ano de dois mil e vinte, e estamos já com quarenta por cento da agenda para dois mil e vinte e um preenchida.

Agora eu converso com as mesmas pessoas que me chamaram de louco por investir em Xanxerê, e elas me dizem: “Fabiano, você acertou em cheio!”. Foi muito difícil manter a minha decisão e a coragem para investir aqui, porque a opinião dessas nove pessoas de dez, de que seria uma loucura, poderiam ter puxado o freio.

Até mesmo meus familiares eram contra, porque as pessoas buscam comodidade e segurança em tudo o que fazem, e é isso que falta em **Xanxerê** para que a cidade cresça. É necessário vencer esses limites impostos pela cultura, pela etnia, pelo sentimento dos antepassados que passaram por muitos traumas.

E eu digo que fazer o que se ama, com toda certeza, cansa muito menos. Não posso dizer que foi fácil. Tivemos muitos desafios. Imaginamos que seria uma coisa e acabou tornando-se outra. Corremos muito atrás para atingir o melhor formato para termos um espaço cômodo para todos.

Hoje nossa empresa é referência em todo o Oeste Catarinense. Todo mundo nos conhece. Atendemos desde a Argentina até Videira, Caçador, Lages.

Minha mãe foi meu braço direito desde o início, me ajudou muito. Hoje ela continua me ajudando mas não com tanta frequência como antes. Ela está muito feliz e sempre nos diz que não acredita até hoje que conseguimos atingir esse patamar. Nem ela, nem minha esposa e muito menos eu, imaginamos que íamos conquistar tantas coisas nesses vários anos de Casa do Chef.”



FILHOS

“Depois do Otávio, tivemos mais dois filhos. O Vicente que está com três anos, e a Alice que está com dois anos. O pouco de tempo que sobra para ficar com eles, nós temos que aproveitar.”

*Família de Fabiano Somensi.
Fabiano, Kennaty, Otávio,
Vicente e Alice*



PRÊMIO EMPRESÁRIO DO ANO 2019

“Ganhar o prêmio Empresário do Ano em dois mil e dezenove em uma área não muito comum em relação às outras áreas que já receberam este prêmio, foi uma surpresa. Quando vieram nos convidar para nos associarmos na ACIX, já rolaram alguns boatos de que poderíamos receber futuramente o prêmio de Empresário do Ano, porque sempre buscamos apoiar muitas entidades. Todo mundo que conseguirmos ajudar, ajudamos.

Durante a semana de votação, as pessoas começaram a nos ligar e falar que haviam votado na gente. Tive o carinho de dividir o prêmio com a minha equipe, que de certa forma foi premiada também. Na hora fiquei sem reação, só agradei o reconhecimento que tivemos, e pelo que fizemos por Xanxerê, porque querendo ou não, criamos um espaço que não existia há muito tempo. Foi bem emocionante.

E se for ver no contexto de outras empresas xanxerenses, ter dez anos de atuação quer dizer que é uma empresa muito nova ainda. Fiquei surpreso mesmo pelo fato de ser jovem, com trinta e três anos de vida, e existirem tantas outras empresas com muito mais história que a minha.

Mas acredito que foi aquela intenção de sempre querer melhorar, sempre empreender, sempre acreditar nas coisas que são criadas e trazidas para o benefício e crescimento de Xanxerê, que nos renderam esta premiação.

Eu sempre falo que nem sempre a opinião dos outros é válida no tocante à realização de seus sonhos, porque se eu fosse pela opinião dos outros, eu não tinha conquistado nada. A grande felicidade que temos é que Xanxerê reconheceu essas “loucuras” que fizemos em prol da cidade, e deu esse prêmio para nós, não só a população, mas também todos os empresários, e essa premiação é um ato de valorizar o jovem empreendedor.

Até porque os mais antigos estão de certa forma estagnados e nunca se aventuraram com grandes mudanças. E é o jovem empreendedor empresário uma grande força dentro da cidade. Quer mudar, quer crescer junto com a cidade, não crescer apenas individualmente.

Quando recebemos o prêmio, não imaginávamos que Xanxerê iria retribuir o que fizemos por ela. E aí estão as provas, a nossa agenda estando sempre lotada de eventos. E Xanxerê se tornou um polo não só para a AMAI, mas para toda a redondeza. Nós temos pessoas de outros locais vindo realizar seus eventos na nossa cidade”.

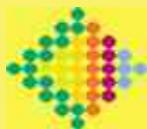
EMPREENDER

“O empreendedor não é aquele empresário que empreendeu apenas uma vez na vida e estagnou no que deu certo. ‘Ah, porque eu montei uma loja há trinta anos atrás que foi um sucesso e vou apenas mantê-la enquanto eu conseguir, e o resto é história.’

Empreender é todo dia você buscar algo de novo para oferecer ao seu cliente, melhorar a qualidade, buscar novos produtos, melhorar os seus serviços para que não aconteça o que a maioria dos empresários reclamam, que é ter que ir para fora de Xanxerê para se conseguir comprar algo bom.

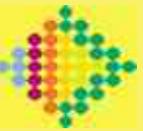
Eles vão para outras cidades para ver outros produtos, mas nós temos produtos de qualidade dentro da nossa cidade, então precisamos valorizar o que se é produzido aqui também. Porque se você é bem atendido aqui e consegue atingir o resultado esperado do teu serviço, as pessoas não vão precisar buscar coisas fora daqui. Nisso também inclui-se um preço diferenciado.

Nos associamos à ACIX, por insistência dos amigos e também pela iniciativa e oportunidades e vantagens que a ACIX oferece ao associado. Até antes de nos associarmos, não conhecíamos a entidade. Agora que conhecemos os incentivos que dão aos empresários, as ideias, os planos, só temos a fortalecer cada vez mais a nossa parceria com a ACIX, e qualquer colaboração que a ACIX precisar, estamos aí.”



“TRABALHO, AUDÁCIA





E CORAGEM”



***Fabiano Somensi e
Kennaty Izabela Soares Somensi***



DEPOIMENTO

Kennaty Izabela Soares

Sócia-Proprietária da Casa do Chef

COMO É FEITA A DIVISÃO DO TRABALHO ENTRE VOCÊS, E COMO QUE VOCÊS AGEM COMO PAI E MÃE COM OS FILHOS, MESMO COM TODO ESSE TRABALHO DENTRO DA EMPRESA?

“Fazemos de tudo um pouco. Eu cuido mais da parte de escritório: financeiro, compras, tento buscar cardápios diferentes, e quando temos bastante trabalho, separo a parte de alimentação destinada aos eventos. Preciso sempre tomar cuidado para não esquecer de nada.

O **Fabiano** faz de tudo um pouco também, mas cuida mais da parte da cozinha. Ele senta com a **Fran** para passar orçamentos, confere se está tudo certo na cozinha, corrige molhos, acompanha a produção, se está fluindo, troca informações, se precisa comprar mais algo... Todo mundo se ajuda.

O **Fabiano** é uma pessoa muito determinada. Quando ele quer as coisas, vai atrás, não desiste nunca, é muito persistente, uma pessoa muito humilde, tem um coração muito grande, e o que puder fazer por qualquer pessoa, ele faz, sempre estende a mão para todos.

Somos meio ausentes como pais, porque com toda a carga de trabalho que nós temos, é preciso nos privar um pouco da família, mas sempre que estamos com nossos filhos, aproveitamos o máximo. O nosso filho mais velho nos cobra isso. Quando era recém-nascido, levávamos ele para os eventos e deixávamos ele dormindo próximo ao forno, que era mais quentinho, nas épocas de frio.

Ele nos acompanha desde o começo. Para onde íamos, levávamos ele junto, até porque não tínhamos condições de contratar alguém para ficar com ele. Precisávamos da ajuda das tias e da sogra para dar conta do trabalho.

Ele se interessa muito pelo nosso trabalho. É bem companheiro, e quando não o levamos junto, ele fica bravo, porque ele quer trabalhar.

Acabamos incentivando para que possamos passar um tempo a mais com ele. E o **Vicente**, que tem três aninhos, nos pede para ir junto para trabalhar com o irmão mais velho. Não adianta construirmos um castelo, se no futuro, não tiver ninguém para cuidar dele.

Eu sou de **Blumenau**. Nasci em quinze de Agosto de mil novecentos e oitenta e oito. Sou filha de **Luzia Jacinta Fiesteross Soares** e **Ademir Soares**. Meu pai já é falecido e minha mãe mora em **Blumenau**.

Ainda moramos com a mãe do **Fabiano**. Na verdade, conseguimos construir uma casa na frente do terreno da minha sogra. Ela paparica bastante os netos.

Ainda não conseguimos separar cem por cento o trabalho da vida familiar, porque estamos constantemente discutindo melhorias, problemas, o que precisa ser mudado... Como é uma empresa familiar, somos nós que administramos tudo.

Ao sair da casa onde tínhamos uma cozinha já construída e nos aventurar nessa nova estrutura, senti muito medo. Eu sou a parte da insegurança da empresa, o medo de arriscar. Mas se o Fabiano propõe que façamos algo, eu entro de cabeça e vamos embora. A empresa deu certo, mas ainda não dá para dormir tranquilamente, porque as preocupações e também as responsabilidades aumentam. Sabemos que se um dia algo der errado, são muitas famílias que deixamos de ajudar, dando emprego para elas.





Só de colaboradores fixos, temos uns vinte. Nem tem como contar os extras, então, tem muita gente que depende de nós para conseguir ter uma renda. Nós temos essa responsabilidade, cria-se uma espécie de laço porque não pensamos mais no que podemos perder, mas sim na quantidade de pessoas que vão ficar à deriva.

É muito bom ver um trabalho, um empreendimento que se expande a tantas pessoas assim. É muito gratificante ouvir uma pessoa dizendo o quão bonito está o espaço que construímos. É quando pensamos que valeu a pena as noites mal dormidas, as nossas privações, nos matar trabalhando, porque agora, olham para nós com outros olhos.

Não trabalhamos apenas nos finais de semana como muitas pessoas pensam. Escutamos muito isso. Ninguém vem numa segunda-feira para ver os caminhões que estão lotados de coisas que temos que organizar, o estoque de comida que sobrou, as coisas que começamos a pré-organizar para a semana... Tem toda uma logística por trás das coisas. É muita coisa que temos para fazer.”



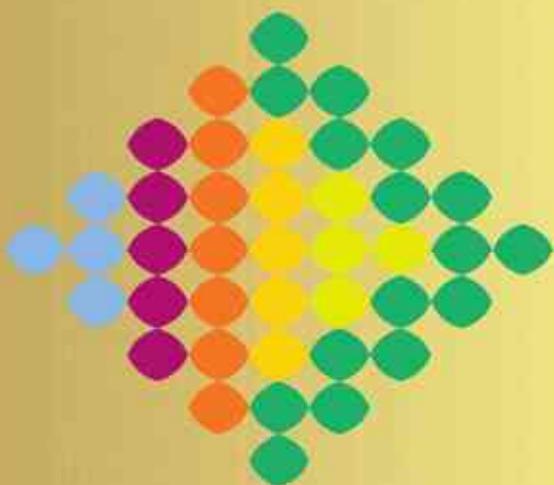
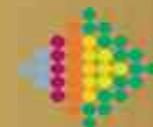
Casamento de Kennaty e Fabiano.







Kennaty, Vicente, Otávio, Fabiano e Alice.



ACIX 

ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE XANXERÊ

50
ANOS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ao longo de 30 meses, nós autores trabalhamos diariamente. Primeiramente, fomos ao encontro da história da ACIX. Lemos e releemos 2000 páginas de atas, e diversos informativos publicados pela Associação Empresarial de Xanxerê, ao longo de 50 anos.

Nos alimentamos na seiva da história, e por incontáveis noites e dias, nossa mente e pensamentos dormiam e acordavam praticamente transportados a outros tempos. Nos colocávamos no lugar de cada fundador, e os feitos de tantos presidentes e diretorias.

Comemorávamos quando um determinado projeto dava certo, e nos frustrávamos quando algo importante solicitado, não se concretizava.

Assim, conhecemos à fundo as lutas e conquistas em que esta entidade associativa esteve envolvida. Convivemos tão perto dos feitos, com as preocupações de tantos senhores que dedicaram tempo e trabalho em prol da ACIX e da cidade, que nos tornamos íntimos até mesmo daqueles que já partiram.

Paralelo à aventura do resgate histórico encontramos verdadeiras preciosidades da história da economia, quando da fundação da Vila de Xanxerê pelo Capitão do Exército Imperial Brasileiro, José Bernardino Bormann. Inclusive, uma edição do primeiro jornal impresso na vila, datado de 07 Março de 1892.

Quando concluída a primeira parte deste livro, que é relativo à história, a experiência adquirida no decorrer dessa história, e a expressão, ou seja, a importância e credibilidade da ACIX nos tempos de hoje, nos aventuramos em uma outra emocionante busca: Conhecer a vida familiar, pessoal, íntima mesmo, de cada biografado. Onze empresários que foram agraciados com o prêmio "Empresário do Ano".

Para nós historiadores / escritores, o primeiro passo foi adquirir a confiança, e ao mesmo tempo, nos munir de um absoluto respeito à pessoa entrevistada.

Há um ditado que diz: "A vida de todo mundo, daria um bom livro". Como somos dramaturgos e encenamos histórias nos palcos do teatro, pensamos que a vida de cada pessoa pode gerar um bom livro, uma boa peça, e até um bom filme.

Para tocar na sensibilidade de cada personagem entrevistado, e muitos, os quais conhecíamos apenas pelo nome, foi necessário uma preparação especial antes de cada entrevista, pois, afinal de contas, estávamos invadindo a privacidade da vida de muitas pessoas, e teríamos que ter cuidado na elaboração de cada pergunta.

E assim agimos. Claro que muitas vezes a emoção tomou conta. São histórias de vidas, são dores sentidas, perdas irreparáveis, superações quase que inexplicáveis... Sem medo de nos envolvermos, rimos e choramos. Em alguns momentos, até nos sentimos algozes por invadir e tocar em lembranças, que talvez a pessoa quisesse esquecer.

Enfim, uma biografia só vale a pena ser escrita, quando o biografado se entrega de corpo e alma, e confessa os verdadeiros sentimentos, que dão sentido à existência e norteiam a estrada de cada vida.

Agradecemos a confiança e a gentileza de todos os biografados e entrevistados, por abrirem seus corações e suas mentes, para que pudéssemos, através da palavra escrita, deixar aos que virão depois de nós, um registro indelével do que viveram, do que fizeram, do que criaram, em que acreditaram, e principalmente, como alimentaram os seus sonhos.

Nossa gratidão, e acima de tudo, nosso muito obrigado, pois suas histórias e suas vidas, nos proporcionaram um belo conhecimento empírico, e nos tornaram pessoas melhores.

Finalizando, agradecemos ao empresário Oscar Martarello, que foi o mentor e principal motivador para a construção deste livro; e à Marisete Dreon Fontanive, Secretária Executiva da ACIX, que mesmo com um acúmulo de trabalho devido à sua função, administrou o tempo e espaço nos apoiando em tudo que necessitávamos, e coordenando toda a produção com absoluto profissionalismo, coerência, e é claro, se envolvendo emocionalmente em cada etapa percorrida.

Estendemos também nosso especial agradecimento ao Sr. Presidente, Neimar Colpani, que desde o princípio apoiou o projeto, e demonstrou sempre um grande entusiasmo, aguardando com expectativa a conclusão da obra.

Nosso muito obrigado à toda atual diretoria da ACIX, e à comissão de avaliação do livro, que respeitosamente nos indicou e sugeriu preciosas adequações.

Com imensa alegria e prazerosa satisfação, acrescentamos à nossas vidas um belo e indelével aprendizado. Obrigado à todos!"

*Neri Gonçalves de Paula
Renan Otovicz Bebber*



Dados Bibliográficos

SHÜLER SOBRINHO, OCTACÍLIO. *Taipas: origem do homem do contestado - O caboclo* / Octacílio Schüler Sobrinho. Florianópolis ;; Letras Contemporâneas, 2000. 232 p.

XAVIER, MÁRIO. *O Coronel Freitas e a Colônia Militar do Chapecó - Os primórdios de Xanxerê e a colonização do Oeste Catarinense* / Mário Xavier. Florianópolis : Insular, 2016. 160 p.

PAULA, NERI GONÇALVES DE; OTOVICZ BEBBER, RENAN. *Ivo Zolet - Fotografia, História e Memória* / Neri Gonçalves de Paula; Renan Otovicz Bebber (co-autor). Xanxerê - SC. Kaygangue Ltda, 2016.

Entrevistas Realizadas e Documentos Utilizados na Pesquisa Histórica

Entrevistas com os 11 empresários agraciados com o prêmio “Empresário do Ano” 2009 - 2019;

Entrevistas com atual diretoria;

Entrevistas com família de Nadir Domingo Berto, fundador e primeiro presidente da ACIX;

Entrevistas com coordenadores dos núcleos setoriais da ACIX;

Atas de reuniões da ACIX, de 1970 - 2010 - Escritas manualmente;

Atas de reuniões da ACIX, de 2010 - 2020 - Digitalizadas;

Matérias jornalísticas e informativos anuais da ACIX;



Breve Curriculum dos Autores

*** Neri Gonçalves de Paula,**
natural de Xanxerê - SC.

Dramaturgo, Diretor, Ator, Professor
de Teatro e Escritor.

*** Renan Otovicz Bebber,**
natural de Xanxerê - SC.

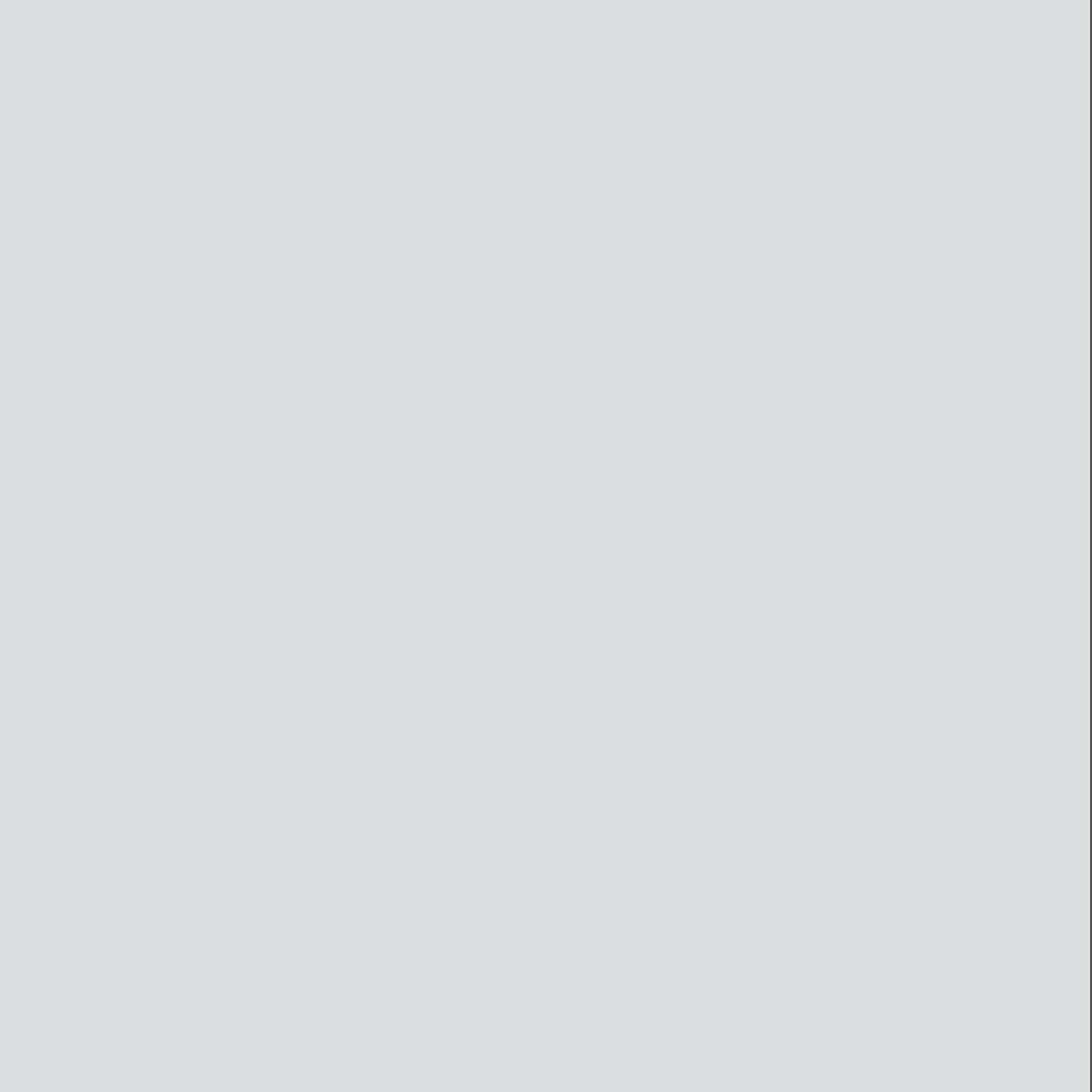
Ator, Cantor, Produtor Cultural, Musicista,
Escritor e Designer.

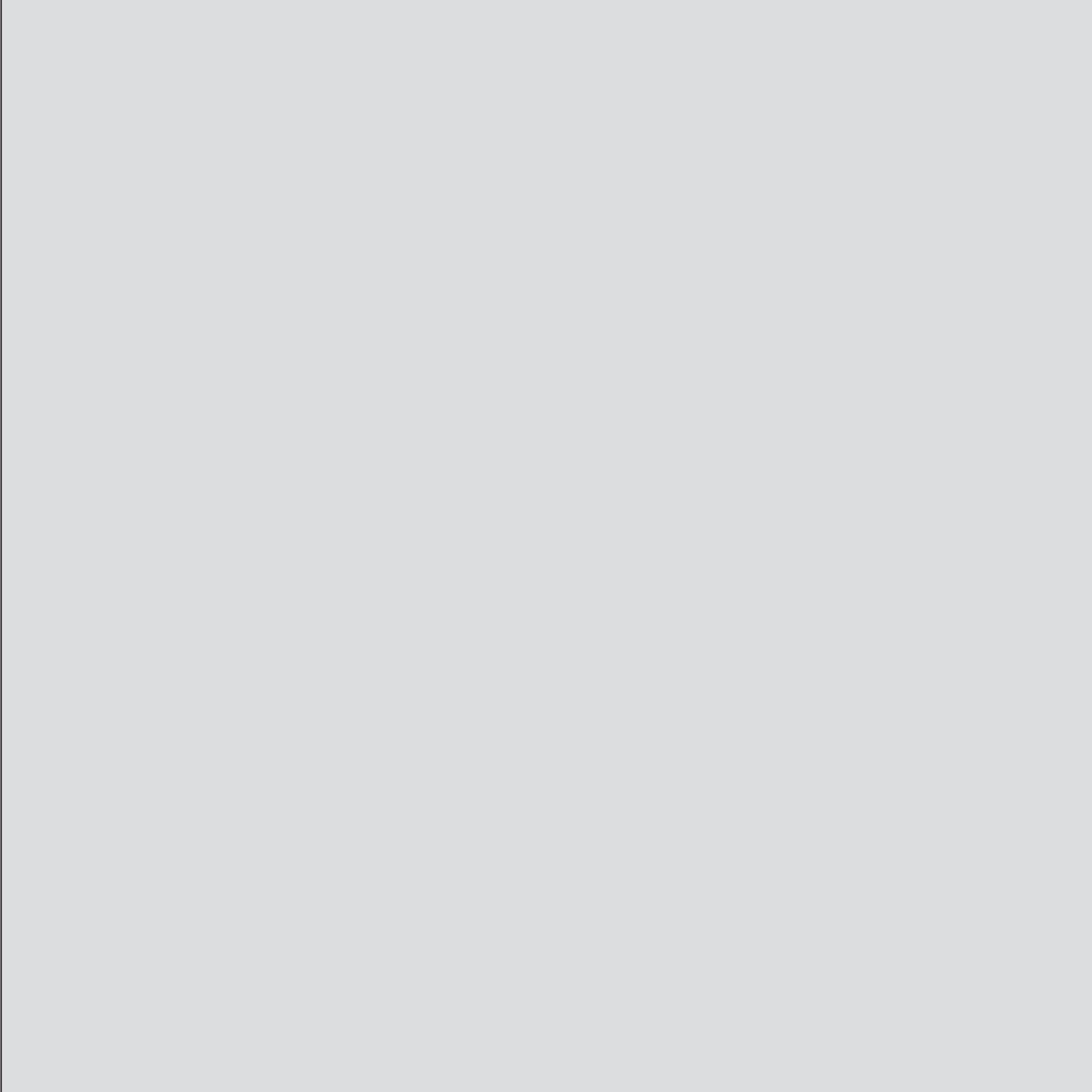


Em parceria, já escreveram e publicaram os seguintes livros:

- * Honorino Antonio Bortoluzzi - De Empreendedor a Escritor;
- * Ivo Zolet - Fotografia, História e Memória;
- * Lembranças que Guardei da Vida - Álbum de memórias de Linda Locatelli Ferronato;
- * Center Hotel - Hospitando lembranças e bons momentos desde 1953;
- * 60 Anos - Clube Sete de Setembro - A saga heroica e histórica de um dos melhores clubes de convivência do sul do Brasil;
- * A História da Família de Angelo e Lutilla Colatto;
- * Aquiles Vanzin - A saga e a família de um guerreiro empreendedor, e o calor da criação;

*** ACIX - 50 Anos - História, Experiência, Expressão - Empreendendo e Transformando;**







Compromisso com a Qualidade



PERFIMAX
Aços Planos



HACKER



CONTINENTAL
DIRETOS E SERVIÇOS À VOA

TRUKAM



SERAGLIO



XANXERÊ

super
Gentil



BORTOLUZZI
sementes & cereais



CASA DO CHEF
da nossa cozinha
para sua vida



FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES EMPRESARIAIS
DE SANTA CATARINA